



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**FRANCISCO VICTOR PEREIRA BRAGA**

**“ASSIM CANTAVA UM CIDADÃO DO MUNDO”:**  
**DIMENSÕES DA TRAJETÓRIA DE ROBERTO DAS NEVES**

**FORTALEZA**

**2022**

FRANCISCO VICTOR PEREIRA BRAGA

“ASSIM CANTAVA UM CIDADÃO DO MUNDO”:  
DIMENSÕES DA TRAJETÓRIA DE ROBERTO DAS NEVES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: História Social.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

B793" Braga, Francisco Victor Pereira.  
"Assim Cantava um Cidadão do Mundo" : Dimensões da Trajetória de Roberto das Neves  
/ Francisco Victor Pereira Braga. – 2022.  
384 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa  
de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira.

1. Roberto das Neves. 2. Trajetória. 3. Anarquismo e Anarquistas. 4. Antifascismo. 5.  
Esperantismo. I. Título.

CDD 900

---

FRANCISCO VICTOR PEREIRA BRAGA

“ASSIM CANTAVA UM CIDADÃO DO MUNDO”:  
DIMENSÕES DA TRAJETÓRIA DE ROBERTO DAS NEVES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: História Social.

Aprovada em 20/04/2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Adelaide Maria Gonçalves Pereira (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Alexandre Ribeiro Samis  
Colégio Pedro II (CPII)

---

Allyson Bruno Viana  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Débora Dias Macambira  
Investigadora do Centro de Humanidades (CHAM) da Universidade Nova de Lisboa

---

José Leite de Oliveira Júnior  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Irenísia Torres de Oliveira (Suplente)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Tyrone Apollo Pontes Cândido (Suplente)  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dedicado aos revolucionários anarquistas,  
combatentes antifascistas e *samideanoj*  
*esperantistoj*.

## AGRADECIMENTOS

Toda realização, grande ou modesta, resulta da conjugação de esforços de várias pessoas, diretamente ou modo indireto. Com este trabalho não foi diferente, já que se fez possível mediante apoio, colaboração e contribuição de professores, companheiros, amigos e afetos. Minha gratidão a todas e todos que contribuíram para o estudo realizado.

À minha orientadora, Adelaide Gonçalves, pela orientação cuidadosa, dedicação profunda, imensa generosidade intelectual e a sincera amizade.

A todos plebeus e plebeias do Plebeu Gabinete de Leitura, biblioteca social belíssima, por ser fonte de livros, de inspiração e de matéria-prima para este trabalho.

À professora Irenísia Torres e aos membros do Grupo de Pesquisa História Social, Cultura e Linguagens, do Núcleo Antonio Candido de Estudos de Literatura e Sociedade, pela partilha de livros, leituras e ideias.

Aos professores e às professoras participantes da Banca Examinadora, Alexandre Samis, Allyson Bruno, Débora Dias, José Leite Júnior, Tyrone Cândido e Irenísia Torres, pelo tempo dedicado à leitura da tese e pelas valiosas críticas, colaborações e sugestões.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a bolsa de auxílio.

Agradecimentos especiais ao professor Leite Júnior, pela partilha de suas leituras sobre o Esperanto e a valiosa contribuição ao estudo do esperantismo.

Ao companheiro Milton Lopes, jornalista e pesquisador, pelas valiosas contribuições no estudo e por seu trabalho de recuperação da memória e história do anarquismo.

Aos companheiros e amigos Robson, Henrique e Allyson, pelas conversas sobre assuntos vários, pelo compartilhamento de ideias e materiais de interesse comum e pelo cultivo da camaradagem.

Ao companheiro e amigo Alexandre, pelo carinho, confiança e, entre outras coisas, por me lançar a ideia de estudar sobre Roberto das Neves.

Aos meus pais, Albeni e Ricardo, e meus irmãos, Tereza Cristina e Victor Braga, pelo apoio e incentivo, por acreditarem em mim e se fazerem presentes.

À querida Eva, pela ternura, amor e amizade.

Sou o-de-fora:

o que vive à margem dos preconceitos da turba,  
o que não esposa nem as querelas nem os delírios da multidão.  
Sou o homem que se conserva em guarda contra as cóleras e os entusiasmos das massas.  
Sou o-de-fora.

Sou o-de-fora:

os rebanhos humanos seguem os seus pastores,  
agrupam-se em torno de cajados de trapos multicolores,  
A cada rebanho corresponde a sua cor.  
Eu sou o homem que se mantém à margem dos que se congregam sob  
estandartes ou auriflamas.

Sou o-de-fora!

Até agora, as sociedades têm repousado sob a Autoridade:  
Autoridade da força, do monopólio, do privilégio;  
domínio das maiorias, da administração, do governo;  
sempre e sem cessar, constrangimento, obrigação, violência, ditadura.  
Eu sou o homem que se mantém à margem dos que querem perpetuar os  
tiranos.

A multidão não gosta de mim:

tenho por adversários os governados, que de bom grado se tornariam  
governantes,  
e os explorados, que morrem de inveja por tornar-se exploradores.  
Tenho por inimigos os favoritos da situação  
e os inescrupulosos, que invejam o lugar daqueles.  
Os rebanhos e os pastores querem igualmente manter-me afastado de uns e  
de outros.

Mas a mim, o-de-fora, isso não dá cuidados.

Vivo a minha vida, caminhando sempre em frente, de cabeça levantada,  
sem pedir a quem quer que seja conta dos seus atos, e sem dar a quem  
quer que seja conta dos meus.

Vivo a minha vida – o que nem sempre é coisa fácil – caminhando em  
companhia dos “meus”, os-de-fora, meus semelhantes.

Quando os caminhos nos faltam, nós os abrimos de novo, à custa de riscos  
e de perigos,  
deixando a estrada larga aos senhores e aos lacaios, aos rebanhos e aos  
pastores!

(*O-de-fora*, de Émile Armand, poema escrito no presídio de Nîmes, não datado. Extraído do livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, de Roberto das Neves, p. 79-80).

## RESUMO

Esta Tese se debruça sobre a trajetória de Roberto Barreto Pedroso das Neves (1907-1981), poeta, intelectual e militante anarquista cuja vida é marcada por destacada atuação sociopolítica em Portugal, Espanha e Brasil, entre os anos 1920 e 1970. O estudo está organizado em quatro capítulos, de modo a enfeixar múltiplas dimensões da trajetória militante, do ideário e do itinerário internacionalista em Roberto das Neves, considerando anarquismo, antifascismo e esperantismo facetas do seu pensamento e experiência libertária. O primeiro capítulo compreende o tempo de sua juventude em Coimbra, nos anos 1920, destacando a passagem pelo Liceu, a ação no meio estudantil da Universidade de Coimbra, a poesia e a escrita na imprensa ácrata e a articulação em grupos anarquistas. Discute-se ainda a clandestinidade e os trânsitos de Roberto das Neves entre Portugal e Espanha na década de 1930, o periodismo libertário na matéria de seus escritos, a atuação na Revolução Espanhola e os registros da ação junto aos exilados do salazarismo e aos refugiados da guerra civil na Espanha. O segundo capítulo aborda o exílio de Roberto das Neves no Brasil, realizando discussão sobre a luta antifascista na experiência de revolucionários anarquistas, intelectuais militantes e opositores antissalazaristas exilados. Especificamente, o capítulo se concentra na reconstituição das relações intelectuais e em elementos da sociabilidade militante no exílio, a partir da resistência dos núcleos antifascistas, coletivos anarquistas e grupos editores, recuperando os escritos em jornais, livros e outras publicações, a participação na imprensa anarquista e a colaboração em periódicos de outras extrações político-ideológicas. O terceiro capítulo trata do editor e da disseminação do livro, por meio da atividade de Roberto das Neves em sua Editora Germinal. O foco nesta seção recai sobretudo no repertório de suas leituras, na função de editor, na atividade livreira, na circulação de impressos como dimensão da luta antissalazarista e nos embates com a censura. O capítulo final elabora uma síntese do internacionalismo em Roberto das Neves, recuperando breve panorama da ideia de “língua internacional”, registros da formação do movimento esperantista e elementos do esperantismo em seu pensamento e esforço de difusão do Esperanto.

**Palavras-chave:** Roberto das Neves; trajetória; anarquismo e anarquistas; antifascismo; esperantismo.



## ABSTRACT

This thesis focuses on the trajectory of Roberto Barreto Pedroso das Neves (1907-1981), a poet, intellectual and anarchist militant whose life is marked by outstanding sociopolitical activities in Portugal, Spain and Brazil, between the 1920s and 1970s. The study is organized in four chapters, in order to bundle multiple dimensions of Roberto das Neves militant trajectory, ideas and internationalist itinerary, considering anarchism, anti-fascism and Esperantism as facets of his libertarian thought and experience. The first chapter covers the time of his youth in Coimbra, in the 1920s, highlighting his passage through the Lyceum, his action among the students at the University of Coimbra, poetry and writing in the acritic press and the articulation in anarchist groups. It also discusses the clandestinity and the transits of Roberto das Neves between Portugal and Spain in the 1930s, the libertarian journalism in the matter of his writings, the action in the Spanish Revolution and the records of the action with the exiles of Salazarism and the refugees of the civil war in Spain. The second chapter addresses Roberto das Neves exile in Brazil, discussing the anti-fascist struggle in the experience of anarchist revolutionaries, militant intellectuals and exiled anti-Salazarist opponents. Specifically, the chapter focuses on the reconstitution of intellectual relations and elements of militant sociability in exile, from the resistance of anti-fascist nuclei, anarchist collectives and publishing groups, recovering writings in newspapers, books and other publications, participation in the anarchist press and the collaboration in periodicals of other political-ideological extractions. The third chapter deals with the publisher and the dissemination of the book, through Roberto das Neves activity at his Editora Germinal. The focus in this section is mainly on the repertoire of his readings, on his role as editor, on the bookstore activity, on the circulation of printed matter as a dimension of the anti-Salazarist struggle and on the clashes with censorship. Brief overview of the idea of an “international language”, records of the formation of the Esperantist movement and elements of Esperantism in its thinking and efforts to spread Esperanto.

**Keywords:** Roberto das Neves; trajectory; anarchism and anarchists; anti-fascism; esperantism.

## RÉSUMÉ

Cette thèse se concentre sur la trajectoire de Roberto Barreto Pedroso das Neves (1907-1981), poète, intellectuel et militant anarchiste dont la vie est marquée par des performances sociopolitiques exceptionnelles au Portugal, en Espagne et au Brésil, entre les années 1920 et 1970. L'étude est organisée en quatre chapitres, afin de regrouper plusieurs dimensions de la trajectoire militante, des idées et de l'itinéraire internationaliste dans Roberto das Neves, considérant les facettes de l'anarchisme, de l'antifascisme et de l'espérantisme de sa pensée et de son expérience libertaire. Le premier chapitre comprend le temps de sa jeunesse à Coimbra, dans les années 1920, soulignant ses jours de lycée, son action avec les étudiants de l'Université de Coimbra, son poésie et ses écrits dans la presse akratique et l'articulation en groupes anarchistes. Ça se discute encore la clandestinité et les transits de Roberto das Neves entre le Portugal et l'Espagne en années 1930, le journalisme libertaire dans la matière de ses écrits, de son travail dans la Révolution Espagnole et les archives de l'action avec les exilés du salazarisme et réfugiés de la guerre civile en Espagne. Le deuxième chapitre traite de l'exil de Roberto das Neves au Brésil, tenant une discussion sur la lutte antifasciste en l'expérience des révolutionnaires anarchistes, des intellectuels militants et des opposants anti-salazaristes exilés. Plus précisément, le chapitre porte sur la reconstitution des relations intellectuelles et des éléments de sociabilité militante dans l'exil, de la résistance des noyaux antifascistes, des collectifs anarchistes et d'éditeurs, la récupération des écrits dans les journaux, livres et autres publications, la participation à la presse anarchiste et collaboration à des périodiques d'autres extractions politico-idéologiques. Le troisième chapitre traite de l'éditeur et de la diffusion du livre, à travers l'activité de Roberto das Neves à son "Editora Germinal". L'accent est mis dans cette section principalement sur le répertoire de ses lectures, sur le rôle de l'éditeur, dans l'activité libraire, dans la circulation de matériel imprimé comme dimension de la lutte anti-salazariste et en conflit avec la censure. Le dernier chapitre propose une synthèse de l'internationalisme chez Roberto das Neves, récupérant un bref aperçu de l'idée de "langue internationale", témoignages de la formation du mouvement espéranto et éléments de l'espérantisme dans leur pensée et leurs efforts pour répandre l'espéranto.

**Mots-clés:** Roberto das Neves; trajectoire; anarchisme et anarchistes; antifascisme; l'espérantisme.

## RESUMO

Tiu ĉi doktora disertacio temas pri la travivado de Roberto Barreto Pedroso das Neves (1907-1981), poeto, intelektulo kaj anarkiisma aktivulo, kies vivo distingiĝis pro elstara socipolitika agado en Portugalio, Hispanio kaj Brazilo, inter la jaroj 1920-a kaj 1970-a. La esploro dividiĝas en kvar ĉapitrojn, cele al kunigo de la plej diversaj karakteroj de la aktivula agado, de la idearo kaj internaciisma travivado de Roberto das Neves, koncerne al anarkiismo, kontraŭfaŝismo kaj esperantismo kiel facetoj de ties pensmaniero kaj liberecana sperto. La unua ĉapitro enhavas la periodon de lia juneco en Koimbro, en la jaroj 1920-aj, reliefigante la sperton ĉe Liceo, la agadon en studenta medio en Universitato de Koimbro, la poezion kaj la redaktadon en la akratia gazetaro kaj la ligo al anarkiismaj grupoj. Aldone oni konsideras la kaŝitecon kaj la transloĝiĝojn de Roberto das Neves inter Portugalio kaj Hispanio en la 1930-a jardeko, la liberecanan ĵurnalismen kiel econ de ties tekstoj, la engaĝiĝon en la Hispana Revolucio kaj la rimarkojn pri la agado kune kun ekzilitoj pro salazarismo kaj rifuĝintoj de civitana milito en Hispanio. La dua ĉapitro entenas la ekzilon de Roberto das Neves al Brazilo, kie li daŭrigas debatojn pri la lukto kontraŭfaŝisma laŭ la sperto de revoluciemaj anarkiistoj, engaĝitaj intelektuloj kaj opoziciuloj kontraŭsalazarismaj en ekzilo. Speciale, la ĉapitro koncentriĝas en la rekonstruo de la intelektaj interrilatoj kaj en elementoj de la aktivula sociemo en ekzilo, ekzemple de la malcedemo de la kontraŭfaŝismaj ĉeloj, anarkiismaj kolektivoj kaj eldonistaj grupoj, pere de esploro de tekstoj en periodaĵoj, libroj kaj aliaj eldonaĵoj, la kunlaborado ĉe la anarkiisma gazetaro kaj la kunlaborado en periodaĵoj de aliaj tendencoj politik-ideologiaj. La tria ĉapitro temas pri la eldonisto kaj la dissemado de libroj, pere de la agado de Roberto das Neves en sia Eldonejo Germinal. La fokuso en ĉi tiu sekcio turniĝas ĉefe al la kolekto de liaj preferataj legaĵoj, en la funkcio de eldonisto, en la aktiveco kiel librovendisto, en la cirkulado de presaĵoj favoraj al la luto kontraŭsalazarisma kaj en la batalo kontraŭ la cenzuro. La lasta ĉapitro sintezigas la internaciismo ĉe Roberto das Neves, kun mallonga panoramo pri la ideo de "internacia lingvo", registraĵoj de la frua konstruado de la Esperanto-movado kaj elementoj de la esperantismo en ties pensmaniero kaj klopodoj disvastigi Esperanton.

**Ŝlosilvortoj:** Roberto das Neves; travivado; anarkiismo kaj anarkistoj; kontraŭfaŝismo; esperantismo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Recorte do poema “Morte... E depois?”, de Roberto das Neves.....	37
Figura 2 – Desenho com retrato de Roberto das Neves aos 19 anos.....	42
Figura 3 – Recorte de capa do jornal <i>A Comuna</i> , 27 de abril de 1924.....	45
Figura 4 – Recorte do jornal <i>A Comuna</i> , 06 de janeiro de 1923.....	46
Figura 5 – Cabeçalho do jornal <i>Rebelião</i> , 15 de abril de 1932.....	63
Figura 6 – Recorte do jornal <i>Rebelião</i> , agosto de 1935.....	66
Figura 7 – Rodapé do jornal <i>Rebelião</i> , agosto de 1935.....	69
Figura 8 – Capa do jornal <i>Rebelião</i> , dez.-jan.-fev. de 1936.....	71
Figura 9 – Capa do livro <i>Pedrogão Grande (estância de cura e turismo)</i> .....	72
Figura 10 – Capa do livro <i>O Pedrogão de Roberto das Neves</i> .....	73
Figura 11 – Roberto das Neves em desenho pelo artista espanhol Planas.....	79
Figura 12 – Ficha de Registro Consular de Roberto das Neves.....	93
Figura 13 – Anúncio de publicação do jornal <i>A Plebe</i> , no <i>Ação Direta</i> .....	107
Figura 14 – Gravura com o selo da Editora Germinal.....	165
Figura 15 – Capa do livro <i>Sermões da Montanha</i> , de Tomaz da Fonseca.....	166
Figura 16 – Anúncio do livro <i>Sermões da Montanha</i> .....	168
Figura 17 – Fotografia com retrato de Abel Salazar e Tomaz da Fonseca.....	169
Figura 18 – Gravura no livro <i>Sermões da Montanha</i> .....	171
Figura 19 – Capa do livro <i>Fátima</i> , de Tomaz da Fonseca.....	174
Figura 20 – Anúncio da edição brasileira do livro <i>Fátima</i> .....	174
Figura 21 – Gravura de Tomaz da Fonseca.....	175
Figura 22 – Relatório da censura proibindo o livro <i>Fátima</i> em Portugal.....	176
Figura 23 – Capa do livro <i>Provas da Inexistência de Deus</i> , de Sébastien Faure....	177
Figura 24 – Capa do livro <i>O Quinto Evangelho</i> , de Han Ryner.....	178
Figura 25 – Anúncio de divulgação do livro <i>O Quinto Evangelho</i> .....	178
Figura 26 – Capa de <i>Jesus de Nazaré e a Crítica Histórica</i> , de Oscar Algarve.....	180
Figura 27 – Capa do livro <i>Assim Cantava um Cidadão do Mundo</i> .....	181
Figura 28 – <i>Ex-libris</i> de Roberto das Neves.....	185
Figura 29 – Ilustração do poema “Ode a Lanti”.....	185
Figura 30 – Capa do livro <i>O Diário do Dr. Satan</i> , de Roberto das Neves.....	188
Figura 31 – Capa do livro <i>Na Inquisição de Salazar</i> .....	191
Figura 32 – Anúncio de <i>Na Inquisição de Salazar</i> .....	191

Figura 33 – Capa do livro <i>Portugal Oprimido</i> , de Fernando Queiroga .....	194
Figura 34 – Capa do livro <i>A Fome em Portugal</i> .....	195
Figura 35 – Capa de <i>Duas Palestras sobre o Fascismo Ibérico</i> .....	200
Figura 36 – Capa do livro <i>Salazar vai Morrer!</i> , de João Rodrigues .....	201
Figura 37 – Capa do livro <i>A Hediondez Colonialista de Portugal</i> .....	201
Figura 38 – Anúncio de <i>A Hediondez Colonialista de Portugal</i> .....	202
Figura 39 – Capa do livro <i>Colonialismo, Anticolonialismo e Autodeterminação</i> .....	203
Figura 40 – Nota sobre <i>Colonialismo, Anticolonialismo e Autodeterminação</i> .....	204
Figura 41 – Capa do livro <i>Tufão Sobre Portugal</i> , de Humberto Delgado .....	206
Figura 42 – Capa do livro <i>Cooperativa sem Lucros</i> , de Pedro Ferreira da Silva.....	208
Figura 43 – Capa do livro <i>O Novo Israel</i> , de Agustín Souchy.....	209
Figura 44 – Anúncio de <i>O Novo Israel</i> .....	209
Figura 45 – Capa do livro <i>O Anarquismo. Da doutrina à ação</i> , de Daniel Guérin ...	212
Figura 46 – Capa do livro <i>Nova Ética Sexual</i> , de Émile Armand.....	216
Figura 47 – Desenho em perfil de Émile Armand .....	217
Figura 48 – Capa do livro <i>Manual Filosófico do Individualista</i> , de Han Ryner.....	218
Figura 49 – Capa do livro <i>Páginas Cínicas</i> , de Filósofo da Selva .....	219
Figura 50 – Capa do livro <i>Curso de Literatura</i> , de José Oiticica .....	220
Figura 51 – Capa do livro <i>Entre Colunas</i> , de Roberto das Neves .....	222
Figura 52 – Relatório da PIDE.....	245
Figura 53 – Verso do Relatório da PIDE .....	247
Figura 54 – Alfabeto da <i>Língua Ignota</i> e seus correspondentes latinos .....	262
Figura 55 – Capa da primeira edição de <i>Lingvo Internacia</i> .....	274
Figura 56 – Capa da primeira edição do <i>Dua Libro de l' Lingvo Internacia</i> .....	275
Figura 57 – Fotografia de Zamenhof no Congresso Universal de Esperanto.....	283
Figura 58 – Folha de rosto do <i>Fundamento de Esperanto</i> .....	285
Figura 59 – Roberto das Neves em um grupo de esperantistas .....	301
Figura 60 – Capa do <i>Curso Completo de Esperanto</i> , de Roberto das Neves .....	304
Figura 61 – Anúncio de <i>Tratado sobre o método de ensino da língua Esperanto</i> ...	320
Figura 62 – Anúncio de <i>Tratado sobre fenômenos sociais e internacionais</i> .....	320
Quadro 1 – Escritos de Roberto das Neves no <i>Ação Direta</i> .....	108
Quadro 2 – Catálogo de Publicações da Editora Germinal .....	162
Quadro 3 – Catálogo “Literaturo en Esperanto” .....	313

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEL	Arquivo Edgard Leuenroth
AHP	Arquivo Histórico Parlamentar
AHS	Arquivo Histórico-Social
AMORJ	Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro
AN	Arquivo Nacional
APERJ	Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro
APESP	Arquivo Público do Estado de São Paulo
ASMOB	Archivio Storico del Movimento Operaio Brasiliano
BN	Biblioteca Nacional
BNE	Biblioteca Nacional de España
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
BSFL	Biblioteca Social Fábio Luz
CCS-RJ	Centro de Cultura Social do Rio de Janeiro
CCS-SP	Centro de Cultura Social de São Paulo
CEDEM	Centro de Documentação e Memória da UNESP
CIRA	Centre International de Recherches sur l'Anarchisme
EPHEMERA	Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira
FAL	Fundación Anselmo Lorenzo
FMS	Fundação Mário Soares
HML	Hemeroteca Municipal de Lisboa
IEL	Instituto de Estudos Libertários
IISH	International Institute of Social History
PLEBEU	Plebeu Gabinete de Leitura
SAT	Senaciecca Asocio Tutmonda

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>À MANEIRA DE PRÓLOGO .....</b>	<b>28</b>
<b>2.1</b>	<b>Rebeldia, Poesia e Juventude Libertária em Portugal.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2</b>	<b>A resistência dos anarquistas portugueses exilados na Espanha.....</b>	<b>55</b>
<b>2.3</b>	<b>Revolução Espanhola e guerra ao fascismo .....</b>	<b>74</b>
<b>3</b>	<b>EXÍLIO, ANARQUISMO E ANTIFASCISMO NO BRASIL.....</b>	<b>82</b>
<b>3.1</b>	<b>O vocabulário e a experiência dos exilados.....</b>	<b>82</b>
<b>3.2</b>	<b>Anarquismo e luta antifascista no Rio de Janeiro .....</b>	<b>92</b>
<b>3.3</b>	<b>Escritos e “heresias em prosa” no jornal <i>Ação Direta</i>.....</b>	<b>104</b>
<b>4</b>	<b>SEMEANDO LIVROS LIBERTÁRIOS.....</b>	<b>132</b>
<b>4.1</b>	<b>O Plano Editorial de Roberto das Neves .....</b>	<b>139</b>
<b>4.2</b>	<b>O Catálogo da Editora Germinal.....</b>	<b>162</b>
<b>4.3</b>	<b>O Trabalho do Livreiro.....</b>	<b>226</b>
<b>5</b>	<b>O ESPERANTISMO E A “PÁTRIA PLANETÁRIA” .....</b>	<b>259</b>
<b>5.1</b>	<b>Esperanto e a ideia de língua universal .....</b>	<b>259</b>
<b>5.2</b>	<b>O movimento esperantista .....</b>	<b>279</b>
<b>5.3</b>	<b>Dimensões da atividade esperantista em Portugal e no Brasil .....</b>	<b>297</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>322</b>
	<b>INSTITUIÇÕES DE PESQUISA</b>	
	<b>FONTES DOCUMENTAIS</b>	
	<b>REFERÊNCIAS</b>	



## 1 INTRODUÇÃO

Esta tese constitui-se de uma investigação histórica sobre a trajetória do intelectual anarquista Roberto Barreto Pedroso das Neves. A pesquisa realizada compreende um amplo e diversificado repertório de leituras, documentos, questionamentos e temáticas, em vista das múltiplas dimensões do pensamento, da escrita e da prática militante que constituem o percurso multifacetado de Roberto das Neves. Alguns eixos temáticos, como anarquismo, antifascismo e esperantismo, atravessam todo o estudo, perpassando, também, a trajetória de Roberto das Neves. Outros temas, como anticlericalismo, maçonaria, revolução e exílio, compõem o complexo poliedro que se desenha na pesquisa acerca da trajetória do militante português exilado e radicado no Brasil.

Dos estudos sobre o poeta, jornalista, professor, grafólogo, editor e livreiro libertário, consta uma reconstituição em síntese do seu percurso feita pelo sociólogo português José Maria Carvalho Ferreira, em artigo publicado em 2013. Um perfil biográfico é publicado no livro *Os Companheiros* (1998), de Edgar Rodrigues, pesquisador libertário de origem portuguesa que viveu durante muitos anos exilado no Brasil. Roberto das Neves aparece em alguns estudos como personagem destacado de iniciativas militantes em Portugal e na Espanha, como no texto de Cristina Clímaco, que trata do exílio de republicanos, anarquistas e comunistas entre os anos de 1927 e 1936.

O estudo acadêmico de maior envergadura sobre o pensamento e a atividade militantes de Roberto das Neves é a tese de doutoramento de Allyson Bruno Viana sobre imprensa, edição e cultura libertária no Brasil entre os anos de 1945 e 1968. Neste trabalho, é reservado um capítulo à edição anarquista no Brasil, com largo espaço dedicado a apresentar e discutir a atividade de Roberto das Neves na Editora Germinal.

Em relação aos demais estudos já realizados em que Roberto das Neves figura como personagem, esta tese busca inovar no sentido de tratar seu percurso intelectual e militante considerando a complexidade e a larga duração de sua trajetória. Para tanto, são recuperados registros e documentos vários, em distintas tipologias, que dão a conhecer fragmentos significativos de sua experiência, realizando conexões com a história do anarquismo, do antifascismo e do

esperantismo no seu tempo e nos contextos vividos, no âmbito das práticas e sociabilidades anarquistas.

Dos estudos históricos que dão apoio e informam esta pesquisa, destacam-se aqueles que tratam do anarquismo, do fascismo e do antifascismo, como também trabalhos acerca do exílio, da história do livro, da edição e da leitura, além de pesquisas sobre o esperantismo. Sobre o anarquismo, a militância revolucionária e o radicalismo político em Portugal, destacam-se os estudos de Luís Filipe Torgal, João Freire e Alexandre Samis, entre outros. Os trabalhos de Fernando Catroga são de grande valia para a história das ideias em Portugal, com aportes significativos à análise do pensamento anticlerical, da maçonaria e do republicanismo.

Acerca do Estado Novo e do fascismo em Portugal, contribuem com esta pesquisa os estudos de Fernando Rosas e Miriam Halpern Pereira, entre outros. Sobre Estado Novo, o fascismo e o antifascismo para o caso do Brasil, ressaltam-se os estudos de Ângela de Castro Gomes e Maria Luiza Tucci Carneiro.

Sobre as migrações e o fenômeno da imigração, são de interesse nesta pesquisa especialmente os trabalhos que investigam a rota de imigração Portugal-Brasil. Nesse campo de estudos, somam-se as contribuições dos trabalhos sobre a história do exílio, em relevo as reflexões de Edward Said, Theodor Adorno e Peter Burke. A respeito dessa temática, a pesquisadora Cristina Clímaco aponta que o exílio *“tem sido objecto de menor atenção por parte da academia”*.<sup>1</sup> Para o caso específico de Portugal, Bela Feldman-Bianco afirma que, embora o exílio *“esteja novamente na ordem do dia e livros de memórias de exilados tenham vindo a lume, ainda são escassas as análises sobre os movimentos de contestação à ditadura salazarista que eclodiram na diáspora portuguesa”*.<sup>2</sup>

Em relação à luta antifascista em Portugal e Espanha, o livro de Dulce Simões se destaca como relevante contribuição para o debate sobre a Guerra Civil de Espanha na fronteira luso-espanhola, sublinhando as resistências, as solidariedades militantes e os usos da memória acerca dos refugiados, revolucionários e exilados na Península Ibérica. Sobre o exílio no Brasil, os estudos

---

<sup>1</sup> CLÍMACO, Cristina. **Republicanos, anarquistas e comunistas no exílio (1927-1936)**. Lisboa: Edições Colibri, 2017, p. 09.

<sup>2</sup> FELDMAN-BIANCO, Bela. Apresentação. In: SILVA, Douglas Mansur da. **A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1956-1974**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006, p. 19.

de Heloísa Paulo, Douglas Mansur da Silva e Débora Dias trazem reflexões de interesse e informações preciosas para esta Tese.

Na senda da história do livro, da leitura e da edição, acrescentam-se os estudos de Marisa Midori Daecto, Jean Yves-Mollier, Robert Darnton e Roger Chartier. No campo dos estudos acerca da literatura e da história e sobre as relações intelectuais e editoriais entre portugueses e brasileiros, recolho contribuições de Francisco Foot Hardman e Antonio Arnoni Prado.

Além disso, esta pesquisa acolhe contribuição e inspiração teórico-metodológica em estudos da História Social, da Micro-história e da História Cultural, especialmente pesquisas que abordam a história dos trabalhadores, da imprensa libertária e do anarquismo, incluindo trabalhos no gênero biográfico e estudos de trajetórias militantes, como os livros de Carlo Romani e Rogério Nascimento. O estudo de Alexandre Samis sobre o militante anarquista português Neno Vasco é referência na pesquisa, militante que, como Roberto das Neves, “*dedicara toda sua existência ao projeto de uma pátria universal*”.<sup>3</sup> São referências teóricas e metodológicas na seara dos estudos biográficos e de modo amplo, os trabalhos de E. P. Thompson, Carlo Ginzburg e Sabina Loriga, dentre outros.

Ademais, foram incorporados estudos e análises da história política, principalmente no que tange às relações entre história e política, à cultura política como conceito e categoria de análise, ao debate sobre intelectuais e a história intelectual e ao conceito de “geração”. Nas reflexões sobre história intelectual tem espaço, notadamente, a noção de “mediação intelectual”, presente em pesquisas de Ângela de Castro Gomes e de outros pesquisadores.

### **Fontes, Documentos e Memórias**

As principais fontes documentais para esta pesquisa são impressas. No conjunto de documentos, é prevacente a presença de jornais, revistas e livros ao longo da tese, especialmente os escritos, editados, publicados, difundidos e distribuídos por Roberto das Neves. Da tipologia documental dos periódicos, além dos jornais e revistas anarquistas, antifascistas e esperantistas, interessam as folhas

---

<sup>3</sup> SAMIS, Alexandre. “**Minha Pátria é o Mundo Inteiro**”: Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em dois mundos. Lisboa: Letra Livre, 2009, p. 243.

impressas de distinta extração política, como jornais da imprensa de circulação comercial, pelo seu amparo e relevância na discussão dos fatos sociais para o cruzamento de fontes, de modo a ser base de informações úteis ao estudo e de eventuais interlocuções e relações com personagens, episódios e fatos de relevo no contexto. Entre as edições, afora os livros da autoria de Roberto das Neves, as publicações que passaram pela mão do editor e os títulos difundidos com o trabalho livreiro, importam ainda os livros de autores de predileção que constituem seu repertório de leituras, suas fontes de inspiração, além de obras de referência e escritos clássicos no campo do anarquismo e do pensamento libertário.

Também formam o *corpus* documental panfletos, cartas, atas, manifestos, depoimentos, entrevistas, relatos de memória, papéis avulsos, entre outros registros produzidos pela militância revolucionária, núcleos anarquistas, grupos antifascistas, presos políticos e exilados, bem como documentação relativa ao movimento esperantista. Além disso, são levantadas fontes imagéticas, como fotografias, gravuras, ilustrações, *ex-libris*, vídeos, dentre outras imagens disponíveis em arquivos físicos e repositórios virtuais. Estas fontes são utilizadas de modo complementar entre si, como documentos indiciários dos fatos sociais investigados, registros da memória social, além de suporte de informações e dados acerca do pensamento e da atividade sociopolítica da militância.

Os jornais em maior evidência na análise são *A Comuna* (Porto, 1921-1926), *A Batalha* (Lisboa, 1919-), *Rebelião* (Madri, 1932-1936), *Ação Direta* (Rio de Janeiro, 1946-1959) e *A Plebe* (2ª Fase, São Paulo, 1947-1951). Outros periódicos são examinados e incorporados ao estudo, como folhas anticlericais, a exemplo de *A Lanterna* (São Paulo), e jornais da imprensa comercial, como o *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro, 1901-1974) e *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro, 1930-1976).

O exame dos livros se concentra nas publicações de Roberto das Neves, entre brochuras, folhetos, prefácios, traduções e, a respeito da função de editor, o catálogo da Editora Germinal em sua integridade, assim como a divulgação de livros e folhetos em jornais anarquistas e os anúncios em folhas da imprensa comercial. Tais fontes oferecem notável potencial para recompor a trajetória de Roberto das Neves, uma vez que registram dimensões de seu pensamento, de suas ações e, extensivamente, da própria história e memória da militância anarquista, da luta antifascista e do esperantismo, nas quais está inserido.

Quanto à fundamentação teórico-metodológica, a imprensa em análise é observada em suas dimensões de fonte, documento e memória, acolhendo reflexões das pesquisadoras Adelaide Gonçalves, Maria Helena Capelato, Maria Lígia Prado e Tânia Regina de Luca sobre imprensa, história e fontes periódicas. A metodologia de trabalho, os procedimentos de leitura e a análise dos periódicos estão atentos à integridade do *corpus* documental, de maneira a examinar a forma, o conteúdo e as condições de produção dos impressos, organizando em fichas descritivas e analíticas: pauta, artigos assinados e colaboradores; intercâmbios, excertos e transcrições; livros e leituras difundidos; temário recorrente, fontes de influência e inspiração; grupo editor, periodicidade, difusão e formas de sustentação; iconografia, imagens e anúncios; formas de leitura, agitação social e propaganda; repressão e censura.

A análise dos livros, folhetos e demais publicações impressas está atenta às reflexões produzidas no campo de estudos da história do livro e da leitura, em interface com a história intelectual e a história das ideias. A metodologia e os procedimentos de leitura e exame dos livros observam, como nos periódicos, a integridade e as especificidades do “objeto livro”, assinalando aspectos vários, como a seleção da obra para publicação, tradução, edição, grupo editor, impressão, temário, sustentação material das edições, difusão, iconografia, ilustrações. Nessa tipologia de documentos, são examinadas, ainda, as modalidades e práticas de leitura, as formas de circulação dos impressos, o intercâmbio livreiro, bem como a censura e as formas de burla praticadas por editores, autores e livreiros. Também se propõe um entrelaçamento de reflexões sobre a imprensa e os livros, na tentativa de contribuir para uma história da “palavra impressa” como forma de resistência e ação militante e intelectual.

Dos relatos e registros de memória que compõem o inventário de fontes, destacam-se os escritos, as entrevistas e os depoimentos de anarquistas, antifascistas e esperantistas, como o livro de memórias do anarquista português Emídio Santana, intitulado *Memórias de um militante anarco-sindicalista* (1987), e os relatos de presos sobreviventes ao campo prisional do Tarrafal, entre outros. Tais documentos reúnem anotações, lembranças, ideias e outras elaborações da experiência individual, informando, também, acerca de elementos da memória social e coletiva do período, constituindo valiosos registros para o estudo da militância

anarquista, da resistência antifascista e da história e memória do movimento esperantista.

### **Periodização e Recorte Cronológico**

A periodização do estudo tem como referência principal o percurso de vida e a experiência de Roberto das Neves, em conexão com o seu tempo, os contextos específicos e os fatos sociais relacionados, considerando sua trajetória, o repertório observado na sua escrita, sua ação sociopolítica, a atividade editorial e esperantista, de modo a explorar a geografia do exílio que se desenha em seu itinerário internacionalista. O recorte cronológico da pesquisa corresponde, portanto, à trajetória de Roberto das Neves, reconstituída parcialmente a partir da documentação pesquisada e coligida, compreendendo o período de meados dos anos 1920 à década de 1970.

Os marcos temporais definidores são fundados também em fatos sociais e acontecimentos de relevo na trajetória de Roberto das Neves, dentre os quais se destacam: a ascensão do autoritarismo e a implantação da Ditadura Nacional em Portugal (anos 1920); a imposição do Estado Novo em Portugal (1933-1974); o advento da Revolução Espanhola (1936) e a Guerra Civil em Espanha (1936-1939); o Estado Novo no Brasil (1937-1945); o interregno conhecido como “redemocratização” ou “entre ditaduras” (1945-1964); e a Ditadura Civil-Militar (1964-1985).

### **Percurso da Investigação**

Esta pesquisa se constrói a partir de determinados questionamentos suscitados desde o Projeto de Doutorado, sobretudo a partir das leituras dos textos teórico-metodológicos e historiográficos, além das fontes compulsadas ao longo da pesquisa. Efetivamente, a investigação se apoia nas leituras da bibliografia de referência e na análise dos documentos, anotadas em fichamentos comentados e fichas de pesquisa, como forma de organização e registro das ideias e discussões conceituais pertinentes ao estudo.

Da leitura de jornais, livros e outros documentos foram elaboradas fichas de pesquisa, organizadas em tópicos, assim como o registro de fragmentos, com comentários analíticos e anotações, contendo informações sobre as fontes documentais examinadas. Como parte do labor de pesquisa, foi constituído um arquivo de fontes documentais, organizado em pastas por tipologia e dispostas em série por temática e por outras chaves de arquivamento, facilitando o acesso aos documentos, dados, informações e registros, com o fim de, sempre que possível, constituir coleções de jornais, revistas e demais publicações.

Assim, com base no esforço de leitura e na pesquisa documental, formulamos como hipóteses centrais da pesquisa em torno da trajetória de Roberto das Neves: a possibilidade de recompor fatos sociais singulares à história do anarquismo; a observação acerca das estratégias experimentadas na construção de sua militância libertária, em articulação com as experiências militantes em seus contextos específicos, na Espanha, em Portugal e no Brasil; a percepção sobre as práticas militantes de luta internacional e antifascista; a cartografia dos lugares sociais e das experiências militantes; a recuperação do repertório das leituras e das ideias que formam e informam o pensamento e a escrita de Roberto das Neves, incidindo na formulação de um projeto editorial; e o internacionalismo, a defesa do esperanto como língua internacional e a estratégia anacionalista de superação do marco nacional e das “fronteiras linguísticas”, em vista do projeto de construção da “pátria planetária”.

## Organização da Tese

A tese se organiza em quatro capítulos, que enfeixam, ao modo de uma narrativa sócio-histórica com enfoques biográficos<sup>4</sup>, tempos, espaços e facetas da

---

<sup>4</sup> Embora faça parte do que se conhece como gênero biográfico, o estudo não se trata propriamente de uma *biografia* em sentido estrito, uma vez que não pretende recuperar uma “totalidade” nem busca “escrever a vida” daquele que aparece como principal personagem da pesquisa. O conceito de trajetória, muito utilizado atualmente em História na abordagem das experiências de vida, mostra-se mais adequado à recuperação de fragmentos da experiência multifacetada de Roberto das Neves, em sua complexidade e múltiplas dimensões. Dentre os estudos no campo biográfico que informam a abordagem adotada na pesquisa e estruturação do estudo, considera-se: DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2009; GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011; PARIS, Robert. Biografias e “perfil” do movimento operário na América Latina: algumas reflexões em torno de um dicionário. Dossier Biografia, biografias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 17, n. 33, p.

trajetória intelectual e militante de Roberto das Neves. A estruturação da exposição foi pensada e elaborada com o objetivo de acentuar, no texto, dimensões de relevo no personagem, procurando seguir o fio de sua trajetória, com atenção às questões, aos temas e aos problemas que ganham densidade ou que se desenham como tópicos de destaque, de maior ou menor continuidade, ao longo de seu percurso. Dessa maneira, procura-se relacionar seu pensamento e ação ao contexto dos períodos estudados, às conjunturas específicas, e às redes de relações, ressaltando os registros de fatos sociais relacionados e, por vezes, apontando interpretações possíveis e percepções sobre questões lacunares na documentação consultada.

O primeiro capítulo compreende a formação e atuação militantes do jovem Roberto das Neves na cidade de Coimbra no contexto dos anos 1920. Em destaque, sua passagem pelo Liceu, a experiência acadêmica na Universidade de Coimbra, o ativismo junto aos grupos de jovens militantes durante seu período na Universidade e a participação em grupos anarquistas. Na análise, recupera-se sua escrita de combate (em poesia e prosa) e a colaboração na edição de jornais libertários. Ou seja, busca-se compreender a formação de Roberto das Neves, entendida em sentido amplo, considerando em especial as leituras, as dimensões do intelectual militante e as afinidades que se vão afirmando nos círculos de sociabilidade em Portugal, a partir da relação com sua militância ao movimento das ideias em voga, dentre elas, as matrizes republicanas, anticlericais, anarquistas, a carbonária e a maçonaria.

São temas deste capítulo as relações e o intercâmbio que se vão desenhando na Espanha com os grupos antifascistas, revolucionários e de exilados portugueses. A matéria de suas leituras no período constitui argumento para que se possam perceber as escolhas no campo do anarquismo e do pensamento libertário em geral. Na vida privada, é de destaque sua união a Maria Jeruza Dias y Saiz e o nascimento da filha, Primavera Ácrata Saiz das Neves. Recupera-se uma cartografia das idas e vindas de Roberto das Neves entre Portugal e a Espanha revolucionária na década de 1930, quando, após o esmagamento da Revolução Espanhola e intensificação da repressão, viaja para Portugal e, em seguida, parte para o exílio no Brasil.



Neste capítulo, os periódicos são as principais fontes documentais. Uma parte dos periódicos é de orientação libertária, como é caso de *A Comuna* (Porto) e *A Batalha* (Lisboa). Os demais são folhas de variadas orientações e vínculos ideológicos, desde tendências republicanas até a imprensa comercial. O jornal *Rebelião* (Espanha), de destaque no estudo do exílio e da participação dos exilados portugueses na Revolução em Espanha, tendo em vista sua ação durante o período revolucionário, traz artigos, notícias, manifestos, notas, cartas, documentos e análises dos militantes no exílio, dentre eles, Roberto das Neves.

Por sua vez, o segundo capítulo aborda a experiência do exílio de Roberto das Neves no Brasil, ao propor uma discussão sobre a luta antifascista, a oposição antissalazarista e a experiência libertária dos intelectuais militantes e grupos de exilados no Brasil. A análise se concentra no vocabulário do exílio, no antifascismo, na participação e escrita na imprensa libertária e no anarquismo no país. São apresentadas dimensões sobre a experiência dos exilados na trajetória de “intelectuais inconformados”, em evidência o percurso de Roberto das Neves. No debate acerca da luta contra o fascismo, destaque para o pensamento e a ação antifascista desde o Brasil, estabelecendo as relações com o anarquismo e os anarquistas atuantes no período e suas conexões internacionais. Também é objeto deste capítulo os escritos do anarquista português na imprensa libertária brasileira, na forma de artigos, notícias, sátiras, comentários e poemas.

Acerca do segundo capítulo, importa reconstituir as relações com grupos editores de jornais, grupos de afinidade antifascista e coletivos anarquistas, assim como as relações intelectuais e a geografia da sociabilidade militante nas cidades. Além disso, é de interesse recuperar a ação de Roberto das Neves na imprensa – tanto na imprensa libertária, como nos periódicos de outra orientação política – sobretudo seus escritos em poesia e prosa, como notícias, artigos de opinião, poemas e anúncios. As questões apontadas neste capítulo estão com “olhos postos” em Portugal, tendo em vista as ações que se voltam para o combate ao salazarismo e ao fascismo desde o Brasil. Associado ao tema do exílio, o internacionalismo de sua trajetória merece aqui especial atenção.

Quanto às fontes para este capítulo, as principais são os jornais *Ação Direta* (Rio de Janeiro) e *A Plebe* (São Paulo). Entre outros jornais de interesse, está o *Remodelações* (Rio de Janeiro). Além dos jornais, são fontes os livros de Roberto

das Neves *Assim Cantava um Cidadão do Mundo* (1952), *O Diário do Dr. Satan* (1954) e *Entre Colunas* (1979). Também são fontes os escritos e documentos produzidos pelos grupos de afinidade anarquista e grupos antifascistas em que o militante participa, dentre eles o Comitê Português Antifascista e o Grupo de Ação Libertária. Interessam ainda os jornais da imprensa comercial em que Roberto das Neves e outros antifascistas publicam na época, tais como *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro) e *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro), assim como os relatos de memória de militantes que viveram o período.

O capítulo terceiro trata fundamentalmente do editor e da difusão do livro em Roberto das Neves, apresentando e discutindo sua atividade na Editora Germinal. O foco nesta parte da tese recai mais detidamente em seu repertório de leituras, na atividade editorial, na tarefa de tradução, no trabalho livreiro e na censura às publicações, de modo a ressaltar as edições, a circulação de impressos, e o envio de livros a Portugal como dimensão do antissalazarismo. Ademais dos livros e folhetos publicados, tem destaque os prefácios, textos de apresentação, comentários, notas editoriais e traduções, que estabelecem uma função de mediação intelectual entre o público leitor e as próprias obras. Nessa parte do estudo, tem relevo a atividade editorial e livreira em Roberto das Neves. Dentre os temas em destaque, contempla-se: anarquismo, antifascismo, esperantismo, marxismo, ateísmo, macrobiótica, naturismo, vegetarianismo, grafologia, educação libertária, autodidatismo, entre outros.

Para este capítulo, constituem fontes os catálogos, livros, folhetos e outros escritos. Importa recuperar como fonte o Catálogo da Germinal em sua integridade, estampado em algumas das obras editadas sob o título “O nosso plano editorial”, incluindo os livros em projeto de publicação, não publicados, o catálogo de livros para venda e o catálogo de livros disponíveis para distribuição em Esperanto, para uma visão abrangente do projeto editorial de Roberto das Neves.

O capítulo final busca recuperar os traços gerais da militância pela difusão do Esperanto em Portugal, na Espanha e no Brasil. Apresenta-se um breve panorama da ideia de língua internacional, com elementos para a história do esperanto e do esperantismo. Discute-se também o Esperanto e a adesão ao movimento esperantista em Roberto das Neves, assim como a atividade esperantista no Brasil. A partir da análise de sua militância esperantista, procura-se

dimensionar o Esperanto e o esperantismo em sua trajetória, no intuito de perceber as relações entre a “língua internacional” e o anarquismo, bem como o papel do idioma e do movimento esperantista na luta dos trabalhadores e na resistência antifascista.

As fontes para este capítulo, dentre outras, são o Catálogo “Literaturo en Esperanto”, que apresenta mais de cinquenta títulos de publicações para venda pela Editora Germinal, traduzidos ou editados originalmente em Esperanto; jornais esperantistas diversos, como *Portugala Esperantisto* (Lisboa) e folhas anarquistas, dentre outros periódicos de orientação vária; e as publicações de Roberto das Neves e outros sobre o Esperanto, como o *Curso Completo de Esperanto* (1934-1935). Além destes, são analisados imagens e anúncios publicados em livro e em jornais sobre a “língua internacional”.

Nas páginas seguintes, oferece-se uma tentativa de recompor a trajetória instigante e insubmissa de Roberto das Neves, de modo a recuperar seu itinerário anarquista, a luta antifascista, o exílio, as relações intelectuais, a participação na maçonaria, a atividade editorial e o esperantismo. Nesse percurso, apresentam-se facetas e caminhos de um intelectual inconformado que se autodeclarou “cidadão do mundo” e ousou cantar sua poesia rebelde em tempos sombrios. Como na figuração do seu poema “O Semeador”, Roberto das Neves se aventurou percorrendo o mundo, para semear “*Fé na Vida, Esperança na Justiça, Amor!*” O Poema, transcrito na íntegra na página de abertura aos Capítulos, é um preito “*À memória de Rodolfo Gonzalez Pacheco, o grande poeta e dramaturgo, recentemente falecido, que honrou as idéias anarquistas. Inspirado numa das suas peças de teatro*”, como na epígrafe de Roberto das Neves.

*Como eu, ha muitos percorrendo o mundo.*

*Através das nações, do mar profundo,  
dos desertos escaldantes, dos países gelados,  
cruzam os meus companheiros,  
atrás dos seus arados.*

*Saúda-os a Manhã nos cânticos dos galos.  
O Meio-dia com a sesta os abençoa.  
E a noite vai tragá-los,  
como um túnel imenso.*

*Mas eles seguem sempre,  
em seu labor imersos.  
Aqui, lavram um monte.  
Ali, secam um charco.  
Mais adiante, publicam um jornal.  
E, mais longe, sôbre um barco,  
fazem flamejar versos.*

*Obreiros, apóstolos, poetas,  
semeadores das verdes campinas do Ideal,  
seguem, sem se deter, pelas veredas retas,  
duros, tostados, curtidos  
pelas brasas do sol,  
pelo açoite dos vendavais.*

*Para quê?  
Para amealhar riquezas materiais?  
Conquistar o vil poder?  
A suja glória de mandar?  
Não! Não!  
Apenas para isto: semear!  
Nenhuma outra ambição,  
nenhuma outra cobiça  
agita o semeador.  
Semear o de que mais os homens necessitam:  
fé na Vida,  
esperança na Justiça,  
Amor!*

*Jamais nos vimos  
o que ara e o que escreve,  
o que, caçando estrelas, aos céus se empina  
e o que, impelindo o arado pelos cimos,*

*caminha pela neve,  
ou o que marcha  
pela senda que ele próprio abriu na mina.*

*E entretanto compreendemos  
que somos camaradas e irmãos  
de uma única armada combatentes.  
São os mesmos os nossos fins supremos.  
O mesmo ideal nos faz mover as mãos  
e o mesmo sonho abrassa as nossas mentes.*

*Semear sem descanso! – eis o lema de tantos.  
Mas semear o quê? – perguntarão.  
– Pois, isto: Pão,  
impulsos, visões, cantos,  
protestos, esperanças e amores!*

*Rodolfo, como tu, com teu ardor fecundo,  
eu sou também dos tantos semeadores  
que percorrem o mundo!*

*“O Semeador”, Roberto das Neves, não datado. Extraído do livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, p. 13-14.*

## 2 À MANEIRA DE PRÓLOGO

### 2.1 Rebeldia, Poesia e Juventude Libertária em Portugal

Nasceu em Pedrogão Grande  
e é cidadão do Universo.  
Suas revoltas expande  
nas asas largas do verso.

Os sofrimentos do Povo  
combate-os – louco idealista! –  
e visiona um mundo novo,  
em seus sonhos de anarquista.

Javerts, sinistros, medonhos,  
em prêmio, dão-lhe a delícia  
de ir concluir os seus sonhos  
nas masmorras da Polfícia.

*O Autor*, poema de Roberto das Neves escrito na prisão do Governo Civil, em Coimbra, no ano de 1927.<sup>5</sup>

Roberto Barreto Pedroso das Neves nasce a 7 de setembro de 1907, na vila de Pedrógão Grande, distrito de Leiria, região central de Portugal. Filho primogênito de Dalila Barreto Pedroso e Manuel Vicente Pedroso das Neves, vive os anos da infância na sua terra natal. Cresce no seio de uma família culta e religiosa, amparada por uma razoável fonte de renda, realizando os primeiros estudos numa escola primária local. Aos quatro anos, o menino é uma das mais de quatro mil e setecentas crianças do Concelho de Pedrógão Grande.<sup>6</sup>

Fundada em 1206, a vila portuguesa de Pedrógão Grande faz fronteira com Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Góis, Pampilhosa da Serra e Sertã. Distancia-se aproximadamente sessenta quilômetros de Coimbra e se situa a duzentos quilômetros ao norte da capital, Lisboa. Incrustada numa área de floresta com a predominância de acácias, eucaliptos, oliveiras e pinheiros, Pedrógão Grande (como indica a toponímia) faz parte de uma região montanhosa, escarpada e de solo pedregoso, delimitada por formações rochosas, como a Serra de Lousã, além de ser

<sup>5</sup> Extraído do livro: NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, p. 09.

<sup>6</sup> O censo da população de Portugal de 1911 – realizado com um ano de atraso, em decorrência do contexto turbulento de implantação da República no ano anterior – registra o número de 4763 crianças entre 0 e 14 anos no Concelho de Pedrógão Grande, com uma população total estimada em 15.084 habitantes na região, dos quais 4768 residentes na vila de Pedrógão Grande, 2204 homens e 2564 mulheres. DIRECÇÃO GERAL DA ESTATÍSTICA. **Censo da População de Portugal no 1º de Dezembro de 1911**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1913, p. 142.

banhada pelo rio Zêzere e seus afluentes. Dotado de belas paisagens, repletas de vegetação e abundantes em cursos d'água, como a região do Cabril, a foz da Ribeira de Pera, o Penedo de Granada e a Ponte Filipina, o lugar é de uma natureza exuberante.<sup>7</sup>

Nascido também em Pedrógão, na aldeia de Escalos do Meio, seu pai Manuel Vicente Pedroso das Neves (?-1939) emigra para o Brasil anos antes de Roberto das Neves vir ao mundo, em fins do século XIX, deixando uma promessa de casamento para uma jovem que conhece e por quem se apaixona, chamada Dalila Barreto. O Brasil é destino de imigração relativamente comum aos portugueses na época. Como os demais viajantes na altura, Manuel Vicente atravessa o Atlântico, aportando no Rio de Janeiro após vários dias de viagem. Na cidade brasileira, trabalha com um tio alfaiate, segundo registrado no jornal *O Figueiroense*, de Figueiró dos Vinhos, em sete de março de 1903, ocupação que lhe auferia ganhos e permite fazer um “pé de meia”.

Manuel Vicente regressa à Portugal alguns anos depois, entre 1905 e 1906. De volta à vila de Pedrógão, cumpre sua promessa casando-se com Dalila Barreto. Tendo amealhado um pecúlio durante sua estadia prolongada além-mar, adquire uma casa no centro histórico de Pedrógão Grande, próximo à Câmara Municipal. Pouco tempo depois, abre um armazém no ramo de alimentos, ferramentas e produtos agrícolas, de nome União Comercial Pedroguense, e logo conta com dois estabelecimentos, um no cruzamento das Rua Dr. Jacinto Nunes e outro na Travessa dos Paços do Concelho.<sup>8</sup>

Consta que, além da atividade de comerciante, Manuel Vicente se ocupou também com hospedarias, vindo a ser dono da mais antiga das três existentes nos anos 1930 em Pedrógão Grande.<sup>9</sup> A esse respeito, seu filho mais velho, Roberto das Neves, lembrar-se-á, posteriormente, da vocação da região como “estância de cura

---

<sup>7</sup> NEVES, Roberto das. **O Pedrógão de Roberto das Neves**. Lisboa: Casa de Pedrógão Grande, 2006.

<sup>8</sup> Vide *O Povo de Pedrógão Grande*, Pedrógão Grande, ano I, n. 1, 11 de dezembro de 1910. Arquivo Distrital de Leiria (ADL), cota VIII-16-B. Informações e trechos do jornal extraídos de: HENRIQUES, Aires Barata. **Roberto das Neves, Pedroguense, cidadão do mundo...** Artigo publicado na página O Ribeira de Pera, 19 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://www.oribeiradepera.com/aires-henriques-roberto-das-neves-pedroguense-cidadao-do-mundo/>. Acesso em: 28 de julho de 2016.

<sup>9</sup> De acordo com o pesquisador Aires Barata Henriques, em nota à edição sob sua coordenação: NEVES, Roberto das. **O Pedrógão de Roberto das Neves**. Lisboa: Casa de Pedrógão Grande, 2006, p. 69. Reedição ampliada e ilustrada do livro *Pedrógão Grande (estância de cura e turismo)*, publicado pela mesma editora em 1935. A nova edição traz fotografias, imagens e uma “Nota biográfica” sobre o autor, escrita por Manuel Pedroso Marques.

e turismo”, para onde se dirigem viajantes e pacientes em tratamento de saúde, em busca de repouso, ar puro, água limpa, sossego e contato com a natureza.<sup>10</sup>

Maçom iniciado em 1911 no “Triângulo 166” – Loja Maçônica fundada em Pedrogão Grande a 27 de março de 1911 e em funcionamento até 1914, obediente ao Grande Oriente Lusitano Unido e praticante do rito francês –, sob o nome simbólico “Roberto”, Manuel Vicente das Neves é dado como um homem culto e ateu convicto. Cidadão de ideias republicanas, com atuação política em Pedrogão, participa em círculos do republicanismo e na imprensa local. Em dezembro de 1910, torna-se editor do jornal de cariz republicano *O Povo de Pedrogão Grande*, fundado na vila em parceria com o comerciante António Jacinto David (1862-1947) e o médico António Luís Pereira de Almeida (1866-1947), políticos locais filiados ao Partido Republicano Português (PRP), além de maçons; juntos, os três são membros da mesma loja maçônica.<sup>11</sup>

Por sua vez, Dalila Barreto é conhecida por sua religiosidade e fervorosa fé cristã, vinda de uma família de tradição católica, como a maior parte das famílias portuguesas nesse período. Sobre Dalila Barreto, sabemos pouco, bem menos que sobre Manuel Vicente, fato comum à maioria das mulheres que, historicamente, permanecem à sombra dos homens, dos maridos, dos filhos e das famílias. No esquecimento, muitas vezes silenciadas, com exceção àquelas que conseguem, pelo seu pensamento e ação, superar o anonimato, tornando-se protagonistas da própria história e da história coletivamente constituída; ou as de origem social privilegiada, que, por vezes, se projetam a partir de sua posição de classe.

Roberto das Neves é o primeiro filho de sete irmãos, entre cinco homens e duas mulheres. Por ordem de nascimento, são: Roberto, António, José, Olímpia, Augusto, Osvaldo e Maria Amélia. Quando menino, o mais velho dos irmãos parece não manifestar interesse pelos assuntos da religião e pelos costumes da tradição católica da família. Certa vez, quando contava nove anos, sua avó, católica como a maioria dos familiares, tenta lhe ensinar o significado da divina trindade, deixando-o pensativo e intrigado, segundo sua visão em retrospecto. O garoto responde à

---

<sup>10</sup> NEVES, Roberto das. **Pedrogão Grande (estância de cura e turismo)**. Lisboa: Casa de Pedrogão Grande, 1935.

<sup>11</sup> Sobre Manuel Vicente Pedroso das Neves, António Jacinto David e António Luís Pereira de Almeida, conferir: HENRIQUES, Aires Barata; SOARES, Nuno R. **Maçons de Pedra e Cal. A Maçonaria ao Vale do Zêzere**. Pedrogão Grande: Museu da República e Maçonaria, 2015, p. 59-78.

explicação da avó com um grito, recusando a ideia da Trindade, como relata anos depois a partir de suas memórias:

Tinha eu nove anos quando minha avó materna me ensinou que Deus é constituído por três pessoas distintas (Pai, Filho e Espírito Santo), cada uma delas Deus, mas formando, todas juntas, um único Deus. E resumiu: “Cada um deles é Deus, mas um só é verdadeiro”. Procurei, intrigado, compreender, mas, por mais que fizesse, aquilo não me passava das goelas. Fiquei a ruminar, alguns minutos, após o que gritei à minha avó: “Se um só Deus é verdadeiro, os outros são falsos ou mentirosos!” A mãe de minha mãe castigou-me a heresia com uma bofetada, e ao justificar o seu gesto diagnosticou que eu tinha “o Diabo no corpo”.<sup>12</sup>

A “heresia” é acompanhada de uma bofetada, e o dito da avó, sobre o “Diabo no corpo”, sentença comum às crianças rebeldes, levadas ou traquinas em demasia<sup>13</sup>, é, curiosamente, recuperado em retrospecto por Roberto das Neves com o tom de estigma, que acompanha também o ser anarquista.<sup>14</sup> Rebeldia, desobediência à autoridade e negação da hierarquia são particularidades partilhadas entre os pequenos e os libertários. Para o pequeno Roberto, a história contada pela avó não é convincente. Passado algum tempo, o rapazinho “endiabrado” investe novamente contra a santíssima trindade, retornando à conversa sobre o ensinamento da avó, que, na sua cabeça infantil, é uma “charada”:

Dias depois, tendo encontrado numa caixa de fósforos três deles reunidos por uma cabeça comum, fui, radiante, a correr, mostrá-los a minha avó: “Decifrei a charada da Santíssima Trindade. Veja: três fósforos distintos e um só verdadeiro!” A resposta foi outro sopapo e a confirmação do diagnóstico anterior: “É o que eu digo, este rapaz tem o Diabo no corpo!”.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> NEVES, Roberto das. O diário do dr. satan. **Verve**, São Paulo, n. 10, p. 205-211, 2006. O título original do texto é “Razões do presente livro”, publicado como prefácio ao livro: NEVES, Roberto das. **O diário do Dr. Satan** – comentários subversivos às escorrências cotidianas da sifilização cristã. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1954, p. 07-12.

<sup>13</sup> No Brasil, é comum se dizer que uma criança está com o “cão nos couros” quando está a fazer traquinagens, apresenta um comportamento inquieto ou não obedece aos pais. Consideração, pode-se dizer, quase universal, essa de associar o comportamento e a agência infantil com Satanás, relacionando a história bíblica do anjo caído aos atos das crianças. A constatação, vinda de adultos obviamente, incide diretamente sobre a atitude rebelde dos pequenos, no ato de desobedecer a ordens dos mais velhos, questionar a autoridade dos maiores, testar os limites dos pais e fazer alguma “danação” ou “diabrura”.

<sup>14</sup> Como o russo Mikhail Bakunin (1814-1876). O anarquista italiano Errico Malatesta, que conhece pessoalmente Bakunin, diz a seu respeito que, além dos outros: “Ele próprio tinha o hábito de dizer que é preciso ter ‘o diabo no corpo’. E ele realmente tinha, no corpo e no espírito, o Satã rebelde da mitologia, que não conhece deus, que não conhece senhores, e que nunca pára na luta contra tudo o que entrava o pensamento e a ação.” Trecho extraído de: **Pensiero i Volontà**, Rivista Quindicinale di Studii Sociali e Coltura Generale, Roma, 01 de julho de 1926. Sobre Bakunin, entre outros, conferir: BRUPBACHER, Fritz. **Bakunin, o Satã da Revolta**. São Paulo: Editora Imaginário, 2014.

<sup>15</sup> NEVES, Roberto das. O diário do dr. satan. **Verve**, São Paulo, n. 10, 2006, p. 206.



Acerca deste episódio da vida na infância, Roberto das Neves dirá, anos depois, que o estigma do “Diabo no corpo” lhe acompanharia ao longo da vida. Em diversas situações vivenciadas, por seu comportamento desafiador em relação à religião e aos costumes cristãos, pesa sobre si a pecha de criança endiabrada, desobediente, rebelde, e a maneira de ser do garoto teria “parte com o diabo”. Essas brincadeiras e estripulias da meninice, são por vezes condenáveis aos olhos da família ou da comunidade e a explicação, ao que parece, resulta da incompreensão dos adultos acerca de uma pueril desconfiança do menino quanto aos ensinamentos da primeira catequese, geralmente confiada às avós. Sobre o fato, Roberto das Neves tenta tecer um fio de continuidade entre as memórias de uma suposta rebeldia na infância e possíveis repercussões na vida adulta:

Desde então, pela vida afora – na escola, no lar, entre os colegas, os parentes, os amigos e os inimigos – a cada dúvida que eu formulava, cada coisa que dizia ou fazia, em desacordo com as idéias dominantes, em matéria religiosa, política ou científica – não cessei de ouvir a mesma sentença: “Este rapaz tem o Diabo no corpo!”<sup>16</sup>

A rebeldia e o traço de negação à religião, sobretudo seus costumes e símbolos, acompanham o menino ao longo da infância, expressando-se em várias ocasiões. Entre 1921 e 1922, a família de Roberto das Neves se muda para Coimbra, para que o filho mais velho ingresse no Liceu. Na ausência de Manuel Vicente, ficam responsáveis pelos negócios em Pedrógão o irmão Vicente e seu sobrinho Américo.<sup>17</sup> Com cerca de quatorze anos, no Liceu em Coimbra, certa vez

<sup>16</sup> NEVES, Roberto das. O diário do dr. satan. **Verve**, São Paulo, n. 10, 2006, p. 206.

<sup>17</sup> Segundo informa o pesquisador Aires Barata Henriques, a família de Roberto das Neves, de Coimbra “passou a Lisboa, em 1929, onde o filho Roberto continuou os estudos e onde já estava o segundo filho, António. Contudo, ficou aqui pouco tempo, por o referido sobrinho ter sido apanhado com *contrabando* na loja. As alternativas eram a prisão do sobrinho Américo ou o pagamento de uma vultuosa multa, o que Manuel Vicente Pedroso das Neves fez, e que o deixou descapitalizado. Ainda continuou os negócios, por mais uns 9 ou 10 anos – quando os filhos, praticamente já todos se tinham mudado para Lisboa, onde trabalhavam e estudavam –, mas entretanto ficou doente. Por essa altura o filho primogénito (Roberto) já estava casado, trabalhando em Lisboa, e cuidou-o. [...] Manuel Vicente voltou para Pedrogão Grande, para morrer, o que deve ter ocorrido em torno de 1939.” O pesquisador afirma ainda que: “Quando já falecido, o segundo filho (António) contraiu dívidas de jogo e a venda do património da família, em Pedrogão Grande, que ficara aos cuidados de um outro filho (José), foi necessária. Na sequência disso, o filho primogénito (Roberto das Neves) – que para aí emigrara em Janeiro de 1942 – começou a chamar os irmãos para o Brasil, indo numa primeira fase os irmãos António e Olímpia e, finalmente, muito depois, a irmã Maria Amélia. O irmão Augusto foi para a *Diamang*, em Angola, e só o irmão José ficou em Lisboa. No Brasil vive ainda sua filha Amélia, uma *jovem* (de espírito) com pouco mais de 90 anos de idade, mãe do nosso querido e prezado amigo Carlos Cristo.” Conferir: HENRIQUES, Aires Barata. **Roberto das Neves, Pedroguense, cidadão do mundo...** Artigo publicado na página O Ribeira de Pera, em 19 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://www.oribeiradepera.com/aires-henriques-roberto-das-neves-pedroguense-cidadao-do-mundo/>. Acesso em: 28 de julho de 2016.

Roberto apronta uma das suas: coloca pó vermelho na pia de água benta para a cerimônia de batismo, na Igreja de Santa Cruz. E ali fica à espreita observando as reações dos fiéis e das beatas ante a situação insólita, esperando para ver o que acontece com sua “experiência”: durante os festejos da Rainha Santa Isabel, considerada milagrosa e taumaturga:

Com quatorze anos, estudante do liceu em Coimbra, por ocasião dos célebres festejos da Rainha Santa Isabel, que àquela cidade atraem de todo o Portugal milhares de crentes nos poderes miraculosos daquela taumaturga e também nos poderes de Baco e de Vênus, lembrei-me de lançar nas pias de água-benta da igreja de santa Cruz pós-de-sapato de cor vermelha. Dali a pouco, saíam as moças do templo, intrigadas por verem suas alvas blusas salpicadas de manchas sangrentas. Espreitando, à porta da casa de Deus, o resultado da minha experiência, ouvi duas beatas comentarem: “É milagre da Rainha Santa! Ela, que transformou ouro em rosas, acaba de transformar a água-benta em sangue!” E lá se foram, alarmadas com o temor de que o estranho fenômeno encerrasse um augúrio de catástrofe.<sup>18</sup>

Outra vez, o menino Roberto pinta bigodes e barba em uma estátua no túmulo de uma abadessa, na igreja do Convento de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra, adulterando a imagem da mulher:

Na igreja do convento de Santa Clara-a-Nova, na mesma cidade de Coimbra, existe junto à grade do coro, um túmulo no qual foram encerrados, há séculos, os restos mortais de certa madre abadessa, morta, ao que dizem, naquele mosteiro, entre fumos de santidade. Na tampa do sepulcro, a estátua jacente da religiosa, com um rosto horrivelmente masculino. Um dia, aproveitando a ausência de fiéis e do sacristão, entretido por um cúmplice meu, pinte-i-lhe com pixe uma grande barba e um não menos respeitável bigode, que, por estranho que pareça, muito suavizaram a dureza das feições da pobre mulher, que naquele convento sepultara os seus sonhos da juventude, se é que os teve.<sup>19</sup>

Numa de suas “danações”, o garoto lança mão de uma tática de sabotagem, espalhando pelas igrejas de Coimbra um preparado caseiro com valerianato de amônia ou de zinco, que dispersa odor desagradável. Roberto das Neves relata em suas memórias o episódio, o chiste e a zombaria como armas também contra os patrões, como na greve dos garçons anos depois, quando o cheiro a chulé emanado do preparado de amônia, afugenta os fregueses de cafés e restaurantes.

Outra heresia nesse tempo inspirada pelo Diabo, que eu, segundo diagnóstico geral, trazia e trago no corpo, consistiu em espalhar pelas

<sup>18</sup> NEVES, Roberto das. O diário do dr. satan. **Verve**, São Paulo, n. 10, 2006, p. 206.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 206-207.

igrejas valerianato de amônia ou de zinco (o efeito é o mesmo), em cristais, tal como se adquire nas drogarias, ou em solução concentrada, que eu preparava em casa. Não houve incenso nem mirra, queimados à pressa, nos turíbulos, pelos alarmados representantes de Deus, capazes de evitarem a precipitada fuga dos crentes e dos próprios sacerdotes que, atordoados pelo nauseabundo e persistente cheiro a chulé que a droga exala, deixavam desertos os templos. Repeti, mais tarde, esta experiência, por ocasião de greves de garçons, em Lisboa e em Madri. Espalhou-se valerianato por todos os cafés e restaurantes, onde os patrões, com a colaboração de “amarelos”, se esforçavam por fazer fracassar os justos movimentos reivindicativos dos trabalhadores do ramo da alimentação. O resultado foi surpreendente: não tardou que as emanações daquele terrível instrumento de Satanás pusessem em debandada os clientes que, consciente ou inconscientemente, favoreciam a causa do patronato.<sup>20</sup>

Doutra feita, num de seus episódios de “heresia”, Roberto das Neves adultera a imagem do Menino Jesus no altar-mor da Igreja do Carmo, em Coimbra; uma igreja frequentada pela família, acrescentando à figura religiosa um pênis de tamanho desproporcional, com a ajuda de colegas e de um amigo artesão. O amigo escultor, anota Neves, é o anarquista Afonso de Moura, *“um dos homens mais inteligentes, mais leais e mais destemidos que tenho conhecido, uma espécie de Suvarine do ‘Germinal’ de Zola”*, mais tarde, preso e deportado para África, pelo governo de Salazar, *“onde morreu de febres”*. Embora longa, vale reproduzir a narrativa em tom de chiste ou como *“outra heresia desses meus tempos de adolescente”*, ou de como o autor fixa as fabulações de sua memória:

Ainda outra heresia desses meus tempos de adolescente: assistia eu, na igreja do Carmo, na rua da Sofia, em Coimbra, todos os domingos, à missa, obrigado a isso pelo dono da casa em que meu pai me hospedara e que havia tomado sobre os ombros a tarefa, tão grata a Deus, quanto ingrata para ele, de salvar-me a alma à força, contra a minha vontade, das unhas do meu amigo Satanás. No altar-mor, havia um Menino Jesus muito simpático, mas a quem as beatas não prestavam a menor atenção, por motivos que só depois vim a descobrir e que a seguir se expõem.

Freqüentando a igreja desde havia uns três anos, estranhava eu que, ao contrário do que ocorria comigo e com os meus colegas, o símbolo da virilidade, que o Menino Jesus exhibia no lugar próprio, sempre conservasse, como infenso às leis fisiológicas do crescimento, apesar do transcurso inexorável do tempo, as mesmas diminutas proporções, tão diminutas que mal podíamos enxergá-lo a uns cinco metros.

Com lástima do Menino, resolvi ajudá-lo a corrigir nele aquela para mim negligência da Natureza. A meu pedido, um escultor meu amigo, cuja memória reverencio sempre com o maior respeito – chamava-se Afonso de Moura, era anarquista e um dos homens mais inteligentes, mais leais e mais destemidos que tenho conhecido, uma espécie de Suvarine do “Germinal” de Zola, e que, por tudo isto, foi, mais tarde, preso e deportado, pelo governo do Sr. Dr. Oliveira Salazar, para África, onde morreu de febres – confeccionou, com barro cozido e pintadinho, um outro símbolo da virilidade, esse bem visível, enorme, destinado a substituir o raquítico, o

<sup>20</sup> NEVES, Roberto das. O diário do dr. satan. **Verve**, São Paulo, n. 10, 2006, p. 207.

enfezado, microscópico, do filho da Virgem. E, ao crepúsculo, fechado por dentro o portão da igreja, enquanto dois colegas e cúmplices meus distraíam na sacristia o velho sacristão, trepei ao altar-mor e, com cola especial usada pelos fabricantes de santos, adaptei o referido pormenor anatômico no lugar competente no corpo do Menino Jesus.

No dia seguinte, um domingo, pouco depois do começo da missa, os raios do sol, coando-se pelos vitrais, incidiram subitamente sobre o filho de Maria, iluminando-o completamente. Duas jovens pecadoras, ajoelhadas na primeira fila, ergueram, à elevação do cálice, os olhos para o altar-mor, fixando-os no Menino. Súbito estampou-se no rosto delas uma expressão de agonia. Percebia-se que elas não sabiam como classificar o que viam. Obra de Deus ou do Diabo? Afinal, o Menino Jesus fora atingido, como qualquer mortal, pelas vicissitudes fisiológicas da carne.

Ao espanto não tardou a suceder o riso, que a breve trecho, comprimido pelo esforço com que as duas jovens procuravam manter o respeito devido à santidade do local, explodia e se contagiava aos demais fiéis, nessa altura já todos também de olhos arregaladamente postos na inexplicavelmente avantajada excrescência da divina criança. O padre, que nada vira e por isso nada compreendia, pusera-se furioso por aquela súbita e irreverente explosão de riso, que se generalizara a todos os crentes. A muda indignação com que o representante de Deus procurava restabelecer o decoro no templo não fez senão agravar a situação, como sucede sempre, pelas leis da expansão dos gases, em casos similares. E o pobre sacerdote, que dos olhares cominatórios passara às destemperadas frases de admoestação, reconhecendo infrutíferos os seus esforços para dominar aquela crise de riso e de fé, cuja causa ele não atinava em descobrir, não encontrou outro remédio senão suspender o ofício divino, desparamentar-se e sair do templo, dardejando chisporreteantes anátemas sobre o seu rebanho.<sup>21</sup>

A travessura adolescente gerou um escândalo na igreja e na comunidade, repercutindo até no jornal católico local. O rapazote é denunciado por um de seus “cúmplices” e, entre as consequências, é despedido da casa onde era acolhido como pensionista há alguns anos:

O escândalo transbordou para o órgão católico local, que, no dia seguinte, furioso, fulminava, ameaçando-os com os horrores do caldeirão, “os inimigos de Deus, os maçons, os que, presas do Demônio, perturbavam a crença das pacíficas ovelhas do Senhor”. Um dos meus companheiros, pervertido, pouco depois, à fé católica, não tardou a denunciar-me como autor principal das heresias acima narradas. Taxado como ovelha ranhosa, inacessível à boa doutrina, à divina graça, à recondução às verdes pradarias da fé e, pois, altamente infeccioso para o rebanho do Senhor, não tardei a ser despedido, pelos meus hospedeiros, da casa em que vivera, como estudante do liceu, alguns anos, em Coimbra.<sup>22</sup>

Quando aluno do 6º ano do Liceu, aos 15 anos de idade, em meio à movimentação política na Coimbra dos anos 1920, o adolescente de manifesto pendor anticlerical, caminha alguns passos em direção ao associativismo por afinidade de ideias; participa na fundação da União Anarquista Portuguesa, a 18 de

<sup>21</sup> NEVES, Roberto das. O diário do dr. satan. **Verve**, São Paulo, n. 10, 2006, p. 208-210.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 210.

março de 1923, em Alenquer; logo mais se junta ao grupo estudantil “A Labareda”, ao Grupo Libertário “Os Rebeldes” e, depois, ao Grupo Libertário “Os Rebelões”. A participação em grupos de afinidade anarquista e de militância libertária assinalam a aproximação de Roberto das Neves ao ideário do anarquismo, que circula desde o século XIX, entre a juventude libertária<sup>23</sup> de Portugal no contexto dos anos 1920.

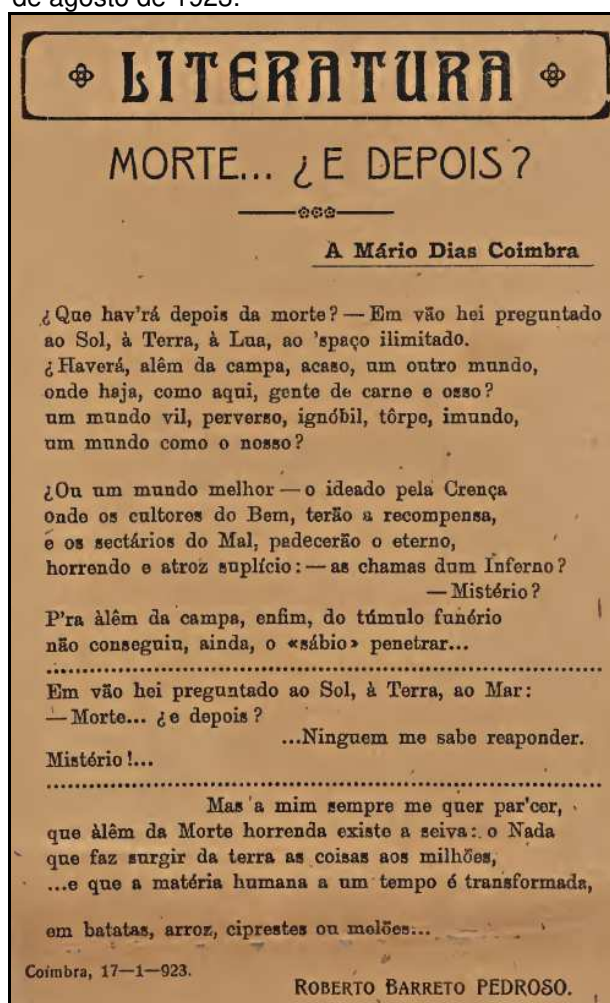
Em sua juventude, ao mesmo tempo em que participa de grupos anarquistas e se envolve na militância libertária, Roberto das Neves escreve textos de crítica social. Publica artigos e poemas no semanário anarquista portuense *A Comuna*<sup>24</sup>, como “Monumentos aos Mortos da Guerra”, publicado em setembro de 1923, escrito antimilitarista à maneira de manifesto contra as guerras e o patriotismo, assinado sob o pseudônimo Pedro das Neves. Por essa época, o jovem estudante realiza suas primeiras incursões no mundo da poesia, escrevendo e publicando poemas na imprensa libertária. Um dos poemas é “Morte... e depois?” publicado em agosto de 1923, com versos de inspiração materialista e ateuista, dedicado a Mário Dias Coimbra, amigo do poeta:

---

<sup>23</sup> O termo “juventude libertária” é comum aos anarquistas da época na Península Ibérica, que se referiam aos grupos e militantes mais jovens genericamente como “juventude”, sendo o conjunto dos jovens denominado “juventudes”, respeitando assim sua diversidade. Os anarquistas constituíam grupos com essa palavra no título, como é o caso da *Federación Ibérica de Juventudes Libertarias* (FIJL), por vezes abreviada *Juventudes Libertarias*, fundada no ano de 1932 em Madri, na Espanha; ou as Juventudes Sindicalistas, atuantes entre 1913 e 1927 em Portugal. Sobre o pensamento libertário em meio às juventudes no período, ver: QUINTAS, Maria da Conceição. O pensamento libertário e as juventudes no Portugal da primeira metade do século XX. **Revista de História e Teoria das Ideias**, Lisboa, vol. XIV, p. 247-280, 2002; FREIRE, João. **Anarquistas e Operários. Ideologia, ofício e práticas sociais**: o anarquismo e o operariado em Portugal, 1900-1940. Porto: Edições Afrontamento, 1992; FREIRE, João. As Juventudes Sindicalistas. **Penélope**, Revista de História e Ciências Sociais, Lisboa, n. 04, p. 120-137, 1989. Para um debate sobre as juventudes no campo do anarquismo, conferir a coletânea: JOYEUX, Maurice *et al.* **Maio de 68**: os anarquistas e a revolta da juventude. São Paulo: Editora Imaginário, 2008.

<sup>24</sup> *A Comuna*, *órgão comunista libertário*. Periódico editado pelo Grupo Propaganda Libertária, no Porto. Serafim Cardoso Lucena figura como redator e António Teixeira aparece como diretor do jornal, impresso na Tipografia “A Intermediária”. Circula durante seis anos, entre primeiro de maio de 1920 e 20 de dezembro de 1925. Também traz como subtítulos: *Semanário Comunista Anarquista* e *Semanário Anarquista*. O jornal tem sua edição suspensa em 25 de junho de 1922, quando é substituído por *A Aurora*, reaparecendo em 18 de março de 1923 com o mesmo título de antes. Também são editores: A. Alves Pereira, C. Vieira dos Santos, Abílio Ribeiro, António José d’Almeida e Manuel Joaquim de Sousa. FERNANDES, Raul de Matos. *Jornais do Porto (1896-1925)*. Separata do **Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra**, Coimbra, vol. XXXIV, 1978.

Figura 1 – Recorte do poema “Morte... E depois?”, de Roberto das Neves. Jornal *A Comuna*, n. 21, 05 de agosto de 1923.



Fonte: Arquivo CEDEM, UNESP, São Paulo.

Nos versos, ao especular sobre a morte ou a possibilidade de vida após a morte, o poeta registra o mundo conhecido como um lugar “vil, perverso, ignóbil, torpe, imundo”. Saltam do poema algumas palavras-chave do vocabulário científico corrente no século XIX e nas primeiras décadas do XX, realçando a influência das leituras do jovem anarquista português no campo do naturalismo e da biologia. Destaca-se, nesse poema em particular, uma ressonância das ideias do químico Antoine-Laurent de Lavoisier (1743-1794), como no verso que refere à transformação da matéria, expressando ideia relacionada à máxima “na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, associada às descobertas do célebre químico francês.

Na senda da crítica anticlerical, Roberto das Neves publica “O Bom Cura...”, com seus versos cáusticos sobre a hipocrisia dos clérigos, que predicam

contra o pecado da luxúria e os vícios, amaldiçoando os prazeres carnais, mas, ao mesmo tempo, são personagens de boatos ou denúncias acerca de supostos casos amorosos, gerando, inclusive, filhos, como lido no poema, misto de invectiva às prédicas contritas do “*bom vigário*”, aos seus anátemas aos “crimes da luxúria e do vício” e uma sagaz denúncia do “*venerável abade*”. Convém assinalar um vasto repertório da literatura de fundo anticlerical e, para o caso de Portugal, o destaque no tempo aos escritos de Guerra Junqueiro, de larga repercussão também no Brasil, e de presença no periodismo do combate de ideias.

Prêgando aos seus fieis a “sublime doutrina”,  
levando aos corações a branda suavidade  
da “sacra Lei divina”,  
era tratado o abade,  
como um raro exemplar de humana santidade.

E o bom cura ensinava, a acatar, os seus crentes,  
a sã Legislação do bom Rabi judeu  
e, com frases ardentes,  
mostrava ao povo seu  
a estrada que conduz, resplandecente, ao Céu.

Recheada a doce voz, de crença, de ternura,  
ele espalhava a Lei do “Grande Deus bendito”.  
E, sempre com brandura, com dulçor infinito,  
preconizava o excelso, o sacrossanto rito.

Dedilhando, piedoso, um sebento rosário,  
mastigava contrito, ardentes orações.  
Por dia, o bom vigário,  
responsos – aos milhões –  
padre-nossos, prof’ria, avès, terços, sermões.

Ensinava a cumprir os santos Evangelhos  
– “a doutrina de Deus, que eleva e nos redime”.  
Orava de joelhos, por todos nós, sublime,  
e anat’misava o Vício, a Luxúria – o Crime.

Mais que tudo, observava o sexto mandamento,  
proibindo a transgressão, com ameaças formais.  
Odiava o casamento, os praseres carnais  
e amaldiçoava até os nossos pobres pais.

Porêm, soube-se, um dia, incrível novidade:  
vivendo em tal pureza e em tanta santidade,  
era pai dum petiz, o venerando abade.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> NEVES, Roberto das. *In: A Comuna*, Porto, ano IV, n. 31 (121), 14 de outubro de 1923, p. 04. Extraído do artigo: FERREIRA, José Maria Carvalho. Roberto das Neves: um cidadão do Mundo. *Verve*, São Paulo, n. 24, 2013, p. 18-19.

Na seção “Literatura” do jornal *A Comuna*, do Porto, o poeta assina como Roberto Pedroso e publica o poema “Ao Povo!... (Um ‘presente’ de Natal... republicano)”, afrontando, de modo irônico, a república portuguesa, instaurada em cinco de outubro de 1910, que, nos versos, nada de novo prometia. Ao invés da promessa do “*pão e o bacalhau a vintém*”, só se cumpria “o peixe-espada da polícia”. Plebe, Ralé, Escória, Canalha, assim (des)tratados sob os “*grilhões do Clero e da Nobreza*”, o poeta se dirige “*aos irmãos e iguais*”, para não descurar em busca de “*Novos horizontes*” e quiçá, “*ao sol da liberdade*”:

O sonho que sonhaste – essa Manhã de Outubro –  
embriagado, a verter teu sangue forte e rubro,  
– êsse teu sonho, – vês? –, é hoje realidade:  
somos *irmãos e iguais*, ao sol da Liberdade...

Dava-te a Monarquia – a Vil – comida amarga.  
P’ra ela, desdenhosa, eras *plebe, ralé*.  
... E tú, paciente e bom, como um burro de carga,  
jamais um coice deste ou armaste banzé.

Tratado como um cão: ninguém tinha respeito  
à tua pel’ suada...  
Passavas fome tú, que és sempre quem trabalha;  
e chamava-te ainda *escória, vil, canalha*.  
...Tú não dizias nada,  
apenas um gemido exalava o teu peito.

Curvado, à chanfahada, à guarda *mun’cipal*,  
tú sofrias, calado,  
sob os grilhões do Clero e de tôda a Nobreza,  
como um pedinte... E sem cama, e sem mesa,  
corrido e maltratado,  
tinhas que sustentar a Família Rial...

Essa farça, porém, havia de acabar  
– e um dia teve o cabo:  
Houve quem defendesse os direitos da *escória*:  
Deram-te armas... E crendo, enfim, numa vitória,  
chegam-te a palha ao rabo  
e eis-te na rua, então, cantando – *Heróis do mar!*

Prometeram-te a vinte, e a trinta reis o arroz;  
O pão e o bacalháu a vintém – que delícia!  
Saíste vencedor; mas – ilusão atroz! –  
Só tens barato o *peixe espada* da polícia...

E hoje, se descobrir, quer’s Novos Horizontes,  
e arremessar de vez, com tua velha albarda  
– tens logo pela prôa – *ó corja brutamontes*,  
o sabre, o *cace-tête* e os caminhões da Guarda...

O sonho que sonhaste – essa Manhã de Outubro –  
embriagado, a verter, teu sangue forte e rubro  
– êsse teu sonho – vês? – é hoje realidade:



somos iguais e irmãos, ao sol da Liberdade...<sup>26</sup>

Roberto das Neves continua em sua *poiesis* de fundo social, em que se pode ler, sob o influxo das ideias anticlericais e do livre pensamento, o desabrochar de um repertório crítico temperado pelos matizes da questão social, indiciando sua adesão ao anarquismo. Nos versos de “Revolta”, por exemplo, o poeta anarquista tece uma crítica acerba à sociedade do seu tempo – “*imbecil, abominável, cretina, ignóbil, corrupta, pútrida, torpe*”, geradora da *Desgraça* e escarnecendo da “*Dor e da Miséria*”. Os versos do *revoltado* aprendiz de poeta embora ainda travejados de um laivo da moral conservadora, ao comparar “*à pútrida Sociedade à meretriz devassa*”, quer gritar seu inconformismo frente às desgraças sociais:

#### REVOLTA

Sociedade imbecil! minha alma te abomina!  
Ó sociedade torpe, imunda, libertina  
que te atiras, perversa, ao amplo tremedal,  
onde rasteja o vício e onde floresce o Mal;

Sociedade cretina, ignóbil e corrupta  
que escarneces do Amor como uma prostituta,  
que condenas o Bem e geras a Desgraça;

pútrida Sociedade, ó meretriz devassa  
onde apanhaste a lepra que a alma te corróe?  
... Sociedade imbecil, que execras o Herói;

Sociedade que rís da Dôr e da Miséria  
e só pensas no gozo imundo da matéria;  
ó torpe Sociedade, inconsciente e assassina,  
Sociedade imbecil; minha alma te abomina!<sup>27</sup>

E o aprendiz de poeta segue em busca da inspiração nos versos de combate, e o jornal *A Comuna*, do Porto, publica de sua lavra “O Ouro”, poema dedicado à Bento Faria, em que desborda o fascínio do “*Aureo Metal*” sobre os homens, afirmando sua força talismânica e sua onipotente corrosão. Com as vestes de um “*Deus, um Válpole ou um Creso*”, o metal é o todo-poderoso e a tudo empalma com sua aura magnética. Logo se vê que o experimentalismo do poeta recorre às fórmulas correntes em que a profusão de adjetivos e mescla de estilos dão o tônus à iniciação poética. Ainda assim, canta o poeta, na terra, a bem dizer, o ouro é mesmo o fetiche, “*nesta perversa Vida em que se vende tudo*”:

<sup>26</sup> NEVES, Roberto das. In: *A Comuna*, Porto, ano IV, n. 41 (131), 23 de dezembro de 1923, p. 04.

<sup>27</sup> NEVES, Roberto das. In: *A Comuna*, Porto, ano V, n. 47 (137), 03 de fevereiro de 1924, p. 03.

## O OURO

(A Bento Faria)

Para a luta da Vida, és o melhor escudo!  
 Sem ti, Aureo Metal, tudo é estéril na vida  
 – *nesta perversa vida em que se vende tudo:*  
*a dignidade, o amor, uma hora bem fruída...*  
 ... Para a luta da Vida, és o melhor escudo.

Ó, como é prodigioso, é Ouro, o teu poder:  
 eleges, depões reis, dás liberdade ao preso;  
 contigo, eu compraria amigos e mulher.  
 Na Terra és bem um Deus, um Válpole ou um Creso...  
 ... Ó, como é prodigioso, ó Ouro, o teu poder!

És do Mundo, Milhão, Senhor Omnipotente:  
 imperador's e reis se curvam a teus pés;  
 todos te adoram, Ouro, és Deus de toda a gente,  
 todos te rendem culto e fazem *tagatés*.  
 ... És do Mundo, Milhão, Senhor Omnipotente!

Ninguém, Louro Metal, ao teu império escapa,  
 ninguém há que resista aos resplendores teus:  
 enlouqueceste os reis, desvarias o Papa  
 e nem ao teu fulgor é indiferente Deus.  
 ... Ninguém, Louro Metal, ao teu império escapa!

És o mais prodigioso e eficaz talisman,  
 escada que conduz a todas as alturas,  
 demónio que seduz co'afôrça de Satan,  
 gazúa que viola as melhor's fechaduras.  
 ... És o mais prodigioso e eficaz talisman!

A sugestão que tú provocas nos humanos  
 – louca alucinação – dum flúvio magnético,  
 em certas almas gera escuros, negros planos,  
 fascinação, insânia, um sono cataléptico  
 ... A sugestão que tú provocas nos humanos!

Para a luta da Vida, és o melhor escudo.  
 Sem ti, Aureo Metal, tudo é estéril na Vida  
 – *nesta perversa Vida em que se vende tudo:*  
*A dignidade, o amor, uma hora bem fruída...*  
 ... Para a luta da Vida, és o melhor escudo!<sup>28</sup>

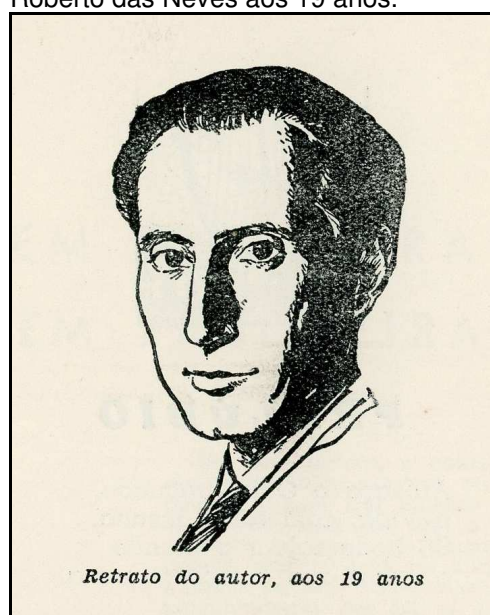
Passado o tempo dos estudos no Liceu, Roberto das Neves ingressa no curso de Ciências Histórico-Filosóficas na Universidade de Coimbra. Em meio à rotina académica e às movimentações estudantis, tece relações com outros jovens militantes e passa a colaborar mais assiduamente no jornal *A Comuna*, como também a publicar n'*A Batalha*<sup>29</sup>, de Lisboa, entre outros títulos do periodismo

<sup>28</sup> NEVES, Roberto das. In: *A Comuna*, Porto, ano V, n. 50 (140), 24 de fevereiro de 1924, p. 04.

<sup>29</sup> *A Batalha*, periódico operário português de orientação anarco-sindicalista, porta-voz da Confederação Geral do Trabalho (CGT) portuguesa. Seu primeiro redator foi o tipógrafo, militante e

libertário, imprimindo sua crítica social em poesia e prosa. A partir daí, vemos que suas relações se ampliam e sua experiência por escrito se divisa em outros títulos do periodismo português de então: *Diário da Noite*, *O Século* e *O Diabo*, de Lisboa, e ainda n' *O Comércio do Porto* e no *Primeiro de Janeiro*, do Porto. Uma possível pista para esta presença nos impressos pode ser o cultivo de relações nos grupos de afinidade libertária com tipógrafos, gráficos, redatores o que facilitaria o acesso às páginas literárias dos citados jornais.

Figura 2 – Desenho com retrato de Roberto das Neves aos 19 anos.



Fonte: Livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, Editora Germinal, 1952.

---

jornalista Alexandre Vieira (1880-1973). Foi editado em Lisboa, com periodicidade diária, entre fevereiro de 1919 e 1927, quando suas atividades foram interrompidas e suas instalações destruídas pela polícia, ficando proibida sua circulação. Chegou a ser o terceiro jornal mais vendido de Portugal durante seu primeiro período de circulação diária, depois de *O Século* e do *Diário de Notícias*. Entre os colaboradores do jornal e do seu *Suplemento Literário Ilustrado*, figuram militantes, intelectuais, jornalistas, artistas e escritores notáveis, como Mário Castelhana (1896-1940), António Pinto Quartin (1887-1970), Mário Domingues (1899-1977) e Ferreira de Castro (1898-1974), autor de *A Selva* e um dos mais traduzidos escritores portugueses da época. O grupo editor de *A Batalha* publica a revista *Renovação*, entre julho de 1925 e junho de 1926, em 24 números, com periodicidade quinzenal, cujo lema é “novos horizontes sociais”, editando ainda livros e folhetos, como a peça *Greve dos Inquilinos* (1908), de Neno Vasco. O jornal é publicado de maneira clandestina e com periodicidade irregular entre o final dos anos 1920 até 1949. Com a queda da ditadura do Estado Novo, em Portugal, a 25 de abril de 1974, velhos militantes retomam a publicação, entre eles Emídio Santana, modificando o título do jornal para *A Batalha: Jornal Anarquista*. Em 2017, o periódico ressurgiu com um grupo editor composto de militantes novos e veteranos, continuando sua publicação até hoje. Sobre *A Batalha*, seus editores, colaboradores e publicações, conferir: **ALMANAQUE de A Batalha 1926**. Lisboa: Edições Rolim, 1987; BAPTISTA, Jacinto. **Surgindo Vem ao Longe a Nova Aurora...** Para a História do diário sindicalista *A Batalha* 1919-1927. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977; CABRITA, Maria João. No rasto da passagem de Ferreira de Castro pelo suplemento e revista de *A Batalha* (1919-1927). **Cultura**, Revista de História e Teoria das Ideias, Lisboa, vol. 26, p. 119-137, 2009; VASCO, Neno. **Greve dos Inquilinos**. Lisboa: Editora de *A Batalha*, 1908.

No contexto do golpe de Estado em Portugal, ocorrido a 28 de maio de 1926, que dá início a um período ditatorial no país e à ascensão do ditador António de Oliveira Salazar ao poder, Roberto das Neves se dedica a uma escrita radical de confronto ao autoritarismo, à ditadura e ao salazarismo, publicando principalmente nos jornais *A Comuna* e *A Batalha*. No ano de 1926, então com dezenove anos e estudante na Universidade de Coimbra, é preso após publicar sátiras e poemas antiautoritários, sobretudo *O espectro de Buíça (Tragédia das deportações)*, um folheto de dezesseis páginas, cujo conteúdo denuncia às deportações de presos políticos portugueses para África. Em edição do Comitê Pró-Presos por Questões Sociais em parceria com a Associação dos Tipógrafos, de Lisboa, o autor ressalta que os versos são inspirados “*nas deportações de presos sociais, sem julgamento, decretadas pelo govêrno democrático da presidência de Vitorino Guimarães, de que foi ministro do Interior Vitorino Godinho*”. Aqui o poeta se auto-proclama um *visionário* e retoma as palavras doutros versos – *Plebe, Ralé, Rebéis* – para dizer do infundável jugo desta imensa legião dos “*sem luz, sem pão, sem ar, sem liberdade*”:

(...) Foi num tempo, como êste, de desvário,  
De insânia, de ruína e podridão.  
Saqueavam os políticos o Erário,  
e o Povo continuava ao seu Calvário  
levando a árdua cruz da Sujeição.

Soprava, como agora, um vendaval,  
De egoísmo, de loucura, de maldade.  
Vergado ao jugo atroz do Cetro Real,  
do Povo era o viver triste, infernal,  
– sem luz, sem pão, sem ar, sem liberdade.

Quando a Ralé ousava vir à praça,  
fazer soar os justiceiros morras  
– a Fôrça acutilava a populaça  
e efetuava, triunfal, prisões em massa,  
com que saciava a goela das masmorras.

Uma legião estranha de rebéis,  
que ousara erguer na sua voz, sem medo,  
com heroicidade, anátemas cruéis,  
contra os Dogmas, o Sabre e as duras Leis.  
– pisava o chão doentio do Degredo.

Sob a pata feroz do Despotismo,  
Do Altar, do Cetro, do Ouro e mais da Espada,  
torcia-se o país num paroxismo.  
Ébrio, o Rei tripudiava, com cinismo,  
sôbre o esqu’leto da Plebe chicoteada.

Ascendia dos cárceres malditos

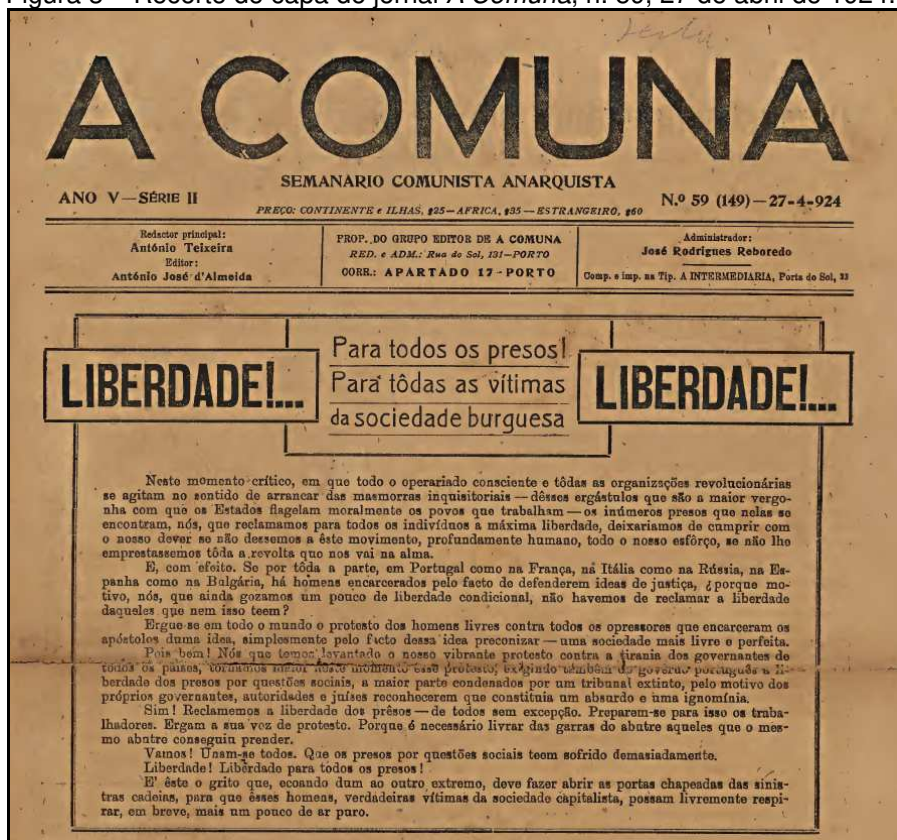
um cortejo de pragas funerário.  
Do Povo exangue os estertórios gritos  
ecoavam com sons lúgubres e aflitos  
na minha alma febril de visionário (...).<sup>30</sup>

O conteúdo de sua escrita, principalmente os motivos sociais de sua denúncia, tornam o poeta perseguido e os registros de pesquisa indicam suas prisões entre 1926 e os anos 1930. Prisão, deportação e constante repressão aos militantes anarquistas são denunciadas nos jornais operários e anarquistas em Portugal. À medida que o padrão da política autoritária ascende ao poder na Europa, mais aumenta a repressão e a perseguição, resultando numa escalada de violência, prisão, tortura, deportação e morte. O semanário anarquista *A Comuna*, por exemplo, noticia com frequência os protestos que se espalham pela Europa nos anos 1920, contra as prisões de trabalhadores, opositores e militantes revolucionários. O jornal clama por liberdade, ao protestar contra o aprisionamento de militantes em vista de razões políticas e ideológicas, franqueando suas páginas em favor dos “*presos por questões sociais*” (assim denominados à época) e para “*tôdas as vítimas da sociedade burguesa*”. É assinalável também como se manifestam os conteúdos de solidariedade “*pró presos por questões sociais*”, com organização de Comitês para arrecadação de fundos, visando a denúncia, mas também o apoio concreto às famílias em completo desamparo. Uma das formas correntes de denúncia-apoio é a publicação de pequenas brochuras, às expensas de associações de tipógrafos e doutros ofícios e cuja venda militante é revertida aos Comitês; assim como a realização de Veladas Sociais, como então se chamavam os festivais nos salões operários.

---

<sup>30</sup> NEVES, Roberto das. **O espectro de Buíça (Tragédia das deportações)**. Lisboa: Comitê Pró-Presos por Questões Sociais: Tip. da Assoc. dos Comp. Tipográficos, 1926. Disponível em: <http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/components/comlibrary/texts/24BNPAHS597.pdf>. Acesso em: 03 de dezembro de 2019.

Figura 3 – Recorte de capa do jornal *A Comuna*, n. 59, 27 de abril de 1924.



Fonte: Arquivo CEDEM, UNESP, São Paulo.

Em outras edições, o jornal libertário noticia prisões e deportações de trabalhadores, delegados de sociedades operárias, membros de grupos editores de jornais, destacados militantes, entre outros visados pela repressão da polícia política, no contexto dos anos 1920 em Portugal. Como consequência, os opositoristas, revolucionários, antiautoritários e militantes anarquistas formam grupos de solidariedade e organizam Comitês de Apoio aos presos políticos e deportados, de modo a ampliar a denúncia sobre maus-tratos, tortura e compartilhar os fatos denunciados, além de promover Campanhas de arrecadação de fundos em favor dos presos sociais e suas famílias, como já afirmado, ativando as práticas de solidariedade e apoio mútuo, como se vê a seguir nas páginas d'*A Comuna*, como uma espécie de tribuna pública da ajuda mútua, dando conta dos valores arrecadados e os apoios recebidos de A. J. de Brito, Paiva, Artur Fernandes e Um Carteiro, não nomeado certamente em razão de possíveis represálias por seus chefes ou chefetes:

Figura 4 – Recorte do jornal *A Comuna*, n. 43, 06 de janeiro de 1923, p. 03.

<u>PRÓ-PRESOS</u>	
<u>por QUESTÕES SOCIAIS</u>	
Transporte . . . . .	583\$72
A. J. de Brito . . . . .	2\$50
Artur Fernandes. . . . .	2\$50
Um carteiro . . . . .	2\$50
Palva . . . . .	5\$00
<hr/>	
A transportar . . . . .	596\$22

Fonte: Arquivo CEDEM, UNESP, São Paulo.

O militante-poeta Roberto das Neves canta em seus versos o sofrimento da fome, miséria, exploração e opressão sofridas pelo povo, notadamente o povo português. Nos seus poemas, o jovem anarquista tenta fazer de sua pena um chamado sensível à rebeldia ante o poder, celebrando a liberdade e instigando o povo às armas, rumo à revolução social e à insurreição popular, “*contra a burguesia*” e “*pela Anarquia*”. A escrita do jovem poeta também busca inspiração nos moldes correntes no meio libertário, e neste caso entendemos com Lily Litvak que estas expressões literárias estão “(…) *tán intimamente ligada al discurso ideológico que en muchos casos, no se puede decidir cual obra es puramente literaria o por lo contrario puramente doctrina. Estamos en una región en que se borran los limites de los géneros.*”<sup>31</sup> Num poema publicado no jornal *A Comuna* em abril de 1924, o militante anarquista afina seu verbo com os símbolos do pensamento e da cultura libertária. Parodiando o hino de Portugal, intitulado *A Portuguesa*, o poeta canta em versos a alma do “*Herói plebeu, nobre povo*” e os “*sinais da Insurreição*”:

Herói plebeu nobre povo,  
 Lião faminto e ululante,  
 vai erguer o Mundo Novo  
 com teu braço fecundante!  
 pelo céu, na imensidade  
 vagueia, há séc'los, à solta  
 a forte voz da Revolta,  
 a chamar-te à Liberdade.

<sup>31</sup> LITVAK, Lily. **Musa Libertaria. Arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)**. Barcelona: Antonio Bosch Editor, 1981, p. 204.

Às armas! às armas! Contra a cruel Burguesia!  
 Às armas! às armas! Pelo Amor e a Harmonia!  
 Contra a Opressão! Pela Anarquia!

Desfralda a nova bandeira  
 sôbre a grande Pátria – a Terra.  
 Do Universo – a Terra inteira –  
 bane o Crime, o Roubo, a Guerra!  
 E, ridente, o Sol jucundo  
 sorrir-te-hà ó Produtor,  
 que o teu braço vencedor  
 levantou um Novo Mundo.

Às armas! às armas! Contra a cruel Burguesia!  
 Às armas! às armas! Pelo Amor e a Harmonia!  
 Contra a Opressão! Pela Anarquia!

Saudai o sol que desponta  
 num rutilante clarão.  
 Seja o eco duma afronta  
 o sinal da Insurreição!  
 Sirva de morte, de guia  
 a Idea fulgente e bela.  
 Vamos, de olhos fitos nela,  
 à conquista da Anarquia!

Às armas! às armas! etc....<sup>32</sup>

O poema é de conteúdo insurrecionalista, corrente anarquista que marca a experiência de parcela do anarquismo no período, desde o século XIX. Debate candente no meio libertário, a prática insurrecionalista ou o anarquismo insurrecional são temas polêmicos entre a militância. O insurrecionalismo alcança influência desde o último quartel do século XIX, disseminando-se em alguns países, como França, Espanha, Portugal e Itália. Recebe crítica contundente da militância libertária, especialmente da parcela mais comprometida com o “anarquismo de massas”, posteriormente denominado “anarquismo social”. Os insurrecionalistas dão ênfase à “propaganda pelo ato” (ou “propaganda pelo fato”) e à “violência revolucionária”, entre atentados, revoltas armadas, sequestros... como meios de disparar a revolta e iniciar a revolução.<sup>33</sup> Essa posição valerá aos insurrecionalistas

<sup>32</sup> NEVES, Roberto das. *In: A Comuna*, Porto, ano V, n. 56 (146), 06 de abril de 1924, p. 05.

<sup>33</sup> Tornou-se famoso o caso do anarquista francês François Claudius Koëningstein, mais conhecido como Ravachol (1859-1892), que praticou assassinatos, assaltos e atentados a bomba em fins do século XIX, sendo condenado à morte na guilhotina. Outros ficaram conhecidos pelos seus atentados, como Auguste Vaillant, Émile Henry e Théodule Meunier, taxados de “terroristas” pelo poder instituído. Entre 1892 e 1894, diversos atentados são registrados, marcando uma onda insurrecional na Europa. Segundo o pesquisador Lucien Van Der Walt, o anarquismo insurrecional sustenta “que as reformas são ilusórias e que os movimentos de massa organizados são incompatíveis com o anarquismo, dando ênfase à ação armada – a propaganda pelo ato – contra a classe dominante e suas instituições, como o principal meio de despertar uma revolta espontânea revolucionária.” VAN DER WALT, Lucien. **Black Flame. The revolutionary class politics of**



a crítica em torno do “espontaneísmo” e a avaliação de que o ataque violento à bomba, pelo fogo, pelas armas, dirigindo-se a figuras individuais, ainda que sejam reis, políticos, patrões ou poderosos, apenas mira no ocupante de determinada posição no sistema capitalista e não nas estruturas de dominação, opressão e exploração. As críticas assinalam que, semeando a violência contra individualidades, pouco ou nada afetam ou destroem as instituições, alvo da luta social revolucionária.

Ademais, percebe-se também nos versos de Roberto das Neves sua adesão ao internacionalismo militante, na chave do Esperantismo, quando diz sobre o desfraldar da bandeira da grande “Pátria”, a “Terra”, e ainda quando afirma sua explícita filiação ao anarquismo, expressa no objetivo finalista a ser conquistado pelos criadores do “Mundo Novo”, apontado nos versos nominalmente, tal seja, a “Anarquia”. Deste período em diante, os poemas do jovem pedroguense são cada vez mais contundentes em seu teor anticapitalista e antiautoritário, vazados no ideário anarquista e no anticlericalismo e hauridos da tradição libertária. Escrito em 1926, quando Roberto das Neves é estudante em Coimbra (o autor faz questão de assinar o poema apontando sua origem estudantil), o poema *Tragédia da Ralé*, de inspiração ateísta, ao tempo que fundado em crítica materialista, faz um esboço das desgraças do povo português de seu tempo, sobretudo dos miseráveis da cidade e do campo. Apresentando alguns instantâneos da tragédia da ralé (termo ressignificado pelo poeta, posto que utilizado comumente com acento pejorativo para (des)classificar os pobres), o poeta trata das agruras da vida e do cortejo de miseráveis que “*Passam na rua párias em cardume/ – hirtos, famintos, roxos, semi-nús*”:

#### TRAGÉDIA DA RALÉ

Trevesa noite. Chove.  
A chuva tecla na vidraça  
A lúgubre canção funérea da Desgraça.  
O vento – a Knout do velho Jove –  
Anda a zurzir a carne aos miseráveis...

Passam na rua párias em cardume  
– hirtos, famintos, roxos, semi-nús.  
É noite. Jeová petisca lume.  
– rasga, lá longe, a treva um zigzaguear de luz –...

---

**Anarchism and Syndicalism.** Oakland, CA: AK Press, 2009, p. 123-124. Para uma crítica do ponto de vista da militância anarquista, consultar: MALATESTA, Errico. **Escritos Revolucionários.** São Paulo: Editora Hedra, 2008; MALATESTA, Errico; FABBRI, Luigi. **Anarco-comunismo italiano.** São Paulo: Luta Libertária, 2002.

O vento chicoteia os miseráveis...

Envoltos nus farrapos, sujos, trágicos,  
 Vagueiam os sem-casa, os vagabundos,  
 Rentos à casaria, a tiritar.  
 Trovões rolam no céu, vertiginosos, mágicos,  
 Dando roncões profundos.  
 – E o velho Jeová, a gargalhar  
 uma risada cínica, grotesca,  
 talvez a recordar  
 que não no Inferno carne fresca...  
 Vai fustigando o vento os miseráveis...

A correr, passa além,  
 tôda molhada,  
 esguedelhada,  
 esfarrapada, trágica, uma jovem mãe,  
 ao seio conduzindo o filho nú, gelado.  
 A mãe busca uma casa, um alpendre, onde acoite  
 o filhinho molhado,  
 e onde passem a noite.  
 ... E o vento a vergastar os miseráveis...

E no alto-mar  
 Que a luta colossal, formidável, titânica,  
 o pescador não anda agora a disputar  
 com a fúria oceânica  
 ... para levar o peixe à Burguesia!...  
 Lúgubrememente, o vento ulula e assobia  
 e azorraga, furioso, os miseráveis...

Que dramas, que tragédias, que lá fora  
 se desenrolarão na noite fria!...  
 A chuva é grossa, muda e implacável  
 – escarros que Deus cospe, inexorável,  
 à Humanidade ímpia...  
 Raivoso, o vento ladra aos miseráveis...

Entretanto, alheado disto tudo,  
 o humorado burguês pantafaçudo,  
 ao canto da lareira, ouve um avô  
 aos netinhos contar contos-da-carochinha,  
 dum rei, duma rainha  
 – recordações dum tempo que passou.  
 Fora, o vento acicata os miseráveis...

Entretanto, pacato, egoísta e indiférente,  
 – ao som das joviais risadas das crianças  
 De louras tranças,  
 Limpinhas, asseadas,  
 Gorduchas, bem-tratadas –  
 O bom burguês absorve uma sopinha quente.  
 ... Enquanto o vento, fora, ameaça os miseráveis...

O bom burguês, pacífico, entretanto,  
 enquanto a chuva cai e o Eterno Brama  
 e os deserdados vertem sangue e pranto  
 e tombam, mortos, hirtos, nalgum canto...  
 enquanto da Ralé tosse tísicos peitos  
 e agonizam no chão duma imunda locanda

– o pacato burguês sonha, em macia cama,  
em doces, fofos leitos,  
entre finíssimos lençóis de Holanda...  
... Enquanto o vento uiva e gela os miseráveis...

E Deus? – Esse, no Céu, alheio, indiferente,  
mostra os braços, de lá, à Humanidade escrava,  
num gesto pornográfico, indecente,  
e manda-nos à fava!...  
Sempre, o vento a espancar os miseráveis...

Numa epiléptica valsa,  
macabramente, o arvoredo solta  
a ramada, num baile ameaçador, funérico.  
... A Humanidade régroba, descalça,  
anda a compor, na noite, um hino de Revolta,  
e a encher de dinamite  
a carcaça dum mundo cadavérico...  
E o vento, que não deixa em paz os miseráveis!...<sup>34</sup>

Na militância de Roberto das Neves, a veia poética tem lugar de destaque, como demonstra à larga seu combate pela palavra, como visto ao longo desta pesquisa. Pode-se dizer que a atividade militante e intelectual do poeta, sobretudo a crítica nos escritos em verso e prosa, está profundamente marcada pela figuração poética, modo de expressão do seu pensamento e de suas ideias no meio anarquista. Um indício também de como as sensibilidades são ativadas a partir do cultivo das leituras insubmissas. É de se imaginar os pequenos círculos na velha Universidade de Coimbra, afastando o mofo retórico de certas doudas lições e forjando uma imaginária biblioteca social, cujos livros são passados de mão em mão, copiados e apreciados como as novas palavras da rebeldia. A esse respeito, em estudo sobre o percurso da vida e a obra de Roberto das Neves, o pesquisador José Maria Carvalho Ferreira registra elementos da ação política e da escrita do intelectual militante português, ao destacar dimensões de sua produção literária durante os anos 1920 e assinalar aspectos de sua experiência, como a aproximação à vertente individualista do anarquismo. O sociólogo português assinala a juventude do poeta também como marcador relevante de sua escrita, atenta aos temas de eleição em sua *poiesis* e também às dedicatórias em alguns poemas, como exaltação da solidariedade:

A continuidade da produção literária e poética de Roberto das Neves, durante a década de 1920, fez-se fundamentalmente através do semanário *A Comuna*, sediado no Porto. Ao mesmo tempo que o jornal *A Batalha*

---

<sup>34</sup> NEVES, Roberto das. *In: A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado*, Lisboa, n. 143, 23 de agosto de 1926, p. 04.

expressa o ideal anarquista em termos do anarco-sindicalismo e do sindicalismo revolucionário, *A Comuna* era o baluarte do anarquismo específico, mais concretamente do anarco-comunismo e do comunismo libertário. Não obstante, percebe que embora estivesse integrado na perspectiva da União Anarquista Portuguesa, pela natureza dos seus escritos, podemos observar que suas posições idiossincráticas vão no sentido de um anarquismo individualista. Nesse sentido, com dezesseis anos, dez meses e treze dias publica “Perante o Garrote” (aos homens livres de todo o mundo), um poema de solidariedade para com Juan Bautista Archer. Com dezessete anos, três meses e sete dias pública o poema “Prelúdios”, alusivo a uma crítica à burguesia. Aos dezessete anos, seis meses e 25 dias publica “Carnaval”, fazendo uma crítica feroz à participação do povo numa festa alienante e estupidificante.<sup>35</sup>

A poesia, na ação militante e na expressão do pensamento de Roberto das Neves, sobressai como uma ferramenta de luta. Os poemas são, ao mesmo tempo, forma de exposição do pensamento, marcador da agência do personagem e modo de registro da experiência pessoal e coletiva do seu tempo. Sua escrita, principalmente em versos, se inscreve como um apanhado dos fatos e acontecimentos com os quais o poeta se depara, como testemunha e ator social. Textos de feição o mais das vezes narrativo, seus poemas são como armas, que se voltam à denúncia, propaganda e à crítica, no enfrentamento ao capitalismo, ao estado, à burguesia, aos políticos, às religiões e às diversas formas de opressão e dominação vividas e testemunhadas. Yara Aun Khoury enfatiza que “*entre os muitos modos de se falar sobre a poesia anarquista um deles é acompanhar o caminho trilhado por Edgar Leuenroth*” em sua lida incansável por recolher e arquivar “*velhos e novos papéis*”. O velho militante desejava publicar em volumes esta imensa recolha e um dos volumes seria dedicado à poesia, para ele “*uma das modalidades do movimento social*”. Para Leuenroth “*O pensar faz os homens humanos, a leitura os torna completos, a história os converte em sábios e prudentes, a poesia em ‘espirituais’ e sensíveis*”. Assim é que vamos encontrar na imprensa de cariz anarquista os poemas de José Oiticica, Gigi Damiani, Neno Vasco, Souza Passos (ou Filipe Gil), Benjamin Mota, Angelo Lorge, Pedro Catallo, Domingos Braz, Avelino Foscolo, Oreste Ristori, Pietro Gori, Lírio de Rezende, Pedro Augusto Motta e tantos mais.<sup>36</sup> Ou como bem argumenta Angela Roberti sobre Arte e Política, arte e vida:

<sup>35</sup> FERREIRA, José Maria Carvalho. Roberto das Neves: um cidadão do Mundo. **Verve**, São Paulo, n. 24, 2013, p. 26. Os poemas aludidos na citação estão publicados, respectivamente, em: *A Comuna*, Porto, n. 71 (161), 20 de julho de 1924, p. 04; *A Comuna*, Porto, n. 92 (182), 14 de dezembro de 1924, p. 05; *A Comuna*, Porto, n. 103 (193), 01 de março de 1925, p. 04-05.

<sup>36</sup> KHOURY, Yara Aun. A Poesia Anarquista. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 8, n. 15, p. 215-247. Yara Khoury neste artigo, apresenta uma significativa amostra do acervo de Poesias recolhido por Edgar Leuenroth. Sobre a prosa e a poesia libertária ver, entre outros: PRADO, Antonio

(...) em uma só expressão, arte social, cujo objetivo precípua era despertar as consciências e fomentar o espírito rebelde e revolucionário a partir de um duplo movimento: denúncia à luta de classes e seus desdobramentos; e exaltação à revolução, à liberdade, à anarquia. Essa era uma arte crítica e revolucionária, portanto, que se dedicava a dar voz e vez às condições materiais de trabalho, de vida e da luta das classes trabalhadoras e oprimidas, assim como aos sentimentos, aos sonhos, às ideias e aos projetos que o próprio viver comportava (...)<sup>37</sup>

Participando em grupos anarquistas, das colaborações em jornais e na escrita de combate, o jovem estudante Roberto das Neves participa de ações diretas e articulações em solidariedade aos presos políticos, como quando se junta a outros companheiros em defesa da libertação de Nicola Sacco (1891-1927) e Bartolomeo Vanzetti (1888-1927), trabalhadores imigrantes anarquistas de origem italiana presos injustamente nos EUA e condenados à pena de morte na cadeira elétrica. Depois da sentença, desencadeiam-se ações solidárias em diversas partes do mundo, com o objetivo de denunciar a injustiça do caso e tentar anular o veredicto, como faz o jornal *A Comuna* em edição de agosto de 1926.<sup>38</sup>

Outras publicações de Roberto das Neves aparecem nesse meio tempo, como o poema *Maio em Flor*<sup>39</sup>, que sai em uma brochura, celebrando a primavera no Hemisfério Norte e o Primeiro de Maio, marco na memória da luta social dos trabalhadores. Em seguida, depois de enfrentadas muitas dificuldades, o intelectual militante apresenta sua tese de conclusão do curso na Universidade de Coimbra, intitulada *Os Temperamentos e suas Manifestações Gráficas*. No estudo, o autor realiza incursão no mundo da grafologia em suas relações com a psicologia.<sup>40</sup>

Em 1929, Roberto das Neves é novamente encarcerado, por sua atividade como editor do jornal *Igualdade* (1928-1929)., periódico acadêmico

---

Arnoni (org.). **Libertários no Brasil**: memória, lutas, cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986; KOCHER, Bernardo; LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Ouve meu grito**: antologia de poesia operária (1894-1923). Rio de Janeiro: Editora Marco Zero; Editora UFRJ, 1987; HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, Nem Patrão! Vida operária e cultura anarquista no Brasil**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1984; LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. **Anarquismo em verso e prosa**: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916). Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999, p. 92.

<sup>37</sup> MARTINS, Angela Maria Roberti. A rebeldia e a arte dos “malditos” anarquistas. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 24, p. 12-74, 2014.

<sup>38</sup> *A Comuna*, Porto, ano VII, n. 21, 08 de agosto de 1926, p. 03.

<sup>39</sup> NEVES, Roberto das. **Maio em Flor (versos)**. Coimbra: [s. n.], 1928.

<sup>40</sup> Roberto das Neves publicará o estudo por conta própria anos depois, como uma edição de autor: NEVES, Roberto das. **Os Temperamentos e suas Manifestações Gráficas (um problema de grafologia)**. Tese de Conclusão do Curso de Filosofia, Universidade de Coimbra, UC, Lisboa, Edição do Autor, 1941.

publicado em Coimbra, sob a direção de José de Almeida, tendo sido publicados dois números em 1928, quando é interrompida a edição e tem sua sede assaltada e empastelada pela Polícia de Informações. Roberto das Neves era o editor do jornal no período, tendo sido preso e levado à Lisboa. O jornal volta a aparecer em 1929, contando com a colaboração de José Garcia Ribeiro e outros.<sup>41</sup> Preso, Roberto das Neves é condenado discricionariamente e sentenciado à deportação para a África. Depois, a pena comuta-se para três meses de prisão em Lisboa, graças a um movimento de solidariedade organizado em seu favor.<sup>42</sup> No mesmo ano, inicia-se na maçonaria<sup>43</sup>, adotando o polêmico e simbólico nome “Satan”, e ingressa na Loja “Rebeldia” – filiada ao Grande Oriente Lusitano Unido –, perseguida no contexto autoritário dos anos 1920 pela ditadura e depois pelo Estado Novo salazarista. Membro da maçonaria em Portugal, Roberto das Neves se congregava com outros “pedreiros livres”, com os quais compartilhava ideais e uma ação comum, no sentido da luta por uma sociedade justa, igualitária e livre.

Nesse período, escreve *Aos Excelsos Aeronautas*, poema em homenagem a Sacadura Cabral e Gago Coutinho, pilotos portugueses que fazem a primeira travessia aérea no Atlântico Sul, entre as cidades de Lisboa e Rio de Janeiro, no ano de 1922. O fato exerce forte impressão no jovem poeta, que publica os versos num opúsculo em memória ao feito dos “*dois grandes vultos da epopeia moderna*”, sob o nome de Roberto Barreto Pedroso.<sup>44</sup>

Roberto das Neves é preso junto com outros anarquistas em 1931, numa barricada erguida na Faculdade de Medicina de Coimbra em solidariedade aos revoltosos da Ilha da Madeira e Açores, que se levantaram em armas durante um

<sup>41</sup> Informações colhidas em: RODRIGUES, Edgar. **Breve História das Lutas Sociais em Portugal**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1977; e NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, p. 04.

<sup>42</sup> Agradecemos ao jornalista Milton Lopes, que escreve sobre Roberto das Neves no Boletim *Emecê*, de modo a fornecer valiosas informações sobre o percurso do militante: LOPES, Milton. Roberto das Neves: Anarquista, Esperantista, Vegetariano e Maçom. **Emecê**, Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa, Rio de Janeiro, ano VII, n. 19, p. 01-02, 2011.

<sup>43</sup> Entre os estudos sobre o tema, constam: VENTURA, António. *As Sociedades Secretas e a Revolução*. In: COELHO, Alexandra Prado *et al.* **25 Olhares sobre a I República. Do Republicanismo ao 28 de maio**. Lisboa: Edições Público, 2010; MARQUES, A. H. de Oliveira. **Maçonaria em Portugal**. Lisboa: Biblioteca Museu República e Resistência, 1998; MARQUES, A. H. de Oliveira; DIAS, João José Alves. **História da Maçonaria em Portugal**. Lisboa: Editorial Presença, 1990; CATROGA, Fernando. *As lojas espanholas de obediência ao Grande Oriente Lusitano Unido e o Iberismo*. Separata do **Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra**, Coimbra, vol. VII, 1985; CATROGA, Fernando. *Maçães, liberais e republicanos em Coimbra (década de 70 do século XIX)*. Separata do **Arquivo Coimbrão**, Coimbra, vol. XXXI-XXXII, 1990.

<sup>44</sup> NEVES, Roberto das. **Aos excelsos aeronautas**: a Sacadura Cabral e Gago Coutinho (Versos). [S. l.]: Ceia: Montes Hermínios, 1929.

movimento que ficou conhecido como Revolta das Ilhas ou Revolta dos Deportados.<sup>45</sup> Ocorrida entre quatro de abril e seis de maio, a revolta foi organizada e protagonizada por deportados, entre militares e políticos opositores da Ditadura Nacional<sup>46</sup>, alcançando apoio popular, inicialmente na Ilha da Madeira e depois se alastra por algumas ilhas dos Açores e na Guiné Portuguesa (atual Guiné-Bissau). Roberto das Neves é baleado nesta ação e “*ferido gravemente a tiros pela Polícia Política, no assalto que esta e fôrças do Exército deram à Faculdade de Medicina em Lisboa, onde o poeta se encontrava então entrincheirado com grupos de estudantes*”, como anota em seu livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*. O militante Emídio Santana registra o episódio da greve estudantil em suas memórias, quando as organizações anarquistas prestaram seu apoio à luta dos estudantes e assinalando o clima de agitação entre os estudantes de Coimbra e a violência policial que se segue e “*terminou com numerosas prisões e agressões a estudantes, como aconteceu a Roberto das Neves que foi ferido a tiro pela polícia*”<sup>47</sup>, fato lembrado, anos depois, em *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*: “*foi abandonado, como morto, naquele local, chegando os jornais a noticiar, no dia seguinte, seu falecimento*”. Roberto das Neves é preso e levado a um hospital de Lisboa, para, em seguida, ser deportado. Sabendo disso, após o restabelecimento de sua saúde, o libertário português se lança num ousado estratagem para tentar escapar do desterro: ao se disfarçar de enfermeiro, consegue ludibriar a polícia, enganar a vigilância e se evadir do hospital, fugindo para a Espanha, onde, dias antes, havia sido proclamada a República.<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> *Revolta da Madeira*, conhecida também como “Revolta das Ilhas” ou “Revolta dos Deportados”, foi um levante militar em oposição à Ditadura Nacional (1926-1933), ocorrido na Ilha da Madeira entre 4 de abril e 2 de maio de 1931. Sobre o assunto, ver: MARQUES, A. H. de Oliveira. **História de Portugal**. Volume III. Lisboa: Palas Editora, 1986; FARINHA, Luís. **O Revirinho. Revoltas Republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo 1926-1940**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

<sup>46</sup> *Ditadura Nacional* é denominado o regime político vigente entre 1928 e 1933 em Portugal. Antecedida pela Ditadura Militar, que se estende de 1926 a 1928, a Ditadura Nacional é substituída pelo Estado Novo em 1933. Sobre o tema, ver: MARQUES, A. H. de Oliveira; SERRÃO, Joel (dir.). **Nova História de Portugal**. Vol. XII. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

<sup>47</sup> SANTANA, Emídio. **Memórias de um militante anarco-sindicalista**: tempos de luta, de adversidade e de esperança. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1987.

<sup>48</sup> As informações para recompor esta trajetória de Roberto das Neves foram colhidas em escritos do próprio autor, publicações da imprensa militante e cotejadas em estudos diversos; dentre eles: FERREIRA, José Maria Carvalho. Roberto das Neves: um cidadão do Mundo. **Verve**, São Paulo, n. 24, p. 13-49, 2013. Este artigo foi publicado também na revista *A Ideia*, sob o título “Roberto das Neves (1907-1981)”: **A Ideia**, Revista de Cultura Libertária, Évora, ano XLI, vol. 18, n. 75-76, p. 210-216, 2015; PAULO, Heloísa. **Biografias**: memória da emigração e do exílio. Disponível em: <https://sites.google.com/site/remigre2013/Biografias>. Acesso em: 05 de janeiro de 2018; VIANA, Allyson Bruno. **Anarquismo em Papel e Tinta**: Imprensa, Edição e Cultura Libertária (1945-1968).

## 2.2 A resistência dos anarquistas portugueses exilados na Espanha

Quando supliciam um homem, matem-no ou não, martirizam também (apesar de não prendê-los, embora os deixem desamparados e atônitos em sua casa violada) sua mulher, seus pais, seus filhos, aqueles com quem se relaciona. Quando arrebatam um militante [...] empurrando sua família para um exílio involuntário, rasgam o tempo, transmudam a história para esse ramo, para esse mínimo clã. Reorganizar-se no exílio não é, como se diz tantas vezes, começar a contar do zero, mas começar de menos quatro ou menos vinte ou menos cem.

*Primavera num espelho partido*, Mario Benedetti.<sup>49</sup>

Ao fugir do país, escapando à perseguição política em Portugal, Roberto das Neves se torna clandestino na Espanha. O país, que faz fronteira com Portugal e compartilha o território da Península Ibérica, nesse período é destino de muitos perseguidos políticos portugueses, opositores da ditadura, do Estado Novo e do salazarismo, entre intelectuais, militantes, operários, anarquistas, comunistas e políticos republicanos. Clandestinos e exilados, a maioria com a polícia no encalço, sob ameaças de morte e sofrendo com o clima persecutório, atravessam a raia para o lado espanhol empurrados pelas circunstâncias políticas, em busca de refúgio, a fim de preservar a integridade física e poupar a família e os amigos dos embaraços próprios da vida dos perseguidos, passando a viver de modo clandestino ou na semiclandestinamente, em lugar, o mais das vezes, estranho, com todas as agruras da migração forçada.

Com a chegada de refugiados e perseguidos dos regimes autoritários instalados na Europa no período entreguerras, notadamente vindos de Portugal, formam-se contingentes de exilados que partilham situação semelhante à de Roberto das Neves, como em França e na Espanha. Em certos casos, a comunidade de exilados em alguns países se compõe de mais de uma geração, considerando que algumas ditaduras se prolongam por décadas, como foi o caso da Espanha e de Portugal. Em seu estudo sobre o exílio de republicanos, anarquistas e comunistas portugueses entre os anos de 1927 e 1936, Ana Cristina Clímaco anota que o exílio político português acontece em mais de um momento, inicialmente na

---

Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014; RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros 5**. Florianópolis: Editora Insular, 1998.

<sup>49</sup> BENEDETTI, Mario. **Primavera num espelho partido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 93.



França, depois na Espanha republicana, posteriormente no Brasil. De acordo com a autora:

A revolta de Fevereiro de 1927 marca o início de um longo movimento de exílio ao qual só a revolução de 25 de abril de 1974 porá termo. A elite política afastada do poder pelo 28 de Maio exila-se, num primeiro momento, em França, dando lugar ao “período francês” que decorre até 1931. A actividade dos exilados é então dominada pela preparação do movimento militar, a revolução, que poria termo à ditadura e restauraria a República. Porém, as clivagens ideológicas e de projecto político entre o republicanismo liberal e democrático condicionam o sucesso da oposição e da frente comum republicana contra a ditadura, que os exilados procuram incessantemente promover.

O núcleo francês esvazia-se com a implantação da II República espanhola, em Abril de 1931, abrindo-se uma nova fase no exílio político português, cujo assento geográfico é doravante a Espanha republicana.<sup>50</sup>

Cristina Clímaco registra diferentes levas de exilados no exílio português entre os anos 1920 e 1930. Em um primeiro momento, na segunda metade da década de 1920, esses sujeitos são em sua maioria republicanos opositores da ditadura, sobretudo políticos, escritores e intelectuais, que buscam a França, principalmente Paris, como destino de exílio, depois indo parar na Espanha, como o grupo dos Budas<sup>51</sup>, composto de opositores portugueses ao regime ditatorial instalado a partir do golpe ocorrido em Portugal em 28 de Maio de 1926, que inicialmente se instala mais ao norte do país, em Madri. Nos anos 1930, a partir da proclamação da Segunda República Espanhola, deslocam-se levas de militantes anarquistas, principalmente em direção à Espanha, parte deles para Madri. No mesmo período, exilam-se os comunistas, muitos deles filiados ao Partido Comunista Português (PCP), que vão para França, Espanha e Brasil; este último, para vários dos exilados, um segundo destino de exílio além-mar. Roberto das Neves faz parte dessa leva de anarquistas portugueses que, a partir de 1931, segue para a Espanha e participa da resistência junto aos exilados naquele país. Sobre o exílio em Espanha, Cristina Clímaco acrescenta que:

A raia transforma-se num espaço privilegiado de conspiração revolucionária e de refluxo dos implicados nas revoltas republicanas de Abril e Agosto de 1931 ou nos preparativos insurreccionais abortados pela polícia. Com o

<sup>50</sup> CLÍMACO, Cristina. **Republicanos, anarquistas e comunistas no exílio (1927-1936)**. Lisboa: Edições Colibri, 2017, quarta capa do livro. Sobre o exílio anarquista, ver especialmente o intervalo entre as páginas 279 e 319. Conferir a tese de doutorado da mesma autora: PEREIRA, Ana Cristina Clímaco. **L'exil politique portugais en France et en Espagne, 1927-1940**. Tese (Doutorado em Sociedades Ocidentais) – Université Paris 7 (Denis Diderot), Paris, 1998.

<sup>51</sup> Fazem parte do Grupo dos Budas, entre outros: Jaime Alberto de Castro Moraes (1882-1973), Alberto Moura Pinto (1883-1960) e Jaime Zuzarte Cortesão (1884-1960).

reacender da luta sindical, no início dos anos 30, anarquistas e alguns comunistas refugiam-se igualmente em Espanha. A prioridade da corrente republicana continuará a ser dada desesperadamente à revolução, mas a capacidade de mobilização é cada vez mais reduzida, nomeadamente no seio das Forças Armadas. Por sua vez, os anarquistas procuram ser um instrumento de apoio ao movimento clandestino em Portugal e o seu porta-voz no exterior, enquanto que o reduzido núcleo comunista tenta implantar-se no seio da emigração económica portuguesa. Cenário que só sofrerá alterações com o desencadear da Guerra de Espanha, em Julho de 1936.<sup>52</sup>

Roberto das Neves acompanha a movimentação dos refugiados e exilados anarquistas em direção ao território espanhol no contexto, acabando por se refugiar em Madri. Depois de instalado na cidade, junta-se aos militantes organizados na Federação dos Anarquistas Portugueses Exilados (FAPE), um dos grupos de exilados que se forma em território espanhol. Na clandestinidade, colabora ativamente junto à Federação ajudando a organizar ações de solidariedade aos exilados; de denúncia ao martírio dos presos políticos; de combater a censura que campeia nos calcanhares da imprensa e das editoras independentes; de protestos contra o autoritarismo; e escrevendo e participando junto ao grupo editor do jornal *Rebelião* (1932-1936), órgão da Federação.<sup>53</sup> No *Rebelião*, escreve “Entre a Cruz e a Espada”, artigo em que denuncia as práticas de violência e os métodos de tortura empregados pela polícia sob a ditadura em Portugal, narrando os suplícios aos presos, como na prisão do Aljube (conhecida como a “Bastilha portuguesa”) e na sede da Polícia de Informação, o chamado “*antro da Rua da Leva da Morte*”. O artigo de Roberto das Neves elucida passagens de relevo sobre a ação da ditadura portuguesa e sua “*teia compacta de espionagem*” e terror com capilaridade em todo o país. Desde a corrupção do aparelho policial aos métodos de torturas – insultos, espancamentos, choques elétricos –, o autor relata os suplícios infligidos e a degradação humana a que são submetidos os prisioneiros:

SANGUE!

(...) o mais negro aspecto da ditadura militar portuguesa é, sem dúvida, o que a polícia nos oferece. Uma teia compacta de espionagem, constituída por alguns milhares de homens e mulheres, que absorvem ao erário milhões de escudos mensais, está organizada de norte a sul do país, sob a chefia de um desclassificado moral, o Capitão Paço, famigerado autor de vários desfalques, contos-do-vigário e assassinatos. Os métodos

<sup>52</sup> CLÍMACO, Cristina. **Republicanos, anarquistas e comunistas no exílio (1927-1936)**. Lisboa: Edições Colibri, 2017, quarta capa do livro.

<sup>53</sup> NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, p. 05; PAULO, Heloísa. **Biografias: memória da emigração e do exílio**. Disponível em: <https://sites.google.com/site/remigre2013/Biografias>. Acesso em: 05 de janeiro de 2018.

empregados pela Polícia de Informação para dominar pelo terror os ímpetos de rebeldia popular vão da prisão pura e simples até o assassinato (mascarado pelo eufemismo de *suicídio*), passando pela multa, pelo sequestro e deportação. De todas as partes do país os presos políticos são conduzidos a Lisboa, onde dão entrada no Aljube (Bastilha portuguesa) depois de passarem pela Polícia de Informação. Aqui, num compartimento interior, térreo, em gíria policial conhecido por “Casa das Ratas”, os presos são submetidos às mais cruéis torturas morais e corporais – insultos, espancamentos, etc. – para os forçarem a declarar o que à polícia convém. O mais comum dos suplícios usados naquele tenebroso antro da Rua da Leva da Morte é o das algemas. Estas, freqüentemente ligadas à corrente elétrica, são fixadas a altura suficiente para manter o desgraçado de pé. Nesta dolorosa posição e algumas vezes despidos, em pleno inverno, são os presos interrogados, entre golpes de cavalo-marinho e espadeiradas. Nos últimos tempos, a polícia criou um novo género de tortura: o “capacete elétrico”, que a polícia aplica à cabeça dos mais corajosos. É irresistível: o preso tem que terminar por dizer *sim* a tudo quanto os seus algozes pretendam.<sup>54</sup>

O expediente da polícia é inominável e o rol de crueldades nos chega via depoimentos e relatos dos sobreviventes, parte deles divulgado na imprensa, nos livros e noutros registros produzidos no contexto. O suplício dos presos políticos repercute na imprensa libertária e oposicionista como um todo, figurando como testemunho da história da repressão enfrentada pelos antiautoritários e antifascistas no período. O jornal *Rebelião* e outras folhas antifascistas se nutrem principalmente dessa matéria, quando se inscrevem na luta social como uma ferramenta para alterar a ordem vigente. As denúncias nos dão a conhecer as ações da Polícia de Informações e da rede de repressão acionada pelo estado e cevada pelas verbas públicas em seu método de perseguição política durante o Estado Novo. Embora corriqueiras, conhecidas publicamente e praticadas, muitas vezes, de modo oficial e segundo às leis instituídas pelo regime, os dispositivos da repressão são negados pela ditadura, a qual tenta desqualificar as denúncias dos presos, dos militantes e órgãos da imprensa ao prender seus autores, ao censurar as folhas, ao confiscar publicações e ao empastelar sedes dos jornais.<sup>55</sup> Diante da negação do Ministro do Interior acerca das denúncias veiculadas na imprensa, repercutindo em diversos setores da sociedade portuguesa e na comunidade internacional, Roberto das Neves, no exílio em Espanha registra nominalmente vários presos e os suplícios nas mãos da polícia política.

<sup>54</sup> NEVES, Roberto das. “Sangue!” In: *Rebelião*, Madri, ano I, n. 02, 15 de abril de 1932, p. 03.

<sup>55</sup> Sobre a ditadura de Salazar e a polícia política, ver, entre outros: ROSAS, Fernando. **O Estado Novo (1926-1974)**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994; ROSAS, Fernando *et al* (org.). **Salazar e o Salazarismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

O texto seguinte é, segundo nosso Autor, um compilado dentre “*uma enorme lista em poder do historiador Rocha Martins*” – Fernando Antunes Alves, operário, Paulo Caldeira, empregado público, José Alcântara, vendedor ambulante, António Arsénio, funcionário público, António Godinho, oficial-de-justiça, o estudante de Letras Alvaro Marinha de Campos, Heliodoro Caldeira, estudante de Direito, José Lopes, Ribeiro, José de Almeida, Pedro Baptista, proprietário do “Café do Coliseu”, Manuel Ribeiro, padeiro, João Antunes Ribeiro, comerciante, Alvaro Silva, caixeiro, Manuel Picado, Manuel Mota e Adelino Magalhães, João Duarte Costa, funcionário público, Pires Marques, Martinho Piloto, farmacêutico, Carlos Abreu, Francisco Garcia, Joaquim Costa, Raúl Martinho, Sezinando Ponce, Armando Castanheira, Ricardo Lopes, José Francisco, Raúl Delgado... Impressiona o leitor quanto às sevícias e maus-tratos inflingidos aos presos políticos e nos dá a conhecer também os intrincados modos de denúncia dos crimes do Estado português, recorrendo aos Manifestos clandestinos e à veiculação dos fatos da tortura por meio da imprensa estrangeira. A lista é longa e longo terá sido o tempo e as formas da tortura. Espaldeiramento, queimadura, fome e frio, choque elétrico, unha arrancada, surra... é vasto o rol de suplícios e tenazes as formas de humilhação impostas aos presos: nus, em pequenos cubículos habitados por insetos pestilentos e entre as próprias fezes. Há de impressionar sempre também os objetos utilizados na tortura e a determinação em especializar formas cada vez mais brutais de sua aplicação, levando à depauperação física e mental do indivíduo, provocando casos de suicídio. Entretanto, é preciso anotar que a morte provocada nas sessões de tortura, terá levado a polícia política a declarar “suicidas” em vários casos; como aqui se relata sobre um preso “*encontrado enforcado num cinto que não era o seu!*”:

Em nota-oficiosa, o ministro do Interior, “Cabo Mateus”, permitiu-se ha dias mais uma desvergonha: a de negar nos órgãos da ditadura as acusações feitas á sua polícia sobre maus tratos a presos.

Cumpre-nos por isso provar as acusações que tantas vezes fizemos em manifestos clandestinos e em correspondencias para jornais estrangeiros. Basta para tal apontar meia dúzia de nomes, de entre os de tantas centenas de torturados por aquela Polícia. Aí vão alguns ao acaso, colhidos dentre uma enorme lista em poder do historiador Rocha Martins:

Fernando Antunes Alves, operário, ferido gravemente pela polícia à espadeirada e em seguida deportado; Paulo Caldeira, empregado público, mantido algemado e nú, num compartimento subterrâneo, escuro e húmido, durante 8 horas, foi barbaramente zurzido com tiras de cautchu e supliciado com instrumentos elétricos, com os quais lhe queimaram os pulsos, as palmas das mãos, as sobranceiras e o bigode; arrancaram-lhe as unhas dos pés com pesadas marteladas, e, suspenso numa trave, pucharam-no

repetidas vezes, causando-lhe uma hérnia; José Alcântara, vendedor ambulante, espancado a cavalo-marinho, feito sentar na cadeira elétrica e dependurado nas algemas, retalharam-lhe a pele e deportaram-no a seguir para as Colónias; António Arsénio, funcionário público, foi tão violentamente supliciado que enlouqueceu, por duas vezes, tentando, no cárcere, suicidar-se; António Godinho, oficial-de-justiça, de Poiares, enlouqueceu em consequência das torturas sofridas, suicidando-se (\*) na esquadra-de-polícia do Caminho Novo; o estudante de Letras, Alvaro Marinha de Campos, depois de um espancamento que durou cinco horas, em plena escuridão teve que ser trasladado para o hospital, expectorando sangue, com graves lesões pulmonares; Heliodoro Caldeira, estudante de Direito, filho de Paulo Caldeira, atrás mencionado, esteve condenado durante três dias a abstinência completa de alimentos; o autor destas linhas, ao tempo estudante em Coimbra, esteve encerrado durante oito dias num calabouço daquela cidade, estreito e escuro, onde nem sequer o colchão cabia, onde para ver era necessário acender-se uma vela e cuja parede ressumava constantemente um líquido viscoso e pestilento de fezes de um cano de esgoto contíguo daquele sinistro *in-pace* saindo a [...] [Illegível] Ribeiro e José de Almeida foram condenados a dormir 40 dias, em pleno inverno, no chão numa estreita e húmida enxovia, sem mantas nem qualquer espécie de agasalho; José Lopes, algemado e espancado; Pedro Baptista, proprietário do “Café do Coliseu”, barbaramente agredido; Manuel Ribeiro, padeiro, preso com sua esposa, sofreram ambos graves torturas; João Antunes Ribeiro, comerciante, ferido pelos mesmos processos; Alvaro Silva, caixeiro, dependurado durante dez minutos de cabeça para baixo, e neste posição zurzido; Manuel Picado, Manuel Mota e Adelino Magalhães, polícias, espancados a cavalo-marinho e supliciados eléctricamente; João Duarte Costa, funcionário público, e Pires Marques, proprietário, ambos sexagenários, espancados impiedosamente; Martinho Piloto, farmacêutico, algemado e torturado; Carlos Abreu, Francisco Garcia, Joaquim Costa, Raúl Martinho, Sezinando Ponce, Armando Castanheira, Ricardo Lopes, José Francisco, Raúl Delgado e tantos, tantos outros, sofreram idênticos suplícios. Este último inclusive foi golpeado a canivete enquanto o mantinham algemado.

(\*). Foi encontrado enforcado num cinto que não era o seu.<sup>56</sup>

Como se vê neste documento, nem mesmo a própria polícia escapa à sanha repressiva dos agentes da Polícia de Informações do Estado Novo, uma vez que, entre os nomes dos presos levantados, há dois policiais. A lista de barbaridades e sevícias praticadas pelos agentes do salazarismo é assustadora, com elementos e métodos que serão repetidos em outras ditaduras da Europa e da América do Sul. Na denúncia, o autor, que assina com as iniciais R. N. (evidentemente por receio de represálias, visto que é clandestino), desmente a ditadura de várias maneiras, relatando fatos correntes e de repercussão pública dado que atingiram figuras de relevo em seu meio, como Rocha Martins, dando prova incontestável sobre os atos repressivos:

---

<sup>56</sup> NEVES, Roberto das. *In: Rebelião*, Madri, ano I, n. 02, 15 de abril de 1932, p. 03.

De tudo isto o Governo tem pleno conhecimento. Quando Germinal de Sousa, filho de Manuel Joaquim de Sousa, foi vítima das aludidas torturas, o escritor e jornalista monárquico, Rocha Martins, padrinho da vítima, ao ter conhecimento do facto apresentou-se a protestar, indignadamente, junto dos ministros e incluso de Carmona, aos quais apresentou depois o afilhado, que pôde mostrar-lhes as cicatrizes ainda vivas e relatar-lhes o sucedido. Aquelas autoridades prometeram providenciar, mas as providencias sofreu-as apenas o protestante: Rocha Martins foi preso e só saiu em liberdade, a instância de várias individualidades marcantes da política monárquica e da Igreja.<sup>57</sup>

O documento-denúncia além de nomear os/as atingidos pelo tacão da repressão e a barbárie da tortura, também corajosamente traz os nomes dos torturadores e carrascos, acusados por seus crimes e em tom de escracho nomeia os agentes com suas sugestivas alcunhas – “O Paço da Micas”, o “Carocho”, o “Alvaro da Facada”, o “Marujinho”, o “Malhado”, o “João do Porto” e o “Simões Trapalhão” –, como são conhecidos no sub-mundo da polícia política:

Nas tarefas das torturas aos presos têm-se notabilizado os seguintes agentes: Francisco Paço, “O Paço da Micas”, José Ferreira, o “Carocho”, Alvaro Duarte Costa, o “Alvaro da Facada”, assassino do Visconde da Ribeira Brava, Rafael Martins, o “Marujinho” (que, mais tarde, roído pelo remorso, segundo uns, se suicidou, e segundo outros foi *suicidado* pelos seus co-algozes de Polícia, Serafim Julião, que fugiu para Paris com o produto de um desfalque na Polícia, José Manuel, “o “Malhado”, o “João do Porto” e o “Simões Trapalhão”, caixeiro viajante duma casa alemã.<sup>58</sup>

Roberto das Neves chama atenção para as terríveis experiências dos presos com “O Desterro e o Cárcere”, assinalando a deportação, inclusive de pessoas com setenta anos e mais e em condições precárias de saúde, para “*os mais insalubres locais de África*” e ressaltando as condições deploráveis, os maus tratos e sofrimentos, a comida estragada, a disciplina férrea, as celas de tamanho exíguo, conduzindo a uma rotina promíscua e ao castigo mortificante da solitária. Era este o roteiro macabro enfrentado pelos presos políticos portugueses durante o Estado Novo, a exemplo do que se passou no “*cárcere político*” do Aljube, a “*Bastilha Portuguesa*”. Por fim, e não menos relevante, a escrita-denúncia de Roberto das Neves traz três acutilantes indagações à “*consciência universal*”, aos “*intelectuais*” e à “*Sociedade das Nações*”:

Depois da tentativa revolucionária de fevereiro de 1927, algumas dezenas de revolucionários presos foram fusilados no quartel de artilharia 3. Para os mais insalubres locais de África teem chegado a ser deportados doentes e

<sup>57</sup> NEVES, Roberto das. In: *Rebelião*, Madri, ano I, n. 02, 15 de abril de 1932, p. 03.

<sup>58</sup> *Ibidem*.

velhos de setenta anos e mais (como Bernardo Lopes e outros, que teem transportado em maca, do hospital para bordo).

No Aljube (cárcere político), os presos estão submetidos às mais terríveis e desumanas condições prisionais. Em cada salão, com uma capacidade de 15 metros de comprimento por cinco de largo, fazem viver, na mais suja promiscuidade, cerca de quarenta presos. Estes são obrigados a ingerir uma alimentação constituída por feijões furados, batatas podres e peixe do guano. A noite é distribuída, em vez de café, uma intragável beberagem feita de pó de cacau dissolvido em água salgada. Os presos, sujeitos à mais férrea disciplina, são, pelo motivo mais banal, metidos no “segredo”.

Eis, resumidamente, a situação do Portugal que geme sob as patas fascistas dos militarões!

A consciência universal não vibrará em indignado protesto, ante tamanhos factos?

Onde estão os intelectuais que lançaram anátemas contra o *inferno russo*, onde morriam de fome milhares de crianças?

Que faz a democrática Sociedade das Nações, ante este viver angustioso e indigno de um povo civilizado?

R. N.<sup>59</sup>

Na mesma edição do jornal em que publica o artigo-denúncia, Roberto das Neves assina um poema, uma ode à Liberdade, recorrendo ao mito prometeico e grafada em maiúscula, como as outras palavras em destaque nos versos: Vida, Sonho, Ideal, Mãe, Natureza, Deusa, Sol. O poeta canta em seus versos o grande sonho anarquista da liberdade humana, estendendo-o aos animais e à natureza como um todo, associando a liberdade a uma deusa, ao sol, ao porvir, a um instinto. Para o anarquista português, liberdade é a “*Suprema aspiração da Natureza*”:

Liberdade! És a Vida, o Sonho, o Ideal [Anarquista]

Vives na luz, no som, no ar que se respira  
Cantam-Te no Infinito as asas do condor  
e eu ando-Te a adorar no som da minha lira  
Tudo anseia por Ti, tudo por ti suspira:  
o meu alado irmão no azul, o sonhador,  
o lião na selva, o mar, tudo, excepto a [Mente]  
que essa não pode olhar teu rútilo fulgor.

Suprema aspiração da Natureza, instinto,  
Ó Liberdade, és Mãe, és Deusa! Ó Sol. [ilegível]  
que em breve irás raiar por sôbre um [mundo novo?]

Sonho, Ideal, serás, em breve, realidade.  
Não demores! Depressa, ó bela, ó Liberdade,  
– que quer noivar contigo o Prometeu: o P[roletário; ilegível].<sup>60</sup>

O jornal *Rebelião* é feito por anarquistas portugueses perseguidos pelos regimes autoritários dos anos turbulentos que antecedem a ditadura em Portugal e o

<sup>59</sup> NEVES, Roberto das. In: *Rebelião*, Madri, ano I, n. 02, 15 de abril de 1932, p. 03.

<sup>60</sup> NEVES, Roberto das. “Liberdade! És a Vida, o Sonho, o Ideal”. In: *Rebelião*, Madri, ano I, n. 02, 15 de abril de 1932, p. 03.

Estado Novo salazarista. Embora distribuído gratuitamente, o periódico informa em seu cabeçalho custar um “preço voluntário”, convidando à contribuição do leitor para a auto-sustentação da folha, realizada pelos recursos dos seus editores e pela livre doação do público leitor. O jornal encima seu cabeçalho com um dístico, como uma divisa “Contra a ditadura – FAI – Pelo comunismo libertário”, explicitando a aderência dos membros da FAPE à Federação Anarquista Ibérica (reafirmada em outros momentos ao longo das edições), organização que opera como “braço” revolucionário radicalizado da Confederação Nacional do Trabalho (CNT) atuante na Península Ibérica, de modo a congregar em suas fileiras militantes anarquistas espanhóis, portugueses e de outros países.

Como subtítulo, nas primeiras edições aparece gravado em caixa alta “PÁGINAS DO EXÍLIO”. Ao lado esquerdo, na parte superior do cabeçalho, também em maiúscula, uma sentença quer sintetizar a missão do jornal: “‘REBELIÃO’ TEM UMA ASPIRAÇÃO SUPREMA, SER O FULCRO E O PORTA-VOZ DUM MOVIMENTO POPULAR CONTRA A DITADURA E PELA LIBERDADE”. Do lado oposto, uma frase de um dos maiores expoentes do anarquismo, o russo Mikhail Bakunin: “A HISTÓRIA UNIVERSAL É A HISTÓRIA DA LUTA ENTRE ESTES DOIS PRINCÍPIOS ANTAGÔNICOS: AUTORIDADE E LIBERDADE”. Como se pode ver no recorte abaixo, por detrás do título figura a imagem de um centauro, ser da mitologia grega com corpo parte homem, parte cavalo. Na representação, em performance de cavalgada, a criatura empunha um arco e dispara uma flecha em direção ao sol, representado no quadrante superior à direita, com traços e um círculo ao fundo da imagem. Ressalta-se que a seta lançada está posicionada sobre o astro. As figuras e alegorias mitológicas são comuns no periodismo anarquista, como o Prometeu acorrentado no Cáucaso (na maioria das imagens quebrando as correntes), representando a luta do proletariado.

Figura 5 – Cabeçalho do jornal *Rebelião*, n. 02, 15 de abril de 1932.



Fonte: Arquivo Histórico-Social (AHS), Projecto MOSCA, Évora.



O jornal *Rebelião* é fruto da artesanaria daqueles tempos da máquina de escrever, da folha datilografada, da reprodução folha a folha policopiada, mimeografada. Pode-se imaginar o esforço (mas também a partilha) do grupo editor, dos redatores, responsáveis por planejar, escrever, revisar, diagramar, copiar, separar as folhas, organizar e distribuir o periódico ao público leitor. E tudo feito na clandestinidade. Em tempos tão sombrios, os jornais, os panfletos, os impressos de modo geral, são alvo de forte repressão, pois o poder bem sabe a força das ideias e sua difusão por meio dos jornais que se multiplicam em cada exemplar, alcançando os círculos de afinidade. Como no período, está cerceada a liberdade de transportar jornais de protesto pelas ruas, seja uma edição debaixo do braço, seja um pacote de periódicos nas mãos e não é seguro divulgar o jornal em qualquer local, exige-se do periodismo o cuidado redobrado, para não cair nas mãos da polícia, tendo já no confisco a “prisão” do jornal e em seguida a caçada aos “jornalistas da classe”.

As notas informativas publicadas ao longo dos quatro anos em que o periódico *Rebelião* circulou nos ajudam também a compor um quanto da história e do fazer-se deste tipo de impresso, visceralmente implicado na luta antifascista. E assim vamos sabendo um quanto da rotina de fazer um jornal em meio às dificuldades materiais acrescidas pelo alerta constante do drible à censura, aos episódios de repressão; e aos vexames enfrentados para manter o jornal junto ao seu público leitor. Numa dessas notas, publicada como advertência aos leitores, os editores chamam a atenção à repressão que se abate sobre as folhas antifascistas na Espanha. Imaginemos como terá repercutido sobre o grupo editor/redator encontrar a sede do jornal revirada e levadas pela ação truculenta da polícia as máquinas de escrever e de policópias. Mas o que salva o vivente em luta é saber que a luta não pode esmorecer e o jornal segue, tendo sua factura trasladada à França, implicando novos formatos, novas tarefas de distribuição, custos de correios...

A impossibilidade de prosseguir publicando REBELIÃO dactilografado, levou-nos a fazer um novo esforço e publicá-lo impresso. E isto por terem sido apreendidas pela polícia as máquinas de escrever e multicopista aonde o fazíamos. Além disso, a necessidade de regular a saída do nosso jornal, levou-nos a transferir a sua factura para França, a cargo de um dos grupos ali residentes e aonde existem maiores possibilidades que na Península. As

despesas aumentam um pouco mais, devido ao correio que é muito mais caro e esperamos que todos nos ajudem como é devido.<sup>61</sup>

Essas notas, comuns na imprensa militante anarquista de vários países, funcionam como espécie de registro público do expediente do jornal em seu processo de elaboração, como também uma estratégia do grupo editor, de interlocução e apoio do público leitor, esclarecendo as mudanças, as alterações e os revezes que marcam a trajetória da imprensa anarquista, bem como a imprensa operária, revolucionária e antifascista de modo geral. Como elemento destacado dessa tipologia documental, as notas da redação ou dos editores possibilitam colher informações relevantes para a compreensão da imprensa libertária e do periodismo militante, por fornecer detalhes sobre a ação do grupo editor, seu modelo organizativo e o processo de elaboração dos jornais dessa extração. Em outra nota, escrita “Para os leitores”, os editores ressaltam a distribuição gratuita do *Rebelião*, fruto do esforço coletivo – “*pelo esforço de umas dezenas de camaradas*” –; e apelam ao apoio “*material*” e “*moral*”, o que significa que um jornal é, a um só tempo, um meio de propaganda das ideias e um aglutinador donde se recolhem contribuições aos Comitês Pró-Presos Sociais, aos camaradas no exílio, e organizações como a CGT e a FARP, Federação Anarquista Regional Portuguesa, entre outras ações de ajuda mútua:

REBELIÃO distribue-se gratuitamente. Jornal de propaganda anarquista, feito com o esforço de umas dezenas de camaradas, destina-se sobretudo a combater a tirania imperante em Portugal.

Agora bem. Todos os que nos leem podem prestar a sua ajuda á nossa obra contribuindo da maneira que lhes convenha, moral e materialmente, para o fim comum. Auxiliando a CGT ou a FARP, a imprensa clandestina libertária, contribuindo para os presos e perseguidos, etc., tudo isso representa um auxílio ao nosso jornal.

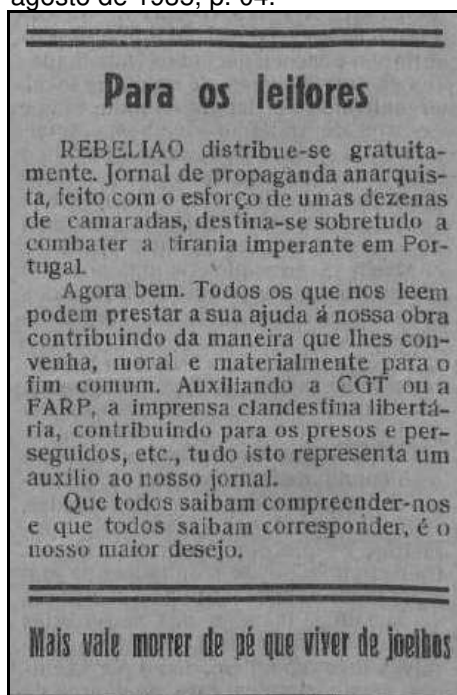
Que todos saibam compreender-nos e que todos saibam corresponder, é o nosso maior desejo.<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> *Rebelião*, Paris, Época 2, ano IV, n. 02, agosto de 1935, p. 02.

<sup>62</sup> *Rebelião*, Paris, Época 2, ano IV, n. 02, agosto de 1935, p. 04.

Figura 6 – Recorte de *Rebelião*, n. 02, agosto de 1935, p. 04.



Fonte: Arquivo Histórico-Social (AHS), Projecto MOSCA, Évora.

Repercutindo novamente a repressão na sede do jornal em Madri, em outra nota, destacada com o título “IMPORTANTE”, os editores informam “*a todos os camaradas que nos escreviam para o nosso apartado em Madrid, devem abster-se da fazê-lo. A ‘Tierra y Libertad’, de Barcelona ou ‘A Plebe’, de S. Paulo, deve ser pedido o novo endereço.*”<sup>63</sup> A repressão bate à porta dos exilados portugueses, quando enfrentam a perseguição também da Segunda República Espanhola, além da ditadura salazarista que os bane de casa. Importante anotar os periódicos com os quais se relacionam e que distribuem os anarquistas portugueses exilados em Madri, nominalmente a revista *Tierra y Libertad*, da Federação Anarquista Ibérica, e o jornal *A Plebe*, de São Paulo, uma das mais destacadas e longevas folhas anarquistas no Brasil, com destaque ao papel aglutinador de Edgard Leuenroth, entre outros valorosos militantes anarquistas.

A Federação Anarquista dos Portugueses Exilados (FAPE) é formada por um grupo de exilados portugueses que chega à Madri no início dos anos 1930, quando a repressão se torna sistemática em Portugal.<sup>64</sup> O grupo se organiza e forma

<sup>63</sup> *Rebelião*, Paris, Época 2, ano IV, n. 02, agosto de 1935, p. 02.

<sup>64</sup> Existem autores que afirmam que a FAPE foi fundada na França, em 1930, com importante participação do militante anarquista Marques da Costa. Esse é o caso de Carlos Fontes, em seu livro: FONTES, Carlos. **Anarquismo em Portugal (1796-2021)**. Lisboa: Edição do Autor, 2022, p. 121.

a estrutura da Federação, passando a publicar seu jornal e atuar junto aos exilados, na Espanha como em Portugal, de modo a manter relações com as organizações anarquistas, agremiações sindicalistas e grupos libertários nos dois países, como é o caso da C. G. T. Portuguesa, da Aliança Libertária de Lisboa e da União Anarquista Portuguesa (UAP). A FAPE também estabelece relações com grupos anarquistas, organizações sindicalistas e agremiações antifascistas em outros países. É o caso da Confederação Geral do Trabalho Sindicalista Revolucionária (a CGT Francesa) e a Liga dos Direitos do Homem, em sua Secção Portuguesa, com sede em Paris, sob a presidência de António Sérgio<sup>65</sup>, refugiado político, antifascista e intelectual português exilado na França naquele momento.

Desde sua formação, a FAPE mantém na Espanha dois comitês responsáveis por decidir e encaminhar os trabalhos da Federação. Um deles funciona na capital Madri, o outro é sediado em Barcelona. Antes mesmo da implantação da Segunda República em Espanha, depois da fuga de Afonso XII, o comitê de Barcelona participa das ações diretas no conturbado período de efervescência republicana. Os membros da FAPE comparecem a congressos, reuniões e outras atividades promovidas pela Confederação Nacional do Trabalho (CNT) e pela Federação Anarquista Ibérica (FAI), tomando a palavra nas assembleias e debates, de maneira a colaborar com seus esforços nas ações pela organização operária. A FAPE esteve representada por membros dos seus dois comitês nos Congressos da CNT e da FAI ocorridos em junho de 1931 na capital espanhola.<sup>66</sup> A Federação é um grupo específico de anarquistas, que, na condição de clandestinos e exilados, atua politicamente, promovendo ações de informação, propaganda e denúncia, além de campanhas pela libertação dos presos políticos, pelo retorno dos desterrados, contra as extradições e pelo fim das deportações de camaradas presos e exilados; nesse sentido, a agenda da FAPE é condizente com sua filiação anarquista. Seus membros são aderentes à FAI, o núcleo revolucionário radical da CNT, que é, ao mesmo tempo, organização específica anarquista e, de

---

<sup>65</sup> **António Sérgio de Sousa Júnior** (Damão (Índia Portuguesa), 1883 – Lisboa, 1969) pedagogo, historiador, filósofo, político e antifascista português. Foi perseguido nos anos 1920 em Portugal, sendo forçado a sair do país com o fim da Primeira República. Exila-se na França, residindo em Paris de 1926 até 1933. É extenso o rol de seus escritos; tendo os tomos de suas Obras Completas publicadas em Lisboa, pela Livraria Sá da Costa. Sobre António Sérgio, ver, entre vários: PRÍNCIPE, João. **Quatro Novos estudos sobre António Sérgio**. Lisboa: Caleidoscópio, 2012; SÁ, Vítor de. **A Historiografia Sociológica de António Sérgio**. Lisboa: ICALP, 1979; CATROGA, Fernando. Dialogar com António Sérgio. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, vol. 1, n. 5, p. 07-19, 1983.

<sup>66</sup> *Rebelião*, Madri, ano I, n. 02, 15 de abril de 1932, p. 02.

modo mais restrito, braço armado da Confederação. Fundada em 1927, a Federação Anarquista Ibérica alcança centenas de membros no começo dos anos 1930, conduzindo muitas das ações diretas e atividades arriscadas encampadas pelos anarquistas espanhóis.

A FAPE publica parte de seus estatutos no periódico *Rebelião*, esclarecendo sua função, objetivo e finalidade; na Nota “Objectivos e Fins da FAPE”, os membros da agremiação e do grupo editor do jornal situam, em quatro pontos, as finalidades da Federação em sua luta antifascista: combate à ditadura em Portugal, denúncia internacional dos crimes da ditadura, articulação e relações entre os militantes perseguidos e exilados, ativar os elos com a opinião pública em escala internacional, angariar fundos aos Comitês pró-presos políticos e de auxílio à imprensa clandestina:

1.º Estabelecer e apertar relações entre todos os anarquistas e simpatizantes, perseguidos e exilados, incluindo aqueles que se encontram deportados nas colónias, permutando entre todos informes do que se passa em Portugal e juntando num esforço único todos os esforços dispersos contra a ditadura, sempre orientados no claro sentido ideológico, social e revolucionário das nossas idéias.

2.º Combater por todos os meios a ditadura portuguesa, prestando o máximo auxílio aos nossos organismos, Federação Anarquista da Região Portuguesa e Confederação Geral do Trabalho e buscando o auxílio do movimento libertário ibérico, C. N. T. e F. A. I., e de todas as dos outros países afins.

3.º Activar coordenadamente no exterior a campanha contra a ditadura, divulgando nos jornais estrangeiros os seus crimes e as terríveis circunstâncias em que em Portugal, tanto moral como economicamente e buscando interessar a opinião pública internacional pelo que passa em Portugal. Procurar introduzir no país propaganda revolucionária intensificando as nossas idéias e esclarecendo o labor dissolvente dos grupos pseudo-revolucionários. E também auxiliar a C. G. T. e a F. A. R. P. nas suas tarefas proselitistas e esclarecedoras dos trabalhadores ainda enganados pela política.

4.º Angariar fundos para os presos e perseguidos e para auxiliar a imprensa clandestina.

Eis, sinteticamente os nossos objectivos. E podemos estar satisfeitos do trabalho até agora realizado, pois se tem havido deficiências elas se devem à irregularidade própria do seu desenvolvimento clandestino e também das perseguições que continuamos sofrendo os seus componentes.

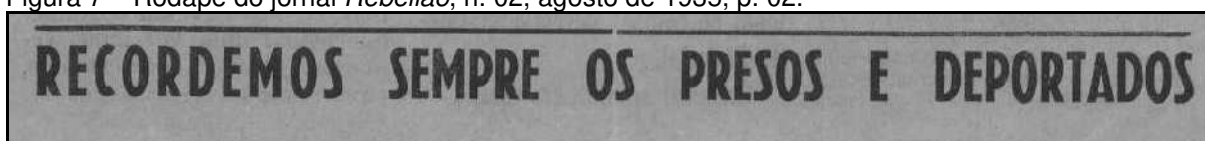
Mas é necessário que o nosso trabalho seja ainda mais activado. Os grupos e camaradas isolados teem a palavra. Devemos buscar núcleos de portugueses e relacioná-los connosco, de maneira que o círculo da nossa influência possa alargar-se, fazendo mais eficiente a nossa propaganda e portanto de maior utilidade a luta contra o fascismo portuguez.<sup>67</sup>

No grupo editor do *Rebelião*, composto por militantes da FAPE, estão militantes revolucionários, ex-presos políticos e intelectuais perseguidos e exilados,

<sup>67</sup> *Rebelião*, Paris, Época 2, ano IV, n. 02, agosto de 1935, p. 03.

que se organizam, escrevem e publicam o periódico, para denunciar os crimes do Estado e prestar solidariedade aos presos e deportados. Na folha, os exilados estampam notícias, artigos, poemas, cartas, relatos, entre outras matérias e imagens, tratando da situação desses homens e mulheres perseguidos pelo crime de pensar e o delito de opinião. O núcleo editor do jornal *Rebelião* promove campanhas de apoio aos presos da ditadura e do salazarismo, ao circular informações sobre as violências, injustiças e crueldades praticadas pelos governos e regimes autoritários europeus, com acento na ditadura e no Estado Novo português. O periódico madrileno costuma publicar, junto dos artigos de fundo, notícias e escritos literários, rodapés e outros espaços da folha, com o objetivo de conclamar ao apoio aos perseguidos políticos, como em “*Presos e deportados muitas centenas de homens sofrem a ferocidade ditatorial. Reclamai anistia para eles*”. A um só tempo, aborda o sofrimento dos presos e deportados, denuncia a ditadura e reclama a anistia. Em outro apelo, dizem: “*Recordemos sempre os presos e deportados*”.<sup>68</sup>

Figura 7 – Rodapé do jornal *Rebelião*, n. 02, agosto de 1935, p. 02.



Fonte: Arquivo Histórico-Social (AHS), Projecto MOSCA, Évora.

Os exilados convocam campanhas pela anistia por meio do jornal, conclamando à participação dos trabalhadores, militantes, operários, mulheres; na luta moral e material em favor da liberdade dos presos políticos-sociais, dos deportados e dos desterrados. Entre as convocatórias, publicam “Pelos caídos – Uma campanha por uma ampla anistia”, buscando dizer o indizível, narrar o “inenarrável” e descrever o “indescritível”, que caracteriza a condição dos presos políticos-sociais. A ação do jornal *Rebelião*, como de outros, terá sido um dos mais potentes chamados às práticas da solidariedade e, ao mesmo tempo, fazer a denúncia internacional dos crimes da ditadura, nomeadamente o horror e a degradação nos presídios:

Uma das facetas da nossa permanente propaganda é a que se refere á solidariedade aos nossos presos e perseguidos. Solidariedade moral e solidariedade material. E se neste último aspecto o que se fez até agora está longe de corresponder ás necessidades, é consolador verificar que mais ou menos sempre se tem cumprido.

<sup>68</sup> *Rebelião*, Paris, Época 2, ano IV, n. 02, agosto de 1935, p. 03.

Existe entretanto o outro aspecto que também é importante: o apoio moral. Nos cárceres, no desterro ou deportados sofre-se o inenarrável. Os sofrimentos, as torturas, morais e físicas, tudo sofrem os presos político-sociais duma maneira indescritível. Todos os processos teem sido usados pelos esbirros de Salazar; nada existe de suplícios que eles tenham esquecido. E depois as coisas humilhantes a que os sujeitam; o desprezo com que os tratam, completam todo o processo degradante da vida (se se pode chamar vida...) de muitas centenas de homens que cometeram o nefando crime de desejar um pouco mais de liberdade e de bem estar para o povo que sofre todas as misérias.

Contra tudo isto temos que levantar a nossa voz. Para terminar com este estado de coisas, temos que por em prática tudo o que esteja ao nosso alcance. Temos que intensificar uma forte campanha pró-anistia. Reclamar para a vida aos homens que apodrecem nas cadeias. Fazer chegar aos ouvidos dos tiranos os nossos gritos justiceiros.

E só a liberdade conseguida no mais curto prazo de tempo poderá reparar um pouco os crimes que se tem cometido e que se cometem; e salvar muitos homens que se tuberculizam e morrem...

Trabalhadores! Homens de sentimentos nobres! Mulheres que tendes filhos e esposos! Ajudai a campanha pró-anistia! Contribui a que sejam restituídos á liberdade homens que só querem o bem estar dos seus semelhantes; cujo grande crime é o de quererem pensar livremente.

E nós, anarquistas, operários, revolucionários! Impulsemos esta luta pela liberdade dos caídos, Que o nosso grito a favor de TODOS os presos, deportados e desterrados, seja um só:

ANISTIA!<sup>69</sup>

Os escritos de denúncia fazem parte da agenda de lutas do periódico, que registra, frequentemente, o sofrimento imposto aos trabalhadores, militantes e opositoristas no exílio, ao desvelar as ações da polícia do regime ditatorial, afirmando a existência e a resistência dos exilados ante a opressão e perseguição sistemáticas. Em edição do ano de 1936, o jornal estampa em sua capa a denúncia: “Portugal – campo do sadismo e do crime!”, com o intuito de afirmar que a polícia política, a burocracia repressiva e os esbirros da ditadura, sob o comando de Salazar, torturam, violentam e prendem as mulheres dos presos políticos que caem nas mãos dos meganhas e vão para a cadeia, detidas ao tentar realizar ações de solidariedade e arrecadação de fundos em apoio aos companheiros, familiares e amigos presos:

---

<sup>69</sup> *Rebelião*, Paris, Época 2, ano IV, n. 02, agosto de 1935, p. 02.

Figura 8 – Capa do jornal *Rebelião*, n. 06, dez.-jan.-fev. de 1936.



Fonte: Arquivo Histórico-Social (AHS), Projecto MOSCA, Évora.

Vivendo clandestinamente na Espanha, Roberto das Neves enfrenta dificuldades, riscos e situações adversas comuns à maioria daqueles que enfrentam o exílio. Efetivamente, as necessidades imperiosas de sobrevivência e subsistência se impõem desde o princípio. Em razão das circunstâncias, além das adversidades de ordem material, interrompe sua licenciatura na Universidade de Coimbra. Em Espanha, passa então a trabalhar como jornalista no diário portuense *O Primeiro de Janeiro*, na condição de correspondente em Madri, o que lhe permite garantir algum sustento. Depois da fuga de Portugal em 1931, registros esparsos indiciam que Roberto das Neves transita entre Espanha e Portugal, passando por Coimbra e Lisboa esporadicamente, embora permaneça a maior parte do tempo em Madri. Na Espanha, conhece e se apaixona pela sufragista espanhola Maria Jeruza Díaz y Saiz, com quem se casa e tem uma filha, nascida em 1933, na mesma vila onde nasceu o pai, Pedrógão Grande. À menina, dão um nome carregado de significado: Primavera Ácrata Saiz das Neves. Aliás, são conhecidos os nomes escolhidos pelos casais anarquistas para seus filhos, buscando inspiração nas palavras-chave da doutrina ou na natureza: Libertário, Germinal, Amanhecer, Aurora, Esperança,



Dealbar, Glicínia, Hélio... Em alguns casos mudam de nome, recusando os nomes originais como é caso do conhecido anarquista colombiano que cedo adotou um novo nome: Biófilo Panclasta (amante da vida, destruidor de tudo).<sup>70</sup>

No exílio em território espanhol, permanece latente o ímpeto da escrita em Roberto das Neves. Entre 1933 e 1935, escreve e publica um *Curso Completo de Esperanto*, em dezoito fascículos, sobre o qual trataremos no último capítulo, cujo objetivo é a difusão e o ensino da língua internacional, em edição do Portugala Instituto de Esperanto, do qual faz parte. Esta é sua primeira publicação sobre o tema, sobre o qual vinha estudando há vários anos. Na clandestinidade, publica também, em 1935, o livro *Pedrógão Grande (estância de cura e turismo)*, em que trata, à maneira de esboço etnográfico, da natureza e das gentes na Vila onde nasceu.<sup>71</sup>

Figura 9 – Capa do livro *Pedrógão Grande (estância de cura e turismo)*.

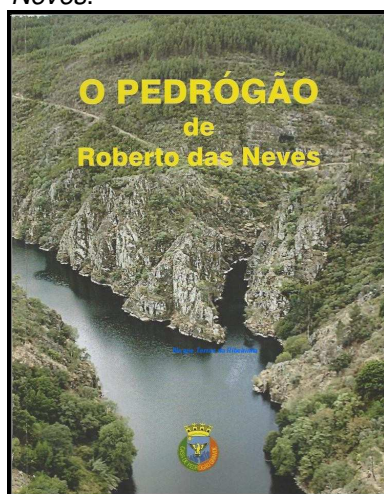


Fonte: Cópia da Biblioteca do Prof. C. Sacadura, Celorico da Beira.

<sup>70</sup> Sobre Biófilo Panclasta, ver a biografia: MARTINEZ, O. V. *et al.* **Biofilo Panclasta (El eterno prisionero)**. Bogotá: Proyecto Cultural "Alas de Xue", 1992.

<sup>71</sup> NEVES, Roberto das. **Pedrógão Grande (estância de cura e turismo)**. Lisboa: Casa de Pedrógão Grande, 1935.

Figura 10 – Capa do livro *O Pedrógão de Roberto das Neves*.



Fonte: Arquivo Plebeu  
Gabinete de Leitura (PGL),  
Fortaleza.

Nesta obra, Roberto das Neves apresenta ao público um escrito que se assemelha a um livro de memórias, isto é, um relato sensível dos afetos do autor por sua terra natal. De feição etnográfico, no livro o autor descreve, desde sua perspectiva, elementos da paisagem social e natural de Pedrógão Grande, de modo a narrar aspectos da vida comunitária, das sociabilidades e da cultura local e na região, imprimindo seu olhar e declarando os sentimentos para com a pequena vila pedregosa do interior de Portugal, lugar onde o poeta (cujo nome também é Pedroso) primeiro viu o mundo.

“*Depois de várias andanças pela Europa e ao abrigo de uma anistia*”, Roberto das Neves regressa em 1934 a Portugal, onde havia sido instaurado o Estado Novo no ano anterior. Apesar disso, Roberto das Neves passa pouco tempo em Portugal, pois a anistia, que autorizava seu regresso ao país, logo caduca, passando a valer novamente os mesmos crimes políticos. Logo, assim como antes da instauração oficial da ditadura do Estado Novo, corre à solta a perseguição e as prisões de oposicionistas, em face das denúncias contra o autoritarismo vigente no país, da publicização dos crimes da ditadura, da oposição ao Estado Novo e das críticas à figura do ditador, Salazar. Por conseguinte, a conjuntura que parecia favorável para uma estadia em Portugal – afim de estar com a família, passar um tempo com a filha pequena e rever as camaradagens –, logo se mostra desfavorável, pairando no ar o fantasma da repressão e a sombra da perseguição.

Diante da probabilidade de ser preso novamente, correndo o risco de ser enviado à Fortaleza de Peniche, deportado para o campo de concentração do Tarrafal ou aprisionado em algum outro calabouço salazarista, Roberto das Neves retorna outra vez à Espanha. Na ocasião, as organizações de trabalhadores e o movimento popular espanhol experimentam um momento de grande efervescência social e política.

### 2.3 Revolução Espanhola e guerra ao fascismo

*Negras tormentas agitan los aires,  
nubes oscuras nos impiden ver,  
aunque nos espere el dolor y la muerte,  
contra el enemigo nos llama el deber.*

*El bien máspreciado es la libertad.  
hay que defenderla com fe y con valor.  
Alza la bandera revolucionaria,  
que del triunfo sin cesar nos lleva en pos.*

*Alza la bandera revolucionaria,  
que del triunfo sin cesar nos lleva en pos.  
¡En pie pueblo obrero, a la batalla!  
¡Hay que derrocar a la reacción!*

*¡A las barricadas! ¡A las barricadas  
por el triunfo de la Confederación!  
¡A las barricadas! ¡A las barricadas  
por el triunfo de la Confederación!*

“A Las Barricadas”, canção revolucionária espanhola.

19 de julho de 1936. Nessa data estoura um levante popular insurrecional nas ruas de Barcelona, frustrando a tentativa de golpe de estado na madrugada do dia anterior por facções fascistas, militares e frações nacionalistas da sociedade espanhola. A atmosfera de turbulência e comoção social dos anos que precedem esse dia memorável na Espanha cede lugar às expropriações revolucionárias, à expulsão dos ricos das terras e à organização do país com base na autogestão, no apoio mútuo e na cooperação comum de trabalhadores livremente associados. Esse levante revolucionário inaugura um contexto novo na Península Ibérica, por ser uma revolução social libertária de larga escala, que se espalha pelo país, atinge países vizinhos como Portugal, impacta significativamente o mundo no período e

desencadeia laços internacionalistas de grande repercussão, ativando sensibilidades revolucionárias ao redor do mundo.<sup>72</sup>

Uma canção que conclama o povo às barricadas havia sido publicada quase três anos antes, em novembro de 1933, no suplemento da revista anarquista barcelonesa *Tierra y Libertad*.<sup>73</sup> Junto da letra, consta uma observação registrando que a canção seria de caráter sindicalista. Com subtítulo *¡A Las Barricadas!*<sup>74</sup>, o título da letra é *Marcha Triunfal*, a música cai como uma profecia estampada nas páginas do periódico da *Federación Anarquista Iberica* (FAI) e encontra eco entre o povo espanhol no verão de 1936, antecipando, de certa forma, a tormenta revolucionária que se avizinhava. Relacionada ao anarcossindicalismo, a música ficou conhecida na Espanha durante a Revolução Espanhola de 1936, cantada e tocada por revolucionários e revolucionárias anarquistas. Sua melodia é de origem polonesa, de uma canção conhecida como *Varchavianka*, *Warszawianka* ou *Varsoviana*, composta em 1883 pelo poeta polaco Wacław Święcicki, quando numa prisão de Varsóvia, em um contexto no qual o movimento operário polonês enfrentava duras lutas e se posicionava contra a ocupação russa no país. A canção se baseia em um tema popular polaco, sendo que outras versões apontam para a *La*

---

<sup>72</sup> Sobre a Revolução Espanhola, a Guerra Civil em Espanha e temas correlatos, entre outros estudos: PAZ, Abel *et al.* **Durruti. Da revolta à revolução**. São Paulo: Editora Imaginário: Instituto de Estudos Libertários, 2013; SUÁREZ, Michel. **Considerações críticas sobre a Revolução Espanhola (1936-1937)**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2012; RAGO, Margaret; BIAJOLI, Maria Clara Pivato. **Mujeres Libres da Espanha. Documentos da Revolução Espanhola**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017; MINTZ, Frank. **Autogestão e Anarcossindicalismo**. São Paulo: Editora Imaginário, 2016; MINTZ, Frank. El pensamiento de Santillán sobre la transformación económica revolucionaria, la guerra civil y la violencia. **Anthropos**, Barcelona, n. 138, p. 23-44, 1992; SUÁREZ, Michel. **Considerações críticas sobre a Revolução Espanhola (1936-1937)**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2012; BROUÉ, Pierre; TÉMIME, Emile. **La Revolución y la guerra de España**. Argentina: Biblioteca Actual, 1989; ENZENSBERGER, Hans Magnus. **O curto verão da anarquia: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; LITVAK, Lily. **Musa Libertária: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español. (1880-1913)**. Barcelona: Antonio Bosch, 1981; BROUÉ, Pierre. **La Revolución Española (1931-1939)**. Barcelona: Ediciones Península, 1977. Entre a documentação disponível, um registro de relevo escrito no período pode ser conferido em: ROCKER, Rudolf. **A tragédia da Espanha: notas sobre a Guerra Civil**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2016 (1ª edição de 1937).

<sup>73</sup> “Tierra y Libertad” é o título de várias folhas anarquistas na Espanha e no México no século XX. O periódico *Tierra y Libertad*, órgão da *Federación Anarquista Iberica* (FAI), a que nos referimos, é uma revista anarquista publicada em Barcelona e noutros lugares entre 1888 e 1977. Circula em diferentes períodos, com interrupções e mudanças de sede devido à repressão, saindo com periodicidade mensal, semanal e diária, nos intervalos entre 1906-1919, 1919-1923, 1930-1939 (neste sob edição da FAI) e entre 1944-1977. Um grupo de anarquistas espanhóis exilados pela ditadura de Franco, publica no México, em paralelo, um jornal mensário com o mesmo título. Sobre o periódico, conferir a página da Biblioteca Digital UNESP: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26570>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

<sup>74</sup> Sobre o tema, ver: MUÑOZ, Maryse Bertrand. **Si me quieres escribir. Canciones políticas y de combate de la Guerra de España**. Madrid: Calambur, 2009.

*marcha de los zuavos* ou *Les hussards de Bercheny*. Há registros de que foi cantada por primeira vez em 1885, numa manifestação operária em Varsóvia, popularizando-se depois em versões adaptadas por toda a Europa, em solidariedade ao movimento operário na Polónia. A *Las Barricadas* tornou-se tão popular entre os anarcossindicalistas que acabou por substituir a tradicional música anarquista espanhola *Hijos del Pueblo*. Atualmente, a canção é o hino da Confederação Nacional do Trabalho (CNT). De acordo com Maryse Muñoz “*¡A las barricadas!, el himno anarquista por excelencia, tenía una larga trayectoria revolucionaria. Fue una de las canciones más cantadas por los obreros polacos, soviéticos y alemanes antifascistas (...)*”.<sup>75</sup>

Desde os primeiros dias, é intensa a participação popular no processo revolucionário em curso, com várias cidades, vilas, povoados e regiões inteiras da Espanha sob domínio dos revolucionários, nos campos e nas cidades, como é o caso de Barcelona, na Catalunha, e das regiões de Aragão, Andaluzia e Extremadura, de onde senhores proprietários de terras, burgueses e nacionalistas fogem apavorados. Na sucessão dos fatos e acontecimentos, a exemplo a queima de montes de dinheiro em praça pública, ocorre massiva adesão popular ao levante; além disso são distribuídas armas ao povo pelos revolucionários, como se verifica em Barcelona, Madri e noutras cidades.<sup>76</sup>

Como desdobramento do processo revolucionário, são formadas milícias armadas pelos revolucionários, para defesa da revolução e combate na guerra contra os fascistas. As milícias de então são um modelo de organização militar adotado pelos revolucionários espanhóis, compartilhado por anarquistas, comunistas, republicanos radicais e revolucionários de outras filiações ideológicas. Mulheres e homens, combatentes antifascistas articulam-se em grupos menores, a exemplo do *Agrupamiento Mujeres Libres*<sup>77</sup>, voltado à luta das mulheres, junto às

---

<sup>75</sup> MUÑOZ, Maryse Bertrand. **Si me quieres escribir. Canciones políticas y de combate de la Guerra de España**. Madrid: Calambur, 2009.

<sup>76</sup> Para um debate sobre os desdobramentos da Revolução e a resistência em Madri, ver: MARTÍNEZ REVERTE, J. **La Batalla de Madrid**. Barcelona: Editorial Crítica, 2004.

<sup>77</sup> Entre suas ações, o agrupamento publica a revista *Mujeres Libres*, editada em Barcelona de 1936 a 1938, documento fundamental para o estudo da revolução e da experiência de luta social das mulheres. Sobre o tema, conferir: RAGO, Margareth; BIAJOLI, Maria Clara Pivato. **Mujeres Libres da Espanha. Documentos da Revolução Espanhola**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017; BIAJOLI, Maria Clara Pivato. **Narrar Utopias Vividas. Memória e construção de si nas “Mujeres Libres” da Espanha**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2007.

revolucionárias, às trabalhadoras, às prostitutas, às jovens e às crianças. Formam-se ainda contingentes maiores, espécie de colunas de infantaria, posicionadas no *front* em locais estratégicos. A mais conhecida é a *Columna Durruti*, que homenageia o revolucionário anarquista Buenaventura Durruti<sup>78</sup>, morto durante a guerra civil. Durruti, como ficou mais conhecido, protagoniza ações antes e durante a Revolução Espanhola e na guerra civil. Quando estoura o levante popular de 19 de julho, atua na frente de batalha como comandante da referida Coluna, tornando-se um dos mais destacados anarquistas que participam na Revolução Espanhola. É baleado a caminho da frente de batalha, no dia 20 de novembro de 1936, falecendo horas depois. Sua morte insólita resta sem esclarecimento. Não se sabe se resulta de um disparo acidental da sua própria arma ou de um tiro disparado do lado inimigo.

Em algumas regiões, como na Catalunha, ocorre larga coletivização de terras, fábricas, instrumentos de trabalho, serviços e matérias-primas. Alguns autores chegam a falar em verdadeira socialização na Espanha durante a Revolução Espanhola, tamanha a extensão das coletivizações e da autogestão nas fábricas, nas oficinas, nas lavouras e em toda a parte, inclusive no setor de serviços, como transportes públicos, barbearias, cinemas e teatros. A Revolução Espanhola envolveu, ao lado dos revolucionários e republicanos, uma porção considerável da sociedade espanhola. A *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT), o principal sindicato da Espanha, registra mais de um milhão de filiados durante o período da revolução.<sup>79</sup> Além disso, os revolucionários espanhóis recebem o apoio de militantes de outros países, que viajam para a Espanha e se integram na luta, fazendo parte das chamadas Brigadas Internacionais.

Roberto das Neves se encontra em Madri quando explode o levante popular. Durante a Revolução Espanhola, a partir da FAPE, se dedica à escrita de combate durante o processo revolucionário, realizando a propaganda da revolução e das ideias libertárias, ao passo que amplia articulação junto à FAI e à CNT. A edição do *Rebelião* de fevereiro de 1936 noticia relações e acordos mantidos entre os

---

<sup>78</sup> Sobre Durruti, ver, entre outros: PAZ, Abel *et al.* **Durruti. Da revolta à revolução**. São Paulo: Editora Imaginário, 2013; PAZ, Abel. **Durruti en la Revolución Española**. Madrid: La Esfera de los Libros, 2004; LLARCH, Joan. **La muerte de Durruti**. Barcelona: Plaza & Janes Editores, 1985; ENZENSBERGER, Hans Magnus. **O curto verão da anarquia: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. Ver também a página da CNT, disponível em: <http://puertoreal.cnt.es/biografias-anarquistas/6760-2018-11-19-06-47-19.html>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

<sup>79</sup> Sobre a CNT, ver: MINTZ, Frank. **Autogestão e Anarcossindicalismo**. São Paulo: Editora Imaginário, 2016.

federados da FAPE e a Federação Anarquista Ibérica, informando parte das resoluções adotadas em encontro regional de grupos que compõem a FAI, vinculada à Confederação Nacional do Trabalho (CNT). No Pleno Peninsular das Regionais, decidem pelo apoio à publicação do jornal da FAPE:

F. A. I.

Pleno Peninsular de Regionais

Por falta de espaço limitamo-nos a publicar os acordos que no Pleno de Regionais da F.A.I. se tomaram referente à F.A.P.E., tanto mais que o Informe completo será dirigido aos grupos dactilografado.

Por propostas das Regionais de Catalunha e Andaluzia foi resolvido abrir uma “enquete” em “Tierra y Libertad” e que o C. P. contribua com uma cota mensal dos seus fundos – logo que tenha regularizados os seus ingressos – para a F.A.P.E., para que esta possa publicar regularmente “REBELIÃO”.

Estes foram os acordos tomados em firme, e que este Secretariado espera vê-los em realidade.<sup>80</sup>

Atuando junto de militantes, da Espanha e de outros países, muitos deles voluntários das Brigadas Internacionais, Roberto das Neves auxilia na difusão da palavra impressa entre os revolucionários – como outros que se dedicam à distribuição de jornais e à difusão de livros, além da escrita e edição de periódicos –, atuando no *front* e na retaguarda, como afirmaria, anos depois, em texto que relembra sua experiência no período revolucionário, quando luta ao lado do exilado anarquista alemão Agustín Souchy Bauer, sobre quem falaremos mais adiante, no capítulo sobre as edições da *Germinal*. Sobre Agustín Souchy, Roberto das Neves revela, além de aspectos de sua trajetória, um laço de amizade e camaradagem desde a Revolução Espanhola. Em seu texto, Roberto das Neves narra a trajetória de Souchy, militante exilado e perseguido pelo regime nazista na Alemanha, de modo a registrar sua atuação na Revolução Espanhola, quando, na frente de batalha, ferido, passa a atuar na retaguarda, escrevendo “*nos escritórios de propaganda de guerra e da Revolução para o estrangeiro*”.<sup>81</sup> Sobre o percurso de Souchy, conta-nos que, depois da derrocada da revolução, o militante segue para o México, onde permanece por alguns anos; depois, para Israel, em 1958, onde vive por três anos. Dessa experiência, retira matéria para escrever um livro. Conforme anota, Souchy ainda seria profundo conhecedor das revoluções ocorridas na Rússia,

<sup>80</sup> *Rebelião*, Madri, n. 6, dezembro-janeiro-fevereiro, 1936.

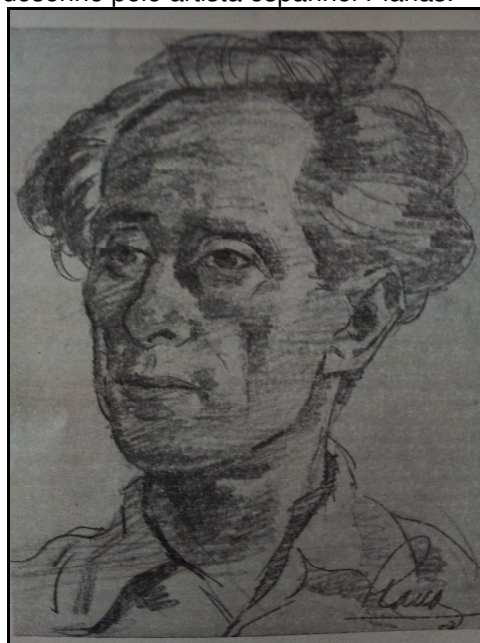
<sup>81</sup> NEVES, Roberto das Neves. Introdução. In: SOUCHY, Agustín. **O Novo Israel**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1962, p. 06.

em Cuba e em Israel, conhecendo *in loco* tais experiências e tendo publicado acerca delas.<sup>82</sup>

Agustin Souchy [...] é um nome mundialmente conhecido. Antigo secretário-geral da Associação Internacional dos Trabalhadores (A. I. T.), jornalista, escritor e sociólogo, de méritos afirmados em numerosos livros, folhetos e reportagens sobre problemas sociais, voluntário da guerra de Espanha (onde nos conhecemos e cimentámos sólida amizade), trocando com facilidade a pena pelo fuzil e vice-versa, segundo as exigências da sua dama, a Liberdade e felicidade do povo, o nome de Agustin Souchy (que hoje conta 72 anos e reside novamente na Alemanha, seu país natal) aparece, há mais de quarenta anos, intimamente ligado aos mais importantes eventos da história mundial do proletariado.<sup>83</sup>

A ação de Roberto das Neves se alarga para além da FAPE, quando se junta aos membros da Federação Anarquista Ibérica, aos revolucionários anarquistas espanhóis e exilados vindos de outros países. Como se pode ver no jornal *Rebelião*, que estampa textualmente em sua capa a adesão à FAI, antes da revolução o poeta português e os demais federados na FAPE eram filiados à FAI, estando vinculados ao anarquismo Ibérico, que tem como projeto a revolução social na Península.

Figura 11 – Roberto das Neves em desenho pelo artista espanhol Planas.



Fonte: Livro *Entre Colunas*, Editora Germinal, 1979.

<sup>82</sup> Os outros dois livros são, sobre a Rússia e Cuba, como informa em nota o próprio Editor, respectivamente: *Ce que j'ai vu em URSS* e *Testimonio sobre la Revolución Cubana*.

<sup>83</sup> NEVES, Roberto das Neves. Introdução. In: SOUCHY, Agustín. **O Novo Israel**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1962, p. 05.



Para alguns um “curto verão”, a Revolução Espanhola degrading em poucos meses, como resultado de múltiplos fatores, como o demonstram estudos específicos.<sup>84</sup> No desenlace da revolução e na sequência do conflito armado, após a derrota dos revolucionários e o avanço da repressão, a ação se concentra no apoio aos refugiados da guerra civil que conseguem escapar à prisão e ao fuzilamento.<sup>85</sup> Com sua companheira Maria Jeruza Díaz y Saiz e outros militantes, Roberto das Neves participa em ações de solidariedade aos refugiados e exilados. Em uma dessas ações, organizam um navio para o transporte de centenas de refugiados para o México.<sup>86</sup>

Diante da intensa e crescente perseguição política em Portugal e Espanha, ampliada com a repressão sistemática desencadeada com a vitória do exército franquista, Roberto das Neves segue à Portugal, onde passa algum tempo escondido. Tentando cruzar as informações disponíveis, sabe-se que ele fica por pouco tempo em território português, retornando novamente à Espanha. Entretanto, as fontes pesquisadas não permitem afirmar onde o intelectual português se encontra nesse período; ademais, seria de esperar esse “apagamento” de pegadas e vestígios. Afinal, na clandestinidade, cumpre não deixar registros, rastros ou sinais por onde se passa.

---

<sup>84</sup> Alguns estudos que aprofundam o tema, são: MINTZ, Frank. **Autogestão e Anarcossindicalismo**: análise e críticas relativas à Espanha, 1931-1990. São Paulo: Intermezzo, 2016; KAPLAN, T. **Orígenes sociales del anarquismo en Andalucía**: capitalismo agrario y lucha de clases en la provincia de Cádiz. Barcelona: Grijalbo, 1977; ORWELL, George. **Homenaje a Cataluña**. Barcelona: Virus, 2000; BOLLOTEN, Burnett. **La Guerra Civil Española**: Revolución y Contrarrevolución. Madrid: Alianza, 2015; RICHARDS, Vernon. **Enseñanzas de la Revolución española**. Madrid: Campo Abierto, 1977; SEMPRÚN-MAURAS, Carlos. **Revolución y contrarrevolución en Cataluña (1936-1937)**. Barcelona: 1977; RADOSH, R.; HABECK, Mary R.; SEVOSTIANOV, G. **España traicionada**: Stalin y la Guerra Civil. Barcelona: Planeta, 2002; AMORÓS, Miguel. **La revolución traicionada**: la verdadera historia de Balius y los Amigos de Durruti. Barcelona: Virus, 2006; MORROW, Felix. **Révolution et contre révolution en Espagne**. Paris: La Breche, 1978; VELASCO, Carlos García; CORDOVILA, Sergi Rosés (org.). **Expectativas fallidas (España 1934-1939)**: el movimiento consejista ante la Guerra y Revolución españolas. Barcelona: Adrede, 1999.

<sup>85</sup> Dos estudos sobre a guerra civil em Espanha e a violência do franquismo, temos uma significativa bibliografia; aqui em destaque: RUIZ, Carme Molinero; SALA, Margarida; CALLICÓ, Jaume Sobrequés i. (coord.). **Una Inmensa Prisión. Los campos de concentración y las prisiones durante la Guerra Civil y el franquismo**. Barcelona: Editorial Crítica, 2003; RUIZ, Julián Casanova *et al* (coord.). **Morir, Matar, Sobrevivir. La Violencia en la Dictadura de Franco**. Barcelona: Editorial Crítica, 2002.

<sup>86</sup> NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, p. 06; FERREIRA, José Maria Carvalho. Roberto das Neves: um cidadão do Mundo. **Verve**, São Paulo, n. 24, 2013; PAULO, Heloísa. **Biografias**: memória da emigração e do exílio. Disponível em: <https://sites.google.com/site/remigre2013/Biografias>. Acesso em: 05 de janeiro de 2018. Sobre as repercussões da Guerra Civil Espanhola no México, ver: OJEDAREVAH, M. **México y la Guerra Civil Española**. Madrid: Turner, 2005.

Na Espanha, com a derrota dos revolucionários em 1939, a repressão é intensificada e se espalha por todo o país, o que põe fim à guerra civil e inicia um longo período de caça aos rebeldes remanescentes, sufocando a resistência, o que resulta em milhares de aprisionados em campos de concentração, deportados, exilados, além dos incontáveis feridos e mortos, muitos executados sumariamente. Alcança o poder o general Franco, ditador fascista, subjugando a Espanha durante quase quarenta anos, até sua morte. Em Portugal, Salazar amplia a perseguição aos opositoristas e passa a caçar também exilados espanhóis no país, em alinhamento com a ditadura franquista. Ante o crescente autoritarismo e a conjuntura de aguda repressão enfrentados na Península Ibérica, em que pesem as prisões, o confisco de livros pela censura e as perseguições por conta da participação no embarque de refugiados espanhóis para o México, Roberto das Neves é obrigado a sair da Espanha. Faz uma passagem por Portugal e embarca com sua companheira Jerusa e a filha Primavera Ácrata num navio em Lisboa, seguindo para o exílio forçado além-mar. Ao percorrer um caminho trilhado pelo pai anos antes, Roberto das Neves atravessa o Atlântico, com destino à cidade do Rio de Janeiro, no Brasil.

*(...) ano após ano, pasmo percebo  
que meus irmãos iam-se partindo  
como aqueles que, mais tarde, num gesto  
[guerrilheiro  
foram domar o dragão do castelo e a cidadela  
a tropeçar nas celas e fronteiras  
e a fenecer exílios e quimeras.*

*Que país é Este? e outros poemas, Affonso  
Romano de Sant'Anna.*

### 3 EXÍLIO, ANARQUISMO E ANTIFASCISMO NO BRASIL

Os vulcões arrojam pedras, as revoluções, homens. Espalham-se famílias a grandes distâncias, deslocam-se os destinos, separam-se os grupos dispersos às migalhas; cai gente das nuvens, uns na Alemanha, outros na Inglaterra, outros na América. Pasmam os naturais dos países. Donde vêm estes desconhecidos? Foi aquele Vesúvio, que fumega além, que os expeliu de si. Dão-se nomes a esses aerólitos, a esses indivíduos expulsos e perdidos, a esses eliminados da sorte: chamam-nos emigrados, refugiados, aventureiros.

*Os Trabalhadores do Mar*, Victor Hugo.<sup>87</sup>

#### 3.1 O vocabulário e a experiência dos exilados

O crescimento do fascismo na Europa e a repressão aos opositores, no período compreendido entre as duas grandes guerras mundiais, expulsaram muitos homens e mulheres de sua terra de origem. Em estudos sobre as migrações, por vezes, tais sujeitos são nomeados emigrados, palavra amena e neutra, que dificilmente consegue expressar a complexa e dramática condição de quem foi expulso do lugar onde vivia com destino a paragens desconhecidas.

Individualmente, em grupos pequenos ou em contingentes maiores, tais “pessoas deslocadas” aparecem também em meio às estatísticas da imigração, confundidos com levas de emigrantes que saem de seus países em busca de trabalho e uma promessa de vida melhor noutros cantos do mundo, a chamada “emigração econômica”. A imigração por motivação econômica aconteceu, em muitos casos, por incentivo de governos, principalmente para o incremento da mão-de-obra nacional onde a força de trabalho era tida como escassa ou supostamente inábil. Em alguns casos, foi institucionalizada por meio de políticas de estado, chanceladas pela propaganda favorável à imigração e assim atrair, aos milhares, trabalhadores famintos e sem trabalho, oriundos de diversas partes do globo. Na historiografia brasileira é amplamente estudado o fenômeno da imigração, visto que o Brasil recebeu, desde o período da colonização e, particularmente, ao longo dos séculos XIX e XX, intenso fluxo migratório proveniente de vários países e culturas, entre portugueses, italianos, espanhóis, alemães, japoneses, libaneses, poloneses,

---

<sup>87</sup> HUGO, Victor. **Os Trabalhadores do Mar**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1979, p. 24.

dentre outros, além dos povos africanos, sequestrados para serem escravizados, desde o período colonial.<sup>88</sup>

Muitos desses “eliminados da sorte”, como na palavra em epígrafe de Victor Hugo, enquadram-se no estatuto de “refugiados”, por terem sido expulsos de territórios onde a guerra já não lhes permitia viver, experiência vivenciada ao longo do século XX por indivíduos, comunidades, grupos étnicos e povos inteiros, como na expulsão dos palestinos de seu território pelo Estado de Israel desde 1948. Outros mais entre os “deslocados” são denominados “exilados”, por, diante de um contexto adverso de repressão e perseguição políticas, terem sido condenados ao desterro ou obrigados a migrar, aventurando-se pelo mundo em busca de asilo político, escapando à prisão, à tortura e à morte. Na literatura acadêmica sobre as migrações, estes são conhecidos como “emigrantes políticos” ou exilados.<sup>89</sup> Além destes termos mencionados, no vocabulário do exílio figuram os “expatriados”, tidos como emigrantes que partiram “voluntariamente” para viver em outros países.

Em seu exílio nos Estados Unidos, o filósofo alemão Theodor Adorno produziu sua obra *Mínima Moralía*, uma autobiografia cujo subtítulo é *Reflexões a partir da vida danificada*. A obra consiste de cento e cinquenta e três fragmentos escritos como aforismos, elaborados durante os anos 1940 e publicados no ano de 1951, tendo como pano de fundo a experiência da Segunda Guerra Mundial. No aforismo treze, discutindo a condição adversa do intelectual emigrado, Adorno reflete sobre o trágico destino do exilado, a partir de sua experiência. O excerto, ainda que razoavelmente longo dispõe à nossa leitura um testemunho com as tintas do drama pessoal e social de um intelectual. Uma fratura na vida *em ambiente*

---

<sup>88</sup> Da extensa bibliografia sobre a imigração, destaco: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Frederico; FRANZINA, Emilio (org.). **História do Trabalho e Histórias da Imigração**. São Paulo: EDUSP, 2010; HALL, Michael. Imigrantes na cidade de São Paulo. *In*: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo**. Vol. III. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 121-151; LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Imigração Portuguesa no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 2001; FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América: a Imigração em Massa para a América Latina**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999; SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Documentos para a história da emigração portuguesa para o Brasil, 1850-1938**. Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, 1992; PEREIRA, Miriam Halpern. **A Política Portuguesa de Emigração (1850-1930)**. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1981.

<sup>89</sup> Na longa duração em que se inscreve a história das diásporas e das migrações humanas, outros termos nomeam e dizem sobre a condição dos exilados. Além dos já mencionados, usam-se as palavras “deportação”, “degredo” e “desterro”, termos praticamente sinônimos, com ligeiras diferenças. Segundo o dicionário Houaiss, o verbo deportar define-se por: “expulsar (alguém) de uma sociedade; condenar a desterro, em lugar longínquo; expatriar, degredar, exilar”. DEPORTAR. *In*: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa Online**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2021. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v5-4/html/index.php#5](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#5). Acesso em: 06 de junho de 2021.

*incompreensível, Errância, Língua expropriada, Desvio de sua dimensão histórica, Isolamento, Hostilidade, Desconfiança, Marcas da Ignomínia, Existência ilusória e irreal, Perturbação da óptica, Cegueira;* formam um vocabulário a pedir escuta e reflexão:

Todo intelectual na emigração, sem exceção, está prejudicado e faz bem em reconhecê-lo, se não quiser ser cruelmente esclarecido a este respeito por trás das bem trancadas portas de seu respeito por si próprio. Ele vive em um ambiente que lhe permanece necessariamente incompreensível, mesmo se está familiarizado com as organizações sindicais ou com o trânsito; ele está continuamente em errância. [...] sua língua foi expropriada, e desviada dele a dimensão histórica da qual seu conhecimento extraía forças. O isolamento torna-se tanto pior quanto mais se formam grupos fixos e politicamente controlados, desconfiados em relação a seus membros, hostis em relação aos desqualificados outros. A parte do produto social que cabe aos estrangeiros insiste em não ser suficiente e impele-os para uma desesperada segunda concorrência entre si em meio à concorrência universal. Tudo isso deixa marcas em cada indivíduo. Quem está isento da ignomínia da imediata adaptação tem precisamente nesta isenção seu traço particular, uma existência ilusória e irreal dentro do processo de vida da sociedade. As relações entre os banidos estão ainda mais envenenadas do que as entre os autóctones. Todos os pesos tornam-se falsos, a óptica fica perturbada. A dimensão privada põe-se em primeiro plano de maneira indevida, febril, vampiresca, exatamente porque ela, a rigor, não existe mais e busca convulsivamente dar provas de vida. A dimensão pública resume-se ao inexpresso juramento de fidelidade à plataforma política. O olhar adquire o aspecto maníaco e ao mesmo tempo frio de quem quer agarrar, devorar, confiscar. Nada tem valia senão o diagnóstico intransigente de si mesmo e dos outros, tentativa através da consciência, se não de escapar à calamidade, ao menos de esvaziá-la de sua violência fatídica: a da cegueira. A máxima precaução é aconselhável, sobretudo na escolha de relações privadas, na medida em que esta escolha ainda cabe à pessoa. Acima de tudo, deve-se evitar buscar aos poderosos, dos quais “se espera alguma coisa”. O olhar voltado para possíveis vantagens é o inimigo mortal da formação de relações compatíveis com a dignidade humana em geral; destas, podem decorrer solidariedade e empenho recíproco, mas estes jamais podem surgir no pensamento que almeja finalidades práticas. Não menos perigosos são os reflexos do poder, lacaios, aduladores e parasitas, que se fazem solícitos a quem está melhor situado, de uma forma arcaica que só pode prosperar sob as relações economicamente extraterritoriais da emigração. Enquanto trazem pequenas vantagens para o protetor, rebaixam-no tão logo ele as aceita, coisa a que ele, por sua vez, se deixa incessantemente induzir, por sua própria inabilidade em terra estranha. Se, na Europa, o gesto esotérico não passava com freqüência de um pretexto para o mais cego interesse egoísta, na emigração, o conceito encostado e fazendo água da austeridade parece ser ainda o barco salva-vidas mais aceitável. É verdade, porém, que só poucos dispõem desse barco numa construção sólida. A maioria que nele embarcam está ameaçada de morrer de fome ou de loucura.<sup>90</sup>

<sup>90</sup> ADORNO, Theodor. *Mínima Moralía. Reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Azougue, 2008, p. 26-27. Edward Said assim aprecia o livro de Adorno: “Na obra de Adorno, a essência da representação do intelectual como um exilado permanente, que se desvia tanto do velho como do novo com a mesma destreza, é um estilo de escrita amaneirado e trabalhado ao extremo. Antes de mais nada é fragmentário, convulsivo, descontínuo; não há enredo ou ordem predeterminada a seguir. Representa a consciência do intelectual como sendo incapaz de repousar seja onde for, constantemente em alerta contra as seduções do sucesso que, para um Adorno de temperamento

O desvio “*da dimensão histórica da qual seu conhecimento extraía forças*”, “*o isolamento*”, a luta pela sobrevivência em terras desconhecidas, a ameaça de morrer de fome ou de loucura ao embarcar no suposto barco salva-vidas, constituem, nas palavras do filósofo, o sofrimento do intelectual exilado. No fragmento dezoito, “Asilo para desabrigados”, Adorno, ao tratar do sentimento do abrigado e desabrigado, capta o significado do exílio, afirmando, a partir de sua experiência como exilado que, “*a rigor, morar é algo que não é mais possível*” no mundo de seu tempo:

As moradias tradicionais em que crescemos adquiriram algo de insuportável: cada traço de comodidade nelas pagou-se com uma traição ao conhecimento, cada vestígio do sentimento de estar abrigado, com a deteriorada comunidade de interesses da família.<sup>91</sup>

No ensaio “Reflexões sobre o exílio”, o intelectual palestino Edward Said constata que o exílio impele estranhamente a pensar sobre o fato. Said caracteriza o exílio como uma terrível experiência, tristeza que “*jamais pode ser superada*”:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.<sup>92</sup>

Para Said, o exílio traz consigo “*a dor mutiladora da separação*”, uma “*fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal*”. As realizações do exilado, minadas pela perda do que ficou para trás, seriam esforços para superar tal dor. Reconhece, no entanto, que a obra dos exilados incidiu diretamente na formação da cultura ocidental moderna, em vários países, como nos Estados Unidos onde “*o pensamento acadêmico, intelectual e estético é o que é hoje graças aos refugiados do fascismo, do comunismo e de outros regimes dados a oprimir e expulsar os dissidentes*” e para tal apreciação recorre à tese de George Steiner “*de que todo um gênero da literatura ocidental do século XX é ‘extraterritorial’, uma literatura feita por*

---

obstinado, significa tentar de forma consciente *não* ser fácil e imediatamente compreendido.” SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 64.

<sup>91</sup> ADORNO, Theodor. **Mínima Moralía. Reflexões a partir da vida danificada**. São Paulo: Azougue, 2008, p. 31.

<sup>92</sup> SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46.

*exilados e sobre exilados, símbolo da era do refugiado*".<sup>93</sup> Segundo as reflexões do autor, a cultura ocidental moderna teria uma dívida com os refugiados, emigrantes e exilados.<sup>94</sup>

Embora reconheça na literatura uma relevante fonte para o conhecimento acerca do exílio, Said sugere que, para cartografar a história do exílio enquanto punição política contemporânea é preciso ir além, mapeando "*territórios de experiência*" que se situam fora da expressão escrita na poesia e na prosa sobre o exílio, buscando diretamente no percurso dos exilados espalhados pelo mundo o conhecimento e entendimento de sua experiência:

Deve-se deixar de lado Joyce e Nabokov e pensar nas incontáveis massas para as quais foram criadas as agências da ONU. É preciso pensar nos camponeses refugiados sem perspectiva de volta algum dia para casa, armados somente com um cartão de suprimentos e um número da agência. Paris pode ser a capital famosa dos exilados cosmopolitas, mas é também uma cidade em que homens e mulheres desconhecidos passaram anos de solidão miserável: vietnamitas, argelinos, cambojanos, libaneses, senegaleses, peruanos. É preciso pensar também em Cairo, Beirute, Madagascar, Bangkok, Cidade do México. À medida que nos afastamos do mundo do Atlântico, a cena se torna mais terrível e lastimável. Multidões sem esperança, a miséria das pessoas "sem documentos" subitamente perdidas, sem uma história para contar. Para refletir sobre muçulmanos exilados na Índia, haitianos nos Estados Unidos, habitantes de Bikini na Oceania, ou palestinos em todo o mundo árabe, é preciso deixar o modesto refúgio proporcionado pela subjetividade e apelar para a abstração da política de massas.<sup>95</sup>

Em *Representações do intelectual*, o pensador escreve novamente sobre o exílio, aprofundando sua reflexão sobre o "exílio intelectual", discutindo os sujeitos expatriados e caracterizando o "*intelectual como um exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder*".<sup>96</sup> Por essa razão, o intelectual inconformado seria, a seu ver, essencialmente um exilado, marginal, excluído, um "*pária permanente*", sujeito à perseguição, alvo da repressão e da censura. Said destaca que "*O exílio é um dos destinos mais tristes*". E recua no tempo para assinalar como "*a deportação era um castigo particularmente terrível*",

<sup>93</sup> SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-47.

<sup>94</sup> Segundo George Steiner, citado por Said: "Parece apropriado que aqueles que criam arte em uma civilização de quase barbárie, que produziu tanta gente sem lar, sejam eles mesmos poetas sem casa e errantes entre as línguas. Excêntricos, arredios, nostálgicos, deliberadamente inoportunos...". SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 47.

<sup>95</sup> SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 49.

<sup>96</sup> SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 15.



implicando anos de *“vida errante e desnorçada longe da família e dos lugares conhecidos”*, e se tornando *“uma espécie de pária permanente alguém que nunca se sentia em casa, sempre em conflito com o ambiente que o cercava, inconsolável em relação ao passado, amargo perante o presente e o futuro”*.<sup>97</sup> O autor aponta que *“sempre houve uma associação entre a ideia do exílio e os terrores da lepra: a exclusão moral e social”*. No entanto, observa que, ao longo do século XX, ocorre uma transformação no exílio. Antes tido como forma de punição *“exclusiva de indivíduos especiais”*, o exílio passaria a ser empregado como um *“castigo cruel de comunidades e povos inteiros”* e observa que *“Ao longo do século XX, o exílio se transformou de punição requintada e, às vezes, exclusiva de indivíduos especiais [...] num castigo cruel de comunidades e povos inteiros, geralmente como resultado inadvertido de forças impessoais como a guerra, a fome e a doença”*.<sup>98</sup>

Em sua análise, Said opera um deslocamento teórico, se concentrando no intelectual não acomodado e não adaptado ao poder dominante, na sua terra de origem ou destino de exílio. Ou seja, o foco recai no *“intelectual que, forçado a viver no exílio, não consegue se adaptar, ou melhor, teima em não se adaptar, preferindo colocar-se à margem das correntes dominantes, não acomodado, resistente, sem se deixar cooptar”*.<sup>99</sup> Sobre as condições *“reais”* e *“metafóricas”* do exílio, assevera que o intelectual seria, por conta das condições de sua atividade e da natureza do ofício, um exilado, ainda que no interior do seu próprio país de nascença. Nesse sentido, o autor afirma que seu *“diagnóstico do intelectual deriva da história social e política do deslocamento e da migração [...], mas não se limita a isso”*, posto que *“os intelectuais que são membros vitalícios de uma sociedade podem, por assim dizer, ser divididos em conformados e inconformados”*.<sup>100</sup> Nesse ponto, o autor toca em uma questão de força para a compreensão do exílio, da experiência dos exilados e da história e natureza da atividade intelectual. Para ele, em relação aos intelectuais dissidentes ou inconformistas, o exílio constitui uma realidade na experiência da própria atividade intelectual. Dessa forma, faz uma distinção entre os intelectuais *“consonantes”* e *“dissonantes”*:

---

<sup>97</sup> SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 55.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 55.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 60.

<sup>100</sup> *Ibidem*, p. 60.

De um lado há os que pertencem plenamente à sociedade tal como ela é, que crescem nela sem um sentimento esmagador de discordância ou incongruência e que podem ser chamados de consonantes: os que sempre dizem “sim”; e, de outro, os dissonantes, indivíduos em constante conflito com sua sociedade e, em conseqüência, inconformados e exilados no que se refere aos privilégios, ao poder e às honrarias. O modelo do percurso do intelectual inconformado é mais bem exemplificado na condição do exilado, no fato de nunca encontrar-se plenamente adaptado, sentindo-se sempre fora do mundo familiar e da ladainha dos nativos, por assim dizer, predisposto a evitar e até mesmo a ver com maus olhos as armadilhas da acomodação e do bem-estar nacional. Para o intelectual, o exílio nesse sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar a inquietação nos outros. Não podemos voltar a uma condição anterior, e talvez mais estável, de nos sentirmos em casa; e, infelizmente, nunca podemos chegar por completo à nova casa, nos sentir em harmonia com ela ou com a nova situação.<sup>101</sup>

Para o “*intelectual inconformado*” e “*dissidente*”, a experiência do exílio não significaria necessariamente o deslocamento ou a migração, expressando-se no “*desassossego*” e “*na condição de estar sempre irrequieto e causar a inquietação nos outros*”. De fato, não raro, o exílio é vivenciado pelos intelectuais dissidentes como “exílio interior”<sup>102</sup>, ou seja, pela experimentação do sentimento de exílio, seus efeitos e circunstâncias no próprio país de origem, como é o caso, entre outros, de muitos intelectuais em Portugal ao longo do século XX, expurgados das universidades onde lecionavam, perseguidos por suas ideias e escritos, muitos deles impedidos de trabalhar em qualquer instituição de ensino, pública ou privada, ou mesmo de progredir na sua carreira profissional, no contexto da longa ditadura de Salazar. Entre outros, destacam-se os casos de Ferreira de Castro, Miguel Torga, Vergílio Ferreira e Joaquim de Carvalho, como anota a historiadora Débora Dias.<sup>103</sup> O intelectual inconformado torna-se, portanto, um exilado em sua própria terra, sendo o exílio parte de seu próprio percurso enquanto intelectual, configurando-o como um “*exilado permanente*”.

<sup>101</sup> O autor observa ainda que: “(...) o intelectual na condição de exilado tende a sentir-se feliz com a idéia da infelicidade, a tal ponto que essa insatisfação, uma espécie de amargura ranzinza que beira à indigestão, pode tornar-se não só um estilo de pensamento como também uma nova morada, ainda que temporária.” SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 60-61.

<sup>102</sup> A expressão “exílio interior” foi cunhada para designar a forma como os intelectuais opostos à ditadura de Franco viveram durante o regime ditatorial na Espanha. O termo aparece em um artigo do madrileno Miguel Salabert, um exilado do franquismo, publicado em *L'Express* (Paris), no ano de 1958. Posteriormente, Salabert escreve uma novela intitulada *El exilio interior*, publicada na França em 1961. Cf.: SALABERT, Miguel. **El exilio interior**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988.

<sup>103</sup> MACAMBIRA, Débora Dias. **A “redescoberta” do Brasil em Joaquim de Carvalho. Uma comunidade luso-brasileira feita de livros (1928-1958)**. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, UC, Coimbra, 2017, p. 303. Sobre o exílio de intelectuais e escritores, ver também: MATHIAS, Marcello Duarte. O escritor e o sentimento de exílio: alguns exemplos contemporâneos. **Colóquio Letras**, Lisboa, n. 183, p. 09-24, 2013.

Em um de seus estudos mais recentes, *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*, o historiador britânico Peter Burke recupera uma genealogia do vocabulário do exílio e seus significados ao longo do tempo, em diversos lugares, assinalando a complexidade da experiência de deslocamento e as palavras utilizadas para nomeá-las em distintas línguas e, destaca os usos pensados pelos filósofos José Gaos e Adolfo Sánchez Vásquez, discordantes entre si quanto aos neologismos para designar a experiência do exílio:

Em hebraico, a palavra que descreve a migração mais ou menos forçada é *galut*. Já *exiles* é um termo antigo de muitas línguas europeias. Em italiano, *esilio* é a palavra que Dante usa para descrever o estado de exílio, o qual ele conhecia muito bem, e *èsule*, termo que se refere a um exílio individual, é usado pelo historiador do século XVI Francesco Guicciardini. Ariosto se refere a *prófugo*, no sentido de alguém que fugiu, e Maquiavel emprega um termo mais neutro, *fuoruscito*, alguém que foi embora. Na Espanha, a palavra exílio só começou a ser usada no século XX. O tradicional termo espanhol *destierro*, “desenraizar-se”, é vividamente concreto em sua referência à perda da terra natal. Um exilado relativamente otimista, o filósofo espanhol José Gaos, que se refugiou no México depois da Guerra Civil, preferia o neologismo *transtierro*, declarando que não se sentia “desenraizado no México mas [...] transplantado” (*no me sentía em México desterrado, sino transterrado*). Seu companheiro de exílio, Adolfo Sánchez Vásquez, porém, discordava veementemente de Gaos nesse aspecto.<sup>104</sup>

Outros termos são empregados para descrever a experiência das migrações humanas, mais ou menos forçadas, como é o caso da palavra “refugiado”, cujo registro associado à “expulsão” data dos fins do século XVII, ao passo que o designativo para “procurado ou perseguido” é mais recente e a expressão “pessoas deslocadas” em uso no século XX, é publicada em contextos da perseguição nazista aos intelectuais e no contexto da Segunda Grande Guerra; assim anota o historiador:

*Refugees* é um substantivo registrado pela primeira vez – de modo muito oportuno – em francês e inglês, em 1685, ano da expulsão dos protestantes da França, depois da revogação do Édito de Nantes. Exemplos da nova palavra incluem a *Histoire de l'établissement de François réfugiés dans... Brandebourg* [História do estabelecimento dos refugiados franceses em Brandemburgo], publicado em Berlim por Charles Ancillon, ele mesmo um refugiado, em 1690, e o *Avis important aux réfugiés sur leur prochain retour en France* [Importante aviso aos refugiados em seu próximo regresso à França], publicado anonimamente na Holanda, no mesmo ano. O termo alemão *Flüchtling*, alguém que fugiu, também data do século XVII, ao passo

<sup>104</sup> BURKE, Peter. **Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000**. São Paulo: Editora UNESP, 2017, p. 14. Para uma discussão sobre o desenraizamento, ver o livro de Ecléa Bosi e suas reflexões sobre a obra de Simone Weil: BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

que *Verfolgte*, que se refere a alguém procurado ou perseguido, é mais recente. A expressão *displaced persons* [pessoas deslocadas] tem cunhagem relativamente nova, registrada pela primeira vez ao fim da Segunda Guerra Mundial, embora uma *List of Displaced German Scholars* [Lista dos acadêmicos alemães deslocados] tenha sido publicada em Londres no ano de 1936.<sup>105</sup>

Peter Burke discute o significado do termo “expatriados”, no sentido de migrantes voluntários, para o século XIX. Aponta que o termo às vezes é usado para descrever alguém “puxado” para um novo país, e não “empurrado” para fora de sua terra natal, o que, na sua visão, caracterizaria uma linguagem mecanicista, que acabaria por obscurecer as decisões e as difíceis e limitadas “*escolhas que os refugiados tinham de fazer*”. Assim, de acordo com Burke, a diferença entre migração voluntária e forçada não seria tão clara, distinguindo-se pelo grau, não pela sua “natureza”. O termo emigrante, por seu caráter neutro, poderia ser empregado para designar exilados e expatriados em conjunto, como faz o pesquisador em seu estudo, embora se deva contraditar seu argumento em relação a “*alguns intelectuais latino-americanos não foram expulsos nem corriam grandes riscos*”, uma vez que os registros sobre o período, para o caso do Brasil, demonstram à larga as aposentadorias compulsórias, a perseguição e a censura como norma; de modo que sair do Brasil não foi uma escolha, mas um imperativo ante a repressão da ditadura de 1964.

Quanto a *expatriates*, no sentido de migrantes voluntários, o termo aparece em inglês no início do século XIX. Os expatriados às vezes são descritos como alguém que foi “puxado” para um novo país, e não “empurrado” para fora da terra natal. Essa linguagem mecanicista obscurece as escolhas que os refugiados tinham de fazer, mesmo que elas fossem difíceis e limitadas. Em outras palavras, a diferença entre a migração voluntária e a forçada nem sempre é clara, trata-se de uma distinção de grau, não de natureza. Para citar exemplos que serão discutidos mais adiante, nos anos 1930, alguns acadêmicos judeus alemães na Turquia e alguns acadêmicos republicanos espanhóis no México podiam ser descritos como exilados (uma vez que foram praticamente forçados a deixar a terra natal), mas também como expatriados (pois foram convidados pelos países de destino). Do mesmo modo, nos anos 1970, alguns intelectuais latino-americanos não foram expulsos nem corriam grandes riscos, mas partiram porque repudiavam os regimes antidemocráticos.<sup>106</sup>

Vários dos exilados expulsos pelo fascismo, pelas guerras e pela fome chegaram ao Brasil entre os anos 1930 e 1950. Entre as diversas nacionalidades, portugueses e espanhóis, com a polícia no seu encalço devido a suas ideias e

<sup>105</sup> BURKE, Peter. **Perdas e ganhos**: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. São Paulo: Editora UNESP, 2017, p. 16.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 16-17.

escritos dissidentes, por sua militância antissalazarista ou perseguidos por terem participado na Revolução Espanhola de 1936. Para boa parte da militância revolucionária, sejam anarquistas, comunistas, republicanos, opositores do fascismo e dissidentes de modo geral, no exílio se busca a sobrevivência, embora fosse um caminho que impunha condições extremamente adversas. Na Espanha e em Portugal, a crescente perseguição aos revolucionários antifascistas obriga muitos ao exílio, experiência comum à trajetória de militantes anarquistas e comunistas. O exílio apresenta-se como um fato social marcante na experiência das organizações políticas, na militância revolucionária e na história intelectual, fenômeno que o século XX conhecerá como uma forma específica de migração internacional de revolucionários, dissidentes e contestadores de distintas tendências ideológicas. São revolucionários, operários, sindicalistas, militantes sociais, escritores, editores, jornalistas, músicos, artistas, opositores dos regimes políticos, considerados “ameaças à segurança nacional”.

No Rio de Janeiro, em fins dos anos 1930 e princípios de 1940, cresce a comunidade de portugueses e espanhóis exilados, formando grupos de apoio e uma “colônia” de imigrantes no exílio. O termo “colônia” é utilizado nos estudos de Heloísa Paulo, Douglas Mansur da Silva e em outras pesquisas sobre a emigração portuguesa para o Brasil, designando genericamente o conjunto dos imigrantes portugueses que viviam em território brasileiro. Entretanto, a designação carrega problemas conceituais e de definição, pois, além da generalização e da carga de preconceito associada ao termo, tida ora como neutra, ora como fundada em uma designação do salazarismo para os emigrados e exilados, além de ocultar as diferenças entre os grupos de imigrantes “não forçados” e aqueles forçosamente exilados. O termo “comunidade” também é recorrente nos estudos sobre o tema. Optou-se neste estudo por não adotar nenhum dos dois termos, salvo quando aparecem nas fontes de pesquisa. Sobre o assunto, Franco Santos Alves da Silva aponta que os exilados não se viam como “colônia”, mas como “diáspora”. Com base em estudo de Heloísa Paulo, este pesquisador assinala que: “*Os primeiros exilados da ditadura de Salazar foram acolhidos pelos que partilhavam dos mesmos ideais, mas mal vistos pelos conservadores, emigrados, sobretudo, no Rio de Janeiro*”.<sup>107</sup>

---

<sup>107</sup> SILVA, Franco Santos Alves da. **O Jornal Portugal Livre**: buscando uma identidade da oposição ao salazarismo no exílio brasileiro (1958-1961). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de

Para São Paulo, também afluem exilados desde os anos 1930 até os anos 1950, ocorrendo, como no Rio, a formação de grupos antifascistas e organizações de imigrantes. Espalha-se para outras cidades do Brasil a oposição ao fascismo e ao salazarismo, chegando, por exemplo, a Fortaleza e Recife os militantes e as suas publicações. A partir das levas de estrangeiros exilados, surgem os principais núcleos de resistência ao fascismo em Portugal desde o Brasil, organizando-se em associações, comitês antifascistas e grupos de afinidade, publicando jornais, escrevendo e editando livros. Atividades e iniciativas das quais farão parte militantes de distintos matizes políticos, como é o caso de Roberto das Neves.

### 3.2 Anarquismo e luta antifascista no Rio de Janeiro

Quando chegam ao Rio de Janeiro, em princípios dos anos 1940, Roberto das Neves, junto de sua companheira Jeruza e Primavera, a filha, encontram uma “comunidade” significativa de exilados portugueses e espanhóis. Oriundos de diversos lugares da Península Ibérica e com distintas orientações políticas, muitos dos exilados haviam saído em fuga de seus países de origem, devido aos riscos que corriam sob as ditaduras de Salazar em Portugal e Franco na Espanha. Tais regimes autoritários puseram em prática, guardadas as particularidades e conjunturas específicas, uma intensa repressão e perseguição a militantes socialistas, comunistas, anarquistas, republicanos, qualquer iniciativa de oposição ou opinião contrária à ordem vigente ou manifestassem resistência ao estabelecido.<sup>108</sup>

Roberto das Neves chega ao Rio de Janeiro vindo de uma situação revolucionária e de um contexto de guerra na Espanha, somado a deflagração da

---

Letras, Universidade do Porto, Porto, 2012. Sobre a “colônia” de portugueses no Brasil que apoiava o regime de Salazar, ver: PAULO, Heloísa. **Aqui também é Portugal: a colônia portuguesa do Brasil e o Salazarismo.** Coimbra: Editora Quarteto, 2000.

<sup>108</sup> Sobre a constituição dos regimes autoritários e as formas de resistência, além de outros estudos antes referidos, ver: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha (org.). **A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX.** Vol. 1 (Europa). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. *In*: REIS, Daniel Aarão; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). **Minorias silenciadas: história da censura no Brasil.** São Paulo: EDUSP, 2002; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (org.). **A Imprensa confiscada pelo DEOPS. 1924-1954.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003; PARRA, Lucia Sílvia. **Combates pela Liberdade. O Movimento Anarquista Sob a Vigilância do DEOPS/SP (1924-1945).** São Paulo: Arquivo do Estado, 2003; SILVA, Rodrigo Rosa da. **Imprimindo a resistência: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945).** Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2005.

Segunda Guerra Mundial, em 1939. O destino do poeta anarquista português se assemelha a “outras tantas pessoas” e aos “*muitos intelectuais [que] se tornaram exilados ou expatriados desde 1945*”, como ressalta Peter Burke, “*Entre os exilados e refugiados, alguns fugiram de regimes comunistas, outros escaparam de governos anticomunistas, muitas vezes de ditaduras militares*”.<sup>109</sup>

Roberto das Neves ingressa no Brasil ao abrigo do Artigo 25, do Decreto Lei nº 389, de 25 de Abril de 1938, que garante cidadania brasileira aos estrangeiros que tenham satisfeito as condições e requisitos para sua obtenção antes da promulgação da Constituição de 16 de julho de 1934. Sua nacionalidade portuguesa teria facilitado os trâmites legais e a autorização consular.

Figura 12 – Ficha de Registo Consular de Roberto das Neves, com admissão no território brasileiro em caráter temporário. Assinada em 28 de janeiro de 1942.

107

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso ROBERTO BARBETO PEDROSO NEVES  
Admitido em território nacional em caráter Temporário  
(temporário de permanência)

Nos termos do art. 25 letra A do dec. n. 306 de 1938  
Lugar e data de nascimento Pedroso Grande, 7 / 9 / 1907  
Nacionalidade portuguesa Estado civil casado  
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Manuel vicente pedroso Neves e Dália Neves Barreto Profissão jornalista  
Residência no país de origem Travessa de Arco a Jesus, 16-40

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 51 expedido pelas autoridades de Governo Civil de Lisboa na data 12/1/1942  
visado sob n. 11

ASSINATURA DO PORTADOR  
Roberto das Neves

SELO CONSUL  
Consulado Geral do Brasil em Lisboa  
28 de Janeiro de 1942  
o consul. Geral:  
Haußmattoda  
CONSUL-ADJUNTO

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada à imigração dos Estados Unidos, sendo as duas vias em original.

Fonte: Página O Ribeira de Pera.<sup>110</sup>

No período, o Brasil vivia uma situação política de repressão e perseguição aos dissidentes, militantes e revolucionários, particularmente anarquistas e comunistas. Guardadas as especificidades em relação aos fascismos europeus, o Estado Novo brasileiro apresentava simpatia e proximidade ao fascismo italiano de Mussolini, ao nazismo de Hitler, ao franquismo e ao salazarismo.<sup>111</sup> Cabe

<sup>109</sup> BURKE, Peter. **Perdas e ganhos**: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. São Paulo: Editora UNESP, 2017, p. 235.

<sup>110</sup> HENRIQUES, Aires Barata. **Roberto das Neves, Pedrogueense, cidadão do mundo...** Publicado na página O Ribeira de Pera, 19 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://www.oribeiradepera.com/aires-henriques-roberto-das-neves-pedrogueense-cidadao-do-mundo/>. Acesso em: 28 de julho de 2016.

<sup>111</sup> Um estudo comparativo entre os casos do Estado Novo brasileiro e português, discutindo mais diretamente o corporativismo, pode ser encontrado em: MARTINHO, Francisco Carlos Palomares; PINTO, António Costa. **O Corporativismo em Português. Estado, política e sociedade**

ressaltar que Getúlio Vargas chegou ao poder através de um golpe militar, no ano de 1930, ficando no poder durante quinze anos, mantido a braço de ferro e com a criação de vários mecanismos de consolidação e continuidade do regime, como a Lei de Segurança Nacional em 1935<sup>112</sup> e a instauração do Estado Novo em 1937, através de um golpe de estado, consolidado com a promulgação de uma nova e autoritária constituição.<sup>113</sup> Nesse caso, pode-se dizer que Roberto das Neves fugiu de uma ditadura para outra ditadura.

Em essência, o Estado Novo brasileiro caracterizou-se como um regime autoritário, com o poder centralizado no executivo, operando uma sistemática perseguição aos opositores através de censura, repressão, perseguição política, prisão e tortura. Proibiu-se, por exemplo, a circulação de jornais e livros, a liberdade de associação e a liberdade de expressão. Também no período foram perseguidos os sindicatos que não aderiram ao atrelamento sistemático ao Estado, se criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1938, um instrumento de censura e propaganda oficial de manutenção do governo no Estado Novo.<sup>114</sup>

---

**nosalazarismo e no varguismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007; TORGAL, Luís Reis. **Estados Novos, Estado Novo:** ensaios de história política e cultural. Vols. I e II. (2.<sup>a</sup> edição). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

<sup>112</sup> A Lei de Segurança Nacional, promulgada em 4 de abril de 1935, definia crimes contra a ordem política e social. Sua principal finalidade era transferir para uma legislação especial os crimes contra a segurança do Estado, submetendo-os a um regime mais rigoroso, com o abandono das garantias processuais. Nos anos seguintes à sua promulgação foi aperfeiçoada pelo governo Vargas, tornando-se cada vez mais rigorosa e detalhada. Em setembro de 1936, sua aplicação foi reforçada com a criação do Tribunal de Segurança Nacional. GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo.** Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988, p. 116-118. Conferir verbete “LEI DE SEGURANÇA NACIONAL”, em: ABREU, Alzira Alves de (org.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1984. (5 volumes reeditados em 2001 e relançados em 2010 em versão *online*). Disponível *online* em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/lei-de-seguranca-nacional>. Acesso em: 15 de março de 2018.

<sup>113</sup> A quarta constituição da história brasileira foi outorgada por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, no mesmo dia em que, por meio de um golpe de Estado, era implantada no país a ditadura do Estado Novo. A essência autoritária e centralista da Constituição de 1937 a colocava em sintonia com os modelos fascizantes de organização político-institucional em voga em diversas partes do mundo, rompendo a tradição liberal dos textos constitucionais anteriormente vigentes no país. Sua principal característica era a enorme concentração de poderes nas mãos do chefe do Executivo. GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo.** Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988, p. 116-118. Conferir verbete “CONSTITUIÇÃO DE 1937”, em: ABREU, Alzira Alves de (org.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1984. Consulta *online* em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/constituicao-de-1937>. Acesso em: 17 de março de 2018.

<sup>114</sup> GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo.** Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988, p. 176-118. Conferir verbete “DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA (DIP)”, em: ABREU, Alzira Alves de (org.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1984. Consulta em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>. Acesso em: 10 de abril de 2018.



Também se ampliou a ação das Delegacias de Ordem Política e Social (DOPS), criadas nos Estados nos anos 1920 e 1930, e em operação durante o Estado Novo, com a função de espionar, perseguir, censurar e reprimir dissidentes do regime, movimentos sociais e organizações políticas. As DOPS operaram como peças importantes do aparato repressivo acionado desde a década de 1920 no Brasil.<sup>115</sup>

Segundo a historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro:

O Estado Novo brasileiro pode ser considerado como um dos segmentos do fascismo no Brasil, liderado por Getúlio Vargas, estadista de índole autoritária que concentrou o máximo de poder nas mãos do executivo. Entre 1930 e 1945, sob o signo da opressão e da censura, procurou eliminar os possíveis canais de contestação ao seu jeito de governar. Uma série de registros nos comprovam que a intenção de Vargas era calar as resistências e continuar no poder, apesar de o Código Eleitoral de 1932 proibir a reeleição à presidência da República nas eleições de janeiro de 1938. A aprovação da Lei de Segurança Nacional pelo Congresso em setembro de 1936, a decretação de sucessivos estados de sítios após a tentativa de *putch* comunista, a redação prévia de uma nova carta constitucional inspirada nas matrizes dos regimes totalitários europeus, a liquidação dos integralistas (até então aliados e cúmplices de Vargas), a repressão sistemática aos comunistas, a prática antissemita durante o Estado Novo e os pactos firmados com as lideranças da Igreja Católica, não devem ser vistos como fatos isolados. No seu conjunto, estas ações configuram um fascismo à brasileira, modelado pelos paradigmas oferecidos pelos fascismos europeus.<sup>116</sup>

Por conta desse contexto de repressão no Brasil, somente em 1945, quando Getúlio Vargas é deposto, os anarquistas retomam sua militância pública, rompendo com a condenação ao silenciamento imposto aos libertários desde os anos 1920 e, de modo mais sistemático, entre os anos de 1924 e 1945.<sup>117</sup> Esse período pós-Estado Novo que segue até o ano de 1964, quando se instaura outra ditadura, dessa vez de cariz civil-empresarial-militar, passou a ser conhecido na

<sup>115</sup> GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988; GOMES, Ângela de Castro. **Burguesia e trabalho. Política e legislação social no Brasil, 1917-1937**. Rio de Janeiro: Campus Editora, 1979.

<sup>116</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico (org.). **Tempos de Fascismos. Ideologia. Intolerância. Imaginário**. São Paulo: EDUSP, 2010, p. 463-464. Os estudos de Maria Luiza Tucci Carneiro são de grande valor para a compreensão do período da ditadura Vargas e do Estado Novo brasileiro, denominado "fascismo à brasileira". Seus trabalhos recobrem temas variados sobre o fascismo, a ação militante e a repressão aos antifascistas no Brasil, como a perseguição, censura e confisco da imprensa e dos livros dissidentes pelo DEOPS: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (org.) **A Imprensa confiscada pelo DEOPS. 1924-1954**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). **Minorias silenciadas: história da censura no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2002; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros Proibidos, Idéias Malditas. O DEOPS e as Minorias Silenciadas**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

<sup>117</sup> Sobre o tema, ver o estudo: PARRA, Lucia Sílvia. **Combates pela Liberdade. O Movimento Anarquista Sob a Vigilância do DEOPS/SP (1924-1945)**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2003.

historiografia brasileira como “redemocratização” ou “república populista”.<sup>118</sup> Para os anarquistas no Brasil, aquele era um momento de reorganização das atividades militantes, de se reinserir na cena pública, depois da repressão do Estado Novo, tendo enfrentado disputas internas no movimento operário, proibida de circular sua imprensa e quando se deu o atrelamento da maioria dos sindicatos ao Estado, antes autônomos e de inspiração sindicalista revolucionária; sendo esta uma grande derrota para os anarquistas brasileiros, que tinham como principal vetor social de atuação militante, desde fins do século XIX, os sindicatos e associações de trabalhadores.<sup>119</sup>

Instalado com a família no Rio de Janeiro, Roberto das Neves encontra-se com outros exilados portugueses e espanhóis e com militantes anarquistas que viviam na cidade. No ano de 1945, três anos depois de sua chegada ao Brasil, participa na criação do Comitê Português Anti-Fascista (CPAF), fundado em abril daquele ano, quando o Estado Novo dava sinais de enfraquecimento. O Comitê foi fundado por opositoristas portugueses de várias orientações políticas, com o objetivo de unir antifascistas e opositoristas na luta contra a ditadura de Salazar e contra o fascismo. Participam nesse comitê, entre outros, Roberto das Neves, Sarmiento Pimentel, oficial do exército português e opositor do regime; Tomás Ribeiro Colaço, poeta, dramaturgo e romancista, tendo por anos mantido um programa de grande audiência na Emissora Nacional, em Portugal; Joaquim Novais Teixeira, jornalista e crítico literário, exilado no Brasil desde 1941 e António Aniceto Monteiro, matemático português exilado no Brasil desde 1945. Além desses intelectuais, aderiram ao Comitê vários trabalhadores, intelectuais e apoiadores. Entre as ações do Comitê, foram editados boletins e feitos esforços na tentativa de estabelecer ações comuns com um grupo de exilados do Rio de Janeiro, constituído

---

<sup>118</sup> Sobre esse assunto, os estudos de Jorge Ferreira e Maria Helena Capelato dão a conhecer o universo sociopolítico e cultural do período, como o populismo, o trabalhismo e a imprensa: FERREIRA, Jorge. **O Imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular. 1945-1964.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005; CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Os arautos do liberalismo. Imprensa Paulista, 1920-1945.** São Paulo: Brasiliense, 1989. Ver também o balanço de Ângela de Castro Gomes: GOMES, Ângela de Castro. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, p. 31-58, 1996.

<sup>119</sup> Acerca do conceito de “vetor social” e para uma análise sobre os fatores que levaram a perda de influência e inserção social do anarquismo nos anos 1920 e anos subsequentes no Brasil, conferir: SAMIS, Alexandre. Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. *In*: COLOMBO, Eduardo *et al.* **História do Movimento Operário Revolucionário.** São Paulo: Editora Imaginário, 2004; SAMIS, Alexandre. Anarquismo, “bolchevismo” e a crise do sindicalismo revolucionário. *In*: ADDOR, Carlos Augusto; DEMINICIS, Rafael Borges (org.). **História do Anarquismo no Brasil.** Vol. 2. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2009.

por Jaime Cortesão, escritor e reconhecido historiador português, Jaime Moraes médico e oficial da Armada Portuguesa e Moura Pinto, advogado republicano e maçom português. Jaime Cortesão exilou-se em França nos anos 1920, depois no Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro, onde se dedica ao ensino universitário. Jaime de Moraes exila-se na França em 1928, por participar em ações pela derrubada da ditadura em Portugal. Após a instauração da Segunda República Espanhola em 1931, segue para Madri, constituindo, com Jaime Cortesão e Alberto Moura Pinto, o *Grupo de Madrid*, depois conhecido como *Grupo dos Budas*. Durante a Revolução Espanhola, esteve em Barcelona como repórter do jornal *UNIR*, órgão da Frente de Portugueses Exilados. No fim da guerra civil, é encarcerado num campo de concentração espanhol. Libertado, atravessa clandestinamente a fronteira da França, onde se depara com um mandado de prisão. Refugia-se na Bélgica, de onde parte para França novamente, em 1939. Com a invasão de Paris pelo exército nazista no ano seguinte, tenta entrar clandestinamente em Portugal, sendo preso e expulso do território nacional, partindo para o exílio no Brasil. Moura Pinto foi opositor da ditadura e do Estado Novo, também exilando-se na França nos anos 1930 e depois no Brasil, em 1939, fixando-se na cidade de Resende. A respeito destes exilados e do Comitê Português Anti-Fascista, o jornalista e escritor português Miguel Urbano Rodrigues, membro do Partido Comunista Português, participa com outros da publicação *43 Anos de Fascismo*, pela editora Civilização Brasileira, em 1969, é outro exilado no contexto da ditadura salazarista no Brasil, por quase vinte anos, e sobre a atuação antifascista no Brasil registra:

Em abril de 1945 foi fundado no Rio de Janeiro o Comitê Anti-Fascista do qual faziam parte o matemático Antonio Aniceto Monteiro e o jornalista Roberto das Neves. Houve uma imediata adesão de inúmeros trabalhadores. O CPAF chegou a editar uma vintena de boletins. Foram feitas tentativas para o estabelecimento de uma ação comum com um grupo de exilados que residiam no Rio constituído por Jaime Cortesão, Jaime Moraes e Moura Pinto. Também em outubro de 1945, um grupo de intelectuais brasileiros, entre eles Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Vinicius de Moraes, José Lins do Rego e muitos outros encabeçou um manifesto com milhares de assinaturas, fundando a Sociedade Brasileira dos Amigos da Democracia Portuguesa – SBADP, denunciando o regime salazarista e exigindo a sua substituição imediata por um regime democrático. A SBADP ainda chegou a editar em 1947 alguns números do semanário *Libertação*. Mas nesse ano a repressão voltou a ser desencadeada agora pelo governo

Dutra que fechou as instituições progressistas, entre elas o SBADP e o CPAF.<sup>120</sup>

A articulação antifascista no exílio brasileiro, da qual participa Roberto das Neves, com seus principais lugares de organização nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo – mas não só, pois as ações e publicações antifascistas repercutiram e se espalharam por outras cidades do Brasil, como Niterói, Recife, Fortaleza e Porto Alegre e também internacionalmente –, buscou estabelecer uma rede de apoio e sociabilidade intelectual que reunia destacados intelectuais brasileiros. Além dos mencionados por Miguel Urbano Rodrigues, que fundam a Sociedade Brasileira dos Amigos da Democracia Portuguesa (SBADP), entre eles Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Vinicius de Moraes e José Lins do Rego, outros intelectuais estiveram envolvidos com as ações antifascistas no Brasil e na crítica ao salazarismo, como: Florestan Fernandes, Álvaro Lins, Antonio Candido, Lígia Fagundes Telles, Paulo Duarte, Octávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Caio Prado Júnior, Carlos Guilherme Motta e o jornalista Cláudio Abramo, “*que inclusive possibilitou a vinda de jornalistas portugueses para o Brasil*”.<sup>121</sup>

Acerca do apoio da intelectualidade no Brasil, o jornal *Portugal Democrático*, em edição de março de 1964, publica uma nota com o protesto de professores da Universidade de São Paulo (USP), contra o regime de arbítrio do Estado Novo, denunciando a repressão em Portugal e em favor da luta antissalazarista. A nota, intitulada “Professores da USP protestam na ONU contra a repressão”, é encaminhada à Organização das Nações Unidas (ONU) e figura como uma das formas de denúncia e registro dos protestos de intelectuais do Brasil no jornal. Entre os vários signatários do documento, estão professores da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, entre eles o sociólogo Florestan Fernandes. Abaixo, um trecho da referida nota:

É com crescente preocupação que a opinião pública brasileira acompanha a intensificação da campanha repressiva a que se vem entregando o governo português. Adotando novos métodos de terror policial, as autoridades portuguesas iniciaram nos últimos meses uma política sistemática de

<sup>120</sup> RODRIGUES, Miguel Urbano. *Portugal Democrático* – um jornal revolucionário. In: LEMOS, Fernando; MOREIRA LEITE, Rui (org.). **A Missão Portuguesa. Rotas Entrecruzadas**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 182-189.

<sup>121</sup> OLIVEIRA, Fábio Ruela de. Exilados portugueses na militância contra Salazar. Resenha do livro: SILVA, Douglas Mansur da. *A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1956-1975*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006. **Espaço Plural**, Cascavel, ano VIII, n. 16, p. 79-82, 2007, p. 80.

perseguições coletivas, atingindo alternadamente as várias profissões liberais. As primeiras vagas de prisões visaram os advogados, os médicos e os engenheiros, contando-se por dezenas os elementos detidos sem culpa formada, apenas por não identificação com os princípios doutrinários do regime. A classe dos arquitetos e o setor estudantil foram também alvo de perseguições e arbitrariedades policiais, culminando essa campanha, minuciosamente preparada, com a prisão em massa de escritores e cineastas realizada em novembro e dezembro [...] durante a qual foram também detidos alguns nomes de prestígio na Universidade de Lisboa. Entretanto, a situação das centenas de presos políticos encarcerados nos vários presídios e campos de concentração coloniais do regime é cada vez mais desesperadora. Segundo informações recebidas de Portugal, confirmadas aliás por observadores estrangeiros, é de franca revolta – para citarmos apenas um exemplo – o ambiente na Fortaleza de Peniche, onde os presos, reagindo contra um tratamento desumano, que lembra os métodos da Gestapo, vêm recorrendo com frequência à greve de fome, como único meio de fazerem ouvir o seu protesto contra a tortura, a incomunicabilidade e a supressão de visitas e de correspondência.<sup>122</sup>

Como se vê, a nota apresenta uma denúncia sobre a repressão em Portugal no regime do Estado Novo, registrando a situação das centenas de presos políticos do salazarismo, espalhados por vários presídios e campos de concentração, como aqueles encarcerados na Fortaleza de Peniche, que recorrem à greve de fome contra o tratamento desumano que recebem, semelhante, chama atenção a nota, aos métodos da Gestapo. Como esta, outras notas, notícias, artigos, depoimentos e cartas aparecem no jornal *Portugal Democrático* e noutros periódicos antifascistas, denunciando a ditadura, a repressão e as perseguições políticas.

Como anota Douglas Mansur da Silva, a partir do jornal *Portugal Democrático*, editado em São Paulo e articulado com antifascistas e grupos antissalazaristas no Rio de Janeiro, estavam entre as tarefas dos editores e apoiadores do periódico, estabelecer contatos “*com os núcleos da oposição, para a formação de uma rede de representantes locais encarregados de divulgar, angariar assinaturas e distribuir, de maneira legal ou clandestina, o jornal.*” Em complemento o autor aponta a capilaridade dos Núcleos de oposição no Brasil e em plano internacional, a saber:

No Rio de Janeiro, o núcleo da oposição, que já se encontrava formado, estreitou o seu relacionamento com o *Portugal Democrático*. Outros núcleos foram formados em Niterói, Porto Alegre e Fortaleza. O primeiro núcleo internacional a compor essa rede de representantes foi o da Venezuela. Seguiram-se os da Argentina e da França. No início de 1960, integram-se núcleos de Juiz de Fora e Belo Horizonte, no Brasil e, internacionalmente, os do Canadá (Toronto e Montreal), Inglaterra, e Checoslováquia. Até o fim daquele ano, os de Salvador (Brasil) e do Uruguai. Em 1961, os de Pelotas (Brasil) e da União Sul-Africana. Em 1962, os de Duque de Caxias e Recife

<sup>122</sup> *Portugal Democrático*, São Paulo, ano VIII, n. 81, março de 1964, p. 08.

(Brasil). Em 1963, Curitiba e Londrina (Brasil). Em 1964, o da Holanda. E em 1965, o da Bélgica.<sup>123</sup>

No Rio de Janeiro, Roberto das Neves toma parte, conjuntamente com emigrantes e outros portugueses exilados, na formação da Associação General Humberto Delgado, em 5 de outubro de 1958, embora passado algum tempo, ocorra uma cisão entre Delgado e Neves. Muito provavelmente, como infere José Maria Carvalho Ferreira, “*as posições militaristas e autoritárias do primeiro não se coadunavam com os pressupostos anarquistas do segundo.*”<sup>124</sup> Roberto das Neves colaborou com o grupo editor do jornal *Portugal Democrático*, sediado em São Paulo, através do *Serviço de Informação Internacional do Portugal Democrático*, filial do periódico no Rio de Janeiro. “*Única publicação da oposição ao Estado Novo – duradoura e editada em língua portuguesa – a não sofrer censura*”<sup>125</sup>, de acordo com Douglas Mansur da Silva, o *Portugal Democrático* “*constitui-se de pronto em uma imensa fonte de dados a estudiosos do século XX português*”, ainda que seu objetivo com o estudo do periódico seja, de modo mais específico, “*compreender as relações sociais que possibilitaram, ao longo de anos, a manutenção de uma militância no exílio*”.<sup>126</sup>

O jornal *Portugal Democrático* registra em suas páginas a que veio, firmando a luta no campo da oposição democrática e contra o salazarismo, afirmando receber colaboração de quem se interesse pela causa e apoie a luta por “*um regime verdadeiramente democrático*”:

Este jornal aceita toda e qualquer colaboração que vise servir o “Portugal Democrático” com verdade e independência. Não dispõe de qualquer subsídio. Sua vida depende de todos os democratas, fundamentalmente brasileiros e portugueses, que desejam vigore em Portugal um regime verdadeiramente democrático. A forma mais imediata de o ajudar consiste em subscrever uma contribuição mensal, além duma assinatura anual.<sup>127</sup>

<sup>123</sup> SILVA, Douglas Mansur da. **A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1956-1974**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006, p. 76.

<sup>124</sup> FERREIRA, José Maria Carvalho. Roberto das Neves: um cidadão do Mundo. **Verve**, São Paulo, n. 24, 2013, p. 34.

<sup>125</sup> SILVA, Douglas Mansur da. **A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1956-1974**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006, p. 25.

<sup>126</sup> SILVA, Douglas Mansur da. **A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1956-1974**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006, p. 25. Além deste estudo, outros trabalhos abordam também este jornal como fonte ou estudam a ação militante de seu grupo editor. Como anota Mansur, o jornal torna-se centro da ação antifascista de exilados portugueses em São Paulo, editado por vários anos sem sofrer censura. Entre os estudos, ver: RAMOS, Ubirajara Bernini. **Portugal Democrático. Um jornal da resistência ao salazarismo publicado no Brasil**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP, São Paulo, 2004; PAULO, Heloísa. **Aqui também é Portugal: A Colônia Portuguesa no Brasil e o salazarismo**. Coimbra: Editora Quarteto, 2000.

<sup>127</sup> *Portugal Democrático*, São Paulo, ano I, n. 11, maio de 1957, p. 02.

O jornal conclama o apoio dos leitores, pela subscrição de contribuição ao periódico e a assinatura anual da folha, informando depender sua sustentação da ajuda dos companheiros democratas. Acerca da difusão do jornal, os editores registram em nota, intitulada “‘Portugal Democrático’ e os leitores portugueses”, a circulação do periódico, além do Brasil, em terras portuguesas e no ultramar, em meio às perseguições da PIDE, a proibição e a censura correntes:

PORTUGAL DEMOCRÁTICO, além de constituir uma tribuna informativa da colônia portuguesa de S. Paulo, projecta-se, também, na própria metrópole portuguesa e em todo o seu ultramar.

As cartas que temos recebido provam-no insofismavelmente. Acusando a recepção do nosso jornal e incentivando os nossos propósitos, os leitores afirmam-no igualmente que PORTUGAL DEMOCRÁTICO é, hoje, um verdadeiro órgão dos portugueses livres, aguardado mensalmente com ansiedade pela população metropolitana e do ultramar, apesar do regime de clandestinidade que os sicários da PIDE teimam em emprestar-lhe. Alguns dos nossos artigos têm sido, até, copiados a STENCIL e distribuídos profusamente, em Lisboa, no Porto, em Coimbra e noutras cidades, nas vilas e aldeias de Portugal.<sup>128</sup>

Como anota Douglas Mansur, o jornal *Portugal Democrático* foi fundado no ano de 1956, por um núcleo de emigrados portugueses antifascistas radicados em São Paulo. Com base em depoimentos, o autor afirma que Vítor de Almeida Ramos, à época jornalista e mais tarde eminente professor de literatura, e Manuel Ferreira Moura, técnico-operário, “*ambos comunistas, tiveram papel crucial na iniciativa de congregar um grupo de ‘anti-salazaristas’ que se encontrava disperso naquela cidade*”.<sup>129</sup> Acerca da constituição de seu grupo editor e de sua publicação, o autor aponta que o periódico resulta de ação coletiva, fruto da mobilização de uma rede de colaboradores voluntários: intelectuais, operários, técnicos, políticos, profissionais liberais e artistas, de distinta extração ideológica “*que mantiveram o jornal e outras ações a ele articuladas, a par de suas profissões e vida pessoal, ou outras actividades estritamente partidárias*”.<sup>130</sup> De acordo com o pesquisador, o núcleo do *Portugal Democrático*, pela ação de militantes e apoiadores, se articula a diversos setores da sociedade brasileira e internacionalmente. Além dos “núcleos da resistência”, seu grupo editor estreita relações com universidades, editoras, sindicatos, partidos, associações estudantis, associações de escritores, entre outros,

<sup>128</sup> *Portugal Democrático*, São Paulo, ano II, n. 16, agosto-setembro de 1958, p. 05.

<sup>129</sup> SILVA, Douglas Mansur da. **A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1956-1974**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006, p. 25.

<sup>130</sup> *Ibidem*, p. 25-26.

constituindo uma rede internacional de combate ao Estado Novo português e doutros regimes autoritários, como o da Espanha.<sup>131</sup> Sobre a “colônia” de exilados portugueses no Brasil, desde a “fase” da ditadura militar portuguesa, e a constituição de uma rede internacional de combate ao Estado Novo, além do *Portugal Democrático*, Douglas Mansur registra a existência de outras organizações e periódicos, de distintas orientações políticas, como o Centro Republicano Português e o Centro Republicano Dr. Afonso Costa, ambos de tendência liberal republicana, e o jornal *Portugal Republicano*, existentes no Rio de Janeiro:

A oposição exilada no Brasil remete à fase da ditadura militar do regime, quando em 1927 João Sarmento Pimentel recebe asilo político. O Centro Republicano Português, fundado por Ricardo Severo em 1908, juntamente com o Centro Republicano Dr. Afonso Costa, do Rio de Janeiro, tornam-se os centros de uma oposição republicana liberal. No Rio de Janeiro, publica-se o jornal *Portugal Republicano*; e em São Paulo, João Sarmento Pimentel e Ricardo Severo editam, entre 1930 e 1945, a *Revista Portuguesa*, com expressivo apoio e participação da intelectualidade paulistana. Entretanto, por motivos de ordem política, as publicações são encerradas e, na sequência, as associações. No espaço de pelo menos uma década (1945 a 1955, aproximadamente) são pouquíssimas as actividades de oposição ao Estado Novo na “colônia” portuguesa no Brasil.<sup>132</sup>

O exílio de Roberto das Neves representa um corte dramático em sua vida. Entretanto, por mais que se deva considerar o rompimento e o desenraizamento que advém com a experiência do exílio, que obriga os “transplantados” a “recomeçar do zero”, “*ou de menos dez, menos vinte ou menos cem*”, podem se perceber continuidades em suas articulações com a “comunidade” de exilados portugueses no Brasil, no combate ao salazarismo desde o exílio e nas conexões mantidas com seus conterrâneos via cartas e pela imprensa, bem como em seus escritos e ações, em larga medida voltadas à denúncia do fascismo em Portugal e na Espanha. Nesse sentido, discutindo o “corte”, a “separação” e o “isolamento” característicos do exílio, Edward Said ressalta que:

Há uma ideia bastante difundida, mas totalmente equivocada, de que o exílio significa um corte total, um isolamento, uma separação desesperada do lugar de origem. Não seria nada mau se esse corte fosse feito com precisão cirúrgica, porque então o exilado teria ao menos o consolo de saber que tudo o que foi deixado para trás é, em certo sentido, impensável e completamente irrecuperável.<sup>133</sup>

<sup>131</sup> SILVA, Douglas Mansur da. **A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1956-1974**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006, p. 31.

<sup>132</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>133</sup> SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 56.



Pela partilha de uma história, de ideias e da luta comum, talvez mais que a própria língua ou cultura, contróem-se pontes de sentido entre as vidas pregressas dos exilados e, por assim dizer, suas novas vidas nos destinos de exílio. O exílio remete não apenas ao lugar para onde foi impelido o exilado, como também ao lugar abandonado contra sua vontade. Assim, a experiência do exílio diz respeito a pelo menos dois lugares, dois universos e, talvez ainda, dois tempos, na vida dos exilados: o que foi deixado para trás e o de destino. Por isso, a experiência do exílio e dos exilados deve ser pensada nessa dupla perspectiva. O sentimento de exílio se manifesta em uma série de dificuldades relativas não apenas a se estabelecer em outro lugar. Significa, ao mesmo tempo, o abandono de toda uma vida em função da necessidade imperiosa de sobrevivência. Tal sentimento se constitui pelo fato de não se estar mais no lugar de origem e enraizamento. Em outras palavras, importa ao exilado, viver no destino de exílio e, também, tudo que resta do seu passado antes do exílio, sejam as memórias, a família, os amigos, o trabalho, a luta social. O exilado torna-se, pela sua condição, um “pária”, no novo lugar e no antigo. Um sujeito cindido, entre uma vida anterior e a vida no destino de exílio. Como anota Edward Said, “*o exilado vive num estado intermediário, nem de todo integrado ao novo lugar, nem totalmente liberto do antigo*”:

Para a maioria dos exilados, a dificuldade não consiste só em ser forçado a viver longe de casa, mas sobretudo, e levando em conta o mundo de hoje, em ter de conviver o tempo todo com a lembrança de que ele realmente se encontra no exílio, de que sua casa não está de fato tão distante assim, e de que a circulação habitual do cotidiano da vida contemporânea o mantém num contato permanente, embora torturante e vazio, com o lugar de origem. Portanto, o exilado vive num estado intermediário, nem de todo integrado ao novo lugar, nem totalmente liberto do antigo, cercado de envolvimentos e distanciamentos pela metade; por um lado, ele é nostálgico e sentimental, por outro, um imitador competente ou um pária clandestino. A habilidade em sobreviver torna-se o principal imperativo, com o perigo de o exilado ficar acomodado e seguro em demasia, o que constitui uma ameaça contra a qual deve sempre se prevenir.<sup>134</sup>

Dos encontros com exilados e militantes anarquistas brasileiros no Rio de Janeiro dos anos 1940, Roberto das Neves encontra-se com os editores do jornal libertário *Remodelações*<sup>135</sup>, Maria Iêda de Moraes e Moacir Caminha, que se

<sup>134</sup> SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 56-57.

<sup>135</sup> *Remodelações*. *Semanário de Orientação Comunista Libertaria*. Circula entre 10 de outubro de 1945 e 18 de julho de 1947, tendo sido publicados 17 números no total. Seus editores são Maria Iêda de Moraes e Moacir Caminha. Surge como o primeiro jornal depois de cinco anos em que os periódicos anarquistas estiveram fora de circulação, publicado antes mesmo do jornal *Ação Direta*,

conheceram e tornaram companheiros no Ceará nas primeiras décadas do século XX, depois se mudando para o Rio de Janeiro nos anos 1940. Juntos, editaram o jornal libertário *Remodelações* (Rio de Janeiro, 1945). Roberto das Neves logo estabelece contacto com José Oiticica, reconhecido professor e intelectual anarquista com longo histórico de militância no Brasil. Desses encontros e com outros anarquistas cariocas, de outras partes do país e estrangeiros no Rio de Janeiro, surge a ideia e somam-se as energias no sentido de editar uma publicação anarquista que pudesse retomar a militância pública dos libertários para a propaganda do “ideal”, adotando o nome de um antigo jornal libertário, que ao mesmo tempo apresenta um princípio, método de ação e estratégia política histórica dos anarquistas: *Ação Direta*.

### 3.3 Escritos e “heresias em prosa” no jornal *Ação Direta*

Em abril de 1946, é lançado no Rio de Janeiro o jornal anarquista *Ação Direta* (1946-1959), distribuído principalmente no Rio e em São Paulo, e chegando também a outras cidades do Brasil e doutros países; é uma das primeiras folhas libertárias a ressurgir no Brasil depois da queda de Vargas, reunindo vários militantes e apoiadores, se constituindo como na tradição do periodismo anarquista, um lugar social aglutinador de debates, convívio e práticas libertárias. De acordo com o Núcleo de Pesquisa Marques da Costa, do Rio de Janeiro: “*O processo de reorganização dos anarquistas no Brasil possui um capítulo especial que merece destaque na conjuntura da reconstrução da memória libertária*”.<sup>136</sup>

---

que veio a lume no ano seguinte, 1946, no contexto de repressão do Estado Novo. Ver: VIANA, Allyson Bruno. **Anarquismo em Papel e Tinta**: Imprensa, Edição e Cultura Libertária (1945-1968). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014; RODRIGUES, Edgar. **Nova Aurora Libertária (1945-1948)**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 1992; RODRIGUES, Edgar. **Pequena História da Imprensa Social no Brasil**. Florianópolis: Editora Insular, 1997. **Maria Iêda de Moraes**. Advogada, escritora, esperantista e anarquista. Editou o jornal *Remodelações* (1945), com seu companheiro Moacir Caminha, no Rio de Janeiro nos anos 1940. **Moacir Caminha** é o nome adotado por Antonio da Graça Caminha (Icó, Ceará, 27/10/1887 – Rio de Janeiro, 1963). Professor, escritor, anarquista e esperantista. Ver: GONÇALVES, Adelaide. Moacir Caminha: o percurso original de um libertário cearense. In: ADDOR, Carlos Augusto; DEMINICIS, Rafael Borges (org.). **História do Anarquismo no Brasil**. Volume 2. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2009, p. 103-118; GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge (Orgs.). **A Imprensa Libertária do Ceará (1908-1922)**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

<sup>136</sup> Nota disponível em: <https://marquesdacosta.wordpress.com/atividades-e-eventos/50-anos-do-termino-do-jornal-anarquista-acao-direta/>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018. A coleção do jornal *Ação Direta* é parte integrante do acervo da BSFL e foi digitalizada pelo Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ).

O *Ação Direta* é o mais longevo jornal anarquista editado na então Capital Federal e ressurgiu a partir do seu título, retomado de outro jornal anarquista, também editado por José Oiticica no Rio de Janeiro entre 1928-1929. Dentre os colaboradores há que se destacar o próprio José Oiticica, professor do Colégio Pedro II e destacado militante anarquista desde 1911, o também professor Serafim Porto (oriundo do PCB e demitido da Associação Cristã de Moços e do Pedro II por suas idéias anarquistas), o exilado espanhol Manuel Pérez (marceneiro de profissão, expulso do Brasil em 1919 no governo Epitácio Pessoa e voltando a salvo das prisões de Franco durante a Segunda Guerra Mundial) e Pedro Ferreira da Silva (português, contador de profissão, defensor do cooperativismo e poeta) exilado no Brasil da ditadura fascista em seu país. A estes logo veio se juntar o também exilado anarquista português Roberto das Neves e toda uma nova geração de militantes anarquistas.<sup>137</sup>

Do grupo editor participam José Oiticica, Seraphim Porto, Sônia Oiticica e Edgard Leuenroth. O jornal teve outros “administradores”, em períodos diferentes, como Manuel Pérez.<sup>138</sup> Nascido na Espanha, ainda criança emigra para o Brasil, onde se escolariza, consegue documentos brasileiros e serve ao exército. Casado e pai de filho brasileiro, seria expulso em 1919, juntamente com outros trabalhadores estrangeiros, vítimas da feroz perseguição desencadeada após a tentativa de Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro, no ano de 1918. Na Espanha, ajuda a organizar a Confederação Nacional do Trabalho (CNT). No exílio português e francês, Manuel Pérez entrou em contato com notáveis figuras do movimento anarquista, como Nestor Makhno, Piotr Archinov, Jean Grave, Sébastian Faure, Charles Malato, Pierre Besnard e Alexander Schapiro. Foi encarcerado dezenas de vezes, em prisões do Brasil, Espanha, França e Portugal, e desterrado em várias ocasiões, uma do Brasil, duas de Sevilha (1921 e 1924), uma de Santa Cruz de Tenerife (1934) e outra de território franquista, em 1940, depois de ter lutado na Revolução Espanhola. Expulso da Espanha, retorna ao Brasil no ano de 1941,

<sup>137</sup> *Emecê*, Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa, Rio de Janeiro, ano V, n. 15, 2010.

<sup>138</sup> **Manuel Pérez Fernández** (Espanha, 10/08/1887 – Rio de Janeiro, Brasil, 16/06/1964). Marceneiro de profissão, “jornalista da classe”, sindicalista e militante anarquista. Ver: GUILLAMÓN, Agustín. **Manuel Pérez. fundador de la FAI y organizador confederal**. Disponível em: <http://puertoreal.cnt.es/denuncias-sociales/1764-manuel-perez-fundador-de-la-fai.html>. Acesso em: 06 de abril de 2018; RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros 4**. Florianópolis: Editora Insular, 1997; VIANA, Allyson Bruno. **Anarquismo em Papel e Tinta**: Imprensa, Edição e Cultura Libertária (1945-1968). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014, p. 45.

passando a colaborar no jornal *Ação Direta*, participando do grupo editor do jornal e escrevendo em suas páginas, assinando com o nome aporuguesado Manuel Peres.<sup>139</sup> Escreve suas memórias no Brasil, nos anos 1950, frequentemente citadas pelos militantes.<sup>140</sup>

José Oiticica escreve o primeiro editorial do periódico, destacando o silêncio a que foi condenada a imprensa anarquista e a militância libertária ao longo dos anos 1930 e 1940, abordando em síntese a conjuntura da luta social internacional em sua resistência e seus revezes e destacando a *ação direta* dos refugiados espanhóis, companheiros franceses e as juventudes libertárias editando o periódico *Ruta*; assim como os esforços empreendidos pelos estivadores na Inglaterra e a realização de um Congresso Anarquista, em Glasgow:

*Ação Direta* ressurgue. Após cinco anos de silêncio relativo e dez de absoluto silêncio, o vozeiro anarquista reentoa o seu canto guerreiro: *De pé, ó vítimas da fome! A Internacional* restruge nos quatro ângulos do mundo, reconvocando os famélicos à luta libertária. Na Itália, refervem os grupos anárquicos, renovam-se as federações esfaceladas pelo fascismo e, na imensa convulsão de partidos caóticos, desorientados, serviçais da monarquia, só elas são força obreira atacante. Na Espanha, mau grado Franco e a burguesia anglo-americana, a C. N. T., golpeada por elementos propensos ao colaboracionismo estatal, repõe nos devidos termos sua linha antireformista confiando apenas no tradicional processo da *ação direta*. Em França, os refugiados espanhóis e os companheiros franceses reencetam, com inesperado vigor, a campanha anárquica, e as juventudes libertárias, num irreprimível arranco, apuram-se, editam *Ruta* e incitam os jovens de todo o mundo à mesma profícuca agitação. Na Inglaterra tarda, conservadora, ensopada nas *Trade-Unions* ronceiras, laboristas, manobradas por chefes e chefetes, uma classe inteira, os estivadores, mandam às favas o sindicato estatal e criam seu órgão próprio de defesa em tudo assentado na *ação direta*. Em Glasgow reúne-se um congresso anarquista, com resoluções magníficas, claramente rebeldes.<sup>141</sup>

*Ação Direta* é inicialmente um semanário, passando a quinzenário e, depois, mensário, com a periodicidade alternando-se, a depender da conjuntura, por diferentes motivos, inclusive de ordem material, fato comum no largo episódio da

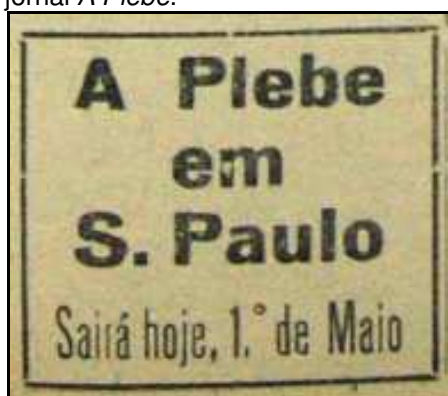
<sup>139</sup> A partir de julho 1947, após reunião e decisão do grupo editor, Seraphim Porto assume como diretor do periódico e Manoel Peres como administrador, embora José Oiticica permaneça como “diretor responsável”; formalmente, para efeitos legais. A partir da edição de quinze de fevereiro de 1949, José Oiticica volta a diretor do jornal, mantendo-se Manuel Perez como administrador. Quando do falecimento de José Oiticica, em trinta de junho de 1957, assume a direção sua filha Sônia Oiticica. Nas edições de janeiro e fevereiro de 1958, Ideal Peres aparece como administrador do jornal. A partir da edição de novembro de 1958, deixa a direção do jornal Sônia Oiticica e assume Edgard Leuenroth. Da edição de novembro de 1958 em diante o cabeçalho do jornal divulga apenas o nome de seu fundador, assim escrito: “FUNDADO PELO PROF. JOSÉ OITICICA EM 1946”.

<sup>140</sup> O livro de memórias de Pérez foi editado na Espanha: PÉREZ, Manuel. **30 años de lucha**: mi actuación como militante de la C.N.T. y anarquista español. Vitoria: Asociación Isaac Puente, 2012.

<sup>141</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 01, 10 de abril de 1946, p. 01.

imprensa dos trabalhadores. A partir de maio de 1947, passa a quinzenário. Na edição de março de 1949, o jornal publica nota “Aos Leitores”: “*Por acôrdo com os companheiros de São Paulo, ‘Ação Direta’ passa a publicar-se mensalmente, alternando sua edição com a d’A Plebe*”. A nota é esclarecedora quanto ao grau das relações políticas, solidariedade e afinidades entre os anarquistas, núcleos de propaganda e grupos editores das folhas libertárias no Brasil. Os jornais e seus editores se comunicam, compartilhando leituras, livros, documentos, notícias e estabelecendo acordos, mantendo relações de camaradagem e união, como nesta demonstração, comunicando a circulação alternada do *Ação Direta* e d’*A Plebe*. Comparando os jornais, se percebe o intercâmbio, a prolífica comunicação e as relações de afinidade entre grupos editores das folhas libertárias. É o que se vê nas páginas do próprio *Ação Direta*, em referência e incentivo à leitura de *A Plebe* e outros periódicos. Dois anos antes da nota acima, é publicado, em primeiro de maio de maio de 1947, um anúncio: “A Plebe em S. Paulo. Sairá hoje, 1º de Maio”:

Figura 13 – Anúncio de publicação do jornal *A Plebe*.



Fonte: *Ação Direta*, ano II, n. 34, 01 de maio de 1947, p. 01.

Na edição seguinte, *Ação Direta* publica uma saudação *A Plebe*, apresentando o jornal paulista que voltava a ser publicado, após quinze anos fora de circulação – desde a chamada “Revolução de 30”, passando pelo regime do Estado Novo e pela ditadura Vargas: “*Ação Direta saúda sua irmã de lutas e lhe envia as mais gritantes vozes de auspicioso reinício na propaganda libertária*”.<sup>142</sup> Com esse e outros gestos, os editores do *Ação Direta* fortalecem os laços de camaradagem com o grupo editor d’*A Plebe*, reafirmando as relações militantes de mais de três décadas, desde antes da fundação do jornal libertário paulista, no ano de 1917. A

<sup>142</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano II, n. 35, 16 de maio de 1947, p. 03.

sede do jornal *Ação Direta* muda de endereço por diversas vezes<sup>143</sup>, devido principalmente à repressão e às dificuldades financeiras para manutenção das publicações, comuns a maior parte dos jornais anarquistas, alvos de proibição, censura, perseguição, empastelamento, atentados, incêndio, confisco, destruição de exemplares e prisão de seus editores.

Por meio do núcleo que se articula em torno do *Ação Direta* Roberto das Neves se encontra com a militância anarquista brasileira, integrando o círculo de colaboradores do periódico e escrevendo várias matérias: anarquismo, antifascismo, anti-salazarismo, poemas sociais... Escreve uma coluna de comentários e vigorosa crítica sociopolítica, nomeada “Não Apoiado! Pelo Dr. Satan”, mantida entre 1946 e 1950, constituindo uma significativa manifestação do seu pensamento anticlerical, antifascista e anticapitalista. Sua contribuição no *Ação Direta* se vê em artigos de opinião e noticiosos, discutindo temas afins ao pensamento anarquista e abordando o salazarismo em Portugal e o fascismo no mundo. Numa escrita de dimensão doutrinária, analisa, crítica, registra uma memória dos fatos sociais e denuncia o fascismo. Nestes escritos, discute, com vivo interesse, temas como Maçonaria e Esperanto, entre outros, participando de polêmicas nas páginas de *Ação Direta*. Para que se dimensione a tônica dos escritos, segue um quadro sumário:

**Quadro 1 – Escritos de Roberto das Neves no *Ação Direta* (1946-1959)**

TÍTULO	DATA	NOTAS
“O esperanto a serviço do proletariado - O que é a Senaciecca Asocio Tutmonda (S. A. T.)”	Ano I, n. 12, 06/07/1946	No artigo, o autor apresenta a S. A. T., Associação Anacionalista Mundial, fundada em 1921, pontuando as razões de sua fundação e chamando atenção à sua importância ao proletariado internacional, como difusora de um esperantismo de classe e anticapitalista, defensora e difusora da língua mundial que se apresenta como continuadora de um dos mais conhecidos e necessários apelos da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), “proletários de todo o mundo, uni-vos”.
“Um empregado de Antonio Ferro em Terras de Santa Cruz”	Ano I, n. 19, 10/09/1946	O artigo é dirigido a “velhos amigos e companheiros de jornalismo e de luta contra o fascismo” portugueses, que lhe escreveram questionando-o por ter

<sup>143</sup> A partir da edição de 17 de abril de 1948, ano II, n. 46, o jornal *Ação Direta* traz no cabeçalho o endereço da redação, à Rua Buenos Aires, 147 – A, 2º Andar Sala 2, na cidade do Rio de Janeiro. A partir da edição de n. 92, de março/abril de 1954, a sede passa à Rua Erasmo Braga, 227 – 5º Andar – Sala 519. Na edição n. 98, o endereço é Avenida Treze de Maio, 23 – 9º Andar – Sala 922.

		aparecido em fotos de jornais do Rio de Janeiro ao lado de Amadeu de Freitas, chamado ironicamente por eles de <i>Amador de Fretes</i> , “enviado especial” do jornal português <i>O Século</i> , reconhecido defensor do salazarismo e correspondente de <i>O Século</i> durante a Revolução Espanhola e Guerra Civil na Espanha.
“UMA VÍTIMA DO SALAZARISMO – O Professor Abel Sazalar, um dos maiores sábios dos nossos tempos, nem na morte foi deixado em paz”	Ano II, n. 33, 10/04/1947	O autor do texto é “Antipatriota”, possível pseudônimo de Roberto das Neves, pela temática abordada, estilo de escrita e crítica ao salazarismo.
“O QUE É A PÁTRIA”	Ano II, n. 42, 15/10/1947	Trata-se de um artigo com reprodução literária de um diálogo de Roberto das Neves com o Tenente-Coronel Salvação Barreto, chefe da Comissão de Censura de Salazar, que mandou confiscar o livro “O Meu Livro”, de Neves, medida contra a qual o militante foi reclamar pessoalmente com o censor.
“O esperanto, instrumento de libertação dos povos”	Ano IV, n. 55, 20/05/1949	Assina o artigo “Norberto Pedroso”, o que indica um pseudônimo de Roberto das Neves. Artigo sobre o Esperanto na revolução social e libertação dos povos.
“VIVA SATANAZ”	Ano IV, n. 60, 29/10/1949	Artigo assinado por Faria, pseudônimo que parece ser de Roberto das Neves, por conta do tema abordado, da figura de Satanás evocada e dos temas discutidos de modo muito semelhante a sua Coluna. Pode ser de outro militante ateu da época.
“QUEM É VALENTIM JOÃO, O ANARQUISTA QUE TENTOU ABATER SALAZAR”	Ano IV, n. 63, fevereiro de 1950	Artigo apresentando a história de Valentim Adolfo João, operário mineiro anarquista que tentou matar Salazar a bomba.
“A verdade sobre Portugal”	Ano VI, n. 71, fevereiro de 1951	Artigo anônimo, possivelmente escrito por Roberto das Neves, sobre o contexto de Portugal, com denúncia das perseguições, violências e crimes contra os trabalhadores, militantes e a população em geral; “Especial para <i>Ação Direta</i> ”; escrito em novembro de 1950, sem menção de local, apenas “Algures”.
“Pode ser ao mesmo tempo Anarquista e Maçon?”	Ano XIII, n. 128, julho de 1958	Artigo de opinião, discutindo com o militante João de Souza Ávila e outros sobre Anarquismo e Maçonaria, no qual Neves discorda das conclusões a que chega Ávila.
“Pode ser ao mesmo tempo	Ano XIII, n.	Continuação do texto iniciado na

Anarquista e Maçon?"	129, setembro de 1958	edição anterior.
"Querem transformar o Brasil e Portugal em Colonia do Vaticano"	Ano XIV, n. 134, maio de 1959	Artigo em que Roberto das Neves discute a perseguição aos livros de autores críticos ao fascismo, entre eles Tomaz da Fonseca, a proibição da livre circulação dos livros e das ideias, especial destaque à perseguição à Editora Germinal e a censura operando em Portugal e no Brasil.

Fonte: Jornal *Ação Direta* (Rio de Janeiro). Arquivo Biblioteca Social Fábio Luz (BSFL), Rio de Janeiro.

Entre os escritos acima apresentados sumariamente, publica "Um empregado de António Ferro<sup>144</sup> em Terras de Santa Cruz". No artigo, espécie de explicação a "*velhos amigos e companheiros de jornalismo e de luta contra o fascismo*" português, Roberto das Neves responde aos camaradas que lhe escreveram questionando-o por ter aparecido em fotos de jornais do Rio de Janeiro, ao lado de Amadeu de Freitas, chamado ironicamente de *Amador de Fretes*, "enviado especial" do jornal português *O Século*, reconhecido defensor do salazarismo e correspondente de *O Século* durante a Guerra Civil na Espanha. Amadeu de Freitas posicionava-se a favor de Franco e do fascismo na Espanha e em Portugal, em suas crônicas para o referido jornal. Roberto das Neves reconhece em seu texto que as reportagens de Amadeu de Freitas:

São todas elas monótonos panegíricos à obra da ditadura salazarista, ao patrioteirismo reacionário da parte rica da colônia portuguesa no Brasil e aos "grandes triunfos diplomáticos" do sr. Teotónico Pereira, embaixador de Salazar em terras de Santa Cruz, escritos num estilo Secretariado da Propaganda Nacional ou Estado Novo, em que o tom hilariante (à força de grave, solene e enxundioso), de Conselheiro Acácio, se casa com o tom vomitivo (à força de rastejante, engraxador, sabujo), de Palma Cavalão.<sup>145</sup>

Roberto das Neves conta que foi procurado pelo jornalista Amadeu de Freitas logo chegara ao Brasil e este se queixou de passar necessidades financeiras

<sup>144</sup> **Antonio Joaquim Tavares Ferro** (Lisboa, 17/08/1895 – Lisboa, 11/11/1956). Jornalista e político português. Foi diretor do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), criado em 1933, acumulando funções de chefe da propaganda e responsável pela política cultural do Estado Novo. Ao final da II Guerra Mundial, o SPN passa a ser denominado Secretariado Nacional de Informação (SNI), com Ferro na diretoria até 1949. HENRIQUES, Raquel Pereira. **António Ferro** – estudo e antologia. Lisboa: Publicações Alfa, 1990.

<sup>145</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano I, n. 19, 10 de setembro de 1946, p. 03-04. Palma Cavalão é o proprietário e redator do jornal "A Corneta do Diabo", personagem de *Os Maias*, de Eça de Queirós, apresentado pelo escritor como um jornalista corrupto, facilmente "agitado com o tinir do dinheiro". **Pedro Teotónio Pereira** (Lisboa, 07/11/1902 – Lisboa, 14/02/1972) foi um político e diplomata português, atuante durante a ditadura de Salazar.



em Portugal e se dizia arrependido de sua ação na Espanha, quando escrevera crônicas ecoando uma visão franquista da Guerra Civil. Além disso, disse que teria vindo ao Brasil em busca de trabalho para equilibrar suas finanças. Mas, chama atenção Neves, Amadeu de Freitas não contou algo muito importante, que só depois saberia: “*que também era e é empregado de António Ferro, ou seja, do Secretariado da Propaganda de Portugal, nome que o D. I. P. tem na Salazarolândia*”. Sem tal informação, se sensibilizara com o relato do jornalista empobrecido, apresentando-o aos principais jornais do Rio de Janeiro, como “*um pequeno sacrifício por um pobre ex-companheiro de trabalho*”. Seu registro de memória assinala:

(...) eu tive a desgraça de ser escriba a sôldo do Pereira da Rosa, que ainda hoje paga ordenados de 600 escudos (menos de 600 cruzeiros), e por isso compreendi as amargas queixas de *Amador de Fretes*. Lembrei dos apertos que sofri em Portugal com a família, da fome que, graças à admirável política de Salazar (que esvazia os cofres de seus tutelados para engravidar os do Estado), a maioria da população ali curte (...).<sup>146</sup>

O jornal *O Século* é denunciado por Roberto das Neves como um periódico fascista e seu redator e donos como nazistas, inclusive com ligações diretas com o Ministro da Propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels. Ultrapassando o embuste do jornalista de *O Século*, Neves relata o fracasso do embaixador de Salazar, Teotónio Pereira, em São Paulo, de pouquíssima acolhida e fraca recepção da “colônia” portuguesa na cidade, e, mais que isso, acusado de “germanófilo”, defensor e propagador do nazifascismo na América, do que se defendeu afirmando ter mudado de opinião depois da guerra.<sup>147</sup> Roberto das Neves aproveita o ensejo e divulga que uns “humoristas” da “colônia” portuguesa em São Paulo entregaram uma representação, em nome da “colônia”, pedindo ao embaixador português que remetesse ao seu “patrão”, Salazar. Na representação, uma denúncia na forma de pedido, pelo “*restabelecimento da democracia em Portugal, com eleições livres, supressão da censura à Imprensa, da Polícia Política e do campo de concentração do Tarrafal*”<sup>148</sup>, onde algumas centenas de portugueses

<sup>146</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano I, n. 19, 10 de setembro de 1946, p. 03-04.

<sup>147</sup> Em denúncia das relações do salazarismo com o nazifascismo, Roberto das Neves menciona o “Catecismo Cooperativista”, de Mussolini, e “Mein Kampf”, de Hitler, livros que, em sua opinião, teriam sido substituídos pela Cartilha Cristã por Salazar e Teotónico Pereira.

<sup>148</sup> Campo do Tarrafal, Colônia Penal do Tarrafal ou Campo de Concentração do Tarrafal, um campo prisional para presos políticos situado em Chão Bom do Concelho do Tarrafal, na ilha de Santiago, em Cabo Verde. Criado pelo governo português durante o Estado Novo, pelo Decreto-Lei n.º 26 539, de 23 de abril de 1936; começou a funcionar em 29 de outubro de 1936, com a chegada dos 152 primeiros prisioneiros. Centenas de presos passaram por lá, dentre os quais dezenas morreram. Sobre o tema, há estudos e testemunhos de sobreviventes MIGUEL, Francisco. **Tarrafal:**

*dormem o sono eterno, e ampla anistia política.*”<sup>149</sup> Neves inverte o sentido e subverte o fato de ter sido ludibriado pelo jornalista de *O Século*, pedindo, não sem ironia, piedade para *Amador de Fretes* e pessoas como ele, que tiveram a desgraça de terem nascido com a “*coluna vertebral de borracha*”, que os faz se curvarem diante do dinheiro e se venderem ao regime fascista:

Termino rogando aos nossos amigos de Portugal que não queiram mal ao pobre Amador de Fretes. A culpa não é dele, mas sim do regime que o gerou, do regime que impera em Portugal, regime que obriga os intelectuais que, como o pobre Amador, tiveram a desgraça de nascer com a coluna vertebral de borracha sem rigidez, a andar sempre curvados deante de qualquer badameco dotado de dez-réis de poder, na pedincha de uma côdea para não morrerem de fome. Esse é o regime que todos nós temos de combater com a pena e com as armas. Quanto aos pobres *Amadores de Fretes, acúrcios* e quejandos, tenhamos piedade dêles. Que outra coisa hão de fazer os vermes, senão rastejar na lama, se a Natureza, tão generosa com as águias lhes não deu asas para se erguerem aos cumes das montanhas?!<sup>150</sup>

Na opinião de Roberto das Neves, esse seria o problema e a ele deveria se combater, em suas palavras, “*com a pena e com as armas*”. O texto é de interesse para se conhecer sobre a atividade jornalística de Roberto das Neves em Espanha, Portugal e no Brasil. Ao narrar a história, o militante discorre de memória acerca do seu trabalho em jornais de Portugal, dizendo das necessidades materiais que passou com sua família, da fome, dos pagamentos ínfimos, enfim, das dificuldades por que passaram os “intelectuais” no seu país, por causa do regime social que imperava. Roberto das Neves, na ocasião, revela seu plano em publicar em livro uma “breve história sobre a guerra de Espanha vivida nos negros bastidores dos jornais portugueses”. O livro não sairia do projeto e ficaria como desejo não realizado pelo intelectual.

Em “Quem é Valentim João, o Anarquista que tentou abater Salazar”, trata-se de um argumento textual comuns no estilo e formato na escrita de Roberto das Neves e de outros que publicavam no *Ação Direta*, registrando a memória e recuperando a história da militância anarquista. Um “gênero textual” que assinala a

---

testemunhos. Trabalho colectivo de sobreviventes do Tarrafal. 2ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 1978; OLIVEIRA, Cândido de. **Tarrafal**: o pântano da morte. Lisboa: Editorial República, 1974; PEDRO, Edmundo. **Memória**: um combate pela liberdade. Lisboa: Âncora Editora, 2007; RODRIGUES, Manuel Francisco. **Tarrafal**: o diário da B5. Porto: Brasília Editora, 1974; SOARES, Francisco. **Tarrafal, campo da morte lenta**. 3ª edição. Lisboa: Editorial Avante!, 1977; TAVARES, José Manuel Soares. **O Campo de Concentração do Tarrafal**: a origem e o quotidiano (1936-1954). Lisboa: Edições Colibri, 2006. Sobre o assunto, conferir o dossiê no site da Fundação Mário Soares, disponível em: <http://www.fmsoares.pt/aeb/dossiers/dossier15>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

<sup>149</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano I, n. 19, 10 de setembro de 1946, pp. 03-04.

<sup>150</sup> *Ibidem*.

tentativa de recuperar perfis biográficos de militantes, destacando seus itinerários e trajetórias. Roberto das Neves apresenta a história de Valentim Adolfo João, um operário mineiro anarquista que tentou matar Salazar à bomba. Valentim João foi, por vários anos, secretário geral do Sindicato dos Mineiros de São Domingos, no Alentejo, representando algumas vezes a Federação dos Mineiros de Portugal, em Espanha, nos congressos da C. N. T. O artigo, recupera elementos da resistência na Espanha revolucionária no ano de 1937 contra o exército franquista e os apoiadores fascistas internacionais, dentre eles “voluntários” portugueses, alemães do 3º Reich, italianos do Quirinal e mercenários mouros do Marrocos. Denuncia a passagem de armas modernas vindas da Alemanha em direção à frente de Madrid, na Espanha, cometendo violações do direito internacional. Diz ainda da resistência em Portugal, que, nesse período, em “*dias seguidos, várias bombas de grande potência [...] destruíram ministérios, o consulado franquista, a estação do Rádio-Clube Português, etc.*” Dentre os atentados ocorridos na época, o de Salazar havia falhado.

Depois do atentado, segundo conta Roberto das Neves, houve forte perseguição da Polícia Política de Salazar. No entanto, através de denúncia de um conhecido militante do Partido Comunista Português, teriam sido “*presos vários dos mais ativos militantes anarquistas portugueses, que acabaram confessando a autoria dos atentados*”.<sup>151</sup> Todos foram presos na Penitenciária de Coimbra, condenados a vários anos de prisão, variando as penas entre 12 e 25 anos. Entre os que sofreram maior condenação, figura Emídio Santana<sup>152</sup>, então Secretário Geral da clandestina Confederação Geral do Trabalho Português. Emídio Santana, no julgamento não aceitou advogado de defesa, fazendo sua própria defesa, fato que não era novidade no meio anarquista, tendo ocorrido em outros momentos e por outros militantes.<sup>153</sup> Entre os condenados pelos atentados, o único que conseguiu fugir foi Valentim João, capturado anos depois, em 1950, segundo noticiou telegrama

<sup>151</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 63, fevereiro de 1950, p. 04.

<sup>152</sup> **Emídio Santana** (Lisboa, 04/07/1906 – Lisboa, 16/10/1988). Operário metalúrgico, sindicalista e um dos mais destacados militantes anarquistas portugueses. Entre seus escritos: SANTANA, Emídio. **História de um atentado**: o atentado a Salazar. Sintra: Editora Forum, 1976; SANTANA, Emídio. **Memórias de um militante anarco-sindicalista**: tempos de luta de adversidade e de esperança. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1987. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989. Sobre Santana, ver página do Arquivo Histórico-Social, disponível em: <http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/arquivo/?p=collections/findingaid&id=26&q=&rootcontentid=255#>. Acesso em: 21 de maio de 2020.

<sup>153</sup> Como foi o caso do anarquista francês **Émile Henry** (1872-1894), acusado por dois atentados a bomba em Paris e guilhotinado em fins do século XIX, no dia 21 de maio de 1894. Seu discurso perante o tribunal está publicado em *A Gazeta dos Tribunais*, 27-28 de abril de 1894. Ver RODRIGUES, Edgar. **Anarquismo no Banco dos Réus**. Rio de Janeiro: VJR Editores, 1993.

de Lisboa, ao qual Roberto das Neves teve acesso. Conta Neves que o militante libertário era também poeta e músico, servindo “*a causa dos trabalhadores não apenas pela ação e pela palavra nas assembleias. Fazia-o também com o auxílio das musas*”, compondo canções de revolta e tocando sua guitarra:

Regular improvisador, embora dotado de fraca cultura clássica, era, como tantos outros poetas populares, um homem que melhor do que os vates de gabinetes, êsses que vivem afastados dos grandes problemas humanos, sabia traduzir os anseios de justiça das massas. Na sua guitarra, ao som da qual êle compunha as suas canções, em sua maioria revolucionárias, vibravam revoltas, de mistura com ecos de sonhos duma vida melhor que um dia há-de-vir para todos.<sup>154</sup>

Quando fora preso, Valentim João se encontrava doente, com os “*pulmões desfeitos pela tísica contraída nos anos em que andou foragido, vida incerta de alimentação e de repouso, na qual jamais esqueceu e deixou de lutar pela causa sagrada do anarquismo. São assim os nossos homens.*”<sup>155</sup> Para um elogio ao poeta, às musas e à canção revolucionária, o jornal *Ação Direta* estampa a letra de uma canção de Valentim João, “No Meu Baluarte”, versando sobre o amor a uma mulher, os desejos de um “idealista” e a construção da associação de classe como um bastião na luta contra o capital.

NO MEU BALUARTE  
Valentim A. João

Não tenho vagar, amor  
para te dar atenção;  
tenho muito que fazer  
na minha Associação.

1

É meu desejo esmagar  
esta podre sociedade  
que só fala em caridade  
para nos escravizar.  
Tenho, pois, que batalhar,  
com fé e com destemor,  
para acabar com a dor,  
a miséria e o sofrimento.  
Por isso, neste momento,  
não tenho vagar, amor.

2

Quando a vida nos sorrir  
de encantos fôr o viver,  
ou, num breve alvorecer,

<sup>154</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 63, fevereiro de 1950, p. 04.

<sup>155</sup> *Ibidem*.

a luta nos redimir,  
 eu poder-te-ei garantir  
 imorredora afeição.  
 Mas, enquanto a escravidão  
 produzir mal e desgosto,  
 não posso fugir do posto,  
 para te dar atenção.

3

Olha para todo o mundo:  
 só verás fome e desgraça.  
 Eu amo a Beleza, a Graça,  
 amo o bem-estar profundo,  
 mas o Capital, imundo,  
 procura-nos perverter.  
 Hemos, porém, de vencer,  
 apeando os egoístas.  
 Como os demais idealistas,  
 tenho muito que fazer.

4

Sociedade corrompida,  
 a que aí está, de argentários,  
 por meio de seus sicários,  
 nega-nos direito à vida.  
 Eis porque, minha querida,  
 em vez de dar-te atenção,  
 a luta contra a opressão  
 eu prego por toda a parte,  
 a construir um baluarte  
 na minha Associação.<sup>156</sup>

Quanto aos conteúdos abordados no jornal, *Ação Direta* chama a atenção a polêmica instaurada em torno da Maçonaria, tornando-se uma discussão acalorada, publicada ao longo de algumas edições. Entre os debatedores, figuram Roberto das Neves, maçom desde jovem, quando ingressa na loja maçônica *Rebeldia*, em Portugal, em 1929, João de Sousa Ávila e Pedro Ferreira da Silva. Sobre o tema, é lançada a questão: “Pode ser ao mesmo tempo Anarquista e Maçon?” Apresentado na seção “Tribuna dos debates”, na edição de julho de 1958, o artigo debate com o militante João de Souza Ávila sobre anarquismo e maçonaria, a partir de um escrito de Ávila em edição anterior, “Anarquismo e Maçonaria são movimentos inconciliáveis”, de forte crítica à maçonaria e dando sequência aos debates no jornal desde a edição de dezembro de 1953.

Roberto das Neves concorda em parte com as críticas formuladas contra a maçonaria, mas discorda de João Ávila quando este defende que não se pode ser ao mesmo tempo maçom e anarquista, rebatendo os argumentos de seu interlocutor.

<sup>156</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 63, fevereiro de 1950, p. 04.

Discorda de que a maçonaria seria uma instituição conservadora, dizendo que *“quem conhece a história e o papel que a maçonaria representou na preparação dos mais importantes eventos libertadores”*<sup>157</sup>, em vários momentos da história, como a Revolução Francesa, a Comuna da Paris, a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), a Revolução Russa, a Revolução Espanhola e em *“(...) todas as revoluções que em todo o mundo puseram fim ao feudalismo e ao chamado ‘direito divino’ e procuram instaurar normas de convivência social mais livres e mais justas”*; e argumenta que a *“Maçonaria é, pelo contrário, eminentemente revolucionária e em seus objetivos, libertária”*.<sup>158</sup>

Na argumentação de Neves, a maçonaria teve papel fundamental também na luta contra a inquisição, contra a escravidão e pela república. Na França e em outros países, segundo Neves, a maçonaria esteve à frente de movimentos *“visando o progresso e a defesa do indivíduo contra a absorção do Estado cada vez mais prepotente”*. Faz uma comparação entre sindicalismo e maçonaria, apontando que ambos não fizeram a tão desejada revolução social, e afirma que a maçonaria no Brasil, constituída por quase mil lojas, dorme à sombra dos louros do passado, diferentemente da maçonaria em outros países. Roberto das Neves rebate as investidas do interlocutor citando aqueles que considera os “maiores vultos do anarquismo”, também maçons – Proudhon, Bakunin, Tolstói, Kropotkin, Réclus, Jean Grave, Malatesta, Ferrer, Émile Zola, Sebastien Faure, Max Nettlau, Louise Michel, Maria Lacerda de Moura, segundo ele, somados aos nomes das maiores figuras do anarquismo contemporâneo, *“os verdadeiros intérpretes e legítimos portadores da mensagem histórica dos Pedreiros Livres”*. De acordo com Neves, ao contrário do que afirma Ávila, a maçonaria não seria deísta, ainda que seja certo que *“alguns ramos da maçonaria, designadamente os dos chamados ritos escocês e de York, menos evoluídos, mantêm a invocação do ‘Grande Arquiteto do Universo’, que dizem ser Deus”*. Neves argumenta, porém, que esse Deus seria distinto do Deus das religiões, do Deus-Criador, Providência e Justiceiro, inconciliável com o “dogma” da evolução incessante da maçonaria, segundo o qual o Universo existiu sempre, não teve começo e também não terá fim. O ramo mais evoluído da maçonaria, de

---

<sup>157</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 128, julho de 1958, p. 03.

<sup>158</sup> *Ibidem*.

acordo com a argumentação de Neves seria o “moderno” ou “francês”, “*francamente agnóstico, isto é, que faz tábua rasa, desde o 1º grau, do mito de Deus*”.<sup>159</sup>

Por seu turno, João Ávila afirma que a maçonaria seria uma instituição patriótica ou nacionalista. Em resposta, Roberto das Neves ressalta que prova em contrário seriam os rituais, as cerimônias e a literatura maçônica e sua constante preocupação em considerar todos os homens como irmãos, independente de lugar de nascimento, tendo inclusive, as lojas no mundo todo, suas portas abertas aos membros de outros países. A exceção a essa questão seria o caso do Brasil, pois, segundo Neves, as lojas brasileiras cultuam a bandeira nacional, sendo esse fato um “*hibridismo soviético-fascista, sem a menor justificação nas doutrinas e tradições maçônicas*”. Ao argumento de Ávila de que a maçonaria prega a obediência às leis do país Roberto das Neves reconhece que “*somente aquelas leis que não brigam com a razão e a justiça, pois contra as outras tem inspirado, sempre, a sacrossanta rebeldia.*” E sobre a coexistência de distintas classes sociais na maçonaria, Neves argumenta sobre a importância de receber pessoas de outras classes na luta social, lembrando os casos de Tolstói, Kropotkin e outros que se aproximaram da luta pela sensibilidade e por “sentirem na alma” e não por sentirem na carne, como é para os trabalhadores, e afirmando que, ainda que seja franqueada a entrada a qualquer pessoa na maçonaria, independentemente de sua classe social, nunca viu um banqueiro e seus assemelhados em uma loja, pois “*sua sensibilidade de pele-de-elefante lhes não deixa perder tempo com movimentos generosos*”.<sup>160</sup>

Também participa do debate em tom de polêmica, na seção “Tribuna dos Debates”, o militante anarquista Pedro Ferreira da Silva, escritor e poeta de origem portuguesa, exilado no no Brasil, no Rio de Janeiro, onde se integraria ao jornal anarquista *Ação Direta*, sendo autor dos livros *Cooperativa sem Lucros*, *Colônia de Férias*, *Eu Creio na Humanidade*, *Três Enganos Sociais*, *Assistência Social dos Portugueses no Brasil* *Prendas de Portugal* (poesia), *As Voltas que o Linho Dá* (poesia) e *Ícaros Novos* (poesia).<sup>161</sup> Roberto das Neves avança na argumentação,

<sup>159</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 128, julho de 1958, p. 03.

<sup>160</sup> Para estudos sobre a maçonaria no Brasil, ver entre outros: ABREU, Berenice. **Intrépidos Romeiros do Progresso**: Maçons cearenses no Império. Fortaleza: Museu do Ceará, 2009; SILVA, Marcos José Diniz. **No Compasso do Progresso**: a Maçonaria e os Trabalhadores Cearenses. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

<sup>161</sup> Este último publicado pela Editora Germinal, além do livro: SILVA, Pedro Ferreira da. **Cooperativas sem Lucro**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1958. Sobre Pedro Ferreira da Silva, ver: RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros 5**. Florianópolis: Editora Insular, 1998, p. 52-56. NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 11; VIANA, Allyson

apontando que “*a maçonaria não sustenta preconceitos raciais*”, muito embora em alguns países, como África do Sul e na América do Norte, existam lojas de brancos e negros, separadamente. Segundo Neves, isso se deve não aos princípios da maçonaria, mas a existência de preconceito nestes países onde as lojas se congregam separadamente. Para o militante, tampouco a maçonaria alimenta “preconceitos aristocráticos” ou reivindica títulos nobiliárquicos, embora reconheça que, nas origens católicas do ramo escocês da maçonaria, existam referências a títulos de nobreza. Ainda assim, destaca que tais títulos não se encontrariam mais na maçonaria moderna ou francesa.

No que diz respeito à crítica ao uso da Bíblia na maçonaria, Roberto das Neves afirma que o livro sagrado dos cristãos é usado para juramento de compromissos, o que confronta o racionalismo dos membros da maçonaria. Argumenta que o mesmo princípio vale para as religiões e não se pode obrigar ninguém de uma religião a adotar os livros e princípios sagrados de outra. No entanto, ressalta que tal prática só existe na maçonaria de rito escocês, o que não ocorreria na maçonaria moderna ou francesa. Roberto das Neves reconhece que existem falhas na maçonaria, “*e que são próprias de todas as instituições humanas*”, e que ela está “*repleta de malandros, de vivedores da política e de reacionários (...)*”. Mas, ainda assim, a maçonaria teria e tem “*prestado relevantes serviços a causa da liberdade de consciência e do progresso da humanidade*”. O excerto seguinte, embora longo, se presta a melhor destringermos o pensamento de Neves sobre a Maçonaria:

Com todas as falhas que possamos apontar na Maçonaria e que são próprias de tôdas as instituições humanas, temos de reconhecer que ela tem prestado relevantes serviços a causa da liberdade de consciência e do progresso da humanidade. Se Ávila, em sua passagem por ela, recolheu amargas decepções, mais do que da instituição, dos homens que a enchem, eu não as recolhi menores. Reconheço como Ávila e já o escrevi no meu “O Diário do Dr. Satã”, que a Maçonaria está, infelizmente, pelo menos no Brasil, repleta de malandros, de vivedores da política e de reacionários, que nela entram para arranjar pingues empregos, alargar a esfera dos seus negócios, obterem impunidade para seus delitos ou arranjar votos para, eleitos deputados, se converterem nos mais execráveis demagogos, sem vergonha de aprovarem todas as propostas de dotações de verbas para a Santa Madre Igreja. Mas reconheço também que seria injustiça atribuir a culpa disso aos princípios maçônicos e aos idealistas que, felizmente, existem também dentro dela, e não em menor número. Reconheço que a Maçonaria, sobretudo no Brasil, perdeu, por



motivos diversos, muito do seu prestígio, estando hoje longe de corresponder às suas tradições. Desvios e traições houve-os, porém, igualmente no sindicalismo, como disse atrás, nêsse sindicalismo que, em vez de operar a revolução social, como anarquistas dêle esperavam, se converteu em serventário do Estado totalitário, da demagogia fascista e neofascista. E todavia, nenhum de nós se lembrou de repudiar o sindicalismo e de renegar um camarada que atue nos sindicatos. O mesmo com a Maçonaria. Nenhum anarquista é obrigado a entrar nela. Mas os que nela atuam como anarquistas devem merecer o nosso respeito. [...] Os anarquistas devem ir a tôda a parte (exceto, claro, ao parlamento e à Igreja) pregar a sua doutrina. Ora, nenhum terreno mais propício à sementeira dos nossos princípios do que a Maçonaria. Concordo que devemos lutar por libertá-la dos reacionários e dos arrivistas que a exploram e atraioam, assim como de cerimônias e rituais obsoletos, facilitando, por outro lado, a admissão de operários às suas colunas, de modo a renová-la e a pô-la cada vez mais a serviço da humanidade nos nossos dias. O que, porém, não concebo é que um anarquista, esquecendo-se de que o anarquismo tem, em todo o mundo, nas épocas das mais sangrentas repressões às ideias novas, encontrado refugio nas catacumbas da Maçonaria, a combata sistematicamente. Isto seria fazer o jogo do clericalismo, do jesuitismo, da reação, que na instituição dos Pedreiros-Livres encontrou sempre o maior obstáculo aos seus tenebrosos desígnios de domínio do mundo e que outra coisa não visa senão abater com ela as fôrças mais dinâmicas da liberdade e do progresso.<sup>162</sup>

No tópico seguinte abordamos os conteúdos da coluna no jornal *Ação Direta*, intitulada “Não Apoiado! Pelo Dr. Satan”, por Roberto das Neves. Nela, destila, com ironia e sarcasmo, críticas ao fascismo, ao clericalismo, ao capitalismo e ao Estado, figuras da dominação, da opressão e da exploração vigentes na civilização cristã, segundo sua ótica.

### ***Não Apoiado Pelo Dr. Satan: “heresias em prosa”***

Ó tu, o anjo mais belo e sábio entre teus pares,  
Deus que a sorte traiu e expulsou dos altares,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Ó Príncipe do exílio, a quem fizeram mal,  
É que, vencido, sempre te ergues mais triunfal,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que vês tudo, ó rei das trevas soberanas,  
Charlatão familiar das angústias humanas,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que, mesmo ao leproso e ao pária, se preciso  
Ensinas por amor o amor do Paraíso,

<sup>162</sup> O artigo é publicado em duas edições do jornal: *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 128, julho de 1958, p. 03; e *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 129, setembro de 1958, p. 03.

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que da morte, tua antiga e fiel amante,  
Engendraste a Esperança, – a louca fascinante!

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria! (...)

*As Litanias de Satã*, Charles Baudelaire.<sup>163</sup>

O poema de Charles Baudelaire, em epígrafe, é transcrito e publicado por Roberto das Neves na edição do livro “Sermões da Montanha”, de Tomaz da Fonseca, em 1948, onde figura como Apêndice, sob o título “Satan na Literatura”, em companhia de um poema de Giosuè Carducci, “Hino a Satan”.

“Não Apoiado! Pelo Dr. Satan” trata-se de uma coluna de crônicas, sátiras e críticas que veio a público no jornal *Ação Direta* por Roberto das Neves, como dito. Como personagem e autor da Coluna, Roberto das Neves cria o “Dr. Satan”, acrescentando o título de doutor ao controverso pseudônimo adotado quando ingressou na maçonaria em Portugal, nos idos de 1929. Escrita em seu estilo singular, combinando sua crítica acerba à ironia e ao sarcasmo, a coluna trata de fatos e temas relativos ao clericalismo, ao fascismo, ao capitalismo, ao Estado, à política parlamentar, ao anarquismo, entre outros temas, em escala internacional, com atenção especial para Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, Rússia e Brasil. A coluna é publicada com regularidade variável, entre os anos de 1946 e 1950, ocupando normalmente a terceira página do jornal, com significativo espaço.

Na referida Coluna, Roberto das Neves escreve de modo a demolir argumentos correntes e com os recursos da ironia e do sarcasmo, cartografa fatos sociais e memórias, com o propósito de ridicularizar instituições, indivíduos, ideias, práticas e o que ele nomeia “Sifilização Cristã”. Para ele, a sociedade comentada em modo ácido, era como uma doença, como a horrível sífilis e escreve: “*Salvemos a civilização cristã!* – *esganiça-se o órgão vaticanista indígena. – Onde se lê ‘civilização cristã’ leia-se ‘sifilização cristã’.* Deve ter sido *êrro tipográfico*”.<sup>164</sup> A “sifilização” a que se refere Neves, o mundo capitalista, com sua iniquidade, opressão, dominação, exploração, charlatanismo, desigualdade e hipocrisia. Os principais alvos de sua crônica satírica eram os responsáveis pela manutenção do mundo como se encontrava, principalmente a igreja, o fascismo, o Estado e o capitalismo.

<sup>163</sup> BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 407.

<sup>164</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano II, n. 42, 15 de outubro de 1947, p. 03.

Na citada Coluna, assim como em seus outros escritos no *Ação Direta* e em outros periódicos, Roberto das Neves timbra uma escrita comprometida no combate à exploração capitalista, à dominação religiosa, ao Estado e ao fascismo, escrita esta que, em grande medida, se volta para uma análise crítica do contexto da luta antifascista em escala internacional, repercute as notícias e os fatos de interesse à militância libertária, e apresenta elementos da conjuntura no Brasil e no mundo de seu tempo. Pela leitura das fontes documentais, o que se vê é uma escrita como ação militante, como arma de combate. Em sua escrita, *Dr. Satan* se apresenta de diversas formas, definindo-se como Satanás (a figura bíblica do inimigo terreno de Deus), ao mesmo tempo como Lúcifer (o anjo caído expulso do Céu, o “portador da luz”) e como revolucionário, amigo inclusive de Jesus Cristo, considerado por ele, revolucionário e camarada. Como um todo, a coluna e a personagem criadas (que assume características de um heterônimo de Roberto das Neves, apresentando uma personalidade mais ou menos definida) têm como tópicos centrais o antifascismo, o antiestatismo e o anticlericalismo (que se manifesta também no ateísmo e na crítica à ideia de Deus), afirmados como posicionamentos políticos, expressando sua crítica anticapitalista e seu pensamento libertário. É assim que se apresenta o próprio Satan, em uma das primeiras colunas publicadas, assestando sua crítica à imprensa católica e recorrendo à palavra de Emile Faguet:

“*Temos de lutar, com tôdas as nossas fôrças, contra Satan*” – Lê-se em órgão do vaticanismo indígena.

– Permitam os leitores que me defenda, apresentando-me aos que não me conhecem. Quem sou eu, quem é Satan? Demos a palavra ao filósofo Emilio Faguet: “Satan é o espírito de revolta contra a fé, o ascetismo e a escolástica; é um apêlo à natureza desprezada pelo pensamento cristão à vontade esmagada pela autoridade. É a ciência, a natureza, o espírito do livre-exame e a filosofia ligados contra o obscurantismo.” Os leitores podem agora mais facilmente escolher entre mim e a Igreja Católica, entre mim e Estado, ou seja, entre mim e a Religião, entre mim e a Autoridade.<sup>165</sup>

Satanás ou Satã são denominações da mesma figura, que remontam ao *Antigo Testamento*, geralmente aplicado à encarnação do “Mal” na Terra, de acordo com religiões monoteístas; entretanto, algumas momeações a Satã provém do

<sup>165</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano II, n. 38, 18 de julho de 1947, p. 03. O filósofo citado é **Auguste Émile Faguet** (La Roche-sur-Yon, 17/12/1847 – Paris, 07/06/1916), escritor, ensaísta e crítico literário francês. Publicou diversos livros e folhetos, entre eles: *L’Anticléricalisme* (1906), *Le pacifisme* (1908), *L’ Art de lire* (1912). Sobre Faguet, ver: CHARLE, Christophe. **Dictionnaire biographique des universitaires aux XIX et XX siècles**. Vol. 1. La Faculté des Lettres de Paris (1809-1908). Paris: Éditions du CNRS, 1985.

imaginário popular – diabo, Lúcifer, belzebu, capeta, cão, maligno, inimigo, dentre outros. Do hebraico “Satan”, que significa “adversário”, é um termo originário das religiões Abraâmicas do Mediterrâneo, com raiz semítica, derivando da palavra “hostil”. A Bíblia menciona Satanás como um ser espiritual, um “anjo de luz” que se tornou rebelde, se opondo ao Criador. De acordo com a interpretação corrente do livro sagrado dos cristãos, por essa razão, o anjo portador da luz, ou “Lúcifer” (em latim), teria sido expulso do céu por Deus, caindo na terra para atormentar os humanos. Seu nome é mencionado em diversas passagens da Bíblia, como no *Apocalipse*, e em outras passagens de Jó, Zacarias, Mateus, Marcos, Lucas, entre outras. Há registros que o termo “Satanás” se origina diretamente da palavra “sátiro” (do grego *sátyros*) na cultura teológica grega (o que vai ao encontro da escolha do pseudônimo e coaduna com a verve satírica de Roberto das Neves). O termo aparece na *Septuaginta* (ou *Versão dos Setenta*, a mais antiga tradução da Bíblia hebraica para o grego *koiné*, feita entre os séculos III e I a. C, em Alexandria, sendo desde o século I a versão clássica da Bíblia hebraica para os cristãos de língua grega e tomada como base para diversas traduções da Bíblia hoje conhecidas) para designar apenas os adversários humanos. No caso dos “adversários angélicos”, é usada a palavra grega “*diabolos*”. No *Novo Testamento* os dois termos são intercambiáveis, embora “diabo” seja usado também para os humanos.

Ao adotar o controverso pseudônimo em sua coluna, Roberto das Neves opera uma resignificação do termo Satã, utilizando-o para confrontar a visão popularizada pela Igreja Católica no mundo ocidental a partir de sua interpretação sobre a figura de Satanás na Bíblia, que afirma Satã como o “príncipe das trevas” e inimigo dos homens. Etimologia e significados do termo à parte, o *Satan* de Roberto das Neves, como se percebe pela leitura de seus escritos, é o crítico, o sátiro e o sábio, o “*espírito da revolta*”, o “*apelo à natureza*”, que se opõe a Igreja e ao obscurantismo, convocando os leitores a escolher entre ele e a Igreja Católica, entre ele e o Estado, entre ele e a religião, entre ele e a autoridade. É, acima de tudo, um personagem que representa a rebeldia e instiga à liberdade. De acordo com António Cândido Franco, em artigo sobre *A presença do satanismo em Roberto das Neves* e tomando por base o livro *O Diário do Dr. Satan*, encontra nos episódios de “*paródia*” e “*carnaval*”, de iniciação na Maçonaria, os indícios de seu “*alter-ego da vida adulta, sua voz subterrânea*” e afirma o diálogo do autor com o Diabo:

(...) começou cedo, antes mesmo dos 10 anos e foi a partir daí, ao longo da primeira juventude, regular e constante com episódios de paródia e carnaval, que têm como resultado, aos 23 anos, um episódio de iniciação. Instado a escolher um nome simbólico numa loja secreta, Roberto das Neves escolhe “Satã”, que assim se torna o seu alter-ego de adulto, a sua voz subterrânea, o “Dr. Satã”, com que assinará os firmes mas humorados comentários do jornal *Ação Direta*, na base de boa parte do livro *O Diário do Dr. Satã*. O satanismo do autor, a merecer leitura atenta, que dê conta nele da razão que esclarece, (ao modo de Carducci), e da paródia que ri e invectiva (ao modo de Baudelaire), tem por garante ético a infância. Por isso ele mostra uma inocência tocante e, o que é supino, uma bondade afirmativa. Nele, o Diabo não é o mal, mas o revelador dum conhecimento essencial, que coincide com o bem.<sup>166</sup>

Em seu livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, Roberto das Neves publica, entre outros em que menciona Lúcifer, o poema “Quero ser como tu, Satan!”, dedicado ao seu amigo Jaime Brasil, escritor, jornalista e militante libertário. Com curta carreira de oficial do Exército Português, Jaime Brasil foi jornalista do jornal português *O Primeiro de Janeiro*, diretor de *O Globo* e um dos fundadores e secretário-geral do Sindicato dos Profissionais de Imprensa de Lisboa. Colabora na imprensa libertária, escrevendo no suplemento semanal de *A Batalha*, com Ferreira de Castro, Mário Domingues e Nogueira de Brito. Notabilizou-se na década de 1930 ao publicar um conjunto de obras sobre sexualidade, liberdade afetiva e controle de natalidade, que lhe valeram polémicas com os católicos, precipitando seu exílio em França e na Espanha. Considerados ofensivos à moral pública, seus livros sobre sexualidade foram proibidos de circular e apreendidos. Durante a Revolução Espanhola, defende a formação de uma frente única antifascista, e, após a guerra civil, refugia-se em Paris. Durante a Segunda Guerra Mundial, em 1940 foi obrigado a regressar a Portugal, onde é preso. Libertado, volta a exilar-se em Paris no final da década. Por conta da censura, foi proibido de assinar seus escritos na imprensa, que aparecem firmados apenas a inicial de seu primeiro nome “A.”. Pelo mesmo motivo, seu livro *Vida e Obras de Zola*, de 1943, é assinado como “A. Luquet”.<sup>167</sup>

Roberto das Neves demonstra, nos versos dedicados ao amigo, o significado particular do personagem adotado por si, tido como o “*Portador da Luz*”,

<sup>166</sup> FRANCO, António Cândido. Presença do satanismo em Roberto das Neves. **A Ideia**, ano XLI, vol. 18, n. 75-76, 2015, p. 218.

<sup>167</sup> **Artur Jaime Brasil Luquet Neto** (Angra do Heroísmo, 22/01/1896 – Lisboa, 19/05/1966). Sobre Jaime Brasil, ver: FREIRE, João. **Nota Biográfica**. Brasil, Jaime (1896-1966). Arquivo Histórico-Social, Universidade de Évora. Disponível em: <http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/arquivo/?p=creators/creator&id=427>. Acesso em: 06 de abril de 2012; BRAGA, Teófilo. Jaime Brasil, açoriano injustamente esquecido. **Correio dos Açores**, 21 de março de 2012. Este disponível online em: <http://vidanovazores.blogspot.com.br/2012/03/jaime-brasil-esquecido.html>. Acesso em: 08 de dezembro de 2019.

“*Estrêla Matutina*”, “*Luz da Razão*”, numa linha de interpretação muito semelhante aquela da mística, maçom e teósofa Helena Blavatsky. Como no poema “*Litanias de Satã*”, de Charles Baudelaire, que se refere ao anjo celeste exilado na terra, Satanás é sinônimo de conhecimento, rebeldia, revolta:

É fria a noite. Ilune o céu. E o vento  
uiva na treva como hidrófobo animal.  
De luz nimbado surge, em um deslumbramento,  
Um vulto do Astral.

Desenha-se, num fundo azúleo, tenuemente,  
uma linda visão de asas esculturais.  
Ferem a escuridão dois raios, de-repente,  
como flâmeos punhais.

O duende crava em mim sua pupila acesa  
e longo tempo fixa o meu olhar. Alfim,  
aquela aparição, de cujo olhar sou presa,  
exclama: – Vem a mim!

– Quem és tu, ó visão que encontra e me fascina?  
– inquiri, com assombro, a estranha aparição.  
– Sou o Portador da Luz, a *Estrêla Matutina*,  
a alva *Luz da Razão*!

– Ah, como és belo! – digo ao Anjo, deslumbrado  
pela sua beleza helênica, pagã.  
– Como te chamas tu? – Chamam-me o Reprovado,  
O Anjo Revel, Satan!

– Anjo, ha no teu olhar tanta melancolia!...  
– Sofro – e turbou-se, então, o olhar do Anjo Revel –  
por todos que, como eu, sofrem a tirania  
do velho Deus cruel!

– Porque és o Reprovado e é réprobo o teu nome?  
– Deus, de quem sou irmão, quis ser mais do que eu.  
Revoltei-me. Jeová venceu-me, subjugou-me  
– e expulsou-me do Céu.

E eu venho, desde então, pelo Universo, errante,  
de Eloim afrontando o infinito rancor,  
aos humanos prêgando a insurreição perante  
o jugo do Senhor!

– Quero ser como tu, Satan, ó Revoltado!  
– Revolta-te e serás formoso aos olhos teus!  
Sê livre, dá-te, rasga a Lei, ama o Pecado  
E amaldiçoa Deus!<sup>168</sup>

Anjo rebelde, espírito revolucionário, figura representativa do conhecimento, entidade que carrega uma crítica simbólica aos dogmas da Igreja e

<sup>168</sup> NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, p. 61-62.

do cristianismo, Satã é tido como personagem heróico em obras dos escritores William Blake (O quadro “Satã observando o amor de Adão e Eva” de 1808, no acervo do Museu de Belas-Artes, em Boston, é representativo de seu interesse pela figura do anjo caído), George Bernard Shaw (sua peça “O discípulo do diabo”, de 1876, tem a primeira edição publicada em Londres, em 1901 “The Devil’s Disciple”); e Mark Twain (em seu livro *O Estranho Misterioso*, O estranho personagem é Satã, um anjo que aparece misteriosamente se dizendo sobrinho do anjo decaído). Autores, por sua vez, mencionados por Roberto das Neves em seus escritos, figurando, portanto, em seu repertório de leituras, como se pode ver nas páginas do seu livro de poemas e noutros escritos que aparecem na imprensa anarquista. Além do poema acima transcrito, outros fazem referência a “Satan”, principalmente na terceira parte do livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, intitulada “Poemas de Satan”, que traz a seguinte dedicatória em epígrafe:

Aos que me ensinaram a amar a Satan, instilando-me no espírito a Dúvida heróica e fecundante:

A meu falecido pai, Manuel Vicente Pedroso Neves, que numa época e num meio dominados pelo fanatismo teve a coragem de proclamar-se ateu e como ateu viver e morrer;

– a meu velho professor primário, António Antunes Amaro;

– a Tomaz da Fonseca, o glorioso autor dos “Sermões da Montanha”, que, com oitenta anos, continua sendo o maior hereje e o maior crente de Portugal;

– e ao meu velho, bondoso e erudito professor de história das religiões na Universidade de Coimbra, Dr. M. Gonçalves Cerejeira (atual Cardeal-Patriarca de Lisboa), o maior ateu de Portugal.<sup>169</sup>

Os demais poemas que referem Satan publicados por Roberto das Neves e, alguns transcritos de outros autores, são: “Carta ao Deus das Igrejas”, escrito originalmente em Coimbra, no ano de 1925; “Satan Gargalha”, dedicado a Campos Lima; “Misticismo”, escrito originalmente em Coimbra em 1923, dedicado a Edgard Leuenroth, “o intrépido agitador da ‘Lanterna’ e da ‘Plebe’, de S. Paulo”; “Bernard Shaw chega ao Céu”, poema atribuído a Allen MacDonald Laing, poeta e escritor britânico; “Duas visões do Cristo”, dividido em duas partes, a primeira dedicada a Pedro Ferreira da Silva, escrito originalmente em 1927, em Portugal, “*autor do livro Creio na Humanidade*”, e a segunda, escrita no Rio de Janeiro em 1952, dedica a Aníbal Vaz de Melo, “*maçom e espírita, autor do livro ‘Cristo, o Maior dos Anarquistas’, proibido no Brasil, sob o Estado Novo, e recém-reeditado*”; “Morte... E

<sup>169</sup> NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, p. 59.

depois?”, escrito originalmente em Coimbra, em 1923, dedicado ao poeta Maia Gabriel; “Com amor e ironia...”, dedicado “a cantora e poetisa Alma Cunha de Miranda”, cantora brasileira; “Quatro poemas de E. Armand”, intitulados “Amor Simples”, “Meu Reino é Dêste Mundo”, “O-de-fora” e “Salmo; “Um burro de confessa”; “Amor Burguês”, dedicado “Ao meu amigo A. Nunes de Aguiar”; e “Prece de um Cão”, dedicado “A grande poetisa Seleneh de Medeiros”, poeta, concertista e conferencista brasileira.

Em sua escrita, *Dr. Satan* comenta notícias, excertos de discursos de personalidades políticas e fatos noticiados em jornais do Brasil e do exterior acerca do fascismo e dos regimes autoritários na Europa, especialmente em Portugal, Espanha e Rússia. O autor tece comentários com uma verve satírica, ridicularizando padres, políticos e ditadores, com especial atenção ao cardeal Cerejeira, ao Papa Pio XII, Salazar, Franco, Stálin, Hitler, Vargas, Dutra e Mussolini. Este último, alcunhado de *suíno*, não escapa da pena ácida do *Dr. Satan*, como se pode ver no trecho seguinte:

*“O corpo de Mussolini foi roubado por desconhecidos que deixaram no cemitério apenas uma perna do Duce.”*

Os jornais atribuem o caso a necrofilia política. O mais verossímil, porém, é que, dada a fome que lavra por toda a Itália, o suíno fascista haja sido retirado da salgadeira para saciar o estômago de famélicos que, durante a guerra, chegaram a devorar ratos. O que não se compreende bem é que tenham deixado lá um presunto.<sup>170</sup>

Ao comentar uma notícia de um jornal do Partido Comunista Brasileiro, convocando ao protesto contra o fascismo do governo Dutra, *Dr. Satan* endossa as razões de oposição pública ao sucessor de Getúlio Vargas, também por ele considerado um fascista. Contudo, aproveita o ensejo para fustigar a Stálin e seus crimes na Rússia, regime apoiado pelos comunistas brasileiros:

*“Protestemos contra as manobras do grupo fascista do Govêrno Dutra, que dia a dia procura cercear, mais e mais, as liberdades democráticas!”* – esbraceja o órgão soviético de São Paulo.

– Uno, de bom grado, ao vosso, pobres filhos espúrios de Karl Marx, meu protesto contra os atentados fascistas do Govêrno Dutra. Mas, para que me convençais da vossa sinceridade, é mister que também unais os vossos aos meus protestos contra os imperialistas do Bonaparte de bigodes de guarda-portão, que, na Rússia, e nos demais países por êles ocupados, proíbem a menor crítica oposicionista e mantêm as masmorras e os campos-de-

<sup>170</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano I, n. 04, 07 de maio de 1946, p. 04.



concentração atulhados de democratas, socialistas, comunistas e anarquistas, a quem diariamente fuzilam por herejes.<sup>171</sup>

Em seus comentários, Dr. Satan assume uma postura incisivamente anticlerical.<sup>172</sup> Assim como a luta e crítica contra fascismo, é um imperativo ético seu combate ao clero, tornando-se um dos argumentos centrais de sua escrita rebelde, pontuando quase todas as edições da coluna e atravessando os diversos assuntos abordados. Num excerto em que comenta a opinião do ex-bispo de Maura – Carlos Duarte Costa (1888-1961), nascido no Rio de Janeiro, bispo católico excomungado pelo Papa Pio XII e posteriormente fundador da Igreja Católica Apostólica Brasileira – sobre a decadência da Igreja Católica Apostólica Romana, o autor assesta sua crítica ao clero católico e às religiões como um todo, tidas como obstáculos ao livre-pensamento e ao livre desenvolvimento dos homens. O autor contesta centralmente a doutrinação clerical, posto que, para ele, todas as religiões “pregam a anulação da individualidade, o sacrifício das faculdades vitais do homem, em nome dum Céu hipotético, dum poder que lhe é exterior e superior”:

*“A religião católica-apostólica-romana agoniza, em todo o mundo, para das suas cinzas renascer o verdadeiro cristianismo, a religião de Cristo, da qual a Igreja Católica-Apostólica-Brasileira é a lidima representante no Brasil.”* – proclama o ex-bispo de Maura.

– Presunção e água-benta cada um toma a que quer, sr. D. Carlos! A religião católica-apostólica-romana é tão boa como qualquer outra: não presta senão para os que à custa dela vivem. O mesmo poderemos dizer da sua religião, como da religião da Família, do Estado, da Pátria, da Natureza, da Humanidade. Não arrebanhemos os homens para os tosquiarmos santamente em nome seja de que princípio for. Demos a cada ser humano o direito ao livre exercício, ao livre-exame e ao livre desenvolvimento de todas as suas faculdades. O pensamento é, em sua essência, anárquico. Tem do éter a condição de ser imponderável, intangível e maximamente livre. Disciplinas? Tão más são, num sentido particular, as que os fanáticos usam para estupidamente se flagelarem, como, noutra sentido mais lato, as que os mestres, os políticos e os moralistas burgueses traçaram para deformação e degradação do espírito humano. As religiões estão todas condenadas, todas têm que baquear na lama. Reveladas ou não, porque todas elas se equivalem, todas elas têm seus dogmas, seus ritos, suas cerimônias culturais, suas igrejas e capelas. Todas elas pregam a anulação da individualidade, o sacrifício das faculdades vitais do homem, em nome dum Céu hipotético, dum poder que lhe é exterior e superior [...].<sup>173</sup>

<sup>171</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano II, n. 40, 30 de outubro de 1947, p. 03.

<sup>172</sup> Sobre o anticlericalismo, enriquecem esta pesquisa, entre outros, os estudos de Fernando Catroga: CATROGA, Fernando. *O Livre Pensamento Contra a Igreja: A Evolução do anticlericalismo em Portugal (séculos XIX- XX)*. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, vol. 22, 2001; CATROGA, Fernando. *Anticlericalismo y librepensamiento*. In: ZANCA, José; STEFANO, Roberto di. (org.). **Pasiones anticlericales: un recorrido iberoamericano**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.

<sup>173</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 61, 30 de novembro de 1949, p. 03.

Por vezes, Dr. Satan se reveste de ares mais filosóficos ou empreende uma discussão científica em torno dos temas de interesse. É o que se vê nesse excerto, no qual, ao discutir uma assertiva de teor criacionista, publicada em um jornal do “vaticianismo indígena” (no caso, do Brasil) por um jesuíta anônimo, espeta ironicamente a Igreja e os católicos e desacredita a figura de Deus, pondo em dúvida a humanidade dos homens, a quem acusa de cruéis, hipócritas e exploradores:

*“Só ignorantes fanatizados pelo racionalismo pseudo-científico podem aceitar a teoria degradante de que o homem descende do macaco.”* – Assevera um jesuíta sem batina em um dos órgãos do vaticianismo indígena.

– Eu, por mim, não sinto a menor vergonha da minha estirpe simiesca. Conheço os homens e os macacos, e da comparação entre uns e outros recolho largo crédito a favor dos segundos. Sempre que visito um “zoo”, uma comovedora fraternidade me retém, largo tempo, junto daquêles que representam os meus antepassados. Jamais surpreendi entre êles a hipocrisia, a exploração, a crueldade, com que os seres humanos se torturam uns aos outros. [...] De acôrdo com a tese evolucionista, segundo a qual caminhamos de perfeição em perfeição, o homem será, ainda um dia, Deus. Os católicos, para quem o mundo marcha como o caranguejo, êsses, coitados, jamais poderão alimentar a mesma esperança, pois êles, ao contrário de mim, provém de Deus e terminarão no macaco. Pelo jeito com que a maioria deles imitam quanto vêem e ouvem, parece-me, aliás, que já atingiram o último grau da sua involução.<sup>174</sup>

Combater o clero e ser um pensador anticlerical não significa para Roberto das Neves (ou para o Dr. Satan) ser contra a religião em si, senão contra os clérigos, a Igreja Católica em especial e “*as religiões*” como um todo. Rebatendo uma exortação de um “Monsenhor Lula” – João Clementino de Mello Lula, padre brasileiro das hostes do fascismo integralista, tendo entre seus escritos anti-comunistas e antimaçônicos, *Os dez mandamentos do comunismo*, publicado na revista *Anauê*, em junho de 1936. O tal Monsenhor, alcunhado de “marisco”, assim se expressa, apontando as religiões como causadoras da separação entre os homens e recuperando um significado latino distinto para o *religare*:

*“Lutemos contra Satan, que combate a religião!”* – exorta mons. Lula.

– Perdão reverendo marisco. Eu não combato a religião, que é, segundo a etimologia, o elo espiritual que liga os homens. Eu combato é as religiões, porque estas nos separam.<sup>175</sup>

<sup>174</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 56, 21 de junho de 1949, p. 03.

<sup>175</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 57, 28 de julho de 1949, p. 03.

O verbo anticlerical de Roberto das Neves (como do Dr. Satan) não se volta contra Cristo, ou contra sua imagem e história. Na verdade, o anticlericalismo dos libertários, com longa tradição na história do anarquismo, combate precisamente o clero, a autoridade religiosa e a hierarquia clerical. Para muitos anarquistas, Cristo era inclusive visto como um homem revolucionário, um libertário. Para alguns, seria ele o primeiro dos anarquistas, tendo várias publicações nesta linha, como é o caso do escrito de Aníbal Vaz de Melo, já aqui referido e de Oscar Algarve, em *Jesus Cristo e a Crítica Histórica*, publicado pela Germinal em 1962 (mais adiante apreciado). Participando desta linhagem de escritos, Dr. Satan responde a uma folha católica brasileira, quando esta acusa Satanás de ser um inimigo de Cristo, recontando a história de Jesus à sua maneira, afirmando um cristo anarquista, carbonário e revolucionário:

*“Satan opõe-se à Cristo. É nosso dever lutar, como denodo, contra o príncipe das trevas.”* Concita um dos órgãos do vaticanismo indígena.

Nunca me opus a Cristo, a quem sempre respeitei como um dos meus melhores camaradas. Opus-me sempre, oponho-me e opor-me-ei, sim, a vós, reverendos fariseus de roupeta, que, em nome do grande revolucionário da Galileia, intrujais, explorais, abateis nos matadouros das guerras e reduzis a churrasco nas fogueiras da Inquisição, que a vossa ambição e a vossa intolerância periodicamente acendem, a humanidade escrava. Acompanhei Cristo na sua revolta contra os Caifazes, os fariseus e os vendilhões do templo, de que sois os legítimos sucessores. Acompanhei-o, quando o malgrado anarquista protegeu a infeliz mulher a quem os vossos antepassados perseguiram, depois de haverem-na lançado no pântano da prostituição. Combato-vos, e não a Cristo, porque vós sois, para a límpida doutrina do pobre carbonário de Nazaré como Napoleão para as doutrinas da Revolução Francesa e Stálin para os ideais da Revolução Russa: traidores! O apêdo de “príncipe das trevas”, como que me mimoseais, é outra calúnia, pois bem sabeis que – conforme meu próprio nome, Satan ou Lúcifer, como também sou conhecido, significa – sou o “portador da Luz”, da luz que tanto vos incomoda. De resto, se, como dizeis, sou mal, não me culpeis, mas sim ao vosso Deus, que me criou.<sup>176</sup>

Outro tema recorrente na escrita de Dr. Satan é o antiestatismo, quando desbarata a figura do Estado, de modo teórico ou abstrato, como é comum em muitos escritos anarquistas, enquanto instrumento de dominação e amplia a reflexão no sentido da crítica à política parlamentar, abordando fatos da conjuntura e referindo aos políticos profissionais ou pretendentes a ocupar o Estado. Ao se deparar com uma notícia publicada na imprensa do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em que se diz da necessidade de o Estado prover dignidade ao povo brasileiro, Dr. Satan em sua verve irônica e, em contraposição ao estatismo na linha

<sup>176</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano II, n. 40, 30 de outubro de 1947, p. 03.

política do PCB, defende a destruição do Estado. Em sua negação da “*hidra do Estado*”, apresenta de modo positivo a ação direta, como possibilidade do povo destruir o Estado e alcançar uma vida digna, aproveitando para refutar o personalismo tão caro ao stalinismo do PCB e desancar os candidatos a herói ou messias, como era o caso, para ele, de Luís Carlos Prestes:

*“É necessário que o Estado crie condições de uma vida mais digna para o povo brasileiro!”* – Mendiga o órgão do messianismo prestista.

– Para que o povo possa conhecer uma vida mais digna, é indispensável, antes de mais nada, aniquilar a hidra do Estado, o inimigo público nº 1, o sustentáculo de todas as iniquidades. Mas isso não o fará nenhum Messias. Só o povo mesmo!<sup>177</sup>

Em seu discurso contra o Estado, o autor debate a ideia de pátria, que discute em outros escritos, considerada como um artifício de separação entre os trabalhadores, uma ilusão, uma mentira ou uma abstração criada para sustentar as fronteiras e alimentar os sentimentos de ódio entre os homens. Dr. Satan polemiza com outros periódicos que defendem o Estado e o patriotismo, como quando dirige sua crítica ao que considera o “*órgão nazisoviético local*”, editado, em suas palavras, por “*pobres filhos espúrios de Karl Marx*”, referindo-se ao jornal do PCB. Formulando sua reflexão de um ponto de vista libertário, Roberto das Neves realiza uma crítica antiestatista, ao passo que faz propaganda do ideal anarquista, a partir de sua recusa, negação e denúncia do patriotismo e do fascismo na versão de Stálin. No mesmo passo, enfatiza os elos entre o internacionalismo, o anarquismo e a utopia libertária:

*“Os trabalhadores temos de preparar-nos para defender a nossa pátria contra os tentáculos do imperialismo iânqui.”* – Concitam, no órgão nazisoviético local, pobres filhos espúrios de Karl Marx.

– Os trabalhadores não tem pátria, pois a burguesia despojou-os de tudo. As pátrias, incluindo a de Stálin, pertencem a quadrilhas de larápios, que se arrogam o direito de disporem da liberdade e da vida de todos nós. Não importa saber – venha Deus e escolha! – se esses larápios são iânquis, russos, chinos ou brasileiros. O que importa é cortar as unhas a todos êles, bem rente e de uma vez para sempre.

---

*“O anarquismo é uma utopia”* – Proclamam os filhos ilegítimos de Karl Marx no órgão nazisoviético.

A utopia é o ponto de partida de todo progresso e o germe de um melhor futuro. As utopias de ontem são as realidades de hoje, do mesmo modo que

---

<sup>177</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano II, n. 39, 08 de outubro de 1947, p. 03.

as utopias amaldiçoadas e escarnecidas de hoje serão as realidades belas e fecundas de amanhã. Sem os utopistas de outrora, viveríeis ainda miseráveis e nus nas cavernas e não poderíeis ver hoje impressas em letra redonda as tolices que fermentam no vosso bestunto.<sup>178</sup>

Apresentada aqui em seus lineamentos gerais, a coluna de Roberto das Neves no jornal *Ação Direta* opera como uma mescla na forma, no gênero e estilo textuais, vincada ao mesmo tempo pela entonação da notícia, crônica, sátira, doutrina, humor, crítica e análise. Uma maneira original de escrita crítica ao capitalismo, ao Estado, ao fascismo e ao clero católico, vistos por Roberto das Neves como fazendo parte de um mesmo sistema articulado de opressão, exploração e dominação. O contexto da escrita da coluna de Roberto das Neves é o da luta antifascista, constituindo pauta central da luta libertária no Brasil e em escala internacional; a maioria dos jornais libertários dedica várias páginas ao seu enfrentamento. O clericalismo e a Igreja católica figuram nas discussões, nos textos como alvo da crítica anticlerical a considerados apoiadores, defensores e propagandistas dos regimes autoritários. Guardadas as particularidades, para a militância anarquista do período, os regimes autoritários espalhados pelo mundo eram variações do que se entendia por “fascismo” e deviam ser combatidos com toda a força e todas as armas possíveis, sendo o jornal, segundo Roberto das Neves, como parte das ações diretas, uma valiosa ferramenta no combate dos inimigos de classe naquele período. Daí o relevo e o valor atribuído à palavra impressa, ao periodismo e o esforço empregado na aventura editorial, como se poderá ler no próximo capítulo, sobre Roberto das Neves e a Editora Germinal.

---

<sup>178</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano II, n. 39, 08 de outubro de 1947, p. 03.

#### 4 SEMEANDO LIVROS LIBERTÁRIOS

Homens brotavam, um exército negro, vingador, que germinava lentamente nos sulcos da terra, crescendo para as colheitas do século futuro, cuja germinação não tardaria em fazer rebentar a terra.

*Germinal*, Émile Zola.<sup>179</sup>

Em Portugal, no decorrer dos anos 1920 e 1930, como vimos aqui, Roberto das Neves ensaia suas primeiras edições, publicando e tentando fazer circular escritos de sua autoria, defrontando-se desde então com a censura e a perseguição do regime político vigente. Desde sua juventude, publica, numa variedade de formatos, poemas, dicionários, manuais, crônicas, crítica, textos de análise e estudos. Seu folheto de estreia é o poema *O espectro de Buíça (Tragédia das deportações)*, vindo a lume em 1926, em Lisboa, em prol do Comitê Pró-Presos por Questões Sociais, por meio da Tipografia da Associação dos Compositores Tipográficos, no qual denuncia as deportações em Portugal. Segundo relata Roberto das Neves, em *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*<sup>180</sup>, o folheto foi “*Confiscado e destruído pelo Santo Ofício do Estado Novo*”. A publicação seguinte, também de poesia, é *Maio em Flor (versos)*, de 1928, em Coimbra, com poemas inspirados no Primeiro de Maio, marco universal da memória social dos trabalhadores, e noutros fatos da luta social no período.

No ano de 1934, publica, pelo Portugala Instituto de Esperanto, *Curso Completo de Esperanto (nível elementar, médio e superior)*, manual realizando “*Adaptação de varios métodos estrangeiros*”. No ano seguinte, publica em Lisboa, com o selo Casa de Pedrogão Grande, um “estudo etnográfico” sobre o lugar onde nasceu e cresceu, com título *Pedrogão Grande (estância de cura e turismo)*. O livro foi reeditado em 2006, em Lisboa, pelo mesmo selo editorial, com o título *O Pedrogão de Roberto das Neves*, acrescido de “Nota biográfica” sobre Roberto das Neves, da autoria de Manuel Pedroso Marques, contendo imagens variadas e fotografias.

A publicação posterior seria *O Meu Livro (guia de orientação médico-pedagógica)*, de 1941, em parceria com o médico Francisco Pinheira. Uma edição dos autores, de acordo com Neves, o livro também foi “*Confiscado por ordem do*

<sup>179</sup> ZOLA, Émile. **Germinal**. São Paulo: Abril Cultural, 1981, p. 535.

<sup>180</sup> NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, p. 04.

*Santo Ofício de Salazar*”, como anota em seu *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*.<sup>181</sup> O livro foi acusado de “*inspiração anárquico-maçônica*”, “*segundo a denúncia aparecida no órgão oficioso da ditadura de Salazar*”, o jornal lisboeta *Diário da Manhã* (1931-1971)<sup>182</sup>, teve os exemplares apreendidos, além da proibição de sua circulação no país. No mesmo ano, publica em Lisboa, como Edição do Autor, sua tese de conclusão do Curso de Filosofia em Coimbra, nomeada *Os Temperamentos e suas Manifestações Gráficas (um problema de grafologia)*. Em seguida, vêm a público, com a chancela do Portugala Instituto de Esperanto, em 1941, os *Dicionários de Bólso Português-Esperanto e Esperanto-Português*, cujos originais, afirma Roberto das Neves em seu *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, desapareceram misteriosamente “*das oficinas da Empresa Industrial de Tipografia, onde haviam sido compostos e impressos*”.<sup>183</sup>

Quando migra para o Brasil, em 1942, a par de sua atividade intelectual e sua ação antifascista, Roberto das Neves se torna um incansável Editor e Livreiro anarquista. Vivendo entre livros – de sua biblioteca e das bibliotecas dos companheiros antifascistas exilados e militantes anarquistas que conheceu no Brasil –, cria a Editora Germinal, em 1948, custeando seu próprio Catálogo, distribuindo à venda as edições e propondo um outro Catálogo de livros recolhidos em outras editoras, em vários idiomas, inclusive em Esperanto.

Inspirado na célebre obra do escritor naturalista francês Émile Zola (1840-1902), o romance *Germinal*, e remetendo ao mês instituído como Germinal (relativo à germinação das sementes, na estação da primavera, indo de 21 de março a 19 de abril) pelo calendário da Revolução Francesa, Roberto das Neves dá nome à sua editora. Considerada a obra máxima de Émile Zola, *Germinal* narra as deploráveis condições de vida e trabalho dos operários em uma mina de carvão na França do

---

<sup>181</sup> NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, p. 04.

<sup>182</sup> *Diário da Manhã* “surge a 4 de abril de 1931, sob direção de Domingos Garcia Pulido (1892-1973), integrante do círculo íntimo de Salazar. Ocupando a antiga redação do jornal ‘O Mundo’, pioneiro jornal republicano assume o papel de órgão oficioso e de doutrinação da União Nacional. Apesar disso, e reflexo da complexa reconfiguração das elites políticas em curso, reclama para si, no seu primeiro editorial, a classificação de ‘jornal republicano’. Com a consolidação do Estado Novo, o *Diário da Manhã* assume uma linha progressivamente mais sectária no culto à Salazar, embora continue a apresentar-se como um órgão noticioso [...] O seu último número sai no dia 30 de janeiro de 1971, vindo a ser substituído pelo jornal ‘Época’.” Extraído do site da Fundação Mário Soares. Disponível em: [www.casacomum.org](http://www.casacomum.org). Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

<sup>183</sup> NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, p. 04.

século XIX. Para escrever o livro, Zola conviveu um período com os trabalhadores, vivenciando o cotidiano de trabalho e sociabilidades da comunidade de mineiros. O livro recebe incontáveis traduções e edições, sendo amplamente lido nos meios operários e libertários no Brasil e em Portugal nas primeiras décadas do século XX. *Germinal* é a obra de Zola mais editada em Portugal segundo os levantamentos para o período entre 1885 e 1993. Nos meios anarquistas, outras obras de Zola tem tradução: Jaime Brasil é tradutor de *J'Accuse* e Campos Lima traduz *O Trabalho* (1950) do mesmo autor, publicações da Editora Guimarães, de Lisboa. O estudo de Claudia Ponciani assim aprecia a continuidade no tempo da recepção da obra de Zola: “*Os problemas de fundo que [a obra] levanta ainda seguem existindo. E por isso Germinal é uma obra fortemente intemporal*”.<sup>184</sup>

*Germinal* é referido nos jornais, revistas e noutras publicações libertárias, sendo incentivada sua leitura, distribuídos exemplares, divulgada nas estantes libertárias e nas listas de *O Que devemos ler*, e, inclusive, inspira muitos títulos de periódicos anarquistas, como a revista portuguesa *Germinal* (1916-1917), os jornais *Germinal* (São Paulo, 1913), *Germinal!* (São Paulo, 1919) e *Germinal* (Bahia, 1920), entre tantos outros. Em alusão ao romance e à Revolução Francesa, os militantes dão nome aos seus filhos, como é o caso do filho do anarquista brasileiro Edgard Leuenroth, que se chama Germinal Leuenroth, o filho do anarquista português Manuel Joaquim de Sousa, chamado Germinal de Sousa, e o filho da anarquista espanhola Federica Montseny, que também se chama Germinal. Aparecem ainda pseudônimos utilizados na escrita periódica, nomes de bibliotecas, editoras, como é o caso da editora criada pelo principal personagem deste estudo, a Editora Germinal de Roberto das Neves.<sup>185</sup>

Livro amplamente difundido entre os libertários e título recorrente em periódicos anarquistas, *Germinal* torna-se parte do imaginário da militância anarquista, carregando uma simbologia de luta do proletariado contra o jugo do capitalismo. O romance simboliza, incluso em seu próprio título, homens e mulheres subjugados pelo peso da exploração e da opressão, “*brotando*”, como “*exército vingador*”, “*germinando nos sulcos da terra*”, “*crescendo para as colheitas do século*

<sup>184</sup> PONCIONI, Claudia. **Emile Zola em português. Um estudo das traduções de Germinal no Brasil e em Portugal**. São Paulo: Annablume, 1999, p. 14.

<sup>185</sup> Sobre a circulação do livro no movimento operário e no meio anarquista, entre outros, ver: GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. **A Bibliografia Libertária: O Anarquismo em Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.



*futuro, cuja germinação não tardaria em fazer rebentar a terra*".<sup>186</sup> Quando Roberto das Neves dá nome à sua editora inspirado no romance de Zola, assim como nos periódicos na tradição anarquista, remete à germinação de homens na luta social em direção a um futuro de transformação, mas não só. Semeando livros, o Editor almeja germinar leitores e leitoras, corações e mentes libertárias, amantes da revolução. Dessa maneira, é também à germinação de ideias, dos sentimentos e da leitura, pela edição e difusão dos livros, pela sementeira da palavra impressa, que germinariam ideias e novas relações sociais, ativando o sonho do "Mundo Novo" cultivado pelos anarquistas, que acreditam ser urgente a criação do "homem novo" e da "mulher nova" para o advento do "homem livre sobre a Terra Livre".

Pela Editora Germinal, Roberto das Neves edita e distribui livros que disseminam leituras críticas, libertárias, de combate ao fascismo e ao salazarismo, de impulso à luta social dos trabalhadores, anarquistas, esperantistas e revolucionários de distintas correntes ideológicas por um mundo novo. Como se pode depreender dos livros publicados, temas em evidência, autores escolhidos, prefácios escritos pelo editor, convidados a escrever prefácios aos livros e anúncios dos livros da Germinal, o público leitor almejado é principalmente de militantes libertários, operários, ativistas antifascistas, intelectuais, estudantes, esperantistas e jornalistas.

Na Editora Germinal, Roberto das Neves é um *faz-tudo*, como aliás se observa em outras iniciativas do editorialismo militante, em vários tempos e lugares. Imagina um Catálogo e define suas Seções. Escolhe as obras e realiza o trabalho de edição. Corresponde-se com autores e leitores. Aproveita cada espaço dos livros editados – orelhas, folhas de guarda, últimas folhas, contra-capas – como meio de circular notícias sobre publicações a seguir e atualização do Catálogo. Muitas vezes é o autor das traduções. Escreve prefácios, apresentações, introduções, notas explicativas e referências pertinentes, realiza colaborações e intervenções diversas nas edições, desejando fixar repertórios e ampliar o potencial das leituras; estabelecendo assim, uma função de *mediação intelectual* entre as obras e o público leitor. A noção de "intelectuais mediadores" é aqui recolhida na obra organizada por Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen, *Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política* (2016), onde os autores propõem uma acepção mais ampla

---

<sup>186</sup> ZOLA, Émile. **Germinal**. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 535.

de “intelectual”, definido como sujeito da produção de conhecimentos e da comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculado à intervenção sociopolítica. O intelectual é também ator estratégico nas áreas da cultura e da política, ocupando posição de reconhecimento na vida social. Dessa maneira, integram a categoria editores, tradutores, escritores, professores, autores de obras para o público infantil, entre outros.<sup>187</sup>

A labuta editorial de Roberto das Neves se estende: encomenda livros, busca contactos com o pessoal de tipografia e gráficas, pensa as capas, os possíveis desenhos de portada e contra-capas e outros elementos iconográficos de distinção do livro em sua materialidade. E segue o trabalho: o Editor recebe os pacotes saídos do prelo, distribui pessoalmente e envia exemplares para lugares distantes, no Brasil e no exterior, notadamente Portugal, via remessa postal. Anda pelas redações de jornais onde seja possível veicular um anúncio à base da camaradagem, da permuta por livros ou em preço módico. Participa de experimentos de difusão do livro, mostras, feiras, lançamentos, articula conferências e viagens de propaganda editorial. E tudo em meio a constantes dificuldades de ordem material; pois minguados são os recursos. É em meio à esta azafama, permeada também por dissabores, cronogramas de lançamentos que não se cumprem, demoras no envio de originais pelos autores pretendidos, custos gráficos aumentados e o bolso em minguante... É nesta moldura material e simbólica que Roberto das Neves forja-se escritor, professor, editor, livreiro, tradutor.

Estudando as editoras de oposição no Brasil entre os anos de 1974 e 1984, Flamarion Maués registra essa característica comum aos editores, o “fazer tudo”, acompanhar o processo de feitura do livro em todas as suas etapas, às vezes, desde o começo da preparação da edição, a impressão e até mesmo a distribuição. Em alguns casos, como o de Roberto das Neves, e em experiências analisadas por Maués, o editor faz realmente de um tudo em suas múltiplas tarefas, lidando com dificuldades várias, de ordem financeira, as vagas de repressão e o regime de arbítrio que impera no regime da ditadura empresarial-militar brasileira, que persegue as editoras de oposição e seus editores, enfrentando até mesmo

---

<sup>187</sup> GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais Mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

problemas com a distribuição do material via remessa postal, o alto custo as edições, entre outras dificuldades.<sup>188</sup>

O editor Plínio Augusto Coêlho, da Editora Imaginário, chama atenção para essa característica que também faz parte do seu trabalho como editor, o de fazer tudo. Muitas vezes, pelos poucos recursos e falta de estrutura, as editoras anarquistas ou independentes dependem do trabalho de uma única pessoa para existir e resistir. Segundo nos conta Plínio Coêlho sobre seus *pesadelos* na produção dos livros:

Desde escolher o título a pensar como será esse livro, que tratamento dar a ele, quando será publicado, como farei para editá-lo. Em tudo e por tudo, todos os livros da Imaginário foram pensados exclusivamente por mim. Não consegui ter, até hoje, uma estrutura mínima na editora que pudesse me tirar dessa tensão diária da produção. Tenho tanto medo de falhar na produção de um livro, cometer um erro grave, “comer texto”... esses sempre foram meus pesadelos nos últimos dezoito anos.<sup>189</sup>

Na função de Editor, Roberto das Neves escreve vários Prefácios aos livros da Germinal, entre eles para a edição brasileira de 1948 do livro *Sermões da Montanha*, de Tomaz da Fonseca. O livro *Na inquisição de Salazar* de Luís Portela e Edgard Rodrigues, de 1957, conta com seu Prefácio, assim como *Cooperativa sem Lucros*, de Pedro Ferreira da Silva, de 1958. Escreve um Ensaio de abertura ao folheto *Provas da Inexistência de Deus*, de Sébastien Faure, também de 1958. Prefacia o *Portugal Oprimido: Subsídios para a história do fascismo em Portugal*, de 1958, de Fernando Queiroga. Escreve a Introdução ao *A Fome em Portugal*, que publica em polêmica coautoria com Edgar Rodrigues em 1959. Escreve Nota de abertura ao folheto *Duas Palestras sobre o Fascismo Ibérico*, de 1959, de F. de Oliveira Pio. O livro *Nova Ética Sexual*, de 1960, de Émile Armand, traz uma Introdução de sua autoria. Escreve Prefácio ao *Curso de Literatura*, de 1960, de José Oiticica. Acrescenta Nota de Apresentação ao livro *Colonialismo, Anticolonialismo e Autodeterminação*, de 1961, de Henrique Galvão. *O Quinto Evangelho*, também de 1961, de Han Ryner, traz uma Introdução do Editor. *O Novo Israel*, de Agustín Souchy, também conta com sua Introdução. Escreve Introdução ao livro *Manual Filosófico do Individualista*, de 1966, de Han Ryner. *Ação Direta. Meio século de pregação libertária*, de 1970, de José Oiticica, conta com Seleção,

<sup>188</sup> MAUÉS, Flamarion. **Livros contra a ditadura**: editoras de oposição no Brasil (1974-1984). São Paulo: Publisher, 2013, p. 72-74.

<sup>189</sup> SALLES, Marcelo Yamashita (org.). **Plínio Coêlho**. São Paulo: EDUSP: Com-Arte, 2013, p. 48.

Introdução e Notas por Roberto das Neves. Além dos mencionados, vários outros livros e folhetos contam com seu trabalho de editor, em notas, elaboração de “orelhas”, seleção de textos, dentre outros. Em sua faceta como editor, Roberto das Neves torna-se também tradutor, passando a exercer múltiplas funções em sua editora. Por exemplo, traduz o já mencionado livro *Nova Ética Sexual*, de Émile Armand. Realiza a tradução do livro *Manual Filosófico do Individualista*, de Han Ryner. Traduz também *Contos Populares da Romênia*, de Ion Creanga.

Claudia Poncioni em seu estudo sobre o trabalho da tradução assim aprecia a função do tradutor, apoiada no estudo clássico de Paulo Ronai, quando este cita J. Salas Subirat, tradutor em espanhol do *Ulisses* de James Joyce. Em sua afirmação: “*traduzir é a maneira mais atenta de ler*”. Ao que a Autora acrescenta: “*Mas também é verdade que o tradutor age como intermediário entre dois ausentes: o autor e o leitor. É ele quem faz chegar ao segundo o resultado de sua leitura da obra do primeiro*”.<sup>190</sup> Para em seguida, apontar a reavaliação sobre o trabalho do tradutor: “*Servir de ponte entre as culturas foi, desde sempre, o papel da tradução e se de ‘traidor’ o tradutor está virando ‘criador’, é porque a importância de seu trabalho está sendo reavaliada*”.<sup>191</sup>

No seu fazer editorial, Roberto das Neves faz-se também livreiro, distribuindo livros que compõem um variado Catálogo, além daqueles editados pela Germinal. São livros e folhetos de cariz libertário, de crítica social e com temáticas no campo do anarquismo, anticlericalismo, antifascismo, antissalazarismo, socialismo, comunismo, esperantismo, livre pensamento, cooperativismo, marxismo, literatura social, teatro social, maçonaria. Os livros em Catálogo estão disponíveis nos idiomas português, espanhol, francês e esperanto. Essas e outras atividades assinalam sua multifacetada atividade editorial na Germinal. As fontes, documentos e memórias para o estudo do editor, livreiro e tradutor Roberto das Neves, constituem-se de livros, folhetos e outros impressos, onde se pode observar notas de editor, traduções, prefácios, catálogos, informações sobre as edições e a

<sup>190</sup> PONCIONI, Claudia. **Emile Zola em português. Um estudo das traduções de Germinal no Brasil e em Portugal**. São Paulo: Annablume, 1999, p. 18.

<sup>191</sup> PONCIONI, Claudia. **Emile Zola em português. Um estudo das traduções de Germinal no Brasil e em Portugal**. São Paulo: Annablume, 1999, p. 20. Para um aprofundamento sobre os estudos de tradução ver, entre outros: FROTA, Maria Paula. Um balanço dos estudos da tradução no Brasil. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, vol. 1, n. 19, p. 135-169, 2007; MARTINS, Marcia; GUERINI, Andréia (org.). **Palavra de tradutor: reflexões sobre tradução por tradutores brasileiros**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018; PAES, José Paulo. **Tradução: a ponte necessária**. São Paulo: Ática, 1990.

disseminação de livros. Também são fontes os periódicos, especialmente *Ação Direta* (Rio de Janeiro) e *A Plebe* (São Paulo), nos quais se observam anúncios, resenhas e notícias sobre circulação de livros e a censura imposta às publicações. Não raro, nos periódicos, também aparecem notícias sobre burlas e enfrentamentos dos editores contra a censura, o confisco, a sabotagem, o extravio e a destruição de livros e outros impressos pela polícia política e demais órgãos de repressão. Além dos livros editados pela Germinal, em outras publicações podem-se descortinar informações e dados de relevo acerca da atividade livreira de Roberto das Neves, como se pode ver, por exemplo, no *Salazar visto do Brasil*, cuja introdução, escrita por Vítor da Cunha Rêgo, refere aos “*corajosos livros da Editora Germinal*”<sup>192</sup> como destacados na luta contra a ditadura salazarista.

O conjunto de documentos levantados, desde os jornais, catálogos, livros e folhetos constituem o *corpus* documental para a discussão dos tópicos deste capítulo, levando em consideração, como nos chama a atenção Nuno Medeiros, sobre os “*imperativos hermenêuticos*” neste campo de pesquisas:

O livro em si não é, todavia, suficientemente informador da realidade em torno da sua criação editorial, sobretudo em caso de ausência de fontes documentais, desejavelmente inseridas em arquivos com graus mínimos de preservação e aos quais seja possível aceder. A diversificação das fontes, o seu cotejo e a busca de outros elementos ou materiais que autorizem algum tipo de cruzamento são, deste modo, imperativos hermenêuticos que actuam como instrumentos basilares a qualquer esforço ou atrevimento explicativo.<sup>193</sup>

Os livros e folhetos escritos, editados, prefaciados, traduzidos e distribuídos apontam a variedade de interesses, sinalizam um vasto rol de leituras e indicam um amplo repertório temático na escrita e na ação editorial de Roberto das Neves. Essas publicações, vistas em conjunto com o Plano Editorial, as edições da Germinal e seus Catálogos para distribuição de livros em português, espanhol, francês e esperanto, assinalam o projeto ousado e a atividade editorial do intelectual português.

#### 4.1 O Plano Editorial de Roberto das Neves

<sup>192</sup> RÊGO, Vítor da Cunha. Prefácio. In: VV. AA. **Salazar visto do Brasil. Antologias de textos de autores brasileiros e portugueses**. São Paulo: Felman-Rêgo, [19--].

<sup>193</sup> MEDEIROS, Nuno. **O livro no Portugal contemporâneo**. Odivelas: Outro Modo Cooperativa Editorial, 2018, p. 37.

No catálogo de livros da Editora Germinal constam mais de quarenta títulos publicados, entre folhetos e livros. Além dos livros que vieram a público, outros títulos fazem parte do projeto do editor Roberto das Neves, que imagina um amplo Plano Editorial e emprega esforços no sentido de publicar as obras que constam neste Plano. Além de outras fontes, recupera-se aqui, em particular, este programa editorial, pelo seu valor enquanto fonte para o conhecimento do fazer editorial, do repertório das leituras e do projeto de Roberto das Neves para a Editora Germinal. Parte do fazer editorial de Roberto das Neves concentra-se nos esforços de planejar as publicações, selecionar as obras a serem editadas e contatar os autores que desejava publicar. Como exemplo de sua atividade, verifica-se o esforço quando se põe à disposição de Alexandre Vieira<sup>194</sup> para editar uma obra sua, saída depois em 1959, em Lisboa, como edição do autor intitulada *Figuras Gradadas do Movimento Operário Português*. Alexandre Vieira, tipógrafo, operário gráfico, jornalista e militante libertário é uma das figuras notáveis do movimento operário e no sindicalismo em Portugal. Fundador e redator do periódico *A Batalha* (Lisboa, 1919-1927), órgão da União Operária Nacional, depois da Confederação Geral do Trabalho (CGT) portuguesa, um dos fundadores e secretário-geral desta organização anarcossindicalista. Colaborou na revista *Renovação* (Lisboa, 1925-1926), editada pela Secção Editorial de *A Batalha*. Colaborou também na Universidade Popular Portuguesa, junto de Bento Caraça, Dias Amado, Avelino Cunhal, José Carlos de Sousa e Augusto Carlos Rodrigues. Aqui se observa o empenho do editor Roberto das Neves em trazer para o Catálogo da Germinal os escritos de Alexandre Vieira, o que denota também seu esforço continuado em fazer sempre de sua Editora uma plataforma de difusão de autores portugueses do campo libertário. Na carta seguinte (e em mais de uma oportunidade), sinaliza o intercâmbio de livros e jornais (enviados do Brasil a Portugal), e pede os originais do trabalho para publicação pela Germinal:

Sei que tens para publicar um trabalho histórico do movimento operário português. Ninguém mais autorizado para fazê-lo. E, acrescenta o informante, que me parece ser um jornalista nosso comum amigo, creio que

---

<sup>194</sup> **Alexandre Vieira** (Porto, 1885 – Lisboa, 1973). Entre seus escritos, destaco aqui: VIEIRA, Alexandre. **Subsídios para a história do movimento sindicalista em Portugal**: de 1908 a 1919. Lisboa: Edições Base, 1977; VIEIRA, Alexandre. **Para a História do Sindicalismo em Portugal**. Lisboa: Seara Nova, 1974. Sobre Alexandre Vieira, ver: PEDROSO, Alberto; VENTURA, António. **Alexandre Vieira: 30 Anos do Sindicalismo Português**. Lisboa: Edições Um de Outubro, 1985; **ALMANAQUE de A Batalha 1926**. Lisboa: Edições Rolim, 1987.

o chefe de redação do “Primeiro de Janeiro” de Lisboa, que não tens editor. Ora, eu estou à tua inteira disposição para fazê-lo. Portanto, se estás de acôrdo, poderás enviar-me, juntamente com as outras coisas que te peço, o original do teu trabalho.<sup>195</sup>

Na mesma carta, o editor afirma ter outra obra prevista para publicação “*Tenho também para editar um trabalho autobiográfico do velho Edgard Leuenroth, que conhecestes aí, e morreu há dois anos: ‘Poeira de Barricada’, título dado pelo próprio autor.*” A obra não seria publicada. Edgard Leuenroth; tipógrafo, jornalista e militante anarquista, um dos maiores expoentes do anarquismo no Brasil, participou na greve geral de julho de 1917 em São Paulo, atuando como porta voz do Comitê de Defesa Proletária, órgão da greve. Foi acusado enquanto autor intelectual da greve, preso por vários meses, sendo libertado, ao final de 1918. Tomou parte no Centro Typographico de São Paulo, depois União dos Trabalhadores Gráficos; na Associação Paulista de Imprensa (API), na Federação Nacional da Imprensa e no Sindicato dos Profissionais da Imprensa do Rio de Janeiro. Foi editor e colaborador em diversos periódicos, entre eles *A Lanterna*, *A Terra Livre*, *A Plebe*, *O Trabalhador Gráfico* e *Ação Direta*.<sup>196</sup>

Em outra carta enviada a Alexandre Vieira, em que novamente assinala o intercâmbio de livros (desta vez a recepção de livros enviados desde Portugal ao Brasil), a maioria obras de Vieira, Roberto das Neves deixa entrever o sentimento que o move em seu projeto militante com a Editora Germinal. Felicitando o autor pelos seus escritos, afirma que, ao escrever sua obra, ele está “*semeando para o futuro*”:

Com o meu mais sincero “muito obrigado!”, não posso deixar de felicitarte calorosamente pelo valiosíssimo trabalho literário-histórico que vens realizando e que o futuro, as gerações de amanhã e a história te hão de agradecer, pois estás semeando para o futuro. Creio ser êste o trabalho mais fecundo e mais honroso de um homem como tu: tornar conhecido das gerações porvindouras o esforço ingente, o medonho sacrifício realizado por um punhado de idealistas em prol de um mundo melhor. Efetivamente, creio ser dever precípua de homens como nós, devotados a uma causa,

<sup>195</sup> Fundação Mário Soares (FMS). Pasta: 09771.021. Fundo: Alberto Pedroso. Carta de Roberto das Neves a Alexandre Vieira, 17/09/1970.

<sup>196</sup> **Edgard Frederico Leuenroth** (Mogi Mirim, 31/10/1881 – São Paulo, 28/09/1968) Leuenroth escreveu, entre outros livros e folhetos: LEUENROTH, Edgard. **Anarquismo**: roteiro da libertação social. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963; LEUENROTH, Edgard; NEGRO, Hélio. **O que é o Maximismo ou Bolchevismo**. São Paulo: Editora Semente, 1919. Sobre Leuenroth, conferir: KHOURY, Yara Aun. **Edgard Leuenroth, uma voz libertária**: imprensa, memória e militância anarco-sindicalista. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1989. Para um perfil do militante, conferir nota no site do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL): <https://www.ael.ifch.unicamp.br/edgard-leuenroth>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

reivindicar os valores humanos daqueles que se esforçaram por deixar o mundo um pouco melhor do que o encontraram.<sup>197</sup>

Na missiva, o editor diz do seu interesse em publicar outras obras. Entre elas, uma antologia de poemas, intitulada *Antologia Mundial da Desobediência*. Exprime ainda pretensão em reeditar o livro *A Concepção Anarquista do Sindicalismo*, de Neno Vasco<sup>198</sup>, e publicar outros dois volumes do mesmo autor, um com obras de teatro e o outro uma coletânea de artigos publicados por ele no jornal anticlerical *A Lanterna* (São Paulo), sob o título *Sermões ao ar livre*. Neno Vasco, advogado, jornalista, escritor, poeta e militante anarquista. Vai para o Brasil em 1901, onde vivia seu pai. Em São Paulo, se aproxima dos anarquistas, onde funda os jornais libertários *A Terra Livre* e *O Amigo do Povo*, este juntamente com Oreste Ristori, Gigi Damiani, Ângelo Bandoni e outros. Publica a revista anarquista *Aurora* (1905) e contribui com o jornal *A Voz do Trabalhador*, da Confederação Operária Brasileira (COB), entre outros, como o jornal anticlerical *A Lanterna*. Regressa a Portugal em 1911, colaborando na imprensa libertária e mantendo relações com militantes anarquistas no Brasil. Em Portugal, colabora com o semanário *A Aurora* e as revistas anarquistas *A Sementeira*, *A Comuna* e *Renovação*. Neno Vasco escreve peças de teatro, como *Pecado de Simonia* (1907) e *Greve dos Inquilinos* (1908). Um de seus escritos mais difundido é *A Concepção Anarquista do Sindicalismo* (1923). Sobre Neno Vasco, o historiador Alexandre Samis escreve uma biografia. Militante português que viveu no Brasil e anarquista como Roberto das Neves, Neno Vasco seria, na síntese em que o historiador perfila o biografado, um homem que “*Viveu a condição de ‘revoltado’ e todas as consequências dela derivadas*”:

Para um mais conciso perfil do biografado, seria necessário ainda acrescentar que ele incorporou à sua vivência imagens de um passado nas quais a “Geração de 70”, o mito do “herói moderno” baudelaireano, ainda que como ecos longínquos, desempenharam um importante papel. Representou, sem abdicar de suas singularidades, uma “corda estendida”,

<sup>197</sup> Fundação Mário Soares (FMS). Pasta: 09771.022. Fundo: Alberto Pedroso. Carta de Roberto das Neves a Alexandre Vieira, 11/11/1970.

<sup>198</sup> **Gregório Nazianzeno Moreira de Queiroz e Vasconcelos**, mais conhecido como **Neno Vasco** (Penafiel, Portugal, 09/05/1878 – São Romão do Coronado, 15/10/1923). De sua autoria, entre outros: VASCO, Neno. **Da Porta da Europa**. Lisboa: Biblioteca Libertas, 1913; VASCO, Neno. **Concepção anarquista do sindicalismo**. Porto: Edições Afrontamento, 1984; VASCO, Neno. **O Pecado da Simonia**. São Paulo: Centro Editor Juventude do Futuro, 1920; VASCO, Neno. **Greve dos Inquilinos**. Lisboa: Editora de *A Batalha*, 1908. Sobre Neno Vasco, ver: SAMIS, Alexandre. “**Minha Pátria é o Mundo Inteiro**”: Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em dois mundos. Lisboa: Letra Livre, 2009; SILVA, Thiago Lemos. **Fragmentos biográficos de um anarquista na Porta da Europa**: a escrita crônística como escrita de si em Neno Vasco. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2005.



um elo da corrente, entre o pensamento clássico anarquista do século de seu nascimento e a modernidade, que lançava nas mãos dos libertários o sindicalismo revolucionário como arma fundamental contra o capitalismo. Viveu a condição de “revoltado” e todas as consequências dela derivadas.<sup>199</sup>

Estes documentos epistolares, como os anteriormente apresentados, informam acerca do fazer editorial de Roberto das Neves no plano das relações com os autores (que também eram companheiros com os quais se trocavam cartas e intercambiavam livros), bem como informam dos interesses, desejos, planos e de seus projetos como editor. Veja-se na troca de cartas com Alexandre Vieira como revela seus planos editoriais, seja imaginando a recolha de poemas dispersos nos periódicos anarquistas que, enfeixadas em livro, receberiam o sugestivo nome de *Antologia Mundial da Desobediência*, assim como desejando reunir em livro a obra para o teatro de Neno Vasco ou reunindo em livro seus escritos n’*A Lanterna*, sob o título *Sermões ao ar livre*, com alguma inspiração no título de Tomaz da Fonseca, a seguir apreciado. O que se quer assinalar é o constante trabalho do editor, desejando transformar em livro os escritos dispersos de escritores, poetas, dramaturgos, ensaístas, cuja palavra impressa poderia ser recolhida das folhas anarquistas e alcançar maior difusão em livro e, inclusive, estabelecendo obras que poderiam ser apreciadas num largo tempo e isto também em razão destes autores, quase sempre, se encontrarem ausentes das Antologias Literárias ou das Histórias da Literaturas, ausentes do cânone literário.

No primeiro livro lançado pela Germinal, *Sermões da Montanha*, de Tomaz da Fonseca, publicado em 1948, é divulgado “O nosso plano editorial”, que demonstra a imaginação inscrita no Plano Editorial de Roberto das Neves, desejando editar obras de diferentes matizes e variadas temáticas. Em seu Plano, lista títulos, pensa séries e coleções, de acordo com seu projeto de semear livros libertários, antifascistas, anticlericais, esperantistas, no campo do livre pensamento e de formação militante.

Como dito, do plano inicial ficaram livros por publicar, e isso, em grande parte, se deve à repressão, às dificuldades materiais e, possivelmente, problemas de ordem pessoal próprios da condição de um exilado e perseguido pelo regime salazarista. Doutra parte, o esboço geral de um plano estará, quase sempre, sujeito

---

<sup>199</sup> SAMIS, Alexandre. “**Minha Pátria é o Mundo Inteiro**”: Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em dois mundos. Lisboa: Letra Livre, 2009, p. 431.

a alterações da rota original. De todo modo, interessa recuperar o plano editorial não necessariamente pelo que veio a público, mas por seu caráter informativo acerca das leituras, dos interesses e do desejo do editor Roberto das Neves em fazer circular livros, autores e ideias por meio da *Germinal*. Além do Plano Editorial e do Catálogo de edições, são divulgados em publicações posteriores da *Germinal* outros Catálogos, destinados à divulgação dos livros disponíveis para venda em português, francês e espanhol, e um catálogo especial de livros para distribuição em Esperanto. Aliás, um procedimento comum no período, quando as últimas páginas dos livros ou sua contra-capas veiculam catálogos completos ou extratos, dando a conhecer ao público leitor as novidades editoriais. Do período também, se observa que tais informações, por vezes, “saltam” dos livros e se tornam materiais de divulgação nos jornais em suas colunas *Nossa Estante*, *Leituras Recomendadas* ou similares e, nos almanaques, como conteúdos do “recheio” das livrarias em seus anúncios. Assim, os vários Catálogos e o Plano Editorial compulsados nesta pesquisa, são fundamentais para uma visão abrangente do Editor Roberto das Neves.

O Plano Editorial imaginado por Roberto das Neves para a *Germinal* é organizado em dez séries, contendo os livros e autores que tencionava publicar. O desejo do editor era, como o próprio diz, “*a publicação periódica, simultaneamente em português e esperanto*” de “*numerosas obras*”, agrupadas nas referidas séries: 1) Doutrina e Filosofia; 2) Grandes Momentos da História; 3) Vidas Fecundas; 4) Livre Exame; 5) Proletariado Militante; 6) Grandes Dramas da História; 7) Vulgarização Científica; 8) Vulgarização Técnica; 9) Novelas, Contos, Fábulas e Parábolas; 10) Mosaico.<sup>200</sup> O Plano esboçado guarda relação com outras iniciativas editoriais, reunindo em Séries os grandes temas, esquadrihando perfis biográficos, valorizando a filosofia e a história como grandes ramos do conhecimento, destacando a literatura como alimento do espírito, evidenciando o pendor de esclarecimento e formação, ultrapassando a vulgata dos verbetes aligeirados, entre outras variáveis que poderiam ter influenciado a imaginação do Editor. É também dado a perceber um certo critério que se ancora ainda no século XIX, como evidenciado no modelo oitocentista das publicações ditas de *Vulgarização Científica* ou *Vulgarização Técnica*, que atravessaram o atlântico e funcionariam ainda no

---

<sup>200</sup> NEVES, Roberto das. Nosso Plano Editorial. Publicado em: FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. Rio de Janeiro: Editora *Germinal*, 1948.

adiantado do século XX como compilações de conhecimentos dirigidos à formação prática nas escolas de aprendizes artífices, entre outras práticas correlatas.

A Série Um do Plano Editorial, intitulada “Doutrina e Filosofia”, projeta a publicação de doze títulos, abrangendo os temas do socialismo, sindicalismo, comunismo, anarquismo, esperantismo, nacionalismo e fascismo e agrupando os autores:

Série Doutrina e Filosofia – “Porque sou democrata”, por Heriot; “Porque sou socialista”, por Vandervelde; “Porque somos fascistas”, resumo de artigos e discursos de Mussolini, Hitler, Salazar e Plínio Salgado; “Porque sou comunista”, por Henri Barbusse; “Porque somos anarquistas”, por Kropotkine, Eliseu Réclus, Proudhon, Ibsen, Tolstoi, Malatesta, Guyau, José Otíctica, Jean Grave, Bacúnine [sic] e outros; “Socialismo libertário ou anarquismo” (tese de doutoramento pelo dr. Silva Mendes, apreendida pela polícia de Salazar em Portugal); “Mundo Novo” (o mais perfeito esquema de organização social do futuro, de acôrdo com a concepção anarco-sindicalista, pelo economista francês Pierre Besnard; “Esboço de uma filosofia da dignidade humana” (a mais perfeita crítica ao materialismo histórico de Marx), por Paul Gille, o famoso filósofo e catedrático do Instituto de Altos Estudos de Bruxelas; “Esboço de uma moral sem sanção nem obrigação”, a obra célebre de Guyau; “O Nacionalismo”, por Lanti, o fundador da Associação Internacional dos Esperantistas Revolucionários; “Quinze anos de combate” (as melhores páginas panfletárias de Romain Rolland); “Evangelho da Hora”, de Paul Berthelot, etc.<sup>201</sup>

Dentre os livros propostos, aparecem obras de um amplo espectro, o que denota por parte do editor um esforço de alargamento de temas e abordagens, visando ampliar o público leitor, para além do seu campo doutrinário, no caso, o anarquismo. É o que se depreende ao examinar as escolhas do editor: *Porque sou democrata*, de Heriot; *Porque sou socialista*, de Vandervelde, e, *Porque sou comunista*, por Henri Barbusse.<sup>202</sup> Nesta série, o editor inclui um livro que, a primeira vista, parece inusitado. A obra parece ser uma compilação, intitulada *Porque somos fascistas*, com excertos de discursos de Mussolini, Hitler, Salazar e Plínio Salgado. Incluir tal publicação reforça o interesse do editor em promover a formação dos leitores da Germinal no conhecimento amplo das variadas perspectivas ideológicas naquele contexto, inclusive sobre as ideias do inimigo a ser combatido, o fascismo.

<sup>201</sup> NEVES, Roberto das. “Nosso Plano Editorial”. Publicado em: FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1948.

<sup>202</sup> **Émile Vandervelde** (Ixelles, Bélgica, 1866 – 1938), político socialista. Entre seus escritos, *Le Socialisme contre l'Etat* (1918, O Socialismo versus o Estado). Ver: ABS, Robert. **Emile Vandervelde**. Bruxelles: Éditions Labor, 1973. **Henri Barbusse** (Asnières, 17/05/1873 – Moscou, 30/08/1935) escritor comunista francês. Obteve grande repercussão com seu romance *Le feu* (1916), no qual protesta contra a guerra, narrando o cotidiano de um batalhão de soldados vindos de diversas partes da França que vivenciam a dureza e os horrores do *front* de batalha. De sua autoria, em português, ver: BABUSSE, Henri. **O fogo**. São Paulo: Editora Mundaréu, 2015.

Dos livros pensados na Série, figura a coletânea *Porque somos anarquistas*. Incluiria os seguintes autores: o geógrafo, escritor e anarquista russo Piotr Kropotkine (1842-1921), considerado um dos principais pensadores do anarquismo, tido como o fundador do anarco-comunismo. Autor de inúmeros livros e artigos publicados em periódicos anarquistas mundo afora, foi um dos escritores libertários mais editados e lidos em língua portuguesa nas primeiras décadas do século XX; o geógrafo e estudioso anarquista Élisée Reclus (1830-1905), autor de obra volumosa: *Nova Geografia Universal: a Terra e os Homens*, em dez volumes, e *O Homem e a Terra*, em cinco volumes, e aqui com destaque o clássico *Estados Unidos do Brasil: geographia, ethnographia e estatística*, publicada em 1900 pela editora Garnier, no Rio de Janeiro, com tradução de Ramiz Galvão; Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), tipógrafo, filósofo, escritor, um dos mais proeminentes pensadores do anarquismo, dado como o primeiro a se autoproclamar anarquista. Proudhon é um dos mais significativos exemplos do autodidatismo; em seus estudos autodidatas, aprendeu sozinho o Latim, com o intuito de imprimir livros neste idioma. Um de seus livros mais conhecidos é *O que é a propriedade?*, publicado em 1840; Henrik Ibsen (1828-1906) dramaturgo, diretor teatral, poeta é apreciado nos meios libertários, entre os autores lidos e com obras de teatro representadas, como sublinham estudos sobre o tema. Liev Tolstói (1828-1910), um dos maiores escritores da literatura mundial, entre seus escritos estão *Guerra e Paz* (1869), *Anna Karenina* (1877) e *A Morte de Ivan Ilitch* (1886); considerava-se, e foi considerado pelos libertários do seu tempo, como um anarquista cristão; Errico Malatesta (1853-1932) militante proeminente e teórico anarquista, defensor do anarquismo comunista ou anarco-comunismo; Jean-Marie Guyau (1854-1888) filósofo, escritor e poeta, tem como principais obras: *Esquisse d'une morale sans obligation ni sanction (Esboço de uma moral sem sanção nem obrigação)* e *L'Irréligion de l'avenir (A irreligião do porvir)*. A primeira consta no Plano Editorial de Roberto das Neves e a segunda, consta do Catálogo de vendas da editora; Jean Grave (1854-1939) sapateiro, escritor, militante anarquista, colaborou no periódico anarquista *Le Revolté* (1879-1887), junto com Élisée Reclus. Entre seus escritos, destacamos seu livro de memórias *Quarente ans de propagande anarchiste (Quarenta anos de propaganda anarquista)*; Mikhail Bakunin (1814-1876), militante, pensador e prolífico escritor anarquista, tido como um dos mais proeminentes militantes do anarquismo,

considerado o fundador do anarquismo social de tendência coletivista e do sindicalismo revolucionário. Sua vasta obra, publicada principalmente em periódicos e folhetos (e bastante traduzida e editada em vários idiomas) circulou por vários países desde o final do século XIX, e até os dias atuais.<sup>203</sup>

Em destaque nesta Série, o livro *Socialismo libertário ou anarquismo*, tese de doutoramento de Manoel da Silva Mendes (1867-1931), originalmente publicada em Portugal, em 1896, sob o título *Socialismo Libertário ou Anarchismo: história e doutrina*, pela Typographia Minerva, de Vila Nova de Famalicão. Em 2006, a obra foi publicada em edição *fac-similar*, pela Livraria Editora Letra Livre, de Portugal.

<sup>203</sup> Sobre Kropotkin, conferir, dentre outros: WOODCOCK, George; AVAKUMOVIĆ, Ivan. **El príncipe anarquista**. Madrid: Ediciones Jucar, 1978. Dentre seus escritos: KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2011; KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um revoltado**. São Paulo: Editora Imaginário, 2005; KROPOTKIN, Piotr. **Em torno de uma vida: memórias de um revolucionário**. São Paulo: José Olympio, 1946. De Reclus ver: RECLUS, Élisée. **O Homem e a Terra – Textos Escolhidos**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre; Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2015. Sobre Reclus, ver: ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Editora Ática, 1985; SILVA, Robledo Mendes da. **A influência de Élisée Reclus na educação operária no Brasil: das ciências naturais à educação integral**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2010. De Pierre-Joseph Proudhon, entre seus livros publicados em língua portuguesa: PROUDHON, Pierre-Joseph. **O que é a propriedade?** Lisboa: Editorial Estampa, 1975; PROUDHON, Pierre-Joseph. **Do princípio federativo**. São Paulo: Editora Imaginário, 2001; PROUDHON, Pierre-Joseph. **A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM Editora, 2004. Sobre Proudhon, conferir: GURVITCH, Georges. **Proudhon**. Lisboa: Edições 70, 1983; PASSETI, Edson; RESENDE, Paulo Edgar A. **Proudhon**. São Paulo: Editora Ática, 1986; BERTHIER, René. **Do federalismo**. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2016; BOUGLÉ, Célestin. **A sociologia de Proudhon**. São Paulo: Editora Imaginário, 2014. De **Henrik Johan Ibsen**, dentre suas publicações: IBSEN, Henrik. **Um Inimigo do Povo**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1984; IBSEN, Henrik. **O Pato Selvagem**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1984. Sobre Ibsen e o teatro social, ver: LITVAK, Lily. **Musa Libertária: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español**. (1880-1913). Barcelona: Antonio Bosch, 1981; ACCIOLY E SILVA, Doris. **Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 32, n. 114, p. 87-102, 2011; MENDES, Samanta Colhado. **As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo: 1889-1930**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, UNESP, Franca, 2010, especialmente o intervalo entre p. 219-220. Sobre Tolstói e o anarquismo, ver: RAMUS, Gustavo. **O anarquismo cristão e a potência dos únicos**. **Verve**, São Paulo, n. 21, p. 262-279, 2012. De **Errico Malatesta**, entre seus escritos: MALATESTA, Errico. **Escritos Revolucionários**. São Paulo: Editora Hedra, 2008; MALATESTA, Errico. **Entre Camponeses**. São Paulo: Editora Hedra, 2009; MALATESTA, Errico. **A Anarquia**. São Paulo: Editora Imaginário, 2001; MALATESTA, Errico; FABBRI, Luigi. **Anarco-comunismo italiano**. São Paulo: Luta Libertária, 2002. Sobre Malatesta, ver: RICHARDS, Vernon (org.). **Malatesta: pensamiento y acción revolucionarios**. Buenos Aires: Ediciones Anarres, 2007. Da autoria de **Jean-Marie Guyau**: GUYAU, J. M. **Esquisse d'une morale sans obligation ni sanction**. 16ª edição. Paris: Félix Alcan Éditeur, 1921. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k114195t>. Acesso em: 29 de maio de 2019; GUYAU, J. M. **L'Irréligion de l'avenir, étude sociologique**. Paris: Félix Alcan Éditeur, 1887. Sobre **Jean Grave** Cf. dados disponíveis em: <http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/arquivo/?p=digitallibrary/digitalcontent&id=274>. Acesso em 20 de junho de 2019. De **Mikhail Aleksandrovitch Bakunin**, entre seus escritos, estão: BAKUNIN, Mikhail. **Estatismo e anarquia**. São Paulo: Editora Imaginário: Ícone Editora, 2003; BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000; BAKUNIN, Mikhail. **Federalismo, socialismo e antiteologismo**. São Paulo: Editora Cortez, 1988. Sobre Bakunin, ver: NORTE, Sérgio Augusto Queiroz. **Bakunin: sangue, suor e barricadas**. Campinas: Editora Papirus, 1988; BRUPBACHER, Fritz. **Bakunin, o satã da revolta**. São Paulo: Editora Imaginário, 2015.

Manuel da Silva Mendes é um reconhecido Intelectual, com vasto cohecimento expresso no campo jurídico e da filosofia, entre outros.<sup>204</sup> O propósito de Roberto das Neves em publicar o citado Autor se justifica em razão de que o livro fora apreendido pela polícia política de Salazar em Portugal. Acerca do livro de Silva Mendes, a pesquisadora Maria João Cabrita destaca que a obra publicada em 1896 “*num contexto político adverso à propaganda anarquista – considerada como um crime pela Lei de 13 de Fevereiro desse mesmo ano*” “*revela os contornos doutrinários e históricos do anarquismo, sobretudo da feição dominante na militância anarquista em Portugal, o ‘anarquismo social’*”.<sup>205</sup> Também figura no citado Plano Editorial a obra *Mundo Novo*, do militante anarquista, sindicalista revolucionário e economista francês Pierre Besnard (1886–1947). Entre seus principais livros e folhetos, estão *Le Monde Nouveau (Son plan, sa constitution, son fonctionnement)*(1936), *L'éthique du syndicalisme* (1936), e *Les syndicats ouvriers et la Révolution sociale* (1930)<sup>206</sup>, sendo a obra destacada pelo Editor em razão de constituir uma base de discussão sobre “*o mais perfeito esquema de organização social do futuro, de acôrdo com a concepção anarco-sindicalista*”.<sup>207</sup> Este livro, assim como outros de Besnard, publicados nos anos 1930, não contavam com tradução para o português, o que sinaliza o esforço do editor quanto ao ineditismo das obras, sem tradução em língua portuguesa.

Na sequência do Plano Editorial figura um escrito de Eugène Lanti, pseudônimo de Eugène Adam (1879–1947), esperantista, escritor e militante socialista de origem francesa. O escrito intitulado *O Nacionalismo*, trata-se de uma crítica à ideia de nação, haja vista Lanti ser um crítico do nacionalismo e ter criado uma doutrina a qual nomeou “anacionalismo”, que se fundava no internacionalismo e propunha a abolição da ideia de nação como forma de organização da sociedade. Um dos fundadores da Sennacieca Asocio Tutmonda (SAT) – em português Associação Anacionalista Mundial –, Lanti foi uma proeminente figura do esperantismo mundial. Outro esperantista previsto para publicação é Paul Berthelot

<sup>204</sup> Sobre o autor, ver: BOTAS, João F. O. **Manuel da Silva Mendes. Biografia (1867-1931)**. Macau: Instituto Cultural do Governo da R. A. E. de Macau, 2017.

<sup>205</sup> CABRITA, Maria João. MENDES, Manuel da Silva. Socialismo Libertário ou Anarchismo. **Cultura [online]**, vol. 26, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cultura/575>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

<sup>206</sup> Sobre sua vida e obra, conferir a página da Fundação Pierre Besnard: <http://www.fondation-besnard.org/spip.php?article184>. Acesso em: 20 de junho 2019.

<sup>207</sup> NEVES, Roberto das. *In*: FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1948.

<sup>208</sup>, com o folheto *Evangelho da Hora*, que também consta no Catálogo de vendas da Germinal. Berthelot é considerado um dos pioneiros do movimento esperantista. Era jovem estudante de medicina em Paris quando se dirige para a Espanha, fugindo do serviço militar. Entre outras ações, em 1904 participa na fundação de uma associação de esperantistas catalães, da qual redige os boletins. Funda, em 1905, a revista *Esperanto*. Foi o principal organizador do congresso “vermelho-verde”, evento que congregou esperantistas de tendência socialista. Depois de visitar a Suíça e a Espanha, parte para a América do Sul, viajando pelo Brasil, onde convive com os índios amazônidas e aprende sua língua. Falece em um mosteiro dominicano, no Brasil.

Escrito em tom profético, quase bíblico, o folheto *O evangelho da hora* (1909) é um escrito anticlerical e de exortação dos trabalhadores à revolução social. No texto, é anunciado aos sofridos e explorados a chegada de um mundo novo. E a “Hora”, seria o tempo do “ajuste de contas” entre os ricos e os pobres. No Brasil, o folheto aparece publicado integralmente nas páginas do jornal *A Lanterna* (São Paulo), em 1916.<sup>209</sup> Sobre este escrito, consta que, nos anos 1930, investigadores da Polícia Política de Vargas (o DEOPS, Departamento de Ordem Política e Social) estiveram com os olhares voltados para a sede do jornal *A Plebe* (São Paulo) – localizada na Avenida Rangel Pestana nº 251 – local onde também funcionava a Editorial A Sementeira. Os investigadores descobriram que a editora era responsável pela publicação de vários livros e folhetos “subversivos”. Entre as publicações

---

<sup>208</sup> **Paul Marcel Berthelot**, ou **Paul Berthelot**, também conhecido como **Marcelo Verema** (Paris, 1881 – Conceição do Araguaia, Brasil, 1910) militante anarquista e esperantista. Sobre Berthelot, ver em Arquivo Histórico Social (AHS): <http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/arquivo/?p=digitallibrary/digitalcontent&id=262>. Acesso em: 26 de junho de 2019.

<sup>209</sup> *A Lanterna*, São Paulo, ano XV, n. 289, 1 de maio de 1916. Publicado também no jornal *Les Temps Nouveaux*, n. 54, 1912. A obra veio a público no Brasil na forma de folheto pela editora A Sementeira, de São Paulo, com prefácio de Neno Vasco: BERTHELOT, Paul. **O evangelho da hora**. São Paulo: A Sementeira, 1934. Informação colhida no site do Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo (CIRA): [http://www.cira.ch/catalogue/index.php?lvl=notice\\_display&id=2000](http://www.cira.ch/catalogue/index.php?lvl=notice_display&id=2000). Acesso em: 26 de junho de 2019. Além das publicações que localizamos desta obra, o pesquisador Allyson Bruno Viana anota que: “No Brasil, saíram duas edições desta obra, a primeira delas em 1911, pelos Grupos Editores Aurora e Libertas. Em 1951, apareceria o folheto como o segundo número da coleção Cadernos de Questões Sociais, editado no Rio de Janeiro. Na mesma edição do jornal *Ação Direta* em que tinha início a publicação do folheto (n. 58, de 26 de agosto de 1949), era apresentada uma biografia de Paul Berthelot, na coluna ‘Figuras do Anarquismo’.” VIANA, Allyson Bruno. **Anarquismo em Papel e Tinta**: Imprensa, Edição e Cultura Libertária (1945-1968). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014, p. 151.

existentes na editora, constava *Evangelho da hora*. Vários livros foram apreendidos na redação do jornal.<sup>210</sup>

A Série 2, nomeada “Grandes Momentos da História”, pretendia publicar obras sobre fatos marcantes na história do anarquismo, do socialismo libertário e do comunismo, sendo a maioria escritos por anarquistas e com destaque nesta Série livros sobre “A Guerra Civil em Espanha, por diversos dos que nela participaram”; “A Comuna de Paris, por Luiza Michel”; “A Revolução de Spartacus”; “A Revolução Cristã”; “A Revolução Russa, por Voline, sociólogo russo que tomou parte ativa no grande acontecimento histórico”; “A Revolução Francesa, por P. Kropotkine”; “A construção comunista libertária pelo proletariado espanhol, por Diego Abad de Santillan”; “A obra dos guerrilheiros russos, por P. Archinof”; “Constroi-se socialismo na U.R.S.S.? (ou O bluf russo), por Lanti”.<sup>211</sup>

A *Comuna de Paris*, de Louise Michel, parece ser seu escrito *La commune*, publicado originalmente em 1898. Professora, escritora e militante anarquista de origem francesa, Louise Michel é uma das mais destacadas figuras do anarquismo. Participa da Comuna de Paris em 1871, tornando-se uma das mais proeminentes *communards*. No decorrer da Comuna, é presa e condenada à deportação para a Nova Caledônia, onde permanece até 1880, quando se dá a anistia. Retornando à Paris, participa como conferencista em inúmeras atividades públicas e reuniões políticas. Escreve romances e poesia, e publica sua obra *Miséria* (1882), em forma de folhetim. Nos anos 1890, edita o periódico *Le Libertaire*, junto com o anarquista Sébastien Faure. Por conta de sua militância, foi presa diversas vezes e sempre vigiada pelo estado ao longo de toda sua vida.<sup>212</sup> No Brasil, o jornal anarquista *Ação Direta* (Rio de Janeiro), no qual escreve Roberto das Neves, rende tributo à militante libertária francesa, publicando, na seção “Figuras do Anarquismo”,

<sup>210</sup> A anotação se encontra em: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, idéias malditas. O DEOPS e as minorias silenciadas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 59.

<sup>211</sup> NEVES, Roberto das. *In*: FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1948.

<sup>212</sup> **Louise Michel** (Vroncourt-la-Côte, 1830 – Marselha, 1905), seu livro *La Commune* tem edição em português, em dois volumes: MICHEL, Louise. **A Comuna**. 2 vols. Lisboa. Editorial Presença, 1971. Sobre Louise Michel, ver: AUZIAS, Claire. Louise Michel. **Verve**, São Paulo, n. 10, p. 101-108, 2006; MAITRON, Jean. **Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français**. (article Louise Michel). Paris: Les Editions de l’Atelier, 1997; e MENDES, Samanta Colhado. A Comuna de Paris segundo Louise Michel. **Espaço Acadêmico**, Maringá, ano X, n. 118, p. 37-45, 2011. Sobre a Comuna de Paris, ver: SAMIS, Alexandre. **Negras tormentas: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris**. São Paulo: Editora Hedra, 2011; VAUTRIN, Jean; TARDI, Jacques. **O Grito do Povo**. 2 vols. São Paulo: Conrad Editora, 2005.



em 26 de maio de 1948, seu perfil acompanhado de uma foto, o que aliás é procedimento largamente encontrado na imprensa de matriz libertária, realizando a Memória como elo entre as gerações e tendo em suas histórias militantes os fios de expressão da rebeldia e luta social. Ao compulsar exemplares dessa imprensa, em escala internacional e no Brasil, é grande o espaço dedicado à Memória da Comuna de Paris, do Primeiro de Maio, dos Mártires de Chicago, entre outros fatos e personagens.

*A Revolução Russa*, de Volin, como é conhecido Vsevolod Mikhailovich Eikhenbaum (1882-1945),<sup>213</sup> é provavelmente a obra *A revolução desconhecida*, livro de memórias do militante anarquista que participou da Revolução Russa de 1917 e da Revolução Ucraniana, na organização anarquista ucraniana Nabat e no Exército Insurgente Makhnovista, liderado por Nestor Makhno.<sup>214</sup> Ainda sobre a Revolução Russa, o editor propõe *A obra dos guerrilheiros russos*, por Piotr Arshinov<sup>215</sup>, e *Constroi-se socialismo na U.R.S.S.?(ou “O bluf russo”)*<sup>216</sup>, de Eugène Lanti. Em consonância com a proposta da Série, estas duas obras, como as anteriores sobre a Revolução Russa e sobre a Comuna de Paris, são escritos de relevo a partir de uma perspectiva anarquista para os “Grandes Dramas” que o editor pretende ressaltar. Outro livro que trata do tema das revoluções é *A*

<sup>213</sup> Dos seus escritos publicados no Brasil, ver: VOLIN. **A revolução desconhecida**: nascimento, crescimento e triunfo da Revolução Russa (1825-1917). São Paulo: Global Editora, 1980.

<sup>214</sup> **Néstor Ivánovitch Makhno** (Goulai-Polé, Ucrânia, 1889 – Paris, 1934), militante anarquista de origem ucraniana, destacando-se como figura proeminente na Revolução Russa e na Revolução Ucraniana. Um dos fundadores do grupo Dielo Trouda (Causa Operária), de anarquistas russos exilados na França. Entre seus escritos, destaque para o panfleto *A Plataforma organizacional da União Geral dos Anarquistas* (1926). Para um conjunto dos escritos de Nestor Makhno, conferir o site: <http://www.nestormakhno.info/>. Sobre os temas da Revolução Russa, Revolução Ucraniana e sobre a trajetória de Makhno, ver: MAKHNO, Nestor. **A “Revolução” Contra a Revolução**. São Paulo: Editora Cortez, 1988; MAKHNO, Nestor; SKIRDA, Alexandre; BERKMAN, Alexander. **Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia**. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

<sup>215</sup> **Piotr Andreyevich Arshinov** (Nisnelomov, Rússia, 1887 – URSS, 1937) operário e militante anarquista de origem ucraniana. Em nossa pesquisa, não foi possível encontrar a obra de Arshinov em plano de publicação pelo editor Roberto das Neves. No entanto, é provável que seja um artigo seu publicado em jornais, que o editor pretendia publicar como folheto, ou que seja uma síntese ou capítulo do livro *História do movimento makhnovista* (1923). De Arshinov, em português: ARSHINOV, Piotr. **História do Movimento Makhnovista (1918-1921)**. São Paulo: Editora Entremares, 2018. Sobre Arshinov, ver: SKIRDA, Alexandre. **Autonomie individuelle et force collective (les anarchistes et l’organisation de Proudhon à nos jours)**. [S. l.: s. n.], 1987; MONTEBELLO, Natalia Monzón. Anarquistas e a Revolta na Revolução Russa: Nestor Makhno. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, vol. 13, n. 25, p. 99-121, 2017.

<sup>216</sup> Este texto, assinado por Lanti e Yvon, foi publicado, parceladamente, em três edições do jornal *Remodelações* (Rio de Janeiro), com tradução, prefácio e notas de Rafael Malaguerra. Conferir as edições: *Remodelações*, Rio de Janeiro, ano I, n. 07, 24 de novembro de 1945, p. 02-03; *Remodelações*, Rio de Janeiro, ano I, n. 08, 01 de dezembro de 1945, p. 03; *Remodelações*, Rio de Janeiro, ano I, n. 09, 08 de dezembro de 1945, p. 03.

*Revolução Francesa*, de Piotr Kropotkin. O título do livro é, mais precisamente, *A grande Revolução*, escrito em 1909.<sup>217</sup> O largo volume trata-se de uma interpretação libertária do processo revolucionário francês, realizada pelo eminente geógrafo anarquista. *A construção comunista libertária pelo proletariado espanhol*, de Diego Abad de Santillán<sup>218</sup> é outro escrito na mesma senda das revoluções; tratando do processo revolucionário espanhol entre 1936 e 1939, conhecido como Revolução Espanhola.

A terceira Série, nomeada “Vidas Fecundas”, deseja dar à estampa estudos sobre trajetórias “exemplares” de homens e mulheres que, pela fecundidade do seu pensamento e prática, legaram à posteridade um roteiro de reflexões e práticas pela liberdade. Como assinala o historiador Allyson Bruno Viana, “*A Série, em certa medida, repercute os efeitos de atualização da memória exemplar, recurso largamente praticado na imprensa anarquista, quando os fatos sociais e os sujeitos cumprem uma função pedagógica*”.<sup>219</sup> Os pensadores e militantes presentes na Série tem em comum em suas histórias de vida o enfrentamento da ordem estabelecida, a contestação e a luta em favor do livre pensar. Os nomes referidos pelo editor Roberto das Neves são Giordano Bruno, Savonarola, Galileu Galilei, Piotr Kropotkin, Élisée Reclus, Errico Malatesta, Louise Michel, Neno Vasco, Mikhail Bakunin, Buenaventura Durruti e Ludwik Zamenhof.

A Série quatro é intitulada “Livre Exame” e lista obras sobre a temática das religiões, em perspectiva anticlerical. Os títulos e autores – Almeida Paiva, Neno Vasco, Han Ryner, Sebastien Faure, Agostinho Domingues, entre outros – em sua perspectiva editorial são acompanhados de breves notas explicativas. Observe-se a presença de livros e autores de Portugal e, alguns, de circulação proibida naquele

<sup>217</sup> Em Portugal, o livro conta com a edição: KROPOTKIN, Piotr. **A grande revolução (1789-1793)**. Lisboa: Guimarães Editores, 1913. No Brasil, a obra teve a seguinte edição: KROPOTKIN, Piotr. **A grande revolução (1789-1793)**. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1935.

<sup>218</sup> **Sinesio Baudilio García Fernández**, mais conhecido pelo pseudônimo de **Diego Abad de Santillán** (Reyero, 1897 – Barcelona, 1983), escritor, jornalista e militante anarquista. Prolífico escritor na imprensa libertária e tradutor de livros e folhetos. Não foi possível localizar nesta pesquisa o texto de Santillán previsto para publicação pelo editor. Provavelmente, trata-se de um de seus escritos publicados em jornais. De sua autoria, ver: SANTILLÁN, Diego Abad. **Organismo econômico da revolução**: a autogestão na Revolução Espanhola. São Paulo: Brasiliense, 1980; SANTILLÁN, Diego Abad. **Estrategia y Tática**. Madrid: Ediciones Jucar, 1976. Sobre o pensamento de Santillán, conferir: MINTZ, Frank. El pensamiento de Santillán sobre la transformación económica revolucionaria, la guerra civil y la violencia. **Revista Anthropos**, Barcelona, n. 138, 1992. Disponível em: <http://www.fondation-besnard.org/spip.php?article58>. Acesso em: 23 de maio de 2019.

<sup>219</sup> VIANA, Allyson Bruno. **Anarquismo em Papel e Tinta**: Imprensa, Edição e Cultura Libertária (1945-1968). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014, p. 306.

país, o que situa, em tese, a *Germinal* como uma editora voltada à circulação do livro clandestino, como é o caso de *Liberdade, Ciência e Religião (Cartas ao Cardeal Cerejeira)*, escrito pelo ex-jesuíta português Almeida Paiva, era uma dessas obras impedidas de circular. Anota ainda o editor que Paiva havia sido “*assassinado pelos esbirros do Santo Ofício de Salazar, quando atravessava, de trem, o túnel do Rossio, em Lisboa*”. Outra publicação é *Os milagres de Fátima*, uma análise “histórico-psicológica”, escrita pelo ex-sacerdote católico, jornalista e escritor português Agostinho Domingues, outra “*obra impedida de circular em Portugal*”.<sup>220</sup> A série propõe uma obra pouco conhecida de Neno Vasco, em que realiza uma exegese dos testamentos bíblicos, intitulada *Conceitos Bíblicos*. Outra obra é *Cristo*, publicada originalmente em 1943, em Paris, pelas Éditions Albin Michel, escrita pelo historiador francês Charles Guignebert (1867-1939). No escrito, segundo o Editor, o autor apresenta um “*resumo crítico dos mais notáveis trabalhos exegéticos sobre a personalidade de Cristo*”.<sup>221</sup>

A série traz também o conhecido folheto *Doze provas da inexistência de Deus*, escrito anticlerical de Sébastian Faure, publicado originalmente em 1908. A obra seguinte é *O Quinto Evangelho*, publicada originalmente em 1911, de Han Ryner. Filósofo, jornalista, escritor e anarquista individualista francês, Ryner colabora bastante com a imprensa periódica. Foi redator da revista *Demain* (1896), colaborou com diversas publicações, entre elas *L'Art social*, *L'Humanité Nouvelle*, *L'ennemi du Peuple*, *L'Idée Libre* e com as revistas *L'en Dehors* e *L'Unique*, editadas por Émile Armand; como Han Ryner, Armand é outro autor da preferência de Roberto das Neves. Han Ryner escreveu uma vasta e diversificada obra, entre romances, ensaios, textos jornalísticos, contos, poesia e teatro. Em destaque, seus escritos *Petit Manuel Individualiste* (1903, *Mini Manual Individualista*), *Le Cinquième Évangile* (1911, *O Quinto Evangelho*) e *L'Amour plural, roman d'aujourd'hui et de demain* (1927, *O Amor plural, romance de hoje e amanhã*). No contexto da Primeira Guerra Mundial, afirma posições antimilitaristas e pacifistas, defendendo a objeção de consciência. Em 1936, adere ao Comitê Mundial Contra a Guerra e o Fascismo. No Brasil, a anarquista Maria Lacerda de Moura torna-se uma leitora e admiradora do

---

<sup>220</sup> NEVES, Roberto das. In: FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. Rio de Janeiro: Editora *Germinal*, 1948.

<sup>221</sup> *Ibidem*.

pensamento de Han Ryner, vindo a publicar um livro sobre suas ideias acerca do amor livre, com o título *Han Ryner e o Amor Plural* (1933).

A Série cinco, “Proletariado Militante”, se reserva à história do movimento operário e do sindicalismo, em uma visão ampla do movimento operário em escala internacional a partir de uma perspectiva libertária. Nesta Série, o Editor pretende abordar a história do proletariado, escrita por reconhecidos militantes anarquistas, o brasileiro Edgard Leuenroth, o português Manuel Joaquim de Sousa<sup>222</sup> e o alemão Agustín Souchy. São elencados os títulos *História do movimento operário no Brasil*, por Edgard Leuenroth, *História do movimento sindicalista em Portugal*, por Manuel Joaquim de Sousa, *O sindicalismo em França*, sem autor definido, e *O sindicalismo na Suécia*, por Agustín Souchy.

A Série seis tem como título “Grandes Dramas da História”, cuja linha editorial se dirige a história das lutas sociais, do movimento operário, do anarquismo e escritos sobre crimes de estado e o combate ao nazismo, ao fascismo italiano, ao franquismo e ao salazarismo. Entre as publicações em vista, o editor lista uma obra de sua autoria, *A tragédia de Chicago (ou a verdadeira história do Primeiro de Maio)*; marco da memória e da história do movimento operário, o Primeiro de Maio é tema recorrente nos impressos libertários, aparecendo profusamente em artigos de jornais e revistas, assim como em folhetos e livros, como é o caso do folheto de Serafim Porto *Histórico do Primeiro de Maio: os mártires de Chicago*, publicado em 1951, no Rio de Janeiro, pelo *Ação Direta*. O Primeiro de Maio enquanto data memorável da luta dos trabalhadores vem de uma proposta da Segunda Internacional Socialista em 1889, simbolizando a luta pelas oito horas de trabalho. No entanto, sua origem remonta ao ano de 1886, quando das manifestações pela jornada de oito horas de trabalho nos EUA. Numa dessas manifestações, no dia 4 de maio, ocorreu um atentado a bomba na Praça Haymarket, em Chicago, nos EUA, utilizado como “justificativa” à brutal repressão da polícia, resultando em mais de cem mortos e dezenas de militantes anarquistas e operários presos. Os presos e julgados – Albert Parsons, August Spies, George Engel, Adolf Fischer, Louis Lingg, Oscar Neebe,

---

<sup>222</sup> **Manuel Joaquim de Sousa** (Porto, 24/11/1883 – Lisboa, 27/02/1944). Sapateiro, sindicalista e militante anarquista; redator do jornal *A Batalha* (1919-1927), colaborou nos jornais anarquistas *A Vida* (1905-1910) e *A Aurora* (1910-1920), e na revista *Renovação* (1925-1926). De sua autoria: SOUSA, Manuel Joaquim de. **O Sindicalismo em Portugal**. Porto: Edição do Movimento Operário Português, 1974; SOUSA, Manuel Joaquim de. **Últimos tempos de ação sindical livre e do anarquismo militante**. Lisboa: Antígona, 1989.

Michael Schwab e Samuel Fielden. Os três últimos tiveram penas de prisão; os demais foram condenados à morte na forca e executados em 11 de novembro de 1887. Louis Ling suicidou-se umas horas antes da execução na sua cela. Para os anarquistas, a data carrega uma simbologia de luto e luta, expressando-se nos escritos e imagens de extração libertária, em livros, jornais, na iconografia, na poesia, no teatro, na música. Nas edições de Primeiro de Maio, os jornais anarquistas costumam dedicar a primeira página à memorável data. Outro título previsto na referida Série é *Sacco e Vanzetti*, “a história do monstruoso erro judiciário que levou à cadeira elétrica os dois anarquistas italianos, vítimas da ‘justiça’ norte-americana”, sem indicação de autoria. Militantes anarquistas de origem italiana, Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti foram presos e condenados à morte nos anos 1920 no Estado de Massachussetts, nos Estados Unidos, por suposto homicídio seguido de assalto do contador e do guarda de uma fábrica de sapatos.<sup>223</sup> O caso de Sacco e Vanzetti foi amplamente divulgado na imprensa anarquista da época em vários países, causando comoção entre a militância libertária e motivando uma campanha internacional de solidariedade em defesa da libertação dos dois anarquistas. Os anos que se passaram desde a prisão até o julgamento de Sacco e Vanzetti foram marcados por protestos, manifestações, ações diretas, ataques a bomba e greves em diversos lugares do mundo. Em 31 de maio de 1921, foram levados ao tribunal. Depois de um julgamento controverso, marcado pela notória perseguição ideológica, preconceito de classe, xenofobia, com apresentação de provas não convincentes e manipulação de testemunhas por parte da promotoria, em 14 de julho receberam a sentença. Foram considerados culpados e a pena imputada foi a morte na cadeira elétrica. O caso atraiu a atenção de amplos setores da sociedade, da imprensa e comoveu intelectuais na Europa e na América, como Albert Einstein, Romain Rolland, Thomas Mann, Anatole France e George Bernard Shaw, que saíram em apoio e fizeram apelos para que fosse revisto o julgamento. A pena foi mantida e os dois foram executados, a 23 de agosto de 1927. Em 1977, passados cinquenta anos da execução, o governador de Massachussetts declarou a

---

<sup>223</sup> Entre as obras disponíveis sobre o tema, conferir: FAST, Howard. **Sacco e Vanzetti**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2009; QUESADA, Fernando. **Sacco y Vanzetti**: dos nombres para la protesta. Buenos Aires: Editorial Reconstruir, 2007; MOURA, Clóvis. **Sacco e Vanzetti**: O protesto brasileiro. São Paulo: Brasil Debates, 1979; PORTER, Khaterine Anne. **Sacco e Vanzetti**: Um Erro Irreparável. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1978. Ver também o filme “Sacco e Vanzetti”. Diretor: Giuliano Montaldo. País: Itália. Ano: 1971. Duração: 119 min.

inocência de Sacco e Vanzetti, afirmando oficialmente que foi injusta a sentença de morte proferida contra os dois militantes anarquistas.

Como o caso de Sacco e Vanzetti e a história do Primeiro de Maio, a história do martírio do pedagogo anarquista catalão Francisco Ferrer y Guardia<sup>224</sup> é das mais conhecidas nos meios libertários, ele também vítima de um crime de estado. Fundador da Escola Moderna, Ferrer pratica a “pedagogia racional”, que consiste em oferecer as ferramentas para os alunos se desenvolverem intelectualmente e pensarem por si, sem mestres. Com a Escola Moderna, Ferrer foi atraindo desafetos na sociedade espanhola; setores conservadores, principalmente ligados à Igreja Católica, passaram a persegui-lo. No ano de 1909, eclode em Barcelona uma revolta popular contra a guerra que a Espanha fazia no Marrocos. Como é comum nas guerras, a Espanha recrutava soldados nas famílias da classe operária espanhola, o que começou a causar revolta entre os trabalhadores, que passaram a recusar ir para a guerra, realizando manifestações de protesto.

Entre 26 de julho e 2 de agosto de 1909 foi o período mais violento dos protestos ocorridos na região de Barcelona, ficando conhecido como “Semana Trágica”, quando uma série de ações violentas aconteceram. Entre as ações ocorridas, houve saques e foram incendiados igrejas e conventos na cidade de Barcelona e região. Ferrer foi preso e acusado pelo tribunal militar instaurado após esses acontecimentos. Foi julgado e condenado à morte por ter supostamente sido o líder, mentor intelectual e incitador das revoltas populares ocorridas em Barcelona. Ferrer foi fuzilado em 13 de outubro de 1909. Em 29 de dezembro de 1911, a justiça espanhola declara Ferrer oficialmente inocente das acusações que o levaram à morte. Sobre Ferrer, Roberto das Neves almejava publicar *Francisco Ferrer, o mártir do castelo de Montjuich*, da militante anarquista espanhola Federica Montseny.<sup>225</sup>

---

<sup>224</sup> **Francisco Ferrer y Guardia** (Alella, 1859 – Barcelona 1909) pedagogo anarquista catalão. Sobre Ferrer y Guardia, ver: SILVA, Rodrigo Rosa da. **Anarquismo, Ciência e Educação. Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2013; SAFÓN, Ramón. **O racionalismo combatente de Francisco Ferrer Guardia**. São Paulo: Editora Imaginário, 2003; TRAGTENBERG, M. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 1, 1978; GALLO, Sílvio. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna. **Pro-Posições [online]**, Campinas, vol. 24, n. 2, p. 241-251, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072013000200015>. Acesso em: 01 de julho de 2019, p. 242.

<sup>225</sup> **Federica Montseny i Mañé** (Madrid, 1905 – Toulouse, 1993) periodista, escritora e militante anarquista. Atuante na Revolução Espanhola, faz parte do comitê regional da CNT da Catalunha durante o processo revolucionário e depois assume o cargo de ministra da Saúde e Assistência Social. Esmagada a revolução social e vencida a guerra civil pelo exército franquista em 1939,

Algumas edições desta Série associam histórias do combate antifascista, denunciando os crimes de estado praticados nos regimes ditatoriais na Espanha, Portugal, Alemanha e Itália. Entre os títulos listados, *Os crimes de Franco*, do militante anarquista Manuel Perez, que lutou na Revolução Espanhola e vivenciou a experiência do aprisionamento em campos de concentração franquistas. Outro título de combate ao salazarismo é *Tarrafal, antecâmara do Inferno e da Morte, ou os crimes de Salazar*, por um anônimo “*evadido da sinistra Guayana portuguesa, aonde o ditador lusitano envia para morrerem de morte lenta todos quantos se opõem aos seus desígnios*”, como acrescenta o editor. Tarrafal foi um campo de concentração para presos políticos criado em 1936 para enviar os encarcerados pelo regime ditatorial de Salazar. De combate ao fascismo na Itália, é anotado para publicação *Os crimes de Mussolini*, por Armando Borghi<sup>226</sup>, “*o vigoroso panfletário italiano, autor da célebre biografia do duce*, conforme ressalta o Editor. Borghi atuou bastante no meio sindical e na imprensa anarquista, também desenvolvendo campanhas antimilitaristas. Exilou-se mais de uma vez por conta de sua militância. Nos anos 1920, luta contra o fascismo na Itália. Quando da ascensão do regime fascista, é obrigado a deixar a Itália em 1923, indo para o exílio, primeiro em Berlim, depois em Paris e em seguida nos Estados Unidos, onde continua sendo perseguido e é preso mais de uma vez, sendo libertado mediante pagamento de fiança. No exterior, continua sua luta contra o fascismo.

De denúncia contra o nazifascismo, Roberto das Neves planejava publicar *Os crimes de Hitler*. Acrescenta o editor que a obra se trata de uma “*narrativa*

---

Montseny vai para o exílio na França, retornando à Espanha apenas na década de 1970. Escreveu na imprensa periódica anarquista e publicou mais de trinta títulos ficcionais com temas variados de literatura social, além de livros e folhetos sobre o anarquismo, a luta das mulheres e sua experiência de vida militante. De sua autoria: MONTSENY, Federica. **El Hijo de Clara**. Barcelona: Biblioteca La Revista Blanca, 1927; MONTSENY, Federica. **La Indomable**. Barcelona: Biblioteca La Revista Blanca, 1928; MONTSENY, Federica. **La Victoria**. Barcelona: Biblioteca La Revista Blanca, 1925. Sobre Federica Montseny, conferir: GARCÍA, Susanna Tavera. **Federica Montseny. La indomable (1905-1994)**. Barcelona: Temas de Hoy, 2005; ALCÁDE, Carmen. **Federica Montseny, Palabra en Rojo y Negro**. Barcelona: Argos Vergara, 1983; MATEU, Carme Bernat. “Una mujer de ideas modernas”: Federica Montseny, literatura e identidades de gênero anarquistas. **Travessias**, Cascavel, vol. 12, n. 1, p. 205-223, 2018.

<sup>226</sup> **Armando Borghi** (Castel Bolognese, 1882 – Roma, 1968) jornalista, sindicalista e ativo militante anarquista. Escreveu, entre outros, para os jornais *L’Aurora*, *L’Adunata dei Refrattari* (Nova York, 1922-1971) e *Umanità Nova* (Milão, 1920-1922), e foi diretor do semanário *Guerra di Classe*. As informações para a escrita deste perfil provêm da página disponível em: <http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/arquivo/?p=creators/creator&id=83>. Acesso em: 04 de julho de 2019. Dados biográficos sobre Armando Borghi também disponíveis em: *Le Monde Libertaire* (Paris), n. 725, 10 de novembro de 1988. A biografia a que o editor se refere conta com uma edição em língua portuguesa: BORGHI, Armando. **Eis Mussolini**. [S. l.]: Oceano, [19--].

*espantosa dos crimes do nazismo*”, de Agostinho das Neves<sup>227</sup>, “*que viveu, como prisioneiro, durante dois anos, no campo de concentração de Nachau, na Alemanha*”. Segundo conta o repórter Fernando Teixeira em relato enviado de Paris para o jornal *Diário Popular* (Lisboa, 1942-1991), ele e Agostinho das Neves haviam se encontrado por acaso em novembro de 1945. Em conversa com Neves, este relatou ao repórter os horrores da fome, das doenças, da morte e a penosa viagem até o campo de concentração. Como anota o jornalista sobre o relato da experiência dramática de Agostinho das Neves:

Fechados nos vagões, comendo só uma vez ao dia – um pedaço de pão coberto de bolor e uma rodela de salsicha – e não tendo mais que meio decilitro de água por 24 horas, fomos caindo doentes a pouco e pouco. A fome, a sede e o calor mudavam as expressões. Loucos ou moribundos? Como a desgraça faz dos homens feras sem coração! Se nos visse, se visse como nos batíamos por um pedaço de pão a mais que sobejasse da boca de um doente! Depois as salsichas acabaram e foram substituídas por um tomate cru para cada vagão. Faz ideia do que seja dividir por 100 homens um tomate cru? Pois ninguém ficava sem o seu quinhão. E que ficasse! Era uma questão que nunca mais acabava – e ódios surdos e lutas e insultos.<sup>228</sup>

A Série sete, intitulada “Vulgarização Científica”, como o nome sugere, deseja popularizar temas científicos, no intuito de ampliar o público leitor. Os títulos listados para publicação são *A Montanha, O arroio*, do geógrafo anarquista Élisée Reclus, e uma obra inédita do cientista russo Ernst Izgur, *A desintegração do átomo e a sobrevivência da humanidade*. Além destas, o editor Roberto das Neves planejava publicar, de sua autoria, uma obra sobre o Esperanto, intitulada “O problema da língua internacional, à luz da filologia, da sociologia e da psicologia”. Conforme pesquisamos, ao todo, da autoria de Roberto das Neves sete livros ficaram em projeto de publicação, três deles listados no Plano Editorial: *O problema da língua internacional, à luz da filologia, da sociologia e da psicologia, O valor social da grafologia como método de seleção e orientação profissional e A tragédia de Chicago (ou a verdadeira história do Primeiro de Maio)*. As informações acerca dos outros quatro títulos previstos para publicação foram cotejados em livros e periódicos: *Grafologia, método científico de investigação da personalidade, Nas*

<sup>227</sup> Sobre Agostinho das Neves e o tema do aprisionamento de portugueses em campos de concentração, ver a reportagem de Filipa Simas. Título: Trabalhadores escravos portugueses no regime nazi. Produção: RTP. Ano: 2017. Disponível em: <http://ensina.rtp.pt/artigo/portugueses-trabalhadores-forcados-na-alemanha-nazi/>. Acesso em: 04 de julho de 2019.

<sup>228</sup> Relato publicado originalmente no jornal *Diário Popular*, de 22 de novembro de 1945. Excertos publicados no *Diário de Notícias*, em artigo datado de 06 de maio de 2017.



*Masmorras e Catacumbas do Estado Novo (memórias político-sociais de vinte anos de lutas contra o fascismo em Portugal), O Problema da Língua Mundial* e um livro de contos, denominado *Rua da Esperança (contos)*.

Na Série oito, nomeada “Vulgarização Técnica”, o editor tencionava publicar “*diversos volumes de educação profissional relativos a todos os ofícios, originais, traduções e adaptações*”, como expresso em seu Plano Editorial, sugere um esforço para prover uma formação autodidata aos trabalhadores. Uma visada na imprensa dos trabalhadores desde o século XIX, e se constata como eram comuns os anúncios de livros e manuais relativos às várias ocupações profissionais, confirmando a existência de projetos editoriais na forma de Manuais voltados a um nascente público no mundo do trabalho e requeridos pelos incontáveis cursos e escolas de preparação de mão-de-obra. Neste caso, convém lembrar que muitas iniciativas provenientes do estado, da igreja e da filantropia patronal, se inscrevem decididamente na fórmula de “moldagem de corpos ao trabalho”, como na adequada abordagem de Maurício Tragtenberg.<sup>229</sup>

A Série nove, “Novelas, Contos, Fábulas e Parábolas”, dirige sua atenção editorial à imaginação e sensibilidade do público infanto-juvenil, em busca também de sua formação em torno dos valores libertários. Um dos títulos em vista para publicação é a utopia *Náufragos*, por Adrián del Valle (1872-1945), escritor, tradutor e com larga inserção no periodismo assinando também sob os pseudônimos Palmiro de Lidia, Fructidor e Hindus Fakir. Segundo o Editor, *Náufragos* é uma “*belíssima fantasia de uma sociedade socialista-libertária fundada por náufragos de um luxuoso iate*”. Outro título em vista é o livro de contos para crianças intitulado *O que contam os amigos de Pedrinho*, da escritora alemã Hermínia Zur Mulhen (1883-1951)<sup>230</sup>, escritora e tradutora. Como salienta Roberto das Neves, na obra “*nos são narrados com rara beleza a epopeia do trabalho humano e as injustiças sociais de que são vítimas os trabalhadores*”. Consta também o livro *Contos de uma nova moral*, do escritor espanhol Elias Garcia, avaliada pelo editor como “*obra prima para a*

---

<sup>229</sup> TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

<sup>230</sup> **Hermynia Zur Mühlen** (Viena, 1883 – Radlett, Reino Unido, 1951) escritora e tradutora. Ver informações no artigo “Liebe Genossin: Hermynia Zur Mühlen: a Writer of Courage and Conviction”, de Lionel Gossman, disponível em: <http://digital.library.upenn.edu/women/muhlen/gossman.html>. Acesso em: 04 de julho de 2019.

*juventude*". Afora as obras apontadas, o editor pretendia publicar títulos do escritor francês Michel Zevaco, escritor e militante anarquista, autor de vasta obra.

A décima e última Série, intitulada "Mosaico", abriga uma mescla de escritos, entre o teatro social, poemas, um título sobre religiosidade e um estudo sobre grafologia. Entre as edições em vista, as peças de teatro *Pedra que rola*, de José Oiticica, *Greve de inquilinos*, de Neno Vasco, *Amanhã*, da autoria do escritor e médico português Manuel Laranjeira (1877-1912) e *Infanticídio*, por Joaquim Mota Assunção, trabalhador gráfico e militante anarquista português, segundo Angela Roberti Martins, que teria se "*Inspirado na obra de H. Ibsen para renovar a escrita teatral, escreveu a peça O Infanticídio, drama social em cinco atos que encenou com o Grupo Dramático Teatro Social, do Rio de Janeiro, em 1906.*"<sup>231</sup> A peça é publicada pela editora Terra Livre, em 1907. Dos livros de poemas, a série previa *Os Escravos (o poema da humanidade)*, pelo poeta revolucionário português Afonso Gaio, escritor, poeta e dramaturgo, autor de romances, contos, crônicas textos para o teatro social. De sua veia poética, escreveu cinco livros, sendo *Os Escravos* seu último escrito e, "*cuja obra não pode ser publicada em Portugal*", como sublinha o Editor. De sua própria escrita, Roberto das Neves desejava editar *Assim cantava um rebelde*, publicado em 1958 pela Germinal com o título *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, uma coletânea de poemas, "*alguns dos quais, publicados isoladamente, levaram o autor às cadeias salazaristas, em Portugal*", segundo informa o Editor. No campo da poesia, consta ainda uma proposta de realizar *Antologias revolucionárias "de poetas brasileiros e portugueses"*. De Edgard Leuenroth, o estudo *O significado pagão das festividades católicas*. Por fim, a série reúne em seu Mosaico o título *O valor social da grafologia como método de seleção e orientação profissional*, do próprio Roberto das Neves.

Além deste esboço de um Plano Editorial, o editor Roberto das Neves estampa um anúncio de lançamento de livros em *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, com a chamada "Aparecerão brevemente". Entre os títulos anunciados para publicação, *Doze provas da inexistência de Deus*, de Sébastien Faure – publicado posteriormente, em 1958, pela Germinal, com o título abreviado de *Provas da*

---

<sup>231</sup> MARTINS, Angela Maria Roberti. A experiência libertária de um português na Primeira República: uma análise da trajetória política e intelectual de Mota Assunção (1899-1910). In: MENEZES, Lená Medeiros de; SOUSA, Fernando de (org.). **Brasil-Portugal**: Pontes sobre o Atlântico: múltiplos olhares sobre a e/imigração. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, p. 356.

*Inexistência de Deus; Esplendor e Decadência da Maçonaria, ou Verdadeira e Falsa Maçonaria*, de Rafael Malaguerra; e *A Bíblia Cômica Ilustrada*, de André Lorulot ou André Roulot (1885-1963) escritor, livre pensador e anarquista individualista; é autor de uma obra considerável, entre livros, escritos na imprensa e peças de teatro. Seus escritos abordam os temas do anticlericalismo, ateísmo, antimilitarismo, sexualidade, amor livre, entre outros; o livro que o editor Roberto das Neves ensejava publicar é *La Bible comique illustrée*.<sup>232</sup>

O Plano Editorial de Roberto das Neves para a Editora Germinal pode ser visto, de maneira geral, como inspirado na vertente do editorialismo anarquista (e em grande medida em sua imprensa) na chave ampliada seja do autodidatismo, da auto-formação militante, ensejando a criação de Bibliotecas, Arquivos, promovendo o gosto pela leitura e ativando o pendor à escrita. Ressalte-se ainda a edição como imperativo da luta antifascista, atando os fios da história e da memória da luta social libertária, e ampliando o espaço à literatura, poesia, teatro e ao esperantismo. Por outro lado, as Séries e os títulos constantes do Plano Editorial resultam, ao mesmo tempo, do repertório de leituras de Roberto das Neves e de sua lida no mundo livreiro, inscrito numa tradição de difusão do livro e da leitura de cariz libertário. A leitura de um vasto índice de escritos autobiográficos encontrará memoráveis passagens das vidas militantes em contacto com os livros e sua difusão; quando vários chegam à aventura do livro por meio de coletivos que deságuam em pequenas editoras, promovendo o intercâmbio de ideias em escala internacional. A Editora Germinal é um fio neste novelo de difusão do livro. Este Plano Editorial imaginado e pensado em Séries, como aqui sumariamente apresentado, se depara com as dificuldades de natureza vária e sua execução será remodelada em vista das condições concretas do editor Roberto das Neves ao longo da existência da Editora Germinal. Não se trata, porém, de concluir que se entre o Plano e a concretização muito deixou de chegar ao prelo, o projeto não alcança os prováveis objetivos. Dito de outro modo, esta história das edições deve levar em devida conta os elos entre a

---

<sup>232</sup> Em francês, localizamos a seguinte edição: LORULOT, André. **La Bible comique illustrée**. Herblay: L'Idée Libre, 1931. Sobre Lorulot, ver o *Dicionário dos Anarquistas*, no site *Le Maitron*: notice LORULOT André [ROULOT André, Georges, dit] [Dictionnaire des anarchistes] par René Bianco, révisée par Anne Steiner, version mise en ligne le 2 avril 2014, dernière modification le 12 décembre 2017. Disponível em: <http://maitron-en-ligne.univ-paris1.fr/spip.php?article154629>. Acesso em: 08 de julho de 2019.

imaginação, o desejo do Editor e o trabalho editorial em face das dificuldades materiais e políticas que se vão encontrando na caminhada.

## 4.2 O Catálogo da Editora Germinal

Neste tópico examinamos o Catálogo de livros publicados pela Editora Germinal ao longo de sua existência, entre os anos 1948 e 1979, constituindo um rol de quarenta e um títulos, entre livros e folhetos. As edições, em linhas gerais, abordam variados temas, com ênfase no anticlericalismo, anarquismo e antifascismo, e neste caso, com particular destaque aos títulos cuja tônica é o combate ao salazarismo. Ao lado destes grandes temas, o Editor busca ampliar o escopo editorial, dirigindo atenção aos títulos sobre o livre pensamento, esperantismo, vegetarianismo, macrobiótica e naturismo, dentre outros, como apresentado no quadro seguinte:

**Quadro 2 – Catálogo de Publicações da Editora Germinal**

<b>Obra</b>	<b>Autor</b>	<b>Tipo</b>	<b>Ano</b>
“Sermões da Montanha”	Tomaz da Fonseca	Livro	1948
“Eu Creio na Humanidade”	Pedro Ferreira da Silva	Livro	1949
“Assim Cantava um Cidadão do Mundo”	Roberto das Neves	Livro	1952
“Três Enganos Sociais”	Pedro Ferreira da Silva	Livro	1953
“Ícaros Novos”	Pedro Ferreira da Silva	Livro	1964
“O Diário do Dr. Satan”	Roberto das Neves	Livro	1954
“Fátima”	Tomaz da Fonseca	Livro	1955
“Páginas Cínicas”	Filósofo da Selva	Livro	1955
“Na Inquisição do Salazar”	Luis Portela e Edgart Rodrigues	Livro	1957
“Provas da Inexistência de Deus”	Sébastien Faure	Folheto	1958
“Cooperativa sem Lucros”	Pedro Ferreira da Silva	Livro	1958
“Portugal Oprimido”	Fernando Queiroga	Livro	1958
“A Fome em Portugal”	Edgar Rodrigues e Roberto das Neves	Livro	1959
“Duas Palestras sobre o Fascismo Ibérico”	F. de Oliveira Pio	Folheto	1959
“Nova Ética Sexual”	Émile Armand	Livro	1960
“Curso de Literatura”	José Oiticica	Livro	1960
“Salazar vai Morrer”	João Rodrigues	Folheto	1960
“A Hediondez Colonialista de Portugal”	Thomaz Ribeiro Colaço	Folheto	1961
“Ode à Cuba”	Moniz Bandeira	Folheto	1961
“Colonialismo, Anticolonialismo e Autodeterminação”	Henrique Galvão	Folheto	1961
“O Quinto Evangelho”	Han Ryner	Livro	1961
“Tufão Sobre Portugal”	Gen. Humberto Delgado	Livro	1962
“O Novo Israel”	Agustin Souchy	Livro	1962
“Jesus de Nazaré e a Crítica Histórica”	Oscar Algarve	Livro	1962

“Manual Filosófico do Individualista”	Han Ryner	Livro	1966
“O Anarquismo. Da doutrina a ação”	Daniel Guérin	Livro	1968
“A Base Moral do Vegetarianismo”	Mahatma Ghandi	Livro	1968
“Terapêutica de Waerland”	Ebba Waerland	Livro	1968
“Manual Waerland da Saúde”	Are Waerland	Livro	1968
“Ação Direta. Meio século de pregação libertária”	José Oiticica	Livro	1970
“Entre Colunas”	Roberto das Neves	Livro	1979
“Jesus Vegetariano”	Karl Brandt	Livro	s. d.
“Acupuntura, Alopátia, Homeopatia e Naturismo”	Paul Carton	Livro	s. d.
“Contos Populares da Romênia”	Ion Creanga	Livro	s. d.
“Como Viver de Acordo com os Ensinos de Krishnamúrti”	A. Carneiro da Cunha	Livro	s. d.
“Macrobiótica-Zen”	Obsawa Georges	Livro	s. d.
“O Anarquismo e a Ciência Moderna”	Piotr Kropotkin	Livro	s. d.
“O Câncer – Doença da Civilização – Prevenção e Cura”	Floriano de Lemos	Livro	s. d.
“Curso de Alimentação e Terapêutica Naturistas”	Rogério Malta	Livro	s. d.
“Alimentação Waerland”	Ebba Waerland	Livro	s. d.
“O Sistema Waerland numa Casca de Noz”	Are Waerland	Livro	s. d.

Fonte: Arquivo da Biblioteca Social Fábio Luz (BSFL), Rio de Janeiro. Arquivo Plebeu Gabinete de Leitura (PGL), Fortaleza.

Os livros da Editora Germinal foram publicados em distintas conjunturas no Brasil. Os títulos são lançados durante a chamada “redemocratização” pós Estado Novo, quando, em tese, há um “afrouxamento” das políticas de repressão das ideias, e inclusive no período da ditadura civil-militar instaurada em 1964, quando se institucionaliza e intensifica a repressão aos impressos que destoam da ordem política vigente. Ao longo da existência da Editora, para o caso de Portugal, onde também circularam os livros da Germinal, a repressão aos autores e impressos dissidentes é contínua desde os anos de 1930, quando é instituído o regime do Estado Novo. Lidando, ao mesmo tempo, com as dificuldades materiais de sempre e agravadas com a repressão no Brasil e em Portugal, Roberto das Neves segue seu trabalho como editor, tradutor e distribuidor pela Germinal, com seus livros de crítica anticlerical, de combate ao fascismo e ao salazarismo, de doutrina anarquista, no âmbito do livre pensamento, entre outros. No entanto, ainda que seja notável sua atividade editorial e livreira, ao longo de mais de trinta anos de existência, a pergunta de partida que se fazem os pesquisadores diz respeito ao desconhecimento sobre a Germinal e seu Editor “*não ultrapassando esparsas referências na literatura especializada acerca da história do livro e da leitura*”, como afirma Allyson Bruno Viana em estudo de referência para esta tese. O historiador

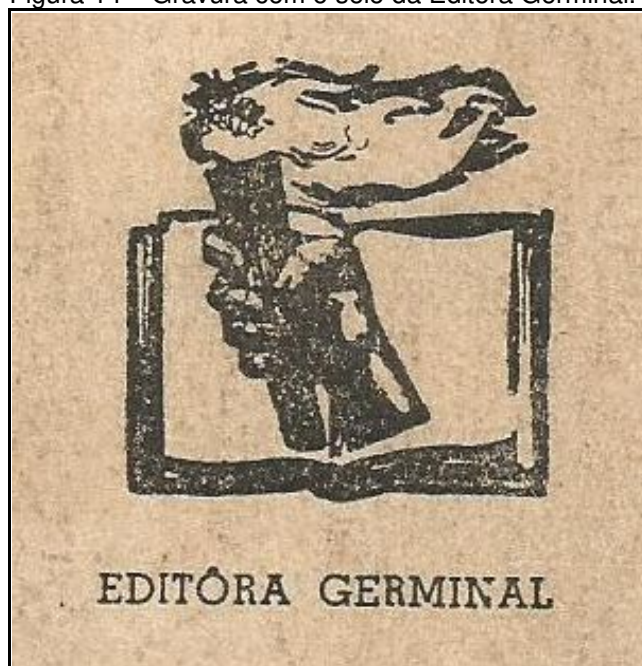
anota as poucas referências à *Germinal*, sem menção ao seu Editor, em obras de relevo no Brasil sobre os Livros e as Livrarias, no caso<sup>233</sup> e em seu próprio estudo de tese sobre a cultura libertária no Brasil entre os anos 1945 e 1968, onde adequada e justamente retira do esquecimento a experiência de Roberto das Neves, Allyson Viana afirma o projeto editorial da Livraria e Editora *Germinal* como um “*dos pontos marcantes da atuação libertária nos anos 1950 e 1960*”. Para ele, o projeto se explica também por causa da convicção intelectual de Roberto da Neves na “*força da educação e da formação autônoma para a superação dos problemas sociais*”, forjando sua atuação “*como herdeiro do ideário da Ilustração*”. O Plano Editorial de Roberto das Neves, realizado em parte, abrangendo distintos campos do saber, aponta também para sua convicção na força das ideias e da razão como instrumentos de luta, espalhados por impresso junto a uma diversa e ampliada comunidade de leitores. Neste ponto, o historiador arguto nos convida a olhar e ver o selo da *Germinal*, espécie de Ex-Libris da Editora: um punho firme erguendo “*um archote aceso, elevando-se das páginas de um livro aberto*”, como se vê na figura seguinte.<sup>234</sup>

---

<sup>233</sup> Anota ainda o pesquisador que: “Na obra de Ubiratan Machado sobre a história das livrarias do Rio de Janeiro, um único parágrafo menciona a livraria de Roberto das Neves, cujo nome, aliás, não é mencionado: Sem esse folclore delicioso, [da Livraria e Editora Tupã] mas com intenções políticas bem explícitas, vamos encontrar a Livraria e Editora *Germinal*. Instalada no Edifício Darke (Avenida 13 de Maio, 9, sala 922), atua nas áreas de ótica, economia, sociologia e livros esgotados. Mas a sua especialidade são as ‘obras anticlericais e proibidas em Portugal pela inquisição de Salazar-Cerejeira’, referindo-se ao primeiro ministro português Oliveira Salazar e ao cardeal patriarca de Lisboa, Manuel Gonçalves Cerejeira.” Anota ainda Viana que “Antes de Machado, Laurence Hallewell fizera constar a *Germinal* entre as editoras de ‘orientação esquerdista’ ligadas ao Partido Comunista Brasileiro, apenas mencionando que aquela sobreviveu ao golpe militar de 1964 e na década de 1970 publicara o anarquista José Oiticica”. Conferir: VIANA, Allyson Bruno. **Anarquismo em Papel e Tinta: Imprensa, Edição e Cultura Libertária (1945-1968)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014, p. 299; MACHADO, Ubiratan. **História das Livrarias Cariocas**. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 272; HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 560.

<sup>234</sup> VIANA, Allyson Bruno. **Anarquismo em Papel e Tinta: Imprensa, Edição e Cultura Libertária (1945-1968)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014, p. 308.

Figura 14 – Gravura com o selo da Editora Germinal.

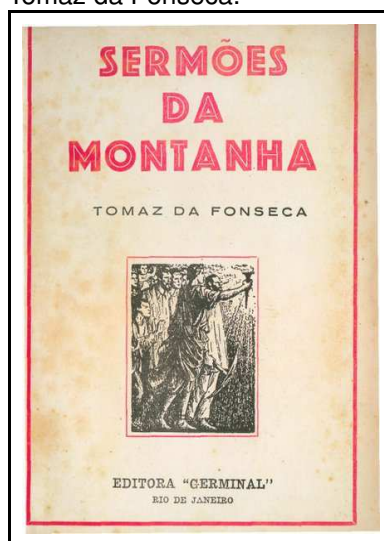


Fonte: Livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, Editora Germinal, 1952.

O primeiro livro lançado pela Germinal é *Sermões da Montanha*, vindo a público em 1948. Do escritor português Tomaz da Fonseca, é um livro de crítica anticlerical, trazendo em suas páginas a contribuição de uma das mais expressivas figuras públicas de sua época, em Portugal, na luta contra o obscurantismo religioso. Editado pela primeira vez em Portugal em 1909, o livro reúne escritos à maneira de palestras ou serões voltados aos camponeses em Portugal e ao povo nos lugares por onde Tomaz da Fonseca andou. Escritor, historiador, jornalista, professor, poeta, militante republicano e anticlerical, Tomaz da Fonseca foi um escritor polêmico, defensor das ideias republicanas, do laicismo, do anticlericalismo e do ateísmo. Em seus escritos, investe contra o poder da Igreja Católica, tendo sido um grande crítico das aparições em Fátima, destacando-se como figura marcante do livre pensamento em Portugal. Por seus escritos e pela sua militância política, foi perseguido pela PIDE, enfrentando o cárcere por várias vezes. Teve muitos de seus livros censurados, perseguidos e confiscados durante a ditadura sidonista e ao longo do Estado Novo salazarista.<sup>235</sup>

<sup>235</sup> **José Tomaz da Fonseca** (Mortágua, Portugal, 1877 – Lisboa, 1968). Para uma biografia de Tomaz da Fonseca, ver: TORRAL, Luís Filipe. **Tomás da Fonseca** – Missionário do Povo. Uma biografia. Lisboa: Antígona, 2016.

Figura 15 – Capa do livro *Sermões da Montanha*, de Tomaz da Fonseca.



Fonte: Arquivo Plebeu Gabinete de Leitura (PGL), Fortaleza.

*Sermões da Montanha* faz parte da Coleção “Livre Exame” com 351 páginas, no formato 19 x 14 cm. Sua edição brasileira é atualizada, inclusive com um Prefácio do Autor e ilustrada com gravuras e desenhos; na capa, a imagem de uma multidão, à frente um homem com uma tocha na mão; na contracapa, o símbolo da Germinal no centro e o preço do livro no canto da página; o verso da capa e contracapa estampam “O nosso plano editorial”. Na última página do livro, uma nota trazendo informações da edição e os nomes dos gráficos e ilustradores, na qual se afirma que “*A todos êles aqui testemunha a Editora ‘Germinal’ a sua gratidão*”. A nota registra que: “*‘Sermões da Montanha’ se acabou de imprimir no Rio de Janeiro, aos 5 de Janeiro de 1948, tendo sido composto por Lindomar e Otto Rodrigues Moreno, paginado por Eclair Martins e João Guimarães e impresso por Carlos Castro, Álvaro Buriche Coutinho, Domingos Guido e José Vieira de Castro.*”<sup>236</sup> Registra-se também os ilustradores: Robi, Ideal Pérez e Rolan de Matos. Como se tornará costume, os agradecimentos especiais a responsáveis pela composição, impressores, paginadores, ilustradores, tradutores e outros envolvidos na edição. Esta é uma marca do editor Roberto das Neves, dar visibilidade aos trabalhadores do livro.

A edição traz uma nota aos leitores, informando que a obra pode ser adquirida através dos jornais *A Plebe* (São Paulo) e *A Lanterna* (São Paulo), com o

<sup>236</sup> NEVES, Roberto das. In: FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1948.



militante Edgard Leuenroth, e no Rio de Janeiro, através do jornal *Ação Direta*, com o professor José Oiticica. Dessa maneira, a distribuição e difusão dos livros da Editora Germinal se realizava também à base do apoio mútuo e como determinação coletiva, através de uma rede que envolvia os periódicos libertários. O jornal *A Plebe* anuncia a edição do livro pela Germinal, impulsionando a circulação da obra entre seus leitores. Na avaliação do jornal libertário paulista, o livro de Tomaz da Fonseca “*constitui uma das melhores formas da propaganda anticlerical*” sendo leitura indispensável para todos os que “*combatem o clero e lutam por um ideal de liberdade e justiça*”. Veja-se que o argumento do jornal ultrapassa o modelo de simples anúncio, qualificando a publicação, a iniciativa editorial, situando o leitor face ao conteúdo, ao autor da obra e em apoio à Editora:

“SERMÕES DA MONTANHA”

Acaba de sair, e já se encontra à venda, pela primeira vez em edição brasileira, este famoso livro de Tomaz da Fonseca, que tem visto as suas edições esgotadas em Portugal, desde o aparecimento da 1ª edição, em 1912.

Brilhantemente ilustrado com gravuras adequadas e distribuídas de acordo com texto de cada página ou capítulo, a presente edição, que foi uma feliz iniciativa da Editora “Germinal”, do Rio de Janeiro, vem prefaciada pelo autor, residente em Portugal, com um prefácio especial para a edição brasileira e antecedido de uma explicação necessária sobre as razões desta edição por Roberto das Neves.

É bastante conhecida esta obra admirável de Tomaz da Fonseca, ex-seminarista e uma das mais brilhantes penas da literatura portuguesa, em que aparecem as figuras simples de vários aldeões a conversar sobre a questão religiosa com o autor, em diálogos interessantes e vivos através dos quais se debate o problema da questão social, numa linguagem simples e convincente.

Constitui este livro uma das melhores formas da propaganda anticlerical e a sua leitura se torna indispensável para todos os que, de uma ou de outra forma, combatem o clero e lutam por um ideal de liberdade e justiça.<sup>237</sup>

O trabalho de divulgação de *Sermões da Montanha* é realizado em outros jornais, como o *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro), em anúncio destacando tratar-se de um libelo contra o absolutismo político e religioso, sendo um livro com circulação “*proibida em Portugal pela inquisição de Salazar*”. Aqui se demonstra o trabalho do Editor, percorrendo as redações de alguns jornais, onde certamente encontra guarida e simpatia por seu trabalho editorial:

<sup>237</sup> *A Plebe*, São Paulo, ano XXXI, n. 13, 21 de fevereiro de 1948, p. 02.

Figura 16 – Anúncio do livro *Sermões da Montanha*.



Fonte: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1948, p. 06. Arquivo Biblioteca Nacional Digital Brasileira (BN), Rio de Janeiro.

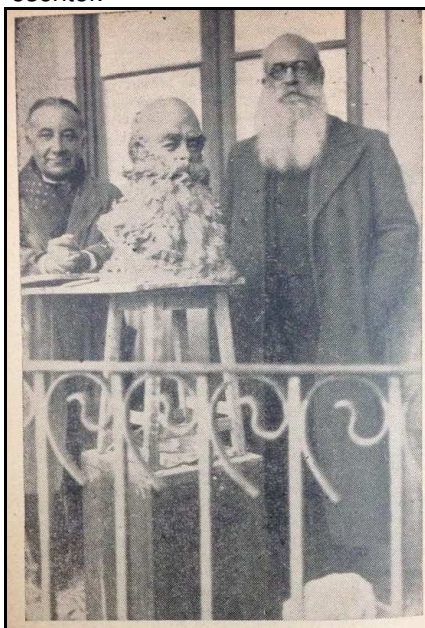
A edição de *Sermões da Montanha* traz outros elementos editoriais em voga; uma Nota informando as “Obras do Autor” publicadas e “A publicar”, e outra Nota sobre as “Razões da edição brasileira”, por Roberto das Neves. Com o intuito de alargar o interesse do público leitor, agrega à edição do livro um escrito de Tomaz da Fonseca, dedicado “À memória de Jesus”, e estampa uma fotografia de 1947 “tirada no Pôrto, em casa do livreiro António Lelo, editor da 2ª edição dos ‘Sermões da Montanha’”, de Fonseca e do professor Abel Salazar, ao lado de um busto do escritor, demonstrando o reconhecimento público do intelectual em Portugal. Abel de Lima Salazar (1889-1946), biólogo, médico, professor, investigador, pintor, escultor, filósofo português, é aqui reverenciado pelo Editor, posto que Abel Salazar havia falecido recentemente, “*depois de haver sido demitido, com outros sábios, como êle, de renome universal, da sua cátedra na Universidade portuguesa, por não pensar na Cartilha de Santo Inácio.*”<sup>238</sup> A obra contém ainda um “Prefácio da 2ª Edição” e “Prefácio do autor à edição brasileira”. Ao final do livro, o Editor acrescenta um “Apêndice” dedicado a recuperar Satã na literatura, com os poemas “Hino a Satan”, de Giosué Carducci, e “Ladainhas de Satan”, de Charles Baudelaire. Sobre o acréscimo dos poemas na edição, tidos como “*dois cantos de rebeldia*”, o editor justifica a inclusão dos poemas em razão, dado que:

Nos capítulos 2 e 3, o Autor dos “Sermões da Montanha”, que não crê em Deus nem no Diabo, faz, em tom humorístico, a defesa do segundo, ou seja, de Satan, contra o primeiro, isto é, Deus. Satan tem tido, através dos

<sup>238</sup> NEVES, Roberto das. In: FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. Rio de Janeiro: Editora Germal, 1948, p. 10. Sobre Abel Salazar, ver: FERNANDES, Luísa Garcia. **Abel Salazar. Retrato em Movimento**. Porto: Campo das Letras, 1998.

tempos, o seu culto organizado, contando-se, entre os seus numerosos adoradores, homens da envergadura de Josué Carducci, italiano, e Charles Baudelaire, francês, dois dos maiores vates de todos os tempos, de quem reproduzimos [...] dois formosos poemas: “Hino a Satan” e “Ladainhas de Satan”. Êstes dois cantos de rebeldia, da maior beleza literária, foram, depois, utilizados como cânticos litúrgicos em missas negras em templos luciferinos de Londres e de Paris.<sup>239</sup>

Figura 17 – Fotografia com retrato de Abel Salazar e Tomaz da Fonseca. Ao centro, um busto do escritor.



Fonte: Edição brasileira do livro *Sermões da Montanha*, Editora Germinal, 1948.

Roberto das Neves na apresentação do livro expõe as razões da edição brasileira. De acordo com ele, a obra, que pela primeira vez se publicava no Brasil “em edição autorizada pelo autor, e, em breve, aparecerá em todo o mundo, no idioma da pátria planetária, o esperanto, tem uma história que merece ser contada.” Sobre o autor do livro, o editor escreve um breve elogio à Tomás da Fonseca, situando o leitor brasileiro quanto à trajetória intelectual do Autor, com destaque para a força da leitura dos “livros proibidos” no cânone da Igreja Católica, gerando no jovem Tomás da Fonseca os primeiros lampejos da “dúvida fecundante”. Observe-se também que o Editor trata de estabelecer um juízo comparativo entre Fonseca e o protagonista do conhecido romance *Paris*, de Émile Zola:

Há cinquenta anos, um jovem preparava-se para sair, dali a meses, do Seminário de Coimbra, sacerdote da Santa Madre Igreja, quando a dúvida

<sup>239</sup> FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1948, p. 346.

fecundante, insinuando-se, por meio de alguns livros incluídos no Index, através das grades daquela casa-mata da fé, lhe penetrou o espírito. Essa dúvida, abalando-lhe o edifício da crença em um Deus idiota, conduzia-o, pouco depois, aos pórticos de uma nova fé: a fé no Homem, a fé no Povo, a fé na Vida Livre, numa vida livre, à margem dos dogmas e das imposturas dos fariseus de roupeta.

Tomaz da Fonseca (assim se chamava o jovem de quem vos falo) deliberou então imitar o protagonista do famoso romance de Zola, “Paris”, que acabava de ler: seguiria a carreira eclesiástica, seria bispo e, um dia, do alto do púlpito de uma Catedral imponente, ante o espanto geral dos clérigos e das beatas, rasgaria os hábitos talares, cuspiria na hóstia sagrada, blasfemaria de Jeová, numa frase, abjuraria da religião, que à traição lhe fôra inoculada no cérebro obscuro de bisonho aldeão.<sup>240</sup>

Nas “Razões da edição brasileira”, a estratégia do Editor é ampliar o conhecimento sobre Tomaz da Fonseca, se valendo inclusive das relações de amizade intelectual do Autor com o conhecido geógrafo anarquista Élisée Reclus, publicando um diálogo epistolar em que Reclus aborda o tema da perda da fé religiosa e dos laços com a Igreja Católica, em Tomás da Fonseca, aconselhando-o vivamente a “*abandonar imediatamente o Seminário e sair em pregação da nova fé, da verdade, aos povos dos campos e das cidades*”:

Meu irmão, se, como dizes, perdeste a fé na Igreja Católica e acabas de abraçar uma nova crença, porque hesitas em tomar a única atitude digna de um homem que sabe compreender e praticar os seus deveres de lealdade para consigo mesmo e para com os seus semelhantes? Abandona imediatamente o Seminário e vai pregar ao povo dos campos e das cidades a tua nova fé, a tua e a minha verdade! Permanecer nas hostes da Igreja, um dia mais, seria próprio só de um hipócrita, ou de um covarde, e eu não quero fazer-te a ofensa de tal te considerar. Rasga, pois, imediatamente, a batina, e parte a iluminar a consciência do povo escravizado.<sup>241</sup>

E foi o que fez Tomaz da Fonseca. Seguindo o conselho de Reclus, fugiu do seminário, como registra Roberto das Neves, por meio de uma escada de corda improvisada, entrelaçada por ele mesmo. Saiu do lugar e seguiu a pé por montes e vales. No seu encalço estava a polícia, pois “*naqueles ominosos tempos da monarquia, em que o Estado vivia, em Portugal, como novamente hoje, amancebado com a Igreja Romana, era proibido fugir de um seminário*”.<sup>242</sup>

Como motivações para a publicação da obra, Roberto das Neves destaca ainda o combate à Igreja Católica e ao fascismo em seu seio, denunciando a censura e o confisco de obras críticas aos regimes autoritários, como o de Salazar. A

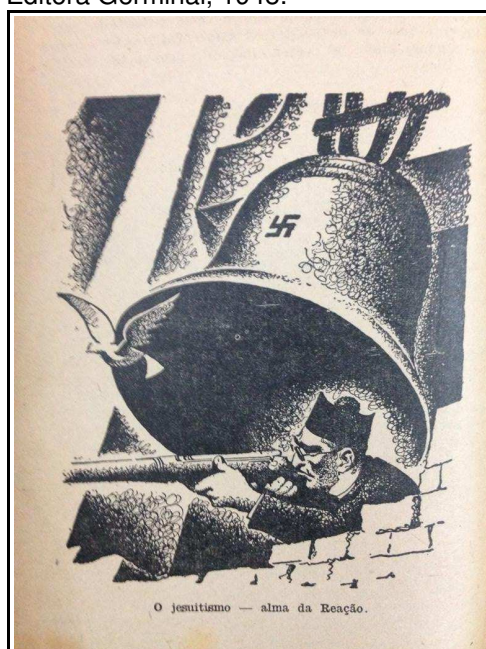
<sup>240</sup> FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1948, p. 05.

<sup>241</sup> RECLUS, Élisée. *In*: FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1948, p. 06.

<sup>242</sup> NEVES, Roberto das. *In*: FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1948, p. 06.

censura é denunciada ainda no confisco da obra *O Meu Livro*, de Roberto das Neves e Francisco Pinheira, e o livro *História de Portugal*, de António Sérgio, que sofreu perseguição por conta de sua oposição ao regime ditatorial. Em suas palavras, o Editor aponta a perseguição às ideias, aos livros e aqueles que ousavam pensar e escrever contra a ordem estabelecida, registrando a história do professor e ex-jesuíta Almeida Paiva, que fora misteriosamente assassinado no túnel ferroviário do Rossio, em Lisboa. Segundo o Editor, Almeida Paiva “(...) *tivera, como Tomaz da Fonseca, a coragem de romper fogo contra a ordem sinistra, publicando umas das obras que mais ruído causaram e maior número de edições esgotou, nos últimos tempos, em Portugal, ‘Liberdade, Ciência e Religião (Cartas ao Cardeal Cerejeira)’*”.<sup>243</sup> O livro, traz também uma gravura de um padre jesuíta com arma em punho, tendo ao fundo um sino com uma suástica gravada, o que remete aos padres que se entrincheiravam nos campanários das igrejas e atiravam contra a população e os revolucionários anarquistas na Revolução Espanhola. A imagem é acompanhada da legenda “O jesuitismo – alma da Reação”.

Figura 18 – Gravura no livro *Sermões da Montanha*, de Tomaz da Fonseca, Editora Germinal, 1948.



Fonte: Arquivo Plebeu Gabinete de Leitura (PGL), Fortaleza.

<sup>243</sup> NEVES, Roberto das. In: FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1948, p. 09.

As leituras anticlericais influenciam o vocabulário anarquista de fins do século XIX e nas décadas seguintes. Autores como Guerra Junqueiro e Eça de Queirós irão aparecer nas publicações libertárias, o que indica a influência que recebem os anarquistas do anticlericalismo de finais de século e nas décadas subsequentes. O jornal anarquista *A Comuna* (Porto), por exemplo, publica nos anos 1920, ao pé da página, entre seus artigos e notícias, um trecho anticlerical de Eça de Queirós: “*Na realidade o letrado chinês não encontra no cristianismo senão contradição, inverosimilhança e névoa.*”<sup>244</sup>

O anticlericalismo se afirma como um movimento contrário à interferência da Igreja, principalmente a católica, e demais instituições religiosas, na vida social, inspirando os anarquistas em sua luta contra a tríade estado-capital-igreja. O pensamento anarquista mantém relações de afinidade com o anticlericalismo, com os militantes anarquistas incorporando leituras anticlericais à sua percepção de mundo e publicando escritos no campo do anticlericalismo em jornais, revistas e livros. Dessa maneira, o vocabulário e o pensamento anticlerical constituem um manancial de ideias e práticas que inspira os militantes anarquistas a assumir o anticlericalismo no combate ao clero e à igreja, em várias partes do mundo, inclusive em Portugal, como se pode conferir nos periódicos anarquistas, bem como nos textos e poemas de Roberto das Neves. Estudando o anticlericalismo para o caso do Brasil, Cleber Rudy sublinha os movimentos que se espalham mundo afora, vindos da Europa, com destaque para a agitação anticlerical na Espanha no início do século XX:

O século XX iniciava com força sua jornada de lutas políticosociais. Desse modo, em 1901, na Espanha, pululavam manifestações de aversão ao clero, tonificadas pela encenação do recente drama anticlerical *Electra*, do escritor espanhol Benito Pérez Galdós, episódio que repercutiu pelo mundo afora. No Brasil, diante do entusiasmo popular que agitava o cenário espanhol, com gritos de “*morras ao clericalismo*”, novos agrupamentos anticlericais dariam forma a associações e a uma imprensa de combate ao jesuitismo, ao clericalismo e ao ultramontanismo.

Mas, a ofensiva anticatólica não era um fenômeno exclusivo do Brasil República, uma vez que, durante o Império, o anticlericalismo (em sua versão antijesuítica) fez-se forte e atuante no seio do republicanismo.<sup>245</sup>

Como o autor aponta em seu estudo, o movimento anticlerical se espalha da Espanha para o Brasil e para outras partes do mundo, alcançando notável

<sup>244</sup> *A Comuna*, Porto, ano IV, série II, n. 9 (99), 13 de maio de 1923, p. 04.

<sup>245</sup> RUDY, Cleber. **O anticlericalismo sob o manto da república**: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935). São Paulo: Alameda, 2020, p. 35.

influência entre republicanos, livres-pensadores e no movimento anarquista, apresentando sua versão mais radical no campo do anarquismo, no combate ao jesuitismo, ao clericalismo e ao ultramontanismo. Entre os escritores anticlericais, Guerra Junqueiro é lido e compartilhado pela militância libertária, sendo um autor presente nas bibliotecas sociais e publicado nos jornais anarquistas. É comum aparecerem nas bibliotecas e nas páginas das folhas libertárias textos de escritores anticlericais, como o poema “A Hydra”, do livro *A Velhice do Padre Eterno* (1885), de Guerra Junqueiro, que traz uma coleção de sátiras contra os ritos e dogmas do catolicismo. Abaixo, um trecho do poema:

A Igreja é uma serpente escura, bicho immundo,  
Gigantesco reptil que dá a volta ao mundo,  
E em cujas espirais ebrias de raiva insana  
Um Lacconte imortal a consciência humana;  
Ha seculo se estorce em convulsão atroz.  
Os ellos d'esse monstro implacável sois vós,  
Sacristas. A cabeça é o papa.  
Ora as serpentes  
Tem a força na cauda e o veneno nos dentes.<sup>246</sup>

Do conteúdo do poema se depreende o interesse dos anarquistas pelos escritos de Junqueiro, pela sua veia satírica e incisiva crítica ao clero e à Igreja. O livro *A Velhice do Padre Eterno* está presente nas bibliotecas libertárias no Brasil e em Portugal, sendo também distribuído por livreiros anarquistas, como o próprio Roberto das Neves, que traz este e outros autores anticlericais no catálogo de vendas da Editora Germinal.

Em evidente estratégia editorial de circulação de edições da Germinal em Portugal, por meio dos escritores censurados e proibidos, Roberto das Neves lança, pela Germinal, outra obra de Tomaz da Fonseca, intitulada *Fátima, História de um grande embuste (Cartas ao cardeal Cerejeira)*. Publicado no Rio de Janeiro, em 1955, o livro tem 415 páginas, saindo no formato 19,5 x 14,5 cm. Buscando ampliar a divulgação das publicações e alcançar um público leitor para além dos círculos militantes, a Editora Germinal novamente anuncia na imprensa comercial, prática que o editor Roberto das Neves dará continuidade por ocasião do lançamento de edições posteriores. O livro *Fátima* tem um anúncio estampado nas páginas do *Diário de Notícias*, de feitio similar ao anterior, ressaltando a proibição da obra pelo regime salazarista em Portugal:

---

<sup>246</sup> JUNQUEIRO, Guerra. **A Velhice do Padre Eterno**. [S. l.]: Lello & Irmão, [19--].

Figura 19 – Capa do livro *Fátima*, de Tomaz da Fonseca.

Figura 20 – Anúncio da edição brasileira do livro *Fátima*.



Fonte: Arquivo Plebeu Gabinete de Leitura (PGL), Fortaleza; *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1956, p. 08. Arquivo Biblioteca Nacional Digital Brasileira (BN), Rio de Janeiro.

Além do conteúdo das Cartas, o cerne desta nova obra de Tomaz da Fonseca editada pela Germinal, a edição traz um desenho a lápis do autor em uma das primeiras páginas, “orelha” com apresentação do Autor e da obra pelo Editor, uma página com as “Principais obras do autor” (parte delas, assinala a “Nota dos Editores”, apreendidas pela Polícia Internacional), um texto do autor dedicado “Às mulheres portuguesas”, outro pequeno texto intitulado “Explicação Necessária”, além de um “Suplemento – Antologia Fatímica”, com textos e notas de vários autores. O livro conta com uma folha registrando detalhes da edição, contendo, como em outras publicações, o local da impressão, os trabalhadores envolvidos na edição e o ilustrador da capa e do desenho do autor. Assim são informados os detalhes, em folha reservada: “*Fátima (Cartas ao Cardeal Cerejeira)*’ se acabou de imprimir nas oficinas da *Emprêsa Gráfica Carioca Ltda.*, rua *Brigadeiro Galvão*, 225/235, tendo sido composta por *Orlando D’Angelo*, *Guido Bevilaqua* e *Gerson Maranhão*, paginada por *Vicente Boccia*, e impressa por *Joaquim Martins*, *Nemesio Navalon Sanches* e *João Rodrigues*.” A capa e o retrato a lápis do autor são de autoria de *Lénine Vieira Lourenço (Mário)*. Apresentando Tomaz da Fonseca, o editor *Roberto das Neves* escreve, na “orelha” do livro, ressaltando a “*vibratibilidade do seu espírito*” e a “*firmeza de convicções*” do reconhecido livre pensador e anticlerical português. No texto, o Editor ressalta a qualidade polemista do Autor, aproximando-o



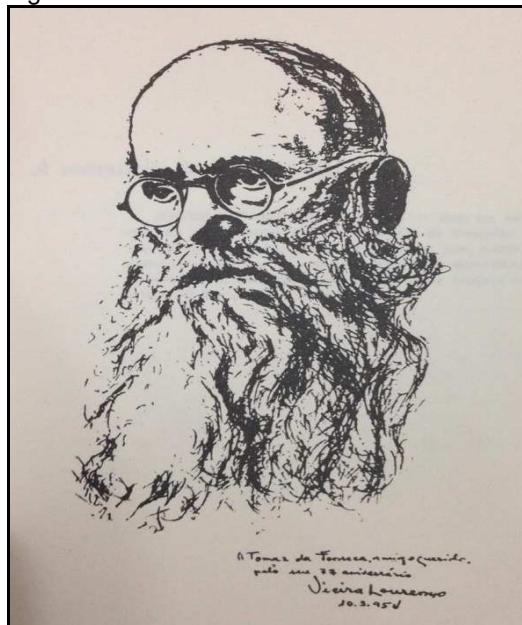
de Guerra Junqueiro no campo das ideias, e reafirma as qualidades do intelectual de “*velha estirpe*”, aquela “*dos homens de espírito e de ação*”:

Aos setenta e oito anos de prolecta idade, em mais um livro de polémica, vazado na candente, mas elevada e escorreita linguagem dos Sermões da Montanha, o grande escritor e jornalista português TOMAZ DA FONSECA prova a vibratilidade de seu espírito e a firmeza de convicções que dele fizeram um crítico severo, à semelhança de Guerra Junqueiro – de quem foi contemporâneo e amigo-irmão – da exploração dos sentimentos religiosos do seu amado povo.

Português de velha estirpe, homem de espírito e ação, não é só, hoje, o renomado autor do primeiro compêndio de História da Civilização em língua portuguesa, mas o principal animador da cultura cerealífera em seu querido Concelho de Mortágua, por êle tornado reconhecido do mundo inteiro.

Lá se recolheu, deixando de atuar no Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra, ex-diretor da Escola Normal de Lisboa, ex-Senador da República, para viver o retiro do poeta e do patriota, isolado, voluntariamente exilado em seu próprio país.<sup>247</sup>

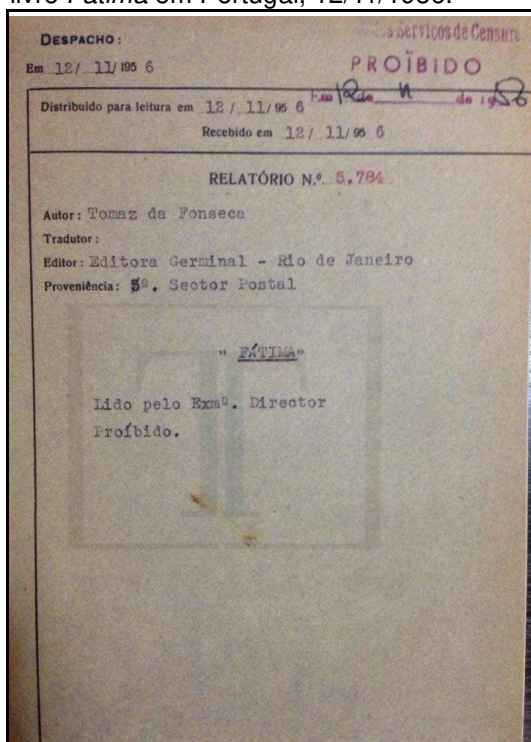
Figura 21 – Gravura de Tomaz da Fonseca.



Fonte: Livro *Fátima*, Editora Germinal, 1955.

<sup>247</sup> FONSECA, Tomaz da. **Fátima, História de um grande embuste (Cartas ao cardeal Cerejeira)**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1955, orelha do livro.

Figura 22 – Relatório da censura proibindo o livro *Fátima* em Portugal, 12/11/1956.



Fonte: Edição *fac-similar* do livro publicada por A Bela e o Monstro Edições, 2014.

Acerca da matéria com que trabalha Tomaz da Fonseca em sua obra, proibida de circular em Portugal pela censura, o editor assinala ser "*Fátima, fenômeno português, de torpe exploração da fé cristã de um bom povo pobre.*" Sobre o livro, Roberto das Neves assevera ser uma "*obra séria e documentada*" e:

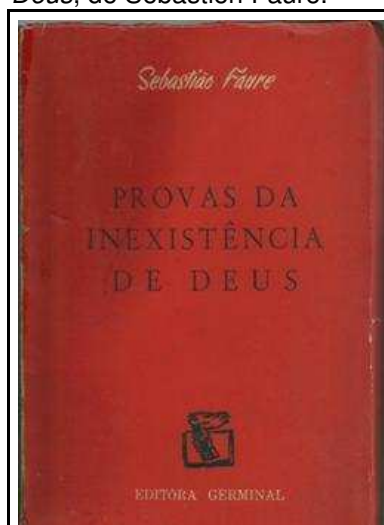
(...) deve servir ao próprio govêrno português para provar a necessidade da livre crítica democrática, no mundo europeu que aspira por um govêrno mundial, para salvaguardar a pureza e a santidade de própria fé e dos estímulos morais superiores da humanidade. Assim espera o mundo livre, de língua portuguesa.<sup>248</sup>

O anticlericalismo também é a tônica do folheto *Provas da Inexistência de Deus*, do anarquista francês Sébastien Faure. A obra vem a público pela Germinal em 1958, tendo sido diversas vezes editada em Portugal e no Brasil, traduzida pelo militante anarquista e maçom português Alfredo Guerra, pseudônimo de Antônio Alves Pereira. A edição é precedida de um ensaio introdutório de Roberto das Neves intitulado "Sébastien Faure, anarquista e maçom", e outro trabalho de Tomaz da Fonseca, "Sabatina Teológica ou Porquê e Como Entrei e Sai do Seminário". De

<sup>248</sup> NEVES, Roberto das. *In*: FONSECA, Tomaz da. **Fátima, História de um grande embuste (Cartas ao cardeal Cerejeira)**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1955, orelha do livro.

acordo com o editor, apesar da tiragem elevada, a edição esgotou em apenas três meses; informa o editor que a publicação original em Paris, resulta de “*uma série de conferências promovidas pelo Grande Oriente de França (Maçonaria Francesa), e que a Editora Germinal acaba de reeditar, é uma das obras-primas do pensamento maçônico e anarquista mais difundidas em todo o mundo*”.<sup>249</sup>

Figura 23 – Capa do livro *Provas da Inexistência de Deus*, de Sébastien Faure.



Fonte: Arquivo Plebeu Gabinete de Leitura (PGL), Fortaleza.

Na senda da crítica anticlerical, Roberto das Neves publica pela Germinal o livro *O Quinto Evangelho*, de Han Ryner, um de seus autores favoritos. O livro sai em 1961, sendo a primeira obra do autor em língua portuguesa. O jornal *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro) estampa em suas páginas um anúncio divulgando este lançamento da Editora Germinal. No anúncio, são informados, ao lado de publicações de outras editoras, preço, endereço para aquisição de exemplares e uma breve resenha do livro. A tradução da obra é de Maria Angélica de Oliveira, professora, poeta e esperantista, companheira de Roberto das Neves. Estudiosa e admiradora de Han Ryner, Maria Lacerda de Moura<sup>250</sup> havia realizado anteriormente

<sup>249</sup> NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Editora Germinal: Rio de Janeiro, 1979, p. 70.

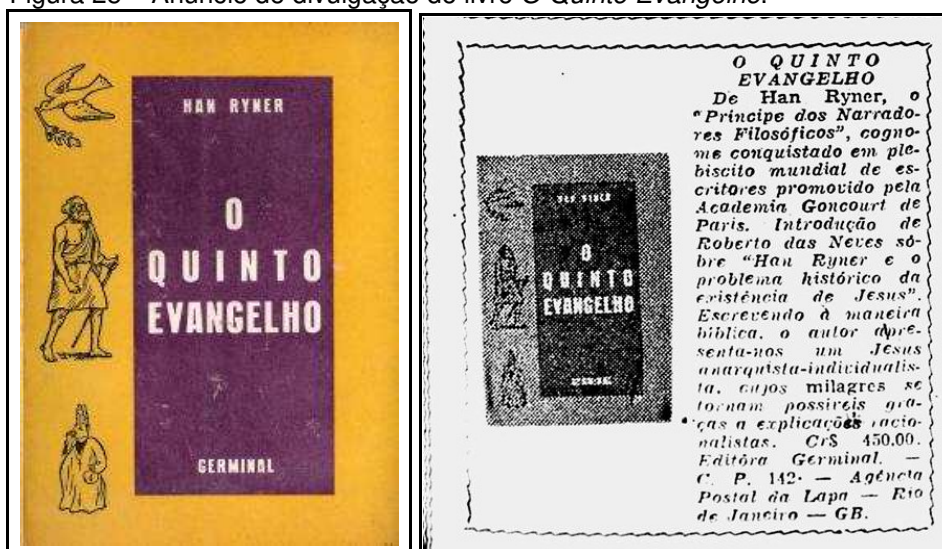
<sup>250</sup> **Maria Lacerda de Moura** (Manhuaçu, 1887 – Rio de Janeiro, 1945), pedagoga, professora, escritora, feminista e intelectual anarquista. Escritora prolífica, publicou artigos na imprensa libertária, além de livros e folhetos, tratando de temas como anticlericalismo, antifascismo, antimilitarismo e pacifismo, feminismo, amor livre, educação, entre outros. Maria Lacerda de Moura é referida por Roberto das Neves como uma grande pensadora anarquista. Sobre ela, ver: LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. **Outra Face do Feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Editora Ática, 1984; MIRANDA, Jussara Valéria de. **“Recuso-me”! Ditos e escritos de Maria Lacerda de Moura**.

uma tradução da obra, que o editor tentou conseguir, como relata, dando a conhecer elementos do trabalho de edição:

Ao decidirmos editar em português “O Quinto Evangelho”, a primeira obra de Han Ryner que viu a luz em língua portuguesa, procuramos descobrir a tradução de *Maria Lacerda de Moura*, com o propósito de, a um só tempo, rendermos homenagem ao autor e à sua notável discípula brasileira, ambos confessadamente antinacionalistas, “cidadãos do mundo”, mas infelizmente não logramos descobrir os rastros dessa tradução. Tanto *Maria Lacerda de Moura* quando o companheiro, o anarquista e maçom brasileiro *Carlos Moura*, haviam falecido alguns anos antes, sem deixarem herdeiros. Em face disso, resolvemos proceder nós próprios a nova tradução, que confiamos à prof.<sup>a</sup> *Maria Angélica de Oliveira*, também recentemente falecida.<sup>251</sup>

Figura 24 – Capa do livro *O Quinto Evangelho*, de Han Ryner.

Figura 25 – Anúncio de divulgação do livro *O Quinto Evangelho*.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE); Jornal *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1961. Arquivo Biblioteca Nacional Digital Brasileira (BN), Rio de Janeiro.

O livro é precedido de uma Introdução por Roberto das Neves, intitulada “Han Ryner (o quinto evangelista) e o problema de Jesus”. Com a mesma tônica, Neves escreve um texto intitulado “O enigma de Jesus: homem, mito ou deus?”, em que apresenta o livro de Han Ryner, em sua qualidade de “escrito à maneira bíblica,

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2006; GONÇALVES, Adelaide; VIANA, Allyson Bruno. Para Além das Leituras do Brasil e de Portugal: uma Escrita da Rebelião e da Contestação em Maria Lacerda de Moura. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *et al* (org.). **História da Educação. República, Escola, Religião**. Fortaleza: Edições UFC, 2012. Entre seus escritos: MOURA, Maria Lacerda de. **Renovação**. Edição *fac-similar*. Organização de Adelaide Gonçalves, Allyson Bruno Viana e Camila Queiroz. Fortaleza: Edições UFC, 2015; MOURA, Maria Lacerda de Moura. **A Mulher é uma Degenerada**. Edição *fac-similar* comentada. São Paulo: Tenda de Livros, 2018; MOURA, Maria Lacerda de Moura. **Fascismo** – filho dileto da Igreja e do capital. Fortaleza: Cajuína Edições, 2018.

<sup>251</sup> NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 37.

com a mesma simplicidade de forma”, onde se apresenta “um Jesus humano, sem visão apocalíptica, despojado de toda a inútil e absurda roupagem do sobrenatural, um Jesus rebelde e individualista”. Para Roberto das Neves, o escrito de Han Ryner “em vez de evangelho de morte” postula “um evangelho de vida e de esperança” e “Nos seus versículos agitam-se todos os problemas da humanidade e palpitam todos os sonhos, angústias e anseios dos homens”.<sup>252</sup> Segundo o Editor, o Jesus de *O Quinto Evangelho* é um revolucionário, um anarquista, até mesmo um maçom, o que se revela no seu evangelho, que se fundamenta, assim como na doutrina anarquista (em suas variadas concepções), na busca de um mundo de justiça, fraternidade e amor entre os homens, aquele que “prega, cheio de humildade e estoicamente indiferente aos perigos, um evangelho de amor, de fraternidade e justiça entre os homens, aquilo a que ele, para quem a idéia de Deus era consubstancial, chama o Reino de Deus”.<sup>253</sup>

No livro *Manual Filosófico do Individualista*, também de Han Ryner, um texto na orelha apresenta uma síntese da obra, na visão do editor, reafirmando a qualidade do autor “relativamente à figura e à pregação de Jesus se casam admiravelmente com a tradição”, ou seja “um Cristo revolucionário, anarquista, superior, mais humano, mais poético e mais coerente que o de Renan, cuja intenção parece ter-se limitado a roubar à Igreja a figura do pregador da Galileia”. Aqui, o Editor recorre à palavra abalizada de Miguel de Unamuno, onde Han Ryner “revelou-se com o seu *O Quinto Evangelho*, o mais perfeito, o mais definitivo e mais divino, à fôrça de humano, dos evangelistas”. Para Unamuno o escrito “é uma obra-prima, uma obra eterna de beleza e de verdade, que nos apresenta, com uma fidelidade e uma poesia superiores às dos evangelhos clássicos, o Cristo ideal, cuja imagem todos nós trazemos no coração”.<sup>254</sup>

Em 1962 é publicado pela Germinál, *Jesus de Nazaré e a Crítica Histórica*, de Oscar Algarve, integrando a Série “Grandes Momentos da História”, como previsto no Plano Editorial atrás apresentado. O livro discute a existência histórica de Jesus Cristo e o questionamento da autoridade das escrituras bíblicas como guia espiritual dos homens. Segundo escreve o próprio autor, seu ensaio

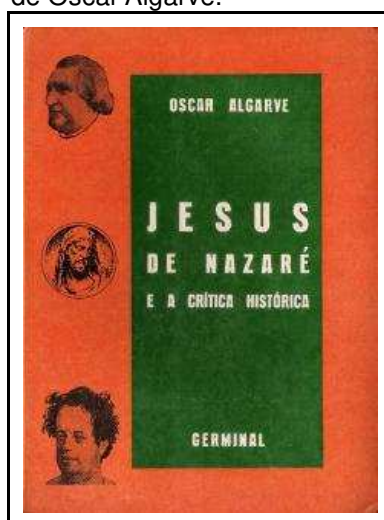
<sup>252</sup> NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinál, 1979, p. 37.

<sup>253</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>254</sup> UNAMUNO, Miguel de. *Apud* NEVES, Roberto das. *In*: RYNER, Han. **Manual Filosófico do Individualista**. Rio de Janeiro: Editora Germinál, 1966.

crítico se dispõe a discutir sobre o valor dos evangelhos enquanto fonte histórica da história de Jesus de Nazaré. Para ele “*O ponto nevrálgico do meu ensaio crítico é a questão do valor dos Evangelhos como fontes históricas que permitem fazer luz a pessoa do Nazareno como homem, as suas características morais, a sua filosofia*”. Para em seguida, fazer uma crítica demolidora à Bíblia, posto que ao prevalecer o pensamento dialético: “*somos forçados a admitir que, não obstante ser o maior, a Bíblia é o mais desautorizado, absurdo e inútil de todos os livros*”. E continua sua crítica acerba: “*É um escárnio à livre consciência da humanidade que um tal livro continue a ser ainda o guia espiritual de muitos milhões de homens, tornados joguetes imbeles da maior fraude da História*”.<sup>255</sup>

Figura 26 – Capa do livro *Jesus de Nazaré e a Crítica Histórica*, de Oscar Algarve.



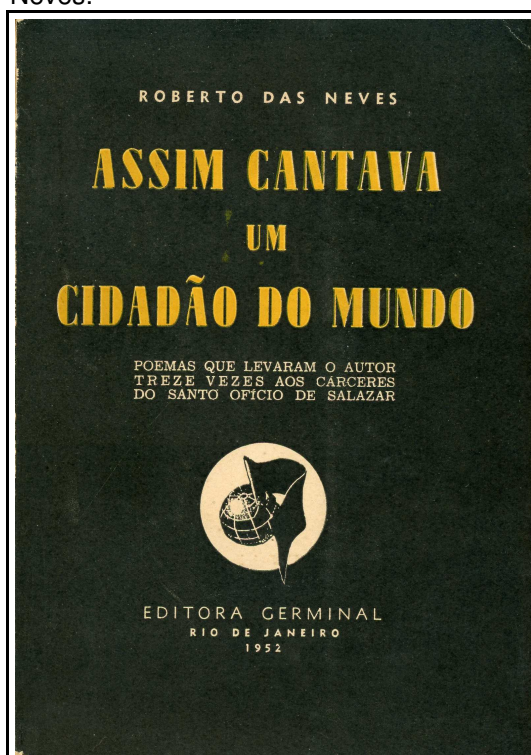
Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE).

De inspiração anticlerical, antifascista e internacionalista é o livro do próprio editor Roberto das Neves, intitulado *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*. A obra é uma coletânea de poemas publicada em 1952, subtitulada *Poemas que levaram o autor treze vezes aos cárceres do Santo Ofício de Salazar*. O livro faz parte da “Série Mosaico” e em suas 159 páginas, traz ilustrações aos poemas e outras imagens, como uma fotografia e *ex-libris* do autor. Boa parte das ilustrações tem como temática o Esperanto. Uma das primeiras edições da Gerninal, *Assim Cantava um Cidadão do Mundo* é publicada depois de o Editor sofrer um grande

<sup>255</sup> ALGARVE, Oscar. **Jesus de Nazaré e a Crítica Histórica**. Rio de Janeiro: Editora Gerninal, 1962.

revés. Em 25 de janeiro de 1951, um incêndio de causas duvidosas devorou o 18º andar do Edifício Rex, na Rua Álvaro Alvim, no Rio de Janeiro, sede da Editora Germinal e do Brazila Instituto de Esperanto, queimando o estoque de livros da editora e, inclusive, originais de obras ainda por publicar. Entre as obras devoradas pelas chamas, estavam os originais do livro de poemas de Roberto das Neves, que se perde parcialmente, do qual, destaca o editor, “*não foi possível reconstituir mais do que a metade dos poemas, que por tal motivo aqui deixaram de figurar.*”<sup>256</sup>

Figura 27 – Capa do livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, de Roberto das Neves.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE).

O conjunto de poemas do livro remete a diferentes períodos da vida de Roberto das Neves, estando enfeixados na obra por temas, tais como anarquismo, anticlericalismo, luta antifascista, antissalazarismo, luta revolucionária, antimilitarismo, esperantismo. Vários poemas são acompanhados de pequenos textos ao modo de epígrafe ou dedicatória. Estes escritos que encimam os versos são testemunhos das afinidades eletivas do Autor/Editor, revelando ao leitor fragmentos de sua inspiração poética, trajetória e formação militante. Entre as

<sup>256</sup> NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, p. 06.

dedicatórias, Roberto das Neves oferece o poema “O Semeador” “à memória a Rodolfo Gonzales Pacheco, o grande poeta e dramaturgo, recentemente falecido, que honrou as idéias anarquistas”, revelando que o poema é “inspirado em uma das suas peças de teatro.” O poema “A Tôrre de Babel”, escrito no aniversário da morte do esperantista Zamenhof, a 14 de abril de 1952, é dedicado “aos meus camaradas e amigos da Cooperativa Cultural dos Esperantistas, do Rio de Janeiro, e particularmente a Braz Cosenza e a Cedilha Neto, alma e corpo da mesma instituição.”

“Que Belo Seria o Mundo!...” é oferecido “A minha mulher, Maria Jeruza Diaz y Saiz.” “Não Irei à Guerra, César!”, dedica ao professor Serafim Porto. “O Crime do Proletariado” é dedicado a Mário de Azevedo. “Tradição”, escrito no Castelo de Pombal, em Portugal, no ano de 1923, o poeta oferece “A António Sérgio, autor da ‘História de Portugal’, a mais sincera que até hoje se escreveu e que por isso foi confiscada e destruída pelo Santo Ofício de Salazar.” “Abaixo as Bandeiras Nacionais” presta homenagem “Ao grande pedagogo Alvaro Viana de Lemos, introdutor dos trabalhos manuais nas escolas de Portugal e demitido, pelo govêrno de Salazar, de professor da Escola Normal Portuguesa, pelas suas idéias pacifistas.” “Procissão Trágica”, escrito em Coimbra, em 1924, é presenteado “À minha querida amiga e grande poetisa Maria Angélica de Oliveira.” “Carnaval” é ofertado a César dos Santos.

O poema “Camponeses”, escrito em Coimbra no ano de 1925, é oferecido a Barata Dias “que viveu e escreveu o grande romance ‘Alqueive’ (vida de um cavador), confiscado e destruído pelo Santo Ofício de Salazar.” “Dor Humana”, escrito em Coimbra em 1924, o poeta dedica ao escritor Ferreira de Castro. Com o poema “A Doida”, escrito em Coimbra no ano de 1922, Roberto das Neves rende tributo “A memória de Maria Lacerda de Moura, a pensadora brasileira de maior repercussão mundial.” “Este Homem Chama-te!”, escrito no Rio em 1951, dedica a Paulo Trindade.

“Na Prisão”, escrito na Prisão do Governo Civil, em Lisboa, ano de 1941, é dedicado “A memória de Rafael Barret, pensador genial, estilista primoroso e homem exemplar, que padeceu e morreu pelos ideais libertários.” “Quero Ser Como Tu, Satan!” é presenteado a Jaime Brasil. “Satan Gargalha”, dedica a Campos Lima. “Misticismo” é oferecido “A Edgard Leuenroth, o intrépido agitador da ‘Lanterna’ e da



'Plebe', de S. Paulo." "Duas Visões do Cristo", escrito em Coimbra, em 1927, o poeta oferece "A Pedro Ferreira da Silva, autor do livro 'Creio na Humanidade'." "Morte... E Depois?", é dedicado ao poeta Maia Gabriel.

"Amor Burguês", Roberto das Neves oferece "Ao meu amigo A. Nunes de Aguiar." O poema "Prece de Um Cão" é oferecido "A grande poetisa Seleneh de Medeiros." "Inocência", escrito em Coimbra em 1922, é um regalo "Ao meu amigo António Machado Magalhães." "Ferrer", escrito, por ocasião do "aniversário do fusilamento do fundador da Escola Moderna, em 13 de Outubro de 1909, por ordem da Companhia de Jesus, em Barcelona", é ofertado "Ao meu velho camarada e amigo professor José de Almeida Costa."

"Salvemos Juan Archer", de 1924, é dedicado a "Alfonso Camin, o grande épico da Revolução Espanhola." "No Aniversário da Revolução Russa" rende tributo "À memória de Camilo Bernéri, anarquista e professor de filosofia na Universidade de Milão, cuja cátedra abandonou para ir lutar, na guerra de Espanha, nas fileiras da F. A. I., contra o fascismo internacional, e que morreu, vilmente assassinado, em Barcelona, pelos sicários de Stáline." "Cristo Crucificado nas Escolas de Portugal" é um tributo "À Memória do sábio professor Abel Salazar, glória da Ciência, da Filosofia e da Arte mundiais, que morreu, vítima das perseguições do govêrno fascista português." "Salazar" o poeta dedica "A Tomaz Ribeiro Colaço, o grande jornalista e escritor, cuja pena não tem deixado, um momento, no exílio, de farpear os lombos da ditadura portuguesa."

A dedicatória que encima o poema "Espanha", escrito em 1º de maio de 1952, é para o militante anarquista "Manuel Perez, administrador do jornal anarquista 'Ação Direta', que jazeu, três anos, condenado à morte, nas masmorras de Franco." "Durruti" o poeta oferece à militante anarquista "Federica Montseny, uma das mais altas expressões intelectuais da C. N. T. e da F. A. I. – corpo e alma da Revolução em Espanha". "Às Armas!" é oferecido ao militante português "Alexandre Vieira, fundador da C. G. T. Portuguesa e, por muitos anos, diretor do órgão desta, o diário 'A Batalha', hoje clandestino". "Altitudes" é presenteado "Aos meus amigos da Sociedade Naturista."

"Mocidade" é dedicado "A João Vieira Alves, valente militante anarquista da classe dos empregados no comércio de Portugal, hoje cego devido à aplicação do 'capacete elétrico' pela Polícia de Informações de Salazar". "Miseráveis, de Pé!" o

poeta oferta a Oscar Pérez Sólis. O poema “Trilogia Sublime” é dedicado aos maçons Teixeira Lino, João Cabanas e Alvaro Palmeira, “*bravos D. Quixotes do rejuvenescimento da Maçonaria no Brasil*”. “Revolução”, escrito em Madri em 1932, é oferecido “*A. J. Marques da Costa, com quem redigi, em Madrid, ‘Rebelião’, órgão dos exilados antifascistas portugueses.*”

“Germinal”, escrito em 1928 na prisão da Esquadra Policial do Forte do Castelo, em Lisboa, o poeta dedica “*A José Oiticica, o sábio filólogo, extraordinário poeta e anarquista sem mácula*”. “Primeiro de Maio” Roberto das Neves oferta “*A Emídio Santana e Valentim A. João, abnegados militantes anarquistas, que purgam, desde 1937, na Penitenciária de Coimbra, condenação a 25 anos de prisão, por haverem, cruéis por amor, desumanos por humanidade, atentado contra a vida do ditador português*”. “Última Canção” é presenteado “*À minha filha, Primavera Ácrata Saiz das Neves, simbolizando o futuro*”.<sup>257</sup>

A partir das dedicatórias, é possível refletir sobre as conexões entre o mundo do livro, da leitura e a afetividade. O estudo de Amanda Sampaio examinando as dedicatórias anota que “*a estima para com as afinidades eletivas é elemento inseparável de sua trajetória, como se pode observar desde os enlaces – e desenlaces – nos círculos intelectuais dos quais participa, assim como os vínculos entre periodismo e política*”.<sup>258</sup> Para ela é possível pensar:

a partir das dedicatórias, o fortalecimento dos laços do afeto e do companheirismo, é o conectivo entre as sensibilidades (...) e podem ser lidas como um motivo de estreitamento de relações, pois as palavras e o objeto [livro], possivelmente, ativarão o ato de recordar; o ato de lembrar com o coração.<sup>259</sup>

As dedicatórias formam um conjunto de interesse ao pesquisador do livro e da leitura, seja por dar a conhecer um vasto rol de afinidades no plano intelectual, militante e afetivo, seja por sinalizar a reverência do poeta ao tempo perene da memória e ainda como um marcador social de denúncia aos crimes das ditaduras e do fascismo.

<sup>257</sup> NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, *passim*.

<sup>258</sup> SAMPAIO, Amanda Leite de. **Escrita epistolar e letras do afeto em José Martí**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2013, p. 177.

<sup>259</sup> *Ibidem*, p. 167.

*Assim Cantava um Cidadão do Mundo* se organiza em cinco seções, assim agrupadas: 1. Sem Bandeiras nem Fronteiras; 2. Dor Universal; 3. Poemas de Satan; 4. Sob o Signo do Totalitário; 5. Canções dos Netos de Spartacus. O livro se apresenta em capa preta, título em amarelo, contracapa na cor branca com nota informativa sobre “Outras Edições” da Editora e selo da Germinal, trazendo folha de rosto, dedicatória, informações sobre a edição e registros da vida e obra de Roberto das Neves em “Do autor e da obra”. O livro dedica tributo à memória de “assassinados nas ruas, nas prisões, nos campos-de-concentração e nas colônias insalubres, pela inquisição do Salazar”, como em outras edições. Traz ainda o *ex-libris* do autor.

Figura 28 – *Ex-libris* de Roberto das Neves.



Fonte: Livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, Editora Germinal, 1952, p. 02.

Figura 29 – Ilustração do poema “Ode a Lanti”.



Fonte: Livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, Editora Germinal, 1952, p. 21.

Entre os poemas, *O Semeador* parece ser o que melhor expressa o perfil multifacetado – poeta, intelectual, editor, livreiro, militante, esperantista – de Roberto das Neves, que se auto-representa como um dos “*semeadores das verdes campinas do Ideal*”; não por acaso sua Ode ao Semeador deseja louvar o tempo da natureza em comunhão com o trabalho das mãos dos “*obreiros, apóstolos, poetas*”. Sua aposta contra o vil metal, a cobiça, a ambição, se volta à sementeira de “*fé na Vida, esperança na Justiça, Amor!*”. Aos “*caçadores de estrelas*” seu verso clama pela sementeira do “*pão e da esperança*”, e honra à memória de Rodolfo Gonzales, poeta e dramaturgo, em cuja obra se inspirou para compor “O Semeador”:

#### O Semeador

Como eu, há muitos percorrendo o mundo.

Através das nações, do mar profundo,  
dos desertos escaldantes, dos países gelados,  
cruzam os meus companheiros,  
atrás dos seus arados.

Saúda-os a Manhã nos cânticos dos galos.  
O Meio-dia com a sesta os abençoa.  
E a noite vai tragá-los,  
como um túnel imenso.

Mas eles seguem sempre,  
em seu labor imersos.  
Aqui, lavram um monte.  
Ali, secam um charco.  
Mais adiante, publicam um jornal.  
E, mais longe, sobre um barco,  
fazem flamejar versos.

Obreiros, apóstolos, poetas,  
semeadores das verdes campinas do Ideal,  
seguem, sem se deter, pelas veredas retas,  
duros, tostados, curtidos  
pelas brasas do sol,  
pelo açoite dos vendavais.

Para quê?  
Para amealhar riquezas materiais?  
Conquistar o vil poder?  
A suja glória de mandar?  
Não! Não!  
Apenas para isto: semear!  
Nenhuma outra ambição,  
nenhuma outra cobiça  
agita o semeador.  
Semear o de que mais os homens necessitam:  
fé na Vida,  
esperança na Justiça,  
Amor!

\*\*\*

Jamais nos vimos,  
 o que ara e o que escreve,  
 o que, caçando estrêlas, aos céus se empina  
 e o que, impelindo o arado pelos cimos,  
 caminha pela neve,  
 ou o que marcha  
 pela senda que ele próprio abriu na mina.

E entretanto compreendemos  
 que somos camaradas e irmãos,  
 de uma única armada combatentes.  
 São os mesmos os nossos fins supremos.  
 O mesmo ideal nos faz mover as mãos  
 e o mesmo sonho abrasa as nossas mentes.

Semear sem descanso! – Eis o lema de tantos.  
 Mas semear o quê? – Perguntarão.  
 – Pois, isto: Pão,  
 impulso, visões, cantos,  
 protestos, esperanças e amores!

Rodolfo, como tu, com teu ardor fecundo,  
 eu sou também dos tantos semeadores  
 que percorrem o mundo!<sup>260</sup>

Dois anos depois de *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, Roberto das Neves publica outro livro de sua autoria, sob o selo da Germinal, “*que se acabou de imprimir em Maio do ano mariano da desgraça de 1954, em plena era da Bomba Atômica*”. Trata-se de *O Diário do Dr. Satan: comentários subversivos às escorrências cotidianas da sifilização cristã*, como parte da “Série Doutrina e Filosofia”. O livro enfeixa uma série de escritos diversos e curtas crônicas publicadas no jornal anarquista *Ação Direta*, entre os anos 1946 e 1950, na coluna “Não Apoiado pelo Dr. Satã”, assinada por Roberto das Neves. Na capa da edição, uma figura representando Dr. Satan escreve em um livro com uma pena em forma de flecha, segurando entre os dedos três figuras menores, um burguês de cartola, um militar de quepe e um padre com chapéu preto de abas largas, com o fundo da imagem em chamas. Ao longo do livro, em seus comentários e crônicas, Roberto das Neves, ou melhor, o Dr. Satan, dispara, em linguagem sarcástica, contra o clericalismo e o fascismo, declarando inimigos o jesuitismo e o militarismo. O texto de abertura do livro não deixa dúvidas ao leitor quanto à disposição do Autor em desancar os

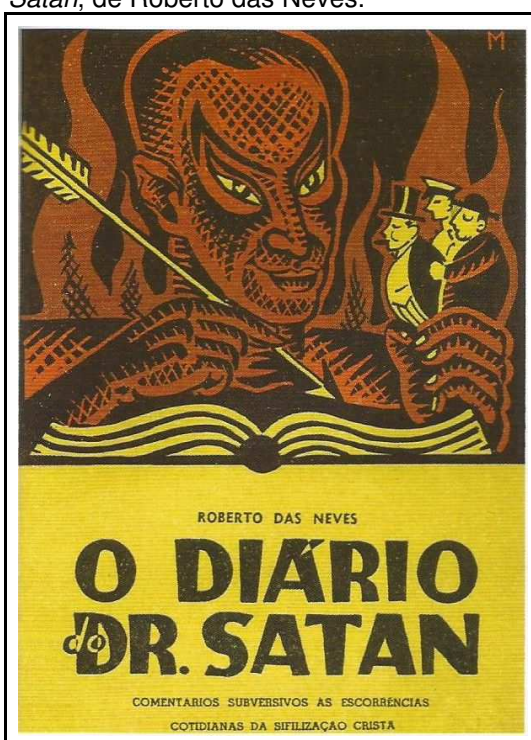
---

<sup>260</sup> NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1958, p. 13-14.

“*Torquemada, Inácio de Loiola, Pina Manique, Hitler, Filinto Müller e Estáline*” e seus acólitos:

Êste livro foi ditado por Satan. Roberto das Neves o escreveu. A Editora Germinal o editou. A tipografia o acabou de imprimir em Maio do ano mariano da desgraça de 1954, em plena era da Bomba Atômica. Os críticos tementes ao Deus e S. S. Pio 12 e ao Deus-Milhão, de acôrdo com as instruções da “Monita Secreta”, condená-lo-ão à pena do silêncio. E o público, apesar disto ou por isto mesmo, o adquirirá, se para tanto lhe sobrar o dinheiro necessário ao feijão com arroz, não temer as chamas do Inferno e lho consentirem os manes de Torquemada, Inácio de Loiola, Pina Manique, Hitler, Filinto Müller e Estáline.<sup>261</sup>

Figura 30 – Capa do livro *O Diário do Dr. Satan*, de Roberto das Neves.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE).

O lançamento d’*O Diário do Dr. Satan* é noticiado na imprensa libertária e noutros periódicos. O jornal *Ação Direta* (Rio de Janeiro) comenta a relevância e o significado do escrito de Roberto das Neves, destacando-o como um exemplar de “literatura rebelde” e um “*Livro de luta, boa seqüência dos poemas de ‘Assim Cantava um Cidadão do Mundo’, que há pouco nos deu também Roberto das Neves com a mesma filosofia, ora serena, ora reveladora de temperamento de artista nas cintilações da revolta*”.<sup>262</sup> O livro é apresentado pelo editor da folha anarquista

<sup>261</sup> NEVES, Roberto das. **O Diário do Dr. Satan**: comentários subversivos às escorrências cotidianas da sifilização cristã. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1954.

<sup>262</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 94, p. 02.

carioca, o professor José Oiticica, destacando como na verve de Roberto das Neves em sua literatura rebelde “*cabe a ironia, como a veia satírica pode ser arma capaz de ir longe e fundo no arcabouço da sociedade infestada de erros e mentiras*”. E segue em seus comentários sobre o autor e sua prosa como “*ferro esbraseado e infalível*”:

O autor veste-se de Demônio e ri, mas castiga seriamente quando aparece no “Diário do Dr. Satan”, como esgrimista que espreita e apra qualquer golpe, desferindo na recarga o seu ferro esbraseado e infalível.

Através deste livro coruscam novamente as orações rápidas, agudas e oportunas da secção “Não Apoiado!”, com que Roberto das Neves, sob a capa de Dr. Satan, nos aparecia nas páginas da *Ação Direta* não deixando escapar cena ou manifestação que lhe desse motivo às observações libertárias. Mas o “Diário do Dr. Satan” não é só isso: não é um círculo de sectarismo em que o tema pesado prejudica a boa disposição do leitor. Há nêles sínteses admiráveis de doutrina, e há sobretudo um objetivo constante e constantemente atingido, ao ferir os fatos com precisão, ao atacar com vivacidade os males do clericalismo, da política, do capital, do fascismo, de tudo que se oponha ao bem e a liberdade.

O novo livro do companheiro Roberto das Neves reúne também farto número de crônicas da era liberticida de Stálin, Hitler, Mussolini, Franco, Salazar e seus patronos vaticanistas.

Termina com um “Documentário” de crônicas e reportagens sobre o fascismo ibérico, e no seu fecho está o brado da “Internacional”, que é mais forte e mais verdadeiro em esperanto, o idioma universal. Livro de luta, boa seqüência dos poemas de “Assim Cantava um Cidadão do Mundo”, que há pouco nos deu também Roberto das Neves com a mesma filosofia, ora serena, ora reveladora de temperamento de artista nas cintilações da revolta.<sup>263</sup>

O aparecimento do livro repercute em outros jornais de distintos matizes ideológicos. D. Carlos Duarte Costa (ex-bispo de Maura e atual bispo da Igreja Católica Brasileira no Rio de Janeiro) publica no jornal *Luta*, nº 20, “Uma bomba literária: O Diário do Dr. Satan”. J. Teixeira Lino escreve em *O Malhete*, órgão maçônico de São Paulo, nº 111, “Um livro Satânico sobre a ‘Sifilização Cristã’.” Carlos Imbassahy (jornalista e escritor), publica na revista *Mundo Espírita*, de 31 de dezembro de 1956, artigo intitulado “O Diário do Dr. Satan”. Imbassahy assim avalia a obra de Neves, como “*uma autópsia impiedosa da atual civilização clérico-estatal-capitalista*” e encarados os problemas que afligem a humanidade “*à lupa da crítica socialista e antiautoritária*”.

No seu conjunto, o “Diário do Dr. Satan” constitui uma autópsia impiedosa da atual civilização clérico-estatal-capitalista, que o Autor irônicamente apelida de “Sifilização Cristã”, pois para êle, cristão apesar de tal não se julgar, “o que aí está – reles vitória da matéria sôbre o espírito, sórdido

<sup>263</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 94, julho-agosto de 1954, p. 02.

reinado do ódio e da exploração desenfreada do homem sobre o homem – pouco ou nada tem de civilização e muito menos de cristianismo.” Por tudo isto, o “Diário do Dr. Satan”, ao qual é de prever um grande êxito, igual, se não maior ainda do que o do “Assim Cantava um Cidadão do Mundo”, também de Roberto das Neves, é um livro de enorme interesse para todos, mesmo para aqueles a quem preconceitos morais, filosóficos, políticos e religiosos inibam de concordar com o Autor, pois nesta obra extraordinária encontrará o leitor uma visão caleidoscópica dos problemas que agitam e torturam a pobre humanidade dos nossos dias, encarados à lupa da crítica socialista e antiautoritária.<sup>264</sup>

Já se disse aqui sobre os principais temas no Catálogo da Germinal, sobressaindo a difusão do pensamento antifascista, como é o caso do livro *Na Inquisição do Salazar*, de Luís Portela e Edgart Rodrigues. Edgart Rodrigues, também assinando como Edgart Rodrigues, é o pseudônimo de Antônio Francisco Correia (1921-2009); historiador, pesquisador, escritor e militante anarquista de origem portuguesa, Rodrigues emigrou para o Brasil no princípio dos anos 1950, fugindo da perseguição do regime salazarista. No exílio, tornou-se um destacado escritor na imprensa libertária, com larga atuação no meio ácrata. Colaborou nos jornais anarquistas *Ação Direta* (Rio de Janeiro), *O Inimigo do Rei* (Salvador, 1977-1988) e escreveu centenas de artigos na imprensa libertária em vários países. Participou do Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO), colaborando também na Editora Mundo Livre, iniciativa do CEPJO. Foi preso junto de outros militantes que faziam parte do CEPJO, em outubro de 1969, quando a repressão fechou o Centro e se instauraram processos contra seus membros. Em 1986, faz parte da fundação do Círculo Alfa de Estudos Históricos (CAEH). Sua vasta obra abrange temas do anarquismo, movimento operário, imprensa libertária, socialismo, nacionalismo, dentre outros.<sup>265</sup> Aqui tratamos do livro de estreia de Edgart Rodrigues, lançado em 1957, sendo uma compilação da correspondência entre os dois libertários portugueses e outros escritos. A capa do livro chama a atenção pela

<sup>264</sup> O artigo é publicado originalmente em *Mundo Espírita*, de 31 de dezembro de 1956, sendo reunido a outros comentários sobre o livro e outras obras lançadas pela Germinal em: PORTELA, Luís; RODRIGUES, Edgart. **Na Inquisição de Salazar**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1957. Para o artigo citado, conferir, p. 246-247.

<sup>265</sup> Sobre a trajetória e a obra de Edgart Rodrigues, dentre outros, ver: ADDOR, Carlos Augusto. **Um homem vale um homem: memória, história e anarquismo na obra de Edgart Rodrigues**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2012; ALANIZ, Anna Gicelle Garcia. **A Sementeira de Ideias. Edgart Rodrigues, uma vida dedicada à memória anarquista**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2009; JEREMIAS, Marcolino. Em forma de despedida: síntese sobre a vida e obra de Edgart Rodrigues. **Verve**, São Paulo, n. 16, p. 218-234, 2009; FERREIRA, José Maria Carvalho. Edgart Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias. **Verve**, São Paulo, n. 25, p. 13-29, 2014; GONÇALVES, Adelaide; VIANA, Allyson Bruno. Edgart Rodrigues: dedicação e compromisso social. **Trajets**, Revista de História UFC, Fortaleza, vol. 1, n. 02, p. 193-197, 2002.



gravura representando um homem acorrentado numa cruz, e a figuração de um inquisidor, de capa preta e olhos fechados diante da cena; na folha de rosto, uma dedicatória à memória de “alguns milhares de assassinados nas ruas, nas prisões, nos campos-de-concentração e nas colônias insalubres, pela inquisição do Salazar.”<sup>266</sup> O livro é divulgado com um anúncio estampado no jornal *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro):

Figura 31 – Capa do livro *Na Inquisição de Salazar*, de Luis Portela e Edgart Rodrigues.

Figura 32 – Anúncio de *Na Inquisição de Salazar*.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE); *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1957, p. 13. Arquivo Biblioteca Nacional Digital Brasileira (BN), Rio de Janeiro.

Além do conteúdo das cartas, o livro traz artigos, comentários, e excertos publicados na imprensa, alinhados na denúncia e crítica ao salazarismo, ao clericalismo e acerca da luta revolucionária, além de breves resenhas sobre livros editados pela Germal, como *O Diário do Dr. Satan*. O livro traz um Prefácio, “Breves, melancólicas e oportunas considerações em torno deste livro”, por Roberto das Neves; uma Nota, “Quem são os autores deste livro”, também do Editor, e uma “Introdução: esboço histórico do movimento operário em Portugal”, “Referências da imprensa às publicações anteriores desta editora” e “Esboço histórico do movimento operário em Portugal”. Apresentando a obra, Roberto das Neves diz que

<sup>266</sup> PORTELA, Luís; RODRIGUES, Edgart. *Na Inquisição de Salazar*. Rio de Janeiro: Editora Germal, 1957, p. 06.

“*Representa este livro um precioso documentário, vivo, espontâneo e sincero, de uma das mais sombrias fases da história de Portugal*”.<sup>267</sup> Em seu prefácio, vislumbrando além da denúncia do salazarismo e do fascismo em seu tempo, Neves aponta a qualidade do livro como preciosa fonte de informação para o historiador que se debruce a estudar o período do salazarismo em Portugal, destacando suas ideias-força:

O historiador que quiser, um dia, estudar sobre este fúnebre período da história de Portugal ou da história mundial do proletariado, encontrará neste livro preciosa fonte de informação. Através das suas páginas, perpassam, como num sinistro ciclorama, os quadros mais sombrios, os episódios mais dramáticos, os aspectos mais denigrantes, do Portugal contemporâneo, deste pobre país, um dos mais atrasados e desgraçados do mundo, cujas épocas de maior miséria, material e espiritual, coincidem estranhamente, ao longo dos oito séculos da sua história, com os de maior prosperidade e esplendor da Santa Madre Igreja Católica-Apostólica-Romana: são as cenas inquisitoriais das câmaras-de-tortura da PIDE (Polícia de Informação e Defesa do Estado, Gestapo, Guêpêu, ou Santo Ofício de Salazar); a submissão dos sindicatos operários à canga do Estado corporativo ou fascista (submissão que subsiste em Portugal, como também, infelizmente, no Brasil, apesar do aparente regresso deste país às normas de convivência democrática); o regime de fome, piolhos e percevejos, a que estão submetidos os presos políticos; a legislação social do sedizente Estado Novo, destinada a matar nos operários o interesse pela sindicalização, tornada obrigatória pelo Estado totalitário somente para efeito de cobrança do imposto sindical, cuja aplicação os operários jamais conheceram; a luta clandestina dos anarco-sindicalistas da C. G. T. em prol da emancipação dos trabalhadores; o alcoolismo e a prostituição, como rendosa fonte de receita do Estado; os assaltos dos esbirros às caixas e demais haveres dos sindicatos; o desprezo do Estado corporativo pelo horário de trabalho e pela legislação internacional de proteção às mulheres e menores no trabalho; a sanha destruidora do novo Santo Ofício contra a literatura e demais artes; o contraste entre José do Telhado, o “bom ladrão”, que roubava aos ricos para acudir aos pobres, e o Salazar, o “mau ladrão”, que rouba aos pobres para ajudar a engordar ainda mais os ricos; o servilismo de uma imprensa, que há trinta anos ostenta caninamente, sem se rebelar, a infamante coleira “Visado pela Comissão de Censura”, dentre outros assuntos de que trata o livro em exame.<sup>268</sup>

Ainda em seu Prefácio, interpela os leitores brasileiros para que leiam o livro como uma séria advertência, para que não se deixem levar pela demagogia dos agentes da Igreja, pela propaganda do D. I. P. (Departamento de Imprensa e Propaganda), e os efeitos de “*uma situação política de exceção*”, como é o caso do regime ditatorial português:

<sup>267</sup> Roberto das Neves. In: PORTELA, Luís; RODRIGUES, Edgart. **Na Inquisição de Salazar**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1957, p. 07.

<sup>268</sup> NEVES, Roberto das. In: PORTELA, Luís; RODRIGUES, Edgart. **Na Inquisição de Salazar**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1957, p. 08-09.

Considerar-nos-emos (...) devidamente compensados se soubermos que os leitores brasileiros viram neste livro o que êle, acima de tudo, representa: uma séria advertência para que não se deixem arrastar pelas paroladas demagógicas dos agentes da Igreja, que, lançando mão da hábil propaganda do D. I. P. lusitano, se esforçam por instaurar, no Brasil e no resto do mundo, uma ditadura da do tipo do seu pupilo Salazar. Este é o principal mérito e a principal razão da oportunidade dêste livro: mostrar como e com que falazes e aliciantes argumentos se arrasta um povo para uma situação política de exceção, que não tarda a desembocar numa terrível e duradoira ditadura, ao lado da qual aquela que regeu o Brasil até 1945 foi um simples e inocente Carnaval.<sup>269</sup>

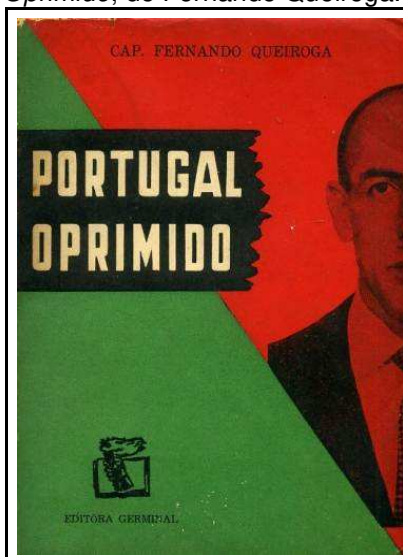
*Portugal Oprimido*, de Fernando Queiroga, é outro livro vindo a público no ano de 1958 pela Editora Germinal. Com o subtítulo *Subsídios para a história do fascismo em Portugal*, trata-se de uma denúncia ao fascismo e o salazarismo, da autoria do comandante militar que realizou uma tentativa de golpe contra Salazar. Fernando Gualter Queiroga Chaves (1909-1971), militar do exército português, iniciou sua carreira nos anos 1930, sendo demitido em 1938, por razões políticas; e desde então integrou-se à oposição antisalazarista. Comandou, em outubro de 1946, o movimento que ficou conhecido como *Golpe da Mealhada*, uma tentativa de derrubar a ditadura salazarista. Fracassado o golpe, exilou-se no Brasil e, entre o fim dos anos 1950 e começo dos 1960, empenhou-se na Frente Cívica Revolucionária. Participou da liderança de um grupo de resistência antifascista que não se identificava com o general Humberto Delgado. Regressa à Portugal em fins de 1968, quando Marcelo Caetano se encontrava no poder, sendo reintegrado ao exército como capitão na reserva.<sup>270</sup>

---

<sup>269</sup> NEVES, Roberto das. In: PORTELA, Luís; RODRIGUES, Edgart. **Na Inquisição de Salazar**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1957, p. 20.

<sup>270</sup> Informa este perfil biográfico: FARINHA, Luis. Fernando Queiroga: um revolucionário no exílio. **Penélope**, Lisboa, n. 16, p. 87-105, 1995.

Figura 33 – Capa do livro *Portugal Oprimido*, de Fernando Queiroga.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE).

O livro apresenta capa ilustrada com a foto do capitão Fernando Queiroga, estampada nas cores da bandeira de Portugal. Traz orelha não assinada, provavelmente escrita pelo Editor, um Prefácio por Roberto das Neves intitulado “Fernando Queiroga, o ‘Portugal Oprimido’ e a solução do problema português”, e um outro Prefácio, este escrito por Paulo Duarte<sup>271</sup>, intitulado “Um terrível libelo contra Salazar”. Paulo Duarte é professor, jornalista, arqueólogo, escritor e poeta; atuante na vida política e no campo intelectual no Brasil, sendo, por essa razão, exilado em duas ocasiões: durante o Estado Novo, por sua oposição à ditadura varguista e durante a ditadura civil-militar de 1964, sendo aposentado compulsoriamente de seu cargo na Universidade de São Paulo (USP). Sua participação por escrito neste livro da Gerninal indicia os elos firmados no movimento oposicionista ao salazarismo e o trabalho do Editor alargando o rol de contribuições intelectuais ao projeto editorial. Em seu Prefácio à edição, o editor Roberto das Neves apresenta o capitão que se rebelou contra o regime de Salazar, escolhendo, em troca do poder, os “*desconfortos, incertezas e privações da conspiração, da cadeia e do exílio*”. Segundo ele:

<sup>271</sup> **Paulo Alfeu Junqueira de Monteiro Duarte** (São Paulo, 1899 – São Paulo, 1984). Para um perfil, conferir a nota biográfica por Marieta de Moraes Ferreira, disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/paulo-alfeu-junqueira-de-monteiro-duarte>. Acesso em: 20 de agosto de 2019. Ver também: ZIOLI, Miguel. **Paulo Duarte (1899-1984)**: um intelectual nas trincheiras da memória. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Assis, 2010.

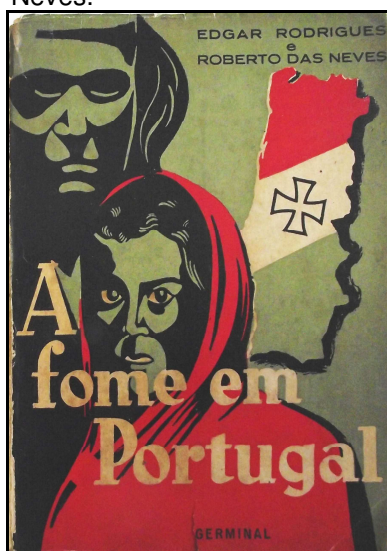
(...) Fernando Queiroga, trocando as delícias do arbitrário poder pelos desconfortos, incertezas e privações da conspiração, da cadeia e do exílio, rebelou-se contra o regime da rolha, do crê-ou-morres, de pensamento policiado na garganta, do chicote e do pão duro, que há trinta e dois anos vigora em Portugal, colocando a sua espada, a serviço do povo, na balança da Revolução. Colhido nas redes da Gestapo, foi demitido do exército, no posto de tenente, e mandado condenar a dois anos de prisão, pelo seu antigo colega do Colégio Militar, o ministro da Guerra, coronel Santos Costa, que, mais tarde, cumprida esta pênna, e apanhado à frente da por êle (então já simples civil) rebelada cavalaria 6, do Porto, ordenaria nova condenação contra Queiroga, desta vez a mais três anos de cadeia. [...]

E por isso a Editora GERMINAL, democraticamente atenta à voz do Povo, o apresenta ao público leitor, embora à sua revelia, como capitão.<sup>272</sup>

Neves discorre em boa parte do texto sobre a perseguição sofrida por Fernando Queiroga por conta de sua posição antissalazarista. Ao apresentar uma síntese da vida do militar português dissidente, discute, junto com o autor, sobre o problema português, compartilhando a tese defendida em seu livro, de que:

(...) o problema português só comporta, infelizmente, uma solução: a da revolução violenta, como único meio de desalojar a quadrilha de bandoleiros legais que, há trinta e dois anos, tomaram de assalto o país e nele se firmam com unhas e dentes, lançando mão de todos os meios, os mais sangrentos e os mais fraudulentos, para defender a pêsna.<sup>273</sup>

Figura 34 – Capa do livro *A Fome em Portugal*, de Edgar Rodrigues e Roberto das Neves.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE).

<sup>272</sup> NEVES, Roberto das. Prefácio. In: QUEIROGA, Fernando. **Portugal Oprimido**: Subsídios para a história do fascismo em Portugal. Rio de Janeiro: Editora Gerninal, 1958, p. 11.

<sup>273</sup> *Ibidem*, p. 12.

*A Fome em Portugal*, de Edgar Rodrigues e Roberto das Neves<sup>274</sup>, é lançado pela Germinal em 1959. Como os livros na *Inquisição do Salazar e Portugal Oprimido*, trata-se de uma obra de aberta denúncia ao salazarismo. O livro conta com o prefácio de Josué de Castro (1908-1974), médico, professor, geógrafo e sociólogo brasileiro, reconhecido internacionalmente por seus estudos – *Geografia da Fome* (1946), *Geopolítica da Fome* (1951); entre outros – e sua ação no combate à fome. Aqui também se destaca a estratégia editorial de trazer ao livro uma palavra em Prefácio amplamente reconhecida, como a de Josué de Castro, um intelectual empenhado na luta democrática. Com título “Um veemente libelo contra o salazarismo, a mortificação coletiva do povo português”, no Prefácio, Josué de Castro, embora tendo aceite o convite em escrevê-lo com certas ressalvas e hesitação face ao tom panfletário da obra, reconhece a relevância e o valor do livro, afirmando que a fome de que tratam os autores “*não é apenas a de alimentos, mas também a de liberdade e de dignidade humana*”:

Pede-me o professor e escritor Roberto das Neves um prefácio para o novo livro, a ser publicado pela Editora GERMINAL, “A Fome em Portugal”. Não se trata – devo dizer de logo – de um ensaio científico, nem mesmo de uma análise sociológica orientada dentro dos princípios da moderna sociologia. A fome em Portugal, na acepção dos autores, simboliza a mortificação coletiva do povo português, frustrado em suas aspirações mais íntimas por um regime ditatorial, inteiramente desvinculado dos interesses coletivos os mais legítimos e os mais autênticos. A fome de que trata este livro não é apenas a de alimentos, mas também a de liberdade e de dignidade humana.

Os autores defendem estas prerrogativas do seu povo com tal vigor cívico, que o seu trabalho toma um tom de veemente libelo. De libelo contra a usurpação do poder que se instalou há 33 anos em Portugal e lá se conserva através de um pacto macabro com a violência e com a corrupção. O tom panfletário utilizado pelos autores, a agressividade de sua linguagem ao descrever este quadro do abuso do poder político em Portugal, a sua atitude de um total radicalismo contra a Igreja, que eles consideram como aliado de Salazar, me fizeram hesitar, durante certo tempo, a honrosa incumbência de apresentar este livro ao público. Mas suas intenções ou objetivos idealísticos, de lutar com as armas ao seu alcance – a sua pena e a sua inteligência – contra esse nefando regime ditatorial, que constitui uma negra mancha no mapa das democracias de Europa, me convenceram de que eu não poderia negar-me a esta solicitação.<sup>275</sup>

<sup>274</sup> Sobre esta obra, Edgar Rodrigues afirma que Roberto das Neves teria inserido seu nome na capa sem sua autorização, sustentando que a obra não se tratava de coautoria, sendo Neves somente o editor. No livro *Os Companheiros*, Edgar Rodrigues faz a reclamação, num perfil biográfico pouco elogioso sobre Roberto das Neves, revelando desentendimentos entre os dois, ambos anarquistas e exilados portugueses no Brasil. RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros 5**. Florianópolis: Editora Insular, 1998, p. 118-124.

<sup>275</sup> CASTRO, Josué de. Prefácio. In: RODRIGUES, Edgar; NEVES, Roberto das. **A Fome em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1959, p. 11-12.

Reconhecendo na obra um libelo contra o fascismo em Portugal, Josué de Castro destaca “*a paixão que o livro não deixa ocultar em suas páginas*”, gerada, como ele próprio ressalta, pela revolta, pelo “*ressentimento que a miséria engendra*”, ressaltando no livro sua dupla função de informar e denunciar os crimes da ditadura salazarista contra o povo português:

A paixão que o livro não consegue ocultar é mais do que justificada em face das violências praticadas durante anos seguidos contra as liberdades e os direitos do homem em Portugal. É a paixão que a revolta gera, que o ressentimento da miséria engendra e que explode por tôda parte onde os usurpadores do poder tentam escamotear a realidade social e turvar a consciência dos povos de que vivemos numa época revolucionária, de agonia do colonialismo e do ditatorialismo.

Tem, pois, o livro de Edgar Rodrigues e Roberto das Neves a sua função a preencher: a de informar e de se constituir como uma veemente denúncia num processo que a história vai instaurar em breve para julgar os crimes da ditadura portuguesa contra o nobre e diligente povo de Portugal.<sup>276</sup>

A edição conta com duas Introduções; uma a cargo de Roberto das Neves, intitulada “*Os portugueses são um povo inferior, indigno da liberdade e só merecedor da fome, da albarda e da chibata*”, a outra é da pena de Edgar Rodrigues, nomeada “Justificação deste depoimento”. Na sua Introdução, Roberto das Neves discorre sobre um fato curioso: quando acabara de revisar a obra e preparava-se para levar as provas à tipografia, foi visitado por três “*patrícios muito conhecidos no Rio de Janeiro, onde enriqueceram e se fizeram comendadores*”. Neves conta que os três vieram ao seu encontro para “rogar-lhe” que evitasse a publicação do livro *A Fome em Portugal*, por falar mal do governo português e abalar o prestígio de Portugal e de Salazar no estrangeiro. O Editor relata a longa conversa, em que, depois de demoradas considerações dos interlocutores acerca do regime salazarista, pontuadas com defesas de Salazar e suas “obras” e feitos e, de outro lado, pelas críticas da parte de Roberto das Neves sobre a censura, a tortura, as prisões, as mortes, e a ausência de liberdade em Portugal para se publicar um livro, por exemplo, um dos comendadores acaba por dizer as palavras que dão título à introdução de Neves: “*os portugueses tem-se revelado, ao longo da História, indignos da liberdade, da qual não podem, não querem, ou não sabem fazer uso, e, conseqüentemente, merecedores do chicote, da albarda e da fome*”.<sup>277</sup> Roberto das

<sup>276</sup> CASTRO, Josué de. Prefácio. In: RODRIGUES, Edgar; NEVES, Roberto das. **A Fome em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1959, p. 12-13.

<sup>277</sup> NEVES, Roberto das. Introdução. In: RODRIGUES, Edgar; NEVES, Roberto das. **A Fome em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1959, p. 19.

Neves conclui o óbvio: não é para pessoas daquele naipe que o livro se destina e dispara:

Êste livro vem provar aquilo que os comendadores e todos os partidários dos regimes de força não tem a coragem de concluir, quanto à obra do “mago das finanças” (“reles guarda-livros”, prefiro eu chamar-lhe) de Santa Comba Dão. Prova, à saciedade, com abundante e irretorquível documentação (constituída por dados estatísticos oficiais e por confissões de gente autorizada e politicamente insuspeita, porquanto partidários do ditador e do Estado Novo), nada menos que a falência do sr. dr. Oliveira Salazar e do seu regime corporativo ou fascista.<sup>278</sup>

E segue em sua escrita de denúncia, inclusive chamando a atenção do público leitor que os fatos narrados no livro se baseiam no testemunho e estão amparados em fartas provas documentais acerca da regressão social em Portugal sob o regime de Salazar. Ressalta o repertório macabro de perseguições à inteligência, ao pensamento, com o acionamento dos dispositivos da censura, da repressão, das prisões políticas e os efeitos nefastos do regime na vida do povo português, privado dos mais elementares direitos e condenado à fome da palavra, pelo analfabetismo, e à fome física, pela carestia de vida:

O saldo de acertos da chamada “obra do Estado Novo” ou do “Salazar” é demasiado reduzido para que valha a pena ser citado, sobretudo se o compararmos com o mal que tem causado ao povo a sua política de perseguição e ódio à inteligência e a tudo quanto é livre, novo e criativo. Bastará, em resumo, frisar que não só tal política não resolveu nenhum dos problemas vitais do povo português, senão que os agravou a todos, principalmente o da criminalidade e o da fome, como documentada e amplamente, de modo irrefutável, se demonstra ao longo dêste livro, que é um escalafriante documentário sobre um dos períodos mais tenebrosos da história de Portugal.<sup>279</sup>

Seguindo em seu propósito de oferecer ao público leitor uma visão mais alargada e empenhada na luta contra o fascismo é lançado pela Germinal, desta vez sobre o fascismo na Península Ibérica, o livro *Duas Palestras sobre o Fascismo Ibérico*, de Francisco de Oliveira Pio (1897-1972). Militar de origem portuguesa, Oliveira Pio foi um dos opositores do regime salazarista, tendo organizado ações junto aos republicanos espanhóis e portugueses contra o Estado Novo. Por sua postura antifascista e em decorrência de sua militância, foi perseguido, sendo preso e obrigado ao exílio. Nos anos 1920, foi Comissário da Divisão de Polícia de Segurança Pública de Lisboa. No golpe de 28 de maio de 1926, que levou à

<sup>278</sup> NEVES, Roberto das. Introdução. In: RODRIGUES, Edgar; NEVES, Roberto das. **A Fome em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1959, p. 25-26.

<sup>279</sup> *Ibidem*, p. 26-27.



implantação da ditadura militar (Ditadura Nacional), assume publicamente sua discordância com o movimento, sendo, por isso, punido com uma transferência para Bragança. Toma parte na revolta de fevereiro de 1927, primeira tentativa de derrube da ditadura militar instaurada no ano anterior. Com a derrota da revolta, refugia-se na França, e depois na Espanha. É preso em 1934, juntamente com Moura Pinto, por envolvimento no que ficou conhecido como *Caso Turquesa*, no desbarate de um plano militar que previa a colaboração entre republicanos espanhóis e portugueses para a derrocada do regime salazarista. É libertado e permanece em Madri, até a explosão da guerra civil, quando é incorporado no 5º Batalhão de Milícias Civis, no posto de Major. Com a derrota da guerra civil na Espanha em 1939, tenta passar a fronteira, sendo capturado e aprisionado em um campo de concentração na região de Montauban. Consegue escapar para Argel, onde combate na resistência junto ao General Bethouart. Em 1945, é escolhido pelo *Grupo dos Budas* como seu representante no Hemisfério Norte. No ano de 1955, emigra para o Brasil, onde participa na resistência antissalazarista, atuando no Movimento Nacional Independente. Foi maçom, membro do Grande Oriente Espanhol, mantendo contato em seu exílio com outros exilados espanhóis no Brasil e com republicanos exilados no México.<sup>280</sup>

Publicado no ano de 1959, em formato 19 x 14 cm, o escrito de Oliveira Pio é parte da “Coleção Cidadão do Mundo”, recuperando a transcrição de duas palestras promovidas pelo Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO) em colaboração com a Associação General Humberto Delgado, na sede da União Nacional dos Estudantes, no Rio de Janeiro. O folheto é precedido por uma “Nota do Editor”, na qual Roberto das Neves sintetiza como se instauraram os regimes fascistas na Península Ibérica. Nas palavras do Editor, o escrito de Oliveira Pio é um protesto contra a sobrevivência do nazifascismo em Espanha e Portugal:

Com o objetivo de protestar contra a sobrevivência do nazi-fascismo na Ibéria e contra a traição das chamadas potências democráticas, que assistem, há anos, ao esmagamento daqueles dois povos ibéricos, sem um gesto de socorro a favor das vítimas, antes, ao contrário, de braços dados com os tiranos, celebraram-se, no corrente ano, por ocasião daquelas duas datas ltuosas da história da humanidade, sessões públicas, promovidas pelo Centro de Estudos Prof. José Oiticica, em colaboração com a

---

<sup>280</sup> Perfil informado em: PAULO, Heloisa. Imagens da liberdade: os exilados portugueses e a luta pela liberdade na Península Ibérica. **Estudos do Século XX**, Coimbra, n. 08, p. 87-103, 2008, especialmente a página 92.

Associação General Humberto Delgado e a União Nacional dos Estudantes, na sede desta última entidade. [...]

As duas palestras proferidas nessas duas sessões pelo comandante Oliveira Pio foram consideradas particularmente notáveis, como valioso depoimento de um homem que tem sido um dos mais destacados vultos da resistência de dois povos irmãos contra o totalitarismo que há tantos anos os asfixia, e por isso decidimos reuni-las neste volume, com que inauguramos a nossa nova série, “Coleção Cidadão do Mundo”.<sup>281</sup>

Figura 35 – Capa de *Duas Palestras sobre o Fascismo Ibérico*, de F. de Oliveira Pio.

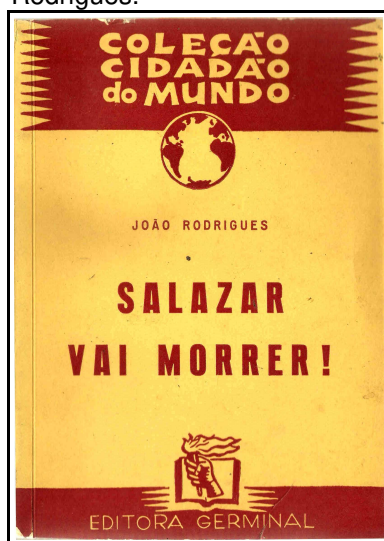


Fonte: Arquivo Plebeu Gabinete de Leitura (PGL), Fortaleza.

O folheto *Salazar vai Morrer!*, de João Rodrigues, sai em 1960. Segundo título da “Coleção Cidadão do Mundo”, conta com a apresentação do General Humberto Delgado. O folheto tem 47 páginas, em que se depreende do título um ataque direto ao salazarismo, como outras obras publicadas antes. *A Hediondez Colonialista de Portugal*, de Thomaz Ribeiro Colaço, vem a lume em 1961, como o terceiro volume da “Coleção Cidadão do Mundo”. Com 34 páginas, no formato de 15 x 20 cm, é mais um folheto de crítica ao salazarismo, desta feita sobre a veia colonialista de Portugal.

<sup>281</sup> NEVES, Roberto das. Apresentação. In: PIO, F. de Oliveira. **Duas Palestras sobre o Fascismo Ibérico**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1959, p. 07.

Figura 36 – Capa do livro *Salazar vai Morrer!*, de João Rodrigues.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE).

Figura 37 – Capa do livro *A Hediondez Colonialista de Portugal*, de Thomaz Ribeiro Colaço.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE).

Figura 38 – Anúncio de *A Hediondez Colonialista de Portugal*.



Fonte: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1961, p. 07. Arquivo Biblioteca Nacional Digital Brasileira (BN), Rio de Janeiro.

Lançada a obra, é divulgado em anúncio no jornal *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro). *Colonialismo, Anticolonialismo e Autodeterminação*, de Henrique Galvão, outro folheto, vem a público no mesmo ano de 1961, dando continuidade à crítica antifascista e a denúncia ao colonialismo português. Volume cinco da “Coleção Cidadão do Mundo”, com apresentação do General Humberto Delgado<sup>282</sup>, o folheto conta 39 páginas. Em sua capa, as cores da bandeira portuguesa e uma fotografia do oficial do exército português que ficou conhecido por ter organizado e comandado, em 1961, o assalto ao paquete Santa Maria, numa tentativa de provocar uma crise política contra o regime de Salazar. Por ocasião do lançamento da obra, o jornal *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro) recebe Henrique Galvão em sua sede, onde o autor autografa livros para companheiros. O jornal publica uma nota, acompanhada de uma fotografia de Galvão, anunciando a nova publicação da Germinal. O editor Roberto das Neves escreve uma Nota de Apresentação ao folheto, com o título “Algumas palavras em nome da Editora”, sobre o colonialismo português e o fascismo salazarista. Assim, Roberto das Neves realiza com as publicações uma espécie de tribuna pública de debate, dando vazão as reflexões sobre os temas escolhidos e presentes nas edições, dando a conhecer os autores e militantes oposicionistas e antifascistas que questionam e enfrentam o salazarismo, como é o caso de Henrique Galvão. Sobre Galvão, com a palavra, o Editor, alargando as credenciais políticas e intelectuais do Autor, junto ao público leitor brasileiro:

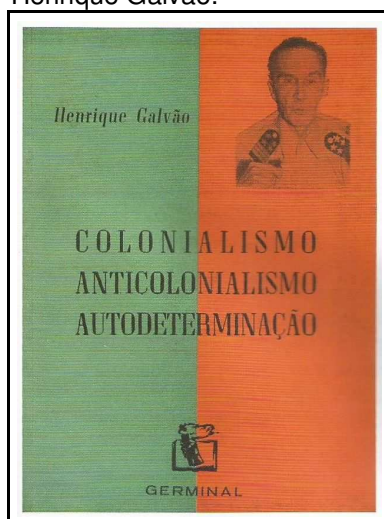
<sup>282</sup> **Humberto da Silva Delgado** (Torres Novas, Portugal, 1906 – Olivença, Espanha, 1965). Militar português da Força Aérea que participou na oposição antissalazarista. Exilou-se no Brasil nos anos 1950. Foi assassinado por agentes da PIDE em 13 de fevereiro de 1965, juntamente com sua secretária Arajaryr Campos. Ver: SERTÓRIO, Manuel. **Humberto Delgado, Setenta Cartas Inéditas**. Lisboa: Publicações Alfa, 1990; MADEIRA, João. O caso Humberto Delgado. *História*, Lisboa, ano XXIV, n. 47, p. 72-75, 2002.

Em prosseguimento do debate sôbre o problema das colônias portuguesas (debate que o ditador Salazar não permite em Portugal), iniciado com o caderno anterior (“A Hediondez Colonialista em Portugal”, por Thomaz Ribeiro Colaço), publicamos hoje “Colonialismo – Anticolonialismo – Autodeterminação”, por Henrique Galvão.

O autor do presente trabalho dispensa apresentação, pois é demasiado conhecido, em todo o mundo, pelas suas variadíssimas obras de historiador, romancista, dramaturgo, naturalista, e, agora, também, como comandante da famosa “Operação Dulcinéia”, recentemente empreendida contra os regimes totalitários, sobreviventes em Portugal e Espanha, por meio da epopéia do transatlântico “Santa Maria”, depois “Santa Liberdade”, contra o qual os dois ditadores, espanhol e português, acumpliciados como dois bandidos, enviaram os navios piratas “Canárias” e “Pero Escobar” (“Piratas”, porque roubados por Franco e Salazar, aos seus legítimos donos, os povos ibéricos).

Limitar-nos-emos, pois, a-fim-de, pôr em relêvo as credenciais do autor para pronunciar-se acêrca do magno problema em debate, a recordar que Henrique Galvão foi, além de fundador e diretor da Emissora Nacional de Lisboa, o organizador das Exposições O Mundo Português e Colonial Portuguesa (respectivamente em Lisboa e Pôrto, em 1934-35), governador colonial em Angola, deputado pela mesma Colônia à Assembléia Nacional, inspetor superior do Ultramar, explorador de terras desconhecidas em Angola e Moçambique e viajante e caçador em todos os domínios coloniais portugueses, a cujos aspectos e problemas étnicos, econômicos e naturalísticos dedicou notáveis estudos em vários de seus livros.<sup>283</sup>

Figura 39 – Capa do livro *Colonialismo, Anticolonialismo e Autodeterminação*, de Henrique Galvão.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE).

<sup>283</sup> NEVES, Roberto das. Algumas palavras em nome da Editora. In: GALVÃO, Henrique. **Colonialismo, Anticolonialismo e Autodeterminação**. Rio de Janeiro: Editora Gerninal, 1961, p. 05.

Figura 40 – Nota anunciando publicação de *Colonialismo, Anticolonialismo e Autodeterminação*.



Fonte: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1961, p. 07. Arquivo Biblioteca Nacional Digital Brasileira (BN), Rio de Janeiro.

Apresentar um perfil biográfico do autor é um recurso editorial corrente de que lança mão Roberto das Neves na *Germinal*. Contudo, em suas notas de Apresentação, não enaltece os autores à maneira laudatória; ao contrário, realiza um esforço de destacar fatos de relevo para se conhecer o autor e sua trajetória e assim situar o leitor diante da obra. Para o caso de Henrique Galvão, Neves apresenta seu perfil biográfico para dar a conhecer como e por quais razões ele havia perdido “a fé na política do Estado Novo (do qual fôra fundador e um dos mais aguerridos defensores)”, passando para o lado oposicionista e crítico do regime salazarista. Para o Editor, as razões da adesão de Galvão aos “arraiais da oposição” se baseavam no conhecimento que havia tomado acerca da sanha colonialista portuguesa na África, caracterizado como um regime em que se praticavam “*numerosos crimes de peculato, escravatura e genocídio contra as indefesas populações indígenas por alguns dos mais íntimos colaboradores de Salazar*”:

Tendo, no exercício dos seus cargos, tomado conhecimento de numerosos crimes de peculato, escravatura e genocídio, praticados contra as indefesas populações indígenas, por alguns dos mais íntimos colaboradores de Salazar, hoje detentores de miliumanoitescas fortunas, amontoadas à custa da miséria do negro, denunciou-os, como deputado, à Assembléia Nacional, em Lisboa, em memoráveis campanhas, nos anos de 1947 e 1948, e, depois, em relatório publicado em Londres, por não permitir a censura da

PIDE fazê-lo em Portugal. O resultado destas campanhas, ao contrário do que seria de supor (a prisão e a condenação dos denunciadores daqueles crimes) foi a cassação do mandato de deputado do denunciante, obtida pelos marechais do Estado Novo, beneficiários dos denunciadores crimes.

Perdida a fé na política do Estado Novo (do qual fôra fundador e um dos mais aguerridos defensores), em consequência da proteção dispensada por Salazar aos que amassam as suas fortunas com o suor e sangue dos negros, passou-se Henrique Galvão, definitivamente, em 1949, para os arraiais da oposição à ditadura.<sup>284</sup>

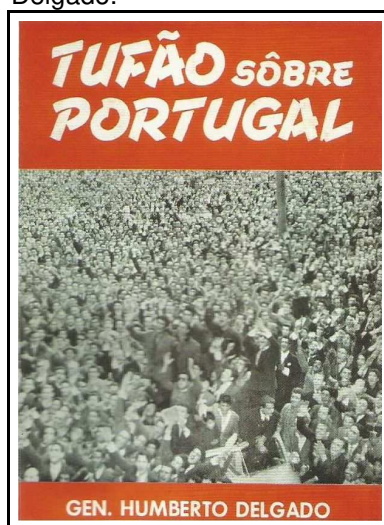
Na mesma linha das publicações antifascistas e antissalazaristas, o editor publica o livro *Tufão Sobre Portugal*, do General Humberto Delgado, militar português opositor da ditadura salazarista que viveu exilado no Brasil ao final dos anos 1950. Vindo a público em 1962, o volume quatro da série “Documentos para a História” conta com 152 páginas. Sobre a pluralidade de autores e matrizes de pensamento nas publicações da Germinal, incluso militares, Allyson Viana ao examinar o conjunto das publicações da Germinal dispostas ao combate ao salazarismo e à ditadura portuguesa, assinala “*o caráter democrático com que [a Germinal] abre suas portas a personalidades e correntes distintas (e não raro opostas) da oposição exilada no Brasil*”. E acrescenta com acerto:

Das reedições do velho republicano anticlerical Tomaz da Fonseca; a florescente obra de pesquisa social de Edgar Rodrigues; a crítica à política colonialista de Portugal esgrimida pelo monarquista Colaço; e militares que, em momentos diversos, voltaram-se contra Salazar – como Oliveira Pio, Queiroga, Delgado e Galvão – as publicações da editora de Roberto da Neves foram franqueadas aos vários setores da oposição portuguesa. O antissalazarismo foi a condição basilar.<sup>285</sup>

<sup>284</sup> NEVES, Roberto das. Algumas palavras em nome da Editora. In: GALVÃO, Henrique. **Colonialismo, Anticolonialismo e Autodeterminação**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1961, p. 05.

<sup>285</sup> VIANA, Allyson Bruno. **Anarquismo em Papel e Tinta**: Imprensa, Edição e Cultura Libertária (1945-1968). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014, p. 328.

Figura 41 – Capa do livro *Tufão Sobre Portugal*, de Humberto Delgado.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE).

O anarquismo, como já afirmado, é uma vertente cultivada no Catálogo da Germinal. Nesse campo temático, constam títulos que tratam do anarquismo, em suas variadas tendências, escritos de anarquistas sobre temas específicos e ainda livros sobre temas afins ao pensamento libertário, como o cooperativismo abordado por Pedro Ferreira da Silva, no livro *Cooperativa sem Lucros (Uma experiência anarquista na sociedade capitalista)*, publicado pela Germinal no ano de 1958, no formato 18,5 x 14 cm. Este livro reúne escritos sobre cooperativismo publicados pelo autor no jornal *Ação Direta* (Rio de Janeiro). O convívio intelectual entre Pedro Ferreira da Silva e Roberto das Neves provém desde a participação no jornal *Ação Direta*. Em Portugal, Pedro Ferreira participou ativamente do grupo redator do semanário *A Comuna*, editado na cidade do Porto. “*Convém mencionar que é o mesmo periódico do qual participava o militante anarquista português Roberto das Neves, antes de sua vinda para o Brasil no início dos anos 1940*”, como alude Cláudia Tolentino, o que pode sugerir que se conheceram naquele período.<sup>286</sup> No Prefácio, intitulado “Da Anarquia como a mais alta expressão da ordem, e dos caminhos para alcançá-la”, o Editor Roberto das Neves apresenta o autor – “*velho militante anarco-sindicalista, jornalista e escritor*” –, ressaltando seus escritos anteriores:

<sup>286</sup> FELIPE, Cláudia Tolentino Gonçalves. A cooperativa sem lucros de Pedro Ferreira da Silva. **Em Tempo de Histórias**, Brasília, n. 33, p. 295-300, 2018, p. 296.



em 1932 se estreara com um folheto de crítica sociológica do maior interesse, “Colônias de Férias”, e em 1945 nos dera o seu primeiro livro, “Eu Creio na Humanidade!”, (Coletânea de crônicas leves na forma, porém de grande profundidade conceptual, verdadeiro hino às imensas possibilidades do ser humano para construir o Paraíso na Terra), consagrou-se, definitivamente, em 1953, como crítico social e economista, com novo trabalho, “Três enganos sociais: férias, previdência e lucros”.<sup>287</sup>

O *Ação Direta* publica na coluna *Estante Libertária*, em setembro de 1958, um texto à maneira de Resenha comentada sobre o livro *Cooperativa sem lucros*. Segundo os editores da Entremares (2017), a nota de Apresentação do livro é provavelmente escrita por Ideal Perez, onde assim aprecia o livro:

Como os leitores poderão verificar, trata-se de um trabalho sério, honesto e profundo nos objetivos, complemento lógico dos esforços anteriormente realizados pelo autor no sentido de denunciar os mitos, sangrentos e ladravazes, da política e do Capitalismo. Alguns leitores, não libertos da superstição da Autoridade, encarnada no Estado, no qual veem o paizinho bondoso, providencial, todo-poderoso e tutelar, sem o qual nada existiria no mundo, sentir-se-ão talvez chocados com o subtítulo da obra: “Uma experiência anarquista dentro da sociedade estado-capitalista”.<sup>288</sup>

Roberto das Neves em seu escrito “Da Anarquia como a mais alta expressão da ordem, e dos caminhos para alcançá-la”, sobre a obra ora editada pela Germinal assim aprecia o livro:

Como corolário à crítica impiedosa, que nos seus livros anteriores nos fizera, da atividade dos dois monstros, o Estado e seu irmão gêmeo, o Capitalismo (quer o privado, dos chamados países capitalistas, quer o de estado, da Rússia, falsamente chamado “comunismo”), Ferreira da Silva aponta agora, em seu novo livro, “Cooperativa sem lucros (Uma experiência anarquista na sociedade estatal-capitalista)”, uma base e um método novos para a reconstrução do mundo. Tendo estudado o fracasso do Estado como administrador e como patrão (os serviços estatais são em tôda a parte os mais deficientes) e reconhecido como, nos países de maior concentração da autoridade (Rússia, Portugal e Espanha), se verificam o mais baixo nível de vida e a maior incapacidade de crítica e iniciativa (embotadas ambas pelo dirigismo oficial, estatista, acaparador e absorvente), o Autor volta-se para o sistema cooperativo, reivindicando-o na sua pureza primitiva, isto é, libertando-o da ganga do comercialismo e da submissão às normas burocráticas, autoritárias, oficiais, com que o Estado e o Capitalismo têm pretendido esterilizar um movimento e um sistema de convivência de tão profundas raízes populares e libertárias. Como os leitores verificarão, trata-se de um trabalho sério, honesto e profundo nos objetivos, complemento lógico dos esforços anteriormente

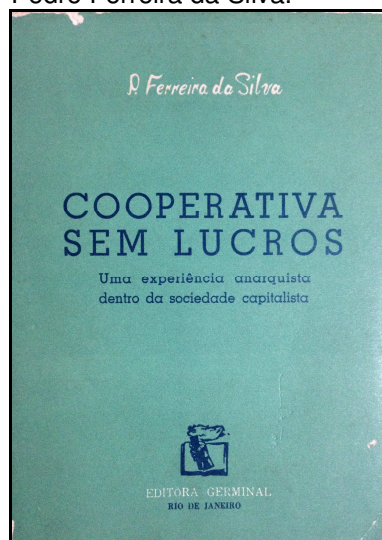
---

<sup>287</sup> NEVES, Roberto das. Da Anarquia como a mais alta expressão da ordem, e dos caminhos para alcançá-la. In: SILVA, Pedro Ferreira da. **Cooperativa sem Lucros**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1958, p. 03.

<sup>288</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 129, setembro de 1958, p. 02.

realizados pelo autor no sentido de denunciar os mitos sangrentos e ladravazes da política e do Capitalismo.<sup>289</sup>

Figura 42 – Capa do livro *Cooperativa sem Lucros*, de Pedro Ferreira da Silva.



Fonte: Arquivo Plebeu Gabinete de Leitura (PGL), Fortaleza.

Pedro Ferreira da Silva nasce em Portugal e quando da ditadura, exilou-se na França em 1926 e depois segue ao Brasil. Além destas obras, se destacou na literatura e poesia, e publicou ainda *Prendas de Portugal*, em 1956, pela editora Pongetti, *As Voltas que o Linho dá*, em 1961, pela editora Campestre, *Ícaros Novos*, em 1964, pela Editora Germinal<sup>290</sup> e *Aquilo que a gente sente*, em 1973, pela editora Pongetti. A Editora Entremares reeditou em 2017 o livro *Cooperativa sem lucros*. Por que reeditar este livro no contexto atual? Perguntam os citados Editores, sublinhando que Pedro Ferreira da Silva “*indica que o sistema cooperativo anarquista ultrapassa a versão simplista de uma forma econômica reformista e ganha ares de fenômeno social total*”. E recorrem às palavras de Pedro Ferreira da Silva:

O efeito da cooperativa é econômico, se permite obter-se gêneros ou artigos por preços mais baixos; é educativo, porque ensina melhores

<sup>289</sup> NEVES, Roberto das. Da Anarquia, como a mais alta expressão da ordem, e dos caminhos para alcançá-la. In: SILVA, Pedro Ferreira da. **Cooperativa sem Lucros**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1958, p. 04.

<sup>290</sup> Sobre o livro *Icaros Novos*, não o encontramos nas fontes de época da Germinal e a informação aqui referida consta do material de divulgação da Editora Entremares para o lançamento de *Cooperativa sem lucros: uma experiência anarquista dentro da sociedade capitalista*, em 2017, conforme disponível em: <https://entremares.noblogs.org/colecoes/zenite/cooperativa-sem-lucros/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

normas de respeito ao interesse coletivo, destruindo raivas e ódios sempre em ebulição na disputa do dinheiro, na guerra dos preços, na concorrência de interesses egoístas; é moral, quando infunde no indivíduo o respeito pelo semelhante, impedindo ao mesmo tempo aquela sofreguidão do roubo que lateja em todo o comerciante, em todo o homem que mercadeja com gêneros ou dinheiro; é social, dando motivo a cultivarem-se relações, trocaram-se ideias ou projetos de aperfeiçoamento comum, no exercício de atividades coletivas, como são as da indústria cooperativa; é profissional, enfim, no terreno das cooperativas de produção, seja nas pequenas ou nas grandes indústrias, pois o operário, sabendo-se livre do arbítrio patronal, considerará a sua tarefa sob um ângulo diferente e todo o seu interesse estará mais na perfeição técnica do que no volume de trabalho determinante do seu salário.<sup>291</sup>

Na sequência das publicações da *Germinal* é dado à estampa em 1962 *O Novo Israel*, no formato 19 x 14 cm, da autoria de Agustín Souchy Bauer, ex-secretário geral da Associação Internacional dos Trabalhadores (IWA-AIT), jornalista, escritor e anarquista alemão. O livro versa sobre as colônias agrícolas de Israel e a experiência dos *kibutz*, considerados comunidades coletivistas libertárias à época.

Figura 43 – Capa do livro *O Novo Israel*, de Agustín Souchy.

Figura 44 – Anúncio de *O Novo Israel*.



Fonte: Arquivo Plebeu Gabinete de Leitura (PGL), Fortaleza; *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1962, p. 05. Arquivo Biblioteca Nacional Digital Brasileira (BN), Rio de Janeiro.

O livro conta com a tradução de Maria Jerusa Díaz y Saiz, companheira de Roberto das Neves. A capa do livro é ilustrada com vários casais de jovens trajando roupas típicas, dançando ao som de um acordeão, em torno de um candelabro judaico. O livro conta com “Glossário”, “Prefácio da 1ª Edição” e

<sup>291</sup> SILVA, Pedro Ferreira da. **Cooperativa sem lucros**: uma experiência anarquista dentro da sociedade capitalista. São Paulo: Editora Entremares, 2017.

“Prefácio para a edição brasileira”. A obra traz uma orelha escrita por Agustín Souchy e conta com uma introdução escrita por Roberto das Neves, com título “Israel – Uma lição para o mundo”. Discutindo o livro de Souchy e a experiência dos *kibutzim*, Roberto das Neves destaca que em Israel acontece “*uma profunda revolução*” e alude aos desvios dos processos revolucionários na Rússia e em Cuba:

(...) conforme adverte Souchy, enquanto na Rússia e em Cuba a revolução se desviou da verdadeira finalidade, que é a da implantação de uma sociedade baseada nos três luminosos e eternos princípios, de liberdade, igualdade e fraternidade, assegurando ao indivíduo, célula mãe da sociedade e única realidade, o respeito que ele merece e as condições de liberdade indispensáveis ao seu pleno desenvolvimento; enquanto a Rússia, por meio da manutenção, há 45 anos, de uma severa e sangrenta ditadura, sedizente do proletariado, mas que não passa de uma ditadura exercida por uma minoria, a burocracia do partido falsamente chamado comunista, sobre ou contra o proletariado, que é a maioria, ao qual se não reconhece a liberdade de imprensa, de greve, de associação, de eleições, de trabalho, etc.; enquanto isto sucede, em Israel, uma profunda revolução, desencadeada pelos escritos dos grandes e modernos enciclopedistas atrás citados, e encontrando condições particulares de favorabilidade nas tradições judaicas, especialmente dos sefarditas, que na Península Ibérica deixaram hábitos de cooperação livre e espontânea, ergue os fundamentos da sociedade ideal, a dos grandes utopistas de todos os tempos, instaurando normas de convivência humana baseadas na liberdade e no respeito pelo amplo desenvolvimento individual.<sup>292</sup>

O texto é vazado na perspectiva anarquista com pendor individualista do Editor, que ressalta, mais de uma vez, na crítica de Souchy, a particularidade do respeito ao indivíduo e seu amplo desenvolvimento, ou do indivíduo como sendo a “*célula mãe*” da sociedade, exemplificado na experiência israelense. O repertório de leituras, os livros editados e as preferências de autores do editor Roberto das Neves apontam neste sentido, de que seu anarquismo, ou seja, suas escolhas particulares no campo de “tendências” do anarquismo, sejam uma mescla entre comunismo e individualismo, com especial acento no segundo. Se, de um lado, ele participou de experiências que o colocam do lado de um anarquismo de viés comunista, como é o caso da Revolução Espanhola e outras experiências no Portugal dos anos 1920 e 1930, de outro lado, Neves aponta no indivíduo a razão de ser de um projeto de transformação social coletiva e revolucionária.

No campo de um anarquismo de tendência coletivista, como no livro anterior de Agustín Souchy, a Editora Germinal publica no ano de 1968 o livro *O*

---

<sup>292</sup> NEVES, Roberto das. Israel – Uma lição para o mundo. In: SOUCHY, Agustín. **O Novo Israel**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1962, p. 07.

*Anarquismo. Da doutrina a ação*, de Daniel Guérin<sup>293</sup>, no formato 20 x 13,5 cm. Guérin foi um escritor, teórico e militante anarquista de origem francesa. No contexto dos anos 1930, posiciona-se ao lado da *Confederación Nacional del Trabajo* (CNT) durante a Revolução Espanhola. Tornou-se conhecido por seus escritos e sua militância antifascista, anticolonialista e em defesa da liberação gay. O livro conta com uma Introdução escrita por Pietro Ferrua, um dos fundadores do *Centre International de Recherches sur l'Anarchisme* (CIRA), em 1957; posteriormente, cria uma seção do Centro no Brasil e foi um dos membros do Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO) no Rio de Janeiro.<sup>294</sup> A “orelha” do livro é escrita por Roberto das Neves e o Prefácio é do próprio Autor. Apoiando-se na opinião de pensadores como Bertrand Russell, Jean-Paul Sartre e Edgar Morin, e também de acordo com o relato de Daniel Cohn-Bendit, que vivenciaram os acontecimentos do Maio de 68, o editor Roberto das Neves ressalta a repercussão do livro de Daniel Guérin e sua forte influência entre a juventude rebelde do Maio francês de 1968, assim como “*na rebelião da juventude estudantil e operária, que se está propagando pelo mundo*”, fato que Neves pôde verificar em viagem pela Europa, como afirma em seu texto:

“O Anarquismo (Da Doutrina à ação)”, do sociólogo francês Daniel Guérin, originalmente editado, em 1965, pela “Gallimard” de Paris, e já traduzido em inglês, alemão, espanhol e esperanto, é uma das obras de maior repercussão mundial dos últimos tempos. A sua influência na rebelião da juventude estudantil e operária, que se está propagando por todo o mundo, é, conforme o reconheceram Bertrand Russell, Jean Paul Sartre e Edgar Morin, mais profunda que a atribuída aos livros do pensador alemão Herbert Marcuse.

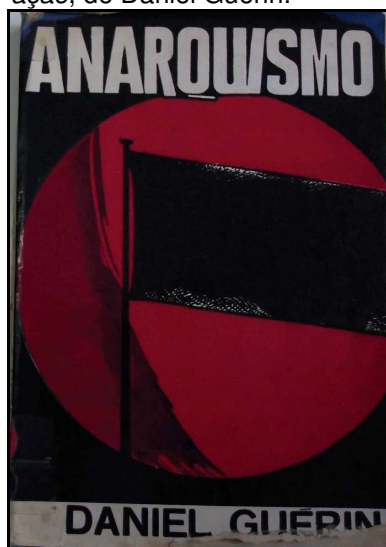
Pude verificá-lo no recente inquérito que, procurando estudar a gênese e as tendências de tal movimento, levei recentemente a cabo, através da Europa, entre os jovens rebelados das escolas e das oficinas, principalmente na Checo-Eslováquia, Hungria, Alemanha, França, Inglaterra, Holanda, Espanha, Itália, Iugoslávia e Rússia, onde, assim como na América do Norte, na Argentina, no Uruguai, no México e no Japão, a insatisfação da juventude está abalando a estrutura da atual sociedade estatal-capitalista. Posso afirmar que raramente encontrei um jovem que houvesse lido Marcuse, mas a cada passo via nas mãos dos jovens “L'Anarchisme” de Daniel Guérin, calorosamente discutido nos centros escolares e sindicais. Daniel Cohn-Bendit, figura central da comuna

<sup>293</sup> **Daniel Guérin** (Paris, 1904 – Suresnes, 1988). Sobre Guérin, ver: UEHARA, Luíza. Daniel Guérin, um militante. **Ecopolítica**, n. 20, p. 116-123, 2018. Ver também a página: <https://www.danielguerin.info/tiki-index.php>. De sua autoria, recentemente foi editado, em língua inglesa, o livro: GUÉRIN, Daniel. **For a libertarian communism**. Oakland: PM Press, 2017.

<sup>294</sup> Sobre Pietro Ferrua, ver entrevista concedida a Antônio Cândido Franco: Pietro Ferrua: Anarquismo e Surrealismo. **Agulha**, Fortaleza, n. 138, 2019. Disponível em: <http://arcagulharevistadecultura.blogspot.com/2019/07/antonio-candido-franco-pietro-ferrua.html>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

estudantil de Paris, confessou-me ser amigo e discípulo de Daniel Guérin e que o movimento dos jovens estudantes e operários franceses encontrara neste livro a sua inspiração.<sup>295</sup>

Figura 45 – Capa do livro *O Anarquismo. Da doutrina à ação*, de Daniel Guérin.



Fonte: Arquivo Plebeu Gabinete de Leitura (PGL), Fortaleza.

Maio de 68 foi como ficou conhecido o movimento ocorrido na França em 1968, envolvendo estudantes e trabalhadores em protestos, manifestações de rua, confrontos com a polícia e greves. Começa com um protesto estudantil na Universidade de Nanterre, contra a divisão dos dormitórios entre homens e mulheres. O protesto influencia mais estudantes e grupos políticos, desdobrando-se em uma série de greves estudantis, que se alastram em universidades e escolas secundárias. O movimento se amplia em suas reivindicações, passando a questionar o conservadorismo da sociedade francesa, o autoritarismo, as condições educacionais, a guerra do Vietnã, e, inclusive, exigir a renúncia do presidente Charles de Gaulle, reivindicando a convocação de eleições gerais. O clima de conflito se acirra em Paris e ocorrem confrontos de rua entre estudantes e a polícia. Os manifestantes usam carros como barricadas para se proteger da repressão, revidando os ataques da polícia com pedras e coquetéis molotov.

No contexto de instabilidade política, os trabalhadores aderem ao movimento e convocam uma greve geral, a 18 de maio, que mobiliza

<sup>295</sup> NEVES, Roberto das. *In*: GUÉRIN, Daniel. **O Anarquismo. Da doutrina à ação**. Rio de Janeiro: Editora Gerninal, 1968, orelha do livro.

aproximadamente milhares de operários em torno de melhores condições de vida e trabalho. Diante da pressão, o presidente fica isolado, acaba cedendo e concede aos trabalhadores algumas de suas reivindicações, particularmente relativas ao aumento de salários e à diminuição do horário semanal de trabalho. Também são convocadas eleições legislativas, que foram vencidas por aliados do presidente. O maio de 68 permanece como marco da luta libertária da juventude contra o conservadorismo, militarismo, autoritarismo, pela liberdade sexual e ampliação dos direitos civis.<sup>296</sup>

Sobre o estudo de Daniel Guérin, Roberto das Neves ressalta sua “clareza e objetividade”, sobre as principais revoluções dos últimos cem anos, concluindo que o princípio central das transformações revolucionárias é a ocupação e a autogestão, ensaiadas nos “métodos clássicos da ação direta” pelos jovens no período, razão pela qual a obra teria tanta acolhida entre a juventude:

Daniel Guérin que, como Sartre e Morin, antes da conversão ao anarquismo, militou ativamente e por muitos anos, nos arraiais marxistas, analisa, nesta obra magistral, com a maior clareza e objetividade, as principais revoluções dos últimos cem anos (a da Comuna de Paris, a russa, a italiana, a húngara, a “espartaquista” da Alemanha, a espanhola, a iugoslava, a chinesa e a cubana), chegando à conclusão de que o princípio piloto de todos os movimentos verdadeiramente populares e emancipadores é o princípio, eminentemente anárquico, da ocupação e da autogestão dos meios de produção, isto é, dos campos, minas e fábricas, pelos trabalhadores. [...]

Ora, é precisamente este princípio, reivindicado na presente obra, como fulcro doutrinário do anarquismo, que a juventude, decepcionada pela ação esterilizante, liberticida e anti-revolucionária dos partidos comunistas, está tomando em todo o mundo, ao ocupar as fábricas e os centros de estudo, e ensaiar, pelos métodos clássicos da ação direta, preconizada pelos anarquistas, a autogestão, eliminadora de parasitas e ineptos.<sup>297</sup>

A militância de Guérin, iniciada nos anos 1930 nas fileiras marxistas, e anos depois aproximando-se ao anarquismo, tendo sido de impacto a recepção da obra de Bakunin, de sua leitura nos idos de 1950. Daniel Guérin está entre os

---

<sup>296</sup> Sobre o Maio de 68 em uma perspectiva libertária, dentre outros ver: FERREIRA, José Maria Carvalho. Anarquia e maio de 1968 na França. **Verve**, São Paulo, n. 33, p. 15-45, 2018; VVAA. **Maio de 68: os anarquistas e a revolta da juventude**. São Paulo: Editora Imaginário, 2008. Algumas obras escritas à época, que influenciaram os acontecimentos são: VANEIGEM, Raoul. **A Arte de Viver para a Geração Nova**. Lisboa: Letra Livre, 2014; DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997; MARCUSE, Herbert. **O Homem Unidimensional. Sobre a Ideologia da Sociedade Industrial Avançada**. Lisboa: Letra Livre, 2011; CASTORIADIS, Cornelius; LEFORT, Claude; MORIN, Edgar. **Maio de 68: A Brecha**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018; COHN-BENDIT, Daniel *et al.* **A Revolta Estudantil**. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1968.

<sup>297</sup> NEVES, Roberto das. *In*: GUÉRIN, Daniel. **O Anarquismo. Da doutrina à ação**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1968, orelha do livro.

militantes libertários (também referido como “marxista libertário”, “comunista libertário” e “conselhistas”) que se dedica a escrever sobre o anarquismo, contra o autoritarismo e sobre a utopia de um mundo autogestionário. É o que faz em seu livro editado pela Editora Germinal, em que analisa experiências revolucionárias dos últimos cem anos, o que é ressaltado por Roberto das Neves no texto em que avalia a obra. Além do livro já mencionado, Guérin escreve sobre o comunismo, o anarquismo e o socialismo em outras obras, tendo entre seus livros publicados *No Gods No Masters: An Anthology of Anarchism* e *For a libertarian communism* (este uma coletânea de artigos escritos entre 1950 e 1980)<sup>298</sup>, tomando inspiração nos escritos de Max Stirner e Bakunin, entre outros autores. Sobre suas fontes de reflexão e notável contribuição ao pensamento crítico, Luíza Uehara afirma:

Guérin nunca disfarçou que as obras de Marx foram preponderantes em sua vida. Mas, desvencilhou-se do leninismo e do stalinismo. Segundo ele, para repensar a revolução e evitar os totalitarismos, é preciso retomar a crítica anarquista e as experiências libertárias, como a Comuna de Paris e a Revolução Espanhola, é preciso aproximar os primos brigados, como referia-se aos anarquistas e marxistas, e resolver suas diferenças.<sup>299</sup>

Assim, seus trabalhos transitam entre o anarquismo e o marxismo, buscando nas experiências históricas fagulhas de reflexão frente aos dilemas do seu tempo e prefigurando novos tempos em revolução. Buscando conectivos nas fontes do anarquismo e em autores no campo do marxismo, como Rosa Luxemburgo, Guérin opera em seus escritos uma revisão das experiências socialistas e outras experiências revolucionárias ocorridas ao longo da história, no sentido de refletir e atualizar o socialismo, o comunismo libertário, a revolução social e a utopia. A Revolução Francesa, a Comuna de Paris e a Revolução Espanhola, assim como o Maio de 68, entre outras experiências, constituem a base histórica para a formulação de sua crítica libertária. Seus escritos revelam a busca de uma aproximação entre anarquismo e marxismo, no sentido de renovar o pensamento marxista e aproximar as principais tendências anarquistas, comunista, coletivista e individualista.

Michael Löwy e Olivier Besancenot, em *Afinidades Revolucionárias*, no terceiro capítulo “Alguns pensadores marxistas libertários”<sup>300</sup>, examinam os pontos

<sup>298</sup> GUÉRIN, Daniel. **No Gods No Masters: An Anthology of Anarchism**. Chico, CA: AK Press, 2006; GUÉRIN, Daniel. **For a libertarian communism**. Oakland: PM Press, 2017.

<sup>299</sup> UEHARA, Luíza. Daniel Guérin, um militante. **Ecopolítica**, n. 20, p. 116-123, 2018, p. 116.

<sup>300</sup> LÖWY, Michael; BESANCENOT, Olivier. **Afinidades Revolucionárias: Nossas estrelas Vermelhas e Negras**. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários. São Paulo: Editora UNESP, 2016. Ver também: LÖWY, Michael. Por um marxismo crítico. **Lutas sociais**, São Paulo, n. 03, 1997. Para uma



de “*confluência vermelha e negra*” na obra e trajetória de Walter Benjamin, André Breton e Daniel Guérin, apresentado como uma das principais figuras que, como reação à cisão definitiva entre marxistas e anarquistas após a Revolução de 1917, apresenta disposição ao reencontro das duas extrações revolucionárias. Em algumas de suas obras, o anarquista francês irá buscar os pontos de reconciliação possível entre pensamento e ação libertários e marxistas. Considerado ato de absoluta atualidade por Besancenot e Löwy, Guérin postulou a necessidade de que o marxismo tomasse “*um banho de anarquismo*”, do qual sairia certamente regenerado.<sup>301</sup>

Na perspectiva de um anarquismo de tendência individualista, a Editora Germinal traz ao público o livro *Nova Ética Sexual*, em 1960. A obra é do anarquista individualista francês Émile Armand, pseudônimo de Ernest-Lucien Juin, escritor, jornalista e editor, entre outros periódicos, das revistas *L'en Dehors* e *L'Unique*, e um dos autores da predileção de Roberto das Neves. A obra discute o tema do amor livre, realizando uma crítica aos costumes e aos valores estabelecidos. A edição da Germinal traz em sua capa uma mulher desnuda, e, em folha à parte, um desenho de Emile Armand. O livro conta com tradução e Introdução de Roberto das Neves, intitulada “E. Armand – A vida extraordinária de um grande pensador ou o drama da dupla conversão dum gênio: do mais ativo cristianismo ao mais extremo paganismo e do mais puro comunismo ao individualismo anarquista”. A “orelha”, escrita pelo Editor, apresenta o autor, uma síntese da obra e dos conceitos trabalhados por Armand, apontando entre outras, sua tese da “*camaradagem amorosa*”:

Divergindo da maioria dos sociólogos e revolucionários das correntes socialistas, tanto pela base econômica das doutrinas, assente naquilo a que êle chama uma abstração, a “soberania do Povo”, como por aquilo que êle designa por “Messianismo laico” ou “sociedade-futurismo”, consistente em transferir para amanhã, para um futuro nebuloso, o do post-Revolução, a solução dos mais instantes problemas humanos, E. Armand opõe-lhes o seu anarquismo individualista, “presenteísta” e “científico”, que tem por base a “soberania do Indivíduo”, a experimentação nas colônias libertárias, “meios livres”, grupos cooperativas de camaradaria amorosa, famílias de eleição,

---

crítica, ver: BERTHIER, René. **Affinités non électives**: a propos du livre d'Olivier Besancenot et Michael Löwy. Pour un dialogue sans langue de bois entre libertaires et marxistes. Paris: Éditions Libertaires, 2015.

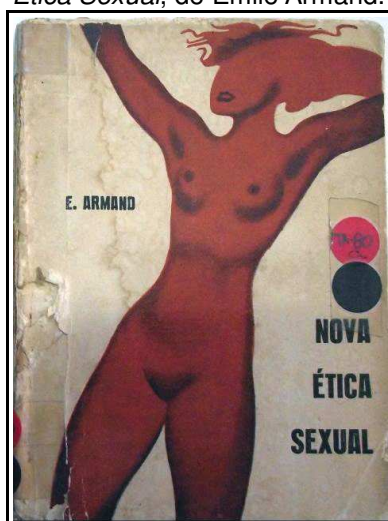
<sup>301</sup> LACERDA, Felipe Castilho de. **Por uma solidariedade entre marxistas e libertários. Por um marxismo libertário? Possibilidades e obstáculos do diálogo entre marxismo e anarquismo.** Artigo disponível em: <https://www.nieparx.blog.br/MManteriores/MM2017/anais2017/MC38/mc384.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

etc., instituições por meio das quais realiza, hoje e diàriamente, as suas utopias, provando praticamente a sua factibilidade.

De todos os problemas o que o apaixonou sempre foi o sexual, com os sangrentos frutos do ciúme. Como solução, propõe e defende, há mais de 50 anos, a sua tese da “camaradagem amorosa”, opondo à monogamia e à monoandria o “pluralismo amoroso”, como o instrumento mais eficiente de luta contra o ciúme de demais formas de arquismo. Êste livro é o mais completo expositor destas teses.

Temos o direito de discordar, aqui e ali [...] das arrojadas teses de Armand, mas é por demais evidente que não podemos deixar de reconhecer que nenhuma mensagem é hoje mais oportuna, em nossos dias de cinzento gregarismo, do que a mensagem individualista dêste filósofo e sociólogo inconformista, que aos 88 anos conserva todo o seu vigor ardente de pagão enamorado da vida e tôda a sua fé no reinado do Homem livre sôbre o Paraíso, que êle localiza não no Além-Túmulo nem no Amanhã, mas Aqui e Hoje, na Terra emancipada.<sup>302</sup>

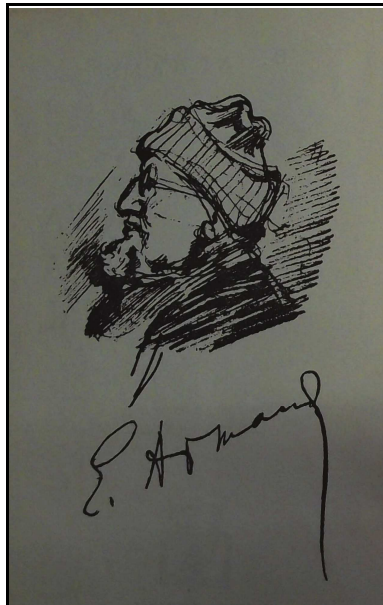
Figura 46 – Capa do livro *Nova Ética Sexual*, de Émile Armand.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE).

<sup>302</sup> NEVES, Roberto das. E. Armand – A vida extraordinária de um grande pensador ou o drama da dupla conversão dum gênio: do mais ativo cristianismo ao mais extreme paganismo e do mais puro comunismo ao individualismo anarquista. In: ARMAND, Émile. **Nova Ética Sexual**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960, orelha do livro.

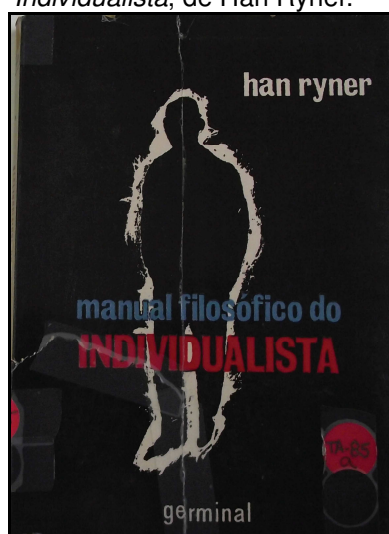
Figura 47 – Desenho em perfil de Émile Armand.



Fonte: Livro *Nova Ética Sexual*, Editora Germinal, 1960.

Também na tendência do individualismo anarquista, sai *Manual Filosófico do Individualista*, de Han Ryner. Originalmente publicado em 1903, o livro é editado pela Germinal no ano de 1966. Como parte (é o de número cinco) da “Coleção Doutrina e Filosofia”, a obra conta com a tradução e Introdução de Roberto das Neves, intitulada “Han Ryner, ‘Príncipe dos Narradores Filosóficos’, ‘Sócrates Moderno’, Filósofo Neo-Estóico do Individualismo de Harmonia”. Constam ao mesmo volume outros textos do autor, a saber: “O diálogo do Super-Homem”, “Os Prostitutos” e “Diálogos de Guerra”.

Figura 48 – Capa do livro *Manual Filosófico do Individualista*, de Han Ryner.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE).

Outras obras da editora Germinál trazem temas afins ao anarquismo ou escritos por militantes anarquistas figurando no campo doutrinário do pensamento libertário. Uma das obras publicadas nesse sentido é *Páginas Cínicas*, que vem a público em 1955. Da autoria de *Filósofo da Selva*, pseudônimo do anarquista e maçom galego Rafael López del Palacio, o livro é uma reunião de cinco folhetos do autor, com o subtítulo *O livro mais cínicos do mundo, depois da Bíblia – impróprio para mulheres, meninos e meninas*. O livro de López del Palacio desenvolve uma crítica à sociedade industrial, defendendo o retorno a uma forma de sociedade primitiva. Sobre a obra, frisa Roberto das Neves, Palacio faz uma exaltação da natureza:

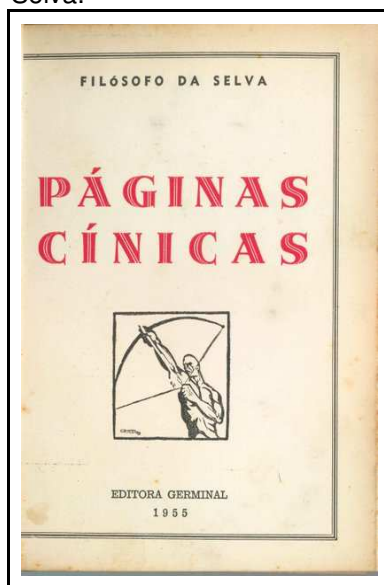
da selva encantada e paradisíaca, onde decorreram os melhores dias da sua existência, traz-nos, a nós, desgraçadas, vorazes e ferozes formigas da cidade, condenadas à maldição do trabalho antinatural e escravizador, que inventamos e mantemos para satisfação de nossos vícios, traz-nos a sua mensagem de libertação.<sup>303</sup>

No mesmo artigo, o Editor destaca as ideias defendidas pelo autor e nos faz antever, como em outros escritos, seu ampliado repertório de leituras, e aqui fazendo menção à Rabellais:

<sup>303</sup> NEVES, Roberto das. O “Filósofo da Selva” e a sua mensagem libertadora. *In*: NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinál, 1979, p. 199.

Sim, a parte alguns exageros e infantilidades, hemos de reconhecer que os cinco folhetos, ora reunidos em livro, constituem uma autêntica mensagem de libertação, das mais verdadeiras, e originais que até hoje se publicaram. É óbvio que não podemos tomar os escritos de *Rafael López* ao pé da letra, como farão leitores apressados, vendo neles o propósito do autor de, ao cabo de milhares de anos, fazer-nos regressar, pura e simplesmente, à selva. Não se anulam, de um só golpe, séculos de falsa cultura, de esforços de adaptação a determinado tipo de existência. O que o autor pretende, se bem lhe captamos o pensamento, por meio das sátiras terríveis e picantes, no estilo do grande maçom e anarquista Rabellais, tantas delas originalíssimas, e das descrições da maior beleza e poesia, como as que nos faz dos encantos e excelências da selva, é advertir-nos dos absurdos, contradições e perigos da vida atual, em que o homem se deixa, sem protesto, esmagar nas engrenagens de uma técnica sem alma e sanguessugar pelas aves de rapina do Estado e do Capitalismo, que para se perpetuarem e continuarem a devorar tranquilamente a sua presa, o homem, inventam diariamente para este, novas necessidades.<sup>304</sup>

Figura 49 – Capa do livro *Páginas Cínicas*, de Filósofo da Selva.



Fonte: Arquivo cedido pelo pesquisador Allyson Bruno Viana (UECE).

Outro livro, que à primeira vista parece destoar dos demais lançados pela Germinal, é *Curso de Literatura*, do professor anarquista José Oiticica. Publicado em livro no ano de 1960, em formato 18 x 13 cm, a obra reúne escritos saídos em fascículos no jornal *Ação Direta* (Rio de Janeiro). Roberto das Neves escreve a “orelha” e o Prefácio ao livro, sugestivamente intitulado “*Biografia deste livro*”. Na apresentação do autor, Neves ressalta a “*elevada categoria intelectual*” de Oiticica, e

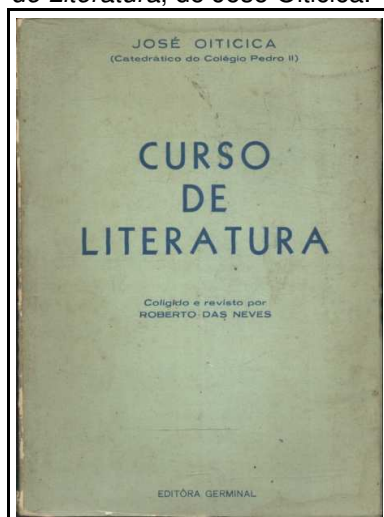
<sup>304</sup> NEVES, Roberto das. O “Filósofo da Selva” e a sua mensagem libertadora. In: NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 199.

seu contributo à história da literatura brasileira, o que motivou a publicação de sua obra:

A elevada categoria intelectual do autor (mestre infatigável de tantas gerações, poeta inconfundível, polemista vigoroso, filólogo eminente, gramático de idéias originais, professor de português na Universidade de Hamburgo, catedrático do Colégio Pedro 2º e da Escola de Teatro da Prefeitura do Rio de Janeiro, batalhador incansável em prol da pureza da língua e do bom-gosto) é sobrado motivo de recomendação deste livro, único em língua portuguesa. [...]

Através do *Curso de Literatura*, destinado a ficar na história da literatura brasileira como uma das melhores contribuições ao ensino e à cultura, continuará o prof. José Oiticica, estamos certo, ainda por muito tempo, vivo entre nós, esparzindo os cabedais da sua profunda erudição, principalmente entre a juventude que êle tão devotamente amou.<sup>305</sup>

Figura 50 – Capa do livro *Curso de Literatura*, de José Oiticica.



Fonte: Arquivo Plebeu Gabinete de Leitura (PGL), Fortaleza.

Prefaciando a obra, o Editor escreve sobre o percurso que seguiu o livro, desde a elaboração do Curso de Literatura pelo professor José Oiticica, a convite de professores e amigos, passando pela publicação em fascículos no jornal *Ação Direta*, até a edição pela Germinal, descortinando os meandros pelos quais passou a obra até sua publicação. José Oiticica ressaltava e se questionava, à época, conversando com um amigo, Almir Peixoto, que aventava a esperança de publicação do *Curso de Literatura*, ao que respondia José Oiticica: “V. ignora que os editôres do Brasil temem comprometer-se, publicando livros dum inimigo da Ordem estabelecida, dum hereje, dum excomungado, dum anarquista, como eu?!” Sobre o

<sup>305</sup> NEVES, Roberto das. Prefácio. “Biografia deste livro”. In: OITICICA, José. **Curso de Literatura**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960, orelha do livro.

intento, concluía Oiticica: “*Repito-lhe, Almir Peixoto: não é fácil encontrar editor para os meus livros!*”. Naquele momento, Roberto das Neves passava, da rua para o elevador, e encontrou os dois a conversar. Vendo-o, Almir Peixoto gritou: “*Está solucionado o problema Oiticica! Já encontramos editor para o seu ‘Curso de Literatura’. O Roberto das Neves vai encarregar-se de publicá-lo em livro pela Editôra Germinal*”, ao que Neves confirma com alegria: “*Com o maior prazer Oiticica, publicaremos o teu novo livro. A Germinal nasceu precisamente para isso: para editar livros aos quais a intolerância política, religiosa ou científica classifica como heréticos!*”.<sup>306</sup> *Curso de Literatura* foi publicado após a morte de José Oiticica, em 1957, fato que motivou o Editor a incluir obituários de amigos e companheiros, em celebração à memória do Autor e companheiro. Escrevem os necrológios Teófilo de Andrade, Manuel Bandeira, Osório Borba, Cândido Jucá Filho e Manuel Peres. Também são publicados na edição “Homenagem do Internato do Colégio Pedro II ao Mestre Insígne” e “Homenagem Póstuma ao Prof. José Oiticica na Academia Brasileira de Letras”. Além do *Curso de Literatura*, Roberto das Neves mobilizou esforços no sentido de publicar pela Editora Germinal, com o apoio de um grupo de amigos, outro livro de José Oiticica, reunindo seus escritos publicados em periódicos e trabalhos esparsos de sua autoria (entretanto, não publicado), como se pode conferir em anúncio divulgado no *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro):

PUBLICAÇÃO EM VOLUME DOS TRABALHOS DE JOSÉ OITICICA

Um grupo de amigos do professor José Oiticica vai publicar em livro, trabalhos esparsos do saudoso escritor. Com êsse intuito, o referido grupo dirigiu apêlo aos amigos e admiradores de José Oiticica, possuidores de inéditos ou trabalhos publicados na imprensa, solicitando o empréstimo dos mesmos, a fim de serem aproveitados. A correspondência a respeito deverá ser endereçada ao prof. Roberto das Neves, ao cuidado da Editôra Germinal, Caixa Postal, agência Postal da Lapa, Rio.<sup>307</sup>

Da autoria de Roberto das Neves, sai outro livro pela *Germinal*. Trata-se do *Entre Colunas*, saído do prelo em 1979. No livro, o autor e editor, compila diversos textos de sua lavra, feitos à maneira de “ensaios sociológicos e filosóficos”, pronunciados como conferências nas lojas maçônicas de que Roberto das Neves participou. Como anota, os ensaios datam de distintas épocas, pronunciados nas seguintes lojas maçônicas: “Labareda”, de Coimbra; “Rebeldia” e “Montanha”, de

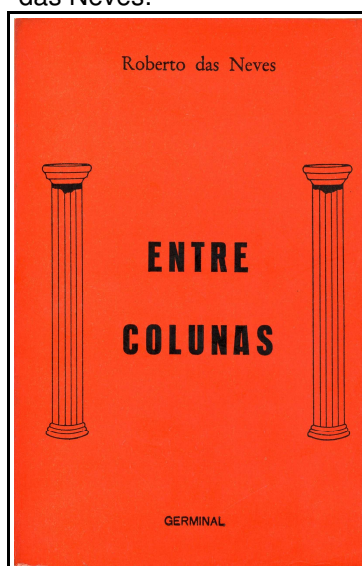
<sup>306</sup> NEVES, Roberto das. Prefácio. “Biografia deste livro”. In: OITICICA, José. **Curso de Literatura**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960, p. 08.

<sup>307</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1962, p. 07.

Lisboa; “Aurora”, do Porto; “República Portuguesa”, de Madri; “Libertad” e “Primeiro de Mayo”, de Barcelona; “Germinal”, “Pátria Humana”, “Maria Lacerda da Moura”, “Lusitânia Livre” e “Prof. José Oiticica”, do Rio de Janeiro; e “Francisco Ferrer y Guardia”, de São Paulo.<sup>308</sup> Neste livro, a capa é ilustrada com duas colunas gregas em fundo laranja e a contracapa em branco com o símbolo da Germinal no centro. A edição traz um desenho com retrato de Roberto das Neves, feito pelo pintor Planas. A obra contempla uma “Bibliografia de Roberto das Neves” dividida entre “originais”, traduções e introduções. Ao final, o livro traz um “Catálogo de livros da Editora Germinal” para venda, junto de outro Catálogo “de obras a seguir”, os livros previstos para publicação. Além destes, estampa uma listagem com uma “Coleção Sociológica e Filosófica (venda)” e outro Catálogo, “Literaturo em Esperanto”, com obras à venda em Esperanto. À guisa de Introdução, Roberto das Neves escreve “Palavras de Abertura”, em que destaca:

Ao reunirmos neste volume as palestras que fomos convidados a pronunciar, como tema de debate, de estudo, em lojas maçônicas, objetivamos fazer prosseguir a busca ininterrupta da Verdade (que nenhum verdadeiro maçom crê ser seu monopólio), dentro e fora das lojas, neste mundo assolado pelo frio vendaval da Intolerância, neste mundo que a Maçonaria Universal ambiciona ver aquecido pelo claro, suave e luminoso sol da Liberdade, do Amor Fraternal e da Igualdade.<sup>309</sup>

Figura 51 – Capa do livro *Entre Colunas*, de Roberto das Neves.



Fonte: Arquivo Plebeu Gabinete de Leitura (PGL), Fortaleza.

<sup>308</sup> NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 09.

<sup>309</sup> *Ibidem*, p. 10.



Dos textos publicados no livro, constam, antecidos por “Esclarecimento prévio”, doze artigos. No primeiro, “Da Anarquia, como a mais alta expressão da Ordem, e dos caminhos para alcançá-la”, discutindo sobre o tema do anarquismo e da anarquia, o autor apresenta os principais pensadores anarquistas e discorre sobre as diferentes perspectivas acerca do que seria uma sociedade anárquica e dos caminhos para se chegar até a anarquia. Em “O enigma de Jesus: homem, mito ou deus?”, Roberto das Neves percorre estudos que questionam e debatem a existência histórica de Jesus Cristo. No artigo “Emile Armand – A vida extraordinária de um grande pensador ou o drama da dupla conversão dum gênio: do mais ativo cristianismo ao mais extremo paganismo, e do mais puro comunismo ao individualismo anarquista”, temos um apanhado biográfico de Armand, ressaltando aspectos do seu pensamento. Em “Sébastien Faure, maçom e anarquista, e a idéia de Deus na Igreja, na Maçonaria e no Anarquismo”, Roberto das Neves traça uma breve trajetória do autor, destacando particularmente as ações e o pensamento de Faure sobre a ideia de Deus. No texto “Han Ryner – ‘Príncipe dos Narradores Filosóficos’, ‘Sócrates Moderno,’ e filósofo neo-estóico do individualismo de harmonia”, apresenta-se um perfil intelectual de Han Ryner, anarquista individualista francês. O texto, que discute aspectos de relevo no pensamento de Ryner, acompanha uma bibliografia do autor.

O artigo seguinte “E. Lanti – O problema da língua mundial e o ‘Manifesto dos Anacionalistas’”, versa sobre a história e a problemática do Esperanto, em que o autor discute também o manifesto em defesa da eliminação das fronteiras nacionais pela difusão da língua internacional. “Marxismo, escola de ditadores” é uma crítica ao pensamento de Karl Marx, ao marxismo e, em particular, à ditadura do proletariado. Com este mesmo título, Roberto das Neves publicou um prefácio ao livro *Erros e Contradições do Marxismo*, de Varlan Tcherskesoff e lançou o título também em folheto, pela Editora Mundo Livre.<sup>310</sup> Em “José Oiticica – um anarquista exemplar e uma figura ímpar na história do Brasil”, apresenta um perfil do reconhecido intelectual, destacando sua trajetória militante, profissional e produção literária. “O Filósofo da Selva e sua mensagem libertadora” remete ao livro *Páginas Cínicas*, de Rafael Lopez del Palacio. “O Verdadeiro Catecismo”, trata-se de um

---

<sup>310</sup> Ver: TCHERKESOFF, Varlan. **Erros e Contradições do Marxismo**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1964; NEVES, Roberto das. **Marxismo, Escola de Ditadores**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, [19--].

opúsculo anticlerical. “Mahatma Gândi – o filósofo da não-violência, para quem ‘tudo o que vive é o teu próximo’”, esmiúça um quanto das ideias e práticas do pacifista indiano. E em “Are Waerland – Macrobiótica, Vegetarismo ou Naturismo e a Grande Revolução na Medicina”, parte do conceito de macrobiótica (vegetarismo e naturismo seriam sinônimos, segundo o autor) e discute as vantagens da prática do vegetarianismo, destacando as ideias do nutrólogo e naturopata Are Waerland e defendendo a alimentação natural e livre de carnes como a melhor estratégia na prevenção às doenças.

As publicações da Germinal enfrentam censura, confisco, sabotagens e outros obstáculos se interpõem ao editor Roberto das Neves. Ao trabalho editorial, soma-se a função livreira, no esforço de distribuição das publicações editadas e dos títulos disponíveis no Catálogo de vendas. A partir dos Catálogos da Editora Germinal e das notícias na imprensa sobre a circulação dos impressos no Brasil e em Portugal, desvelam-se dimensões do trabalho livreiro e registros dos embates com a censura. Devido ao seu trabalho livreiro e de propaganda libertária, Roberto das Neves sofre perseguição da ditadura civil-militar no Brasil. O militante é um dos membros do Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO), como já afirmado, fundado e atuante desde 1958, e que, pela sua atividade de propaganda das ideias anarquistas, torna-se alvo de inquérito durante a ditadura, em 1969. Por ordem do Quartel Geral do Comando de Transporte Aéreo do Ministério da Aeronáutica, o CEPJO foi invadido em 11 de outubro de 1969 e presos dezesseis dos seus membros. Entre os presos, estava Roberto das Neves. O inquérito enquadra o CEPJO, segundo o investigador, como um Centro onde se promoviam atividades contrárias à Lei de Segurança Nacional. Segundo o relatório do inquérito, o CEPJO promovia “*Propaganda de proveniência estrangeira para infiltração de doutrinas e idéias incompatíveis com a Constituição Brasileira*”; mantinha “*atividades prejudiciais e perigosas à segurança nacional*”; divulgava panfletos veiculando “*notícias tendenciosas e deturpadas, pondo em perigo o bom nome, a autoridade, o crédito e o prestígio do Brasil*”; praticava atos moralmente ofensivos à “*autoridade por motivo de inconformismo político-social*”; e realizava o “*Incitamento público a desobediência coletiva às Leis*”.<sup>311</sup>

---

<sup>311</sup> Relatório do Inquérito Policial Militar, Comando de Transporte Aéreo do Ministério da Aeronáutica, 28 de novembro de 1969. Arquivo Nacional, SIAN. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Rio de Janeiro, Brasil, p. 06. Sobre o CEPJO, ver: FERRUA, Pietro. O fechamento do Centro de Estudos

No Relatório do IPM, são nomeados os militantes investigados, registradas suas relações com outros anarquistas e mapeados os laços com o movimento anarquista no Rio de Janeiro, em outras cidades do país e internacionalmente. Em destaque, o trabalho policial de confisco de livros que passam a configurar a contra-prova policial sobre as ações do CEPJO em afronta à Lei de Segurança Nacional, como é o caso de *Anarquismo – Roteiro da Libertação Social*, de Edgar Leuenroth, além de jornais e revistas que veiculam artigos dos anarquistas, como *Dealbar* (São Paulo), *O Protesto* (Porto Alegre) e a revista *O Cruzeiro*. O Relatório atesta as ações de “doutrinação” e “aliciamento” promovidas pelos anarquistas, por meio do CEPJO e sua distribuição, publicação e realização de conferências, jornais, livros, panfletos. Junto de outros anarquistas como Pietro Ferrua, Ideal Peres e Ester Redes, Roberto das Neves é listado no referido Relatório do Inquérito Policial Militar contra o CEPJO, e assim caracterizado criminalmente por “*anarquista confesso*” e “*co-autor*” de infrações passíveis de punição na Lei de Segurança Nacional e no Código Penal Militar:

Roberto Barreto Pedroso Neves, com sessenta e três anos de idade, filho de Manoel Vicente Pedroso Neves e Dalila Neves Barreto, casado, natural de Pedrógão – Portugal – estando no Brasil desde 1942, não naturalizado, escritor e editor e reside à Avenida Adolfo de Paiva [na verdade, Avenida Ataulfo de Paiva], nº 80, apartamento 605, Leblon, nesta cidade do Rio de Janeiro, Anarquista confesso. Compareceu várias vezes ao CEPJO inclusive proferindo conferência. Não teve atuação direta no MEL. Pode ser considerado co-autor, infringindo o item II do Artigo 38 da Lei de Segurança Nacional por força do Artigo 33 do Código Penal Militar.<sup>312</sup>

As casas dos militantes foram invadidas e alguns sofreram tortura durante os interrogatórios. Contudo, o inquérito instaurado foi encerrado e os militantes envolvidos foram absolvidos dos crimes imputados e liberados em alguns dias. Ainda assim, o CEPJO foi dissolvido e seus membros permaneceram um alvo da polícia política no Brasil, que, como em Portugal, caçava indivíduos, grupos, livros, jornais e editoras taxadas como subversivos pela ditadura.

---

Sociais Prof. José Oiticica. **Verve**, São Paulo, n. 23, p. 65-79, 2013; RODRIGUES, Edgar. **Os anarquistas no banco dos réus**. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1993.

<sup>312</sup> Relatório do Inquérito Policial Militar, Comando de Transporte Aéreo do Ministério da Aeronáutica, 28 de novembro de 1969. Arquivo Nacional, SIAN. Fundo: Serviço Nacional de Informações. Rio de Janeiro, Brasil, p. 13. O MEL, citado na fonte, é o Movimento Estudantil Libertário, atuante no Brasil do período. Sobre o MEL, ver: SILVA, Rafael Viana da. O Movimento Estudantil Libertário (MEL) e o Maio de 1968 brasileiro. **Revista Espaço Acadêmico**, ano XVIII, n. 210, p. 76-88, 2018.

### 4.3 O Trabalho do Livreiro

Desde a criação da Editora Germinal, ao mesmo tempo em que se faz editor e tradutor de livros libertários, Roberto das Neves torna-se também um livreiro. Além dos títulos almejados no Plano Editorial e no Catálogo de edições da Germinal, que recobrem, entre outros, os temas do anarquismo, antifascismo e anticlericalismo, no Catálogo de Vendas o livreiro Roberto das Neves amplia o universo temático, tentando difundir obras de literatura, teatro, filosofia, maçonaria, cooperativismo e antimilitarismo. A atividade do livreiro indicia também um rol de relações que se vai constituindo em busca das editoras, autores, distribuidores, e outros livreiros. É também um modo de alargar as atividades da Germinal e trazer para junto de seu Catálogo outras publicações, o que pode também favorecer o intercâmbio de publicações entre grupos editoriais, proporcionando a movimentação dos títulos e sem o dispêndio imediato de valores, posto que as dificuldades de ordem material terão sido uma constante nestas empreitadas no mundo dos livros.

O Catálogo de livros à venda pela editora é também um indicativo do repertório das leituras e preferências temáticas de Roberto das Neves, assim como dos títulos e autores que o livreiro aspirava difundir entre o público leitor, como se vê no Catálogo intitulado “Livros excomungados pela inquisição de Salazar”, aqui transcrito na íntegra para que se observe a largueza de vistas do Livreiro, tentando amearhar títulos, autores e autoras de vária procedência, distintos períodos, traduções inéditas ou obras originais, diversidade temática; considerando também o trabalho implicado na formação deste Catálogo, driblando dificuldades materiais e reforçando os intercâmbios editoriais e as prováveis permutas entre títulos disponíveis, como já afirmado. Da transcrição abaixo se observa a continuada presença de Portugal, principalmente na história e literatura, confirmando a presença de autores lidos no Brasil desde o século XIX – Junqueiro, Eça, Herculano –, bem como a inclusão de clássicos do Anarquismo, como Kropotkin, mas ampliando para os autores de circulação na Argentina e Uruguai, como é o caso de Fabri e Ghirardo, entre outras especificidades para o caso de temas sobre os quais se pretende ampliar o debate, como Cooperativismo, ou alimentar as polêmicas sobre temas irreligiosos, maçonaria, entre outros. Não deve escapar à observação a presença de alguns clássicos pouco lidos e sem tradução em língua portuguesa, como é o caso

de Max Stirner, com seu “L’Unique et Sa Propriété” ou no título original *Der Einzige und sein Eigentum*, publicado pela primeira vez em 1844, cuja primeira edição em língua portuguesa é tão somente em 2004, pela editora Antígona, em Lisboa. Autores franceses – Maurice Dommanget, Saint-Beuve, Paul Berthelot, Charles Albert, Emile Faguet, Roger Martin du Gard, Victor Hugo, Emile Zola – italianos, espanhóis, alemães, suecos, se perfilam ao lado doutros que seguiam apreciados no repertório antifascista, como é o caso de Bertrand Russel, com seus “Ensaio Céticos, Ensaio Impopulares, O Casamento e a Moral, Educação e Vida Perfeita, A Autoridade e o Indivíduo”. Uma lacuna relevante se põe ao pesquisador: a listagem não informa as respectivas editoras e lugares de edição.

- Maurice Dommanget – “História do 1º de Maio” Cr\$ 225,00  
 H. Claude – “Da Crise Econômica à Guerra Mundial” Cr\$ 115,00  
 J. M. Warlasse – “O Sistema Cooperativo” Cr\$ 135,00  
 J. M. Warlasse – “Democracia Cooperativa” Cr\$ 205,00  
 Gonzales Prada – “Horas de Luta” Cr\$ 115,00  
 G. Landauer – “Incitação ao Socialismo” Cr\$ 135,00  
 C. C. Chiaraviglia – “Civilização do Trabalho e da Liberdade” Cr\$ 135,00  
 Saint-Beuve – “Proudhon: sua vida e correspondência” Cr\$ 90,00  
 Malatesta – “Ideário” Cr\$ 150,00  
 L. Fabri – “Malatesta: Sua Vida e Sua Obra” Cr\$ 115,00  
 Mortier e Adler – “Como Pensar Sobre a Guerra” Cr\$ 125,00  
 Prof. J. Oiticica – “A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos” Cr\$ 50,00  
 P. Ferreira da Silva – “Três Enganos Sociais” Cr\$ 30,00  
 E. Mezzabotta – “O Papa Negro” Cr\$ 100,00  
 Herón P. Pinto – “Nos Subterrâneos do Estado Novo” Cr\$ 20,00  
 Pedro-J. Proudhon – “Que é a Propriedade?” Cr\$ 135,00  
 Pedro-J. Proudhon – “Sistema das Contradições Econômicas” Cr\$ 225,00  
 Pedro-J. Proudhon – “Confissões dum Revolucionário” Cr\$ 135,00  
 Rudolf Rocker – “Nacionalismo e Cultura” Cr\$ 270,00  
 Rudolf Rocker – “Na Borrasca” Cr\$ 250,00  
 Rudolf Rocker – “Revolução e Regressão” Cr\$ 270,00  
 Rudolf Rocker – “Idéias Absolutistas no Socialismo” Cr\$ 50,00  
 W. Godwin – “Investigação Acerca da Justiça Política” Cr\$ 225,00  
 Joaquin Costa – “Coletivismo Agrário em Espanha” Cr\$ 225,00  
 Rafael Barret – “Obras Completas” Cr\$ 405,00  
 Volin – “A Revolução Desconhecida” (história da Revolução Russa) Cr\$ 247,50  
 Pi y Margall – “As Nacionalidades” Cr\$ 200,00  
 Max Stirner – “L’Unique et Sa Propriété” Cr\$ 150,00  
 A. Vaz de Melo – “Cristo, o Maior dos Anarquistas” Cr\$ 80,00  
 A. Correia Marques – “Roteiro Maçônico” Cr\$ 100,00  
 Venâncio Pastorini, – “A Luta entre Deus e Satanás” Cr\$ 10,00  
 Tomaz da Fonseca – “Afonso Henriques e a Fundação da Nacionalidade (as lutas do povo português contra a Igreja de Roma)” Cr\$ 120,00  
 Tomaz da Fonseca – “Fátima – História de um grande Conto-do-Vigário – Cartas ao Cardeal Cerejeira” Cr\$ 100,00  
 Tomaz da Fonseca – “Guerra Junqueiro Em Seus Últimos Momentos (em que o autor prova que o grande poeta não se converteu à Igreja Romana)” Cr\$ 20,00  
 Ênio Cardoso – “O Amanhã Não Existe (romance para o povo)” Cr\$ 60,00  
 Paul Berthelot – “O Evangelho da Hora” Cr\$ 10,00

- Serafim Porto – “O 1º de Maio – História e Significado” Cr\$ 10,00  
 Frederico Nietzsche – “O Anti-cristo” Cr\$ 30,00  
 Frederico Nietzsche – “Genealogia da Moral” Cr\$ 35,00  
 Frederico Nietzsche – “Aurora” Cr\$ 60,00  
 Frederico Nietzsche – “Além do Bem e do Mal” Cr\$ 60,00  
 Frederico Nietzsche – “Assim Falava Zaratustra” Cr\$ 60,00  
 Filósofo da Selva – “Páginas Cínicas” (o livro mais cínico do mundo, depois da Bíblia) Cr\$ 60,00  
 Filósofo da Selva – “Vozes do Inferno” Cr\$ 10,00  
 Ch. Albert – “O Amor Livre” Cr\$ 50,00  
 P. Kropotkine – “A Conquista do Pão” Cr\$ 50,00  
 P. Kropotkine – “O Apoio Mútuo” Cr\$ 225,00  
 P. Kropotkine – “A Grande Revolução” (história da Revolução Francesa), 2 vols. Cr\$ 100,00  
 Guerra Junqueiro – “A Velhice do Padre Eterno”, ilustrado: em broch. Cr\$ 80,00 encadernada Cr\$ 120,00, encadernada especial, de luxo Cr\$ 150,00  
 Alexandre Herculano – “História da Inquisição”, 3 vols. broch. Cr\$ 250,00, encadernação de luxo Cr\$ 500,00  
 Barata Dias – “Alqueive” (romance sobre a vida miserável do camponês em Portugal, sanguessugado pelo Estado e pela Igreja) Cr\$ 50,00  
 Eça de Queiroz – “O Crime do Padre Amaro” Cr\$ 125,00  
 Castro Soromenho – “Terra Morta” (romance sobre a exploração do negro nas colônias portuguesas) Cr\$ 50,00  
 Eça de Queiroz – “A Relíquia” (sátira contra a Igreja) Cr\$ 100,00  
 Mário F. dos Santos – “Análise Dialética do Marxismo” Cr\$ 100,00  
 Octaviano Bastos – “Enciclopédia Maçônica” (2 vols. profusamente ilustrados e encadernados) Cr\$ 500,00  
 H. Blavatsky – “Origens do Ritual na Igreja e na Maçonaria” Cr\$ 20,00  
 C. Pinto de Almeida – “Os Homens da Cruz Vermelha” (romance histórico das lutas da Maçonaria) Cr\$ 150,00  
 J. Maria Guyau – “A Irreligião do Porvir” Cr\$ 225,00  
 A. Figueiredo Lima – “Nos Bastidores do Mistério” (epopéia das sociedades secretas Maçonaria e Carbonária em prol da emancipação dos povos) Cr\$ 150,00  
 Alberto Ghiraldo – “Teatro Argentino”, 2 vols. Cr\$ 270,00  
 Eugénio Rélgis – “História Sexual da Humanidade” Cr\$ 90,00  
 Joaquin Balaguer – “O Cristo da Liberdade” Cr\$ 90,00  
 Belton King – “Mazzini” (biografia do grande agitador italiano) Cr\$ 115,00  
 Jean Rostand – “O Que Eu Creio” Cr\$ 68,00  
 Arturo Labriola – “Voltaire e a Filosofia da Libertação” Cr\$ 90,00  
 Emile Faguet – “Jean Jacques Rousseau” Cr\$ 112,00  
 Blasco Ibañez – “Os Jesuítas” Cr\$ 50,00  
 R. Martin du Gard – “O Drama de João Barois” Cr\$ 80,00  
 Vitor Hugo – “Os Miseráveis” (5 vols.) Cr\$ 400,00  
 A. Campos Júnior – “A Vida do Marquês de Pombal” (4 vols. ilustr.) Cr\$ 250,00  
 E. Zola – “Germinal” Cr\$ 60,00  
 E. Zola – “O Trabalho” Cr\$ 85,00  
 Pitigrilli – “O Dicionário Anti-Loroteiro” Cr\$ 100,00  
 J. Krishnamúrti – “Mundo Novo” Cr\$ 100,00  
 J. Krishnamúrti – “Ação Espontânea” Cr\$ 67,00  
 J. Krishnamúrti – “Urge Transforma-nos Radicalmente” Cr\$ 135,00  
 J. Krishnamúrti – “A Paz Individual é a Paz do Mundo” Cr\$ 45,00  
 J. Krishnamúrti – “O Conhecimento de Si Mesmo” Cr\$ 70,00  
 J. Krishnamúrti – “Compreensão Creadora” Cr\$ 67,00  
 J. Krishnamúrti – “O Silêncio Creador” Cr\$ 65,00  
 Carlos Brandt – “Jesus, O Filósofo por Excelência” Cr\$ 30,00  
 Carlos Brandt – “Diógenes” Cr\$ 15,00  
 Carlos Brandt – “Giordano Bruno” Cr\$ 15,00  
 Carlos Brandt – “Espinosa e o Panteísmo” Cr\$ 81,00

Arlindo Colaço – “O Padre, a Confissão e o Celibato” Cr\$ 60,00  
 Arlindo Colaço – “Baú de Turco” Cr\$ 35,00  
 Bertrand Russel – “Ensaio Céticos” Cr\$ 80,00  
 Bertrand Russel – “Ensaio Impopulares” Cr\$ 70,00  
 Bertrand Russel – “O Casamento e a Moral” Cr\$ 70,00  
 Bertrand Russel – “Educação e Vida Perfeita” Cr\$ 90,00  
 Bertrand Russel – “A Autoridade e o Indivíduo” Cr\$ 60,00  
 Ferenc Szilágyi – “Curso Prático de Esperanto (muito ilustrado, permitindo aprendizado sem mestre em dois a três meses)” Cr\$ 30,00  
 I. Gomes Braga – “Dicionário Esperanto-Português”, enc. Cr\$ 80,00  
 I. Gomes Braga – “Dicionário Português-Esperanto”, enc. Cr\$ 120,00  
 Krutchev – “O Relatório Secreto de Krutchev” Cr\$ 20,00  
 Roberto das Neves – “Assim Cantava um Cidadão do Mundo” (71 poemas que levaram o autor, treze vezes, aos cárceres da Inquisição de Salazar-Cerejeira) Cr\$ 60,00  
 Roberto das Neves – “O Diário do Dr. Satan” (Comentários Subversivos às Escorrências da Sifilização Cristã) com dezenas de caricaturas das mais terríveis contra o clero por dez dos mais famosos caricaturistas mundiais Cr\$ 100,00<sup>313</sup>

Este é o primeiro Catálogo de vendas, estampado no livro *Na Inquisição de Salazar* (1957). É atualizado nas publicações da Editora, com alterações na tabela de preços e acréscimo de novos títulos. No livro *Cooperativa sem Lucros* (1958) aparece, sob o título “Catálogo dos Nossos Livros”, um outro Catálogo de Vendas com atualizações em relação aos títulos e aos preços. Além destes Catálogos apontados, que disponibilizam obras em português, espanhol e francês, é publicado outro Catálogo especial de livros à venda em Esperanto, intitulado “Literaturo en Esperanto”, sobre o qual voltaremos no último capítulo desta tese. Observando o Catálogo acima transcrito, percebe-se a amplitude de interesses do Livreiro-Editor, evidenciando-se, pelos títulos, autores e temas em destaque, além do seu pendor militante, sua vocação intelectual e sua formação como leitor universalista. Há também que se considerar, como já afirmado, que a formação de um Catálogo não deriva unicamente do repertório de leituras do Livreiro, em parte é fruto também de seus contactos com um rol de livreiros e editores e das possíveis permutas de títulos e nalguns casos, como registram alguns escritos autobiográficos, da ajuda mútua. Quantos em viagem, em seus deslocamentos de um país a outro, trazem uma bagagem recheada de livros encomendados. É assinalável a diversidade dos livros postos à venda pelo livreiro Roberto das Neves na estante da Germinal. Entre as áreas disponíveis, o catálogo abrange estudos de economia, filosofia, religião, literatura, história, educação e os grandes temas do socialismo,

<sup>313</sup> Catálogo de Vendas. In: PORTELA, Luís; RODRIGUES, Edgart. *Na Inquisição de Salazar*. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1957.

trabalho, anarquismo, maçonaria, marxismo, teatro, nacionalismo, revolução, sexualidade, Esperanto, Primeiro de Maio, militarismo, dentre outros.

No Catálogo, como ressaltado, constam títulos tanto da Germinal como de outras editoras. Entre os livros da Germinal, *Fátima – História de um grande Conto do Vigário – Cartas ao Cardeal Cerejeira*, de Tomaz da Fonseca, e dois títulos de Roberto das Neves, *Assim Cantava um Cidadão do Mundo* e *O Diário do Dr. Satan*. De outras editoras, no campo do anarquismo, constam *Que é a Propriedade?*, *Sistema das Contradições Econômicas*, e *Confissões dum Revolucionário*, de Pierre-Joseph Proudhon. De Piotr Kropotkin, *A Conquista do Pão*, *O Apoio Mútuo* e *A Grande Revolução (história da Revolução Francesa)*. Na mesma linha, são oferecidas obras de Errico Malatesta, *Ideário*, e sobre ele, *Malatesta: Sua Vida e Sua Obra*, de Luigi Fabbri. Ainda no campo do anarquismo, temos Rudolf Rocker, com os livros *Na Borrasca, Revolução e Regressão* e *Idéias Absolutistas no Socialismo*, este último bastante divulgado na imprensa libertária do período. Além destes, aparece Volin, com *A Revolução Desconhecida (história da Revolução Russa)*. Do anarquista brasileiro José Otílica, *A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos*. Junto destes autores clássicos do pensamento e da militância anarquista de tendência comunista, aparecem autores anarquistas individualistas como William Godwin e Max Stirner, com os livros *Investigação Acerca da Justiça Política* e *L'Unique et Sa Propriété* (este em francês), respectivamente. Como se pode observar no Catálogo, dentre os demais temas e autores, é bastante o espaço dedicado ao anarquismo e aos autores anarquistas, embora se observe uma diversidade de outros autores e temas.

São disponibilizadas no Catálogo, com considerável espaço, obras sobre o tema da religião, com acento crítico ou de teor anticlerical. É o caso dos livros de Tomaz da Fonseca, *Afonso Henriques e a Fundação da Nacionalidade (as lutas do povo português contra a Igreja de Roma, Guerra Junqueiro em Seus Últimos Momentos (em que o autor prova que o grande poeta não se converteu à Igreja Romana* e o já mencionado *Fátima – História de um grande Conto do Vigário – Cartas ao Cardeal Cerejeira*. Na mesma temática, *A Relíquia (sátira contra a Igreja)*, de Eça de Queiroz, *O Papa Negro*, de E. Mezzabotta, *Cristo, o Maior dos Anarquistas*, de A. Vaz de Melo, *O Cristo da Liberdade*, de Joaquin Balaguer, *O Que Eu Creio*, de Jean Rostand, *A Luta entre Deus e Satanás*, de Venâncio Pastorini, e



*Os Jesuítas*, de Blasco Ibañez. Além destes, aparecem outros autores que realizam uma crítica às religiões, ou apresentam obras com temática aproximada, como Paul Berthelot, com *O Evangelho da Hora*, Filósofo da Selva, com *Vozes do Inferno*, J. Maria Guyau, com *A Irreligião do Porvir*, e Carlos Brandt, com quatro títulos disponíveis, *Jesus, O Filósofo por Excelência, Diógenes, Giordano Bruno e Espinosa e o Panteísmo*. Nesse mesmo campo temático, aparecem também dois livros de Arlindo Colaço, *O Padre, a Confissão e o Celibato* e *Baú de Turco*, um de Barata Dias, *Alqueive (romance sobre a vida miserável do camponês em Portugal, sanguessugado pelo Estado e pela Igreja)*, e outro de Alexandre Herculano, *História da Inquisição*. Ainda nessa senda, numa linha mais espiritualista, são disponibilizadas várias obras de Krishnamúrti, *Mundo Novo, Ação Espontânea, Urge Transforma-nos Radicalmente, A Paz Individual é a Paz do Mundo, O Conhecimento de Si Mesmo, Compreensão Creadora e O Silêncio Creador*.

Aparecem listadas no Catálogo também obras no campo da filosofia, como em Friedrich Nietzsche, com cinco livros disponíveis, *O Anti-cristo, Genealogia da Moral, Aurora, Além do Bem e do Mal e Assim Falava Zaratustra*. Além do filósofo alemão, tem espaço as obras de Bertrand Russell, dentre elas *Ensaio Céticos, Ensaio Impopulares, O Casamento e a Moral, Educação e Vida Perfeita e A Autoridade e o Indivíduo*. Ainda no campo da filosofia, disponibilizam-se duas biografias, *Voltaire e a Filosofia da Libertação*, por Arturo Labriola, e *Jean Jacques Rousseau*, de Emile Faguet.

Outro tema com destaque no catálogo é a maçonaria. Dentre as obras apresentadas, temos o livro *Roteiro Maçônico*, de A. Correia Marques, *Origens do Ritual na Igreja e na Maçonaria*, de Helena Blavatsky, *Enciclopédia Maçônica*, de Octaviano Bastos, *Nos Bastidores do Mistério (epopéia das sociedades secretas Maçonaria e Carbonária em prol da emancipação dos povos)*, de A. Figueiredo Lima, e *Os Homens da Cruz Vermelha (romance histórico das lutas da Maçonaria)*, de Pinto de Almeida.

Os temas da luta social, do socialismo, do Primeiro de Maio, do cooperativismo e do antimilitarismo são contemplados com Gonzales Prada e seu *Horas de Luta*, Gustav Landauer, com *Incitação ao Socialismo*, C. C. Chiaraviglia, com *Civilização do Trabalho e da Liberdade, História do 1º de Maio*, de Maurice Dommanget, e *O 1º de Maio – História e Significado*, de Serafim Porto. No tema do

cooperativismo, duas obras de J. M. Warlasse, *O Sistema Cooperativo e Democracia Cooperativa*. No tema do antimilitarismo e sobre a guerra, os livros de H. Claude, *Da Crise Econômica à Guerra Mundial*, e *Como Pensar Sobre a Guerra*, de Mortier e Adler.

Também a literatura, o teatro e a biografia têm espaço no catálogo de vendas da Germinal, com uma amostra de reconhecidos autores do período. Na estante, obras de Émile Zola, o clássico *Germinal* e também *O Trabalho*. De Victor Hugo, *Os Miseráveis*. De Guerra Junqueiro, *A Velhice do Padre Eterno*. Eça de Queirós apresenta dois títulos, *O Crime do Padre Amaro* e o já mencionado *A Relíquia (sátira contra a Igreja)*. No tema do teatro e do drama social, Alberto Ghirardo aparece com *Teatro Argentino* e Roger Martin du Gard com *O Drama de João Barois*. Das biografias, além das já mencionadas, temos *Mazzini (biografia do grande agitador italiano)*, de Belton King.

Chamam atenção no Catálogo as obras sobre sexualidade, devido ao seu caráter transgressor, num período no qual não eram bem vindos pelo poder instituído e pela moral conservadora no Brasil como em Portugal. Ao examinar a circulação e a censura de livros classificados como subversivos no Brasil no período da ditadura civil-militar, Lincoln Secco chama atenção para o fato de que “*A censura recaía de forma esmagadora sobre livros que tratavam de mensagem sensual, traições, relações sexuais e outras formas de êxtase físico*”.<sup>314</sup> Na temática da sexualidade, a Germinal distribui *O Amor Livre*, de Charles Albert, e *História Sexual da Humanidade*, de Eugène Régis, além do já referido *Nova Ética Sexual*, de Émile Armand.

Quanto aos preços dos livros estes são, também, bastante variáveis, a depender da edição, que pode ser um folheto ou um livro, brochura ou edição encadernada, encadernação simples ou de luxo, ilustrada, em papel especial, com mais de um volume. Portanto, os preços dependem da quantidade e qualidade do papel utilizado, do tipo de encadernação, do número de páginas, dos custos gerais da edição, do transporte. Ou seja, os preços dependem essencialmente da materialidade dos livros, considerando principalmente a matéria prima, a extensão da obra e dos volumes. Há folhetos que custam valores mais modestos, caso de *O*

---

<sup>314</sup> SECCO, Lincoln. **A batalha dos livros: formação da esquerda no Brasil**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017, p. 140.

*Evangelho da Hora*, de Paul Berthelot, que sai a Cr\$ 10,00. Outras publicações são de maior preço, como *O 1º de Maio – História e Significado*, de Serafim Porto, que custa até Cr\$ 300,00, a depender da edição. É o mesmo caso dos livros de Luigi Fabri, *Malatesta: Sua Vida e Sua Obra* (em 2 volumes), *Revolução e Regressão*, de Rudolf Rocker, *O Corpo Humano* (também em 2 volumes), de Fritz Kahan, ou ainda *L'Unique et Sa Propriété*, de Max Stirner. O livro mais caro do catálogo é o de Rafael Barret, *Obras Completas*, que sai a Cr\$ 500,00, uma publicação volumosa reunindo os escritos de Barret. Alguns outros pormenores escapam à nossa análise quanto à fixação de preços, como por exemplo, as taxas postais ou alfandegárias (para títulos em língua estrangeira), os custos de armazenamento do estoque livreiro (e a formação do estoque), aluguel e manutenção de sala para a Editora, remuneração de possíveis ajudantes em tarefas de rotina. Tais questões demandariam a existência de material específico no campo contábil, por exemplo, e não localizado nesta pesquisa.<sup>315</sup>

Nesse ponto, importa destacar a materialidade dos impressos como elemento relevante para a compreensão da atividade livreira, sendo os Catálogos uma fonte de destaque para o estudo tanto da edição como da circulação dos livros. Estudando os catálogos dos livreiros como fontes para a história do livro, Manuela Domingos pontua que:

No caso particular desta Fonte – até pelas preciosas informações que sabemos oferecer – seríamos naturalmente atraídos, imediatamente, para análise de conteúdo – que livros vendiam? de onde vinham? a que preços? ... –, na ânsia de, quanto antes, detectar as leituras possíveis, os públicos supostos, a actuação cultural dos livreiros, etc. Mas, tendo-nos ocupado primeiramente da crítica externa – mesmo sem separá-la completamente da interna – tivemos ocasião de comprovar, mais uma vez, como esta trajectória era necessária; como esta exploração *externa* forneceu um insuspeitado leque de informações e sugestões, que foram ponto de partida

---

<sup>315</sup> Para que se tenha uma noção dos preços e do custo de vida na época, o salário mínimo fixado em 1957 era o correspondente a R\$ 1.106,00. Informação disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/256066-entra-em-vigor-novo-salario-minimo/>. Acesso em: 24 de janeiro de 2022. Sobre os preços na época de publicação do Catálogo da Editora Germinal, segundo Roberson Campos de Oliveira, apoiando-se nos dados do IPC – IPEA: “Se analisarmos o ritmo da evolução dos preços entre 1946/50, a taxas foram respectivamente 18%, 23%, 3%, 4% e 3%. Entre 1951 e 1954 os índices foram 11%, 27%, 19% e 22%”. OLIVEIRA, Roberson Campos. XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 2003, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: ANPUH, 2003, p. 07. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300587131\\_ARQUIVO\\_GrevesEConjuntura1955\\_1964\\_RobersonDeOliveira.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300587131_ARQUIVO_GrevesEConjuntura1955_1964_RobersonDeOliveira.pdf). Acesso em: 24 de janeiro de 2022.

para indagações, algo pormenorizadas, sobre os livreiros, o âmbito da sua actividade, a ponderação das mercadorias que geriam.<sup>316</sup>

O Catálogo de livros à venda pela Editora Germinal nos diz sobre a atividade livreira de Roberto das Neves, evidenciando a dedicação militante na difusão de suas “edições sediciosas”, usando uma terminologia cara a Robert Darnton, para evidenciar também o papel do livreiro. Discutindo o universo da literatura clandestina no século XVIII, e a propósito do uso do termo sedição ao analisar as edições ilegais no período, Robert Darnton afirma que:

Deve-se entender sedição não como uma tomada de armas nem como uma violência esporádica contra as autoridades, e sim como um desvio que, mediante o texto e no texto, se instaura com relação às ortodoxias do Ancien Régime – isto é, com relação ao conjunto das crenças aceitas, das razões comuns, dos discursos de legitimação que, no correr dos séculos, haviam sido considerados os fundamentos da ordem monárquica. Essa distinção que opero no sentido do termo sedição é importante. Na verdade, não pretendo afirmar que a simples leitura – individual ou coletiva – de uma obra ilegal desembocaria numa tomada de consciência, na cristalização de uma opinião e, enfim, num levante. Em contrapartida, sustento que o livro ilegal – tratado de filosofia, libelo político e crônica escandalosa – corrói a ideologia monárquica e seus pilares – o rei, a Igreja e os bons costumes – pelo uso sistemático, desenfreado e desmesurado das seguintes armas: zombaria, escárnio, razão crítica e histórica, pornografia, irreligião e materialismo hedonista. A literatura clandestina propõe opiniões, recusa as normas, suspeita da autoridade e reconstrói as hierarquias. Nessa acepção, falo de *universo* e não do mundo da literatura clandestina: há o mundo dos editores-impressores, dos atravessadores, dos vendedores ambulantes e dos livreiros. Além disso, há – tanto do lado dos leitores quanto do dos autores – o universo dos gêneros literários, dos imaginários e das temáticas, horizontes novos propostos pelo livro clandestino.<sup>317</sup>

Para o Editor militante e intelectual anarquista Roberto das Neves, não se tratava de fazer e vender livros para amealhar lucro. A Editora escapa ao perfil convencional de empresa, embora fosse registrada como tal, por formalidade e exigência fiscal. Editar e distribuir livros era, no caso estudado, além de uma atividade militante, uma forma de assumir uma posição crítica e radical no mundo de seu tempo, postura que exigia desprendimento e empenho. Essa postura enquanto Editor pode ser verificada também na prática de Editores que atuaram no regime salazarista, como em outras conjunturas e geografias analisadas no vasto repertório da história do livro e da leitura. Estudando a edição, os editores e o livro no Portugal contemporâneo, ao tratar do período do Estado Novo, Nuno Medeiros assinala que

<sup>316</sup> DOMINGOS, Manuela D. Os catálogos de livreiros como fontes da História do Livro: o caso dos Reycend. **Revista da Biblioteca Nacional**, Lisboa, vol. 4, n. 01, p. 83-102, 1989, p. 85.

<sup>317</sup> DARNTON, Robert. **Edição e Sedição**: o universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 11.

muitos dos editores assumiam em sua atividade uma noção de “*apostolado*”, refutando a prática da edição como mero negócio e sobressaindo mais a dimensão intelectual que a função gerencial de uma empresa:

Ser editor em Portugal durante o período autoritário foi, a julgar pelas práticas discursivas de muitos – mas não necessariamente a esmagadora maioria, nem sequer provavelmente a maioria – dos seus agentes, em grande medida, aderir à noção de *apostolado*, sobrelevando a cultura ao negócio, assumindo mais a posição intelectual do que a função gestora.<sup>318</sup>

Ao distribuir os livros em Catálogo, Roberto das Neves propõe, em oposição à repressão aos impressos e às ideias radicais, um índice de livros e leituras subversivas, desafiando o salazarismo e sua sanha persecutória. No limite das suas possibilidades, o editor e livreiro difunde pela Germinal obras de interesse à luta antifascista, úteis no combate ao salazarismo, relevantes para o entendimento da questão social e à formação da militância anarquista, dos esperantistas e ao público leitor alcançado pelas edições. Em outras palavras, para Roberto das Neves, como para os libertários de fins do século XIX e da primeira metade do século XX, importava disseminar livros para o cultivo do autodidatismo e da autoformação, com a esperança de frutificar leituras para o combate e denúncia dos regimes totalitários, incidindo, desde o presente e com olhos voltados ao futuro, na formação de homens e mulheres para lutar e viver em um mundo igualitário, fraterno e livre.

Em sua função de livreiro, com a distribuição de seu Catálogo, Roberto das Neves irá se deparar por diversas vezes com a repressão que incide sobre os impressos, as editoras e os envolvidos na produção e distribuição de livros, jornais e outros materiais visados no contexto das ditaduras, travando embates com a censura para fazer circular as edições em Catálogo no Brasil e em Portugal. Tomamos como pressuposto no estudo da experiência de Roberto das Neves com sua Editora Germinal, a conexão e os intercâmbios entre Portugal e Brasil no seu fazer editorial e livreiro. Sobre a circulação de pessoas e livros e acerca das ligações entre Portugal e Brasil em torno dessa questão, o pesquisador Nuno Medeiros destaca que:

(...) estudar a edição e os editores em Portugal exige mesmo uma atenção particular aos espaços de circulação de gente e de livros engendrados por sistemas de relação fundados em factores como a língua, no caso, a língua

---

<sup>318</sup> MEDEIROS, Nuno. **O livro no Portugal contemporâneo**. Odivelas: Outro Modo Cooperativa Editorial, 2018, p. 129.

portuguesa, sobressaindo neste particular as ligações entre Portugal e Brasil.<sup>319</sup>

“Livros excomungados pela inquisição de Salazar” é o título que o editor e livreiro Roberto das Neves dá ao primeiro Catálogo de livros disponíveis para venda pela Editora Germinal. O Catálogo é um índice de escritos contra o salazarismo ou proibidos de circular no regime salazarista. Não à toa este Catálogo é publicado no livro *Na Inquisição de Salazar*, sendo o termo “inquisição” comum quando Roberto das Neves e outros militantes se referem ao salazarismo. Ao intitular o Catálogo da editora como “livros excomungados pela inquisição”, o Editor pretende assinalar a violência da perseguição e censura, recorrendo à memória sobre as condenações impostas aos autores e escritos considerados “heréticos” pela Inquisição, quando proíbe, censura, persegue, apreende qualquer literatura considerada sediciosa e inclusive queima em lugar público autores e pensadores considerados perigosos por suas ideias. Como afirma a historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro: “*Na história da cultura universal – e, mais especificamente, da cultura portuguesa e brasileira que se viram amordaçadas pela Santa Inquisição –, são múltiplos os exemplos de caça à literatura sediciosa*”. Como ressalta a autora:

Podemos considerar Portugal como o pioneiro na censura literária em defesa da fé e dos bons costumes. Antes mesmo da instituição da Inquisição em Portugal (1536), observamos por parte do Estado a preocupação em cercear idéias consideradas como perigosas ao regime. Em meados do século XV foi instituída a censura real através de um alvará de Afonso V, de 18 de agosto de 1541, que mandava “queimar livros falsos e heréticos”.<sup>320</sup>

Na história da cultura escrita e da circulação dos impressos é largo o episódio da censura, perseguição e repressão. O estudo de Roger Chartier vai ao ponto da questão: “*A cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem*”. Para o historiador “*Antes mesmo que fosse reconhecido o direito do autor sobre sua obra, a primeira afirmação de sua identidade esteve ligada à censura e à interdição dos textos tidos como subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas*”. E segue sua arguta análise, destacando que a “*apropriação penal*” dos discursos – com o apoio da expressão de Michel Foucault –, “*justificou por muito tempo a destruição dos livros e a condenação de seus autores, editores ou*

<sup>319</sup> MEDEIROS, Nuno. **O livro no Portugal contemporâneo**. Odivelas: Outro Modo Cooperativa Editorial, 2018, p. 187.

<sup>320</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros Proibidos, Idéias Malditas**: O Deops e as Minorias Silenciadas. São Paulo: Estação Liberdade, 1997, p. 19-20.

*leitores*". Neste ponto, destacamos, a nosso ver, uma das mais sugestivas anotações de Chartier sobre o “*reverso*” e a “*inversão*” nesta senda da perseguição e, no limite, a queima de livros e “*a pulsão de destruição*”:

As perseguições são como que o reverso das proteções, privilégios, recompensas ou pensões concedidas pelos poderes eclesiásticos e pelos príncipes. O espetáculo público do castigo inverte a cena da dedicatória. A fogueira em que são lançados os maus livros constitui a figura invertida da biblioteca encarregada de proteger e preservar o patrimônio textual. Dos autos-de-fé da Inquisição às obras queimadas pelos nazis, a pulsão de destruição obcecou por muito tempo os poderes opressores que, destruindo os livros e, com frequência, seus autores, pensavam erradicar para sempre suas idéias. A força do escrito é de ter tornado tragicamente derrisória esta negra vontade.<sup>321</sup>

As publicações libertárias, subversivas ou de crítica aos regimes autoritários, entre elas as da Editora Germinal, outras editoras anarquistas ou de editoras de oposição, sofreram censura, confisco, apreensões, atentados, perseguições várias. Muitos livros e autores editados foram listados como proibidos e perseguidos durante as ditaduras em Portugal, Espanha, Alemanha, Chile, Argentina, Brasil e noutros lugares. Nos regimes totalitários são comuns a interdição e a destruição de livros<sup>322</sup>, como ocorreu na Alemanha nazista, onde foram incendiados milhares de livros, ficando mundialmente conhecida a queima de livros que ocorreu na Praça da Ópera, em maio de 1933. Como chama atenção a historiadora Débora Dias, examinando a censura aos livros em Portugal num período similar ao que analisamos:

Convém notar que, se a censura à circulação de livros não era inédita, nos inícios do período em análise, a vigilância mais sistemática do impresso só foi acelerada com a criação da censura em 1933 (Decreto 22.469). E o mais acutilante aviso dos comportamentos autoritários no domínio da cultura ainda não tinham acontecido, pois, a célebre queima nazi de livros em praça pública em Berlim (Opernplatz) ocorreu em 10 de maio de 1933. Com forte impacto internacional (a revista norteamericana Times usou o termo “bibliocausto”), estima-se que cerca de 25 mil livros, em maioria da biblioteca da Universidade Humboldt, foram jogados à fogueira, ato coordenado para ser realizado, no mesmo dia, em outras cidades alemãs.<sup>323</sup>

<sup>321</sup> CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 1998, p. 23.

<sup>322</sup> Sobre a destruição dos livros, conferir: BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros: Das tábuas sumérias à guerra do Iraque**. Lisboa: Texto Editores, 2009. Desta obra, ver em especial dos capítulos 1, 2 e 3 da terceira parte. Ver também: POLASTRON, Lucien X. **Livros em chamas: A história da destruição sem fim das bibliotecas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013. Deste livro, conferir em particular o capítulo 8.

<sup>323</sup> MACAMBIRA, Débora Dias. **A “redescoberta” do Brasil em Joaquim de Carvalho. Uma comunidade luso-brasileira feita de livros (1928-1958)**. Tese (Doutorado em História) –

Ao nomear seu catálogo “Livros excomungados pela Inquisição de Salazar”, e distribuir pela Germinal seus livros “heréticos” (como ele mesmo nomeia), o editor Roberto das Neves evoca os autos-de-fé da Inquisição, quando se queimaram livros e autores em praça pública, prática que atravessa o tempo e tem continuidade no contexto do fascismo e dos regimes totalitários da Europa. Dessa maneira, Neves denuncia o regime corporativo salazarista, associando-o à Inquisição, ressaltando, ao mesmo tempo, a forte ligação existente entre o salazarismo e a Igreja, relativamente às práticas proibitivas, repressivas e moralistas com relação também aos impressos. A crítica é, dessa forma, atualizada, denunciando o regime salazarista em sua perseguição aos livros, periódicos e toda manifestação cultural e social contestadora ou considerada ameaçadora ao estabelecido.

A repressão aos livros e autores considerados dissidentes, inaceitáveis ou “heréticos” é norma ao longo de todo o regime salazarista. A repressão se dava pela censura, ou seja, a proibição de publicação, distribuição ou circulação de determinada obra; pela perseguição de autores, editores, livreiros e leitores; e pela apreensão, confisco e destruição de exemplares de livros, folhetos, periódicos, panfletos, boletins, manuscritos, cartazes e outros suportes impressos. Em estudo resultante em *“uma bibliografia das obras de edição portuguesa cuja circulação esteve proibida durante o regime fascista – Estado Novo de 1926 a 1974”*, Maria Luíza Alvim registra mais de quinhentas obras interditas em Portugal, pela censura vigente. Segundo a pesquisadora, *“cerca de 927 [títulos] ficaram por localizar: referências deficientes, livros retirados da consulta nas bibliotecas devido à censura, etc.”*. Para o caso das obras não identificadas estão, *“também, as edições brasileiras que não foi possível distinguir das portuguesas com os dados que disponho.”* O estudo de Maria Luíza Alvim aprofunda a análise, inclusive como denúncia ao vasto roteiro policial de proibição, violação, perseguição e repressão cultural:

A censura instituída em 1926 cria uma política de informação repressiva que controlava ideologicamente a população. Não havendo censura prévia sobre os livros, a polícia política apreende-os nas tipografias, nas casas editoras, nas livrarias, nas casas particulares e vigiava a sua circulação nos



correios, com total desrespeito pelos direitos do homem. A suspensão da circulação de títulos de publicações; a destruição dos livros; a extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores em 1965; as obras proibidas à consulta nas bibliotecas; os autos de busca; a intimação e prisão dos escritores; uma só expressão: repressão cultural.

“Subversivos. Prejudiciais à segurança do estado. Contra os bons costumes”, dizem dos livros. Os livros foram proibidos, violados e perseguidos. Desde o romance, ao ensaio político, à sátira, à reflexão social, à poesia... Os livros que são a criação do espírito, património cultural da Humanidade, fizeram esta descida ao inferno durante o fascismo.<sup>324</sup>

Segundo o pesquisador José Brandão, em um inventário acerca dos livros proibidos de circular durante o regime salazarista, foram em torno de novecentos títulos (contando somente livros e edições de Portugal) proibidos durante o Estado Novo português, entre os anos de 1933 e 1974, período em que vigorou o regime. A relação de livros elaborada pelo pesquisador, como ele ressalta, “*é composta exclusivamente por títulos de edição portuguesa não incluindo obras brasileiras ou de qualquer outra proveniência.*” Brandão destaca que “*A data de 1933 corresponde à publicação do Decreto n.º 22 469 de 11 de abril de 1933 que vem instituir a censura prévia também aos livros.*” Segundo o pesquisador, “*No total são 900 títulos que constituem a maior recolha jamais realizada no âmbito da censura literária em Portugal*”.<sup>325</sup> Avaliando a montagem e o funcionamento do aparelho censório, Teresa Fonseca aponta que a censura incidiu, nos anos que antecedem e durante o regime do Estado Novo português:

(...) fundamentalmente em relação à imprensa que, desde o golpe militar de 1926, foi alvo de condicionamentos, nomeadamente através da instituição da censura prévia como instrumento de controlo da opinião pública e de defesa dos valores políticos, sociais e morais do poder.

Apesar dos crescentes esforços legislativos, a censura aos livros exerceu-se sempre de forma pouco consistente, dependendo, em grande parte, de denúncias, da colaboração de editores e livreiros, da intervenção da polícia política e da cumplicidade de entidades como os Correios ou a Guarda Fiscal.<sup>326</sup>

A pesquisadora destaca que, em 1933, quando Salazar ascende à Presidência do Conselho, é instituída a censura prévia para além das publicações periódicas, alcançando os livros, impressos e outros escritos que tratassem de

<sup>324</sup> ALVIM, Maria Luísa. **Livros Portugueses Proibidos no Regime Fascista**: Bibliografia. Braga: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1992, p. 03.

<sup>325</sup> BRANDÃO, José. **Livros proibidos na ditadura de 1933 a 1974**. Disponível em: [https://bibliblogue.files.wordpress.com/2012/04/200412livrosproibidos33\\_74.pdf](https://bibliblogue.files.wordpress.com/2012/04/200412livrosproibidos33_74.pdf). Acesso em: 10 de julho de 2019.

<sup>326</sup> FERRÃO, Manuela; OLIVEIRA, Susana; FONSECA, Teresa. **Livros Proibidos no Estado Novo**. Lisboa: Assembleia da República, 2005, p. 10.

“assuntos de caráter político ou social”, por meio do Decreto 22:649, “*respeitando, aliás, o espírito da Constituição recentemente aprovada, que determinava como função do Estado a defesa da opinião pública, ‘de todos os fatores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a boa administração e o bem comum’*”. A autora ressalta que o decreto se baseia no Artigo 20.º da Constituição da República Portuguesa, aprovada pelo Plebiscito Nacional de 19 de março de 1933, e assevera que a política e as leis dos anos 1930 em diante deram continuidade e reforçaram o controle dos livros, por meio dos Serviços de Censura, da ação de investigação da polícia política e da “*responsabilização dos intervenientes nos processos de edição e de comercialização dos livros*”.<sup>327</sup> Sobre o Decreto n.º 12:008, de 1926, as proibições se estendem a um largo conjunto de impressos (e não só) e adverte sobre os efeitos previstos na letra do Código Penal sobre a difusão de “*afirmações ofensivas*” à segurança do Estado e da ordem:

(...) cartazes, anúncios, avisos e em geral quaisquer impressos, manuscritos, desenhos ou publicações que contenham ultraje às instituições republicanas ou injúria, difamação ou ameaça contra o Presidente da República, no exercício das suas funções ou fora dele, ou que aconselhem, instiguem ou provoquem os cidadãos portugueses a faltar ao cumprimento dos seus deveres militares, ou ao cometimento de actos atentatórios da integridade e independência da Pátria, ou contenham boato ou informação capazes de alarmar o espírito público ou de causar prejuízos ao Estado, ou que contenham afirmação ofensiva da dignidade ou do decoro nacional, ou ainda algumas das ofensas previstas nos artigos 159.º, 160.º, 420.º e 483.º do Código Penal e bem assim quaisquer publicações pornográficas ou redigidas em linguagem despejada ou provocadora contra a segurança do estado, da ordem e da tranquilidade públicas.<sup>328</sup>

Conforme ressalta Allyson Viana, a “*censura aos livros em Portugal comprometia, além dos autores, os editores e livreiros, obstando a circulação da recente edição brasileira no país dominado pela ditadura salazarista*.”<sup>329</sup> Roberto das Neves estava entre os editores-livreiros afetados, e os livros publicados e distribuídos pela Editora Germinal, mesmo editados ou enviados desde o Brasil, figuravam entre as obras interditas em terras lusitanas. Em sua atividade livreira, ao distribuir seu Catálogo de “livros excomungados” no Brasil e em Portugal, Roberto das Neves enfrenta a repressão, a perseguição e a censura. Em “O que é

<sup>327</sup> FERRÃO, Manuela; OLIVEIRA, Susana; FONSECA, Teresa. **Livros Proibidos no Estado Novo**. Lisboa: Assembleia da República, 2005, p. 30.

<sup>328</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>329</sup> VIANA, Allyson Bruno. **Anarquismo em Papel e Tinta**: Imprensa, Edição e Cultura Libertária (1945-1968). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014, p. 303.

pátria”, Roberto das Neves relata um “diálogo” com o Tenente-Coronel Salvação Barreto, chefe da Comissão de Censura de Salazar, que mandou confiscar sua obra *O Meu Livro: orientação médico-pedagógica para a vida do ser humano*. O livro trata-se de um “*guia de orientação*” e “*intuitos eminentemente médico-pedagógicos*”, escrito em colaboração com o Dr. Francisco Pinheira, publicado por Roberto das Neves em Portugal, antes de sua partida para o Brasil, em 1942. A orientação proposta no livro foi considerada inovadora para a época – segundo os seus autores – “*única, no género, não só em Portugal, mas também em todo o mundo*”.<sup>330</sup> Contudo, desde logo o “Diário da Manhã” – o então órgão oficioso da ditadura de Salazar – prontamente o denunciou como uma obra de “*inspiração anárquico-maçónica*” e Roberto das Neves o reconhecerá como “*um livro excomungado*”. Logo que foi publicado, o livro foi confiscado pela Comissão de Censura, no ano de 1941.

Contra o confisco, o intelectual reclama pessoalmente com o censor. No “diálogo”, o censor afirma que Roberto das Neves exalta em seu livro “*o amor à humanidade*” e que isso seria uma “*abstração revolucionária*” que desprezava a família, “*célula da sociedade*”, e a pátria, em suas palavras, “*comunidade de raças, de religião, de interesses, de recordações e de língua (...) um conjunto de seres humanos que vivem livremente sob as mesmas leis*”<sup>331</sup>, sendo esse o motivo do confisco da sua obra. Ao que responde, desmontando os argumentos do censor. Contra-argumenta ponto a ponto quanto à definição de pátria. Assevera que a comunidade portuguesa, como qualquer outra, é constituída por indivíduos pertencentes às mais diversas raças. Tampouco seria a pátria uma comunidade de religiões, argumenta Neves, pois, no caso de Portugal, existem católicos, protestantes, espíritas, budistas, confucionistas (na colônia portuguesa de Macau, na China), e diversas outras religiões no interior das colônias portuguesas em África. Há, inclusive, os que não professam religião nenhuma, como ele próprio, Roberto das Neves. E sustenta que não existem “*laços tradicionais de interesses*” que mantenham unida uma pátria, em verdade, o que haveria seriam divergências de interesses, diametralmente opostos, particularmente entre os governados-trabalhadores-assalariados e governantes-patrões. Em resposta à “*comunidade de*

---

<sup>330</sup> NEVES, Roberto das; PINHEIRA, Francisco. **O Meu Livro (guia de orientação médico-pedagógica)**. Lisboa: Edição dos Autores, 1941, p. 05. Ver também, sobre o assunto: NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, p. 06-07.

<sup>331</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano II, n. 42, 15 de outubro de 1947, p. 02.

*recordações*” argumentada pelo censor, Neves discorre acerca das diferenças entre as lembranças dos “*bem instalados na vida*”, dos pobres e dos militantes, que não têm boas recordações, sofrem privações de toda espécie, migram aos milhares para outros países, por conta das perseguições sofridas por motivo de opinião e outros.

Para Roberto das Neves, nem mesmo a “*comunidade de língua, de costumes e outras coisas*”, que o censor invocou, caracteriza e legitima a pátria, pois, em vários países, inclusive nas colônias portuguesas, se falam várias línguas e se têm costumes os mais diversos, a exemplo da Suíça, da Rússia, da Espanha... E diz que, “*quanto a ser a ‘pátria’ um conjunto de seres humanos que vivem ‘livremente’ sob as mesmas leis*”, exprobra novamente o censor, dizendo que considera tal definição igualmente errônea, por conta de a maioria dos cidadãos, como ele, viver sob leis que não criaram, com as quais não concordam e que violam sempre que podem, e só as cumprem porque são compelidos pela força repressora do Estado.

Quando questionado pelo censor se “*Ousa, então, o sr. negar a ‘pátria’?*”, Neves responde que não. Apenas não concorda com sua existência e, em sua argumentação, recupera a etimologia e o significado da palavra (terra onde viveram e onde estão enterrados nossos pais), e propondo o alargamento da ideia para além de uma nação ou país, uma “*pátria humana*”, uma “*pátria planetária*”, “*a Terra*”, e dizendo que, em verdade, “*a verdadeira abstração é, não a humanidade, mas a pátria*”. Argumenta em favor dessa ideia de pátria, que seria o sonho de muitos homens, desde Diógenes, Jesus Cristo, Victor Hugo, Albert Einstein, dentre outros, e diz ainda que o Esperanto, língua universal, muito teria a contribuir no estabelecimento dessa pátria universal. A pátria seria, portanto, uma abstração que tinha manifestação concreta na guerra, na delimitação de fronteiras que dividem os países e afastam as pessoas e na existência do estado-nação moderno:

– Ousa, então, o sr. a negar a “pátria”?

Seria tão absurdo como negar os prostíbulos, as tabernas e as guerras, apenas porque não concordo com a sua existência. Nego, sim, é que o conceito de “pátria” se baseie em qualquer coisa racional e respeitável, pela qual a nossa razão deva aceitá-la e sobrepô-la, como o sr. pretende, ao conceito de “humanidade”. “Pátria” significa etimologicamente, a terra onde nasceram, residem ou jazem nossos pais (em latim, patri). O conceito alargou-se, pela política, até abranger um território definido por fronteiras fixadas arbitrariamente pela ambição e a sorte elástica das armas dos conquistadores. Ora, se estendemos o conceito de ‘pátria’, da aldeia onde nasceram, vivem ou repousam os nossos pais, até a nação, porque não alargá-lo um pouco mais, de modo que abranja o mundo ou planeta em que

vivemos, já hoje tão pequeno, no século do avião? Teríamos, então, uma “pátria” maior: a pátria planetária, ou seja, a pátria humana, a Terra. Se raciocinar comigo, sr. tenente-coronel, reconhecerá, agora, que matarem-se os homens pelo “amor da pátria” é uma tolice, e que a verdadeira abstração é, não a humanidade, mas a pátria.<sup>332</sup>

Em “Querem transformar o Brasil e Portugal em Colonia do Vaticano”, Neves aponta entre os autores perseguidos, Tomaz da Fonseca, denunciando em seu texto a proibição da livre circulação dos livros e das ideias, que atingia também a Editora Germinal, como efeito da censura imposta nos dois países. Discutindo a repressão e a perseguição aos militantes anarquistas, escritores críticos ao fascismo e aos livros considerados “*heréticos*” no Brasil e em Portugal, o editor e livreiro destaca o confisco do livro *Agiológico Rústico (Santos da Minha Terra)*, de Tomaz da Fonseca:

Em Portugal, os esbirros da Santa Inquisição de Salazar-Cerejeira confiscaram, recentemente, mais um livro de Tomás da Fonseca, “Agiológico Rústico (Santos da Minha Terra)”. Nêsse livro, escrito aos 85 anos, traçou o autor, repassadas de ternura pelos humildes, dez comoventes biografias de pessoas simples e socialmente úteis, não canonizadas pela Santa Madre Igreja, mas que abandonaram o mundo deixando atrás de si um rastro de autêntica santidade e a mais inapagável das recordações no coração do povo [...].

Tomás da Fonseca, o glorioso autor dos “Sermões da Montanha”, “Fátima” e tantas outras obras-primas da literatura herética, permanece, como se vê, aos 85 anos, teimosamente, impenitentemente, hereje e pagão, preferindo aos frios do Céu romano os calores e demais delícias e sofrimentos dêste Inferno, que é a terra. E isto não o toleram aqueles que, magnânimos, generosos, altruístas, se esforçam por salvar-nos a alma à fôrça, mesmo contra a nossa vontade. E tais piedosas criaturas, que são os que regem os destinos do Povo, decidiram mandar confiscar, ‘a bem da nação’ (como se diz no linguajar oficial do Estado Novo ou fascista português), o novo livro herético. E o “Agiológico Rústico”, no qual Tomás da Fonseca dispensara a míseros mortais, a pobres-diabos que foram socialmente úteis, sim, mas que tiveram, a vida inteira, as mãos calejadas, o tratamento de “santos”, que a Santa Madre reserva para os grão-finos dos altares, para os tu-cá-tu-lá com Deus Nosso Senhor, foi recolhido das livrarias, como tantos outros o haviam sido, não sabemos se por inspiração do sr. Cardeal Cerejeira, mas, pelo menos, sem um protesto dêste.

Ofereço êste episódio à meditação do meu preclaro amigo Paulo de Castro, redator do “Diário de Notícias” e funcionário da editora católica “Agir”, que há poucos dias, numa das suas brilhantes crônicas naquele diário, pôs em dúvida que a Censura de Portugal tivesse, alguma vez, confiscado um livro para ser útil à Igreja.<sup>333</sup>

Sobre a censura, perseguição, apreensão e destruição de livros em Portugal, o jornal *Ação Direta* (Rio de Janeiro), traz notícia replicada do jornal clandestino *Portugal Livre* (São Paulo), dizendo do assalto da PIDE à casa do

<sup>332</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano II, n. 42, 15 de outubro de 1947, p. 02.

<sup>333</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 134, maio de 1959, p. 03.

conhecido militante anarquista José de Almeida, com seus 62 anos, a saúde prejudicada e “*para sempre arruinada*”, “*velho e doente, recém-chegado do campo de concentração para presos políticos do Tarrafal, em Cabo Verde*”, “*onde esteve confinado por treze anos*”. A notícia diz que os “*esbirros remexeram tudo*” na casa, “*chegando a levantar o assoalho*” em busca de jornais do Brasil e do livro de Roberto das Neves, recentemente editado no Rio de Janeiro, “*Assim Cantava um Cidadão do Mundo, (...) coletânea de poemas filosóficos e satíricos de sabor bocageano, poemas que, quando publicados em Portugal isoladamente, levaram o autor treze vezes às masmorras do Santo Ofício*”. O jornal relata que, enraivecidos por não encontrarem o que procuravam, os “*mastins da P.I.D.E. transportaram para o seu antro a biblioteca da vítima, cerca de 500 livros e valiosas coleções de jornais, uns e outros legalmente editados*.” Parte venderam-na os “*beleguins em benefício próprio e a outra parte destruíram-na em hitleriano ‘auto-de-fé’*”.<sup>334</sup> A notícia sobre o fato evidencia o que já aqui assinalamos sobre a destruição de valiosas bibliotecas pessoais, quando acervos recolhidos e organizados ao longo da vida militante tem como destino a fúria da polícia política.

Sobre o fato, relata ainda o *Ação Direta* (Rio de Janeiro) que, no meio dos papéis apreendidos pela polícia, encontrava-se o prefácio duma obra com o título “*Bibliografia do Movimento Anarquista em Língua Portuguesa*”, produto de “*longas e pacientes pesquisas*” de José de Almeida em vários anos e cujo original, segundo haviam sido informados, fora remetido, dias antes, à França, a fim de, em cumprimento duma decisão tomada no último Congresso mundial anarquista, ser dado à publicidade. Pretendendo que o Prefácio da referida obra seria o original de um Manifesto anarquista a editar clandestinamente, preparavam-se os esbirros para conservar preso o conhecido militante libertário. Salvou-o de nova prisão a seguinte inscrição, que José de Almeida fizera no reverso da primeira página do aludido trabalho: “*para publicar quando a liberdade raiar de novo em Portugal*.”<sup>335</sup>

Em Portugal, é censurada e proibida a edição da *Germinal* do livro de Oscar Algarve. Um relatório da PIDE de 1963 classifica o livro de Algarve como “*um ataque faccioso e fanático contra a Igreja Cristã*”, concluindo, após distribuição para leitura e passados sete dias, que: “*É de proibir a circulação no país do presente*

<sup>334</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 89, outubro e novembro de 1953, p. 03.

<sup>335</sup> *Ibidem*, p. 03.

livro”. O leitor-censor, registra o documento: José de Sousa Chaves (major). O censor acrescenta ao documento, de forma manuscrita: “*Proibido. Recomenda-se o maior cuidado com a editorial do livro, dada a sua índole, como se verifica no verso desta informação*”.<sup>336</sup>

Figura 52 – Relatório da PIDE censurando o livro *Jesus de Nazaré e a Crítica Histórica*, de Oscar Algarve.

DESPACHO:  
Em 5/3/1963

Distribuído para leitura em 28/2/1963  
Recebido em 27/2/1963

RELATÓRIO N.º  
Autor: Oscar Algarve  
Tradutor:  
Editor: Germinal - Rio de Janeiro  
Proveniência: P.I.D.E.

JESUS DE NAZARE E A CRITICA HISTORICA

Esta obra é um ataque racioso e fanático  
contra a Igreja Cristã.  
E de proibir a circulação no país do pre-  
sente livro.

O leitor:  
José de Sousa Chaves  
Maj.

(Vide verso)

9690

Fonte: Arquivo Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Lisboa.

No verso do relatório, consta uma nota especial destacando a Editora Germinal, trazendo informações datilografadas de outras publicações da editora, “para avaliar a índole da editorial registam-se as seguintes obras anunciadas neste livro”, ao que segue uma lista das publicações a serem avaliadas para definir “a índole da editora”, a maioria das edições de crítica ao salazarismo e ao fascismo, uma parte sobre temas de cunho religioso, em destaque dois livros de Tomaz da Fonseca. A listagem dos títulos funciona como uma estratégia de censurar em série

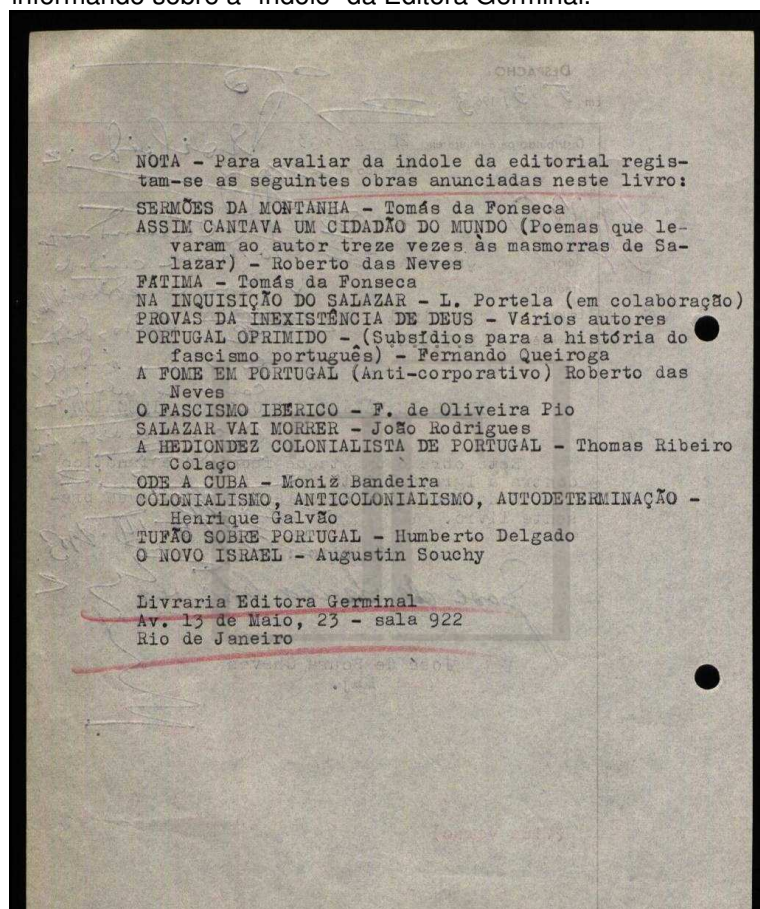
<sup>336</sup> Relatório da PIDE, página 1. Data: 05/03/1963. Fonte: Arquivo Biblioteca Nacional de Portugal (BNP).

as obras e, portanto, censurar a Editora. Censura-se e proíbe-se o título em vista, associando-o à outras edições da mesma editora, apontando assim o que seria a fonte das publicações “*facciosas e fanáticas*”, facilitando a atividade e ampliando o alcance do censor.

O Relatório certamente ainda passaria por outras mãos e os burocratas do aparelho censório acabariam por definir a proibição do livro, o confisco da edição, a prisão de envolvidos na impressão e distribuição de exemplares, entre outras medidas que poderiam ser adotadas, principalmente contra editores, livreiros e leitores. O Relatório é esclarecedor acerca de como se dava a censura aos livros em Portugal no salazarismo, mostrando que, além do autor do livro e da obra, o editor e a editorial responsável pela edição, no caso Roberto das Neves e sua Editora Germinal, também eram visados pela censura e, nesse caso, com especial atenção. Ao final do Relatório, após levantar obras que seriam, a seu ver, definidoras para avaliar a índole (política) antissalazarista da editora visada, o censor inclui o endereço da Editora Germinal, na Avenida 13 de Maio, 23, sala 922, Rio de Janeiro. Esse dado, que pode parecer banal à primeira vista, sinaliza os rumos que poderiam tomar as medidas repressivas, quando se sabe que há uma “colônia” ou “comunidade” de emigrantes portugueses apoiadores de Salazar no Rio de Janeiro, vários deles fanáticos defensores do ditador português.



Figura 53 – Verso do Relatório da PIDE censurando o livro *Jesus de Nazaré e a Crítica Histórica*, de Oscar Algarve e informando sobre a “índole” da Editora Germinal.



Fonte: Arquivo Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Lisboa.

Se havia repressão aos impressos no Portugal salazarista, também havia formas de resistência e “contra-dominação” exercidas por parte dos editores, livreiros e leitores. Nos embates com a censura, os editores portugueses, entre eles Roberto das Neves desde o Brasil, afirmam sua resistência contra os dispositivos do aparato repressivo, ou como um confronto entre “*imposição e oposição*”, como assinala Nuno Medeiros, onde observamos também o constrangimento de rotina imposto aos Editores, em seu recorrido aos Serviços de Censura, em busca de pareceres e sentenças expedidos pela máquina policial. É de se anotar ainda o quanto as Editoras alvo da censura também sofreram irrecuperáveis prejuízos de ordem material; pois muitas vezes se viam obrigados a mudar a programação gráfica dos livros no prelo, pela censura imposta às capas, sobre-capas, textos de “orelhas”, entre outros elementos da materialidade do livro:

A conjugação de factores prestava-se, como se prestou, a um confronto de imposição e oposição. Fustigados pelo aparelho compressivo, os editores

forjaram utensílios de contra-dominância que foram sendo afinados nas constantes encenações a que estavam obrigados no relacionamento directo e indirecto com a censura e a polícia política. As idas habituais aos Serviços de Censura, a instâncias oficiais ou de moto próprio, sedimentavam-se no quotidiano mensal, por vezes semanal, de larga proporção de editores, convivas forçados de encontros relacionados com pareceres e sentenças cuja sanha não poupava sequer os textos de contracapa e badana nem os catálogos de livros, obrigados à estampa do visto de “Autorizado”.<sup>337</sup>

O citado estudo de Nuno Medeiros, demonstra à larga a “*razia*” policial e a formação de uma espécie de “*index moderno*” interditando incontáveis publicações pela polícia política e os órgãos de censura e acrescenta valioso argumento quanto às formas de “contra-dominância” por parte de editores e livreiros. Assim, vemos as experiências de *resistência* em diferentes modulações e chegando mesmo, em alguns casos, à afirmação de *convicção, pertinácia e audácia (estética e doutrinária)*, conformando um repertório que o historiador do livro e da leitura nomeia com perspicácia como “*escritos de ruptura*” naquele contexto de resistência ao Estado Novo em Portugal:

Em todo caso, o nascimento de novos projectos no campo da edição, a adesão massiva dos escritores a princípio contraditórios com os do Estado Novo, a atividade livreira clandestina ou semi-clandestina, as sucessivas razias e apreensões ou a existência de um *index* moderno com centenas de títulos interditos que nunca deixou de engrossar, constituem exemplos de uma actividade de resistência que se acantonou nos domínios da escrita e da sua publicação, alimentando polarizações simbólicas, tornando árduo, em muitos casos impossível, o estabelecimento de plataformas doutrinárias de entendimento ou cooperação com os desígnios oficiais. Omnímodos no distanciamento operado, desde o recato mais circunspecto até à confrontação aberta, houve uma série de editores que se dispôs ao provimento de alternativas conceptuais às do salazarismo, normalmente apresentadas como tributárias das ideias novas, embora também se tenha sentido o aparecimento de projectos convictos na sua audácia (estética e doutrinária) e pertinazes na sua acção de resistência e de publicação do que se poderia designar de escritos de ruptura.<sup>338</sup>

Nessa senda da resistência, o jornal anarquista brasileiro *Ação Direta* noticia a circulação clandestina em Portugal de impressos enviados desde o Brasil. O periódico carioca publica um artigo de José de Lenquer<sup>339</sup>, em que discute a conjuntura de Portugal sob o regime salazarista, informando da agitação causada pela chegada clandestina do jornal *Ação Direta* e do livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo*, de Roberto das Neves. Segundo Lenquer, o jornal e o livro eram

<sup>337</sup> MEDEIROS, Nuno. **O livro no Portugal contemporâneo**. Odivelas: Outro Modo Cooperativa Editorial, 2018, p. 171.

<sup>338</sup> *Ibidem*, p. 168-169.

<sup>339</sup> José de Lenquer é um pseudónimo do militante José de Almeida Costa, que fez parte do grupo Claridade, de Coimbra.

lidos com vivo interesse de norte a sul do país, o que desencadeou perseguições da ditadura, pondo-se a Polícia de Informações e Defesa do Estado (PIDE) em alerta na busca de quem quer que tivesse posse do jornal ou do livro, efetuando numerosas prisões. Informa na mesma notícia a libertação de Emídio Santana, velho militante anarquista que fora secretário geral da Confederação Geral do Trabalho, CGT portuguesa, preso desde 1937, acusado de ter organizado junto da FAI (Federación Anarquista Ibérica) o atentado contra Salazar. Sobre a circulação do livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo* e sua repercussão em Portugal, o *Ação Direta* informa sobre as “*Prisões provocadas pela obra de Roberto das Neves em Portugal*”, destacando que o recebimento em Portugal de exemplares do jornal *Gazeta do Brasil*, da revista *O Cruzeiro* (com entrevista de José Oiticica) motivaram a prisão pela PIDE de diversas pessoas em vários pontos do país:

A Polícia de Informações e Defesa do Estado, a famigerada PIDE ou Gestapo lusitana, que logo teve conhecimento da entrada clandestina do referido livro em Portugal, anda numa roda viva, farejando as casas de elementos avançados, de norte a sul do país. Foi alertada, ao que parece, pelo aparecimento aqui de exemplares de um dos últimos números da “*Gazeta do Brasil*”, remetidos daí a numerosas pessoas. Alguns desses jornais foram cair nas mãos dos esbirros do Santo Ofício postal, que logo comunicaram a descoberta à Polícia. Em consequência, foram efetuadas numerosas prisões em vários pontos do país, pois aqui basta saber-se que alguém é portador de um jornal considerado herético para que esse alguém seja prêso. Para que se faça uma idéia da raiva que tal coisa causa nos mastins policiais, é suficiente informar que um truculento do “*Vera Cruz*”, de nome Antônio dos Santos Vinagre, ajudante de cozinheiro, foi preso e demitido, só porque a Polícia, suspeitando dê-lo, lhe revistou a bagagem e nela encontrou um exemplar da revista “*O Cruzeiro*”, recentemente aí publicada e que continha uma entrevista com o camarada José Oiticica e duas fotografias de nu artístico, que os olhos pudibundos de Salazar e Cerejeira não podem ver sem gritarem “*Anátoma seja!*”. Os presos pelo recebimento da “*Gazeta do Brasil*” alegaram não saberem quem lhes havia remetido o jornal, mas tal confissão não os salvou de levarem algumas taponas, os “*safanões a tempo*”, recomendados pelo genial estadista dr. Oliveira Salazar. Ao cabo de alguns dias, aqueles que não tinham cadastro político como adversários do regime vigente, foram restituídos à liberdade, depois de ouvirem uma prédica do chefe da Gestapo, o famigerado capitão Lourenço em pessoa.<sup>340</sup>

A notícia-fato acima, como outras aqui aludidas, além de informar ao público leitor no Brasil sobre a ação dos “*esbirros de Salazar*”, é demonstração sobre a circulação transatlântica dos impressos, das formas de burla no intercâmbio dos periódicos e livros e ainda da recepção dos impressos em terras portuguesas, a despeito das investidas do aparelho da censura e da perseguição da PIDE em

<sup>340</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 87, junho e julho de 1953, p. 04.

relação aos livros e jornais proibidos. Além dos livros de Tomaz da Fonseca, de Roberto das Neves e do jornal *Ação Direta*, outro livro publicado pela Editora Germinal foi alvo de perseguição quando posto a circular clandestinamente em Portugal. Trata-se do já mencionado *Na Inquisição de Salazar*, de Edgart Rodrigues e Luíz Portela, proibido em Portugal por seu conteúdo antifascista e de denúncia ao regime salazarista. O livro recebe um amplo comentário no *Ação Direta* (Rio de Janeiro), apresentado em detalhe, tido como “*farto volume [que] incorpora-se à história da perseguição nazi-fascista em todo o mundo*”. A considerar também, no exame da história do livro e da leitura, quanto ao conteúdo da publicação é o pormenor editorial, reunindo as Cartas trocadas entre Edgart Rodrigues e Luíz Portela, ativando procedimentos editoriais em voga quanto à difusão do gênero epistolar, assim como oferecendo ao leitor um registro que transcende a escrita íntima ou pessoal e no molde da escrita empenhada, de testemunho e denúncia, se destina a provocar liames de resistência frente aos desmandos da ditadura em Portugal e noutros regimes de feição autoritário. Enquanto fonte-documento-memória social as cento e quarenta e quatro Cartas trocadas no período entre 1932 e 1937 alargam nosso conhecimento sobre o contexto e as formas de resistência, uma vez que enviar e receber cartas é também se por como alvo da repressão:

A bibliografia do movimento revolucionário debaixo de regimes ditatoriais, se é vasta em alguns países, no caso de Portugal deixa muito a desejar. Torna-se portanto louvável o esforço da Editora Germinal dando a público, no Rio de Janeiro, este volume de cartas trocadas entre dois companheiros, um dentro e outro fora da prisão, revelando o que nos cárceres do estado fascista português se passava e o que ocorria no mundo oprimido e ansioso de liberdade. [...]

Este farto volume incorpora-se à história da perseguição nazi-fascista em todo o mundo. Nas suas 144 cartas palpita o espírito revolucionário dos autores e pintam-se, com as cores trágicas mas verdadeiras de um período sangrento, as misérias da traição e o heroísmo das vítimas da nova inquisição, que tem sido tanto o escuro das masmorras como a atmosfera do país subjogado. Paralelamente, fatos conhecidos e secretos da guerra civil espanhola e da colaboração do fascismo português com os “nacionalistas” são revelados graças à correspondência mantida entre os dois companheiros durante os anos de 1932 e 1937. Com a vantagem do testemunho de quem viveu os acontecimentos, no movimento subterrâneo e dentro dos cárceres da reação, fica-se conhecendo a bravura e a astúcia nos ardis empregados para a troca de notícias, para a comunicação com os companheiros de ideal. [...]

Tem-se notado infelizmente uma certa impressão de falta de energia, de revolta, do povo português ante a opressão política ali reinante a 30 anos, como se aquele gênio revolucionário de tantas jornadas históricas tivesse fenecido. Realmente, esse seria o crime mais pavoroso da ditadura, matar a índole generosa, liberal e altiva do povo, transformando-o em massa passiva, amorfa, castrada e submissa. Mas isto não é verdade. As cartas de

Luís Portela e Edgart Rodrigues podem ser tomadas como um símbolo da alma revolucionária, da coragem, do espírito indomável do povo português. É este sem dúvida um dos principais aspetos do livro, a sua virtude maior, porque a par da indignação ante a sorte de tantas vítimas tombadas no caminho, nos alenta e faz confiar na capacidade de quantos, em Portugal ou no exílio, sabem que, se lutar pela liberdade é um dever, poder lutar por ela é uma felicidade.<sup>341</sup>

Este e outros escritos, tornados fontes e aqui apresentadas, são possíveis graças a ação dos jornais libertários e oposicionistas que nos ajudam a perceber as formas de circulação dos impressos entre o Brasil e Portugal no salazarismo. Em destaque, os modos de circulação clandestina dos livros, como se tentava burlar o regime para ter acesso à literatura antifascista. As fontes também são de imensa valia por dar a conhecer a violência da repressão, a censura, a perseguição aos militantes e, em relevo, como a polícia política se volta ao confisco dos impressos clandestinos. Os livros, jornais, cartazes, panfletos, brochuras são os alvos constantes da sanha dos dispositivos da polícia política. O confisco, a destruição ou a queima dos livros é a figuração trágica da destruição dos autores, editores, livreiros...

Entretanto, concernente ao diligente aparato repressivo, Nuno Medeiros afirma *“Quanto ao aparato de injunção, este jogou-se no tabuleiro da repressão censória e proibitiva. A injunção punitiva e censória não funcionava, no entanto, como procedimento inelutável de apreensão e destruição”*.<sup>342</sup> Por vezes, a censura ocorria na forma de interdição ou impedimento da entrada das obras proibidas no país, como ilustram fatos ocorridos com Roberto das Neves, aumentando os obstáculos em sua atividade editorial e livreira. Quando o editor envia para Portugal exemplares do livro *Sermões da Montanha*, de Tomaz da Fonseca, o livro é impedido de entrar no país, sendo devolvido com a tarja, *“Proibido em Portugal – Devolva-se ao remetente”*, como denuncia Roberto das Neves em nota publicada no jornal *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro):

PROIBIDO EM PORTUGAL PELA INQUISIÇÃO DE SALAZAR

Tendo um jornal desta capital posto em dúvida a veracidade expressa na epígrafe desta local, a mesma com que há dias encimava anúncios relativos ao aparecimento da edição brasileira da famosa obra de Tomaz da Fonseca, “Sermões da Montanha”, tornamos público que se estão à disposição de quantos desejem compulsá-los, nos nossos escritórios, à avenida Nilo Peçanha, n.º 12, sala 1206, tel.: 32-7520 os comprovantes do que

<sup>341</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 120, agosto e setembro de 1957, p. 03.

<sup>342</sup> MEDEIROS, Nuno. **O livro no Portugal contemporâneo**. Odivelas: Outro Modo Cooperativa Editorial, 2018, p. 153.

afirmamos: pacotes com exemplares da referida obra, que os esbirros do Santo Ofício de Salazar, gestapianamente alapardados nos Correios de Portugal, nos devolveram (haviamó-los remetido sob registro!) com a nota “Proibido em Portugal – Devolva-se ao remetente”, e cartas de clientes residentes naquele país, dando-nos conta de maus tratos com que foram “mimoseados” pela “Guepeú” salazarista pelo “crime” de haverem recebido pelo Correio exemplares da obra “excomungada”.  
Pela Editôra Germinal, assina. ROBERTO DAS NEVES.<sup>343</sup>

Outro fato evidencia a censura aplicada à Editora Germinal; Roberto das Neves envia livros para Portugal, usando o serviço dos correios, no intuito de divulgá-los em livrarias, revistas e exemplares destinados ao crítico da revista *Seara Nova* (Lisboa), à Universidade de Coimbra e à Biblioteca Nacional. Contudo, os livros foram visados e vetados pela censura postal, sendo devolvidos ao Editor, carimbados com os dizeres “*importação proibida, devolva ao remetente*”. Roberto das Neves tornou público o ocorrido através do jornal *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro), para onde se dirigiu com os pacotes de livros devolvidos:

#### CENSURA DE SALAZAR VETA LIVROS

Estêve em nossa redação o professor português Roberto das Neves. Diretor da Editôra Germinal. Exibiu pacotes de livros da editôra que, enviados para Portugal, foram vetados pela censura postal de Salazar e devolvidos ao Brasil. “Conquista do Pão”, “O Retrato”, “O Nôvo Israel”, “Jesus de Nazaré e a Crítica Histórica” são os títulos dos livros. O prof. Roberto das Neves informou que a censura salazarista devolveu, inclusive, livros destinados ao crítico da revista “Seara Nova”, de Lisboa, entre êles, “Curso de Literatura”, do prof. José Oiticica. Os volumes da Editôra Germinal, para a Biblioteca Nacional de Lisboa, foram devolvidos com o carimbo: “Alfândega de Lisboa”, “importação proibida, devolva ao remetente.” O mesmo aconteceu com livros enviados para a Universidade de Coimbra.<sup>344</sup>

No Brasil, a censura instituída nos anos 1930, durante o Estado Novo, é oficializada na Constituição de 1934, em seu artigo 113, inciso 9. Contudo, desde 1924 funcionava o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) no país, e, em 1939, é criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgãos destinados, entre outras ações, a reprimir a militância de oposição e censurar as publicações tidas como subversivas ou “extremistas”. Como registra a historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, o texto da lei ressalta que: “*não seria tolerada a propaganda de guerra ou de processos violentos para subverter a ordem política e social*”. A historiadora também nos lembra sobre a história da imprensa militante que circulou no Brasil desde o início do século XX – e principalmente aquela que circulou

<sup>343</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 de abril de 1948, p. 07.

<sup>344</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1963, p. 13.

na clandestinidade por força da censura institucional.<sup>345</sup> A respeito do tema, o historiador Rodrigo Patto Sá Motta assinala o caráter anticomunista da legislação em torno da censura, instaurada pela “Lei Monstro”, editada nos anos 1930 durante o governo Vargas. Como ressalta Motta, antes mesmo da ditadura, o governo Vargas edita legislação que diz respeito à censura, como na “Lei Monstro”, de 1935, que proíbe a circulação de publicações “*atentatórias à ordem política e social*” e autoriza apreender qualquer material impresso que seja contrário à lei.

Em meio à radicalização política dos anos 1930, e ainda antes da ditadura, o governo Vargas editou legislação voltada para o combate aos “extremismos”, na verdade, um eufemismo, pois o objetivo real era atingir a esquerda, principalmente os comunistas. Entre os dispositivos da “Lei Monstro” – alcunha que lhe foi dada pelas forças da oposição – havia um artigo autorizando o Estado a apreender publicações consideradas atentatórias à ordem política e social. A Lei n. 38, de 04/04/1935, afirma em seu artigo 26 que: “É vedado imprimir, expor à venda, vender, ou, de qualquer forma, pôr em circulação gravuras, livros, pamphletos, boletins ou quaesquer publicações não periódicas, nacionaes ou estrangeiras, em que se verifique a pratica de acto definido como crime nesta Lei, devendo-se apprehender os exemplares [...]”<sup>346</sup>

Com o fim do Estado Novo, no interregno entre 1945 e a ditadura civil-militar instaurada em 1964, observa-se uma relativa liberdade de expressão e circulação das ideias. Ainda assim, Roberto das Neves denuncia a perseguição que se dava no período, seja pela “colônia” portuguesa pró-Salazar no Brasil, seja por brasileiros adeptos de uma moral conservadora. O editor e livreiro registra um dos episódios em que assinala a perseguição aos livros e militantes antifascistas e antissalazaristas no Brasil. Em 25 de janeiro de 1951, um incêndio de causas duvidosas devorou o 18º andar do Edifício Rex, na Rua Álvaro Alvim, no Rio de Janeiro, onde estavam instalados a Editora Germinal e o Brazila Instituto de Esperanto, queimando o estoque de livros da editora e, inclusive, obras ainda por publicar. Roberto das Neves aponta que o incêndio foi criminoso e que teria sido obra da “colônia” brasileira de portugueses pró-Salazar que vivia no Brasil. Sobre o ocorrido, Neves diz que teria sido vítima a Editora Germinal de um “*auto de fé*”,

---

<sup>345</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros Proibidos, Idéias Malditas**: O Deops e as Minorias Silenciadas. São Paulo: Estação Liberdade: Arquivo do Estado, 1997, p. 26.

<sup>346</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O diabo nas bibliotecas comunistas: repressão e censura no Brasil dos anos 1930. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (org.). **Política, nação e edição**: o lugar dos impressos na construção da política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume, 2006, p. 141.

devido a publicação do primeiro livro lançado pela editora, *Sermões da Montanha*, de Tomaz da Fonseca:

Por motivo da publicação deste livro [“Sermões da Montanha”, de Tomás da Fonseca], fomos vítimas dum auto-de-fé que, numa noite, destruiu o depósito de livros, no último andar do Edifício Rex, na rua Álvaro Alvim, ocasionado-nos prejuízos totais, pois, tendo transferido, dias antes, da av. Nilo Peçanha para ali, a sede da nossa editora, nada tínhamos, de momento, no seguro.<sup>347</sup>

Outro autor editado pela Editora Germinal foi alvo de repressão no Brasil, chegando a ser preso e ter folhetos de sua autoria apreendidos e queimados em praça pública. Tratava-se do *Filósofo da Selva* (Rafael Lopez del Palacio), e dos seus folhetos que, juntos, se tornariam o livro *Páginas Cínicas*, editado pela Germinal em 1955. Em “O ‘Filósofo da Selva’ e a sua mensagem libertadora”, Roberto das Neves levanta detalhes sobre a tiragem, a recepção, a circulação e a reação dos potentados aos folhetos de Palacio, apontando as razões da perseguição sofrida. O editor assinala que as ideias e a mensagem do Filósofo da Selva de crítica da “*civilização estatal e capitalista*” haviam sido compreendidas pelo povo

que lhe tributa a sua simpatia, esgotando-lhe rapidamente as enormes edições dos seus folhetos (dez mil exemplares cada uma) e os totalitários representantes do Estado, do Capitalismo e da Igreja, que, por pressão dos interesses inconfessáveis dos que se esforçam por manter de pé esta podre civilização de miséria, de fome, de vício e de crimes, lhe têm arrebatado e queimado alguns folhetos (como ocorreu em Belo Horizonte, Acre e Recife) e lançado a ele próprio no fundo das masmorras. Um e outros, Povo e autoridades, cada qual a seu modo, o têm glorificado, consagrado e ajudado a levar a cabo a sua missão, que consiste em transmitir-nos e às gerações vindouras a sua mensagem de libertação.<sup>348</sup>

A repressão não se dava apenas aos impressos, alcançava também seus autores. Nesse caso, Rafael Lopez del Palacio enfrentou a prisão por conta de seus escritos, como registrado por Roberto das Neves. Em 1956, Palacio foi preso duas vezes em Minas Gerais, sob a acusação de vadiagem – “*viver da venda de livros de sua autoria*” – e charlatanismo – “*e num dos livros haver reproduzido receitas dos índios do Andes e da Amazônia, sem que, entretanto, receitasse ou vendesse quaisquer medicamentos*”. Roberto das Neves sai publicamente em defesa de

<sup>347</sup> NEVES, Roberto das. Biografia deste livro. In: OITICICA, José. **Curso de Literatura**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960, p. 08.

<sup>348</sup> NEVES, Roberto das. O “Filósofo da Selva” e a sua mensagem libertadora. In: **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 204.



Palacio, em nome da Editora Germinal, como registra o jornal *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro) cuja redação é mais uma vez visitada por Roberto das Neves:

PROCESSO DA POLÍCIA MINEIRA CONTRA O “FILÓSOFO DA SELVA”

Procuraram-nos elementos da editôra Germinal para protestar contra nova medida policial tomada em relação ao refugiado espanhol Rafael Lopez, figura popular, autor, sob o pseudônimo de Filósofo da Selva, do livro “Páginas Cínicas”. Disseram-nos os reclamantes que, como já foi divulgado, a polícia de Belo Horizonte prendeu pela segunda vez, e removeu para esta capital o sr. Rafael Lopez, contra o qual instaurou processo por vadiagem e charlatanismo. E explicaram-nos que essas acusações se baseiam no fato de aquele cidadão viver da venda de livros de sua autoria e num dêstes haver reproduzido receitas dos índios do Andes e da Amazônia, sem que, entretanto, receitasse ou vendesse quaisquer medicamentos. Nossos informantes adiantaram que hoje será requerido “habeas-corpus” em favor de Rafael Lopez, que se encontra prêso na Delegacia de Costumes desta capital.<sup>349</sup>

Um ano depois, Palacio seria mais de uma vez alvo de repressão e censura. Roberto das Neves denuncia outro episódio de perseguição envolvendo o autor e os livros da Editora Germinal – “*LIVROS APREENDIDOS E QUEIMADOS NO AMAZONAS*” –, dessa vez na cidade de Boca do Acre, no Amazonas. O fato é repercutido na imprensa de Manaus e a denúncia relata a invasão da casa de Palacio pelo pároco local acompanhado de um ex-delegado de polícia, para a apreensão de livros e manuscritos inéditos, que foram queimados no adro da igreja, em verdadeiro “auto-de-fé”:

LIVROS APREENDIDOS E QUEIMADOS NO AMAZONAS

Em carta dirigida ao jornal “Diário de Notícias”, o sr. Roberto das Neves, gerente da Editora Germinal, desta capital, denuncia que o sr. Rafael Lopez, autor de vários livros e folhetos, sob o pseudônimo de “Filósofo da Selva”, publicado por aquela editora, foi vítima de violências na cidade de Bôca do Acre, no Amazonas.

Segundo as notícias de jornais de Manaus, entre êles “O Jornal” e “A Gazeta”, que o missivista juntou, aquele escritor teve sua residência assaltada pelo vigário local, padre José Rodrigues do Monte, e pelo ex-delegado de polícia Francisco Leite, os quais apreenderam os livros que o sr. Lopez estava vendendo e manuscritos de obras inéditas e as queimaram no adro da igreja.

Acrescenta o sr. Roberto das Neves que, apesar dos protestos daqueles jornais e dos que formularam vários deputados na Assembléia Legislativa do Amazonas, não foram tomadas providências contra os autores da violência.<sup>350</sup>

Estes não são casos isolados em que se observa a repressão, a perseguição dos autores e a destruição de livros no Brasil; os inquéritos policiais, livros de memória e outros documentos demonstram à larga os episódios de

<sup>349</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1955, p. 06.

<sup>350</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1956, p. 03.

empastelamento de jornais, confisco e queima de livros, prisão de jornalistas, autores, editores e livreiros, entre outros sinais do arbítrio. O historiador Rodrigo Patto de Sá Motta anota um episódio ocorrido nos anos do Estado Novo brasileiro, quando centenas de livros foram queimados em praça pública em Salvador, por serem considerados “perigosos”. Dias antes, um dos principais jornais do país havia enaltecido a política repressiva do governo em relação à literatura comunista e em tom dramático: *“Contra essa força destruidora da unidade e da harmonia entre irmãos, só mesmo a implacabilidade medieval dos autos de fé”*. Rodrigo Motta assim avalia o fato: *“A radicalização do sentimento anticomunista atingiu níveis agudos e levou a que fossem sugeridas e colocadas em prática medidas visando à destruição da literatura ‘perigosa’, algumas vezes recorrendo ao imaginário medieval”*. À publicação da matéria, cerca de um mês depois, a autoridade policial promove uma encenação pública de *“purificação do mal”*: é montada uma pira em Salvador, defronte à Escola de Aprendizes Marinheiros (e não por acaso) para consumir em chamas oitocentos exemplares de *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, entre outros títulos. Registrando a brutalidade da ação policial, o citado historiador avalia que *“A prática era semelhante ao que ocorria na Alemanha nazista, embora aqui a repressão tenha sido menos abrangente e o recurso à purificação do “mal” através do fogo menos freqüente”*.<sup>351</sup> O que talvez se deva perguntar ao historiador é como mensurar os efeitos deletérios da destruição dos livros (e dos autores e editores) em comparação à Alemanha nazista e se se pode assim concluir: *“embora aqui a repressão tenha sido menos abrangente”* ou que *“a purificação do ‘mal’ através do fogo menos freqüente”*, isto porque foram tantos os jornais empastelados, tamanha a perseguição aos grupos editoriais e redatores, e ainda as prisões terríveis, como se viu desde a Clevelândia, tão bem estudada em Alexandre Samis.<sup>352</sup>

Além dos “autos de fé” e das perseguições aos autores tidos como “perigosos” e “subversivos”, havia outras formas de perseguição aos livros antifascistas editados pela Editora Germinal, seja por indivíduos apoiadores do regime salazarista que viviam no país, seja pela própria polícia política de Salazar

---

<sup>351</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O diabo nas bibliotecas comunistas: repressão e censura no Brasil dos anos 1930. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (org.). **Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da política no Brasil, Europa e Américas nos Séculos XVIII-XX**. São Paulo: Annablume, 2006, p. 142-143.

<sup>352</sup> Sobre a Clevelândia: SAMIS, Alexandre. **Clevelândia: Anarquismo, Sindicalismo e repressão política no Brasil**. São Paulo: Editora Imaginário, 2002.

agindo fora do território de Portugal. O editor Roberto das Neves registra em nota publicada no jornal *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro) um fato inusitado, que ilustra a tentativa, por parte de “comendadores” defensores de Salazar e da PIDE, de tirar de circulação livros que ferissem a imagem do Estado Novo português no Brasil, denunciado como “fascismo lusitano”. Veja-se a pressão e intimidação sobre editores e livreiros no Brasil e, no limite, utilizando o conhecido expediente de fazer sumir os livros (seriam queimados?), retirando-os de circulação; para tal faziam aquisição de grandes quantidades de títulos:

#### LIVROS ANTI-SALAZARISTAS CONFISCADOS NO BRASIL

Tendo-se noticiado que, a pedido do Govêrno português, foram confiscados nas livrarias do Rio e São Paulo os livros “Tufão sôbre Portugal”, do Gen. Delgado, a “Fome em Portugal”, do prof. Josué de Castro [na verdade, os autores são Edgar Rodrigues e Roberto das Neves] e outros da Editôra Germinal sôbre o fascismo lusitano, esclarece-se que tal ocorrência verificou-se em Lisboa e Pôrto, não no democrático Brasil, onde, apesar de tudo, o poder do ditador de Santa Comba ainda não chegou a tanto. O que aqui se passou foi que alguns “cumendadoiros” de Salazar e agentes da PIDE, no intuito de retirar do mercado tais livros, lesivos do prestígio do patrão, apressaram-se a adquirir grandes quantidades de exemplares em várias livrarias e, por pressão econômica e intimidação, forçaram outras a recusá-los ou sonegá-los.<sup>353</sup>

A perseguição que se abatia sobre os livros da Editora Germinal e a censura se dava também pela ação de agentes públicos no Brasil. Nesse sentido, o Editor relata o caso da devolução do Catálogo da Editora Germinal distribuído em várias bibliotecas do Brasil, por ocasião do lançamento do folheto *Provas da Inexistência de Deus*, de S. Faure. O Catálogo havia retornado da biblioteca municipal de Palmeira, no Paraná, com uma carta escrita por seu bibliotecário, se dizendo ofendido por ter recebido tal Catálogo, tido por ele como “blasfemo”, “imoral” e contrário à “pátria brasileira”. A Carta, publicada no *Ação Direta* tem seu teor intercalado pelos comentários entre o chiste e a zombaria de Roberto das Neves:

A Editôra GERMINAL distribuiu recentemente, por ocasião do lançamento das “Provas da Inexistência de Deus”, de Sebastião Faure e outros, um catálogo às bibliotecas do Brasil. Dias depois, vinha devolvido o exemplar enviado à biblioteca municipal de Palmeira (Paraná), com a seguinte carta subscrita (não pasmem, que não vale a pena!), pelo respetivo bibliotecário, o ilustríssimo (pelo menos em teoria) sr. Oliveira:

“Senti-me ofendido em meus sentimentos de brasileiro, recebendo o blasfemo catálogo de livros dessa Editôra, que anexo devolvo. O Brasil nasceu sob o signo da cruz, recebeu a fé de Deus (qual dêles? – R. N.), a quem jamais renunciará. Quem não quer acreditar em Deus? (O pobre sr. Oliveira supõe que isto de acreditar depende da vontade de cada um! – R.

<sup>353</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1962, p. 10.

N.). Aquele que renuncia aos princípios de toda a moralidade (gostaríamos de ter informações sobre a moralidade do sr. Oliveira – R. N.), aquele que quer destruir a pátria brasileira para vendê-la a alguma potência estrangeira! (tolice, pois quem quer vender uma coisa não pensa em destruí-la, o que inutilizaria o negócio! – R. N.). Se na Rússia alguém publicasse um catálogo dêsse contra o regime dos sem-Deus, não acabaria seus dias em campo-de-concentração na Sibéria? Muito lamento que havendo tantos livros bons construtivos a difundir (o sr. Oliveira quer, certamente, referir-se ao Catolicismo ou à Bíblia, cuja venda tão rendosa é), essa Editôra se proponha a difusão de obras incontestavelmente perniciosas, cuja impressão e divulgação, para salvaguardar a moral, a verdade (que entenderá por ‘verdade’ o pobre sr. Oliveira?) e os bons princípios deveria ser proibida! Atenciosamente (hipócrita!), Oliveira, bibliotecário.”<sup>354</sup>

Os fatos sociais demonstram amplamente as dificuldades enfrentadas e, ao mesmo tempo, a tenacidade do Editor e Livreiro Roberto das Neves e os militantes libertários e oposicionistas em prol da circulação de livros e jornais antifascistas e antissalazaristas no Brasil e em Portugal. Além das dificuldades materiais para a edição dos impressos, o trabalho de tradução e a atividade livreira de difusão das obras ao público leitor, devem ser considerados os efeitos da repressão, censura, confisco, perseguição, destruição e interdição dos impressos. No entanto, é assinalável na história do livro o largo episódio de circulação clandestina dos impressos, driblando os dispositivos da polícia política.

Com sua ação editorial e livreira engajadas, Roberto das Neves trilha um percurso singular e compõe um projeto editorial, editando, traduzindo e difundindo livros pela Editora Germinal, ousando semear livros e ideias libertárias que fazem parte do seu ideário, entre as quais o Esperanto, que dispõe de Catálogo específico. Desde o tempo da Universidade de Coimbra, nos anos 1920, o intelectual português estuda e difunde a “Íngua internacional”, tornando-se professor, divulgador e livreiro esperantista em Portugal, na Espanha e no Brasil. Este é o tema que informa o capítulo seguinte de nosso estudo, aberto com o poema *La Espero (A Esperança)*, de Ludwik Lejzer Zamenhof, publicado no Brasil pela revista *Brazila Esperantisto*.<sup>355</sup> O poema tem sua versão para o português por João Baptista de Mello e Souza (1888-1969), escritor, poeta e tradutor brasileiro, um dos pioneiros do movimento esperantista no Brasil. Souza foi membro do Conselho da Brazila Esperantisto-Ligo, por vários anos membro do Brazila Klubo de Esperanto (Rio de Janeiro) e redator da revista *Brazila Esperantisto*.

<sup>354</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 134, maio de 1959, p. 03.

<sup>355</sup> *Brazila Esperantisto*, ano 8, números 3, 4 e 5, março-maio de 1917, p. 06.

## **La Espero**

*En la mondonvenis nova sento,  
tra la mondo iras fortavoko;  
per flugiloj de facila vento  
nun de lokofluguĝi al loko.*

*Ne al glavosangonsoifanta  
ĝi la homan tiras familion:  
al la mond' eterne militanta  
ĝipromesasanktanharmonion.*

*Sub la sankta signo de l' espero  
kolektiĝas pacaj batalantoj,  
kaj rapide kreskas la afero  
per laboro de la esperantoj.*

*Forte staras muroj de miljaroj  
inter la popoloj dividitaj;  
sed dissaltos la obstinaj baroj,  
per la sankta amo disbatitaj.*

*Sur neŭtralalingva fundamento,  
komprenante unu la alian,  
la popoloj faros en konsento  
unugrandan rondon familian.*

*Ni adiligentakolegare  
en laboro paca ne laciĝos,  
ĝis la bela sonĝo de l' homaro  
por eterna bem' efektiviĝos.*

## **A Esperança**

Surge agora um novo sentimento,  
Pelo mundo corre um forte brado!  
Que nas asas de um propício vento,  
Pelo mundo seja divulgado.

Esse ideal jamais verá na Terra  
Rubro sangue ou negra tirania;  
Às nações eternamente em guerra  
Só promete paz e harmonia.

Sob o santo emblema da Esperança  
Vinde vós, ó nobres paladinos,  
E mui breve o mundo a paz alcança,  
Da concórdia ouvindo alegres hinos.

Se há barreiras, fortes, seculares,  
Entre os povos sempre divididos,  
Cairão da guerra esses altares  
Pelo amor somente destruídos.

Quando houver o mútuo entendimento  
Da Babel caindo o mal profundo,  
Surgirá de tal congoçamento  
Uma só família sobre o mundo.

Da Esperança o exército disperso,  
Pugnará em luta gloriosa,  
Até quando a Paz sobre o Universo  
Dominar p'ra sempre vitoriosa!

Poema de Ludwik Zamenhof, publicado pela primeira vez em 1890, no livro *Tutmonda Lingvo Esperanto por Rusoj*. Considerado como hino do movimento esperantista. Publicado também na revista *Brazila Esperantisto*, ano 8, números 3, 4 e 5, março-maio de 1917, p. 06.

## 5 O ESPERANTISMO E A “PÁTRIA PLANETÁRIA”

### 5.1 Esperanto e a ideia de língua universal

Estimamos el esperanto no sólo porque aproxime recíprocamente a las personas, no porque aproxime las mentes de las personas sino porque aproxima sus corazones.

Ludwik Lejzer Zamenhof.<sup>356</sup>

A ideia de uma língua universal povoa a mente humana há muitos séculos. A concepção de língua comum universal remonta à antiguidade, como se pode perceber no mito bíblico de Babel. Segundo o registro bíblico (livro do *Gênesis*, capítulo 11, versículos 1-9), em um período posterior ao dilúvio, os homens viviam como “*um povo só e uma língua só*”. Tendo achado um local para viver, passaram a habitar este lugar, onde decidiram construir uma cidade e, nela, uma torre. De acordo com a narrativa, teriam tentado construir uma torre tão alta que alcançaria o céu. Por essa razão, teriam sido punidos por Deus com a confusão das línguas e a dispersão do povo, então único, pela superfície da terra.

O texto bíblico remete a um tempo mítico no qual os homens falam uma única língua, não enfrentam o problema da diversidade linguística em sua comunicação e se entendem entre si. Além disso, nesse tempo mitológico, em toda a terra, vive apenas um povo, unido, que se desloca e se instala para habitar um lugar a que posteriormente se dá o nome de Babel.<sup>357</sup> À parte as implicações mitológicas, teológicas e simbólicas dessa história, percebe-se que a história da Torre de Babel figura, ao mesmo tempo, como mito sobre a unidade linguística perdida, narrativa de origem da diversidade das línguas e ainda como um mito da

<sup>356</sup> Citado por: PRATS, Marina. La utopía del esperanto como idioma universal. **Ritmos 21** [online], 19 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.ritmos21.com/805506385/utopia-esperanto-idioma-universal-zamenhof.html>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

<sup>357</sup> Etimologicamente com raiz no hebraico, latinizado “*Babel*”, equivalente a “*Babilônia*”, do assírio “*bāb-ilu*”, cuja tradução seria “porta de Deus”. Nos dicionários, a palavra “Babel” refere ao mito bíblico, definida como confusão de vozes, mistura de línguas, desordem, balbúrdia. É comum relacionar-se a Torre de Babel com a Babilônia, cidade central da civilização babilônica, existente na Antiguidade e localizada na região da Mesopotâmia, às margens do Rio Eufrates, atualmente parte do território do Iraque. Alguns estudiosos associam a torre com construções conhecidas, nomeadamente o *Etemenanki*, zigurate construído no reinado de Nabopalasar (rei da Babilônia por volta de 610 a. C), um monumento dedicado ao deus Marduk. Para uma definição e etimologia da palavra, conferir o verbete “Babel” no *Dicionário Houaiss*, disponível online em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v5-4/html/index.php#2](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#2). Acesso em: 17 de junho de 2020.

diáspora, pois também trata da dispersão dos homens pela Terra. Trata-se de uma narrativa que, entre outras coisas, deseja explicar por que os homens viviam, à sua época, espalhados por várias terras e falavam línguas diferentes.

A narrativa mítica de Babel diz muito sobre seu tempo, sendo atualizada ao longo dos séculos e permanecendo inscrita na sociedade, particularmente através dos escritos bíblicos, pela tradição cristã e por meio do patrimônio cultural legado pelos antepassados. À parte as questões relativas às mitologias que se inserem no debate, o que nos interessa mais diretamente dessa exposição é, precisamente, a questão da língua, ou das linguagens (de modo mais abrangente), por ser uma preocupação que atravessa gerações e que permanece como um problema atual.

Além dessa passagem conhecida do livro do *Gênesis*, outros trechos do livro sagrado dos judeus e cristãos levantam o problema das línguas. O profeta *Sofonias* (cap. 3, v. 9-10), por exemplo, augura, há mais de dois mil anos, o advento de uma língua comum a todos os povos, para invocarem o nome de Deus. No texto de *Sofonias*, nota-se novamente o tema da dispersão, como na passagem sobre Babel, estabelecendo uma conexão entre a profecia e o mito. A palavra “língua” não é mencionada em *Sofonias*, embora o termo “*lábios puros*”, utilizado pelo autor, remeta à questão da língua, do idioma, da linguagem. A palavra “língua” é mencionada na Bíblia centenas de vezes, ao longo de muitos dos livros, apresentando sentidos variados, referindo-se desde à língua como idioma propriamente dito, ao dom de “falar em línguas” e até à língua como parte do corpo humano, na maioria das vezes tida como símbolo associado à mentira, calúnia e enganação. Por vezes, aparecem alegorias relacionando a língua dos homens a metáforas e imagens como a do fogo em brasa, da inoculação de veneno (a semelhança de uma serpente) ou a um arco em riste (pronto a lançar palavras malévolas, tal como flechas).

O termo “língua universal” aqui utilizado se refere tão somente a ideia de uma língua comum, seja ela qualificada com os termos “inventada”, “artificial”, “planejada” ou “construída”. Os termos “língua universal”, “língua mundial” e “língua internacional” são, por vezes, utilizados de forma sinônima e intercambiável quando

se trata de ideias e projetos de línguas construídas, inclusive o Esperanto.<sup>358</sup> No entanto, existem diferenças entre essas denominações, sendo que o termo “língua universal” tem uso mais comum entre os séculos XVII e XVIII. A partir do final do século XVIII e durante o século XIX, passam a ser mais utilizados os termos “língua mundial” e “língua internacional” ao se referir a uma língua com pretensões universais ou projetada para ser língua comum, o que certamente sofre influência dos debates da época acerca do problema e do contexto de afirmação dos estados-nação observados no período, o que reforça a separação entre os diferentes povos e suas diversas línguas. Atualmente, do ponto de vista linguístico, ao designar uma língua como o Esperanto, usa-se normalmente o termo “Língua Internacional Auxiliar” (LIA). Contudo, terminologicamente, encontram-se várias opções sinônimas para a designação de uma língua “global”, como ressalta a pesquisadora portuguesa Sónia Gomes, em seu estudo acerca do esperantismo em Portugal. A autora anota que, quanto à sua origem, pode se dizer língua auxiliar, planejada, artificial, ou *a posteriori*. Quanto à dimensão da sua aplicabilidade, surgem os termos internacional, franca, universal, veicular, interlíngua e “terra língua”.<sup>359</sup>

Na Idade Média, distante mais de um milênio dos textos bíblicos levantados, há registros de que a abadessa Hildegard von Bingen (1098-1179), superiora do mosteiro beneditino de Rupertsberg, situado na cidade Bingen am Rhein, na Alemanha, teria sido autora de um projeto de língua artificial, que deu o nome de “*Língua Ignota*” (que significa “língua desconhecida”).<sup>360</sup>

---

<sup>358</sup> Optou-se neste trabalho pela utilização da letra inicial maiúscula ao grafar a palavra “Esperanto”. Ao adotar a uniformização com a inicial maiúscula, afirma-se a opção pelo sentido simbólico do nome próprio, ou seja, o pseudônimo Dr. Esperanto, adotado por Ludwik Zamenhof já na primeira edição de seu projeto de língua planejada (publicado em 1887). Com o tempo, a denominação “Língua Internacional”, que aparece nessa publicação pioneira e em algumas de suas reedições, é substituída por “Esperanto”, sendo então adotada pela comunidade esperantista mundial. Essa e outras reflexões foram suscitadas a partir das contribuições do professor José Leite Júnior (Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará), estudioso do Esperanto a quem muito agradeço pela partilha de conhecimentos, leituras e ideias sobre o estudo da *Lingvo Internacia* e do esperantismo, em uma tarde de esclarecedora conversa no Plebeu Gabinete de Leitura, além de sua criteriosa leitura do Relatório de Qualificação da Tese, acompanhada de sugestões bibliográficas e indicações de fontes para a pesquisa.

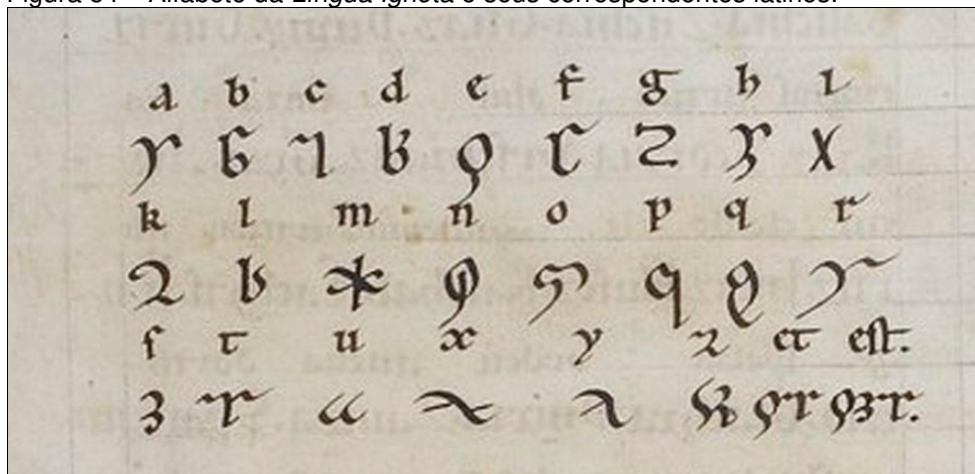
<sup>359</sup> Sobre a terminologia associada aos projetos de língua internacional, em particular ao Esperanto, ver: GOMES, Sónia Piedade Apolinário Ribeiro. **O Esperantismo em Portugal (1892-1972):** origens, afirmação e repressão. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Instituto Universitário de Lisboa, IUL, Lisboa, 2012, especialmente as páginas 03-05, 10-11.

<sup>360</sup> Roberto das Neves traz essa informação, em estudo sobre “O problema da língua mundial e o ‘Manifesto dos Anacionalistas’”, publicado em seu livro: NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 116-140.



Mulher de múltiplos conhecimentos e habilidades, além de monja Hildegard foi escritora, poeta, compositora e naturalista, com interesses em áreas diversas, como teologia, música e dramaturgia. Sua proposta de língua artificial possuía alfabeto próprio, composto, como o nome da própria língua sugere, de vinte e três letras desconhecidas.

Figura 54 – Alfabeto da *Língua Ignota* e seus correspondentes latinos.



Fonte: *Riesencodex*, fl. 464v, manuscrito arquivado na Biblioteca de Hesse, Wiesbaden, Alemanha.

Fortemente inspirada no misticismo de sua inventora e utilizada principalmente para fins religiosos, a *Língua Ignota* compõe-se de cerca de novecentas palavras inventadas, remetendo a seres fantásticos que povoavam as visões da monja, termos de uso litúrgico, assim como vocábulos relativos a aspectos e objetos da vida cotidiana no mosteiro. Hildegard sustentou que a língua e seu alfabeto haviam sido uma revelação divina. A autora aplica algumas palavras de sua língua na antífona *O Orzichs Ecclesia*, no hino *O Virga Mediatrix* e em uma versão do seu hino *Kyrie Eleison*. É possível que a língua criada por Hildegard tenha sido utilizada como um código secreto para comunicação entre monjas, quando estavam na presença de estranhos.<sup>361</sup>

<sup>361</sup> Sobre Hildegard von Bingen e sua *Língua Ignota*, ver: NEWMAN, Barbara. **Sister of Wisdom**: St. Hildegard's Theology of the Feminine. Los Angeles: University of California Press, 1997; NEWMAN, Barbara. Hildegard and Her Hagiographers: the remaking of female sainthood. In: MOONEY, Catherine M. (org.) **Gendered Voices**: medieval saints and their interpreters. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999, p. 17-34. De Hildegard, conferir: HILDEGARD, Saint. **Symphonia**: a critical edition of the Symphonia armonie celestium revelationum. 2ª edition. New York: Cornell University Press, 1998.

No século XVI, segundo reza a tradição, o árabe Muk-ed-Din cria uma língua universal, o “*Balaibalan*”<sup>362</sup>, que deixou poucos vestígios e sobre a qual restam poucos registros, restando dúvidas quanto a autoria e o presumido criador e, especulando-se sua elaboração em fins do século XIV, e como criador original o místico Fazlallah Astarabadi<sup>363</sup>, ou seus seguidores, no século seguinte, sustentando-se inclusive a hipótese de a língua ter sido construída de forma coletiva. O documento conhecido sobre a existência do *Balaibalan* é um dicionário, cujas cópias manuscritas se encontram na Bibliothèque Nationale de France, em Paris, e na Biblioteca da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos.<sup>364</sup>

Ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, diversas tentativas e projetos de língua universal são elaborados, alguns da autoria de destacados nomes da filosofia e da ciência – Descartes, Voltaire, Montesquieu, Condorcet, Condillac, Volney, Locke, Ampère, Leibniz, Pascal, Burnuf, Berger, Wolke, Lambert, Max Müller –, entre outros. Outras figuras notáveis interessaram-se pelo problema da língua universal, como Arthur Schopenhauer, August Comte, Ernest Renan, Thomas Moore, Charles Renouvier, Étienne Cabet, Joseph Fourier, Paolo Mantegazza e Gonçalves Viana, entre outros. Uma síntese dos muitos projetos e ideias de língua universal ou internacional pode ser encontrada no estudo de Roberto das Neves sobre “O problema da língua mundial e o ‘Manifesto dos Anacionalistas’”.<sup>365</sup>

Desde o alvorecer do século XVII, o problema de uma língua comum universal passa a ser formulado e debatido. Consta que no ano de 1603 surge a primeira proposição de estudo em torno da questão, da autoria do inglês Alex Top,

<sup>362</sup> Para uma descrição do *Balaibalan*, conferir o verbete escrito por Charles Häberl, publicado na *Encyclopædia Iranica*: HÄBERL, Charles G. “BĀLAYBALAN LANGUAGE”. **Encyclopædia Iranica** [online edition], 2015. Disponível em: <http://www.iranicaonline.org/articles/balaybalan-language>. Acesso em: 24 de junho de 2020.

<sup>363</sup> Hipótese do pesquisador Alessandro Bausani (1921-1988): BAUSANI, Alessandro. About a Curious “Mystical” Language BĀL-A I-BALAN. **East and West**, Bologna, vol. 4, n. 4, p. 234-238, january 1954, especialmente página 236. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/29758096?read-now=1&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/29758096?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 13 de junho de 2020.

<sup>364</sup> Além dos estudos referidos sobre o *Balaibalan*, ver também: NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979; CAVALHEIRO, Pedro Jacintho; RUSILO, Luiz Carlos. **Breve Panorama da Língua Internacional Esperanto. Levantamento sobre seu uso e ensino em âmbito nacional e mundial**. São Paulo: Z-Editorial, 2012; DREZEN, Ernest Karlovich. **Historio de La Mondolingvo**. Moscou: Progreso, 1991.

<sup>365</sup> Cf.: NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, pp. 116-140. Sobre o tema, ver também: CAVALHEIRO, Pedro Jacintho; RUSILO, Luiz Carlos. **Breve Panorama da Língua Internacional Esperanto. Levantamento sobre seu uso e ensino em âmbito nacional e mundial**. São Paulo: Z-Editorial, 2012; DREZEN, Ernest Karlovich. **Historio de La Mondolingvo**. Moscou: Progreso, 1991; CLARK, W. J. **International Language: Past, Present & Future**. London: J. M. Dent & Sons, 1912.

apresentada em sua obra *The Olive Leaf*. A partir de então, registram-se mais de seiscentas tentativas e projetos para resolução do problema de uma língua mundial.<sup>366</sup> Em suas tentativas, muitos autores se mantiveram no campo da proposição, alargando o debate acerca da formulação de uma língua comum e influenciando os projetos elaborados posteriormente. Alguns foram mais longe, chegando a construir projetos mais ou menos complexos de língua planejada e alcançando, em pouquíssimos casos, disseminar o uso social da língua. Os primeiros projetos de língua comum elaborados com objetivos universalistas são da autoria de René Descartes, George Dalgarno, Gottfried Leibniz, John Wilkins, entre outros pensadores do período.<sup>367</sup>

O filósofo francês René Descartes (1596-1650) cria seu projeto de língua universal em 1629, sintetizando-o em linhas gerais em uma carta, enviada ao padre Marsenne. Francis Lodwick (1619-1694) sendo considerado o pioneiro na elaboração de um projeto de língua “*a priori*” – ou seja, no qual boa parte da gramática e vocabulário são criados do zero –, com sua proposta de língua comum universal publicada em *A Common Writing* (1647) e em *The Groundwork, or Foundation Laid (or so intended) for the Framing of a New Perfect Language and a Universal Common Writing* (1652). No mesmo período, o escritor e tradutor escocês Thomas Urquhart (1611-1660) constrói um plano para a criação de uma língua artificial, o qual publica em *The Jewel (Ekscopybalauron)*, em 1652, e em *Logopandecteisio* (1653).<sup>368</sup> O intelectual escocês George Dalgarno (1626-1687) elabora um projeto de língua mundial em 1661, ao qual dá o nome de *Ars Signorum* (algo como “Sinais de Arte” ou “Sinais Artesanais”, em tradução livre). No mesmo ano, o Dr. Joaquim Becker propõe a criação de língua comum numerando todas as

<sup>366</sup> Cf.: NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 124.

<sup>367</sup> NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979; CAVALHEIRO, Pedro Jacintho; RUSILO, Luiz Carlos. **Breve Panorama da Língua Internacional Esperanto. Levantamento sobre seu uso e ensino em âmbito nacional e mundial**. São Paulo: Z-Editorial, 2012; DREZEN, Ernest Karlovich. **Historio de La Mondolingvo**. Moscou: Progreso, 1991; CLARK, W. J. **International Language: Past, Present & Future**. London: J. M. Dent & Sons, 1912.

<sup>368</sup> NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979; CAVALHEIRO, Pedro Jacintho; RUSILO, Luiz Carlos. **Breve Panorama da Língua Internacional Esperanto. Levantamento sobre seu uso e ensino em âmbito nacional e mundial**. São Paulo: Z-Editorial, 2012; DREZEN, Ernest Karlovich. **Historio de La Mondolingvo**. Moscou: Progreso, 1991; CLARK, W. J. **International Language: Past, Present & Future**. London: J. M. Dent & Sons, 1912; URQUHART, Thomas. **The Jewel**. Reprint edition. Edinburgh, Scotland: Scottish Academic Press, 1983 (originalmente publicado em 1652); URQUHART, Thomas. **Logopandecteisio, 1653**. English linguistics, 1500-1800; a collection of facsimile reprints. Menston, England: Scolar Press, 1970 (originalmente publicado em 1653).

palavras existentes no vocabulário, sugerindo que fossem utilizados esses números como língua mundial escrita. O estudioso jesuíta e polímata alemão Athanasius Kircher (1602-1680) propõe, em seu *Polygraphia Nova et Universalis* (1663), uma língua artificial universal.<sup>369</sup>

Gottfried Leibniz (1646-1716), filósofo de origem alemã, desenvolve um projeto de interlíngua em 1666, reunido posteriormente em sua obra *Opera Omnia* (volume 6), sob o título *Dissertação sobre a arte da combinação*, com o subtítulo “*Pasigrafia ou a arte de se fazer compreender por meio de sinais de escrita comuns a todos os povos da Terra, quaisquer que seja a língua que falem, bastando para isso conhecer estes sinais comuns*”. Seu projeto de língua consiste em uma amálgama complexo de hieróglifos, semelhantes aos sinais da escrita ideográfica chinesa.<sup>370</sup> Além deste projeto, o filósofo alemão cria a “*Grammatica Rationali*”, apresentada em texto datado de abril de 1678, em que propõe “*a redução do vocabulário da linguagem aos termos estritamente necessários para expressar as ideias simples*”<sup>371</sup>, visando uma melhor comunicação do pensamento, e, além disso, sugerindo reformas e alterações no latim, como a eliminação de formas e flexões consideradas sem uso.<sup>372</sup>

No fragmento *Lingua Generalis*, Leibniz formula um projeto de língua universal, possivelmente inspirado no projeto escrito anos antes por Dalgarno, que, segundo afirma o filósofo e matemático francês Louis Couturat, teria exercido influência sobre o pensamento de Leibniz até a maturidade.<sup>373</sup> Em seu projeto, Leibniz pretende que a língua seja usada como idioma comum e também para a realização de cálculos. Como desdobramento deste projeto, Leibniz desenvolve o

---

<sup>369</sup> Sobre a língua, ver: BAUER, Friedrich L. *Polygraphia Nova et Universalis*. **Informatik-Spektrum**, Berlin, vol. 28, n. 03, p. 234-239, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00287-005-0490-5>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

<sup>370</sup> Cf.: NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 125.

<sup>371</sup> Ver: FRANZON, Carmen Rosane Pinto. **A característica universal de Leibniz: contextos, trajetórias e implicações**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2015, p. 140.

<sup>372</sup> NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 125.

<sup>373</sup> A anotação é da pesquisadora Carmem Franzon, em sua Tese: FRANZON, Carmen Rosane Pinto. **A Característica universal de Leibniz: contextos, trajetórias e implicações**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2015, p. 135. A menção a Couturat se refere à obra: COUTURAT, Louis. **La logique de Leibniz: d’après des documents inédits**. Paris: Félix Alcan Éditeur, 1901. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k110843d.r=la+logique+leibniz.langPT>. Acesso em: 10 de maio 2020.

cálculo binário.<sup>374</sup> O filósofo utiliza diversos termos para se referir à sua ideia de língua ou linguagem universal, tais como “*lingua universalis*”, “língua racional”, “gramática racional”, “gramática filosófica”, “*lingua philosophica*”, “*lingua rationalis*”, “*lingua generalis*”, “língua nova”, “*scriptura universalis*”.<sup>375</sup>

A partir deste autor, elaboram-se muitos projetos de língua *a priori*, restando como uma marca do século XVII a formulação de projetos de língua universal desse tipo.<sup>376</sup> A participação de filósofos na elaboração dos projetos de línguas planejadas, como Descartes e Leibniz, fez com que os projetos elaborados nessa altura se tornassem conhecidos também como “línguas filosóficas”, também pelos objetivos relacionados ao uso intelectual, à expressão do pensamento e à comunicação de conhecimento filosófico e científico. Além disso, tais projetos de língua universal criados do zero (ou quase do zero) foram posteriormente classificados também como “línguas pasigráficas”, fazendo parte de um sistema de escrita que se denominou pasigrafia.<sup>377</sup> Em estudo sobre o tema, Roberto das Neves destaca que muitos autores do período se encontravam “*dominados pelo conceito apriorístico da origem das línguas, exposto por Aristóteles, de acordo com o qual as línguas são criação, ou, mais precisamente, invenção consciente, voluntária e arbitrária do ser humano*”.<sup>378</sup>

<sup>374</sup> **Gottfried Leibniz**, filósofo, matemático, físico, linguista, bibliotecário e diplomata. Seu sistema de cálculo binário é um princípio utilizado atualmente em computadores e outras máquinas. Sobre o tema, ver: OLIVER, Martyn. **História Ilustrada da Filosofia**. São Paulo: Editora Manole, 1998.

<sup>375</sup> Cf.: FRANZON, Carmen Rosane Pinto. **A característica universal de Leibniz**: contextos, trajetórias e implicações. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2015, p. 06, nota 2.

<sup>376</sup> Vários autores moveram esforços na elaboração de projetos de língua universal *a priori* no século XVII. Entre eles, registram-se, sem maiores informações além de autor e data: Pedro Porele (1667), John Caramuel von Lobkowitz (1678), John Upperdorf (1679-1680), André Müller (1681). Este último propôs uma língua universal baseada na língua chinesa. Ver: NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 125.

<sup>377</sup> A pasigrafia (palavra que se origina do grego “*pas*”, “para todos”, e “*grapho*”, “escrever”) é um sistema de escrita no qual cada símbolo escrito representa um conceito ou uma ideia, em vez de uma palavra, som ou série de sons em um idioma falado. As línguas pasigráficas em geral objetivam ser línguas universais, inteligíveis para falantes de todas as línguas. O termo pasigrafia foi aplicado pela primeira vez em um sistema proposto em 1796. No entanto, antes disso, várias pasigrafias foram elaboradas. Leibniz, por exemplo, mais de um século antes, escreve sobre um “alfabeto do pensamento humano”, ao se referir à sua ideia de uma língua universal. Sobre o tema, ver: OKRENT, Arika. **In the Land of Invented Languages: A Celebration of Linguistic Creativity, Madness, and Genius**. New York: Spiegel & Grau, 2010; EINSTEIN, Leopold. Al la historio de la Provoj de Lingvoj Tutmondaj de Leibniz ĝis la Nuna Tempo. **Bayerische Lehrer-Zeitung**, Nuremberg, n. 11-12, 1885. Reimpresso em *Fundamenta Krestomatio*, UEA, 1992. Este último um discurso público, realizado no Clube de Professores de Nuremberg, em 11 de novembro de 1884. Em língua portuguesa, conferir a versão: EINSTEIN, Leopold; UNUEL, L. **Esperanto? A idéia de uma língua auxiliar internacional desde Leibnitz até hoje**. Lisboa: Editora Argo, 1942.

<sup>378</sup> NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 125.

Entre os projetos de línguas pasigráficas surgidos no século XVII, destaca-se o do bispo, filósofo e polímata inglês John Wilkins (1614-1672), publicado como *An Essay Towards a Real Character, and a Philosophical Language* (1668), no qual propõe uma nova linguagem universal para uso dos filósofos naturais e também um sistema de medição integrado (similar ao sistema métrico). Na sua proposta, Wilkins sugeria a disposição das ideias e seus respectivos sinais “*por espécies e coordenadas em classes, de tal modo que das idéias gerais se passava às particulares e destas às especiais*”.<sup>379</sup>

No século seguinte, no ano de 1732, aparece na redação de um jornal científico alemão um projeto anônimo de língua universal, reaparecido em 1734 em latim. Seu autor permaneceu anônimo e assinou a obra com o pseudônimo de “Carpophorophilus”. Em apenas quinze alíneas, o autor condensa a gramática e os fundamentos básicos da língua que propunha. O projeto de Carpophorophilus pode ser considerado como o primeiro projeto publicado de língua “*a posteriori*”, isto é, com a gramática e vocabulário derivados de línguas ditas “naturais” ou já existentes.<sup>380</sup>

Inspirados no ideal iluminista de fraternidade universal, filósofos e pensadores se debruçam sobre o problema da língua comum, que adquire mais espaço no meio intelectual no século XVIII, atraindo a atenção do movimento enciclopedista. O economista francês Joachim Faiguet de Villeneuve (1703-1781) publica, em 1765, um artigo na *Encyclopédie* de Denis Diderot e Jean le Rond d’Alembert (volume 9), com um esboço de “*Langue Nouvelle*”, no qual propõe uma reforma da gramática francesa inspirada na “*Grammatica Rationali*” de Leibniz. Como no anteriormente mencionado projeto de Carpophorophilus, o de Faiguet se inscreve na concepção de língua *a posteriori*, tendo exercido influência na formulação de línguas internacionais mais de um século depois.<sup>381</sup>

---

<sup>379</sup> NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 125.

<sup>380</sup> NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979. Sobre o tema, ver também: CAVALHEIRO, Pedro Jacintho; RUSILO, Luiz Carlos. **Breve Panorama da Língua Internacional Esperanto. Levantamento sobre seu uso e ensino em âmbito nacional e mundial**. São Paulo: Z-Editorial, 2012; DREZEN, Ernest Karlovich. **Historio de La Mondolingvo**. Moscou: Progreso, 1991; CLARK, W. J. **International Language: Past, Present & Future**. London: J. M. Dent & Sons, 1912.

<sup>381</sup> NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979. Sobre o tema, ver também: CAVALHEIRO, Pedro Jacintho; RUSILO, Luiz Carlos. **Breve Panorama da Língua Internacional Esperanto. Levantamento sobre seu uso e ensino em âmbito nacional e mundial**. São Paulo: Z-Editorial, 2012; DREZEN, Ernest Karlovich. **Historio de La Mondolingvo**. Moscou:

Em meio à Revolução Francesa, um cidadão de nome Delormel apresenta em 1795 à Convenção Nacional um projeto de língua universal, visando instituir seu uso. Ao longo dos séculos XVIII e XIX surgem outros projetos de interlíngua *a priori*, ao mesmo tempo em que são formulados novos projetos de língua universal *a posteriori*, e inclusive projetos mistos. Entre os mais notáveis, além dos mencionados, constam o projeto de David Solbrig (1725), do húngaro Kalmar de Taboltzafo (1772) – que reduziu as ideias humanas para cerca de quinhentas, utilizando-se de sinais alfabéticos de várias línguas e povos –, e o de Berger (1779). Aparecem ainda os projetos do padre Sicard (1796), de Maimieux, Budet e Chambry (1797), do pedagogo e poliglota Wolke (1797), de Vater (1799), de Näther (1805) e de A. Renzi (1840). Em 1863, do Barão de Goblenz e, em 1864, da autoria de Moisés Paic.

Em 1866, o músico francês François Sudre publica um projeto de língua universal baseado nas notas musicais, intitulado *Langue Musicale Universelle*. Fruto de anos de estudo e elaboração, a língua proposta por Sudre, a qual denominou de “Solresol”, teve relativa difusão e certa popularidade até os primeiros anos do século XX, sendo inclusive publicada uma gramática, a *Grammaire du Solresol*, da autoria de Boleslas Gajewski. No ano de 1874, o sueco Sunderwall propõe também uma língua pasigráfica. No mesmo ano, um autor inglês não identificado publica em Londres a “*New universal cipher language*”.<sup>382</sup>

Como se pode constatar, foram muitas as tentativas e projetos de língua universal elaborados no intervalo entre os séculos XVII e XIX. Ainda assim, não obstante os esforços de seus autores, quase todos se limitaram a propostas ou projetos mais ou menos articulados, com poucas exceções. Inclusive, ocorre o mesmo com aqueles projetos elaborados no século XX, que não são muitos se

---

Progreso, 1991; CLARK, W. J. **International Language: Past, Present & Future**. London: J. M. Dent & Sons, 1912.

<sup>382</sup> As anotações sobre a história de uma língua universal, tentativas e projetos elaborados desde o século XVII foram coletadas em fontes e referências bibliográficas diversas. Uma síntese sobre o tema pode ser encontrada em: NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979; CAVALHEIRO, Pedro Jacintho; RUSILO, Luiz Carlos. **Breve Panorama da Língua Internacional Esperanto. Levantamento sobre seu uso e ensino em âmbito nacional e mundial**. São Paulo: Z-Editorial, 2012; EINSTEIN, Leopold; UNUEL, L. **Esperanto? A idéia de uma língua auxiliar internacional desde Leibnitz até hoje**. Lisboa: Editora Argo, 1942. Das fontes documentais consultadas, podem ser encontradas informações sobre o tema em vários periódicos esperantistas, como no jornal: *La Esperantisto*, *Gazeto por la amikoj de la lingvo Esperanto*, Nurnbergo, jaro II, n. 02, 1891, p. 10-11. Sobre o tema, ver também, em Esperanto: DREZEN, Ernest Karlovich. **Historio de La Mondolingvo**. Moscou: Progreso, 1991.

comparados com a profusão de iniciativas desenvolvidas até o século XIX.<sup>383</sup> Em seu estudo sobre *O problema da língua mundial e o “Manifesto dos Anacionalistas”*, Roberto das Neves ressalta que “*não chegaram a uma dezena os projetos de língua mundial aparecidos depois do Esperanto, dispensando a este a hegemonia do mundo*”.<sup>384</sup>

A grande maioria dos projetos de língua planejada não logrou aplicação ou constituir uma comunidade significativa de falantes. Existem duas exceções: o “*Volapük*” e o “*Esperanto*”. O *Volapük* é considerado a primeira tentativa de língua *a posteriori* com certa repercussão e uso por alguns grupos. Criado alguns anos antes do Esperanto, entre 1879-1880, o *Volapük* teve vida curta, devido a dificuldades de adaptação em função da complexidade de sua gramática e por causa das pretensões privatistas de seu criador, o padre católico alemão Johann Martin Schleyer (1831-1912), que recusava qualquer intervenção que não passasse pelo seu crivo, sustentando que a “*língua internacional de repente apareceu diante de meus olhos espirituais em todo o seu esplendor*”, de maneira mística, como por inspiração divina.<sup>385</sup> O *Volapük* foi contemporâneo do Esperanto, atraindo especial atenção dos entusiastas da língua internacional elaborada por Ludwik Zamenhof, que, por sua vez, atraíram também os olhares dos volapukistas. A esse respeito, em

---

<sup>383</sup> Alguns dos projetos de língua surgidos no século XX são o “*Latino sine flexione*”, o “*Occidental*” e o “*Ido*”. O *Latino sine flexione*, também conhecido como “Interlíngua de Peano”, foi criado em 1903, por iniciativa do matemático italiano Giuseppe Peano (1858-1932), projeto que não continha gramática ou vocabulário próprio, caracterizando-se pela simplificação do latim, com a eliminação de flexões nominais e verbais, tendo sido publicado seu esboço inicial sob o título *Latino sine Flexione, Lingua Auxiliare Internationale*. O *Ido*, criado pelos franceses Louis Couturat e Louis de Beaufront em 1907, preconiza uma reforma no Esperanto, com pouca expressão e difusão, ficando restrito ao uso de poucos grupos em alguns países da Europa central e acabando enfraquecido, possivelmente pelas sucessivas reformas aplicadas. O *Occidental*, formulado pelo russo Edgar Wahl (1867-1948) em 1922, é um projeto semelhante ao “Latim sem flexões” de Peano. Posteriormente, em 1949, seu nome foi alterado para “*Interlíngua*”. Afora os projetos de língua internacional mencionados, registram-se o “*Romana*”, o “*Moloes*”, de Sarranton, e o “*Jovial*”, projeto elaborado por Auerbach, professor de filosofia inglesa da Universidade de Copenhague. Sobre o assunto, ver: NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 116-140, especialmente a página 130. Sobre o *Latino sine flexione*, o *Occidental* e o *Ido*, ver documentos que influenciaram nos debates ocorridos no meio esperantista, sendo, portanto, informativos sobre os projetos de língua e acerca do contexto em que se inscreve sua elaboração e difusão: PEANO, Giuseppe. De *Latino Sine Flexione*. Lingua Auxiliare Internationale. **Revista de Mathematica**, Torino, Tomo VIII, p. 74-83, 1903; COUTURAT, Louis; LEAU, L. **Delegation pour l’adoption d’une langue auxiliaire internationale (15-24 octobre 1907)**. Coulommiers: Imprimerie Paul Brodard, 1907. A ideia de língua internacional figura também na literatura, tendo sido abordada na elaboração literária da “Novilíngua”, idioma fictício desenvolvido pelo escritor George Orwell em sua obra *1984*.

<sup>384</sup> NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979, p. 130.

<sup>385</sup> Trecho extraído de: HAUPENTHAL, Reinhard. **Über die Startbedingungen zweier Plansprache**. Saarbrücken: Iltis, 2005a, p. 33. Sobre o tema, ver também: GARVIA, Roberto. A batalha das línguas artificiais (volapük, o primeiro ator). **Tempo Social**, São Paulo, vol. 24, n. 2, p. 59-78, 2012.



escrito no qual discute sobre os muitos projetos de línguas internacionais de que tem conhecimento em seu tempo (e nos séculos anteriores), Zamenhof avalia que “apesar-do número imenso de pessoas que trabalham ou trabalharam na criação de línguas artificiais no decorrer de duzentos anos, até agora só apareceram duas línguas efetivamente acabadas, isto é, o Volapük e o Esperanto”.<sup>386</sup>

No entanto, como ressaltaria anos depois um dos tradutores da obra de Zamenhof no Brasil, o esperantista Ismael Gomes Braga, o *Volapük* não chegou a ser conhecido pelo século XX. O Esperanto, entretanto, avançou no século seguinte, atraindo a simpatia de muitas pessoas e se disseminando pelo mundo, vindo a se estruturar como língua e tornar-se, já nos anos 1930, um idioma com uso em vários países, na literatura, nas artes e nas comunicações (em jornais, revistas, correspondência e no rádio), em viagens e no turismo internacional, no comércio e também na indústria.<sup>387</sup>

O aprofundamento desta pesquisa não se conecta à ideia de um “mito de origem” ou de uma genealogia estabelecendo os primórdios da ideia de língua internacional. Entretanto, a ideia de língua internacional e a própria criação do Esperanto guardam relações com a problemática das línguas nas sociedades humanas na longa duração, sendo os registros acerca do tema datados em largo período de tempo, quando aparecem as primeiras ideias e elaborações acerca de uma língua comum universal; ideias pioneiras ao que, posteriormente, se conhecerá como “língua internacional” ou “língua auxiliar internacional”, e fontes de inspiração para os projetos que vão surgir no século XIX e XX, entre eles o Esperanto.<sup>388</sup>

---

<sup>386</sup> ZAMENHOF, L. L. **Essência e futuro da idéia de língua internacional**. Rio de Janeiro: Língua Auxiliar, 1937, p. 61-62.

<sup>387</sup> BRAGA, Ismael Gomes. Prefácio. *In*: ZAMENHOF, L. L. **Essência e futuro da idéia de língua internacional**. Rio de Janeiro: Língua Auxiliar, 1937.

<sup>388</sup> Estudos na área da linguística e no campo de estudos da interlinguística sobre o Esperanto e as línguas planejadas são de interesse, na medida em que ajudam a compreender a singularidade da língua internacional de Zamenhof em relação aos demais projetos de língua planejada. A maior parte das pesquisas nessa área estão em inglês e Esperanto, entre eles: OLIVEIRA, Karina Gonçalves de Souza de. **Adaptação de empréstimos em esperanto**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2016; STRIA, Ida. **Towards a linguistic worldview for artificial languages**. Thesis (PhD in Linguistics) – Wydział Neofilologii, Instytut Językoznawstwa, Uniwersytet im. Adama Mickiewicza, AMU, Poznań, 2016; DULICENKO, Aleksandr. **En la sercado de la mondolingvo au interlingvistiko por ciuj**. Kaliningrado: Sezonoj, 2006.

Esperanto é uma língua auxiliar internacional criada no ano de 1887 pelo médico polonês Ludwik Lejzer Zamenhof.<sup>389</sup> Da junção entre a raiz “espero” com a terminação do particípio ativo “anto”, compõe-se a palavra Esperanto na “Língua Internacional”, que significa “aquele ou aquela que é esperançoso” ou “aquele/aquela que tem esperança”. Como nas palavras em epígrafe a este capítulo, está na base do Esperanto o apelo pela aproximação recíproca entre os povos, o ensejo pela aproximação das mentes dos homens e mulheres. No entanto, o Esperanto é estimado – afirma o próprio elaborador da língua –, acima de tudo, porque aproximaria os corações das pessoas.

O criador do Esperanto nasceu e cresceu na cidade de Bialystok, então Império Russo, atual Polônia. À época, sua terra natal era uma zona de grande confluência cultural e linguística, o que, por um lado, favorecia o aprendizado e uso de mais de uma língua, assim como possibilitava o contato com múltiplas culturas; por outro, a existência de vários idiomas e culturas era terreno propício à hostilidade e motivo de segregação de grupos ou indivíduos que viviam na região, como sugere Zamenhof. A esse respeito, ao recordar o período de sua infância, relata que:

(...) en Bialystok, la poblaci6n se compone de cuatro elementos distintos: rusos, polacos, alemanes y jud6os, cada uno de los cuales habla un lenguaje propio y mantiene relaciones hostiles con los otros [...]. Me cri6 como idealista: me ense6aron que todos los hombres son hermanos, y sin embargo, en la calle, en las casas, a cada paso, todo me daba la sensaci6n de que la humanidad no existe: s6lo hab6a rusos, polacos, alemanes, jud6os, etc. este pensamiento torturaba mi mente infantil [...]. Me repetia incesantemente que cuando fuera mayor, nada me impedir6a eliminar este mal.<sup>390</sup>

Vivendo nesse lugar de encontros e conflito de culturas, Zamenhof aprendera a dominar v6rios idiomas, alguns como l6nguas nativas – polon6s, russo,

<sup>389</sup> **Ludwik Lejzer Zamenhof** (Bialystok, 15/12/1859 – Vars6via, 14/04/1917). M6dico, linguista, tradutor, poeta e esperantista. Zamenhof assina seus escritos tamb6m com pseud6nimos, entre eles “Doktoro Esperanto”, “Gamzefon”, “Unuel” (que significa “Um entre os demais”), “Anna R.”, “Homo sum”, “Amiko” e “Hemza”. Sobre Zamenhof, ver: LEITE JR, Jos6. Pequena hist6ria do esperanto. **XV Congresso Brasileiro de Esperanto**, 2007; CENTASSI, Ren6; MASSON, Henri. **El hombre que desafi6 a Babel**. Madrid: GRAM Ediciones, 2005; KORJENKOV, Aleksander. **Homarano: La vivo, verkoj kaj ideoj de d-ro L. L. Zamenhof**. Kaliningrado: Sezonoj, 2011.

<sup>390</sup> Carta a Borovko, 1895, e carta a Michaux, 1905, reproduzidas por JANTON, P. **L' Esp6ranto**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976, p. 33-34. A seguir, uma tradu66o do trecho em l6ngua portuguesa: “(...) em Bialystok, a popula66o 6 composta de quatro elementos distintos: russos, poloneses, alem6es e judeus, cada um dos quais falando sua pr6pria l6ngua e mantendo rela66es hostis com os outros [...]. Cresci como um idealista: me ensinaram que todos os homens s6o irm6os, por6m, na rua, nas casas, a cada passo, tudo me dava a sensa66o de que a humanidade n6o existe: s6 havia russos, polacos, alem6es, judeus etc. Este pensamento torturava minha mente infantil [...]. Repetia a mim mesmo incessantemente que, quando eu fosse mais velho, nada me impediria de eliminar este mal.” (Tradu66o Livre para o Portugu6s, a partir de vers6o do documento em Espanhol).

alemão e lídiche. Em seguida, aprendeu francês, inglês, latim, grego e hebraico, além de conhecer também italiano, espanhol e lituano. Tornou-se um multilinguista. Contudo, seu caso é excepcional, pois nem todos tinham oportunidade, tempo e condições materiais para dedicar-se ao aprendizado de vários idiomas. Nesse contexto, imerso em uma atmosfera na qual vivencia permanentes conflitos e isolamento provocados pela diversidade linguística e as diferenças culturais, o jovem estudante se dedica a elaborar um projeto de língua internacional, movido, como expresso na carta acima, pelo desejo fraternal e humanista de aproximação e entendimento entre os povos.

Baseado em sua experiência pessoal, Zamenhof sabia que nem todas as pessoas que viviam em sua terra natal dominavam todos os idiomas falados no lugar, o que gerava desentendimentos e sofrimento, pela incompreensão, isolamento, preconceitos e os confrontos originados, em grande medida, da incapacidade de se fazer entender, de se comunicar. Além disso, no mundo todo se falavam milhares de línguas, o que ampliava ainda mais o problema que Zamenhof enxergava no lugar onde nasceu e cresceu. Em seu ideal, Zamenhof visualiza uma língua de alcance internacional, simples e de fácil aprendizagem, que servisse como instrumento auxiliar de comunicação entre distintos idiomas. Para ele, *“A existência de uma língua internacional, por meio da qual se pudessem entender os homens de todos os países e povos, seria imensamente útil à humanidade”*.<sup>391</sup>

Como forma de superar esse problema, aos dezesseis anos, Zamenhof elabora uma primeira versão de língua internacional, que chama de *“Lingwe Universala”*<sup>392</sup>, espécie de esperanto arcaico, projetado como uma língua com sintaxe maleável e dotada de flexibilidade. Contudo, a pedido de seu pai, abandona o projeto para se dedicar aos estudos, indo para Moscou cursar medicina. Alguns anos depois, quando de uma visita a sua cidade, descobre que seu pai havia queimado os manuscritos do seu idioma. Zamenhof, então, reescreve e aperfeiçoa o

---

<sup>391</sup> ZAMENHOF, L. L. **Essência e futuro da idéia de língua internacional**. Rio de Janeiro: Língua Auxiliar, 1937, p. 27.

<sup>392</sup> Em português, seria “Língua Universal”. O título indica o conhecimento e a influência exercida pelas proposições de língua comum elaboradas anteriormente, que adotam o termo “universal” em seus títulos e projetos. A terminologia “língua internacional” ganhará força no século XIX.

projeto, publicando-o em folheto, sob o título de *Lingvo Internacia (Língua Internacional)*.<sup>393</sup>

Em 26 de julho de 1887 é publicada a primeira edição da brochura *Lingvo Internacia*, depois conhecida como *Unua Libro (Primeiro Livro)*<sup>394</sup>, sob o pseudônimo Dr. Esperanto. O pseudônimo (ou seria um heterônimo?), que aparece nas primeiras edições do seu projeto de língua, é utilizado por Zamenhof com o intuito de despersonalizar a obra. Entretanto, curiosamente, de “Língua Internacional”, logo o novo idioma passa a ser conhecido como Esperanto, devido ao ideal que alimenta a esperança na união, na fraternidade humana, na paz mundial e na justiça entre os povos. Com esse gesto, Zamenhof demonstra-se avesso ao culto à personalidade. Além de dissolver a autoria, Zamenhof não apreciava ser rotulado como criador do Esperanto; preferia ser considerado o “iniciador da língua”. Tal gesto demonstra que, desde sua elaboração, o Esperanto não é propriedade de um autor, ao mesmo tempo, pertence a todos, em consonância com os ideais e práticas internacionalistas que os esperantistas irão sustentar ao longo de sua história.

O *Unua Libro* é considerado o livro básico do Esperanto. Publicado originalmente em russo, ainda em 1887 o folheto é traduzido para o polonês, o francês e o alemão e, no ano seguinte, aparece a primeira versão em língua inglesa.<sup>395</sup> Na brochura com quarenta e oito páginas, Zamenhof formula o projeto da língua, apresenta seus fundamentos, estabelece dezesseis regras básicas, apresenta o alfabeto esperanta, seu vocabulário inicial e alguns dos primeiros textos em Esperanto, escritos originalmente na língua ou traduções. Entre os textos, encontramos dois poemas, *Mia penso (Meu pensamento)* e *Ho, mia kor' (Oh, meu coração)*, este último da autoria de Zamenhof, e uma tradução de poemas de Heinrich Heine, da oração do Pai Nosso e passagens da *Bíblia*. Apresenta ainda

---

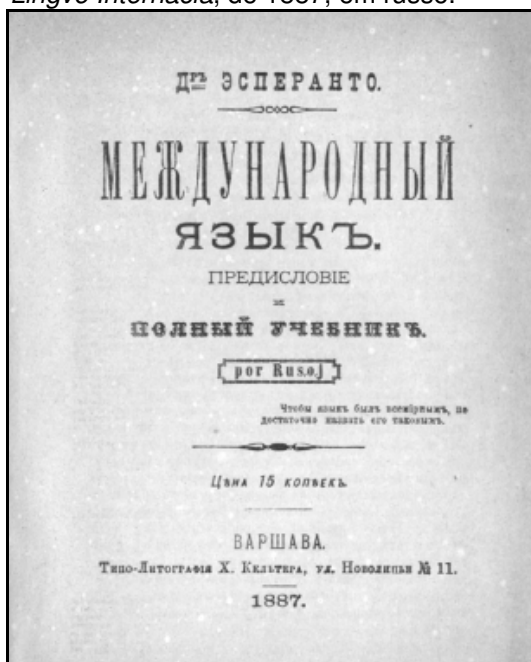
<sup>393</sup> O título original da edição em russo traduz-se em português como: “Língua Internacional. Introdução e manual completo, para russos”: ZAMENHOF, L. L. **Lingvo Internacia. Enkonduko kaj kompleta manlibro por rusoj**. Varsóvia: Edição do Autor, 1887.

<sup>394</sup> O dia 26 de julho, data da primeira publicação do *Unua Libro*, é celebrado pelos esperantistas como o Dia do Esperanto.

<sup>395</sup> Uma versão do folheto de 1887 traduzida para o português pode ser encontrada na edição da *Brazila Esperanto Ligo*, com tradução do esperantista Túlio Flores: ZAMENHOF, L. L. **Fundamento de Esperanto** – O Fundamento do Esperanto. Brasília: Brazila Esperanto-Ligo, 2015. Existe ainda uma edição organizada por Zamenhof em 1905, reunindo a primeira edição do *Unua Libro* em russo com as cinco primeiras traduções da brochura, para o polonês, alemão, francês e inglês: ZAMENHOF, L. L. **Fundamento de Esperanto**: gramatiko, ekzercaro, universala vortaro. Paris: Hachette et Cie., 1905. Disponível em: <http://www.akademio-de-esperanto.org/fundamento/>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

uma página com quatro cartões onde se lê um compromisso: aprender a língua se dez milhões de pessoas prometessem o mesmo. Ao final, um vocabulário Esperanto-Russo.

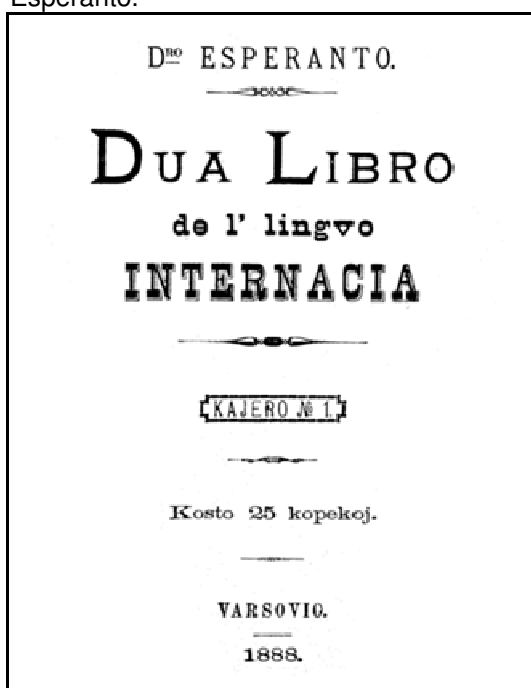
Figura 55 – Capa da primeira edição de *Lingvo Internacia*, de 1887, em russo.



Fonte: Folheto *Lingvo Internacia. Enkonduko kaj kompleta manlibro por rusoj*, de Ludwik Zamenhof, Varsóvia, Edição do Autor, 1887.

Em complemento ao *Primeiro Livro*, em 1888, Zamenhof publica em Varsóvia, em edição de autor, o *Dua Libro de l' Lingvo Internacia (Segundo Livro da Língua Internacional)*, que acompanha o suplemento *Aldono al la Dua Libro de l' Lingvo Internacia (Apêndice ao Segundo Livro da Língua Internacional)*, escritos inteiramente em Esperanto. Nesta publicação, em cerca de setenta páginas, Zamenhof discute o Esperanto, apresenta novos textos, poemas, traduções; traz sugestões de leitura e divulga livros e folhetos na língua internacional. Um dos textos publicados é o conto *A Sombra* (1847), do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), além de uma seção "*Popoldiroj*", com provérbios populares, uma canção "*Kanto de studentoj*" ("Canção dos alunos"), assinada por Hemza (um dos pseudônimos de Zamenhof), e ainda um poema intitulado "*El Heine*", firmado pelas iniciais K. D.

Figura 56 – Capa da primeira edição do *Dua Libro de l' Lingvo Internacia*, de 1888, em Esperanto.



Fonte: Folheto *Dua Libro de l' Lingvo Internacia*, de Ludwik Zamenhof, Varsóvia, Edição do Autor, 1888.

Nestas primeiras obras, Zamenhof trata essencialmente da elaboração da língua, em seus elementos e aplicação. Entretanto, tão logo começa a se difundir, o Esperanto passa a ser considerado além de sua dimensão utilitária, ultrapassando sua função instrumental. Para Zamenhof, o Esperanto participa de um ideário de transformação social, uma utopia de outro mundo possível. Em sua formulação da nova língua, é inspirado pelo humanismo e movido por sentimento de solidariedade e fraternidade, almejando paz e justiça. A nova língua criada por Zamenhof é pensada como uma interlíngua neutra, internacional, auxiliar, simples e de fácil aprendizagem. Para ele, a dimensão de neutralidade em relação às nações e suas línguas nativas, sem interesse de hierarquizar, suplantar ou eliminar as línguas ditas “naturais”. Outra característica reivindicada por Zamenhof é que seja uma língua internacional, capaz de propiciar o relacionamento e a comunicação, transbordando os limites das fronteiras nacionais. Aqui se destaca um elemento: a língua teria como características a simplicidade e a aprendizagem fácil, ao alcance de todos e não apenas aos eruditos, intelectuais, acadêmicos, estudiosos ou bem instruídos. Segundo Zamenhof, o Esperanto seria uma língua “(...) *maravilhosa e incrivelmente*

*fácil de se aprender. Sem exagero pôde-se dizer que é pelo menos cinquenta vezes mais fácil do que qualquer língua natural*'.<sup>396</sup>

Para Zamenhof, simplicidade, facilidade e rapidez de aprendizado são características centrais de uma “língua artificial” bem-sucedida. No caso do Esperanto, sua adoção se dá entre a gente comum, trabalhadores, militantes revolucionários, alguns com educação formal ou autodidatas e outros sem instrução formal, o que demonstra ser acessível a um público amplo e de fácil assimilação.<sup>397</sup> Em sua simplicidade, a língua contém apenas dezesseis regras básicas invariáveis e constitui-se de várias línguas conhecidas, o que colabora para a familiaridade com as palavras em Esperanto. A fonologia, a gramática, a semântica e o vocabulário são, essencialmente, baseados em línguas indo-europeias ocidentais. Das várias línguas que estão na base do Esperanto, em sua maioria as palavras se originam de línguas românicas e, em menor grau, germânicas. A fonologia tem origem em línguas eslavas e o alfabeto baseia-se no alfabeto latino. O vocabulário esperanta foi inicialmente definido no *Lingvo Internacia*, compilando novecentos radicais, com possibilidade de expansão para milhares de palavras. Em complemento a esse vocabulário inicial, no ano de 1894 Zamenhof publica em Varsóvia, como edição de autor, o primeiro dicionário de Esperanto, intitulado *Universala Vortaro de la Lingvo Internacia Esperanto (Dicionário Universal da Língua Internacional Esperanto)*, ampliando a quantidade de radicais da língua.

Ainda que o objetivo almejado por Zamenhof tenha sido criar uma língua simples e acessível a um público amplo – e não uma “língua filosófica”, como quiseram alguns autores –, assinala-se a difusão e a adesão ao Esperanto entre os estudiosos e nos círculos da *intelligentsia*, como nas áreas de linguística, literatura,

---

<sup>396</sup> ZAMENHOF, L. L. **Essência e futuro da idéia de língua internacional**. Rio de Janeiro: Língua Auxiliar, 1937, p. 42-43.

<sup>397</sup> Sobre essa questão, Sónia Gomes anota: “Logo após o primeiro congresso universal em 1905 L. Couturat disserta, no jornal socialista francês *L' Humanité*, acerca do valor do Esperanto para os trabalhadores, que não têm ao seu alcance o luxo da aprendizagem de línguas estrangeiras. Também em 1910 Zamenhof escreve ao recém-criado periódico alemão de trabalhadores esperantistas *Der Arbeiter Esperantist*, dizendo: ‘Perhaps for nobody in the world does our democratic language have such importance as for the workers, and I hope that sooner or later the working class will be the strongest support for our cause.’” GOMES, Sónia Piedade Apolinário Ribeiro. **O Esperantismo em Portugal (1892-1972): origens, afirmação e repressão**. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Instituto Universitário de Lisboa, IUL, Lisboa, 2012, p. 13. Sobre a relação dos trabalhadores com o Esperanto, ver também: FORSTER, Peter G. **The Esperanto Movement: contributions to the sociology of language**. Haia: De Gruyter Mouton Publishers, 1982, p. 189.

filologia, filosofia, matemática ou entre políglotas, poetas e escritores. O escritor russo Liev Tolstói registra sua experiência de aprendizado e leitura em Esperanto:

A facilidade de seu aprendizado é tal, que, havendo recebido uma gramática de Esperanto, um dicionário, e artigos escritos nessa língua, depois de me ocupar com ela durante duas horas podia, senão escrever, pelo menos ler nessa língua. Em todo caso, o sacrifício que teria de fazer cada homem do nosso mundo europeu, dedicando algum tempo a aprender esta língua, é tão insignificante, e os resultados que viriam, se pelos menos os europeus e americanos aceitassem esta língua, seriam tão grandes, que não se deve deixar de fazer essa prova.<sup>398</sup>

Outros registros de intelectuais de renome sobre o Esperanto afirmam, inclusive, a possibilidade de autoaprendizado por meio de manuais, livros, cartilhas, gramáticas, dicionários, clubes, cursos por correspondência. É o caso do escritor francês Henri Barbusse (1873-1935), escolhido presidente honorário do primeiro congresso da Sennacieca Asocio Tutmonda (SAT); do socialista francês Jean Jaurès (1859-1914), que propôs ao Congresso Socialista Internacional ocorrido em Stuttgart, em 1907, o uso do Esperanto pelo escritório da organização em Bruxelas; do matemático, escritor e ativista suíço René de Saussure (1868-1943); do inventor do cinema, o francês Louis Lumière (1864-1948); do escritor brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967), entre outros. Entre os que formaram nas fileiras do movimento esperantista encontramos o escritor francês Júlio Verne (1828-1905), para quem o Esperanto, por seus elementos, é a língua internacional por excelência e destaca que “(...) o Esperanto é um idioma simples, flexível e harmonioso, que se presta tanto a uma prosa elegante quanto a versos harmoniosos. Ele é capaz de exprimir todos os pensamentos e até mesmo os mais requintados sentimentos da alma”.<sup>399</sup> Sobre as relações do escritor com o Esperanto, Sónia Gomes destaca que “A figura de Jules Verne (1828-1905) permite ilustrar, num breve parênteses, não apenas a ligação precoce do Esperanto ao universo da ciência, mas também a sua mais ampla significação social”. A autora registra que:

No início de 1903 formou-se um grupo de Esperanto em Amiens, pela acção de Charles Tassencourt, amigo de Jules Verne, e este aceitou a presidência do grupo. Por essa altura Verne iniciou um romance, interrompido pela sua morte em 1905, em que uma comissão de estudo enviada ao coração africano incorporava o russo Nikolao Vanof, encarregado de ensinar

<sup>398</sup> TOLSTÓI, Liev. In: ZAMENHOF, L. L. **Essência e futuro da idéia de língua internacional**. Rio de Janeiro: Língua Auxiliar, 1937, p. 42-43.

<sup>399</sup> Trecho extraído de: GOMES, Sónia Piedade Apolinário Ribeiro. **O Esperanto em Portugal. Língua Internacional e Movimentos Sociais**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Lisboa, IUL, Lisboa, 2016, p. 178.



Esperanto aos membros da expedição. No manuscrito Verne tinha deixado espaços em branco destinados ao texto que seria traduzido posteriormente para Esperanto, e antecipava a expansão da língua na África Central como meio de difusão da civilização e do comércio. O romance, que seria intitulado *Viagem de Estudo*, foi concluído em 1919 pelo filho do escritor, Michel Verne, que lhe alterou o título e excluiu as alusões ao Esperanto.<sup>400</sup>

Quase um século depois, o reconhecido intelectual italiano Umberto Eco (1932-2016), tece a seguinte consideração positiva sobre a língua elaborada por Zamenhof, assim avaliando:

O Esperanto é uma língua muito, mas muito bem feita, que do ponto de vista lingüístico segue o admirável critério de economia e eficiência. Em segundo lugar, todos os projetos de língua internacional, exceto o Esperanto, fracassaram, e este mais e mais vem reunindo seres humanos em toda parte do mundo.<sup>401</sup>

Além disso, a relevância social do Esperanto se comprova também pela longevidade da língua, como salienta Umberto Eco, alcançando o novo milênio com muitos falantes espalhados pelo mundo<sup>402</sup>, bem como pela realização de congressos, publicação de periódicos internacionais, difusão de livros e leituras, traduções, cursos, dentre outras experiências e iniciativas em vários países. Nesse passo, os esperantistas formarão um movimento social pela divulgação,

<sup>400</sup> GOMES, Sónia Piedade Apolinário Ribeiro. **O Esperanto em Portugal. Língua Internacional e Movimentos Sociais**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Lisboa, IUL, Lisboa, 2016, p. 178. Sobre Júlio Verne e o Esperanto, ver: **Jules Verne et l'Ésperanto**. Paris, 1993. Disponível em Esperanto e francês, em: <http://esperanto-panorama.net/dosierujo/eo/verne.htm>. Acesso em: 03 de março de 2020. Artigo originalmente publicado no jornal *Le Courrier de L'Ouest*, de 28 de julho de 1993. A passagem supracitada da autoria de Júlio Verne sobre o Esperanto consta na fala de um dos personagens do seu romance inacabado (acima mencionado), no qual o autor pretendia realizar uma homenagem ao Esperanto. Sobre Júlio Verne e o Esperanto, ver também: PANCHAUD, André. **Un aspect méconnu de Jules Verne**. Paris: [s. n.], 2005. Disponível em: <https://www.sat-amikaro.org/un-aspect-meconnu-de-jules-verne?lang=fr>. Acesso em: 03 de março de 2020.

<sup>401</sup> ECO, Umberto. **Revista Esperanto**, maio de 1996. Além do trabalho citado, conferir, do mesmo autor, neste tema: ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita na cultura europeia**. São Paulo: Editora UNESP, 2018; ECO, Umberto. Entretien avec Umberto Eco. *L'Espéranto et le plurilinguisme de l'avenir*. Concedida a Istvan Ertl, Universala Esperanto-Asocio, Rotterdam, et Francois Lo Jacomo, Paris. **Documents sur l'Esperanto**, UEA, Roterdã (Holanda), n. 27F, p. 02-31, 1996.

<sup>402</sup> Dados presentes no *site* de divulgação *Ethnologue* apontam que, para o ano de 2015, o número de falantes do Esperanto no mundo chega a aproximadamente dois milhões de pessoas, na maioria falantes do idioma como segunda língua (ou L2) (dados amparados em estudo de Amri Wandel, de 2015). Um estudo no campo da interlingüística sobre o tema, publicado em 2004, registra algo em torno de dois mil falantes do Esperanto como língua materna (L1). Para mais informações, ver: CORSETTI, Renato; PINTO, Maria Antonietta; TOLOMEO, Maria. Regularizing the regular: The phenomenon of overregularization in Esperanto-speaking children. **Language Problems & Language Planning [online]**, n. 28 (3), p. 261-282, 2004; WANDEL, Amri. How many people speak Esperanto? Or: Esperanto on the web. **INDECS**, Interdisciplinary Description of Complex Systems, n. 13 (2), p. 318-321, 2015; EBERHARD, David M.; SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. (eds.). **Ethnologue: Languages of the World**. 23<sup>a</sup> edition. Dallas: SIL International, 2020. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

disseminação e adoção do Esperanto como língua franca auxiliar internacional, conhecido como movimento esperantista ou esperantismo.

## 5.2 O Movimento Esperantista

Zamenhof fará parte da formação do movimento esperantista, como “um entre os demais”, desde seus primórdios e ao longo da vida, como atestam os estudos sobre o tema<sup>403</sup> e os escritos publicados na literatura e na imprensa esperantista. Os jornais e escritos esperantistas dedicam espaço a homenagear a história de vida e a obra do iniciador do Esperanto, como no jornal esperantista lisboeta *Portugala Esperantisto*, quando rememora “O 19º aniversário da morte de Zamenhof”.<sup>404</sup> No número seguinte, de abril do mesmo ano, o jornal dedica quase toda a edição em homenagem a Zamenhof, publicando, entre outros textos, “Zamenhof, profeta e realizador”, assinado por Luzo Bemaldo, pseudônimo de Bernardino Martins d’Almeida, destacado esperantista português. A imprensa militante, de variadas tendências e correntes, até os dias atuais, também franqueia suas páginas a homenagens e escritos de memória sobre Zamenhof, publicando artigos sobre o Esperanto e o esperantismo, como nos periódicos *Tierra y Libertad* (Espanha) e *A Batalha* (Portugal).<sup>405</sup>

Como o esperantismo se constitui enquanto um movimento, para se compreender sua formação é necessário ampliar o entendimento para além do pioneirismo de Zamenhof e dos primeiros esperantistas, observando a constituição de coletividades e espaços de sociabilidade, tais como grupos, clubes, sociedades, associações, organizações, ligas, federações, assim como as publicações

---

<sup>403</sup> Do ponto de vista quantitativo, os estudos sobre o Esperanto e o movimento esperantista são reduzidos. Além disso, boa parte dos escritos e documentos sobre o tema estão publicados em Esperanto, o que demanda o aprendizado aprofundado para leitura no idioma. No entanto, realizada a pesquisa bibliográfica em bibliotecas e repositórios virtuais, é possível listar vários trabalhos produzidos em Portugal, Espanha, França, Holanda, México, Estados Unidos e no Brasil. Os estudos que abordam o Esperanto e o esperantismo nos diversos campos do conhecimento estão listados ao final do estudo, nas referências bibliográficas.

<sup>404</sup> *Portugala Esperantisto*, Lisboa, n. 03, março de 1936, p. 19.

<sup>405</sup> Destes periódicos, em particular, ver: HOARAU, Andre; VINKO, Markov. “El esperanto, Una lengua internacional al servicio de la emancipación de los trabajadores”. **Tierra y Libertad**, Madrid, p. 11-16, 2013; FERNÁNDEZ, Miguel. Anarquismo e Esperanto na Península Ibérica. **A Batalha**, Lisboa, ano LXVI, n. 286, p. 16-17, 2019; GRACIA, Miguel Ángel Artigas. Esperanto y anarquismo, el binomio por la unidad fraternal. **Diário de Teruel**, 2019, p. 01.

impressas: livros, obras de referência, jornais, boletins e revistas, e ainda as iniciativas e demais atividades em torno da língua.

O movimento esperantista começa a se constituir tão logo o Esperanto passa a ser difundido e se torna conhecido no Império Russo, em outros países do Leste Europeu e na Europa Ocidental. Em fins do século XIX e principalmente nos primeiros anos do século XX, o Esperanto circula para além dos países em que desponta, sendo difundido na Península Ibérica, na Espanha e em Portugal, e logo se espalhando para outros países e continentes mais distantes, estando presente nos anos 1910 no Japão, na China, nos EUA e no Brasil. Em 1906, é fundado na cidade de Campinas o primeiro grupo esperantista no Brasil, o *Suda Stelaro* (ou “Estrela do Sul”). Esses grupos pioneiros se concentram, em um primeiro momento, no aprendizado, na divulgação e no ensino do idioma. Realizam, por assim dizer, os primeiros passos do esperantismo: o estudo e a propaganda da língua.

Um fato importante a se destacar, na formação do movimento esperantista, é a publicação do primeiro dicionário completo de Esperanto, o *Universala Vortaro de la Lingvo Internacia Esperanto* (1894)<sup>406</sup>, que estabeleceu um léxico comum, proporcionando certa estabilização e uma base vocabular para sua disseminação. A partir desta edição e das publicações anteriores estabelecendo uma gramática da língua, o Esperanto pôde ser utilizado como uma espécie de “língua ponte”<sup>407</sup>, intercambiando experiências entre o movimento esperantista e o movimento operário de vários países. Essas são as primeiras edições esperantistas, as obras de referência, que continuam a ser aperfeiçoadas e atualizadas nos anos posteriores às suas publicações. Na sequência, surgem os periódicos esperantistas, publicados desde o final do século XIX e princípios do século XX. O primeiro deles é o jornal mensário *La Esperantisto* (1889) (*O Esperantista*), fundado em Nuremberg por Leopold Einstein, ex-volapukista que adere ao esperantismo. Na esteira dos periódicos, formam-se os primeiros clubes e grupos esperantistas, as células do esperantismo, e as experiências de articulação de associações, ligas e federações de diferentes países, origens, profissões, classes sociais, culturas, ideologias e afiliações políticas.

---

<sup>406</sup> Em português, “Dicionário Universal da Língua Internacional Esperanto”. A primeira edição é publicada por Zamenhof em Varsóvia, no ano de 1894. Uma das edições data de 1910: ZAMENHOF, L. L. **Universala Vortaro de la Lingvo Internacia Esperanto**. Paris: Hachette et Cie, 1910.

<sup>407</sup> MONROY, Geovani Ruiz. El Esperanto en México. Breve semblanza del Esperanto desde su nacimiento hasta sul llegada a México. **Vuelo Libre**, Guadalajara, n. 2, p. 74-83, 2015, p. 74.

Entretanto, nos primeiros anos de vida o Esperanto tem alcance social e cultural limitado. Aos poucos, os esperantistas realizam a tradução de obras da literatura universal e outras para o Esperanto, ampliando o repertório de leituras que os *samideanos* – outro nome pelo qual os esperantistas se designam, a palavra significa “aqueles que partilham das mesmas ideias” –, podiam ler na língua internacional. E, logo mais, os escritores esperantistas se empenham na difusão de literatura originalmente em Esperanto.<sup>408</sup> À medida em que amplia sua difusão, o Esperanto ganha espaço no meio operário, sendo difundido pelo movimento dos trabalhadores a partir dos anos 1910 em vários países, como França, Espanha, Portugal, Suécia e Brasil.

Desde os primórdios do movimento, os esperantistas fazem um esforço organizativo de caráter internacional, articulando encontros, congressos, eventos, entre outras formas de intercâmbio, propaganda e difusão das experiências de aprendizagem da língua. Nesses ambientes de encontro e compartilhamento, os participantes estreitam laços de camaradagem, aprofundam o estudo do idioma e inclusive estabelecem novas regras, normas e definições comuns acerca da operacionalização, formalização e aplicação do Esperanto para utilização de todos os esperantistas e interessados em aprender a língua internacional. Aos poucos, entre fins do século XIX e os primeiros anos do século XX, os esperantistas vão constituindo um movimento e divulgando a língua. Num desses momentos, durante o congresso da Associação Francesa para o Avanço das Ciências, em 1900, Zamenhof defende uma tese acerca do Esperanto, intitulada *Essência e futuro da idéia de língua internacional*, depois publicada em livro e amplamente difundida.<sup>409</sup> Em seu escrito, afirma:

(...) os Esperantistas não são fantasistas, como parecem a muita gente que se intitula “sensata” e “pratica”, e que tudo julga superficialmente, sem reflexão lógica, tudo medindo pelo calibre da moda. Os Esperantistas lutam

---

<sup>408</sup> Para conferir a produção de literatura originalmente em Esperanto, ver: SUTTON, Geoffrey. **Concise Encyclopedia of the Original Literature of Esperanto, 1887-2007**. New York: Mondial, 2008.

<sup>409</sup> Um dos poucos trabalhos do autor traduzidos para o português, o livro trata-se de uma tese escrita e defendida por Zamenhof no ano de 1900, no congresso da Associação Francesa para o Avanço das Ciências. Em 1937, o esperantista Ismael Gomes Braga publica o texto integral em Esperanto e a tradução em português, em edição da Federação Espírita Brasileira (FEB), onde discorre sobre a hostilidade contra as ideias novas, e sobre o Esperanto como língua planejada, neutra e internacional. Trata também da necessidade e da possibilidade de uma língua internacional para a comunicação entre os povos e reflete sobre a possível adoção, no futuro, de uma língua internacional e discute se terá concorrente o Esperanto como língua internacional.

por uma causa que não sómente tem grandíssima importância para a humanidade, como nada tem de fantástica, e que mais cedo ou mais tarde *tem de se efetuar e infalivelmente se efetuará*, por maiores os ataques dos inertes, por mais zombarias dos “ajuizados” [...] Os iniciadores do movimento Esperantista quiçá não vivam até que sazonem os frutos do seu trabalho; irão talvez para o túmulo como o epíteto infamante de homens que se ocuparam de infantilidades; mas em troca do cálice amargo que hoje tragam da mão de seus contemporâneos, a posteridade lhes levantará monumentos e pronunciará seu nome com a mais sincera gratidão [...] A causa viverá e constantemente se fará lembrada; depois de cada período de silêncio, mesmo que êle dure dezenas de anos, virá nova animação; quando uns lutadores se cansarem, aparecerão mais cedo ou mais tarde novos combatentes cheios de energia, e assim o movimento até alcançar a meta final. Não vos entristeçais, pois, Esperantistas, se homens insensatos ironicamente vos disserem que ainda sois poucos; não desanimeis se vossa causa andar lentamente. A questão não é de rapidez, mas de certeza. Muitas causas sem finalidade fulguraram rapidamente diante do mundo, mas também depressa caíram; uma causa boa e certa progride em geral muito devagar e com grandes obstáculos.<sup>410</sup>

Como afirma Zamenhof, os defensores do Esperanto são considerados, num primeiro momento, como “fantasistas”, tornando-se alvos de zombaria. E assim passaram anos a defender a adoção do Esperanto, angariando adeptos para as fileiras do movimento, ensinando jovens aprendizes da língua, formando professores esperantistas, tradutores, intelectuais, literatos e militantes, bem como publicando livros, jornais, revistas, folhetos e diversas outras publicações esperantistas, dando corpo as ideias que defendiam e propagando o sonho da adoção de uma nova língua que pudesse aproximar a humanidade. Em 1905, ocorre o *Universala Kongreso de Esperanto*, na cidade francesa de Boulogne-sur-Mer. Nas décadas seguintes, ocorrerão regularmente edições desse congresso, considerado um dos principais acontecimentos internacionais do movimento esperantista<sup>411</sup> numa dimensão de festival de cultura internacional.

---

<sup>410</sup> ZAMENHOF, L. L. **Essência e futuro da idéia de língua internacional**. Rio de Janeiro: Língua Auxiliar, 1937, p. 81-82.

<sup>411</sup> Desde 1905, os congressos universais tem sido realizados anualmente, exceto durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, com 104 edições. O último congresso universal foi marcado para Montreal, no Canadá, em 2020, restando prejudicada sua realização por conta da pandemia do Coronavírus. O próximo congresso esteve previsto para Belfast, na Irlanda do Norte, em 2021.

Figura 57 – Postal com fotografia de Zamenhof (ao centro, trajando sobretudo e chapéu preto) e outros esperantistas saindo do Congresso Universal de Esperanto, em 1905, em Boulogne-sur-Mer.



Fonte: União Franca por Esperanto Biblioteko Hippolyte Sebert. Foto de H. Caudeville.

No congresso de 1905, foi fundada a *Universala Esperanto Asocio* (UEA), primeira organização internacional esperantista e que, doravante, organizará os congressos desde os anos 1920.<sup>412</sup> Um documento de destaque que resulta do Congresso Universal de Boulogne-sur-Mer é a “*Bolonja Deklaracio*” (“Declaração de Bolonha”), também conhecida como “*Deklaracio pri Esperanto*” (“Declaração sobre o Esperanto”), escrita por Zamenhof. A *Declaração de Bolonha* contém cinco artigos, nos quais trata do esperantismo enquanto movimento e ao Esperanto como língua, definindo essencialmente os objetivos do esperantismo e a finalidade do Esperanto. O documento, aqui apresentado parcialmente, afirma:

1. O esperantismo é o esforço para difundir em todo o mundo o uso desta língua neutra e humana que, "não se intrometendo na vida pessoal dos povos e de forma alguma pretende substituir as línguas nacionais existentes", daria a pessoas de diferentes nações a capacidade de se entender, e ser capaz de servir como uma linguagem conciliatória das instituições públicas naqueles países onde diferentes povos lutam entre si por questões de linguagem [...]
2. Considerando que na atualidade não há pesquisador em todo o mundo que já duvide que uma Língua Internacional só pode ser artificial [projetada], e que de todos os inúmeros esforços feitos nos últimos séculos todos os pesquisadores apresentaram apenas projetos teóricos, e apenas uma

<sup>412</sup> O Brasil recebeu o evento esperantista em duas ocasiões, no ano de 1981, em Brasília, e em 2002, na cidade de Fortaleza.

língua parece efetivamente completa, exaustivamente testada e perfeitamente viável e mais adequada em todas as relações, o Esperanto [...]

3. Considerando que o autor da língua Esperanto desde o início declinou de uma vez por todas os direitos e privilégios pessoais relacionados com esta língua, por isso o esperanto é “propriedade de ninguém”, nem em matéria material nem em matéria moral [...]

4. O Esperanto não tem autoridade legislativa e não depende de nenhuma pessoa em particular. Todas as opiniões e obras do criador do Esperanto têm, à semelhança das opiniões e obras de todos os outros esperantistas, uma qualidade absolutamente privada e não obrigatória [para os outros] de forma alguma. O único fundamento perpetuamente obrigatório da língua Esperanto para todos os esperantistas é a obra “Fundamento de Esperanto”, que ninguém tem o direito de fazer alterações [...]

5. Esperantista é a pessoa que conhece e usa a língua Esperanto com total exatidão, para qualquer fim que a use. Ser membro de um círculo social ou organização esperantista ativo é recomendado para todos os esperantistas, mas não é obrigatório.<sup>413</sup>

A *Declaração de Bolonha* tornou-se, efetivamente, um dos mais significativos documentos do movimento esperantista e ecoa desde sua publicação, tornando-se um dos textos mais lidos e difundidos entre a comunidade de falantes, estudantes e militantes da língua internacional. Outro fruto do congresso foi o “*Fundamento de Esperanto*”<sup>414</sup>, que define uma base linguística para os falantes do idioma, espécie de fonte oficial para a língua e, como a *Declaração de Bolonha*, torna-se um texto-chave para os esperantistas. O *Fundamento de Esperanto* apresenta-se em quatro partes: um prefácio (*Antaŭparolo*) por Zamenhof, gramática fundamental da língua Esperanto em cinco línguas (*Fundamenta gramatiko de la lingvo Esperanto en kvin lingvoj*, em francês, inglês, alemão, russo e polonês), coletânea de exercícios (*Ekzercaro*) e dicionário de Esperanto (*Universala Vortaro de la Lingvo Internacia Esperanto*). Com essa publicação, Zamenhof almeja definir os fundamentos do Esperanto e o livro se torna a base da língua internacional, estabelecendo suas fontes principais, dotando o idioma de estrutura comum e apresentando documentos que poderiam ser consultados por aprendizes, professores e demais interessados, seja do ponto de vista gramatical, para acessar e praticar exercícios de aprendizagem na língua, ou ainda para consultar o dicionário de Esperanto que, desde 1894, circulava no meio esperantista, o *Universala Vortaro*.

<sup>413</sup> *Bulonja Deklaracio*. Boulogne-sur-Mer, França, 1905. (Tradução Livre para o Português, com base em versão do documento em Inglês, por sua vez traduzida a partir da fonte original em Esperanto).

<sup>414</sup> ZAMENHOF, L. L. **Fundamento de Esperanto**: Gramatiko, Ekzercaro, Universala Vortaro. Paris: Hachette et Cie., 1905. Disponível em: <http://www.akademio-de-esperanto.org/fundamento/>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

Figura 58 – Folha de rosto do *Fundamento de Esperanto*.



Fonte: Folheto *Fundamento de Esperanto: Gramatiko, Ekzercaro, Universala Vortaro*, de Ludwik Zamenhof, Paris, Hachette et Cie., 1905.

### ***O Esperanto entre os trabalhadores***

“Proletoj el la tuta mondo, lernu Esperanton! Esperantistoj, sennaciigu vin!”

*Manifesto dos Anacionalistas*, 1931.<sup>415</sup>

Nos primeiros anos do século XX, à medida que o Esperanto se difunde e ganha forma o movimento esperantista, os trabalhadores e suas organizações de classe se aproximam do esperantismo, percebendo no esperantismo seu ideal de

<sup>415</sup> Em português, traduz-se por: “Proletários de todo o mundo, aprendam o Esperanto! Esperantistas, desnacionalizem-se!”. LANTI, Eugène. **Manifesto dos Anacionalistas**. Texto original em Esperanto de Eugène Lanti. Versão em espanhol de Bernat Castany Prado, baseada na tradução para o francês de L. G. Avid e G. Waringhien. Publicado como anexo em: PRADO, Bernat Castany. *Anacionalismo y Anarquismo en el siglo XX. Cartaphilus*, Murcia, n. 13, p. 173-204, 2015, p. 204.



emancipação, o apelo internacionalista e o sonho da fraternidade humana.<sup>416</sup> Talvez essa seja a principal razão para a adesão operária ao esperantismo, posto que a luta social dos trabalhadores é marcadamente internacionalista desde a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) na segunda metade do século XIX, almejando, entre suas bandeiras históricas, uma língua que possibilitasse aos trabalhadores o intercâmbio de experiências, o estudo comum e o entendimento da questão social.<sup>417</sup> Aos olhos dos trabalhadores esperantistas, o Esperanto poderia ser essa língua. Acerca do significado do Esperanto para os trabalhadores, Zamenhof, antevia que:

(...) es posible que para nadie en el mundo nuestro idioma democrático tenga tanta importancia como para los trabajadores, y espero que a más o menos corto plazo los trabajadores constituyan el más firme apoyo a nuestra causa. Los trabajadores no sólo van a experimentar la utilidad del esperanto, sino que también percibirán mejor que nadie la esencia y la idea del esperantismo.<sup>418</sup>

Desde princípios do século XX os trabalhadores mantêm contato com o Esperanto, aproximam-se das associações e organizam-se em grupos esperantistas. No ano de 1903 e ao longo dos dez anos seguintes, grupos de trabalhadores esperantistas se formam em várias cidades do mundo, como é o caso de Estocolmo, Madri e Lisboa. O movimento esperantista recebe apoio de organizações de trabalhadores, associações operárias e grupos simpatizantes. Na décima edição do congresso da Confederação Geral do Trabalho (CGT francesa), em 1912, aprovou-se uma moção de apoio em favor do Esperanto. Na carta, a organização:

(...) invita a los trabajadores, especialmente a los activistas, a aprender y difundir este idioma indispensable que presta y que está llamado a prestar grandes servicios al proletariado mundial y que llegará así, y sobre todo

---

<sup>416</sup> Acerca da história do movimento esperantista operário, e sobre a história da SAT, ver a tese: MARKOV, Anne-Sophie. **Le mouvement international des travailleurs espérantistes 1918-1939**. Mémoire de Maîtrise d'Histoire (soutenu sous la direction de M. Jean-Yves Mollier), Université de Versailles Saint Quentin-en-Yvelines, Versailles, 1999. Disponível em: [https://www.sat-amikaro.org/IMG/pdf/asmaîtrise\\_web.pdf](https://www.sat-amikaro.org/IMG/pdf/asmaîtrise_web.pdf). Acesso em: 20 de dezembro de 2019. Com ênfase no movimento operário da Espanha, conferir: BOTELLA, Antonio Marco. **Crónicas del Movimiento Obrero Esperantista**. Madrid: Asociación Izquierda y Esperanto, 2009.

<sup>417</sup> Este é um tema caro aos delegados do Congresso de Lausanne, o segundo da Internacional, que ocorre em 1867. Em articulação com a questão, os operários reunidos no congresso entendiam ser urgente uma reforma ortográfica e gramatical nos idiomas europeus existentes. Sobre o tema, ver: FREYMOND, Jacques (org.). **La Première Internationale**. Tome I. Genève: Librairie E. Droz, 1962.

<sup>418</sup> Extraído de: HOARAU, Andre; VINKO, Markov. El esperanto, Una lengua internacional al servicio de la emancipación de los trabajadores. **Tierra y Libertad**, Madrid, p. 11-16, julio de 2013.

más rápido, a la meta que todos nosotros perseguimos para la desaparición de las fronteras que nos separan.<sup>419</sup>

Contudo, quando o esperantismo operário adensa o movimento esperantista e resolve adotar a língua nas suas associações de classe, difundir em sua imprensa e em suas publicações, realizar cursos, entre outras iniciativas, logo percebe-se uma clivagem entre concepções divergentes acerca do papel, da função e da própria finalidade do Esperanto. Nos congressos, na ação dos grupos organizados e na imprensa esperantista é onde melhor se observam as divergências, os embates e as resoluções tomadas. A principal questão no interior do movimento esperantista, quando da adoção do Esperanto no meio operário, é em torno da ideia de “neutralidade” da língua. Nos primeiros anos do século XX, essa ideia é discutida no meio esperantista, repercutindo de maneira significativa nos jornais esperantistas e nos documentos do movimento. Zamenhof aborda a questão em seus escritos; no entanto, o modo como trata o problema difere dos demais esperantistas. A neutralidade defendida por Zamenhof é sensivelmente distinta da dita “neutralidade burguesa”, ou “neutralidade política”, proposta por setores do movimento esperantista. Na *Declaração de Bolonha*, já citada, acerca da neutralidade, Zamenhof afirma que:

O esperantismo é o esforço para difundir em todo o mundo o uso desta língua neutra e humana que, "não se intrometendo na vida pessoal dos povos e de forma alguma pretende substituir as línguas nacionais existentes", daria a pessoas de diferentes nações a capacidade de se entender, e ser capaz de servir como uma linguagem conciliatória das instituições públicas naqueles países onde diferentes povos lutam entre si por questões de linguagem, e nos quais poderiam ser publicados aqueles trabalhos que têm um interesse igual para todos os povos.<sup>420</sup>

Note-se que a ênfase na “neutralidade”, é apresentada como uma “linguagem neutra”, e não como neutralidade em matéria de política. Esse debate estará presente em outros documentos esperantistas, marcando uma polêmica duradoura. Diante do neutralismo proposto por Zamenhof e sustentado por uma larga parcela dos esperantistas, não tardam a aparecer tendências conflitantes, particularmente quando os militantes revolucionários e os trabalhadores começam a se apropriar da língua e tratá-la como instrumento de confronto aos nacionalismos,

<sup>419</sup> Retirado do artigo: HOARAU, Andre; VINKO, Markov. El esperanto, Una lengua internacional al servicio de la emancipación de los trabajadores. **Tierra y Libertad**, Madrid, p. 11-16, julio de 2013.

<sup>420</sup> *Bulonja Deklaracio*. Boulogne-sur-Mer, França, 1905. (Tradução Livre para o Português, com base em versão do documento em Inglês, traduzida a partir da fonte original em Esperanto).

associando-a em sua luta internacional. Assim, dessa crítica formulada em oposição à concepção neutral, dita “burguesa”, do Esperanto<sup>421</sup>, que nega a luta de classes e propõe a neutralidade nos assuntos de política, e da crítica ao internacionalismo militante, que esquece – de acordo com a crítica difundida em setores do movimento esperantista – do fator linguístico, barreira erguida em desfavor da libertação dos povos. Surge, no interior do movimento esperantista, uma tendência diretamente vinculada ao movimento dos trabalhadores, com uma concepção de esperantismo militante fundamentada no campo libertário da luta social, o *Sennaciismo*.

Elaborado pelo esperantista, socialista e escritor francês Eugène Lanti (1879-1947; pseudônimo de Eugène Adam), o *sennaciismo* (em língua portuguesa traduz-se como “Anacionalismo”) ganha adeptos, principalmente em meio aos trabalhadores, a quem se dirigem os anacionalistas em seus escritos. Em síntese, o Anacionalismo<sup>422</sup> seria uma doutrina fundada no ideal esperantista de confraternização universal e paz mundial, de corte radicalmente antinacionalista, portanto antiestatista, que inclui em seu bojo o fator revolucionário, a compreensão do Esperanto como instrumento a serviço dos trabalhadores na luta de classes e uma crítica ao internacionalismo militante, avaliado como um fracasso na aproximação e união dos trabalhadores internacionalmente, pela desconsideração do fator linguístico como um grave obstáculo na comunicação entre os povos de línguas distintas. Lanti e outros esperantistas organizam e participam de congressos, encontros, fundam associações e realizam viagens pelo mundo propagando a nova doutrina e difundindo o Esperanto.

Fundador da *Sennacieca Asocio Tutmonda* (SAT) (“Associação Anacionalista Mundial”) e, por um longo período, editor da revista socialista internacionalista *Sennaciulo* (cujo título, em língua portuguesa, significa “o que não tem nação”), Lanti foi, além de um notável esperantista e teórico do anacionalismo,

---

<sup>421</sup> Como é o caso, por exemplo, da perspectiva defendida pelo marquês Louis de Beaufront, um burguês conservador que teorizou o Esperanto como “simples ferramenta de comunicação” desprovida de significação ideológica. Ver: HOARAU, Andre; VINKO, Markov. El esperanto, Una lengua internacional al servicio de la emancipación de los trabajadores. **Tierra y Libertad**, Madrid, p. 11-16, julio de 2013.

<sup>422</sup> Além do escrito *Manifesto dos Anacionalistas*, ver outros documentos produzidos pelos anacionalistas e sobre o *Sennaciismo* no período, em Esperanto. Entre eles: KOLCXINSKI, Viktoro. **ABC de Sennaciismo**. Paris: SAT, 1924; EJDELMAN, Boris Lvovicx; NEKRASOV, Nikolao. **Sennaciismo kaj internaciismo**. [S. l.: s. n.], 1930. Da autoria de Lanti, ver: LANTI, Eugène. **La Laborista Esperantismo**. Paris: SAT, 1928; LANTI, Eugène. **Vortoj de Kamarado E. Lanti**. Paris: SAT, 1931; LANTI, Eugène. **Leteroj de E. Lanti**. Paris: SAT, 1940.

um crítico do stalinismo. Suas ideias repercutem no pensamento e na escrita de muitos esperantistas, de diferentes afiliações ideológicas, entre os quais Roberto das Neves, fato perceptível e abertamente declarado pelo próprio em mais de uma ocasião. Isso se evidencia quando Neves discute o internacionalismo, o nacionalismo e o anacionalismo em seus escritos, quando aborda o tema em conferências, ou mencionando diretamente o nome de Lanti, explicitando sua inspiração nas reflexões do esperantista francês. O anacionalismo de Lanti, e o de Roberto das Neves, propõe a abolição do nacionalismo e da nação como forma de organização societária, combatendo o patriotismo e defendendo a eliminação das fronteiras nacionais, em função de uma nova ideia e forma de organização social não mais baseada no estado-nação.

Roberto das Neves dedica seu livro *Assim Cantava um Cidadão do Mundo* a Eugène Lanti e à SAT; na Dedicatória, Neves se refere à Lanti como o “primeiro cidadão do mundo”, expressão associada ao Esperanto e aos esperantistas (uma palavra em Esperanto designa a expressão: “*mondcivilitano*”, ou seja, “cidadão do mundo”). Para Roberto das Neves, Eugène Lanti, apreciado como um grande artista e pensador, tendo fundado e pregado a nova doutrina do anacionalismo, espalhando pelo mundo a esperança em uma “Pátria Planetária”:

À memória do grande artista e pensador Eugène Lanti – primeiro cidadão do mundo, fundador da “Sennacieca Asocio Tutmonda” (Associação Anacionalista dos Esperantistas de Todo o Mundo) e criador da doutrina “sennaciismo”, falecido no México, em 1947, depois de haver pregado por toda a Terra, um novo e maior patriotismo: o da Pátria Planetária.

À Sennacieca Asocio Tutmonda (S. A. T.), minha mãe espiritual, e ao seu atual presidente, Lucien Bannier, continuador da grandiosa obra de Lanti.

Aos que, em todo o mundo, lutam pela abolição das fronteiras, que tolhem os povos de entender-se e amar-se.<sup>423</sup>

A SAT é tida como mãe espiritual por Roberto das Neves, destacando-se como a principal organização esperantista que referencia, pois inspira sua prática militante em outras esferas, alimentando sua atividade anarquista e ação antifascista. A trajetória de Roberto das Neves, assim como a do fundador da SAT e de vários outros esperantistas associados a ela – ou *satanoj*, como eles se autodenominavam<sup>424</sup> –, está diretamente relacionada ao percurso organizativo da

<sup>423</sup> NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, p. 07.

<sup>424</sup> Como bem anotou o professor e pesquisador do Esperanto José Leite Júnior, os esperantistas da Sennacieca Asocio Tutmonda (SAT) se autodenominavam “*satanoj*” ou “*anoi* de SAT”, ou seja,

Sennacieca Asocio Tutmonda. A associação é influenciada pelas ideias de Eugène Lanti. Desde o final dos anos 1920, a SAT é a principal associação de trabalhadores esperantistas do mundo. Entre seus objetivos, registrados em seus estatutos publicados em 1928, uma síntese:

(...) en una palabra, Sat tiene como objetivo, mediante el uso constante del esperanto y su aplicación a escala mundial, contribuir a la formación de personas dotadas de pensamiento crítico, capaces de comparar, entender y evaluar adecuadamente las ideas, las tesis, las tendencias y por lo tanto capaces de elegir de forma autónoma el camino que les parezca más directo y más factible para la liberación de su clase y para llevar a la humanidad al más alto nivel posible de civilización y de cultura.<sup>425</sup>

O Esperanto, portanto, não é tido pela SAT como uma finalidade, com um objetivo em si. A língua internacional é vista como ferramenta na formação de pessoas críticas, autônomas e independentes, para que decidam o caminho de libertação da classe e alçar a humanidade a um mais alto grau de civilização e de cultura. O Esperanto seria, assim, um instrumento educacional e linguístico de transformação social; no caso da SAT, uma transformação radical, revolucionária. O *sennaciismo* ganha forma e se desenvolve em paralelo com a SAT. Entretanto, os anacionalistas adotam um modelo organizacional que não define uma ideologia específica ou um conjunto de ideias em particular a ser seguido ou defendido de modo comum. Assim, um esperantista filiado à SAT não precisa se definir anacionalista, embora os anacionalistas sejam bastante expressivos e influentes na organização.

Os anacionalistas não tardam a enfrentar conflitos e críticas no meio esperantista, que mantinha em seu seio membros de diversas afiliações políticas, entre comunistas, socialistas, anarquistas, católicos, protestantes, espíritas e até filhos da burguesia. Os *sennaciistas* foram acusados de sectários e combatidos por detratores e adversários políticos, sofrendo campanhas de difamação e tornando-se alvos de crítica nos periódicos esperantistas e em órgãos ligados a associações de classe. Em meio aos embates, em 1931 é publicado o *Manifiesto de la Sennaciistoj* (em português, *Manifesto dos Anacionalistas*). No Manifesto, são registrados

---

“membros da SAT”. Não parece coincidência o heterônimo adotado por Roberto das Neves (Dr. Satan).

<sup>425</sup> Do artigo: HOARAU, Andre; VINKO, Markov. El esperanto, Una lengua internacional al servicio de la emancipación de los trabajadores. **Tierra y Libertad**, Madrid, p. 11-16, 2013.

elementos acerca do surgimento, da formação e da presença do anacionalismo no movimento esperantista operário:

Hace ya diez años que el anacionalismo recorre las filas del movimiento esperantista obrero. Miles de proletarios del mundo entero emplean para comunicarse la misma lengua, ya sea en el seno de sus respectivos grupos, ya sea en su correspondencia con camaradas de países lejanos. Este hecho ha alumbrado la idea de que es posible que los trabajadores se organicen de una forma nueva, concibiendo nuevos métodos para la lucha de clases. El anacionalismo ha sido expuesto en muchas ocasiones en los órganos de la *Sennacieca Asocio Tutmonda* (Asociación Mundial Anacional), y hasta el momento nunca se ha manifestado una oposición demasiado fuerte contra esta nueva doctrina. Pero era de prever que un día los internacionalistas ortodoxos se alzarían contra esta herejía. En efecto, hace ya algún tiempo que una vasta y metódica campaña de agitación ha sido emprendida para combatir esta nueva doctrina.<sup>426</sup>

Neste trecho, o documento destaca a circulação no meio esperantista operário e registra a exposição da doutrina do anacionalismo, pelos órgãos e espaços da SAT. O *Manifesto dos Anacionalistas* é lançado em um momento de oposição, da parte de internacionalistas “ortodoxos” presentes no meio operário contra a nova doutrina. De acordo com os anacionalistas, há certo tempo se fazia uma metódica campanha de agitação para combater o anacionalismo, tratado no meio operário como uma “heresia” por parte de seus opositores. O Manifesto aponta questionamentos e um combate ao anacionalismo por parte de defensores “ortodoxos” do “internacionalismo proletário” clássico, o que sinaliza embates e polêmicas no meio esperantista e operário da época. Tendo a nova doutrina se tornado motivo de controvérsia, o Manifesto esclarece as teses principais do anacionalismo, em seus três tópicos: “El Internacionalismo”; “El Anacionalismo”; “La Posición de los Anacionalistas ante el Movimiento Esperantista”. Embora a autoria seja atribuída a Eugène Lanti, o documento tem assinatura coletiva: “Facción anacionalista de los miembros de Sennacieca Asocio Tutmonda”, e expõe o anacionalismo como uma nova doutrina para o proletariado internacional.

O anacionalismo funda-se na defesa do Esperanto como ferramenta de luta e comunicação internacional do proletariado, promovendo-o enquanto movimento de difusão da língua internacional dos trabalhadores, confrontando o nacionalismo, o estado-nação, o patriotismo, as fronteiras nacionais e a xenofobia,

---

<sup>426</sup> LANTI, Eugène. **Manifesto dos Anacionalistas**. Publicado como anexo em: PRADO, Bernat Castany. Anacionalismo y Anarquismo en el siglo XX. *Cartaphilus*, Murcia, n. 13, 2015, p. 183.

afirmando a língua internacional como um “*meio racional de intercompreensão universal*”.<sup>427</sup> O Esperanto é assim percebido pelos anacionalistas:

Una de las más bellas invenciones del hombre y de las más capaces de transformar el mundo es, ciertamente, la lengua artificial. El esperanto, en efecto, es una herramienta admirable, que ninguna persona sabe todavía manejar de una manera perfecta, hasta el punto de que ni siquiera su creador mismo es capaz de explotar toda su potencialidad expresiva. Zamenhof fue un precursor. La aplicación generalizada de su obra tendrá consecuencias incalculables.<sup>428</sup>

A nova doutrina destaca as principais características do anacionalismo, sua proposta política e aspirações em relação à classe trabalhadora, ao movimento operário, ao esperantismo e à luta social revolucionária, cabendo aos anacionalistas:

Se niegan a participar en toda lucha nacional y sólo reconocen como necesario y útil a la masa de los explotados la lucha de clases, que tiene como objetivo suprimir las clases, las nacionalidades y toda explotación del hombre. Apoyan todo lo que tiende a eliminar las diferencias entre los pueblos y a dar al mundo una organización racional. Estiman que todo lo que mezcla y amalgama los pueblos hace obra humana y buena. Los anacionalistas fundan su convicción sobre el hecho de que la razón, que inventa y construye, es la única base conveniente sobre la cual se puede construir una cultura mundial. Sin embargo, no creen que los hombres puedan formarse en breve un estado de espíritu que les permita pensar y actuar no siguiendo más que los dictados de la razón. Saben que el sentimiento es una gran fuerza, un móvil muy eficaz y que los mitos han jugado un gran papel en la Historia. No importa si algunas personas no pueden concebir el anacionalismo, la unificación mundial, más que como un nuevo mito semejante al de la patria. Los anacionalistas conscientes no rechazan a aquellos que se entusiasman por un ideal grande y noble. En demasiadas ocasiones la razón ha sido puesta al servicio del misticismo; será una justa compensación poner esta vez el misticismo al servicio de la razón.<sup>429</sup>

No campo das ideias, o racionalismo é a base corrente na argumentação dos anacionalistas, sendo notório o traço do cosmopolitismo, inclusive afirmado enquanto sinônimo do anacionalismo. Alinham-se a uma perspectiva de classe no interior do movimento esperantista, defendendo um “esperantismo proletário”, aliando a luta social ao esforço de difusão do Esperanto, como forma de minar o nacionalismo. O Manifesto pretende dar a conhecer o anacionalismo e os anacionalistas e, ao mesmo tempo, responder as críticas e embates nos conflitos com os internacionalistas, tidos como “ortodoxos”:

---

<sup>427</sup> LANTI, Eugène. **Manifesto dos Anacionalistas**. Publicado como anexo em: PRADO, Bernat Castany. Anacionalismo y Anarquismo en el siglo XX. **Cartaphilus**, Murcia, n. 13, 2015, p. 200.

<sup>428</sup> *Ibidem*, p. 202.

<sup>429</sup> *Ibidem*, p. 201.

Todo ello podría provocar que duden aquellos camaradas que simpatizan con nuestras tesis, pero que no tienen de ellas una idea precisa. Muchos de ellos, incluso, equiparan irreflexivamente el anacionalismo con el “internacionalismo proletario”. Por esta razón, es indispensable que presentemos nuestro punto de vista de forma clara y detallada, y lo defendamos de los ataques de los ortodoxos.

Esto se ha vuelto totalmente necesario, ya que si no oponemos energicamente nuestros argumentos a los sofismas y a los tópicos propagados por los internacionalistas, éstos lograrán extraviar al mundo esperantista, convenciéndolo de que son ellos los que representan la única tendencia revolucionaria, cuando es fácil demostrar que su internacionalismo no es, de hecho, más que una especie de oportunismo, aceptable por parte de aquellos dirigentes que ignoran el problema lingüístico, pero imperdonable en los esperantistas proletarios.<sup>430</sup>

Os anacionalistas apontam a necessidade de se diferenciar do internacionalismo proletario, uma das tendências revolucionárias presentes no movimento operário. A argumentação no seu Manifesto evidencia a consideração do problema lingüístico, ignorado pelos defensores do internacionalismo, que seriam, na visão de Lanti e dos anacionalistas, “oportunistas”, por apoiarem o nacionalismo e iniciativas que fortaleciam o estado-nação em determinadas circunstâncias, em função de interesses partidários, político-eleitorais ou sectários. Em sua crítica expressa no Manifesto, considerada como parte da “*batalha ideológica*” empreendida pelos *sennaciistas*, os esperantistas anacionalistas recuam no tempo até o *Manifesto do Partido Comunista*<sup>431</sup>, de Marx e Engels, registrando que, desde sua publicação, não havia mudado muito a situação dos trabalhadores internacionalmente, permanecendo o proletariado desunido e envolvido em guerras fratricidas:

En un manifiesto famoso, aparecido hace 83 años, se invitaba a los proletarios de todos los países del mundo a unirse. Y, con este fin, se crearon, después, diversas internacionales, cuyos dirigentes han tenido, más o menos, relaciones entre ellos, ya sea por correspondencia, ya sea durante los congresos, en la mayor parte de las ocasiones con la intermediación de traductores e intérpretes. En general, las masas todavía permanecen aisladas en sus respectivos marcos nacionales y no tienen ningún tipo de contacto entre ellas, salvo cuando se matan en los campos de batalla, durante guerras terribles.<sup>432</sup>

<sup>430</sup> LANTI, Eugène. **Manifesto dos Anacionalistas**. Publicado como anexo em: PRADO, Bernat Castany. Anacionalismo y Anarquismo en el siglo XX. **Cartaphilus**, Murcia, n. 13, 2015, p. 183.

<sup>431</sup> A título de informação, o *Manifesto do Partido Comunista* foi traduzido para o Esperanto e publicado em 1923: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **La Komunista Manifesto**. Moscou: Progreso, 1923.

<sup>432</sup> LANTI, Eugène. **Manifesto dos Anacionalistas**. Publicado como anexo em: PRADO, Bernat Castany. Anacionalismo y Anarquismo en el siglo XX. **Cartaphilus**, Murcia, n. 13, 2015, p. 184.



Na crítica ao internacionalismo, que conclama à união dos proletários de todo o mundo desde o *Manifesto Comunista*, os anacionalistas criticam sua ineficácia em aproximar os trabalhadores dos diferentes países, línguas e culturas do mundo. Para os anacionalistas, o marco nacional e o Estado continuavam sendo destruidores das relações entre as pessoas, moldando o “*espírito dos homens*” através das gerações, conformando nas nações verdadeiras “*raças espirituais*”. E, a respeito disso, pouco ou nada haviam feito os internacionalistas proletários, asseveram em seu Manifesto. Os anacionalistas apontam que o nacionalismo é defendido até mesmo por militantes revolucionários internacionalistas reconhecidos, que não são necessariamente nacionalistas, mas fazem a defesa de um “*certo nacionalismo*”, por tática ou por oportunismo, ao passo que também advogam o internacionalismo proletário, como fizeram Marx e Engels. Entre esses revolucionários, está Jean Jaurès:

En su libro *La nueva armada* puede leerse un brillante alegato en favor del patriotismo, o nacionalismo, así como del internacionalismo. Comentando la famosa frase del *Manifiesto comunista*, de Marx y Engels, según la cual “los proletarios no tienen patria”, Jaurès explica, con un gran despliegue de argumentos, su significación exacta, y demuestra que los autores del *Manifiesto* también eran partidarios de la política de la independencia de las naciones y de su derecho a disponer de ellas mismas.<sup>433</sup>

Ao longo do seu Manifesto, os anacionalistas analisam o *Manifesto do Partido Comunista*, que marca uma influência, ainda que negativa, na elaboração das ideias *sennacistas* e na própria escrita do *Manifesto dos Anacionalistas*. Lanti e seus companheiros da Facção Anacionalista da SAT procedem uma crítica ao manifesto de Marx e Engels e ampliam sua crítica em direção à Rosa Luxemburgo, Lênin e Auguste Bebel, destacados entre os que creem ser a nação “natural” ou “digna de ser defendida”.

O sentimento de pertencimento nacional ou patriotismo, advindo do nacionalismo e da cultura nacionalista arraigada nas sociedades modernas, é considerado como uma “*doença*”, que em períodos mais tensos e complexos, torna-se uma “*psicose coletiva*”, como na Primeira Guerra Mundial, obscurecendo a luta de classes e criando um clima geral de parentesco e semelhança forçada entre pessoas de diferentes classes sociais, ao mesmo tempo em que intensifica conflitos

---

<sup>433</sup> LANTI, Eugène. **Manifesto dos Anacionalistas**. Publicado como anexo em: PRADO, Bernat Castany. Anacionalismo y Anarquismo en el siglo XX. **Cartaphilus**, Murcia, n. 13, 2015, p. 185.

no interior da classe e forja inimigos entre os mais pobres. A crítica realizada ao internacionalismo se concentra em sua tendência nacionalizante e sua natureza considerada essencialmente nacionalista, como um paradoxo. Contudo, tratam-se, de fato, de contradições presentes no meio operário, que moldaram o pensamento e as práticas dos revolucionários internacionalistas, de várias correntes ideológicas, comunistas, socialistas, e inclusive, anarquistas.

Acerca da posição dos internacionalistas em face da adoção de uma língua internacional auxiliar, os anacionalistas destacam que quase todos no campo do internacionalismo demonstram ser favoráveis, embora não aceitem a superação das culturas, “divindades” e línguas nacionais, consideradas sagradas por muitos revolucionários. Em relação ao apoio internacionalista às línguas internacionais, anotam que existem exceções, como é o caso de Lênin, que acreditava que o russo seria uma futura língua internacional, demonstrando ser contrário ao Esperanto:

Los internacionalistas – no todos – reconocen que sería posible y deseable adoptar una lengua artificial, como el esperanto u otra similar. Pero no consienten que las lenguas nacionales, las culturas nacionales y otras divinidades nacionales desaparezcan enteramente o, por lo menos, se vuelvan arcaísmos, cosas muertas, como las lenguas y las culturas antiguas de los griegos y de los romanos. Consideran como algo totalmente utópico e indeseable que una lengua artificial se convierta en el único medio de expansión de una cultura mundial.<sup>434</sup>

O pesquisador catalão Bernat Prado afirma que Lenin se opunha ao Esperanto e recomendava que os leninistas ortodoxos que haviam aprendido a língua deveriam desaprendê-lo<sup>435</sup>, e reproduz um excerto do jornal russo *Rabotsche Krestdjnskij Korrespondent*, com as palavras da irmã de Lenin, M. J. Uljanova, dizendo que “em diversas ocasiões Lenin falou muito desfavoravelmente do esperanto, por considera-lo demasiado artificial, demasiado simplificado e sem vida”.<sup>436</sup> A revista *Sennaciulo*, um periódico da SAT, destaca uma informação sobre Karl Lindhagen, então prefeito de Estocolmo, em sua tentativa de fazer Lenin se interessar pelo esperanto, ao que ele respondeu: “já temos três línguas mundiais e o russo será a quarta”.<sup>437</sup>

<sup>434</sup> LANTI, Eugène. **Manifesto dos Anacionalistas**. Publicado como anexo em: PRADO, Bernat Castany. Anacionalismo y Anarquismo en el siglo XX. **Cartaphilus**, Murcia, n. 13, 2015, p. 185.

<sup>435</sup> Os documentos a seguir mencionados e abaixo referidos estão citados em: PRADO, Bernat Castany. Anacionalismo y Anarquismo en el siglo XX. **Cartaphilus**, Murcia, n. 13, 2015, p. 187.

<sup>436</sup> *Rabotsche Krestdjnskij Korrespondent*, n. 21, 15 de novembro de 1930.

<sup>437</sup> *Sennaciulo*, Paris, n. 278, 30 de janeiro de 1930.

Os anarquistas também são alvo da crítica dos anacionalistas, que não absorvem seus laivos nacionalistas. No *Manifesto dos Anacionalistas*, afirmam que os anarquistas, ainda que antipatriotas, não necessariamente são anacionalistas, mencionando o anarquista francês Sébastien Faure em seu livro *Meu Comunismo*, que seria uma projeção da sociedade futura que “*conserva o quadro nacional*”:

He aquí, de forma muy resumida, un artículo de *Sennaciale*, nº 297, intitulado: “Anarquismo y anacionalismo”. Sin duda, los anarquistas son antipatriotas, pero es necesario subrayar que identifican la patria con el estado. Su objetivo es la destrucción del estado; sin embargo, eso no significa que quieran eliminar también las particularidades nacionales, como las lenguas y las culturas. Sébastien Faure, en su libro *Mi comunismo*, donde describe lo que debería ser el funcionamiento de una sociedad anarquista, conserva el cuadro nacional. Y no es de extrañar, puesto que este autor no se plantea el problema lingüístico que los esperantistas han resuelto.<sup>438</sup>

Pode parecer contraditório, quando os anacionalistas dirigem críticas aos anarquistas, expondo o nacionalismo arraigado até mesmo em um dos expoentes do movimento anarquista internacional. No entanto, os anacionalistas e sua organização, a SAT, não defendem nem professam, como já afirmado, nenhuma ideologia em específico. Para os esperantistas anacionalistas, acolher trabalhadores e militantes de diversas tendências políticas nas fileiras do *sennaciismo* não significa esmaecer os conflitos e contradições no debate das ideias.

Com essa abertura aos divergentes, a visão particular sobre o Esperanto como ferramenta revolucionária e o apelo militante aos trabalhadores, a SAT alcançou o meio operário, destacando-se como uma das mais expressivas organizações esperantistas e exercendo influência também no movimento operário. Nos anos 1930, época de maior adesão, a SAT contava com mais de seiscentos membros atuantes; um indicativo da expressão do anacionalismo no meio esperantista, operário e militante. No período entreguerras, no contexto da emergência do fascismo, com forte apelo nacionalista, aumentando a perseguição ao esperantismo (e aos revolucionários não esperantistas) cresce a hostilidade ao Esperanto e às ideias esperantistas em geral, particularmente o anacionalismo.

---

<sup>438</sup> LANTI, Eugène. **Manifesto dos Anacionalistas**. Publicado como anexo em: PRADO, Bernat Castany. Anacionalismo y Anarquismo en el siglo XX. **Cartaphilus**, Murcia, n. 13, 2015, p. 188, nota 4.

Entretanto, nesse contexto adverso, o esperantismo operário registra notável difusão, na esteira da resistência antifascista.<sup>439</sup>

Durante a Revolução Espanhola de 1936, o Esperanto ganha impulso em sua difusão, fazendo parte da cultura libertária em ebulição durante o processo revolucionário. A língua internacional ganha usos sociais, quando trabalhadores e militantes conhecedores ou iniciantes na língua, passam inclusive a publicar jornais e boletins informativos contendo textos traduzidos para o Esperanto ou escritos na língua internacional, tais como o *Informa Bulteno* (Boletim Informativo)<sup>440</sup>, da Confederação Nacional do Trabalho e Federação Anarquista Ibérica (CNT-FAI), e o *Popola Fronto* (Frente Popular)<sup>441</sup>, editado por várias organizações socialistas.<sup>442</sup> Vários deles colaboraram na organização das ações de solidariedade em favor dos presos nos campos de concentração do sul da França, depois da retirada dos alemães. Nesse momento, o Esperanto e os esperantistas experimentam projeção em sua história, fazendo parte de um acontecimento que ficou registrado como uma das grandes revoluções libertárias do século XX. Roberto das Neves, personagem dessa história que contamos, foi um dos esperantistas atuantes na Revolução Espanhola.

### 5.3 Dimensões da atividade esperantista em Portugal e no Brasil

No princípio dos anos 1930, quando Roberto das Neves passa a fronteira em busca de refúgio na Espanha, tem suas primeiras experiências internacionais, vivenciando um ambiente de movimentação política, intelectual e militante marcadamente internacionalista. A Espanha naqueles primeiros anos da década de 1930 destoa do regime de arbítrio que imperava em Portugal desde os anos 1920, tendo Roberto das Neves vivido em seu país sob duas ditaduras, a Ditadura Militar (1926-1928) e posteriormente a Ditadura Nacional (1928-1933), que logo depois viria dar lugar ao Estado Novo, em 1933. A Espanha no período vivencia o clima de uma república recém instaurada (em abril de 1931) que pôs fim a ditadura de Primo de

---

<sup>439</sup> Ver: HOARAU, Andre; VINKO, Markov. El esperanto, Una lengua internacional al servicio de la emancipación de los trabajadores. **Tierra y Libertad**, Madrid, p. 11-16, julio de 2013, p. 05.

<sup>440</sup> *Informa Bulteno*, Barcelona, 1936.

<sup>441</sup> *Popola Fronto*, Valencia, 1936.

<sup>442</sup> Informações sobre estes periódicos e sobre o Esperanto na luta dos trabalhadores, ver: HOARAU, Andre; VINKO, Markov. El esperanto, Una lengua internacional al servicio de la emancipación de los trabajadores. **Tierra y Libertad**, Madrid, p. 11-16, julio de 2013.

Rivera. Além disso, é um momento de efervescência do movimento operário de inspiração libertária e das organizações revolucionárias anarquistas que ampliavam sua força e influência. Naqueles tempos de ascensão dos fascismos europeus, assim como Roberto das Neves, outros jovens intelectuais oposicionistas e militantes de distintas tendências políticas passariam a fronteira em direção ao exílio na Espanha e em outras partes da Europa.

Na Espanha, como dito anteriormente, Roberto das Neves escreve no jornal *Rebelião*. Na edição do *Rebelião* de abril de 1932, uma nota informa um artigo publicado na revista *Sennaciulo*<sup>443</sup>, traduzido do Esperanto para o português e transcrito em vários jornais. Infelizmente o documento disponível está mutilado e só é possível ler um pequeno fragmento; mas essa evidência sinaliza a presença do Esperanto junto aos anarquistas na Península Ibérica, particularmente se levamos em conta que o jornal *Rebelião*, de quatro páginas e dimensões reduzidas, voltada para os problemas dos exilados, reserva espaço para divulgar o Esperanto. Na data dessa publicação, Roberto das Neves tem vinte e cinco anos, sendo a nota referida o primeiro escrito sobre Esperanto que aparece em um impresso produzido por ele (pelo menos entre as fontes pesquisadas nesta tese).

Desde fins do século XIX o Esperanto é divulgado em Portugal, em pequenos círculos interessados no novo idioma. Nas primeiras décadas do século XX, aos poucos o esperantismo vai se tornando um movimento mais articulado e o Esperanto passa a ser mais conhecido, deixando de ser restrito aos pequenos grupos e indivíduos, e alcançando um público de trabalhadores, republicanos, antifascistas, militantes revolucionários e jovens estudantes. Roberto das Neves tem contato com o Esperanto ainda jovem, provavelmente desde seu tempo de estudante na Universidade de Coimbra, quando participa em atividades militantes. No meado dos anos 1920, o Esperanto contava com uma certa difusão em Portugal, inclusive no meio operário, por meio de publicações periódicas, livros, cursos e pela ação de grupos esperantistas e indivíduos. De acordo com Sónia Gomes, no período entre o final da Primeira Guerra Mundial e o Estado Novo, ocorre uma ligação do Esperanto ao operariado em Portugal:

---

<sup>443</sup> *Sennaciulo* é um dos periódicos da SAT. Circula desde 1924, com periodicidade bimestral. Atualmente é publicado em Paris, onde fica a sede da Associação.

(...) desde o final da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial dois grupos de esperantistas parecem existir em coordenadas paralelas, embora com algumas aproximações entre si: o *Laboro* tem um pequeno conto em Esperanto escrito por Saldanha Carreira, e publica também uma carta em que Adolfo Nunes se dirige aos *samideanoj*, solidário com os desfavorecidos e com a sua empresa de propagação do Esperanto. Também em *Portugal-Esperanto* se encontram as primeiras referências e aproximações aos operários: noticia-se o curso de Esperanto na “Nova Vojo” – sociedade operária cuja primeira referência é aqui encontrada – e a conferência que Saldanha Carreira deu na Sociedade A Voz do Operário em Fevereiro, e na sequência da qual se organizou, na mesma associação, um curso de Esperanto. Assim neste período verificou-se o ensino do Esperanto nos diversos núcleos e associações operárias emergentes, bem como, na continuidade da linha inicial dos pioneiros, vários cursos, em 1926: na própria APE dado por Adolfo Nunes; por Saldanha Carreira na *Portugala Esperanto Polica Asocio* e na Escola Comercial Ferreira Borges; e, também por Adolfo Nunes no Instituto Comercial de Lisboa.

Também em 1926 na imprensa nacional, o jornal *A Batalha* tem, sob a direcção de Costa Júnior, a rubrica “Esperanta Ângulo”, e, no Porto *A Comuna* publica um curso.<sup>444</sup>

Convém ressaltar que Roberto das Neves é colaborador dos mencionados jornais *A Batalha* e *A Comuna*. Para Neves e muitos de seu tempo, em Portugal e noutros lugares, o Esperanto é visto como uma língua auxiliar com um grande potencial, que carrega um apelo internacionalista e esperança na construção de uma “pátria planetária”, possibilitando, segundo os esperantistas, a união, a paz e o congoçamento entre os povos. Essa esperança em relação à língua “internacional”, “mundial” ou “universal” engendrou um movimento de articulação internacional, que ficou conhecido como esperantismo ou movimento esperantista. Esse movimento, que começa a se formar desde a publicação do *Unua Libro* pelo Dr. Esperanto em 1887, leva consigo a bandeira internacional da divulgação da língua internacional, enfrentando muitas barreiras, como a descrença dos céticos e as ondas de repressão sobre os esperantistas, particularmente nos regimes totalitários.

Quando Roberto das Neves conhece o Esperanto, para além de ser difundido em Portugal, o idioma tem uma significativa difusão mundial, com alcance e uso em grupos, diversos meios e estratos sociais, espalhados principalmente em países da Europa, Ásia e América. Em Portugal, o aparecimento do Esperanto remonta desde pelo menos o ano de 1892, com a circulação de impressos (livros, folhetos, dicionários, periódicos) e realização de cursos, congressos, entre outros

---

<sup>444</sup> GOMES, Sónia Piedade Apolinário Ribeiro. **O Esperantismo em Portugal (1892-1972):** origens, afirmação e repressão. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Instituto Universitário de Lisboa, IUL, Lisboa, 2012, p. 54-55.

fatos sociais que marcam a história social do esperantismo em terras lusitanas. Sobre a genealogia do Esperanto em Portugal, a pesquisadora Sónia Gomes destaca que:

As coordenadas iniciais do Esperanto em Portugal encontram-se, como seria expectável, na edição de livros nesta língua. No ano de 1892, cinco anos volvidos sobre a publicação inaugural do Esperanto, surge em Portugal a primeira tradução do método de Zamenhof, elaborada por Jayme Heinlein Ferreira e intitulada *A língua universal esperanto*. Nesse ano também foi registado o primeiro subscritor português do *La Esperantisto*, e dois anos depois tinha crescido para 13 o número de assinantes portugueses daquele que foi o primeiro periódico esperantista (cf. registos de Forster, 1982: 21). Em 1896 o médico Costa e Almeida publica em Gouveia uma nova tradução do livro de Zamenhof. Costa e Almeida foi um pioneiro destacado do movimento nacional: foi o único português que em 1905 esteve presente no 1.º Congresso Universal de Esperanto em Boulogne-sur-Mer, foi delegado da UEA em Resende, em 1913 integrou tanto a redacção daquela que terá sido a primeira publicação esperantista portuguesa (*Portugala Revuo*) como a primeira associação nacional criada no Porto (Portugala Esperanto-Asocio), e em 1916 presidiu ao Comité Linguístico Nacional, integrado por outros esperantistas relevantes em Portugal, e que foi constituído a convite de Emile Boirac, presidente da Akademio de Esperanto.<sup>445</sup>

Entre as iniciativas que dão a conhecer o Esperanto em Portugal no contexto, os cursos da língua, constituídos a partir da articulação de grupos esperantistas, são as mais destacadas, gerando a formação de um pioneiro e modesto movimento esperantista no país.<sup>446</sup> Nutrindo-se de uma tradição no esperantismo português e noutros países, com a percepção do Esperanto como língua que poderia ser uma ferramenta para a libertação dos povos, Roberto das Neves torna-se um dedicado estudante da língua, tornando-se um falante, professor, autor de livros e divulgador do idioma, integrando o movimento esperantista, distribuindo livros em Esperanto e tornando-se um entusiasta da língua internacional.

---

<sup>445</sup> GOMES, Sónia Piedade Apolinário Ribeiro. **O Esperanto em Portugal. Língua Internacional e Movimentos Sociais**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Lisboa, IUL, Lisboa, 2016, p. 229-230. A obra de Forster citada pela autora é: FORSTER, Peter G. **The Esperanto Movement: contributions to the sociology of language**. Haia: De Gruyter Mouton Publishers, 1982, p. 189.

<sup>446</sup> GOMES, Sónia Piedade Apolinário Ribeiro. **O Esperanto em Portugal. Língua Internacional e Movimentos Sociais**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Lisboa, IUL, Lisboa, 2016, p. 230-231.

Figura 59 – Roberto das Neves em um grupo de esperantistas em excursão (na 2ª fila, ao lado direito, sentado por detrás da placa com a indicação “Esperanto”).



Fonte: Arquivo Villa Isaura, Museu da República e Maçonaria. Royal-Photo, Lisboa, sem data (cerca dos anos 1930).

Com o objetivo de difundir o Esperanto e fortalecer o esperantismo nos países de língua portuguesa, Roberto das Neves escreve e publica, entre 1934 e 1935, o *Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)*<sup>447</sup>, editado pelo Portugala Instituto de Esperanto, do qual faz parte.<sup>448</sup> Uma “*adaptação de varios métodos estrangeiros*”<sup>449</sup>, segundo o autor, o curso trata-se de um manual didático de Esperanto para estudo por correspondência, planejado para formar falantes nos níveis elementar, médio e superior. O manual é publicado em dezesseis fascículos, com periodicidade quinzenal, na forma de pequenos folhetos. Publicado entre 1934

<sup>447</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935. Documento em repositório *online*, no site Hemeroteca Digital da Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML). Disponível em: <http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/Periodicos/cursocompletodeesperanto/cursocompletodeesperanto.htm>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

<sup>448</sup> No tema do Esperanto, alguns anos depois do *Curso Completo de Esperanto*, Roberto das Neves publica um dicionário Português-Esperanto, em edição do Portugala Instituto de Esperanto: NEVES, Roberto das. **Dicionários de Bólso Português-Esperanto e Esperanto-Português**. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1941. Segundo relata Neves, os exemplares do dicionário desapareceram misteriosamente das oficinas da Empresa Industrial de Tipografia, onde haviam sido compostos e impressos. O desaparecimento seria, como sugere o autor, uma ação da Polícia Política do Estado Novo, que atuava no sentido de apreender, confiscar e destruir qualquer publicação considerada subversiva. NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, notas bio-bibliográficas de Roberto das Neves.

<sup>449</sup> NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952, notas bio-bibliográficas de Roberto das Neves.



e 1935, foi elaborado e escrito por Roberto das Neves em Madri, no ano de 1933, quando o autor já se encontrava refugiado da ditadura portuguesa na Espanha. Em Nota Introdutória ao Curso, o Portugala Instituto de Esperanto esclarece o propósito da publicação:

AOS LEITORES

ADVERTÊNCIAS, NOTAS E CONSELHOS

Com o propósito de preencher uma lacuna que nos países de língua portuguesa se advertia – a falta dum bom e completo manual didático da língua internacional – decidiu o “Portugala Instituto de Esperanto” (designação que, depois duma total remodelação da sua estrutura, adoptou a “Portugala Akademio de Esperanto”) publicar em fascículos impressos – que o leitor poderá, no final, reunir e encadernar em livro manuseável e prático – o seu anunciado *Curso Completo de Esperanto*, (por correspondência).<sup>450</sup>

Afirmando sua motivação militante no campo do esperantismo, o grupo editor assinala sua perspectiva “idealista”, explicitando os objetivos do Instituto com suas edições:

O “Portugala Instituto de Esperanto” não é uma vulgar empresa comercial, destinada a explorar o ensino da língua internacional. É, antes, uma associação de idealistas, ao serviço da difusão do Esperanto, entre os povos de língua portuguesa. Além do trabalho que hoje iniciamos, projecta êste Instituto editar outros, que muito contribuirão para o triunfo definitivo do Esperantismo português.<sup>451</sup>

O curso de Esperanto é oferecido em etapas, apresentando em cada fascículo duas lições, com ensinamentos de vocabulário, gramática, ortografia, texto, leitura, conversação, dentre outros aspectos do idioma. Nas lições, por vezes são apresentadas ilustrações associadas ao estudo, como recurso para o aprendizado. Sobre o Curso, os editores afirmam “*uma aprendizagem facílissima, agradável, perfeita, completa e sem mestre, da língua internacional*”<sup>452</sup>, o que indica – particularmente quando é ressaltada a possibilidade de aprendizagem “*sem mestre*” –, o esforço dos membros do Portugala Instituto de Esperanto e de Roberto das Neves no incentivo ao autodidatismo entre os aprendizes da língua.<sup>453</sup>

<sup>450</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 1. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, pág. de guarda.

<sup>451</sup> *Ibidem*, pág. de guarda.

<sup>452</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>453</sup> É comum a existência de manuais e cursos de Esperanto à distância, alguns oferecidos como “esperanto sem mestre”, como na nota acima. Em língua portuguesa, nesse formato, ver: FERNANDES, A. Couto; MENDES, H. Motta. **Curso de esperanto**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Liga Brasileira de Esperanto, 1965; LORENZ, Francisco Valdomiro. **Esperanto sem mestre**. 8ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

O incentivo ao estudo do Esperanto e, no mesmo passo, à articulação do movimento esperantista nos países de língua portuguesa, podem ser vistos nos apelos aos assinantes que aparecem costumeiramente nos fascículos. Os editores realizam campanhas para manutenção do Curso em cada fascículo, oferecendo assinaturas individuais e coletivas (individuais custam, quatro fascículos, 10\$00, oito fascículos 20\$00, doze fascículos 30\$00, dezessete fascículos (obra completa) 40\$00), sendo os preços válidos para a Península Ibérica e adjacentes, com variações para o “estrangeiro” e colônias portuguesas, e a assinatura coletiva, a partir de dez exemplares, com descontos especiais. E ainda os descontos para aquisição por coletividades esperantistas e livrarias, com pagamento antecipado. Os que conseguissem angariar vinte ou mais assinantes, teriam uma assinatura gratuita da obra completa.<sup>454</sup> Em uma dessas notas, como nas outras, os editores agradecem e nomeiam os camaradas que conseguem assinaturas, informando também da criação de novos cursos e o desejo de publicar um *Dicionário de Esperanto*:

Escutando o nosso apêlo, publicado no 1º número, o nosso distinto amigo, dr. Adeodato Barreto, advogado e notário em Aljustrel, obteve-nos, naquela localidade, 18 assinantes, com os quais fundou um Curso de Esperanto. Também o nosso camarada Álvaro de Almeida Henriques nos angariou 6 assinantes. Se o exemplo destes dedicados camaradas frutificasse, veríamos definitivamente assegurada a edição, não só do presente “Curso” como, também, do nosso anunciado “Dicionário de Esperanto”, que tanta falta está fazendo ao esperantismo português.<sup>455</sup>

Vistos de modo geral, os apelos do grupo editor por mais assinaturas do curso demonstram o esforço em angariar fundos para a edição de forma independente e autônoma, característica comum também na imprensa operária e anarquista. Observados de forma mais detida, para além de expressarem as dificuldades materiais, assinalam o esforço pela difusão do Esperanto, buscando ampliar as adesões ao Curso; incentivando a formação de grupos de estudo e novos cursos por meio de descontos nas assinaturas coletivas; distribuindo material com vistas ao fortalecimento e ampliação de “coletividades esperantistas”; e, buscando o fortalecimento do movimento esperantista.

---

<sup>454</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 1. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, p. 29.

<sup>455</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 2. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, pág. de guarda.

Figura 60 – Capa do *Curso Completo de Esperanto*, de Roberto das Neves.

Fonte: Arquivo Hemeroteca Digital da Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML).

Os fascículos do curso trazem uma capa ilustrada com a imagem de dois trabalhadores de mãos dadas sobre o globo terrestre; um dos trabalhadores usa um chapéu de palha oriental (o que está posicionado do lado direito da imagem, ou seja, do lado do oriente) e o outro usa o que parece ser um capacete de mineiro (do lado oposto, a ocidente), trazendo nas mãos sua ferramenta de trabalho. Na imagem, os frutos do seu labor e de sua colheita. Ao fundo, a estrela do Esperanto, brilhando no centro da imagem e encimada pelos dizeres “O esperanto realizará a paz do mundo” e “Quando se compreenderem, os povos unir-se-ão”. Uma alegoria que diz respeito ao universo do Esperanto, do esperantismo e ao posicionamento dos editores no interior do movimento esperantista. Os trabalhadores na imagem, por sua centralidade informa a perspectiva dos editores, marcando uma defesa da língua internacional como ferramenta de luta dos trabalhadores. Os dois trabalhadores de mãos dadas no alto do globo terrestre simbolizam a união internacional e a estrela de cinco pontas, na cor verde, representa a esperança no projeto esperantista: um novo mundo de paz e união entre os povos dos “cinco continentes”.<sup>456</sup> Os dísticos exprimem o ideal de paz mundial buscado pelo movimento esperantista e anunciam o pressuposto da união entre os povos, fim último da língua internacional.

No primeiro fascículo, aparece um retrato de Zamenhof como tributo, encimando a frase “O genial fundador do Esperanto”, e uma Introdução por Roberto das Neves, sobre “A evolução da linguagem”, “O problema da língua internacional” e o “Esperanto”, versando sobre a história da linguagem, as várias experiências na elaboração de projetos de línguas internacionais e apresentando o Esperanto enquanto língua planejada, sua difusão e a conquista de adeptos. Nas edições seguintes, temos as lições, acompanhadas de notas, notícias, cartas ao leitor e outros escritos, realizando a propaganda do Esperanto e do esperantismo, apelando

---

<sup>456</sup> Entre os símbolos associados ao movimento esperantista mundial e ao Esperanto, a bandeira verde e branca com a estrela no canto superior esquerdo é o mais comum. Também se usa a estrela verde apenas, ou o *jubilea simbolo*. A estrela verde (*verda stelo*) de cinco pontas é o mais antigo dos símbolos, sugerida inicialmente num artigo publicado no jornal *O Esperantista (La Esperantisto)*, em 1892. Segundo a tradição esperantista, as cinco pontas representariam os cinco continentes (de acordo com um cálculo tradicional) e a cor verde simbolizaria a esperança. Originalmente a bandeira era do clube de Esperanto de Bologne-Sur-Mer (França), sendo adotada pelo movimento esperantista nessa cidade por ocasião do Congresso Universal de Esperanto, em 1905. O *jubilea simbolo* (símbolo do jubileu) é um símbolo alternativo, contendo a ideia interna da língua: juntar todos. As suas duas metades laterais representam a letra latina E (Esperanto) e a letra cirílica Э (Эсперанто), simbolizando a união do ocidente e do oriente. Informações colhidas na página virtual da Brazila Esperanto-Ligo. Disponível em: <http://esperanto.org.br/info/index.php/2-uncategorised/315-comunidade-esperanta>. Acesso em: 19 de novembro de 2019.

à adesão à SAT, ressaltando especialmente “*a aproximação dos indivíduos de todas as raças e nações, separados por barreiras e preconceitos de vária ordem*”. Os impressos tem presença nessa edição escrita por Roberto das Neves e publicada pelo Portugala Instituto de Esperanto. Pelas páginas do Curso se divulgam e distribuem obras didáticas, de literatura (romance, teatro), dicionários, folhetos de propaganda, jornais, revistas, boletins e outros. Na seção “Material Esperantista”, anunciam livros, outro curso de Esperanto para o aprendizado da “*bela língua auxiliar sem a ajuda de professor*” e outros artigos, que podiam ser encontrados “*Na Parceria António Maria Pereira – Rua Augusta, 52, Lisboa*”. Entre o material à disposição “*encontram-se livros de Esperanto, obras didacticas e literárias, distintivos, bilhetes postais, lápis, retratos de Zamenhof, e o ‘Curso Elementar de Esperanto’, de Saldanha Carreira e Luzo Bemaldo*”.<sup>457</sup>

Alguns meses depois, os editores do Portugala Instituto de Esperanto oferecem um “Serviço de livraria”, distribuindo “obras didáticas e literárias – esperantistas ou não”. A circulação de livros e outros impressos fazem parte da ação esperantista do grupo editor, que afirma: “*para satisfazer o desejo de muitos assinantes, começaremos a publicar, brevemente, um preçário de livros, jornais e revistas esperantas*”.<sup>458</sup> Na sua função editorial, o grupo editor do Portugala Instituto de Esperanto mantém intercâmbio livreiro com grupos, associações e organizações esperantistas em outros países, como se pode ver em comunicado sobre o futuro envio dos dicionários de Esperanto-Português e Português-Esperanto, em preparação pela Brazila Esperantista Ligo e com a participação do governo brasileiro:

#### Dicionários de Esperanto

Comunica-nos a “Brazila Esperantista Ligo” que os dicionários de Esperanto-Português e Português-Esperanto, que está a preparar, com a participação do governo brasileiro, devem ser-nos mandados até ao fim de Janeiro.<sup>459</sup>

Nos fascículos, os editores anunciam “Livros à venda na nossa sede” e recomendam a leitura como forma de “*progredirem na prática do idioma*”

<sup>457</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 1. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, p. 30.

<sup>458</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 7. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, p. 104.

<sup>459</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 9. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, p. 128.

*internacional*”, seja nos manuais de Esperanto como na literatura. Entre os manuais, conhecimentos de gramática, questões linguísticas, fábulas, contos, lendas e assuntos científicos, coligidos também por Zamenhof, e outro livro reunindo provérbios traduzidos de várias línguas para o Esperanto. Dos livros de literatura, predomina o teatro, entre eles *Georgo Dandin*, de Molière, *Hamleto*, de Shakespeare, *Ifigenio em Taurido*, drama em cinco atos de Goethe, *La Rabistoj*, drama em cinco atos de Schiller, *La Revizoro*, comédia em cinco atos de Gogol. Também apresentam um livro de contos intitulado *Fabeloj*, de Andersen, em três volumes, e o romance *Marta*, da escritora polaca Eliza Orzeszco.<sup>460</sup>

Ao longo da publicação do Curso, a distribuição de impressos esperantistas é parte central na estratégia dos Editores na difusão do Esperanto e em vista do fortalecimento do movimento esperantista em Portugal. Para eles, o livro e os periódicos são instrumentos didáticos fundamentais para os alunos esperantistas. Nesse sentido, reafirmam a importância da leitura, em Esperanto, da imprensa e da literatura esperantista: “*frisámos já no comêço da publicação do nosso ‘Curso’ a conveniência dos nossos alunos lerem, para progredirem na prática do idioma internacional, além da imprensa esperantista, obras de literatura, etc. em Esperanto*”.<sup>461</sup> Sobre o conhecimento da língua, afirmam que o caminho para compreender seu “*gênio*” e “*espírito*” requer os procedimentos da prática e conhecer a língua por meio da literatura, e, para tal, indicam editoras especializadas em França, Bulgária, Estados Unidos, a quem se pode inclusive solicitar Catálogos em Esperanto:

Saber fazer-se compreender numa língua não quer dizer que a conheçamos a fundo, sem que lhe tenhamos penetrado o espírito e compreendido o génio. Isto apenas se obtém à custa de muita prática e sobretudo da leitura atenta de bons textos literários. O Esperanto possui já uma literatura e bibliografia riquíssimas, que te é indispensável conhecer.

Para facilitar-te êste trabalho, damos-te a seguir o enderêço das mais importantes editoras esperantistas, às quais podes, hoje mesmo, solicitar o respectivo catálogo, que te será remetido gratuitamente.

*Sennacieca Asocio Tutmonda* – Av. Gambetta, 67 – Paris 20 – França.

*Literatura Mondo* – Mester-u, 53 – V. 7 – Budapeste 9 – Bulgária.

*Scienca Gazeto* – State St. 556 – Madison – Wis. – América do Norte.

*Esperantista Centra Librejo* – Rue des Sèvres, 11 – Paris 6 – França.<sup>462</sup>

<sup>460</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 14. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, p. 188.

<sup>461</sup> *Ibidem*, p. 188.

<sup>462</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 16. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, p. 216.

Traço comum na história da difusão editorial, as páginas do Curso divulgam livros, catálogos, editoras, serviços de livraria e os periódicos esperantistas em suas seções de “Leitura Recomendada” e ressaltam o compromisso da imprensa esperanta para o estudo da língua, o que requer uma visão ampliada da leitura: estabelecer efetiva comunicação com os falantes doutros países, e observar os livros como ponte para o movimento esperantista, assim como a observação sobre algumas “regras de estudo” do Esperanto. Ao lado das seções de “Leitura Recomendada”, um outro espaço a favorecer e promover o intercâmbio entre os esperantistas (e leitores) é a seção de Cartas, promovendo o encurtamento de distâncias e o alargamento de geografias imaginárias, trazendo para junto de si uma *comunidade de leitores*. A Correspondência entre leitores é afirmada na imprensa esperanta como “*excelente acessório didático*”, o que nos deixa antever um vislumbre em torno de uma pedagogia da leitura.<sup>463</sup> As páginas do referido Curso, como se vê, tem sua função ampliada e cada espaço é bem aproveitado em favor do movimento esperantista, como a página divulgando os “Periódicos que fazem a propaganda do Esperanto”, e se desdobrando em seções dedicadas ao idioma e ao movimento, difundindo os jornais e revistas onde se pode ler uma página, uma crônica, uma seção de Esperanto em Portugal. É o caso da crônica semanal no diário *República*, de Lisboa, na página do semanário *Vida Social*, também de Lisboa, uma página; no semanário *Idéia*, do Barreiro, uma página; na revista mensal *Pensamento*, do Pôrto; e uma Seção no semanário *Emancipador*, de Lourenço Marques.<sup>464</sup> Cada fascículo do Curso se presta aos leitores (e ao pesquisador) uma interessante cartografia dos impressos que divulgam a língua internacional e, inclusive, tratando de ampliar o repertório, indicando uma Seção no semanário *A Cidade*, de Lisboa, uma Seção (e um Curso para Crianças) no quinzenal *O Infantil Ilustrado*, de Setúbal, um Curso “Comércio do Funchal”, e um Curso na Seção na “Federação Escolar”, do Porto.<sup>465</sup>

O Curso e as informações acrescentadas em seus fascículos constituem um documento relevante em nossa pesquisa. Aqui, o conteúdo de uma carta,

<sup>463</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 1. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, p. 27.

<sup>464</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 8. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, p. 116.

<sup>465</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 11. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, p. 152.

reproduzimos a divulgação de uma lista de periódicos em Esperanto, com destaque para aqueles editados pela SAT: *Sennaciulo*, *La Lernanto* e *Sennacieca Revuo*. Além destes, são listadas várias outras publicações em Esperanto, de procedência vária: jornais, revistas literárias, revista humorística, cursos e boletins, entre outros editados em França, Suíça, China, Bélgica, Bulgária, Holanda, Japão, Checoslováquia, Luxemburgo, Espanha, Alemanha, Romênia, URSS, Austrália, Estados Unidos. De destaque também é a largueza de vistas quanto ao público leitor, tentando chegar a funcionários dos correios, aficionados da filatelia, estenógrafos, médicos, grupos católicos, budistas, vegetarianos, como se vê na listagem seguinte:

*Esperanto* – Universala Esperanto-Asocio – Tour de L’Ile – Genebra, Suíça.  
*La Kritika Observanto* – Sentier de la Sablonière, 6 – Malakoff (Seine) – França.  
*La Mondo* – P. O. Box 274 – Shangai – China.  
*Heroldo de Esperanto* – Brüsseler Str. 94 – Köln – Alemanha.  
*Literatura Mondo* (a mais luxuosa revista literária em Esperanto) – Mester-u, 53, V. 7 – Budapeste 9 – Bulgária.  
*La Pirato* (revista humorística) – R. Schwartz, av. de Galliéni 5 – Courbevoie (Seine) – França.  
*La Praktiko* – Cseh – Instituto, Riouwstr. 172 – s’Gravenhage – Holanda.  
*La Revuo Orienta* – Japana Esp. Instituto – Hongo-ku – Motomaci I-24 – Tokio – Japão.  
*Scienca Gazeto* – StateStr. 556 – Madison – Wis. – América do Norte.  
*Tutmonda Kolekianto* (de colecionadores, filatelistas, etc.) – Ant. Prazak – Jablonne n. Orl – Checoslováquia.  
*Bulteno de Internacia Scienca Asocio Esperantista* – Rue du Sommerard, 35 – Paris 5.  
*Juna Batalanto* (católica) – W. Solzbacker, 77, Montée de Pilate – Luxembourg – Eich.  
*Espero Katolika* – Padre Font Giralt – Coilell – Gerona – Espanha.  
*Frateco* (órgão da seita “Brankaj Fratoj”) – Atanas Nikolov – Sevlievo – Bulgária.  
*Interligilo de P. T. T.* (da Liga Internacional dos funcionários dos correios e telégrafos) – Rue Lecourbe, 334 – Paris 15.  
*Internacia Medicina Revuo* – Av. Montjole, 19 – Ucle 3 – Bélgica.  
*Internacia Pedagogia Revuo* – P. Korte – Schollstr. 13 – Veendam – Holanda.  
*Internacia Polica Bulteno* – Rue Engelhard, 10 – Strasburgo – Meinau – França.  
*Intersteno* (de estenografia) – Fr. Graser – Karl-Fleschsstr. 3 – Frankfurt – Alemanha.  
*La Lumo Orienta* (budista) – Takakura – Kaikan – Rokujo – Takakura – Kioto – Japão.  
*La Vegetarano* (de vegetarianos) – I. Ionescu – std. Istrati 10 – Bucareste 5 – Romania.  
*Sur Posteno* – Spiridonovka 15 – Moscóvia – U. R. S. S.  
*La Suda Kruco* – Box 731 F. – Elizabethstr. P. O., Melbourne – Austrália.<sup>466</sup>

<sup>466</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 16. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, p. 215.



Tais iniciativas assinalam o esforço de Roberto das Neves para promover o intercâmbio entre coletividades esperantistas, alargar o movimento em âmbito internacional, difundir um vasto rol de edições esperantistas; além de animar os contactos entre associações de trabalhadores, grupos de exilados e organizações anarquistas (como é o caso da Federação Anarquista Ibérica). Para o caso específico do meio esperantista em Portugal, são relevantes as notas informativas sobre a adesão ao curso, o aparecimento de novos professores e professoras (e novos cursos), o esforço pela propaganda e o avanço da causa esperantista, como é o caso da formação de novos grupos esperantistas no Algarve; aqui destacando a estratégia para conquistar novos assinantes, quando os leitores do Curso se empenham em buscar adesões e assim novas assinaturas se espriam pelo Algarve, Mafra, Barreiro, Matozinhos, Agueda. O entusiasmo se justifica, pois se sabe que as publicações são, quase sempre, compartilhadas e recobrem um universo muito mais amplo daquele que os números indicam:

O Algarve, terra adubada para todos os nobres ideais, está a marcar, no movimento esperantista, um lugar destacado. Além de vários professores e professoras, têm feito, ali, uma fecunda propaganda da nossa língua, os nossos amigos e assinantes José Gonçalves Vítor, de Silves, que acaba de arranjar-nos mais 1 assinante e trabalha na criação dum núcleo esperantista, e José Marreiros Mendonça, cujo entusiasmo pelo Esperanto se traduziu, já, na obtenção de 21 assinantes – número superior ao obtido por todos os outros – com que vai fundar, na capital do Algarve, um grupo. É consolador verificar como germina a semente que o nosso “Curso” está lançando, por tôda a parte.

Aqueles acrescentemos os nomes dos camaradas Manuel Filipe, de Mafra, Carlos P. Ramos, da Senhora da Hora, Matozinhos, e A. Dias Abrantes, de Agueda, que nos obtiveram, cada um, 1 novo assinante.

A todos os incansáveis pioneiros do nosso movimento, as mais entusiásticas saudações do Portugala Instituto de Esperanto. E avante! Sem desânimo!

Lisboa: 1934, Dezembro, 30.<sup>467</sup>

Entusiasmados com as adesões do público ao Curso, espécie de *semente que germina*, divulgam a expansão da iniciativa esperantista em Portugal, com destaque à região do Porto, onde sobressaem as iniciativas dos camaradas Manuel de Freitas, abrindo um Curso de Esperanto na Casa do Povo, Leopoldo Gonçalves Fernandes, pela iniciativa de publicar uma página esperanta na revista *Pensamento*, de Jorge Santos e José Pereira Rezende, entusiastas na colheita de assinantes. Em Ponta Delgada, o movimento esperantista é impulsionado pela ação

---

<sup>467</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 9. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, p. 128.

dos camaradas Manuel Vital da Câmara e Hermínio de Carvalho, angariando assinantes e participantes do Curso e se juntam a outros para a criação duma sociedade esperantista, além da instalação de um Curso com quarenta alunos, na Associação dos Empregados no Comércio de Ponta Delgada, sob a coordenação de Lúcio de Miranda. São as notícias de Portugal, do Ultramar e do Brasil, enfatizadas como um sinal da “*boa nova do confraternizante idioma internacional*”.<sup>468</sup> A seção “Movimento Esperantista em Portugal”, nos dá a conhecer ainda as iniciativas militantes de novos grupos criando novos cursos e novas publicações, excursões de propaganda, a retomada das iniciativas da Sociedade Esperantista Operária (Progresemaj Amikoj), do Barreiro, a constituição de uma coletividade esperantista em Lisboa: “Nova Sento”, na Sociedade Dramática de Instrução Ajudense, ao Largo da Ajuda, além da criação de uma seção esperantista na Universidade Popular Portuguesa, à rua Luis Derouet, no bairro da Estrela, onde edita um Boletim periódico esperantista e mantém um curso regido por Saldanha Carreira.<sup>469</sup>

A Universidade Popular Portuguesa, atrás referida, é uma notável experiência de ensino voltada aos setores populares e à classe operária, funcionando entre 1919 e 1933 em Portugal. Pelo Decreto n.º 5781, de 10 de maio de 1919, a Universidade Popular Portuguesa foi declarada uma instituição de utilidade pública nacional, com departamentos em bairros de Lisboa e em diversas localidades portuguesas. Sua criação tem inspiração no movimento das Universidades Populares em França e nas experiências realizadas em 1912 em Setúbal e no Porto, alcançando reconhecimento internacional. Mantém relações com o Bureau International d’Education, a Ligue International pour L’Education Nouvelle e o Bureau International du Travail. Seu objetivo era contribuir para a educação geral do povo português, por meio de conferências, cursos, sessões de cinema e a constituição de bibliotecas. Bento de Jesus Caraça (1901-1948) se destaca na empreitada da Universidade, como ainda em destacados projetos editoriais, como é o caso da Biblioteca Cosmos.<sup>470</sup>

---

<sup>468</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 10. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, p. 140.

<sup>469</sup> NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (elementar, médio e superior)**. Fascículo 12. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935, pág. de guarda.

<sup>470</sup> Informações colhidas na página do Projecto Mosca, da Universidade de Évora. Disponível em: <http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/arquivo/?p=creators/creator&id=1011>. Acesso em 05 de janeiro de 2022.

De acordo com Faria de Vasconcelos, que escreve na época de funcionamento da Universidade Popular, a instituição se destina à formação do homem integral, por meio de métodos de ensino e uma formação que ofereça conhecimentos amplos, valores e possibilite a própria convivialidade social aos seus alunos. Vasconcelos sublinha que a Universidade é um centro de educação e instrução do povo. Membro da Universidade à época, o autor ressalta em seu texto as características principais da Universidade Popular Portuguesa e defende melhorias na instituição, no sentido de ampliar o programa de estudos para a formação do “homem completo”, ou seja, daquele que caracteriza como o homem em seus aspectos individual, físico e intelectual. Para ele, a síntese da Universidade Popular é se realizar como “*um centro de educação e de instrução do povo*” e sem perder de vista o ideal de toda a obra educativa, ou seja, a formação integral, “*que é preciso fazer surgir do homem fragmentário da nossa época*”.<sup>471</sup>

Tais conteúdos nos trazem valiosas informações sobre a militância esperantista de Roberto das Neves e do grupo editor do Portugala Instituto de Esperanto, assim como oferecem registros de interesse acerca da história do movimento esperantista em Portugal, e nos dizem sobre a recepção do *Curso Completo de Esperanto* em várias partes do país, onde foi adotado como compêndio de estudo e serviu como catalisador para a formação de grupos esperantistas e disparador na formação de cursos da língua internacional. Por esse documento apresentado em particular, é possível descortinar diversos aspectos da militância esperantista de Roberto das Neves e dos grupos com os quais se relacionou em Portugal, Espanha e no Brasil. Percebem-se as relações existentes entre os esperantistas, os clubes, grupos e associações existentes em Portugal, bem como os cursos, as publicações esperantas e as novidades vindas do exterior acerca do idioma. Tais fatos sociais demarcam, para o período em tela, um movimento esperantista internacionalista, vinculado ao movimento operário e ao anarquismo.

### ***Esperantista, anacionalista, cidadão do mundo***

---

<sup>471</sup> Escrito em 1921 e publicado novamente em: VASCONCELOS, Faria de. O Que Deve Ser a Universidade Popular Portuguesa. **Investigar em Educação**, n. 1, p. 245-251, 2014, p. 245.

Durante o exílio no Brasil, Roberto das Neves se dedica à difusão do Esperanto, disseminando livros, fomentando o ensino da língua internacional e colaborando em atividades esperantistas de estudo e propaganda: congressos, conferências, encontros e debates. Parte de sua atividade esperantista se deu na distribuição de livros, via Editora Germinal, que mantém um catálogo específico em Esperanto. Entre as obras disponíveis, mais de cinquenta títulos constam no Catálogo “Literaturo en Esperanto”, apresentado no Quadro seguinte, para dimensionar a atividade editorial e livreira de Roberto das Neves no campo do esperantismo.

**Quadro 3 – Catálogo “Literaturo en Esperanto” da Editora Germinal**

<b>LIVRO/PUBLICAÇÃO</b>	<b>AUTOR</b>
“Fausto”	Goethe
“Infanoj de Malrichuloj” (romano)	John A. Lee
“Juneca Ardo”	Barthemess
“Kristanismo k Patriotismo”	Tolstoj
“La Laborista Esperanto-Movado”	Bruin
“La Liberecana Movado”	Bastian
“Manifesto de l’Sennaciistoj”	E. Lanti
“Natura Nutrado”	B. Larsen
“Ne plu ludo” (novelaro)	Barthemess
“Nuna Stato de l’Evoluismo”	Jean Rostand
“La Revolucio de Chinio”	H. Kobylinski
“Scienco k Pseudoscienco pri Heredo k Raso”	Neergard
“Skizo pri Filozofio de la Homa Digno”	Gille/Lanti
“Vojo al Scienco l’ Estonto”	Fersman
“Vivo de Lanti”	Borboom
“Vojagho al Kazohinio” (utopio en Esperanto)	Szatmart
“Junulkurso de Esperanto (rektameto per diskoteko)”	-
“Atomcentraloj”	Levraud
“Antropogenezo (ekesto de la homo)”	Pannekoek
“Abundo k Konsumsocio”	J. Duboin/PV-Berthier

“Anarkio k Organizo”	Malatesta
“Civila Malobeemo (kunstudado pri la aŭtoro)”	Thoreau
“Durruti, Simbolo de la Hispana Revolucio”	Pario
“Eduko k Vivsignifo”	Krisnamurti
“La Forto de la Fortaj”	Jack London
“La Milito de de la Lingvoj: Esperanto au la Angla?”	H. Masson
“La Homa Animo sub Socialismo”	Oscar Wild
“Humanitaristaj Principoj”	Eugen Relgis
“Individuisma Manlibreto”	Han Ryner
“La Parlamentismalluzio”	C. A. Laisant
“Jen la Dio!”	B. G. D.
“La Krimoj de Dio”	Sebastien Faure
“Komuna Kantareto”	Juna Penso
“La Liberecana Penso”	Diversaj aŭtoroj
“Leberecanaj Vivkonceptoj”	Jean Grave/Fontaura
“La Ingenia Hidalgo Miguel Cervantes”	Han Ryner
“Memvola Servuto”	La Boetie
“Mia Vivo. Artikolaro. Poemaro.”	Barthelmess
“Naciecaj Problemoj”	Rosa Luksemburg
“Ne Mortigu!”	Leo Tolstoj
“Neperforta Revolucio”	T. Ebert
“Por nia medito” (trad. de Lanti)	Han Ryner
“Por la Paco”	Diversaj aŭtoroj
“La Piramido de La Tiranio”	Domela Nieuvenhuis
“Revolucia Registaro k aliaj tekstoj”	Kropotkin
“Rido Sanigas (humurapoemaro)”	J. Burguer
“Tabakismo k Emancipigho”	H. Masson
“La Triviala Homo”	J. Ingenieros
“Tiukiu ne volasmorti”	Johano Rostand
“Tra la Mondo per Biciklo k Esperanto”	Alfa-Beta
“Vivi en Komuno”	M. Schneller
“Plena Ilustrita Vortaro de Esperanto”	Waringhien

“Plena Vortaro de Esperanto”	Waringhien
------------------------------	------------

Fonte: Livro *Entre Colunas*, Editora Germinal, 1979. Arquivo Pessoal.

O Catálogo expressa a difusão do Esperanto, a partir dos clássicos do pensamento crítico em distintas vertentes: literatura, pedagogia, anarquismo, memórias, e obras específicas sobre o Esperanto e o esperantismo, entre outras chaves de leitura. Tal empreitada é espécie de corolário em seu esforço de décadas em favor da difusão da língua, como se pode constatar na edição do jornal *Cidadão do Mundo*, a participação no Esperanto-Klubo, na Associação Esperantista do Rio de Janeiro e no Brazila Instituto de Esperanto, em sua lida como professor e na ligação afetiva e intelectual com sua companheira, esperantista e ex-aluna, Maria Angélica de Oliveira.

São diversos e variados os elementos a comprovar as atividades esperantistas de estudo e propaganda, como as ações como professor da língua, em seu esforço na difusão do esperantismo. Como se vê na divulgação do *Diário de Notícias*: “Prof. Roberto das Neves – Amanhã, às 20:30 horas, no Esperanto-Klubo, da Associação Cristã de Moços, pronuncia conferência sobre ‘Nacionalismo, internacionalismo e anacionalismo’, ou ‘a caminho duma pátria planetária’. Entrada Franca.”<sup>472</sup> E em outra edição noticia um Curso Gratuito de Esperanto, com duração de três meses, precedido doutra Conferência intitulada “Qual deve ser a língua internacional do após-guerra? O francês, o inglês ou outra?”, de Roberto das Neves, sob os auspícios do Departamento Cultural da referida Associação Cristã de Moços e apoiada por Carlos Domingues, representante da Liga Esperantista Brasileira. Roberto das Neves, por vezes é um acreditador obstinado e adianta que se encontrava em “*entendimentos com as organizações esperantistas mundiais para a obtenção de facilidades para a realização de uma grande excursão de esperantistas Brasileiros à América do Norte e à Europa, depois da guerra*”.<sup>473</sup> Sucedem-se outras iniciativas e logo mais se anuncia um Curso Elementar e outro de Aperfeiçoamento, voltado à formação de professores de Esperanto. Os Cursos são gratuitos, com duração de quatro meses e sob regência de Roberto das Neves.<sup>474</sup>

<sup>472</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 7249, 13 de junho de 1946, p. 08.

<sup>473</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 6815, 10 de janeiro de 1945, p. 08.

<sup>474</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 6924, 22 de maio de 1945, p. 08.

O trabalho como editor e livreiro e a militância esperantista compõem a persona multifacetada de Roberto das Neves, como se observa em sua busca por ampliar redes de contatos em associações esperantistas, e a formação de público leitor através dos cursos e conferências ou como um dos organizadores do Congresso Metropolitano de Esperanto, como o seria também do X Congresso Brasileiro de Esperanto, no Rio de Janeiro:

Em assembleia da Associação Esperantista do Rio de Janeiro, foi eleita a seguinte Comissão Organizadora: Octaviano da Silva Lopes, Delio P. de Sousa, Silla M. Chaves, pela A. E. R. J.; A. Caetano Coutinho e Srta. Maria Malheiros pelo B. K. E.; Roberto das Neves e Othon C. Nunes pelo E. K. da A. C. M.; Diderot de Freitas pelo E. K. F.; Joaquim S. Gonçalves pelo E. R. e Alfredo M. Agra pelo E. G. P. A. A referida comissão foi pela mesma assembléia declarada empossada e iniciou já as suas atividades. O Congresso será inaugurado a 11 de dezembro e encerrado no dia 15, prestando uma homenagem ao criador do Esperanto, dr. L. L. Zamenhof, pela passagem de seu natalício.<sup>475</sup>

O espaço no *Diário de Notícias*, inclusive com a publicação de anúncios e material de divulgação das edições da *Germinal*, aqui demonstrados, talvez se deva, em parte às relações pessoais de Roberto das Neves com Paulo de Castro, redator daquele jornal e funcionário da Editora católica “Agir”.

Uma possível Biblioteca pessoal de Roberto das Neves é em parte vislumbrada nos catálogos da *Germinal*, posto que as traduções, as recomendações de leitura nas colunas do jornal *Ação Direta*, as referências constantes dos tantos prefácios e artigos de sua lavra, podem sugerir também os livros de sua biblioteca pessoal, generosamente compartilhada entre as camaradagens que se vão firmando. Repertórios de sua Biblioteca e da Editora *Germinal* também se avistam por dentro da entrevista concedida ao jornalista Flamínio Araripe, na pequena sala de seu apartamento, no Rio de Janeiro. O jornalista anota uma Biblioteca se desfazendo – “*seis estantes a menos*” –, mas ainda conservando uma memória afetiva por seus livros de predileção – de Han Ryner, Emile Armand, Maria Lacerda de Moura, entre outros amarelados exemplares e raridades da bibliofilia, evidenciando também múltiplos interesses: pensadores libertários, grafologia, dietética, dicionários. Nas duas estantes sobreviventes, parte de sua biblioteca de Esperanto, conservada até o fim de sua vida:

---

<sup>475</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 7388, 23 de novembro de 1946, p. 08.

a pequena sala do apartamento conta com seis estantes a menos. Ficaram apenas duas delas com obras em Esperanto – que é professor —, dicionários e clássicos do anarquismo, raridades em espanhol, francês, italiano e português. Todos livros amarelados, dos autores de sua predileção: Han Ryner, E. Armand, Maria Lacerda de Moura e pensadores socialistas libertários, além de muita coisa sobre grafologia e dietética.<sup>476</sup>

De relevo também na militância esperantista de Roberto das Neves é a denúncia da perseguição e repressão desencadeadas contra os grupos ou individualidades esperantistas. No jornal *Ação Direta* (Rio de Janeiro), Roberto das Neves repercute notícia do decreto de proibição do ensino e difusão do Esperanto em Portugal e, na coluna de sua autoria, “Não Apoiado pelo Dr. Satan”, reverbera o fato e estabelece os nexos políticos entre os regimes fascistas em Portugal e na Alemanha, entre Salazar e Hitler:

*“O ministro do Interior de Portugal assinou um decreto proibindo o ensino e o uso do esperanto naquele país, como o fundamento de que os revolucionários portugueses estavam utilizando a língua mundial na sua correspondência com revolucionários de outros países.”*

– Também Hitler proibiu o esperanto na Alemanha e nos países por êle anexados. Os motivos então alegados eram outros: 1 – o esperanto era obra dum judeu; 2 – o esperanto reivindicava para si a primazia de língua mundial, que, segundo os militares prussianos, cabe ao idioma alemão. Para ser coerente até o fim, imitando Hitler, o govêrno do Salazar deve estender a proibição, agora lançada sôbre o esperanto, igualmente ao francês, inglês, espanhol, etc., pois em tôdas estas e outras línguas os revolucionários, que tiram o sono à fradalhada que domina Portugal e aos imperialistas que sustentam o Salazar no poder, concertam com seus camaradas do mundo a grande revolução libertadora que há-de correr do nosso planeta com todos os parasitas.<sup>477</sup>

Nas relações entre o esperantismo e o anarquismo, em torno de idéias fulcrais e dos objetivos, Roberto das Neves não foi um semeador solitário. Vários são os destacados exemplos a corroborar o fato. Aqui sublinhamos, em modo breve, alguns esperantistas destacados no campo do anarquismo, que inspiram Roberto das Neves em seu labor na propaganda e ensino do Esperanto, como é o caso do francês Paul Berthelot, que viaja pelo mundo divulgando o idioma da “pátria planetária”. Na Espanha, Berthelot ajuda a criar jornais e grupos esperantistas, fazendo a propaganda do Esperanto como um instrumento dos trabalhadores em sua luta pela emancipação social. Foi fundador da revista *Esperanto*, em 1905, um dos mais importantes periódicos esperantistas, e porta-

<sup>476</sup> Entrevista com Roberto das Neves, concedida à Flaminio Araripe, para a Revista *Planeta*, Rio de Janeiro, n. 104, maio de 1981.

<sup>477</sup> *Ação Direta*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 63, fevereiro de 1950, p. 03.



voz da *Universala Esperanto Asocio* (UEA). Alguns anos depois, em 1909, Berthelot é eleito membro da *Lingva Komitato*, com a tarefa de preservar e proteger os princípios fundamentais da língua e cuidar de sua expansão. Em Montevideu em 1907, se dirige ao Rio de Janeiro para participar do primeiro Congresso Brasileiro de Esperanto, onde conhece o anarquista português Neno Vasco e outros militantes, estabelecendo correspondência com alguns. Após um período no Rio de Janeiro, Berthelot migra para o norte do Brasil, na região amazônica, continuando sua experiência de vida em comunidades, inclusive estabelecendo convívio com povos indígenas da Amazônia. Edgar Rodrigues registra seus passos e afinidades no Rio de Janeiro:

Paul Berthelot chegou ao Rio de Janeiro em 1907 para participar de Congresso Esperantista. Conheceu Neno Vasco, seu cunhado Moscoso e outros militantes anarquistas com os quais passou a conviver. Não obstante seu compromisso com os adeptos de Zamenhof, integrou-se também ao Grupo Terra Livre, passando a colaborar no jornal de igual nome dirigido por Neno Vasco, com o pseudônimo de Marcelo Verema.<sup>478</sup>

No Brasil, o militante e professor José Oiticica, um reconhecido multilinguista, adota o Esperanto como língua auxiliar, pois vê no idioma uma ferramenta capaz de ajudar na construção da utopia de transformação radical para uma sociedade libertária, sem nações, sem estados, sem fronteiras. Roberto das Neves assim descreve o largo conhecimento do poliglota José Oiticica e destaca o pioneirismo do professor, inclusive como tradutor e compondo poemas originais em esperanto:

Poliglota, conhecia, além do seu idioma natal, o latim, o grego clássico, o francês, o inglês, o alemão, o espanhol, o italiano, o russo e o esperanto. De várias destas línguas foi professor, e de todas elas vertia facilmente artigos e simples notas para o jornal, que por muitos anos dirigiu, "Ação Direta". Foi mesmo, suponho, o primeiro, no Brasil, a compor poemas originais em esperanto.<sup>479</sup>

No Ceará, em Fortaleza nas primeiras décadas do século XX, o professor e anarquista Moacir Caminha é também um dedicado propagador do Esperanto, criando em 1914 um Curso sugestivamente chamado Terra Livre e escrevendo textos de divulgação da língua internacional entre os pequenos núcleos

<sup>478</sup> RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros 5**. Florianópolis: Editora Insular, 1998, p. 62.

<sup>479</sup> OITICICA, José. **Ação Direta. Meio século de pregação libertária**. (Seleção, introdução e notas por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1970, p. 23.

libertários em Fortaleza das primeiras décadas do século XX.<sup>480</sup> No Rio de Janeiro, com sua companheira Maria Iêda de Moraes, continuam o labor propagandista do esperanto, como se vê em seu jornal *Remodelações*. Desde a primeira edição, o periódico divulga livros e leituras em suas páginas, franqueando espaço ao debate e à propaganda do Esperanto, como no texto “O movimento proletário e o esperanto”, que evidencia a língua internacional, o movimento dos trabalhadores e a Sennacieca Asocio Tutmonda (SAT). Assinado por V. Guayanás de Sousa, da Associação Esperantista do Rio de Janeiro, o artigo exalta o Esperanto como uma língua a serviço dos trabalhadores, fazendo do apelo “Proletários de todo o mundo, Uni-vos!” o chamamento ao cultivo do idioma internacional como um meio de realizar a grande utopia dos “*laços de fraternidade*”, dos “*anseios de liberdade*” e dos “*ideais de igualdade humanas*”:

O idioma auxiliar internacional Esperanto, há 57 anos em plena ação no mundo, já venceu tôdas as barreiras naturais que se antepuzeram e marcha, firme e decidido para a vitória final!

Para efetivar-se, porém, com maior rapidez êste fatal acontecimento, torna-se necessário o concurso dos proletários de todo o mundo, os mais diretamente interessados na expansão desse idioma extraordinário, visto que constituindo, como constituem, uma única família universal, lógicamente necessitam de um idioma internacional afim de reforçarem os laços de fraternidade e mais facilmente disseminarem, através dos oceanos, os seus anseios de liberdade e os seus ideais de igualdade humanas!...

[...]

Fazemos, pois, um ardente apêlo a todos os proletários do Brasil para que se apressem a adquirir conhecimentos do idioma auxiliar internacional neutro, ESPERANTO, obedecendo assim aquela clarinada que até hoje canta aos nossos ouvidos:

PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO! UNI-VOS!

Essa união, porém, só será exequível sôbre a base de um neutro fundamento: – a maravilhosa criação do imortal sábio lituano Zamenhof: – O ESPERANTO!

Laboristoj! Antauen! Senfine!<sup>481</sup>

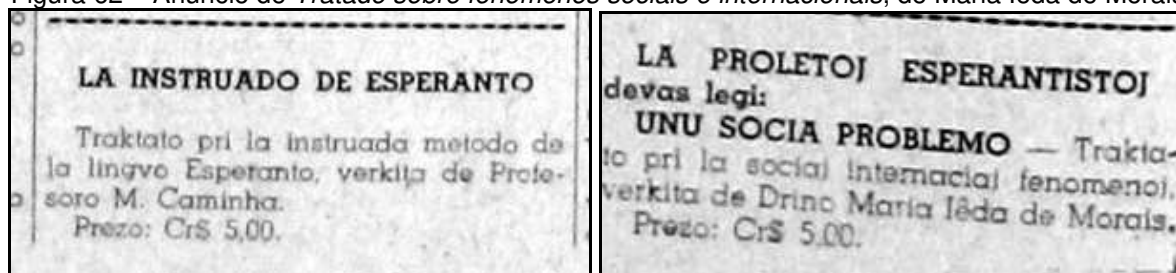
O jornal *Remodelações* também veicula anúncios de obras em Esperanto e recomendações de leitura. “La instruado de esperanto” é um dos anúncios, em Esperanto, de um tratado de estudos sobre a língua, escrito por Moacir Caminha.

<sup>480</sup> Elementos de trajetória de Moacir Caminha são destacados nos estudos de Adelaide Gonçalves, Allyson Bruno, entre outros: GONÇALVES, Adelaide. Moacir Caminha: o percurso original de um libertário cearense. In: ADDOR, Carlos Augusto; DEMINICIS, Rafael Borges (org.). **História do Anarquismo no Brasil**. Volume 2. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2009, p. 103-118; GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge (org.). **A Imprensa Libertária do Ceará (1908-1922)**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000; VIANA, Allyson Bruno. **Anarquismo em Papel e Tinta**: Imprensa, Edição e Cultura Libertária (1945-1968). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014.

<sup>481</sup> *Remodelações*, Rio de Janeiro, ano I, n. 01, 10 de outubro de 1945, p. 02.

Trata-se de um manual sobre o método de ensino em Esperanto. Além deste, “Unu socia problemo” é recomendado à leitura dos trabalhadores esperantistas, como um tratado sobre o fenômeno social internacional, da autoria de Maria lêda de Moraes.

Figura 61 – Anúncio de *Tratado sobre o método de ensino da língua Esperanto*, de Moacir Caminha.  
 Figura 62 – Anúncio de *Tratado sobre fenômenos sociais e internacionais*, de Maria lêda de Moraes.



Fonte: Recortes do jornal *Remodelações*, Rio de Janeiro, ano I, n. 01, 10 de outubro de 1945. Arquivo Plebeu Gabinete de Leitura (PGL), Fortaleza.

Nas relações com grupos e individualidades anarquistas, antifascistas e esperantistas, pela leitura e compartilhamento de conhecimentos sobre o Esperanto, no enfrentamento dos temas da luta social e pelo intercâmbio de experiências no campo do anarquismo e do esperantismo, Roberto das Neves alimenta seu entusiasmo militante como divulgador da língua internacional. O convívio com militantes anarquistas no Rio de Janeiro, como José Oiticica, Moacir Caminha e Maria lêda de Moraes, a leitura e divulgação de periódicos e livros esperantistas, assim como a inspiração em esperantistas anarquistas como Paul Berthelot, ampliam sua ação esperantista.

O Esperanto e o esperantismo constituem chaves fundamentais para a compreensão do percurso militante de Roberto das Neves. Agindo como professor, divulgador, tradutor e editor, o intelectual anarquista faz da língua internacional uma ferramenta de luta social, a seu ver fundamental na destruição das fronteiras nacionais, das fronteiras linguísticas, do nacionalismo e do patriotismo, uma esperança na construção da “pátria planetária”. O Esperanto tornar-se-ia, pela articulação mundial, uma chave para a constituição de um mundo novo, livre dos nacionalismos, das guerras e da opressão de uns povos sobre outros, da dominação de uma classe sobre a outra, da exploração dos homens pelos homens, como tantas vezes afirmado nos escritos vários de Roberto das Neves, um Cidadão do Mundo que cantava o anarquismo, o antifascismo e o esperantismo.

A língua internacional e a ação esperantista forja e é forjada no ideário anacionalista e anarquista, pela afirmação categórica da prática e do pensamento de

um autêntico *mondcivilitano* (em português, “cidadão do mundo”), que ousou cantar em sua trajetória multifacetada as agruras e alegrias experimentadas no seu percurso de *sangue, suor e barricadas*, aqui conhecido por meio de suas pegadas e vestígios, recolhidos entre os rastros e indícios de sua utopia libertária da Pátria Universal.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que culmina nesta Tese resulta do esforço de leitura e pesquisa, na recuperação de documentação e recomposição de dimensões da trajetória de Roberto das Neves, considerando a militância anarquista, a resistência antissalazarista e a atividade esperantista, destacando aspectos do seu pensamento, percurso intelectual e a ação militante, em suas conexões com a experiência libertária em Portugal, Espanha e no Brasil. Pelo estudo de sua trajetória, busca-se dar a conhecer aspectos da experiência de trabalhadores, militantes e intelectuais anarquistas, antifascistas e esperantistas, situados nos contextos específicos e conjunturas determinadas, observando sociabilidades, afinidades, peculiaridades, conexões e intercâmbios internacionais da militância revolucionária, na luta antifascista e no movimento esperantista.

No transcurso da investigação, formularam-se questionamentos, considerações e hipóteses de trabalho acerca do anarquismo, do antifascismo e do esperantismo em Roberto das Neves. As atividades de leitura e pesquisa demandaram considerável esforço, ocupando boa parte do tempo dedicado à Tese. Ao longo do trabalho desenvolvido, foram incorporadas leituras, fontes documentais e registros diversos, resultando em um programa de leituras e um inventário de fontes de pesquisa. O paradigma indiciário formulado pela Microhistória se mostrou valiosa ferramenta, útil na (re)constituição daquilo que se costuma chamar em História de “contra-prova” ou “prova” factual. A recolha de indícios, sinais e rastros, além de apoiar a descrição dos fatos sociais estudados, indicou caminhos de leitura e auxiliou na interpretação e no refinamento da análise das fontes de pesquisa.

A história do livro e da leitura constitui uma das chaves de pesquisa trabalhadas ao longo da tese, dando suporte e referências ao estudo na análise das publicações da Editora Germinal e nas facetas do editor, livreiro e tradutor em Roberto das Neves. A partir das leituras neste campo, pôde ser dimensionado o papel do editor e sua atividade livreira e de tradução, beneficiando-se de estudos sobre temas semelhantes e apoiando o exame sobre aspectos de sua experiência com a Germinal. Além disso, a história da censura contribui sobremaneira para o entendimento da experiência de Roberto das Neves em meio aos livros, periódicos e

outros impressos, que são perseguidos pelos órgãos censores e sofrem censura dos poderes instituídos.

No último ano do doutorado, em razão do contexto da pandemia do Coronavírus, o trabalho da Tese passou a se realizar em casa, no confinamento, concentrando parte da pesquisa de documentação, acesso à bibliografia e a busca de informações de apoio exclusivamente no meio virtual, devido às dificuldades de acesso aos locais de pesquisa física. Ao final do curso, além da tese propriamente dita, do esforço de leitura e pesquisa resulta a constituição de um arquivo digitalizado, reunindo o conjunto da documentação pesquisada, organizada em suas diversas tipologias, assuntos e temas, entre documentos impressos, manuscritos, imagéticos, dentre outros.

Sobre a formação do pesquisador no campo da História Social, o processo de pesquisa possibilitou ampliar os conhecimentos sobre a experiência da militância anarquista e levantar elementos do antifascismo e do esperantismo em perspectiva histórica. Os estudos biográficos e demais estudos históricos propiciaram, além da compreensão histórica de temas e assuntos, ensinamentos na composição da narrativa e na escrita do texto de História. A experimentação de procedimentos de leitura, descrição e análise de fontes periódicas, livros e impressos vários, beneficiou-se da qualificação no manejo de literatura historiográfica e geral atinentes ao temário da pesquisa. Os livros, jornais e outros materiais de trabalho tiveram acesso facilitado ao pesquisador, sendo conseguidos, em grande maioria, no Plebeu Gabinete de Leitura, a partir das orientações e diálogos de pesquisa com a orientadora do trabalho. Além disso, as referências para o trabalho foram recolhidas em leituras realizadas nas disciplinas do curso e no Grupo de Pesquisa História Social, Cultura e Linguagens, do Núcleo Antonio Candido de Estudos de Literatura e Sociedade, experiência de grande valor na incorporação de leituras e na formação transdisciplinar do pesquisador.

Quanto aos achados e resultados da pesquisa, percebeu-se na trajetória de Roberto das Neves uma experiência multifacetada, composta de múltiplas dimensões e que exige o tratamento de um rol diverso e amplo de temas. Ressaltam, todavia, elementos do seu pensamento e ação política, como a escrita de combate em jornais anarquistas, a resistência antifascista, a difusão do livro e a disseminação do Esperanto. Apresentou-se no decorrer do estudo significativo

intercâmbio e relações de solidariedade entre trabalhadores, militantes libertários, intelectuais antifascistas e esperantistas em Portugal, Espanha e Brasil. Constatou-se ainda a circulação de periódicos, livros e outros impressos internacionalmente, materiais de marcada influência na formação de mais de uma geração de militantes na Península Ibérica e no Brasil, incluindo o poeta libertário português, principal personagem do estudo.

A partir deste estudo, abrem-se possibilidades de investigação acerca de temas, questões e inquietações surgidas ao longo da pesquisa. Desde o estudo da trajetória de Roberto das Neves, parece relevante ampliar a pesquisa acerca dos temas relativos à militância anarquista, como o intercâmbio das afinidades libertárias entre grupos e seus conectivos com outros países; os anarquistas e a Revolução Espanhola; as relações entre internacionalismo e anacionalismo, e as conexões entre anarquismo e esperantismo; a dimensão das leituras, os periódicos, o papel dos livros e outros impressos antifascistas; a poesia social realizada pelos libertários, que emerge ao longo do estudo como expressão da militância libertária, uma das “modalidades da luta social”. Também merecem análises apuradas a maçonaria, o livre-pensamento e o anticlericalismo. Estes questionamentos parecem campos profícuos para perspectivas futuras de estudo, de interesse na compreensão do ideário comum, do repertório de sentimentos e do imaginário compartilhado entre a militância anarquista, no sentido de recuperar fragmentos da memória, reconstituir percursos comuns e recompor trajetórias originais. Considerados os limites e objetivos do estudo, essas temáticas e problemas foram tratados, por vezes, de forma tangencial, demandando futuros estudos, em vista da complexidade dos temas e da massa documental disponível.

Como qualquer estudo, este se inscreve em seu tempo, resultando também das interações deste pesquisador com o meio. Esperamos que com a recuperação de fragmentos e dimensões da história do anarquismo, do antifascismo e do esperantismo, e a tenaz oposição que apresentam ao fascismo europeu do século XX, aqui encarnados em Roberto das Neves, possam ser agregados elementos para a reconstituição da experiência histórica e constitutiva da resistência dos de baixo contra o autoritarismo e as ditaduras fascistas, notadamente o salazarismo e o franquismo. E que contribua, à sua maneira, com o registro da memória da opressão e da resistência frente ao autoritarismo, ao fascismo, ao

Estado e seus governantes de ocasião com arroubos e pretensões totalitárias, como o genocida que atualmente ocupa a presidência do Brasil.

Ainda há muito que estudar e recuperar acerca da história e da memória dos trabalhadores, revolucionários, anarquistas, intelectuais, exilados, antifascistas e esperantistas. Este trabalho se orientou no sentido de contribuir, a seu modo, tendo em vista os limites de sua abrangência, com o campo de estudos sobre a experiência social “dos de baixo”, na medida em que fazendo história e interpretando o passado, também colaboramos para o registro e, potencialmente, o conhecimento de projetos, versões e visões de mundo quase sempre destinadas ao esquecimento: a história dos vencidos, dos *operários*, *do povo*, *da plebe*, *dos esquecidos e sem nome*, diria um notável tipógrafo anarquista.



## **INSTITUIÇÕES DE PESQUISA**

### **ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E REPOSITÓRIOS DE DOCUMENTAÇÃO**

Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) – Campinas, Brasil

Arquivo Histórico Parlamentar (AHP) – Lisboa, Portugal

Arquivo Histórico-Social (AHS) – Évora, Portugal

Arquivo Nacional (AN) – Rio de Janeiro, Brasil

Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Lisboa, Portugal

Biblioteca da Universidade de Lisboa – Lisboa, Portugal

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (UC) – Coimbra, Portugal

Biblioteca Maria Beatriz Nascimento (Arquivo Nacional) – Rio de Janeiro, Brasil

Biblioteca Nacional (BN) – Rio de Janeiro, Brasil

Biblioteca Nacional de España (BNE) – Madri, Espanha

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) – Lisboa, Portugal

Biblioteca Social Fábio Luz (BSFL) – Rio de Janeiro, Brasil

Biblioteca-Museu República e Resistência – Lisboa, Portugal

Centre International de Recherches sur l'Anarchisme (CIRA) – Lausanne, Suíça

Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM) – São Paulo, Brasil

Ephemera (Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira) – Porto, Portugal

Fundação Mário Soares (FMS) – Lisboa, Portugal

Fundación Anselmo Lorenzo (FAL) – Madri, Espanha

Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML) – Lisboa, Portugal

Instituto de Estudos Libertários (IEL) – São Paulo, Brasil

Museu da República e Maçonaria (MRM) – Pedrógão Grande, Portugal

Plebeu Gabinete de Leitura (PGL) – Fortaleza, Brasil

Sennacieca Asocio Tutmonda (SAT) – Paris, França

## **ACERVOS DIGITAIS, MEIO VIRTUAL E WEBGRAFIA**

Arquivo Edgard Leuenroth  
[www.ael.ifch.unicamp.br](http://www.ael.ifch.unicamp.br)

Arquivo Histórico-Social (Projecto MOSCA)  
<http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/>

Arquivo Nacional  
[www.gov.br/arquivonacional/pt-br](http://www.gov.br/arquivonacional/pt-br)

Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
<https://digitarq.arquivos.pt/>

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra  
[www.uc.pt/bguc](http://www.uc.pt/bguc)

Biblioteca Nacional de Portugal  
[www.bnportugal.gov.pt](http://www.bnportugal.gov.pt)

Biblioteca Nacional Digital Brasileira  
<http://www.bndigital.bn.gov.br>

Centre International de Recherches sur l'Anarchisme  
[www.cira.ch](http://www.cira.ch)

Centro de Documentação e Memória da UNESP  
<https://www.cedem.unesp.br/>

Confederación Nacional del Trabajo  
[www.cnt.es](http://www.cnt.es)

Ephemera (Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira)  
[www.ephemerajpp.com](http://www.ephemerajpp.com)

Federación Anarquista Iberica  
[www.federacionanarquistaiberica.wordpress.com](http://www.federacionanarquistaiberica.wordpress.com)

Fundação Mário Soares  
[www.fmsoares.pt/](http://www.fmsoares.pt/)

Fundación Anselmo Lorenzo  
<https://fal.cnt.es/>

Hemeroteca Digital da Hemeroteca Municipal de Lisboa  
<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>

Sennacieca Asocio Tutmonda  
[www.satesperanto.org](http://www.satesperanto.org)

## FONTES DOCUMENTAIS

### PERIÓDICOS

#### Jornais

*Ação Direta* (Rio de Janeiro/Brasil, 1946-1959) (2ª fase)  
*Batalha, A* (Lisboa/Portugal, 1919-1927; 1927-1949; 1974; 2017-)  
*Comuna, A* (Porto/Portugal, 1921-1926)  
*Correio da Manhã* (Rio de Janeiro/Brasil, 1901-1974)  
*Diário de Notícias* (Rio de Janeiro/Brasil, 1930-1976)  
*Estado de São Paulo, O* (São Paulo/Brasil, 1875-)  
*Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro/Brasil, 1891-)  
*Libertário, O* (São Paulo/Brasil, 1960-1964)  
*Plebe, A* (São Paulo/Brasil, 1947-1951) (2ª fase)  
*Portugal Democrático* (São Paulo/Brasil, 1956-1975)  
*Portugala Esperantisto* (Lisboa/Portugal, 1936)  
*Rebelião* (Madri/Espanha, 1932-1936)  
*Remodelações* (Rio de Janeiro/Brasil, 1945)  
*Sennaciulo* (Paris/França, 1924-)  
*Solidaridad Obrera* (Barcelona/Espanha, 1907-)

#### Revistas

*Amanhã* (Lisboa/Portugal, 1909)  
*Brazila Esperantisto* (Brasília/Brasil, 1907-)  
*Brazila Revuo Esperantista* (Rio de Janeiro/Brasil, 1906-1908)  
*Esperanto* (Amsterdã/Holanda, 1905-)  
*La Revuo* (Paris/França, 1906-1914)  
*Literatura Mondo* (Budapeste/Hungria, 1922-1949)  
*Mujeres Libres* (Barcelona/Espanha, 1936-1938)  
*Tierra y Libertad* (Barcelona/Espanha, 1906-1919; 1919-1923; 1930-1939; 1944-1977)

#### Outros Periódicos

*Ideia, A* (Évora/Portugal, 1974-)  
*Letra Livre* (Rio de Janeiro/Brasil, 1996-2009)  
*Utopia* (Lisboa/Portugal, 1995-2012)  
*Verve* (São Paulo/Brasil, 2002-)

### LIVROS

#### Livros, Folhetos e Escritos de Roberto das Neves

NEVES, Roberto das. **O espectro de Buíça (Tragédia das deportações)**. Lisboa: Comitê Pró-Presos por Questões Sociais: Tip. da Assoc. dos Comp. Tipográficos, 1926.

NEVES, Roberto das. **Maio em Flor (versos)**. Coimbra: [s. n.], 1928.

NEVES, Roberto das. **Aos excelsos aeronautas: a Sacadura Cabral e Gago Coutinho (Versos)**. [S. l.]: Ceia: Tipografia Montes Hermínios, 1929.

NEVES, Roberto das. **Pedrógão Grande (estância de cura e turismo)**. Lisboa: Casa de Pedrógão Grande, 1935.

NEVES, Roberto das; PINHEIRA, Francisco. **O Meu Livro (guia de orientação médico-pedagógica)**. Lisboa: Edição dos Autores, 1941.

NEVES, Roberto das. **Os Temperamentos e suas Manifestações Gráficas (um problema de grafologia)**. Tese de Conclusão do Curso de Filosofia, Universidade de Coimbra, UC, Lisboa, Edição do Autor, 1941.

NEVES, Roberto das. **Dicionários de Bólso Português-Esperanto e Esperanto-Português**. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1941.

NEVES, Roberto das. **Assim Cantava um Cidadão do Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1952.

NEVES, Roberto das. **O Diário do Dr. Satan**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1954.

RODRIGUES, Edgar; NEVES, Roberto das. **A Fome em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1959.

NEVES, Roberto das. **Entre Colunas**. Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1979.

NEVES, Roberto das. **Marxismo, Escola de Ditadores**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, [19--].

NEVES, Roberto das. **Marxismo, Escola de Ditadores**. (Prefácio). TCHERKESOFF, Varlan. **Erros e Contradições do Marxismo**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1964.

NEVES, Roberto das. **O Diário do Dr. Satã**. Prefácio transcrito (pp. 7-17). **A Ideia**, Revista de Cultura Libertária, ano XLI, vol. 18, n. 75-76, p. 219-221, 2015.

### **Traduções, Prefácios e Colaborações em Edições**

IZGUR, E. **Assim Falaram os Profetas**. (Versão e comentários por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Edição de "Livros de Portugal", 1942.

FONSECA, Tomaz da. **Sermões da Montanha**. (Prefácio à edição brasileira por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1948.

PORTELA, Luís; RODRIGUES, Edgart. **Na Inquisição de Salazar**. (Prefácio por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1957.

SILVA, Pedro Ferreira da. **Cooperativa sem Lucros**. (Prefácio por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1958.

FAURE, Sébastien. **Provas da Inexistência de Deus**. (A edição conta com ensaio de Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1958.

QUEIROGA, Fernando. **Portugal Oprimido**: Subsídios para a história do fascismo em Portugal. (Prefácio por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1958.

RODRIGUES, Edgar; NEVES, Roberto das. **A Fome em Portugal**. (Introdução por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1959.

PIO, F. de Oliveira. **Duas Palestras sobre o Fascismo Ibérico**. (Nota introdutória por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1959.

ARMAND, Émile. **Nova Ética Sexual**. (Tradução e apresentação por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960.

OITICICA, José. **Curso de Literatura**. (Prefácio por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1960.

RYNER, Han. **O Quinto Evangelho**. (Introdução por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1961.

GALVÃO, Henrique. **Colonialismo, Anticolonialismo e Autodeterminação**. (Nota de apresentação por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1961.

RYNER, Han. **Manual Filosófico do Individualista**. (Tradução e introdução por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1966.

OITICICA, José. **Ação Direta. Meio século de pregação libertária**. (Seleção, introdução e notas por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, 1970.

CREANGA, Ion. **Contos Populares da Romênia**. (Tradução e prefácio por Roberto das Neves). Rio de Janeiro: Editora Germinal, [s. d.].

### **Coletâneas e Compilações**

NEVES, Roberto das. **Curso Completo de Esperanto (nível elementar, médio e superior)**. Lisboa: Portugala Instituto de Esperanto, 1934-1935.

### **OBRAS DE REFERÊNCIA**

*Lingvo Internacia* (1887).

*Dua Libro de l' Lingvo Internacia* (1888).

*Aldono al la Dua Libro de l' Lingvo Internacia* (1888).

*Universala Vortaro de la Lingvo Internacia Esperanto* (1894).

## ALMANAQUES

Almanaque de A Aurora (1913).  
Almanaque de A Batalha (1926).

## ATAS, ESTATUTOS E REGISTROS INTERNOS

Estatuto do Centro de Estudos Professor José Oiticica. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1960. 14p. Arquivo CIRA.

Documentos da Conferência Sul-Americana Pró-Amnistia para os Presos e Exilados Políticos de Espanha e Portugal. São Paulo: [s. n.], 1960. 74p. Arquivo Centro de Documentação 25 de Abril.

## CARTAS

Carta de Alexandre Vieira a Edgar Rodrigues, 15 de janeiro de 1968.  
Carta de Alexandre Vieira a Roberto das Neves, 29 de junho de 1972.  
Carta de Edgar Rodrigues a Alexandre Vieira, 7 de dezembro de 1971.  
Carta de Edgar Rodrigues a Alexandre Vieira, 24 de janeiro de 1972.  
Carta de Ludwik Zamenhof a Borovko, 1895.  
Carta de Ludwik Zamenhof a Michaux, 1905.  
Carta de Roberto das Neves a Alexandre Vieira, [não datada].  
Carta de Roberto das Neves a Alexandre Vieira, 17 de setembro de 1970.  
Carta de Roberto das Neves a Alexandre Vieira, 11 de novembro de 1970.  
Carta de Roberto das Neves a Alexandre Vieira, 27 de março de 1971.  
Carta de Roberto das Neves a Alexandre Vieira, 21 de junho de 1971.  
Carta de Roberto das Neves a Alexandre Vieira, 30 de agosto de 1971.  
Carta de Roberto das Neves ao editor do jornal *O Século*, 13 de março de 1923.

## DOCUMENTOS PÚBLICOS, DECLARAÇÕES E MANIFESTOS

*Bulonja Deklaracio* (1905).  
*Fundamento de Esperanto* (1905).  
*Manifesto de la Sennaciistoj* (1931).

## DOCUMENTOS PESSOAIS

Registro Consular de Roberto das Neves. Lisboa. 1942. [Fonte: HENRIQUES, Aires Barata. **Roberto das Neves, Pedrogueense, cidadão do mundo...** Artigo publicado na página O Ribeira de Pera, 19 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://www.oribeiradepera.com/aires-henriques-roberto-das-neves-pedrogueense-cidadao-do-mundo/>. Acesso em: 28 de julho de 2016.]

## DOCUMENTOS VÁRIOS

Relatório da censura proibindo o livro *Fátima em Portugal*. Data: 12/11/1956. Fonte: Edição *fac-similar* do livro publicada por A Bela e o Monstro Edições, 2014.

Relatório da PIDE censurando o livro *Jesus de Nazaré e a Crítica Histórica*, de Oscar Algarve, e informando uma lista de publicações da Editora Germinal. Fonte: Arquivo Biblioteca Nacional de Portugal (BNP).

## RELATOS DE MEMÓRIA ESCRITOS

BRANDÃO, Octávio. **Combates e Batalhas**. Memórias. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

DIAS, Everardo. **Memórias de um exilado**. São Paulo: [s. n.], 1920.

KROPOTKIN, Piotr. **Em torno de uma vida**: memórias de um revolucionário. São Paulo: José Olympio, 1946.

MONTEIRO, Campos. **Saúde e Fraternidade. História dos acontecimentos políticos em Portugal desde agosto de 1924 a novembro de 1926**. Lisboa: Edições do Templo, 1978.

OLIVEIRA, Cândido de. **Tarrafal. O Pântano da Morte**. Lisboa: Editorial República, 1974.

OLIVEIRA, G. de. **Memória viva do Tarrafal**. Lisboa: Editorial Avante!, 1987.

PIRES, C. **Memórias de um prisioneiro do Tarrafal**. Lisboa: Edições Déagá, 1975.

RODRIGUES, Manuel Francisco. **Tarrafal: o diário da B5**. Porto: Brasília Editora, 1974.

SANTANA, Emídio. **Memórias de um militante anarco-sindicalista**: tempos de luta, de adversidade e de esperança. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1987.

SILVA, José. **Memórias de um operário**. Porto: [s. n.], 1971.

SOARES, Francisco. **Tarrafal, campo da morte lenta**. 3ª edição. Lisboa: Editorial Avante!, 1977.

SOUSA, F. de. **Tarrafal. Testemunhos**. Lisboa: Editorial Caminho, 1978.

VIANA GONÇALVES, J. M. **A evolução anarquista em Portugal**. Lisboa: Seara Nova, 1975.

## REGISTROS DE MEMÓRIA ORAL

Entrevista com Roberto das Neves. Concedida à Flaminio Araripe, para a Revista *Planeta*, Rio de Janeiro, n. 104, maio de 1981. Local da entrevista: Apartamento do entrevistado, no bairro do Lins, Zona Norte do Rio de Janeiro, Brasil.

Entrevistas sobre o Esperanto e o esperantismo, com esperantistas anônimos, publicadas parcialmente na tese da pesquisadora Sônia Apolinário Gomes.

## **ESCRITOS CLÁSSICOS DO ANARQUISMO E DO PENSAMENTO LIBERTÁRIO**

ARSHINOV, Piotr. **História do Movimento Makhnovista (1918-1921)**. São Paulo: Editora Entremares: Faísca Publicações Libertárias, 2018.

ARSHINOV, Piotr. **História do Movimento Macknovista**: a insurreição dos camponeses da Ucrânia. Lisboa: Assírio & Alvim, 1976.

ASSUNÇÃO, Mota. **O Infanticídio**. São Paulo: Terra Livre, 1907.

BAKUNIN, Mikhail. **Revolução e Liberdade**: cartas de 1845 a 1875. São Paulo: Editora Hedra, 2010.

BAKUNIN, Mikhail. **Estatismo e anarquia**. São Paulo: Editora Imaginário: Ícone Editora, 2003.

BAKUNIN, Mikhail. **Deus e o Estado**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

BAUER, Agustín Souchy. **Entre los campesinos de Aragon. El comunismo libertario en las comarcas liberadas**. Barcelona: Tusquets Editor, 1977.

BERTHELOT, Paul. **O evangelho da hora**. São Paulo: A Sementeira, 1934.

BOOKCHIN, Murray. **Municipalismo Libertário**. São Paulo: Editora Imaginário, 1999.

BOOKCHIN, Murray. **Historia, civilización y progreso. Esbozo para una crítica del relativismo moderno**. Cuadernos Libertarios. Madrid: Nossa y Jara Editores: Madre Tierra, 1997.

CATALLO, Pedro. Subsídios para a história do movimento social no Brasil. **Verve**, São Paulo, n. 11, p. 11-48, 2007.

COHN-BENDIT, Daniel *et al.* **A Revolta Estudantil**. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1968.

COSTA, Emílio; KROPOTKIN, Piotr; GRAVE, Jean *et al.* **Élisée Reclus, retratos de um anarquista**. São Paulo: Negras Tormentas: Biblioteca Terra Livre, 2011.

CUBERO, Jaime. As idéias-força do anarquismo. **Verve**, São Paulo, n. 4, p. 265-277, 2003.



DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

FABBRI, Luce. **O caminho até o socialismo sem Estado**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2008.

FAURE, Sébastien. **12 Provas da Inexistência de Deus**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, [199-].

FAURE, Sébastien. **A Dôr Universal**. Tradução de Maria Velleda. Lisboa: Guimarães Editora, 1910.

FAURE, Sébastien. **Eleitor, Escuta! / A Podridão Parlamentar**. Organização e tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Instituto de Estudos Libertários, 2006.

FONSECA, Carlos da. **A origem da 1ª Internacional em Lisboa**. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

FONSECA, Carlos da. **História do movimento operário e das ideias socialistas em Portugal**. Sintra: Europa-América, 1980.

FONSECA, Carlos da. **Para uma análise do movimento libertário e da sua história**. Lisboa: Antígona, 1988.

GATTAI, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985.

GOLDMAN, Emma. **Minha desilusão na Rússia**. Volume 1. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017.

GOLDMAN, Emma. **Minha desilusão na Rússia**. Volume 2. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2018.

GUÉRIN, Daniel. **For a libertarian communism**. Oakland: PM Press, 2017.

GUILLAUME, James. **A Internacional. Documentos e Recordações – I**. São Paulo: Editora Imaginário, 2009.

KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2011.

KROPOTKIN, Piotr. **A moral anarquista**. Lisboa: Edições Sílabo, 2006.

KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um revoltado**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário: Ícone Editora, 2005.

KROPOTKIN, Piotr. **A Grande Revolução (1789-1793)**. Lisboa: Guimarães Editora, 1913.

LEUENROTH, Edgard. **Anarquismo**: roteiro da libertação social. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

LEUENROTH, Edgard; NEGRO, Hélio. **O que é o Maximismo ou o Bolchevismo**. São Paulo: Editora Semente, 1919.

LIMA, Campos. **O Movimento Operário em Portugal**. Porto: Edições Afrontamento, 1972.

LORENZO, Anselmo. **El Proletariado Militante. Memorias de un Internacional**. Barcelona: Editorial Zero, 1974.

MAKHNO, Nestor. **A “Revolução” Contra a Revolução**. São Paulo: Editora Cortez, 1988.

MAKHNO, Nestor; SKIRDA, Alexandre; BERKMAN, Alexander. **Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia**. São Paulo: Editora Imaginário: Coletivo Anarquista Brancaleone, 2001.

MALATESTA, Errico. **Entre camponeses**. São Paulo: Editora Hedra, 2009.

MALATESTA, Errico. **Escritos Revolucionários**. São Paulo: Editora Hedra, 2008.

MALATESTA, Errico; FABBRI, Luigi. **Anarco-comunismo italiano**. São Paulo: Luta Libertária, 2002.

MALON, Benoît. **A Internacional**: sua história e seus princípios. São Paulo: Editora Imaginário, 2014.

MARCUSE, Herbert. **O Homem Unidimensional. Sobre a Ideologia da Sociedade Industrial Avançada**. Lisboa: Letra Livre, 2011.

MELLA, Ricardo. **Primeiro de Maio**: a tragédia de Chicago. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor: Sindiscope, 2005.

MENDES, Manuel da Silva. **Socialismo Libertário ou Anarchismo**: História e Doutrina (1876-1931). Edição *fac-símile* (1ª edição 1896). Lisboa: Letra Livre, 2006.

MICHEL, Louise. **A Comuna**. 2 vols. Lisboa: Editorial Presença, 1971.

MOURA, Maria Lacerda de. **Renovação**. Edição *fac-similar*. Organizado por Adelaide Gonçalves. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

MOURA, Maria Lacerda de. **Serviço militar obrigatório para mulher? Recuso-me! Denuncio!** 3ª edição. Guarujá, SP: Opúsculo Libertário, 1999.

MOURA, Maria Lacerda de. **Clero e Estado**. Rio de Janeiro: Liga Anti-Clerical, 1931.

MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher e a maçonaria**. São Paulo: Editora do Globo, 1922.

- MOURA, Maria Lacerda de. **Renovação**. Belo Horizonte: Typografia Athene, 1919.
- NETTLAU, Max. **História da Anarquia. Das origens ao anarco-comunismo**. São Paulo: Editora Hedra, 2008.
- OITICICA, José. **A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos**. São Paulo: Editora Econômica, 1983.
- PINHO, Adelino Tavares de. **Pela Educação e pelo Trabalho e Outros Escritos**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2013.
- PORTO, Serafim. **Histórico do Primeiro de Maio: os mártires de Chicago**. Rio de Janeiro: Ação Direta, 1951.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. **A propriedade é um roubo e outros escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM Editora, 2004.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. **Do princípio federativo**. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. **La capacidad politica de la clase obrera**. Barcelona: Ediciones Jucar, 1978.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. **O que é a propriedade?** Lisboa: Editorial Estampa, 1975.
- RECLUS, Élisée. **O Homem e a Terra – Textos Escolhidos**. São Paulo: Intermezzo Editorial: Biblioteca Terra Livre; Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2015.
- RECLUS, Élisée. **A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista**. São Paulo: Editora Imaginário: Expressão Libertária, 2002.
- RECLUS, Élisée. **Estados Unidos do Brazil: geographia, ethnographia e estatística**. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.
- SANTANA, Emídio. **Onde o homem acaba e a maldição começa: crônicas do mundo dos ex-homens**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.
- SANTANA, Emídio. **História de um atentado: o atentado a Salazar**. Sintra: Editora Forum, 1976.
- SANTILLÁN, Diego Abad. **Organismo econômico da revolução: a autogestão na Revolução Espanhola**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- SKIRDA, Alexandre. **Autonomie individuelle et force collective (les anarchistes et l'organisation de Proudhon à nos jours)**. [S. l.: s. n.], 1987.
- SOUSA, Manuel Joaquim de. **Últimos tempos de acção sindical livre e do anarquismo militante**. Lisboa: Antígona, 1989.

SOUSA, Manuel Joaquim de. **O Sindicalismo em Portugal**. Porto: Edição do Movimento Operário Português, 1974.

STIRNER, Max. **O único e a sua propriedade**. Lisboa: Antígona, 2004.

STIRNER, Max. **O falso princípio da nossa educação**. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

VANEIGEM, Raoul. **A Arte de Viver para a Geração Nova**. Lisboa: Letra Livre, 2014.

VASCO, Neno. **Concepção anarquista do sindicalismo**. Porto: Edições Afrontamento, 1984.

VASCO, Neno. **Greve dos Inquilinos**. Lisboa: Editora de *A Batalha*, 1908.

VASCO, Neno. **O Pecado da Simonia**. São Paulo: Centro Editor Juventude do Futuro, 1920.

VASCO, Neno. **Da Porta da Europa**. Lisboa: Biblioteca Libertas, 1913.

VIEIRA, Alexandre. **Subsídios para a história do movimento sindicalista em Portugal: de 1908 a 1919**. Lisboa: Edições Base, 1977.

VIEIRA, Alexandre. **Para a História do Sindicalismo em Portugal**. Lisboa: Seara Nova, 1974.

VIEIRA, Alexandre. **Figuras Gradadas do Movimento Social Português**. Lisboa: Edição do Autor, 1959.

VIEIRA, Alexandre. **Em volta da Minha Profissão. Subsídios para a História do Movimento Operário no Portugal Continental**. Lisboa: Edição do Autor, 1950.

VOLIN. **A revolução desconhecida: nascimento, crescimento e triunfo da Revolução Russa (1825-1917)**. São Paulo: Global Editora, 1980.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Berenice. **Intrépidos Romeiros do Progresso**: Maçons cearenses no Império. Fortaleza: Museu do Ceará: SECULT, 2009.

ABREU, Márcia. A circulação transatlântica dos impressos. A Globalização da Cultura no Século XIX. **Livro**, Cotia, ano I, n. I, 2011.

ABREU, Márcia. Leitores por obrigação: quatro séculos de censura em Portugal. **Revista do Livro**, Rio de Janeiro, n. 48, ano 15, p. 93-99, 2007.

ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. São Paulo: FAPESP; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

ABS, Robert. **Emile Vandervelde**. Bruxelles: Éditions Labor, 1973.

ACCIOLY E SILVA, Doris; MARRACH, Sonia Alem (org.). **Maurício Tragtenberg**: Uma vida para as Ciências Humanas. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

ADDOR, Carlos Augusto. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

ADDOR, Carlos Augusto. **Um homem vale um homem**: memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2012.

ADDOR, Carlos Augusto; DEMINICIS, Rafael Borges (org.). **História do Anarquismo no Brasil**. Volume 2. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2009.

ADORNO, Theodor. **Mínima Moralía. Reflexões a partir da vida lesada**. São Paulo: Azougue, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

AGULHON, Maurice. **El Círculo Burguês**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009.

AGULHON, Maurice. **Marianne au combat**: l'imagerie et le symbolique républicaines de 1789 a 1880. Paris: Flammarion, 1979.

ALANIZ, Anna Gicelle Garcia. **A Sementeira de Ideias. Edgar Rodrigues, uma vida dedicada à memória anarquista**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2009.

ALMEIDA, Marta de Assis *et al.* **Ênio Silveira**. São Paulo: EDUSP: Com-Arte, 1992.

ALTAMIRANO, Carlos. **Ideias para um programa de história intelectual**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

ALVIM, Maria Luísa. **Livros Portugueses Proibidos no Regime Fascista:** Bibliografia. Braga: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1992.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Manuel Correia de (org.). **Élisée Reclus.** São Paulo: Editora Ática, 1985.

ARAÚJO, Ângela M. C. (org.). **Trabalho, Cultura e Cidadania.** São Paulo: Editora Scritta, 1997.

ARAÚJO, Sílvia; CARDOSO, Alcina. **Jornalismo & militância operária.** Curitiba: Editora UFPR, 1992.

ARENDT, Hannah. **Compreender:** formação, exílio e totalitarismo. (Ensaio 1930-1954). Organização de Jerome Khon. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios.** Tradução de Ana Luisa Faria. Lisboa: Editora Relógio d'Água, 1991.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo.** Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARRIAGA, Lopes. **Mocidade Portuguesa:** Breve história de uma organização salazarista. Lisboa: Terra Livre, 1976.

ARRIZABALAGA, M. El esperanto cumple 125 años como una utopía que “ya es una realidad” para sus defensores. **ABC**, 29 de julio de 2012.

ASSOCIAÇÃO DOS EDITORES E LIVREIROS PORTUGUESES. **Relação dos Obras cuja circulação esteve proibida em Portugal durante o regime Salazar/Marcelo Caetano, de harmonia com as indicações que foram sendo fornecidas pela Direcção de Serviços de Censura e Direcção-Geral de Informação.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa; Biblioteca Museu República e Resistência, 1996.

AUZIAS, Claire. Louise Michel. **Verve**, São Paulo, n. 10, p. 101-108, 2006.

AVELAR, Alexandre de Sá. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, Vitória, vol. 24, p. 157-172, 2010.

AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica. **Oralidades**, São Paulo, n. 2, p. 45-60, 2007.

AVELINO, Nildo. Errico Malatesta: revolta e ética anarquista. **Verve**, São Paulo, n. 4, p. 228-263, 2003.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo. A Zahar Editores e seu projeto editorial (1957-1970). **Livro**, Cotia, n. 6, p. 231-245, 2016.

AZEVEDO, Raquel de. **A Resistência Anarquista**: Uma questão de identidade (1927-1937). São Paulo: Arquivo do Estado, 2002.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BAPTISTA, Jacinto. **Surgindo Vem ao Longe a Nova Aurora...** Para a História do diário sindicalista *A Batalha* 1919-1927. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

BARATA, Clara; QUEIRÓS, Luís Miguel. Os livros da resistência: livrarias no regime fascista. **Público**, Lisboa, vol. 11, n. 6, p. 01-04, 1994.

BARRANCOS, Dora. As “Leituras Comentadas”: Um Dispositivo para a Formação da Consciência Contestatória entre 1914-1930. **Educação em Debate**, Belo Horizonte, n. 2, 1988.

BARROS, Victor. **Campos de Concentração em Cabo Verde**: As Ilhas Como Espaços de Deportação e de Prisão no Estado Novo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

BASTOS, Cristiana; FELDMAN-BIANCO, Bela; VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Trânsitos Coloniais**: Diálogos Críticos Luso-Brasileiros. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

BATALHA, Cláudio H. M. “Nós, filhos da Revolução Francesa”: a Imagem da Revolução no Movimento Operário Brasileiro no Início do Século XX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 10, n. 20, p. 233-249, 1991.

BATALHA, Cláudio H. M. A historiografia da classe operária no Brasil: Trajetória e tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

BATALHA, Cláudio H. M. **Dicionário do Movimento Operário**: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920 – militantes e organizações. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

BATISTELLA, Alessandro. Um conceito em reflexão: o “populismo” e a sua operacionalidade. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, vol. 1, n. 3, p. 468-484, 2012.

BAUER, Friedrich L. *Polygraphia Nova et Universalis*. **Informatik-Spektrum**, Berlin, vol. 28, n. 03, p. 234-239, 2005.

BAUSANI, Alessandro. About a Curious “Mystical” Language BÂL-A I-BALAN. **East and West**, Bologna, vol. 4, n. 4, p. 234-238, 1954.

BENEDETTI, Mario. **El desexilio y otras conjeturas**. Buenos Aires: Nueva Imagen, 1986.

BENEDETTI, Mario. **Primavera num espelho partido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie (Escritos Escolhidos)**. Organização e apresentação de Willi Bolle. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. *In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas Vol. I*. Tradução e organização de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. Teorias do fascismo alemão. Sobre a coletânea *Guerra e Guerreiros*, editada por Ernst Jünger. *In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas Vol. I*. Tradução e organização de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERNSTEIN, Serge. A cultura política. *In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BERNSTEIN, Serge. Culturas Políticas e Historiografia. *In: KNAUSS, Paulo; AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise (org.). Cultura Política, Memória e Historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

BERTHIER, René. **Do federalismo**. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2016.

BERTONHA, João Fábio. Política em tempos de guerra: a tentativa de reconstrução do antifascismo italiano em São Paulo em 1942/43. **Revista de História**, São Paulo, n. 137, p. 43-63, 1997.

BESANCENOT, Olivier; LÖWY, Michael. **Afinidades Revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras**. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

BIAJOLI, Maria Clara Pivato. **Narrar Utopias Vividas. Memória e construção de si nas “Mujeres Libres” da Espanha**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2007.

BIGNAMI, Elena. Os Circuitos do Antifascismo Anarquista Feminino – Itália e Brasil. *In: CARNEIRO, Maria Luíza Tucci; CROCI, Federico (org.). Tempos de Fascismos. Ideologia. Intolerância. Imaginário*. São Paulo: EDUSP, 2010, p. 275-290.

BILHÃO, Isabel. “Trabalhadores do Brasil!”: as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista. **Revista Brasileira de História [online]**, São Paulo, vol. 31, p. 71-92, 2011.



BIONDI, Luigi. Anarquistas Italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista *La Battaglia* e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários etnocêntricos. **Cadernos AEL**, Campinas, vol. 8/9, p. 117-147, 1998.

BLANKE, Detlev. The term “planned language”. *In: Esperanto, Interlinguistics, and Planned Language*. Vol. 5. Lanham, Maryland: University Press of America, 1997, p. 01-20.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BORDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. *In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (org.). Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

BORGES, Vavy Pacheco. O “eu” e o “outro” na relação biográfica: algumas reflexões. *In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion (org.). Figurações do outro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 225-238.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** – lembrança dos velhos. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: Ensaios de psicologia social. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

BOTH, Evandro. A luta antifascista e a ANL. **Revista Latino-Americana de História**, vol. 1, n. 3, p. 325-337, 2012.

BOUGLÉ, Célestin. **A Sociologia de Proudhon**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário: Instituto de Estudos Libertários, 2014.

BOULTON, Marjorie. **Zamenhof**: autor de l’Esperanto. Barcelona: El Llamp, 1987.

BRAGA, Francisco Victor Pereira. **Pedro Augusto Motta**: Militância Libertária e *Verbo de Fogo*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2013.

BRAGA, Ismael Gomes. **Dicionário Português-Esperanto**. Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural dos Esperantistas, 1954.

BRAGANÇA, Aníbal. Para uma nova história dos livros: contra o ocultamento da função editor. *In: PERUZZO, Cicilia Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de (org.). A mídia impressa, o livro e as novas tecnologias*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002.

BRAGANÇA, Aníbal. Uma introdução à história editorial brasileira. **Cultura**, Lisboa, vol. XIV, II série, p. 57-83, 2002.

BRANDÃO, José. **Livros proibidos na ditadura de 1933 a 1974**. Disponível em: [https://biblioblogue.files.wordpress.com/2012/04/200412livrosproibidos33\\_74.pdf](https://biblioblogue.files.wordpress.com/2012/04/200412livrosproibidos33_74.pdf). Acesso em: 10 de julho de 2019.

BRECHT, Bertolt. **Terror e miséria no III Reich**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2004.

BRÊTAS, Marcos Luiz. Polícia e polícia política no Rio de Janeiro dos anos 1920. **Arquivo e História**, Rio de Janeiro, n. 3, 1997.

BRITO, Nélida. **Tarrafal na Memória dos Prisioneiros, (1936-1954)**. Lisboa: Edições Dinossauro, 2006.

BROUÉ, Pierre. **La Revolución Española (1931-1939)**. Barcelona: Ediciones Península, 1977.

BROUÉ, Pierre; TÉMIME, Emile. **La Revolución y la guerra de España**. Argentina: Biblioteca Actual, 1989.

BRUPBACHER, Fritz. **Bakunin, o satã da revolta**. São Paulo: Editora Imaginário: Intermezzo Editorial, 2015.

BURKE, Peter (org.) **A escrita da História. Novas Perspectivas**. 3ª reimpressão. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **Perdas e ganhos**: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

CABRITA, Maria João. No rasto da passagem de Ferreira de Castro pelo suplemento e revista de *A Batalha* (1919-1927). **Cultura**, Lisboa, vol. 26, p. 119-137, 2009.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. São Paulo: Editora Abril, 1977.

CÂNDIDO, Antonio. "Intelectuais Portugueses e a Cultura Brasileira". *In*: GOBBI, Márcia Valéria Zamboni; FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro; JUNQUEIRA, Renata Soares (org.). **Intelectuais Portugueses e a Cultura Brasileira. Depoimentos e Estudos**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2002, p. 19-32.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

CANDIDO, Antonio. Sobre a retidão. *In*: PRADO, Antonio Arnoni (org.). **Libertários no Brasil**: memória, lutas, cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAPELATO, Maria Helena R. **Os arautos do liberalismo. Imprensa Paulista, 1920-1945**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história**. São Paulo: Contexto, 1997.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino. Imprensa e ideologia no jornal “O Estado de São Paulo”**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 1997.

CARDOSO, Paulo Amorim. **Esperanto: Língua Viva**. 5ª edição. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1982.

CARDOSO, Paulo Amorim. **Por uma só cultura**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1970.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). **Minorias silenciadas: história da censura no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2002.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Fascistas à brasileira – Encontros e Confrontos. *In*: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico (org.). **Tempos de Fascismos. Ideologia. Intolerância. Imaginário**. São Paulo: EDUSP, 2010, p. 433-464.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, Idéias Malditas. O DEOPS e as minorias silenciadas**. 2ª edição ampliada. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros Proibidos, Idéias Malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas**. São Paulo: Estação Liberdade: APESP, 1997.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O lugar do impresso revolucionário: dos porões aos arquivos policiais. *In*: DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (org.). **Política, Nação e Edição – o lugar dos impressos na construção da vida política: Brasil, Europa e Américas, séculos XVIII a XX**. São Paulo: Annablume, 2006, pp. 153-179.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico (org.). **Tempos de Fascismos. Ideologia. Intolerância. Imaginário**. São Paulo: EDUSP, 2010

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (org.). **A Imprensa confiscada pelo DEOPS. 1924-1954**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

CARONE, Edgard. **Movimento operário no Brasil (1877-1944)**. 2ª edição. São Paulo: DIFEL, 1984.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Experiência do Movimento Operário**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CASTORIADIS, Cornelius; LEFORT, Claude; MORIN, Edgar. **Maio de 68: A Brecha**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

CASTRO, Eduardo Góes. **Os “quebra-santos”. Anticlericalismo e Repressão pelo DEOPS**. São Paulo: Humanitas, 2007.

CATROGA, Fernando. Anticlericalismo y librepensamiento. *In*: ZANCA, José; STEFANO, Roberto di (org.). **Pasiones anticlericales: un recorrido Iberoamericano**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.

CATROGA, Fernando. As lojas espanholas de obediência ao Grande Oriente Lusitano Unido e o Iberismo. **Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra**, Coimbra, vol. VII, 1985.

CATROGA, Fernando. Mações, liberais e republicanos em Coimbra (década de 70 do século XIX). **Arquivo Coimbrão**, Coimbra, vol. XXXI-XXXII, 1990.

CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito. Religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)**. Fortaleza: NUDOC: Museu do Ceará, 2005.

CATROGA, Fernando. O livre-pensamento contra a Igreja: a evolução do anticlericalismo em Portugal (séculos XIX-XX). **Revista de História das Ideias**, Coimbra, vol. 22, p. 255-354, 2001.

CATROGA, Fernando. **O Republicanismo em Portugal: da formação ao 5 de Outubro de 1910**. 3ª Edição. Coimbra: Oficina do Livro, 2010.

CAVALHEIRO, Pedro Jacintho; RUSILO, Luiz Carlos. **Breve Panorama da Língua Internacional Esperanto. Levantamento sobre seu uso e ensino em âmbito nacional e mundial**. São Paulo: Z-Editorial, 2012.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (org.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

CENTASSI, René; MASSON, Henri. **El hombre que desafió a Babel**. Madrid: GRAM Ediciones, 2005.

CHARTIER, Roger (coord.). **As Utilizações do Objecto Impresso**. Lisboa: DIFEL, 1998.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O Livro: uma mudança de perspectiva. *In*: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História: Novos Objetos**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995.

CHARTIER, Roger; SCHLESINGER, George. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CHOMSKY, Noam. **Os Caminhos do poder. Reflexões sobre a natureza humana e a ordem social**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

CLARK, W. J. **International Language: Past, Present & Future**. London: J. M. Dent & Sons, 1912.

CLÍMACO, Cristina. **Republicanos, anarquistas e comunistas no exílio (1927-1936)**. Lisboa: Edições Colibri, 2017.

COBO ROMERO, F.; ORTEGA LÓPEZ, T. M. **Franquismo y Posguerra en Andalucía Oriental. Represión, castigo a los vencidos y apoyos sociales al régimen franquista 1936-1950**. Granada: Universidad de Granada, 2005.

COELHO, Alexandra Prado *et al.* **25 olhares sobre a I República: do republicanismo ao 28 de Maio**. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 2010.

COLOMBO, Eduardo *et al.* **História do Movimento Operário Revolucionário**. São Paulo: Editora Imaginário, 2004.

COLOMBO, Eduardo. Introdução. *In*: BAKUNIN, Mikhail. **O Princípio do Estado e outros ensaios**. São Paulo: Editora Hedra, 2008.

COMISSÃO DO LIVRO NEGRO SOBRE O REGIME FASCISTA. **A política de informação no regime fascista**. Sintra: Mem. Martins, 1980.

COMISSÃO DO LIVRO NEGRO SOBRE O REGIME FASCISTA. **Livros Proibidos no Regime Fascista**. Sintra: Mem. Martins, 1981.

COMISSÃO DO LIVRO NEGRO SOBRE O REGIME FASCISTA. **Repressão política e social no regime fascista**. Sintra: Mem. Martins, 1986.

CORSETTI, Renato; PINTO, Maria Antonietta; TOLOMEO, Maria. Regularizing the regular: The phenomenon of overregularization in Esperanto-speaking children. **Language Problems & Language Planning** [online], n. 28 (3), p. 261-282, 2004.

COSTA, Cristina. **Censura em Cena. Teatro e Censura no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2006.

COSTA, Cristina. **Teatro e Censura. Vargas e Salazar**. São Paulo: EDUSP, 2010.

COSTA, Emília Viotti da. A nova face do movimento operário na Primeira República. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 2, n. 4, p. 217-232, 1982.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

COUTURAT, L. **La logique de Leibniz: d'après des documents inédits**. Paris: Félix Alcan Éditeur, 1901.

COUTURAT, L.; LEAU, L. **Delegation pour l'adoption d'une langue auxiliaire internationale (15-24 octobre 1907)**. Coulommiers: Imprimerie Paul Brodard, 1907.

CUBERO, Jaime. El movimiento obrero y las ideas libertarias. *In*: **El Sindicalismo Revolucionario en el Brasil**. São Paulo: Editora Acadêmica, 1988.

CUNHA, Eduardo de Souza. Plínio Coelho: um editor utópico. **Livro**, Cotia, n. 6, p. 355-357, 2016.

DA CAMINO, Rizzardo. **Dicionário Filosófico de Maçonaria**. São Paulo: Madras Editora, 1997.

DARNTON, Robert. **A Questão dos Livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. **Censores trabajando. De cómo los Estados dieron forma a la literatura**. Distrito Federal, México: Fondo de Cultura Económica, 2014.

DARNTON, Robert. **Edição e Sedição**: o universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DARNTON, Robert. História da leitura. *In*: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna**. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DEAECTO, Marisa Midori. A Batalha do Livro (Introdução). *In*: DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (org.). **Edição e Revolução. Leituras comunistas no Brasil e na França**. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Belo horizonte: Editora UFMG, 2013.

DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (org.). **Edição e Revolução. Leituras comunistas no Brasil e na França**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **Indústria, trabalho e cotidiano**: Brasil, 1880 a 1930. São Paulo: Editora Atual, 1991.

DEL BARRIO, Toño del; LINS, Ulrich. **La utiligado de Esperanto dum la Hispana Intercivitana Milito**. Komuniko prezentita en la Kongreso pri Civitana Milito. Madrido, 27-29, 2006.

DEL BARRIO, Toño del; LINS, Ulrich. **La utilización del Esperanto durante la Guerra Civil Española**. En Congreso sobre la Guerra Civil Española en Madrid, 27-29 de noviembre 2006. SAT Eh Documento, 6. Disponível em: <https://www.nodo50.org/esperanto/artik68es.htm>. Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. **Topói**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009.

DEL ROYO, José Luis. **1º de Maio. Cem anos de lutas, 1886-1986**. São Paulo: Editora Global, 1986.

DEMINICIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **História do Anarquismo no Brasil. Volume 1**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2006.

DIAS, Débora. **Rotas de Livreiros e seus Almanques**: intercâmbios luso-brasileiros nos circuitos do impresso. Lisboa: Edição do Autor, 2011.

DOMINGOS, Manuela D. Os catálogos de livreiros como fontes da História do Livro: o caso dos Reycend. **Revista da Biblioteca Nacional**, Lisboa, vol. 4, n. 1, p. 83-102, 1989.

DOMINGOS, Nuno; PEREIRA, Victor (dir.). **O Estado Novo em Questão**. Lisboa: Edições 70, 2010.

DOSSE, François. **El arte de la biografía**. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 2007.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2009.

DOUEK, Sybil Safdie. **Memória e exílio**. São Paulo: Escuta, 2003.

DREZEN, Ernest Karlovich. **Historio de La Mondolingvo**. Moscou: Progreso, 1991.

DUARTE, Regina Horta. **A Imagem Rebelde. A trajetória libertária de Avelino Fóscolo**. Campinas: Editora UNICAMP: Pontes, 1991.

DUARTE, Regina Horta. Élisée Reclus, Geografia e Anarquismo – Visões da Revolução. **LPH Revista de História**, Ouro Preto, n. 1, p. 80-94, 1992.

DUARTE, Regina Horta. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Élisée Reclus. **Revista Brasileira de História [online]**, São Paulo, vol. 26, n. 51, p. 11-24, 2006.

DUC-GONINAZ, Michel; ROUX, Claudius *et al.* **Plena Ilustrita Vortaro Eldono**. Paris: SAT, 2005.

DULICENKO, Aleksandr. **En la sercado de la mondolingvo au interlingvistiko por ciuj**. Kaliningrado: Sezonoj, 2006.

DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário: Imaginário político no Brasil dos anos 1930**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (org.). **Política, Nação e Edição – o lugar dos impressos na construção da vida política**: Brasil, Europa e Américas, séculos XVIII a XX. São Paulo: Annablume, 2006.

EBERHARD, David M.; SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. (eds.). **Ethnologue: Languages of the World**. 23ª edition. Dallas: SIL International, 2020. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

ECO, Umberto. **A busca da língua perfeita na cultura europeia**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

ECO, Umberto. Entretien avec Umberto Eco. L'Espéranto et le plurilinguisme de l'avenir. Concedida a Istvan Ertl, Universala Esperanto-Asocio, Rotterdam, et Francois Lo Jacomo, Paris. **Documents sur l'Espéranto**, Universala Esperanto-Asocio, Roterdã (Holanda), n. 27F, p. 02-31, 1996.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

EINSTEIN, Leopold. Al la historio de la Provoj de Lingvoj Tutmondaj de Leibniz ĝis la Nuna Tempo. **Bayerische Lehrer-Zeitung**, Nuremberg, n. 11-12, 1885. Reimpresso em *Fundamenta Krestomatio*, UEA, 1992.

EINSTEIN, Leopold; UNUEL, L. **Esperanto? A idéia de uma língua auxiliar internacional desde Leibnitz até hoje**. Lisboa: Editora Argo, 1942.

ENCKELL, Marianne. A AIT: a aprendizagem do sindicalismo e da política. *In*: COLOMBO, Eduardo *et al.* **História do Movimento Operário Revolucionário**. São Paulo: Editora Imaginário, 2004, p. 35-44.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **O curto verão da anarquia**: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FALCON, Francisco J. C. Fascismo, autoritarismo e totalitarismo. *In*: SILVA, José L. W. **O feixe e o prisma** – uma revisão do Estado Novo. Vol. I (O Feixe – O Autoritarismo como questão teórica e historiográfica). Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p. 29-43.

FARINHA, Luís. Fernando Queiroga: um revolucionário no exílio. **Penélope**, Lisboa, n. 16, p. 87-105, 1995.

FARINHA, Luís. **O Revirvalho. Revoltas Republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo 1926-1940**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

FAST, Howard. **Sacco e Vanzetti**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2009.

FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**: a Imigração em Massa para a América Latina. São Paulo: EDUSP, 1999.

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social**. São Paulo: DIFEL, 1977.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Editora UNESP: HUCITEC, 1992.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 40, p. 27-51, 2009.

FERNANDES, A. Couto; DOMINGUES, Carlos. **Dicionário Esperanto-Português**. Rio de Janeiro: FEB, 1945.



FERNANDES, A. Couto; MENDES, H. Motta. **Curso de Esperanto**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Liga Brasileira de Esperanto, 1965.

FERNANDES, Luísa Garcia. **Abel Salazar** – Retrato em Movimento. Porto: Campo das Letras, 1998.

FERNANDES, Magali Oliveira *et al.* **Cláudio Giordano**. São Paulo: EDUSP: Com-Arte, 2003.

FERNÁNDEZ, Miguel. Anarquismo e Esperanto na Península Ibérica. **A Batalha**, Lisboa, ano LXVI, n. 286, p. 16-17, 2019.

FERRÃO, Manuela; OLIVEIRA, Susana; FONSECA, Teresa. **Livros Proibidos no Estado Novo**. Catálogo da exposição realizada na Livraria Parlamentar, Assembleia da República, em abril de 2004, no âmbito das Comemorações do 30º Aniversário do 25 de Abril. Lisboa: Divisão de Edições da Assembleia da República, 2005.

FERREIRA, Jerusa Pires (org.). **Jorge Zahar**. São Paulo: EDUSP: Com-Arte, 2001.

FERREIRA, Jerusa Pires *et al.* **Livros, Editoras e Projetos**. Cotia, SP: Ateliê Editorial: Com-Arte, 1997.

FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história. Debate e Crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano**. Volume 3 (O tempo da experiência democrática). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 13-46.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **As Esquerdas no Brasil**. Vol. 1 (A Formação das Tradições, 1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **As Esquerdas no Brasil**. Vol. 2 (Nacionalismo e Reformismo Radical). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **As Esquerdas no Brasil**. Vol. 3 (Revolução e Democracia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, José Maria Carvalho. Roberto das Neves: um cidadão do Mundo. **Verve**, São Paulo, n. 24, p. 13-49, 2013.

FERREIRA, José Maria Carvalho. Anarquia e maio de 1968 na França. **Verve**, São Paulo, n. 33, p. 15-45, 2018.

FERREIRA, José Maria Carvalho. Edgar Rodrigues: um anarquista entre duas pátrias. **Verve**, São Paulo, n. 25, p. 13-29, 2014.

FERREIRA, José Maria Carvalho. Roberto das Neves (1907-1981). **A Ideia**, Évora, ano XLI, vol. 18, n. 75-76, p. 210-216, 2015.

FERRUA, Pietro. A breve existência da seção brasileira do centro internacional de pesquisas sobre o anarquismo. **Verve**, São Paulo, n. 15, p. 130-198, 2009.

FIGHIERA, G.; RUÍZ, J. C. **Datos acerca del movimiento esperantista: (1887-1993)**. Madrid: Esperanto Liceo de Madrid, 1993.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis. **A trajetória de José Oiticica: o professor, o autor, o jornalista e o militante anarquista na educação brasileira**. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2008.

FISCHER, Brodwyn. Direitos por lei ou leis por direito? Pobreza e ambigüidade legal no Estado Novo. *In*: LARA, Silvia Hunold; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes (org.). **Direitos e justiça no Brasil: ensaios de história social**. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

FLORES, Alberto; WERNECK, Vicente Paulo. **Cartilha de Esperanto – Complemento**. Rio de Janeiro: F. V. Lorenz, 2000.

FLORES, Alberto; WERNECK, Vicente Paulo. **Cartilha de Esperanto: a língua internacional**. 2ª edição. Rio de Janeiro: F. V. Lorenz, 2000.

FORSTER, Peter G. **The Esperanto Movement: contributions to the sociology of language**. Haia: De Gruyter Mouton Publishers, 1982.

FRANCINI, Walter. **Doutor Esperanto: o romance de Lazaro Luís Zamenhof, criador da língua internacional**. 4ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 2000.

FRANCO, António Cândido. Entrevista concedida ao autor. Pietro Ferrua: Anarquismo e Surrealismo. **Agulha**, Fortaleza, n. 138, 2019.

FRANCO, António Cândido. Presença do satanismo em Roberto das Neves. **A Ideia**, Évora, ano XLI, vol. 18, n. 75-76, p. 217-218, 2015.

FRANCO, António Cândido. Um diabo na revista *A Ideia*. **A Ideia**, Évora, ano XLI, vol. 18, n. 75-76, p. 218-219, 2015.

FRANZON, Carmen Rosane Pinto. **A característica universal de Leibniz: contextos, trajetórias e implicações**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2015.

FREIRE, Dulce; ROVISCO, Eduarda; FONSECA, Inês (coord.). **Contrabando na fronteira luso-espanhola: práticas, memórias e patrimónios**. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2009.

FREIRE, João. **Anarquistas e Operários. Ideologia, ofício e práticas sociais: o anarquismo e o operariado em Portugal, 1900-1940**. Porto: Edições Afrontamento, 1992.

FREIRE, João. As Juventudes Sindicalistas. **Penélope**, Lisboa, n. 04, p. 120-137, 1989.

FREIRE, João; LOUSADA, Maria Alexandre. **Roteiros da Memória Urbana. Lisboa. Marcas deixadas por libertários e afins ao longo do século XX**. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

FREIRE, João; LOUSADA, Maria Alexandre. **Roteiros da Memória Urbana. Porto. Marcas deixadas por libertários e afins ao longo do século XX**. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

FREIRE, Manoel. A retórica do oprimido: sobre a idéia de literatura militante em Lima Barreto. **Travessias**, vol. 2, n. 1, p. 01-16, 2008.

FRENCH, John D. Proclamando leis, metendo o pau e lutando por direitos. A questão social como caso de polícia, 1920-1964. *In*: LARA, Silvia Hunold; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes (org.). **Direitos e justiça no Brasil**: ensaios de história social. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. *In*: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GALEANO, Eduardo. “El exilio, entre la nostalgia y la creación”. **Cuadernos de Marcha**, año 1, n. 1, p. 83-86, 1979.

GALEANO, Eduardo. **Memória do Fogo**. Porto Alegre: L&PM Editora, 2013.

GALLO, Silvio. **Anarquismo**: Uma Introdução Filosófica e Política. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2006.

GALLO, Sílvio. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da Escola Moderna. **Pro-Posições** [online], Campinas, vol. 24, n. 2, p. 241-251, 2013.

GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. Ênio Silveira: o empresário militante. *In*: MATTOS, Marcelo Badaró (org.). **Livros Vermelhos. Literatura, trabalhadores e militância no Brasil**. Rio de Janeiro: Bom Texto: FAPERJ, 2010, p. 230-266.

GALVÃO, Henrique. **Minha cruzada pró-Portugal**: Santa Maria. Edição *fac-símile*. Lisboa: A Bela e o Monstro Edições, 2014.

GARCÍA PARODY, Manuel Ángel. Francisco Azorín, arquitecto, esperantista y dirigente socialista cordobés. **Hespérides**, Córdoba, n. 9, p. 16-18, 2005.

GARVÍA, R. **Esperanto and Its Rivals**: The Struggle for an International Language. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2015.

GERALDO, Endrica. Práticas Libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951). **Cadernos AEL**, Campinas, vol. 8/9, p. 165-192, 1998.

GINZBURG, Carlo. **A microhistória e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 1989.

GINZBURG, Carlo. Microhistória: duas ou três coisas que sei a respeito. *In: O fio e os rastros*: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 249-279.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Ângela de Castro (org.) **Velhos militantes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. A biblioteca de Viriato Corrêa: incursões sobre a leitura e a escrita de um intelectual brasileiro. *In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas. O Brasil em dois tempos. História, Pensamento Social e Tempo Presente*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988.

GOMES, Ângela de Castro. Cultura Política e Cultura Histórica no Estado Novo. *In: ABREU, M.; SOIHET, Rachel; Gontijo, R. (org.). Cultura Política e Leituras do Passado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais Mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Sónia Piedade Apolinário Ribeiro. **O Esperantismo em Portugal (1892-1972)**: origens, afirmação e repressão. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Instituto Universitário de Lisboa, IUL, Lisboa, 2012.

GOMES, Sónia Piedade Apolinário Ribeiro. **O Esperanto em Portugal. Língua Internacional e Movimentos Sociais**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Lisboa, IUL, Lisboa, 2016.

GONÇALVES, Adelaide. **A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará: 1862-1920**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Santa Catarina, 2001.

GONÇALVES, Adelaide. Em busca de conhecimento e liberdade. Notas para uma história da leitura no anarquismo. *In*: GARNEL, Rita; OLIVA, João Luís (org.). **Tempo e História. Ideias e Políticas. Estudos para Fernando Catroga**. Coimbra: Edições Almedina, 2015.

GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson. Imprensa dos Trabalhadores: Fonte, Documento e Memória Social. *In*: VASCONCELOS, Gerardo; MAGALHÃES JUNIOR, A. G. (org.). **Linguagens da História**. Fortaleza: IMPRECE, 2003.

GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson. Para Além das Leituras do Brasil e de Portugal: uma Escrita da Rebeldia e da Contestação em Maria Lacerda de Moura. *In*: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *et al* (org.). **História da Educação. República, Escola, Religião**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson; PEREIRA, Victor (org.). **O Demolidor** – Orgam da Liga Contra os Frades Constituída pela Mocidade Independente. (Versão Integral). Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura: Imprensa Universitária da UFC, 2013.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. (org.). **A Imprensa Libertária no Ceará (1908-1922)**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. **A Bibliografia Libertária: O Anarquismo em Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

GORJÃO, Vanda. **Mulheres em Tempos Sombrios. Oposição Feminina ao Estado Novo**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

GRACIA, Miguel Ángel Artigas. Esperanto y anarquismo, el binomio por la unidad fraternal. **Diário de Teruel**, Teruel, p. 01, 20 de febrero de 2019.

GRANJA, Lúcia. Entre homens e livros: contribuições para a história da livraria Garnier no Brasil. **Livro**, Cotia, n. 3, p. 41-49, 2013.

GRIBAUDI, Maurizio. Escala, pertinência, configuração. *In*: REVEL, Jacques. **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 121-149.

GUILLAMÓN, Agustín. Manuel Pérez Fernández, fundador de la FAI y organizador confederal. **Balance**, Barcelona, n. 36, p. 03-11, 2011.

GURVITCH, Georges. **Proudhon**. Lisboa: Edições 70, 1983.

GUZMÁN, Patricia Merello. **El esperanto en los medios periodísticos: una aproximación a la historia del movimiento esperantista en España (1898-1939)**. Monografía (Doble Grado em Comunicação) – Facultad de Comunicación, Universidad de Sevilla, Sevilla, [s. d.].

GUZMÁN, Patricia Merello. El esperanto en los medios periodísticos: una aproximación a la historia esperantista de España. **Ámbitos**, Sevilla, n. 44, p. 181-199, 2019.

HÄBERL, Charles G. "BĀLAYBALAN LANGUAGE". **Encyclopædia Iranica** [online], 2015. Disponível em: <http://www.iranicaonline.org/articles/balaybalan-language>. Acesso em: 24 de junho de 2019.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**. 3ª edição revista e ampliada. São Paulo: EDUSP, 2012.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão**: memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HARRIS, Stephen L. **Understanding the Bible**. Palo Alto, Califórnia: Mayfield Publishing, 1997.

HENRIQUES, Aires Barata; SOARES, Nuno R. **Maçons de Pedra e Cal. A Maçonaria ao Vale do Zêzere**. Pedrógão Grande: Museu da República e Maçonaria, 2015.

HILDEGARD, Saint. **Symphonia**: a critical edition of the Symphonia armonie celestium revelationum. Introduction, translations, and commentary by Barbara Newman. 2ª edition. New York: Cornell University Press, 1998.

HOARAU, Andre; VINKO, Markov. "El esperanto, Una lengua internacional al servicio de la emancipación de los trabajadores". **Tierra y Libertad**, Madrid, p. 11-16, 2013.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referenciais a publicações e divertimentos. 2 vols. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

HUNT, Lynn. **Política, cultura e classe na Revolução Francesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

IUMATTI, Paulo Teixeira. **Arte & Trabalho**: aspectos da produção do livro em São Paulo (1914-1945). 2ª edição. São Paulo: HUCITEC, 2016.

JANTON, P. **L'Espéranto**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

JOYCE, James. **Exilados**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.

JOYEUX, Maurice *et al.* **Maio de 68**: os anarquistas e a revolta da juventude. São Paulo: Editora Imaginário, 2008.

JUBERTE, Vinícius. Editores na contramão da ditadura. **Livro**, Cotia, n. 6, p. 359-361, 2016.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

JÚNIOR, Luiz Antônio Pereira de Oliveira. **Esperanto e Esperantistas**: Na prática os sonhos não envelhecem ou A primeira fase do movimento esperantista (1887-1917). Monografia (Graduação em História), Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 1999.

JURATIC, Sabine. Da prosopografia dos livreiros ao estudo das redes do livro. Balanço e perspectivas de pesquisa. **Livro**, Cotia, n. 1, p. 75-89, 2011.

KAKFA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Ediouro, 1971.

KAKFA, Franz. **O processo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

KAMEL, Dílson José Nogueira. **José Oiticica**: um anarquista brasileiro. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

KHOURY, Yara Aun. A Poesia Anarquista. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 8, n. 15, p. 215-247, 1988.

KHOURY, Yara Aun. Edgard Leuenroth, anarquismo e esquerdas no Brasil. *In*: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **As Esquerdas no Brasil**. Volume 2 (Nacionalismo e Reformismo Radical). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KHOURY, Yara Aun. **Edgard Leuenroth, uma voz libertária**: imprensa, memória e militância anarco-sindicalista. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1989.

KHOURY, Yara Aun. Edgard Leuenroth: Uma Vida e Um Arquivo Libertários. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 17, n. 33, p. 112-149, 1997.

KNAUSS, Paulo; AZEVEDO, Cecília; ROLLEMBERG, Denise (org.). **Cultura Política, Memória e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

KNIEDSTEDT, Frederick. **Memórias de um Imigrante Anarquista**. Organização de René E. Gertz. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1989.

KORZHENKOV, Aleksander. **Homarano**: La vivo, verkoj kaj ideoj de d-ro L. L. Zamenhof. Kaliningrad: Sezonoj; Kaunas: Litova Esperanto-Asocio, 2009.

KOSELLECK, Reinhart *et al.* **O conceito de história**. Tradução de René Gertz. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Vilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2006.

KUNDERA, Milan. **A brincadeira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KUNDERA, Milan. **O livro do riso e do esquecimento**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

KUSCHNIR, K.; CARNEIRO, Leandro P. As Dimensões Subjetivas da Política: Cultura Política e Antropologia da Política. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 227-250, 1999.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda**: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

LAMOUNIER, Aden Assunção. **José Oiticica**: Itinerários de um militante anarquista (1912-1919). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Londrina, UEL, Londrina, 2011.

LARA, Silvia Hunold; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes (org.). **Direitos e justiça no Brasil**: ensaios de história social. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

LE COURRIER DE L'OUEST. **Jules Verne et l'Ésperanto**. Disponível (em Esperanto e Francês), em *Espéranto Panorama*: <http://esperanto-panorama.net/dosierujo/eo/verne.htm>. Acesso em: 03 de março de 2020. Publicado em: 28 de julho de 1993.

LE GOFF, Jacques (org.). **A história nova**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4ª edição. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História**: Novas Abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História**: Novos Objetos. 4ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1995.

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. **Anarquismo em verso e prosa**: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916). Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 1999.

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. **Pensiero e Dinamite. Anarquismo e Repressão em São Paulo nos anos 1890**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2006.

LECHA, Gérard. **Han Ryner ou la pensée sociale d'un individualiste au début du siècle**. Thèse (Doctorat en Littérature Française), Université de Tours, Tours, 1993, 2 vols. 452p.



LEITE JR, José. Pequena história do esperanto. **XV Congresso Brasileiro de Esperanto**, 2007.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. **Outra Face do Feminismo**: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Editora Ática, 1984.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. Maria Lacerda de Moura e o anarquismo. In: Antonio Arnoni Prado (org.). **Libertários no Brasil**: memória, lutas, cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 82-97.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. **Maria Lacerda de Moura**: uma feminista utópica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. O periódico. Variedade e transformação. Separata dos **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, n. 28, p. 137-151, 1977.

LEMONS, Fernando; MOREIRA LEITE, Rui (org.). **A Missão Portuguesa. Rotas Entrecruzadas**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LÉONARD, Yves. **Salazarismo e Fascismo**. Sintra: Editorial Inquérito, 1998.

LEONARDI, Victor; HARDMAN, Francisco Foot. **História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)**. São Paulo: Editora Ática, 1981.

LEONZO, N. Jaime Cortesão: um condestável em terras brasileiras. **Revista da Cátedra Jaime Cortesão**, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 35-43, 1997.

LESCURE, Jean-Claude. L'espéranto, ou comment se protéger de l'exil (1900-1930). **MATÉRIAUX Pour L'Histoire de Notre Temps** (Dossier "Pour une histoire de l'Exil français et belge"), Nanterre-Paris, n. 67, p. 17-27, 2002.

LEVI, G. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. **A Hidra de Muitas Cabeças**: Marinheiros, Escravos, Plebeus e a História Oculta do Atlântico Revolucionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LINS, Ulrich. **La danĝera lingvo**: Studo pri la persekutoj kontraŭ Esperanto. Gerlingen: [s. n.], 1988.

LITVAK, Lily. **Musa Libertária**: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español. (1880-1913). Barcelona: Antonio Bosch, 1981.

LITVAK, Lily. Cultura Obrera en Cuba. La lectura colectiva en los talleres de tabaquería. **Bicel**, Madri, n. 13, 2002.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Imigração Portuguesa no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 2001.

LONDON, Jack. **O tacão de ferro**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

LOPES, Milton. Roberto das Neves: Anarquista, Esperantista, Vegetariano e Maçom. **Emecê**, Rio de Janeiro, ano VII, n. 19, p. 01-02, 2011.

LÓPEZ TRUJILLO, Fernando. **Vidas en Rojo y Negro. Una historia del Anarquismo en la “Década Infame”**. La Plata: Letra Libre, 2005.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos de Edgard Leuenroth. **Verve**, São Paulo, n. 15, p. 201-221, 2009.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. **O Espírito da Revolta – A Greve Geral Anarquista de 1917**. São Paulo: Annablume, 2000.

LORENZ, Francisco Valdomiro. **Esperanto sem mestre**. 8ª edição. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

LORIGA, Sabina. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. **História da Historiografia**, Ouro Preto, n. 9, p. 26-37, 2012.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, p. 63-201, 1998.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (org.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

LYONS, Martyn. Os Novos leitores do século XIX: mulheres, crianças e operários. In: CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (org.). **História da leitura no mundo ocidental 2**. São Paulo: Editora Ática, 1999, p. 165-202.

MACAMBIRA, Débora Dias. **A “redescoberta” do Brasil em Joaquim de Carvalho. Uma comunidade luso-brasileira feita de livros (1928-1958)**. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, UC, Coimbra, 2017.

MACHADO, Ubiratan. **História das Livrarias Cariocas**. São Paulo: EDUSP, 2012.

MACHADO, Ubiratan. Oitenta Anos da José Olympio. **Livro**, Cotia, n. 2, p. 351-364, 2012.

MACLACHLAN, James. **Galileu Galilei: o primeiro físico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MADEIRA, João. O caso Humberto Delgado. **História**, Lisboa, ano XXIV, n. 47, p. 72-75, 2002.

MAESTRE, Francisco Espinosa. **La Columna de la Muerte. El Avance del Ejército Franquista de Sevilla a Badajoz**. Barcelona: Editorial Crítica, 2003.

MAITRON, Jean. **Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français**. Article Louise Michel. Paris: Les Editions de l'Atelier, 1997.

MAITRON, Jean. **Ravachol e os anarquistas**. Lisboa: Antígona, 1981.

MANFREDONIA, Gaetano. Persistence et actualité de la culture politique libertaire. *In*: BERSTEIN, Serge. **Les Cultures Politiques en France**. Paris: Le Seuil, 1999, p. 259-301.

MANNING, Molly Guptill. **Quando os livros foram à guerra**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

MARCHI, Riccardo. **Folhas Ultras. As ideias da direita radical portuguesa (1939-1950)**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

MARCO, A. **Crónicas del movimiento obrero esperantista**. Madrid: Asociación Izquierda y Esperanto, 2009.

MARGÁIS, X. El movimiento esperantista y la masonería (1898-1914). *In*: FERRER BENIMELI, José Antonio (coord.). A. **La masonería española y la crisis colonial del 98**. Zaragoza: Centro de Estudios Históricos de la Masonería Española: Universidad de Zaragoza, 1999, p. 33-42.

MARÍN, Dolors. El internacionalismo proletario y las lenguas planificadas. *In*: MARÍN, Dolors. **Anarquistas: un siglo de movimiento libertario en España**. Barcelona: Editorial Ariel, 2010, p. 57-88.

MARINHO, F. J. G. *et al.* **Não só idealistas, mas realizadores: coletânea de depoimentos de esperantistas**. Rio de Janeiro: Editora Liney, 1995. 133p.

MARKOV, Anne-Sophie. **Le mouvement international des travailleurs espérantistes 1918-1939**. Mémoire de Maîtrise d'Histoire (soutenu sous la direction de M. Jean-Yves Mollier), Université de Versailles Saint Quentin-en-Yvelines, Versailles, 1999.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **História de Portugal, Volume III**. Lisboa: Palas Editora, 1986.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **Maçonaria em Portugal**. Lisboa: Biblioteca Museu República e Resistência, 1998.

MARQUES, A. H. de Oliveira; DIAS, João José Alves. **História da Maçonaria em Portugal**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

MARQUES, Manuel Pedroso. **Roberto das Neves (nota bio-bibliográfica)**. Texto consultado no *blog* de Roberto das Neves (filho). Disponível em: <http://betodasneves.multiply.com/journal/item/14/14>. Acesso em: 15 de março de 2016. Também publicado na revista maçônica *Grémio Lusitano*, Lisboa, n. 11, p. 76-81, 2007.

MARTÍN, Francisco de Luis. Aproximación al esperantismo socialista en España (1906-1936). **Aula**, Salamanca, n. 7, p. 243-257, 1995.

MARTÍN, Francisco de Luis. La cultura socialista en España. 1923-1930. Propósitos y realidad de un proyecto educativo. **Salamanca**, Salamanca, p. 231-245, 1993.

MARTÍN, Francisco de Luis. Una utopía: el esperantismo socialista. *In*: MARTÍN, Francisco de Luis. **La cultura socialista en España 1923-1930**. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 231-245, 1993.

MARTÍNEZ REVERTE, J. **La Batalla de Madrid**. Barcelona: Editorial Crítica, 2004.

MARTÍNEZ, Ana Teresa. Intelectuales de Provincia: entre lo local y lo periférico. **Prisma**, Buenos Aires, n. 17, p. 169-180, 2013.

MARTINHO, Francisco Carlos Palomares; PINTO, António Costa. **O Corporativismo em Português. Estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARTINS FILHO, João Roberto. O movimento estudantil dos anos 1960. *In*: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. (org.). **As Esquerdas no Brasil**. Vol. 3 (Revolução e Democracia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARTINS, Ângela Maria Roberti. A experiência libertária de um português na Primeira República: uma análise da trajetória política e intelectual de Mota Assunção (1899-1910). *In*: **IX Seminário Internacional sobre emigração portuguesa para o Brasil. Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico**. Rio de Janeiro: UERJ, 2013, p. 391-405.

MARTINS, Ângela Maria Roberti. Imprensa Libertária: palavras e imagens que fazem sonhar. *In*: **XXIII Simpósio Nacional de História. História: Guerra e Paz**. Londrina: ANPUH, 2005.

MARTINS, Ângela Maria Roberti; MORAES, José Damiro de (org.). **Dimensões da Cultura e da Experiência Libertárias**. Rio de Janeiro: Editora Ayran, 2020.

MARTINS, José de Souza. **Uma Arqueologia da Memória Social: Autobiografia de um Moleque de Fábrica**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

MATHIAS, Marcello Duarte. O escritor e o sentimento de exílio: alguns exemplos contemporâneos. **Colóquio Letras**, n. 183, p. 09-24, 2013.

MATTOS, Geraldo. A organização do Esperanto. **Letras**, Curitiba, n. 36, p. 24-41, 1987.

MATTOS, Marcelo Badaró (org.). **Livros Vermelhos. Literatura, trabalhadores e militância no Brasil**. Rio de Janeiro: Bom Texto: FAPERJ, 2010.

MAUÉS, Flamarion. **Livros contra a ditadura**: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

MAUÉS, Flamarion. Livros e Censura durante a ditadura. **Livro**, Cotia, n. 2, p. 383-386, 2012.

MAZUR, Dan. **Esperantistas**: uma viagem em quadrinhos no mundo dos falantes nativos de esperanto. São Paulo: Associação Paulista de Esperanto, 2015.

MEDEIROS, Nuno. **Edição e Editores**: O Mundo do Livro em Portugal (1940-1970). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

MELLO, Simone Homem de. O lado oculto do editor. **Livro**, Cotia, n. 6, p. 311-313, 2016.

MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. Escritores entre Fronteiras: diálogos de uma geração. *In*: NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos; SILVA FILHO, Antonio Luis. (org.). **História e Historiografia**. Recife: Editora UFPE, 2014.

MENDES, Samanta Colhado. A Comuna de Paris segundo Louise Michel. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, ano X, n. 118, p. 37-45, 2011.

MENDES, Samanta Colhado. Anarquismo e feminismo: as mulheres libertárias no Brasil. *In*: SANTOS, Kauan Willian; SILVA, Rafael Viana da (org.). **História do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária no Brasil**: novas perspectivas. Curitiba: Editora Prismas, 2018, p. 173-206.

MENDES, Samanta Colhado. **As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo: 1889-1930**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, UNESP, Franca, 2010.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Evaristo de Moraes: o juízo e a história. *In*: LARA, Silvia Hunold; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes (org.). **Direitos e justiça no Brasil**: ensaios de história social. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

METZGER, Bruce Manning; COOGAN, Michael D. **The Oxford Guide to People and Places of the Bible**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

MIGLIEVICH RIBEIRO, Adelia Maria. Intelectuais no exílio: onde é a minha casa? **Dimensões**, Vitória, vol. 26, p. 152-176, 2011.

MINTZ, Frank. **Autogestão e Anarcossindicalismo**. São Paulo: Editora Imaginário, 2016.

MINTZ, Frank. El pensamiento de Santillán sobre la transformación económica revolucionaria, la guerra civil y la violencia. **Anthropos**, Barcelona, n. 138, p. 23-44, 1992.

MINTZ, Frank. **O Anarquismo Social**. São Paulo: Editora Imaginário, 2006.

MIRANDA, Jussara Valéria de. **“Recuso-me”! Ditos e escritos de Maria Lacerda de Moura**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2006.

MOLLIER, Jean-Yves. Os Poderes do livro. Leituras e censuras no mundo contemporâneo. **Livro**, Cotia, n. 2, p. 417-428, 2012.

MOLLIER, Jean-Yves. Quando o impresso se torna uma arma no combate político: a França do século XV ao século XX. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (org.). **Política, Nação e Edição** – o lugar dos impressos na construção da vida política: Brasil, Europa e Américas, séculos XVIII a XX. São Paulo: Annablume, 2006, p. 259-274.

MÓNICA, Maria Filomena. **A Formação da Classe Operária Portuguesa. Antologia da Imprensa Operária (1850-1934)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

MÓNICA, Maria Filomena. **Artesãos e Operários. Indústria, Capitalismo e Classe Operária em Portugal (1870-1934)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1986.

MÓNICA, Maria Filomena; MATOS, Luís Salgado de. Inventário da imprensa operária portuguesa: 1834-1934. **Análise Social**, Lisboa, vol. XVII, n. 67-68-69, p. 1013-1078, 1981.

MONROY, Geovani Ruiz. El Esperanto en México. Breve semblanza del Esperanto desde su nacimiento hasta su llegada a México. **Vuelo Libre**, Guadalajara, n. 2, p. 74-83, 2015.

MONTEBELLO, Natalia Monzón. Anarquistas e a Revolta na Revolução Russa: Nestor Makhno. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, vol. 13, n. 25, p. 99-121, 2017.

MONTEIRO, Francisco Osvaldino Nascimento. Exílio forçado, desterro colonial e deportação política durante o Estado Novo salazarista: um olhar a partir de uma publicação situada. **Projeto História**, São Paulo, vol. 53, p. 286-297, 2015.

MORAIS, Marta Maria de; SOUZA JÚNIOR, Paulo Sérgio de. LEITE, Nina V. de Araújo. ESPERANTO-MODELO: o que Zamenhof quis da língua. **Língua, Literatura e Ensino**, Campinas, vol. 2, p. 275-281, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **Culturas Políticas na História. Novos Estudos**. Belo Horizonte: Editora Argvmentvm, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O diabo nas bibliotecas comunistas: repressão e censura no Brasil dos anos 1930. *In*: DUTRA, Eliana Regina de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (org.). **Política, Nação e Edição** – o lugar dos impressos na construção da vida política: Brasil, Europa e Américas, séculos XVIII a XX. São Paulo: Annablume, 2006, p. 135-152.

MOURA, Clóvis. **Sacco e Vanzetti**: O protesto brasileiro. São Paulo: Brasil Debates, 1979.

MUÑOZ, Manuel Morales. **Cultura e Ideología en el Anarquismo Español (1870-1910)**. Málaga: Centro de Ediciones de la Diputación de Málaga, 2002.

MUÑOZ, Maryse Bertrand. **Si me quieres escribir. Canciones políticas y de combate de la Guerra de España**. Madrid: Calambur, 2009.

NÁJERA SEPÚLVEDA, María Izabel. **Esperanto y comunicación humana**. Segunda edición. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, 2014.

NASCIMENTO, Rogério H. Z. **Florentino de Carvalho**: pensamento social de um anarquista. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2000.

NAVARRO, J. Paz y fraternidad internacional: el aprendizaje de las lenguas planificadas. *In*: NAVARRO, J. **A la revolución por la cultura**: prácticas culturales y sociabilidad libertarias en el País Valenciano (1931-1939). Valencia: Universitat de València, 2004, p. 85-100.

NEPOMUCENO, Eric. **Caderno de notas**: um repórter na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1988.

NEWMAN, Barbara. Hildegard and Her Hagiographers: the remaking of female sainthood. *In*: MOONEY, Catherine M. (org.) **Gendered Voices**: medieval saints and their interpreters. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999, p. 17-34.

NEWMAN, Barbara. **Sister of Wisdom**: St. Hildegard's Theology of the Feminine. Los Angeles: University of California Press, 1997.

NORTE, Sérgio Augusto Queiroz. **Bakunin**: sangue, suor e barricadas. Campinas: Editora Papirus, 1988.

NORTE, Sérgio Augusto Queiroz. **Contra Leviatã, Contra História. A travessia do deserto**: Mitos, literatura e imprensa anarquista no Brasil, 1945/1968. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1994.

NUNES, Henrique Barreto. **O livreiro Victor de Sá**. Braga: Universidade do Minho: Arquivo Distrital de Braga, 2007.

OJEDAREVAH, M. **México y la Guerra Civil Española**. Madrid: Turner, 2005.

OKRENT, Arika. **In the Land of Invented Languages**: A Celebration of Linguistic Creativity, Madness, and Genius. New York: Spiegel & Grau, 2010.

OLIVEIRA, Anderson José Machado; RODRIGUES, Cláudia. El anticlericalismo en Brasil. In: ZANCA, José; STEFANO, Roberto di (org.). **Pasiones anticlericales: un recorrido Iberoamericano**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013, p. 191-244.

OLIVEIRA, César. **Antologia. Imprensa operária portuguesa (1837-1936)**. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1984.

OLIVEIRA, Karina Gonçalves de Souza de. **Adaptação de empréstimos em esperanto**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2016.

OLIVER, Martyn. **História Ilustrada da Filosofia**. São Paulo: Editora Manole, 1998.

PANCHAUD, André. **Un aspect méconnu de Jules Verne**. Disponível na página da SAT-Amikaro: <https://www.sat-amikaro.org/un-aspect-meconnu-de-jules-verne?lang=fr>. Acesso em: 03 de março de 2020. Publicado em: 24 de novembro de 2005.

PARIS, Robert. A imagem do operário no século XIX pelo espelho de um “veudeville”. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n. 8 (15), p. 61-89, 1988.

PARIS, Robert. Biografias e “perfil” do movimento operário na América Latina: algumas reflexões em torno de um dicionário. Biografia, biografias. Dossier Biografia. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 17, n. 33, p. 09-31, 1997.

PARRA, Lúcia Sílvia. **Combates pela Liberdade. O Movimento Anarquista Sob a Vigilância do DEOPS/SP (1924-1945)**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2003.

PARRA, Lúcia Sílvia. **Leituras Libertárias: cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2014.

PASSETI, Edson; RESENDE, Paulo Edgar A. **Proudhon**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1986.

PAULO, Heloísa (coord.). **Memória das Oposições (1927-1969)**. Coimbra: Edições Minerva, 2010.

PAULO, Heloisa. **Aqui também é Portugal: A Colônia Portuguesa no Brasil e o salazarismo**. Coimbra: Quarteto, 2000.

PAULO, Heloisa. Exílio: uma história em três dimensões. **História**, São Paulo, vol. 33, n. 1, p. 50-65, 2014.

PAULO, Heloisa. Imagens da liberdade: os exilados portugueses e a luta pela liberdade na Península Ibérica. **Estudos do Século XX**, Coimbra, n. 8, p. 87-103, 2008.



PAULO, Heloisa. O exílio português no Brasil: os “Budás” e a oposição antisalazarista. **Portuguese Studies Review**, vol. 2, n. 14, p. 125-142, 2007.

PAULO, Heloísa. Os Budas. **Revista História**, Lisboa, vol. 1, n. 91, p. 45-50, 2006.

PAULO, Heloisa. Os insubmissos da colônia: a recusa da imagem oficial do regime pela oposição no Brasil (1928-1945). **Penélope**, Lisboa, n. 16, p. 09-24, 1995.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PAZ, Abel *et al.* **Durruti. Da revolta à revolução**. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Imaginário: Instituto de Estudos Libertários, 2013.

PAZ, Abel. **Durruti en la Revolución Española**. Madrid: La Esfera de los Libros, 2004.

PEANO, Giuseppe. De Latino Sine Flexione. Lingua Auxiliare Internationale. **Revista de Mathematica (Revue de Mathématiques)**, Torino, Tomo VIII, p. 74-83, 1903.

PEDROSO, Alberto; VENTURA, António. **Alexandre Vieira: 30 Anos do Sindicalismo Português**. Lisboa: Edições Um de Outubro, 1985.

PEREIRA, Ana Cristina Clímaco. **L'exil politique portugais en France et en Espagne, 1927-1940**. Tese (Doutoramento em Sociedades Ocidentais) – Université Paris 7 (Denis Diderot), Paris, 1998.

PEREIRA, José Pacheco. **As Armas de Papel. Publicações Periódicas Clandestinas e do Exílio Ligadas a Movimentos Radicais de Esquerda Cultural e Política (1963-1974)**. Lisboa: Temas e Debates: Círculo de Leitores, 2013.

PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. A polícia e os livros vermelhos: uma análise da coleção apreendida pelo DEOPS-RJ. *In*: MATTOS, Marcelo Badaró (org.). **Livros Vermelhos. Literatura, trabalhadores e militância no Brasil**. Rio de Janeiro: Bom Texto: FAPERJ, 2010, p. 267-283.

PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. Livros vermelhos nos arquivos da polícia política do Rio de Janeiro (1964-1983). **Boletim Tempo Presente**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 19, p. 01-15, 2011.

PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. **A lista negra dos livros vermelhos: uma análise etnográfica dos livros apreendidos pela Polícia Política no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

PEREIRA, Miriam Halpern. **A Política Portuguesa de Emigração (1850-1930)**. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1981.

PEREIRA, Victor. Militância anarquista e verbo de fogo: Pedro Augusto Motta, sindicalismo revolucionário e imprensa libertária no Ceará dos anos 1920. *In*:

SANTOS, Kauan Willian dos; SILVA, Rafael Viana da (org.). **Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário no Brasil: Novas Perspectivas**. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

PEREIRA, Victor. **Pedro Augusto Motta**: militância libertária e verbo de fogo. Fortaleza: Plebeu Gabinete de Leitura, 2017.

PEREIRA, Victor. Roberto das Neves: anarquismo, antifascismo e exílio na trajetória de um “cidadão do mundo”. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, vol. 7, n. 19, p. 07-21, 2018.

PEREZ, Letícia Rodríguez (Selección). **Leer en el siglo XXI**. La Habana, Cuba: Editorial Gente Nueva, 2012.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. *In*: ARAÚJO, Ângela M. C. (org.). **Trabalho, Cultura e Cidadania**: Um balanço da história social brasileira. São Paulo: Editora Scritta, 1997.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **Origens do 1º de maio no Brasil**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1981.

PIMENTEL, Irene Flunser. **A história da PIDE**. Coimbra: Círculo de Leitores: Temas e Debates, 2011.

PIMENTEL, Irene Flunser; FARINHA, Luís. **Vítimas de Salazar. Estado Novo e violência política**. Lisboa: Esfera dos Livros, 2007.

PIMENTEL, Irene Flunser; REZOLA, Maria Inácia (coord.). **Democracia, Ditadura. Memória e Justiça Política**. Lisboa: Edições Tinta-da-china, 2013.

PIMENTEL, João Sarmiento. **Memórias do Capitão**. Lisboa: Seara Nova, 1974.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Estado e Terror. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **Ética**: vários autores. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 268-288.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael. **A classe operária no Brasil (1889-1930)**. Vols. I e II. São Paulo: Brasiliense, 1977.

PINTO, Aníbal. **O Infinito**: Ideias, Transformações e as Considerações de Giordano Bruno. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

POLASKY, Janet. **The Democratic Socialism of Emile Vandervelde**: Between Reform and Revolution. Oxford: Berg, 1995.

POLASTRON, Lucien X. **Livros em chamas**: A história da destruição sem fim das bibliotecas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

POLETTO, Caroline. A Escrita enquanto arma: contos subversivos. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, vol. 1, n. 1, p. 08-22, 2012.

PONCIONI, Claudia. **Emile Zola em português. Um estudo das traduções de Germinal no Brasil e em Portugal**. São Paulo: Annablume, 1999.

PORTER, Khaterine Anne. **Sacco e Vanzetti**: Um Erro Irreparável. Rio de Janeiro: Salamandra, 1978.

PRADO, Antônio Arnoni (org.). **Libertários no Brasil. Memória, lutas, cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PRADO, Antônio Arnoni. **Cenário com Retratos**: Esboços e Perfis. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto**: o crítico e a crise. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989.

PRADO, Antônio Arnoni; HARDMAN, Francisco Foot. **Contos anarquistas**: antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935). São Paulo: Brasiliense, 1985.

PRADO, Maria Lígia; CAPELATO, Maria Helena R. **O Bravo Matutino. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

PRATS, Marina. La utopía del esperanto como idioma universal. **Ritmos 21**, [online], 19 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.ritmos21.com/805506385/utopia-esperanto-idioma-universal-zamenhof.html>. Acesso em: 10 de maio 2019.

PRÍNCIPE, João. **Quatro Novos estudos sobre António Sérgio**. Lisboa: Caleidoscópio, 2012.

QUINTAS, Maria da Conceição. O pensamento libertário e as juventudes no Portugal da primeira metade do século XX. **Revista de História e Teoria das Ideias**, Lisboa, vol. XIV, II Série, p. 247-280, 2002.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**: Utopia da Cidade Disciplinar. 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade**: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

RAGO, Margareth. Ética, anarquia e revolução em Maria Lacerda de Moura. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). **As Esquerdas no Brasil, vol. 1. A Formação das Tradições (1889-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 273-293.

RAGO, Margareth. Luigi e Luce Fabbrì: uma ética da liberdade. **Política e Trabalho**, João Pessoa, n. 36, p. 155-168, 2012.

RAGO, Margareth; BIAJOLI, Maria Clara Pivato. **Mujeres Libres da Espanha. Documentos da Revolução Espanhola**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017.

RAMOS, Renato. Resistência anarquista e antifascista no período Vargas. **Emecê**, Rio de Janeiro, ano II, n. 5, 2006.

RAMOS, Ubirajara Bernini. **Portugal Democrático. Um jornal da resistência ao salazarismo publicado no Brasil**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP, São Paulo, 2004.

RAMUS, Gustavo. O anarquismo cristão e a potência dos únicos. **Verve**, São Paulo, n. 21, p. 262-279, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **A Noite dos proletários. Arquivos do sonho operário**. Tradução de Marilda Pedreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Tradução de Maria da Graça M. Macedo. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REIFSCHEIDER, Oto Dias Becker. Salvador Monteiro: história editorial. **Livro**, Cotia, n. 2, p. 205-221, 2012.

REIMÃO, Sandra. **Repressão e Resistência: Censura a Livros na Ditadura Militar**. São Paulo: EDUSP, 2012.

REIS, Artur Duarte Souza. **Jornais do Porto**. Edição *fac-similar*. Porto: Biblioteca Pública do Porto, 1999.

REIS, João José; DOS SANTOS GOMES, Flávio; DE CARVALHO, Marcus Joaquim. **O alufá Rufino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

REIS, Luís Filipe Leitão Rodrigues dos. **Tomás da Fonseca (1877-1968) o educador do povo**. Tese (Doutorado em Estudos Contemporâneos) – Universidade de Coimbra, UC, Coimbra, 2015.

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REMOND, René. Do político. *In*: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 441-454.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. Livros e Leituras no Século XIX. Separata da **Revista de História das Ideias**, Coimbra, vol. 20, p. 187-213, 1999.

RICHARDS, Vernon (org.). **Malatesta: pensamiento y acción revolucionarios**. Buenos Aires: Ediciones Anarres, 2007.

RIOUX, Jean-Pierre. A associação em política. *In*: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 99-140.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

RITIVOI, Andreea Deciu; BAÁR, Monika. The Transylvanian Babel: Negotiating National Identity through Language in a Disputed Territory. **Language and Communication** [online], vol. 26, n. 3-4, p. 203-217, 2006.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é Mito**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROCKER, Rudolf. **A tragédia da Espanha**: notas sobre a Guerra Civil. São Paulo: Biblioteca Terra Livre: L-Dopa Publicações, 2016 (1ª edição de 1937).

RODRIGO, J. Cautivos. **Campos de Concentración en la España Franquista, 1936-1947**. Barcelona: Editorial Crítica, 2005.

RODRIGUES, Edgar. **Anarquismo no Banco dos Réus**. Rio de Janeiro: VJR Editores, 1993.a

RODRIGUES, Edgar. **Breve História das Lutas Sociais em Portugal**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1977.

RODRIGUES, Edgar. **Entre Ditaduras**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 1993.b

RODRIGUES, Edgar. **Nova Aurora Libertária (1945-1948)**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 1992.a

RODRIGUES, Edgar. **O Anarquismo no Teatro, na Escola e na Poesia**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 1992.b

RODRIGUES, Edgar. **Os Companheiros 5**. Florianópolis: Editora Insular, 1998.

RODRIGUES, Edgar. **Pequena História da Imprensa Social no Brasil**. Florianópolis: Editora Insular, 1997.

RODRIGUES, Miguel Urbano. **O Tempo e o Espaço em que Vivi**. Porto: Campo das Letras, 2002.

RODRIGUEZ, Alberto Pena. El libro como arma de propaganda política: salazarismo, literatura y guerra civil de España (1936-1939). Separata da **Revista de História das Ideias**, Coimbra, vol. 20, p. 369-399, 1999.

ROLLEMBERG, Denise. **Entre raízes e radares**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

ROMANI, Carlo. A aventura do anarquismo segundo Oreste Ristori. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 150-166, 1997.

ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori: Uma Aventura Anarquista**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002.

RÓNAI, Paulo. **Babel & Antibabel ou o problema das línguas universais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

RÓNAI, Paulo. **Homens contra Babel: passado, presente e futuro das línguas artificiais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

ROSAS, Fernando *et al* (org.). **Salazar e o Salazarismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

ROSAS, Fernando. **O Estado Novo (1926-1974)**. Vol. VII da História de Portugal. (Direcção de José Mattoso). Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

ROSAS, Fernando. **Salazar e os Fascismos. Ensaio breve de história comparada**. Lisboa: Edições Tinta-da-china, 2019.

ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de. **Dicionário Histórico do Estado Novo**. Volume I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.

RUDY, Antonio Cleber. **Culturas da Contestação. Anarquistas e anticlericais em Santa Catarina, 1900-1940**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2010.

RUDY, Cleber. **O anticlericalismo sob o manto da República: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)**. São Paulo: Alameda, 2020.

RUIZ, Carme Molinero; SALA, Margarida; CALLICÓ, Jaume Sobrequés i. (coord.). **Una Inmensa Prisión. Los campos de concentración y las prisiones durante la Guerra Civil y el franquismo**. Barcelona: Editorial Crítica, 2003.

RUIZ, Julián Casanova *et al* (coord.). **Morir, Matar, Sobrevivir. La Violencia en la Dictadura de Franco**. Barcelona: Editorial Crítica, 2002.

SÁ, Vítor de. **A Historiografia Sociológica de António Sérgio**. Lisboa: ICALP, 1979.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALATINI, Rafael. Girolamo Savonarola e as formas de governo. **Trans/Form/Ação**, Marília, vol. 38, n. 1, p. 43-56, 2015.

SALGUERO, José. ¿Es el esperanto una lengua revolucionaria? **Estudios** [online], Córdoba, ano I, n. 1, p. 52-59, 2011.

SALLES, Marcelo Yamashita (org.). **Plínio Coêlho**. São Paulo: EDUSP: Com-Arte, 2013.

SAMIS, Alexandre. “**Minha Pátria é o Mundo Inteiro**”: Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em dois mundos. Lisboa: Letra Livre, 2009.

SAMIS, Alexandre. **140 Anos da Comuna de Paris**. Disponível em: <http://anarquismorj.wordpress.com/140-anos-da-comuna-de-paris-alexandre-samis/>. Acesso em: 25 de janeiro de 2013.

SAMIS, Alexandre. **Clevelândia**: Anarquismo, Sindicalismo e repressão política no Brasil. São Paulo: Editora Imaginário, 2002.

SAMIS, Alexandre. **Moral Pública & Martírio Privado**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 1999.

SAMIS, Alexandre. **Negras tormentas**: o federalismo e o internacionalismo na Comuna de Paris. São Paulo: Editora Hedra, 2011.

SAMIS, Alexandre. Pavilhão Negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. *In*: COLOMBO, Eduardo *et al.* **História do Movimento Operário Revolucionário**. São Paulo: Editora Imaginário, 2004.

SAMIS, Alexandre. Presenças Indômitas: José Oiticica e Domingos Passos. *In*: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge (org.). **As Esquerdas no Brasil**: a formação das tradições. 1889-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SAMIS, Alexandre; RAMOS, Renato. Anatomia da crise: do sindicalismo revolucionário ao colaboracionismo cooperativista. **Verve**, São Paulo, n. 1, p. 211-225, 2002.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Que país é Este? e outros poemas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SANTIAGO, Izabel C. O. **O que é Esperanto**. Coleção Primeiros Passos. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SANZ, L. **Historia del Esperanto en Madrid**. Madrid: Esperanto Liceo de Madrid, 1993.

SARAMAGO, José. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. 4ª edição. Tradução de Maria Paula Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SCHIFFRIN, André. **O negócio dos livros. Como os grandes grupos econômicos decidem o que lemos**. Lisboa: Letra Livre, 2013.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. *In*: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato A. de O. (org.). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: Editora UNICAMP, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Em Busca da Terra da Promissão**: a história de dois líderes socialistas. Porto Alegre: Editora Palmarinca, 2004.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História Unisinos**, São Leopoldo, vol. 8, n. 10, p. 131-142, 2004.

SCHMIDT, Benito Bisso. Trajetórias e vivências: as biografias na historiografia do movimento operário brasileiro. **Projeto História**, São Paulo, vol. 16, p. 233-244, 1998.

SCHNAPP, Jeffrey T. Virgin Words: Hildegard of Bingen's Lingua ignota and the Development of Imaginary Languages Ancient to Modern. **Exemplaria**, Londres, p. 267-298, 1991.

SCHOR, Esther H. **Bridge of Words**: Esperanto and the Dream of a Universal Language. New York: Metropolitan Books, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCOTT, James C. **A Dominação e a Arte da Resistência**: Discursos Ocultos. Lisboa: Letra Livre, 2014.

SCOTT, James C. **Weapons of the weak**: everyday forms of peasant resistance. New Haven: Yale University Press, 1986.

SECCO, Lincoln. **A batalha dos livros**: formação da esquerda no Brasil. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2017.

SECCO, Lincoln. Leituras Comunistas no Brasil (1919-1943). *In*: DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (org.). **Edição e Revolução. Leituras comunistas no Brasil e na França**. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Belo horizonte: Editora UFMG, 2013.

SEIXAS, Jacy Alves de. O esquecimento do anarquismo no Brasil: a problemática da (re) construção da identidade operária. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 11, 1994.



SERTÓRIO, Manuel. **Humberto Delgado, Setenta Cartas Inéditas**. Lisboa: Publicações Alfa, 1990.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Celestino Domingos Tavares. **O antigo Campo de Concentração do Tarrafal. Da opressão à valorização cultural**. Dissertação (Mestrado em Humanidade e Tecnologias) – Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, Lisboa, 2018.

SILVA, Douglas Mansur da. A Ética da Resistência. **Os Exilados Anti-Salazaristas do Portugal Democrático (1956-1975)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2000.

SILVA, Douglas Mansur da. **A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro, 1956-1974**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

SILVA, Eliane Moura. **Maçonaria, Anticlericalismo e Livre Pensamento no Brasil (1901-1909)**. XIX Simpósio Nacional de História. Belo Horizonte: ANPUH, 1997. (mimeografado).

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. *In*: REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **O século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SILVA, Franco Santos Alves da. **O Jornal Portugal Livre**: buscando uma identidade da oposição ao salazarismo no exílio brasileiro (1958-1961). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2012.

SILVA, Franco Santos Alves da. *Portugal Livre*: um jornal de oposição ao Estado Novo português no Exílio brasileiro (1958-1961). **Intellèctus**, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 2, p. 109-132, 2017.

SILVA, Joaquim Palminha. O Diabo na Cultura Popular Portuguesa. **A Ideia**, Évora, ano XLI, vol. 18, n. 75-76, p. 221-222, 2015.

SILVA, Jorge E. (org.). **Dicionário da Anarquia. Ideias e personagens do movimento libertário**. Florianópolis: Edição do Autor (versão preliminar), 1999.

SILVA, Jorge E. **As Origens Trágicas e Esquecidas do Primeiro de Maio**. Disponível em:

<https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mundo/19origensprimeiromaio.htm>. Acesso em: 27 de junho de 2019.

SILVA, Marcos J. D. **Lapidando a pedra bruta**: a Maçonaria na organização de artistas e proletários cearenses. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2000.

SILVA, Marcos José Diniz. Maçonaria, Teosofia e Esperanto: afinidades espiritualistas em redes intelectuais no Ceará dos anos de 1920. **Locus**, Juiz de Fora, vol. 20, n. 02, p. 191-211, 2015.

SILVA, Marcos José Diniz. **No Compasso do Progresso: a Maçonaria e os Trabalhadores Cearenses**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Documentos para a história da emigração portuguesa para o Brasil, 1850-1938**. Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, 1992.

SILVA, Rafael Viana da. **Elementos Inflamáveis: Organizações e Militância Anarquista no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1964)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, Seropédica, 2014.

SILVA, Rafael Viana da. **Indeléveis Refratários: As Estratégias Políticas Anarquistas e o Sindicalismo no Rio de Janeiro em Tempos de Redemocratização (1946-1954)**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Robledo Mendes da. **A influência de Élisée Reclus na educação operária no Brasil: das ciências naturais à educação integral**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Rodrigo Rosa da. **Anarquismo, Ciência e Educação. Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2013.

SILVA, Rodrigo Rosa da. Élisée Reclus e a Escola Moderna de Francisco Ferrer y Guardia. **Terra Brasilis** [online], n. 7, 2016.

SILVA, Rodrigo Rosa da. **Imprimindo a resistência: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2005.

SILVA, Thiago Lemos. **Fragmentos biográficos de um anarquista na Porta da Europa: a escrita cronística como escrita de si em Neno Vasco**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2005.

SIMÃO, Aziz. Os anarquistas: duas gerações distanciadas. **Tempo Social**, São Paulo, vol. 1, n. 1, 1989.

SIMÕES, Maria Dulce. **A guerra de Espanha na raia luso-espanhola. Resistências, solidariedades e usos da memória**. 2ª edição. Lisboa: Edições Colibri, 2017.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. *In*: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 131-137.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. *In*: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). **Para uma história Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SIRINELLI, Jean-François. Génération et histoire politique. **Vingtième Siècle**, Paris, n. 22, p. 67-80, 1989.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 234-241.

SORIANO, Ignácio C.; MADRID, Francisco. **Antología Documental Del Anarquismo Español. Vol. VI**. Bibliografía del Anarquismo en España, 1868-1939. Disponível em: <http://www.cedall.org/Documentacio/Castella/cedall203410103.htm>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2013.

SOUZA, Delio Pereira de. **Homaranismo**: a ideia interna. Rio de Janeiro: F. V. Lorenz, 1992.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM Editora, 2018.

STRIA, Ida. **Towards a linguistic worldview for artificial languages**. Thesis (PhD in Linguistics) – Wydział Neofilologii, Instytut Językoznawstwa, Uniwersytet im. Adama Mickiewicza, AMU, Poznań, 2016.

SUÁREZ, Michel. **Considerações críticas sobre a Revolução Espanhola (1936-1937)**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé Editor, 2012.

SUEIRO, Barbara. **A influência da maçonaria em Portugal**. Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1984.

SUTTON, Geoffrey. **Concise Encyclopedia of the Original Literature of Esperanto, 1887-2007**. New York: Mondial, 2008.

TAVARES, José Manuel Soares. **O Campo de Concentração do Tarrafal**: a origem e o quotidiano (1936-1954). Lisboa: Edições Colibri, 2006.

TENGARINHA, José (org.). **História de Portugal**. Lisboa: Instituto Camões, 2000.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. 3 vols. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. Algunas Observaciones Sobre Clase y Falsa Consciencia. **História Social**, Valencia, n. 10, p. 27-32, 1991.

THOMPSON, E. P. **As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. Organizado por Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas: Editora UNICAMP, 2001.

THOMPSON, E. P. **Os Românticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário** – Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

TOLEDO, Edilene. Em torno do jornal o Amigo do Povo: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. **Cadernos AEL**, Campinas, n. 8, 1998.

TOLEDO, Edilene. **Travessias revolucionárias**: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945). Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

TOLSTÓI, Liev. **Ana Karenina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TORGAL, Luís Filipe. **Tomás da Fonseca** – Missionário do Povo. Uma biografia. Lisboa: Antígona, 2016.

TORGAL, Luís Reis. “Literatura Oficial” no Estado Novo: os Prémios Literários do SPN/SNI. Separata da **Revista de História das Ideias**, Coimbra, vol. 20, p. 401-420, 1999.

TRAGTENBERG, Maurício. **A Revolução Russa**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2007.

TRAGTENBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 1, 1978.

TRAGTENBERG, Mauricio. **Memórias de um autodidata no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

TRINDADE, Luís. **O estranho caso do nacionalismo português**: o salazarismo entre a literatura e a política. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

UEHARA, Luíza. Daniel Guérin, um militante. **Ecopolítica**, n. 20, p. 116-123, 2018.

URQUHART, Thomas. **Logopandectesion, 1653**. English linguistics, 1500-1800; a collection of facsimile reprints. Menston, UK: Scolar Press, 1970 (originalmente publicado em 1653).

URQUHART, Thomas. **The Jewel**. Reprint edition. Edinburgh, Scotland: Scottish Academic Press, 1983 (originalmente publicado em 1652).

URRUTIA, Alejandro Civantos. **Leer em rojo**: auge y caída del libro obrero (1917-1931). Madrid: Fundación Anselmo Lorenzo, 2017.

VALEN, A. Historia concisa del movimiento esperantista. Organizaciones. Reconocimientos. **El Esperanto: Lengua y Cultura**. Santander: MGA, 2004, p. 101-111.

VALLADARES, Eduardo. **Anarquismo e Anticlericalismo**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

VALVERDE, Antonio José Romero. **Pedagogia Libertária e Autodidatismo**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 1996.

VALVERDE, Antonio José Romero. Socialismo Libertário, educação e autodidatismo: entrevista-depoimento com Jaime Cubero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 34, n. 2, p. 393-408, 2007.

VAN DER WALT, Lucien. **Black Flame. The revolutionary class politics of anarchism and syndicalism**. Oakland: AK Press, 2009.

VARGAS, Maria Thereza (org.) **Antologia do Teatro Anarquista**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VARGAS, Maria Thereza. **Teatro operário na cidade de São Paulo**. São Paulo: Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea, 1980.

VARIKAS, Eleni. **A escória do mundo. Figuras do pária**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

VAUTRIN, Jean; TARDI, Jacques. **O Grito do Povo**. 2 vols. São Paulo: Conrad Editora, 2005.

VAZ, Rodrigues. Mário Domingues: a vida de um compromisso. **Ler**, Lisboa, n. 45, p. 68-81, 1999.

VEGA, Santiago. **De la esperanza a la persecución. La represión franquista en la Provincia de Segovia, 1936-1939**. Barcelona: Editorial Crítica, 2005.

VENTURA, António. As Sociedades Secretas e a Revolução. In: COELHO, Alexandra Prado *et al.* **25 Olhares sobre a I República. Do Republicanismo ao 28 de maio**. Lisboa: Edições Público, 2010.

VENTURA, António. **Emílio Costa entre a República e a Acracia**. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 4ª edição. Tradução de Alda Baltazar e Maria A. Kneipp. Brasília: Editora UnB, 2008.

VIANA, Allyson Bruno. **Anarquismo em Papel e Tinta: Imprensa, Edição e Cultura Libertária (1945-1968)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014.

VIANA, Allyson Bruno. **Historiografia da Atuação Libertária**: a produção dos anos 1980. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2002.

VIEIRA, Alberto Alvares Fernandes; FONSECA, Leonel Gonzaga Pereira da. **Grammatica da língua Esperanto**. 2ª edição. [S. l.: s. n.], [19--].

VILLALTA, Luis Carlos. **Usos do livro no mundo luso-brasileiro sob as luzes**: reformas, censura e contestações. 2ª edição. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2015.

VINCENTINI, Raquel Maygton (org.). **Samuel Leon**. São Paulo: EDUSP: Com-Arte, 2010.

VOLPE, Miriam L. **Geografias de exílio**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

VVAA. & Etc – Prolegómenos a uma editora. Lisboa: Letra Livre, 2017.

VVAA. & Etc.: uma editora no subterrâneo. Lisboa: Letra Livre, 2013.

WANDEL, Amri. How many people speak Esperanto? Or: Esperanto on the *web*. **INDECS**, n. 13 (2), p. 318-321, 2015.

WELLS, John C. **Lingvistikaj aspektoj de Esperanto**. Rotterdam: UEA, 1978.

WILLIAMS, Raymond. A Imprensa e a Cultura Popular: uma perspectiva histórica. **Projeto História**, São Paulo, p. 15-26, 1981.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

WINOCK, Michel. As ideias políticas. *In*: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 271-294.

WINOCK, Michel. Les générations intellectuelles. **Vingtième Siècle**, Paris, n. 22, p.17-38, 1989.

WOLIKOW, Serge. História do Livro e da Edição no Mundo Comunista Europeu. *In*: DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (org.). **Edição e Revolução. Leituras comunistas no Brasil e na França**. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Belo horizonte: Editora UFMG, 2013.

WOODCOCK, George (org.). **Grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM Editora, 1998.

WOODCOCK, George. **História das idéias e movimentos anarquistas**. 2 vols. Porto Alegre: L&PM Editora, 2002.

WOODCOCK, George; AVAKUMOVIĆ, Ivan. **El príncipe anarquista**. Madrid: Ediciones Jucar, 1978.

XAVIER, Regina Célia Lima. O desafio do trabalho biográfico. *In*: GUAZELLI, César Augusto B. (Org). **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

ZAMENHOF, L. L. **Dua Libro de l' Lingvo Internacia**. Varsóvia: Edição do Autor, 1888.

ZAMENHOF, L. L. **Esperanto-modelo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: FEB, [19--].

ZAMENHOF, L. L. **Essência e futuro da idéia de língua internacional**. Rio de Janeiro: Língua Auxiliar, 1937.

ZAMENHOF, L. L. **Fundamento de Esperanto** – O Fundamento do Esperanto. Brasília: Brazila Esperanto-Ligo, 2015.

ZAMENHOF, L. L. **Fundamento de Esperanto**: Gramatiko, Ekzercaro, Universala Vortaro. Paris: Hachette et Cie., 1905. 178p.

ZAMENHOF, L. L. **Lingvo Internacia. Enkonduko kaj kompleta manlibro por rusoj**. Varsóvia: Edição do Autor, 1887.

ZAMENHOF, L. L. **Universala Vortaro de la Lingvo Internacia Esperanto**. Varsóvia: Edição do Autor, 1894.

ZANCA, José; STEFANO, Roberto di (org.). **Pasiones anticlericales**: un recorrido Iberoamericano. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2013.

ZIOLI, Miguel. **Paulo Duarte (1899-1984)**: um intelectual nas trincheiras da memória. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Assis, 2010.

ZIÓLKOWSKA, María. **Doctor Esperanto. Novela biográfica sobre Luis Lázaro Zamenhof**. Medellín: [s. n.], 2008.

ZOLA, Émile. **Germinal**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

